

FEDERICO MOCCIA

Traduções e Digitalizações

Desculpa se te chamo de amor

Planeta



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, por favor, **que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações
Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057
Blog – http://tradudigital.blogspot.com/
Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Feito por:

Perly ## Karina

DESCULPA SE TE CHAMO DE AMOR

Título: Desculpa se te chamo de amor – Scusa ma ti chiamo amore
Autor: Federico Moccia
Tradução Gian Bruno Grosso
São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

Sinopse:

Nikki e suas amigas estão no último ano do colégio. Apesar de terem de preparar-se para os exames da universidade, aprontam a cada dia. Desfiles, festas, raves e todos os possíveis eventos dentro e fora de Roma. Alex é um publicitário de quase 37 anos que se separou a pouco de sua noiva. Mas o sentimento de abandono perde a força quando Alex encontra Nikki em uma certa manhã. Ou melhor, ambos colidem, literalmente.

Nikki é uma bela garota, divertida, inteligente e alegre. Só tem um pequeno detalhe. Tem dezessete anos. Vinte a menos que Alex. Mas, depois daquela manhã, nada será como antes.

O mundo dos adultos se choca com o dos adolescentes. Ali estão mãe e filha numa discussão contínua, pais que ainda são garotinhos e garotos bem jovens que já são adultos demais. E ainda garotas sonhadoras, garotas desiludidas, garotas românticas e garotas muito loucas. E adultos que, por sua vez, colocaram de lado todos os seus sonhos e vivem, ou melhor, sobrevivem, sem ter a coragem de parar e refletir.

Prefácio:

Caro amigo, escrevo-lhe, assim me distraio um pouco;
E visto que está tão longe, escreverei com mais vontade.

Lúcio Dalla, O ano que virá.

It's not time to make a change
Just relax, take it easy
You'll still young, that's your fault
There's so much you have to know
Find a girl, settle down
If you want, you can marry
Look at me, I am old
But I'm happy

I was once like you are now
And I know that it's not easy
To be calm when you've found
Something going on
But take your time, think a lot
Why, think of everything you've got
For you will still be there tomorrow
But your dreams maybe not

Cat Stevens, Father and Son

_____1_____

Noite. Noite encantada. Noite dolorosa. Noite doida, mágica e louca. E ainda assim, noite. Noite que parece não terminar nunca. Noite que às vezes passa depressa demais. Essas são as minhas amigas, diabos... Fortes. São fortes. Fortes como Ondas. Que não param. O problema será quando uma de nós se apaixonar de verdade por um homem.

“Ei, esperem por mim, também estou aqui! " Nikki olha para elas, uma depois da outra.

Estão na via dei Giuochi Istmici. A diminuta Aixam está de portas abertas e, com a música a toda, improvisam um desfile de moda.

“E aí, vamos então!” Olly caminha como doida de um lado para o outro da rua.

O volume ao máximo e óculos escuros. Lembra Paris Hilton. Um cão ladra ao longe. Chega Erica, grande organizadora. Apanha quatro garrafas de Corona. Apóia as tampas sobre a borda do parapeito e, com os punho, destampa uma a uma. Retira um limão da mochilinha e o corta em fatias.

"Ei, Erica, mas e essa faca, se te pegam, tem menos de quatro dedos de lâmina...?"

Nikki ri e a ajuda. Coloca um pedaço de limão dentro de cada Corona e, saúde, brindam batendo as garrafas umas contra as outras com força e erguendo-as para as estrelas. Em seguida, sorriem, quase cerrando os olhos, sonhando. Nikki termina de beber antes das outras. Um longo suspiro e recupera-se. As minhas amigas são fortes, e enxuga a boca. É bom poder contar com elas. Lambe com a ponta da língua a última gota de cerveja.

"Garotas, vocês são lindíssimas... Sabem de uma coisa? Só me falta o amor."

"Está lhe fazendo falta uma trepada, quer dizer. "

"Como você é desagradável", diz Diletta, "ela disse que sente falta do amor."

"Sim, o amor", continua Nikki, "aquele mistério maravilhoso que você não conhece... " Olly dá de ombros.

Sim, pensa Nikki. Sinto falta do amor. Mas tenho dezessete anos, dezoito em maio. Ainda tenho tempo... "Esperem, esperem, agora sou eu que desfilo, ei... "

E Nikki se lança desenvolta pela calçada-passarela, enquanto as amigas assobiam, riem e se divertem com aquela estranha, esplêndida, pantera branca que, ao menos por enquanto, ninguém ainda golpeou.

"Amor, amor, você está aí? Desculpe se não avisei, mas não agüentei voltar só amanhã."

Alessandro entra em sua casa e olha ao redor. Voltou com desejo dela, mas com desejo de descobri-la com mais alguém. Faz muito tempo que não fazem amor. E, quando não há sexo, às vezes só quer dizer que existe outro. Alessandro anda pela casa, mas não encontra ninguém, aliás, não encontra mais nada. Meu Deus, o que aconteceu, será que entraram ladrões? Em seguida, um bilhete sobre a mesa... A letra dela.

''Para Alex. *Deixei alguma comida na geladeira. Telefonei para o hotel para avisar, mas disseram que você já tinha saído. Talvez você quisesse me surpreender. Não. Desculpe. Não há nada para descobrir, infelizmente. Fui embora. Fui embora e só. Por favor, não me procure, ao menos por um tempo. Obrigada. Respeite a minha escolha como sempre respeitei as suas.* Elena.''

Não, Alessandro coloca o bilhete sobre a mesa, não foram os ladrões. Foi ela. Ela roubou a minha vida, o meu coração. Ela que diz ter respeitado as minhas escolhas. Mas quais escolhas, então? Procura pela casa. Os armários estão vazios. Escolhas, hein? Até a minha casa não era minha. Alessandro vê a luzinha da secretária piscando. Será que mudou de ideia? Quem sabe está voltando? Aperta o botão, esperançoso.

"Oi. Como vai? Faz algum tempo que não nos falamos, não é? Isso não está certo. Porque você e Elena não vêm jantar aqui? Ficaríamos contentes! Me ligue assim que puder!"

Alessandro apaga a mensagem. Eu também ficaria contente, muito contente, mamãe. Mas receio que dessa vez vou ter que agüentar um dos seus jantares sozinho. E você vai perguntar, então, quando é que você e Elena vão se casar, hein? Mas o que estão esperando? Você viu que lindo, suas irmãs já têm filhos. E quando é que você vai nos dar um netinho? E eu talvez não saiba o que responder. Não serei capaz de contar que Elena foi embora. E então vou mentir. Vou mentir para minha mãe. Claro, isso não é bom. Com trinta e seis anos, trinta e sete em junho... É realmente

Uma hora antes.

Stefano Mascagni é cuidadoso com quase tudo. Menos com seu carro. A Audi A4 Station Wagon cruza veloz a curva no final da via Del Golf e entra na via dei Giuochi Istmici. Uma escrita deixada por alguém sobre o vidro traseiro informa ao mundo, "Lave-me. O cu de um elefante é mais limpo", e, no vidro lateral, "Não. Não me lave. Estou deixando crescer o musgo para o presépio de Natal".

O restante da carroceria deixa entrever só alguns reflexos de prata metalizada, de tal modo está empoeirada. Uma pasta repleta de papéis escorrega para frente e cai, espalhando o conteúdo sobre o tapete do veículo. O mesmo com uma garrafinha plástica vazia que se enfia embaixo do assento e rola perigosamente para perto do pedal da embreagem. Uma série indefinida de papéis de balas desponta do cinzeiro e faz com que ele pareça um arco-íris. Menos romântico, porém.

No porta-malas, de repente, um barulho solto. Droga, quebrou, eu já sabia. Merda. Além disso, não posso ir para a casa dela com o carro nessas condições. Carlotta chamaria certamente uma empresa de dedetização e depois não ia mais querer me ver. Uns dizem que o carro é o espelho do dono. Assim como os cães.

Stefano encosta o Audi ao lado de uns latões de lixo e desliga o motor. Desce rapidamente do veículo. Abre o porta-malas. O seu notebook rolou para o lado. Durante a curva, deve ter saído da bolsa, deixada aberta. Apanha-o e observa de todos os lados, por cima e por baixo.

Parece inteiro. Só um parafuso do vídeo dá a impressão de estar um pouco solto. Ainda bem. Recoloca-o na bolsa. Em seguida, entra no carro. Olha em volta. Torce os lábios. Um saco grande de supermercado, resto de uma compra grande no sábado à tarde, desponta do bolso das costas do banco do passageiro. Retira saco e começa a enchê-lo rapidamente com tudo o que encontra ao alcance das mãos. Vai enchendo o saco até a boca.

Depois, desce do carro e abre o porta-malas, pega o notebook e o apóia em pé junto a um dos latões de lixo. Ajeita-o melhor para que não caia. Começa a retirar do porta-malas coisas inúteis e esquecidas. Um velho saquinho, um estojo de CD, três latinhas vazia, um guarda-chuva quebrado, uma caixa de sapatos vazia, uma embalagem de pilhas vencida, um cachecol de lã. Em seguida, antes que o saco transborde completamente, vai em direção aos latões. Bem, verifica quantos são... Vidro, plástico, papel, lixo sólido, lixo orgânico. Puxa! Minuciosos. Organizados. E onde coloco isso? Está tudo misturado. Arre! Esse cinza parece o mais adequado.

Stefano se aproxima e pisa no pedal do recipiente. A tampa se levanta com ímpeto. O latão está cheio. Stefane ergue os ombros, volta a fechá-lo e apóia o saco ao lado, no chão. Sobe no carro. Olha mais uma vez em volta. Assim está melhor. Ah, não. Talvez eu devesse passar também num lava rápido. Olha para o relógio. Não, já é tarde, Carlotta está esperando. E você não pode deixar uma mulher esperando no primeiro encontro. Stefano fecha o porta-malas, volta para o carro, dá a partida. Coloca um CD. Piano e orquestra número 3, opus 30, terceiro movimento, final e breve de Rachmaninov. Pronto. Agora está tudo perfeito. Com esse "Rach 3", Carlotta, ao me ver, vai desmaiar exatamente como em Shine.

Embreagem. Primeira. Acelerador. E vamos lá. Grande noitada. E grande segurança também ao volante.

Um gato bicolor caminha silencioso e curioso. Permaneceu oculto até que o carro partiu. Depois saiu do esconderijo e, com um salto preciso, iniciou o seu passeio de latão em latão. Alguma coisa atrai sua atenção. Aproxima-se. Começa a se esfregar, a observar, segue farejando. Coça um ouvido passando várias vezes ao lado do canto do monitor. Realmente um refugo pouco comum aquele. A música ecoa forte e profunda das caixas do Aixam.

"Para Naomi!"

"Estou arrasando, hein..." Niki sorri, Diletta toma um gole de cerveja.

"Você devia mesmo se tornar uma modelo."

"Depois de um ano, agente engorda..."

"Olly, mas você é realmente invejosa... Te incomoda eu estar desfilando bem com a música, não é? Mas sabe que ela é ótima?! Como se chama?"

"Alexz Johnson."

"É ótima para desfilar! Veja, eu também consigo..." E Olly chega ao fim da calçada, apoia a mão sobre o quadril, dobra um pouco a pena e para, olhando fixamente à sua frente. Em seguida, faz um giro, atira os cabelos para trás com um gesto rápido da cabeça e retorna.

"Oh, você parece mesmo uma modelo!" E todas aplaudem

"Modelo número quarto, Olimpia" Crocetti!"

"Melhor Giuditta que Crocetti" E todas começam a cantar aquele trecho, umas melhor, outras menos, umas conhecendo a letra, outras inventando. "I know how all this most look, like a picture ripped from a story book, I've got it easy, I've got it made..." E tomam mais um último gole de cerveja gelada.

"Pra Valentino, Armani, Dolce e Gabbana, o desfile terminou. Se quiserem me contratar estou aqui!" E Olly se inclina para as outras Ondas.

"Escutem, o que vamos fazer? Estou cheia de ficar aqui..."

"Vamos até o Eur ou então, sei lá, ao Alaska! Sim, vamos fazer alguma coisa!"

"Mas acabamos de fazer alguma coisa. Não, sinto muito, garotas, eu vou pra casa. Amanhã tenho prova, senão vou me ferrar. Preciso recuperar o cinco e meio"

"Deixe pra lá. Que chata! Não vamos voltar tarde. E, além do mais que diferença faz? Você levanta cedo de manhã e dá uma repassada da matéria, está bem?"

"Não. Eu preciso dormir, são três noites que chego tarde com vocês, não sou de ferro!"

"Não, na verdade você é de barro! Está bem, faça como quiser. Nós vamos. A gente se vê amanhã!"

E cada uma se encaminha para o próprio carro. Três sabe-se lá onde e uma para casa. As quatro garrafas de Corona ainda estão ali, na calçada, vazias como conchas abandonadas na praia depois da ressaca. Mas veja que bagunça deixaram. E claro, eu sou a certinha... E começa a arrumar. Olha ao redor. Alguns latões enfileirados são realçados pela luz da rua. Ainda bem, tem os latões verdes para os vidros. Puxa, que nojo, como o pessoal é desleixado. Veja quantos saquinhos deixados no chão. Se ao menos fizessem a coleta seletiva.

Mas será que não sabem que o planeta está em nossas mãos? Pega as garrafas e as coloca uma a uma na abertura redonda apropriada. E as tampas? Onde colocar as tampas? Não são de vidro... Talvez com as latas. Mas bem que poderiam indicar por escrito, com um desenho ou um belo adesivo. Aqui, tampas. Em seguida, para e começa e rir. Como era aquela velha piada de Groucho? Ah, sim...

"Pai, chegou o homem do lixo"

"Diga que não queremos"

Cuidadosa, recolhe até uma bolsa que estava fora do latão. Então o vê. Aproxima-se temerosa. Não acredito. Era bem o que eu estava precisando. Está vendo, às vezes vale a pena ser minuciosa.

Mais tarde, nessa mesma noite. O carro freia quse cantando os pneus. O motorista desce rapidamente e olha ao redor. Parece com um daqueles personagens Starsky e Hutch. Mas nãp preci atirar em ninguem. Olha para a base daquele latão. Atrás, em cima, em baixo, no chão. Nada. Não está mais ali. "Não acredito. Não acredito. Ninguém nunca limpa, ninguém se preocupa com o que é jogado no chão, e hoje, justo hoje, bem que eu tinha que cruzar com alguém correto e cuidadoso no meu caminho...

E Carlotta me deu o cano. Disse que finalmente está apaixonada... Mas de outro..."

E não sabe que, por culpa do que perdeu, um dia Stefano Mascagni será feliz.

_____2_____

Dois meses depois. Mais ou menos.

Não posso acreditar. Não posso acreditar. Alessando caminha pela casa. Passaram-se dois meses e ainda não se conformou. Elena me deixou. E o pior é que me deixou sem um motivo. Ou, pelo menos, se me dizer a razão. Alessandro se debruça na janela e olha para fora. Estrelas, belíssimas estrelas. Estrelas nuas naquele céu noturno. Estrelas longínquas. Malditas estrelas que sabem. Sai para o terraço. Forro de madeira, treliças, nos cantos, belíssimos vasos antigos, lisos, como diante de cada janela grande. Um pouco mais à frente, longas cortinas em tons leves, pastéis, nuanças que acompanham o nascer e o pôr do sol. Como uma onda que rodeiaa casa, que lentamente se perde ao se ingressar em cada quarto e depois dentro, aquela mesma onda retomada até nas cores das paredes. Mas tudo isso só faz mal.

"Aaah!" De repente, Alessando grita como um possesso: "Aaah". Leu que se desafogar faz bem.

"E aí, terminou?" Um sujeito se debruça no terraço em frente. Alessando se esconde rapidamente atrás de uma grande moita de jasmins no terraço.

"Então, vai acabar ou não? E aí, gostosão, eu estou vendo você, quer brincar de esconde-esconde?"

Alessandro se afasta um pouco para sair da luz.

"Pique! Eu vi você, te peguei. Olhe, estou assistindo a um filme, portanto se está se roendo, vá dar uma volta..."

O sujeito volta para dentro e deliza rapidamente uma porta de vidro, em seguida fecha as cortinas. De novo silêncio. Alessandro se mantém agachado e bem devagar retorna para o interior da casa.

Abril. Estamos em Abril. E estou puto da vida. E esse idiota, então... Consegui um apartamento de cobertura no bairro de Trieste e fui achar o único idiota do bairro bem na minha frente. O telefone toca. Alessando corre, atravessa a sala e aguarda com alguma esperança. Um toque. Dois. Entra a secretária.

“Aqui é o número 0680854...” e continua, “deixe a sua mensagem...” Será ela? Alessandro se aproxima da secretária esperançoso. “depois do sinal.” Fecha os olhos.

“Ale, meu tesouro. Sou eu, mamãe. Por onde você anda? Nem no celular você atende.”

Alessandro vai em direção da porta, pega o casaco, as chaves do carro e o Motorola. Sai batendo a porta atrás de si, enquanto a mãe continua falando.

“E então?” O recado na secretária continua: “Por que não vem jantar conosco na próxima semana, você e Elena, quem sabe? Já disse, eu ficaria contente... Faz tanto tempo que não nos vemos...”

Mas ele já esta distante do elevador, não teve tempo de ouvi-la. Ainda não consegui contar para a minha mãe que eu e Elena nos separamos. Que saco. A porta se abre, entra e sorri olhando-se no espelho. Aperta o botão T. Um pouco de ironia é necessária nesses casos. Daqui a pouco terei 37 anos e estou novamente solteiro. Que curioso. A maioria dos homens só espera

por isso. Voltar a ser solteiro para se divertir um pouco e iniciar uma nova aventura. Pois é. Não sei por que, mas não consigo ver dessa forma. Tem alguma coisa que não me cai bem. Nos últimos tempos. Elena estava estranha.

Teria outro? Não. Ela teria contado. Bem, não quero mais pensar nisso. Foi para isso que o comprei. Brumm. Alessando está em seu novo carro. Um Mercedes-Benz ML 320 Cdi. Último modelo. Um novo utilitário, perfeito, imaculado, adiquirido há um mês por culpa daquela dor deixada por Elena. Ou melhor, daquele "desprezo sentimental" que ele experimentou logo depois. Alessandro começa a dirigir. Então uma lembrança. A última vez que saíram juntos.

Estávamos indo ao cinema. Um pouco antes de entrar, Elena recebeu um telefonema e não atendeu, desligou o celular e me disse sorrindo: "Nada, coisas do trabalho. Não estou a fim de responder...". Eu também sorri para ela.

Que belo sorriso Elena tinha... Por que estou usando o passado? Elena tem um belo sorriso. Ao dizer isso, ele também sorri. Ou, pelo menos, esforça-se para isso enquanto entra numa curva. A toda velocidade. E outra lembrança. Naquele dia. Isto dói mais. Está gravada no meu coração, aquela conversa, como se fosse ontem, cacete. Como se fosse ontem.

Uma semana depois de ter achado aquele bilhete, uma tarde Alessandro volta para casa antes do previsto. E a encontra. Então sorri, novamente feliz, excitado, esperançoso.

"Você voltou..."

"Não, só passei..."

"E agora, o que vai fazer?"

"Vou embora."

"Como assim, vou embora"

"Assim, vou embora. É melhor assim, Alex, acredite em mim."

"Mas e a nossa casa, as nossas coisas, as fotos de nossas viagens"

"Deixo pra você"

"Não é isso, eu queria dizer como é que você consegue não se importar com elas?"

"Eu me importo, por que você acha que eu não me importo?"

"Porque você está indo embora."

"Sim, estou indo embora, mas eu me importo."

Alessandro se levanta, a abraça, e a aperta contra si. Mas não tenta beijá-la. Não, isso não, assim seria demais.

"Por favor, Alex..." Elena fecha os olhos, solta os ombros, abandona-se. Em seguida, suspira. "Por favor, Alex... me deixe ir embora."

"Mas para onde você vai?"

Elena sai pela porta. Um último olhar.

“Você tem outro?”

Elena começa a rir, sacode a cabeça. “Como de costume, você não entende nada Alex...” E fecha a porta atrás de si.

“Você só precisa de um tempo, mas fique cacete, fique!” Tarde demais. Silêncio. Outra porta se fecha, mas sem bater. E dó mais. “Você tem o meu desprezo sentimental, cacete!”, grita Alessandro atrás dela. E nem ele sabe o que realmente quer dizer essa frase. Desprezo sentimental. Sei lá. Era só para machucá-la, para dizer alguma coisa, para fazer efeito, para encontar um significado onde não há nenhum. Nada.

Mais uma curva. Nossa! Como anda bem este carro, sem comentários. Alessando coloca um CD. Aumenta o som. Nada a fazer, quando algo nos faz falta precisamos preencher esse vazio. Só que, quando o que faz falta é o amor, não há nada que verdadeiramente seja suficiente.

_____3_____

Na mesma hora, na mesma cidade, só que um pouco mais longe.

“Deixe-me ver como fica em mim!”

“Você esta ridícula! Parece o Carlitos!”

Olly caminha de um lado para o outro sobre o tapete do quarto de sua mãe, vestindo o terno azul de seu pai, cujo tamanho é pelo menos cinco vezes maior que o seu.

“Que nada, fica melhor em mim do que nele!”

“Mas, coitadinho, seu pai só tem um pouco de barriga...”

“Um pouco? Parece o leão-marinho do filme Como se fosse a primeira vez! Olhe só as calças” Olly prende as calças na cintura e as estica com a mão.”Este é o saco de papai Noel”

“Ótimo! Então onde estão os presentes?!” E as Ondas se levantam e correm para ela, revistando-a de todos os lados como se realmente estivessem procurando alguma coisa.

“Vocês estão me fazendo cócegas, chega! Além do mais este ano foram garotas más, só merecem carvão! Para Diletta, uma barra de alcaçuz, ao menos ela se comporta!...”

“Ufa, será preciso que sempre precisa me gozar, só porque não faço como você, que não poupa ninguém!”

“É por isso que me chamam de Exterminador!”

”Essa é velha, você a roubou.”

E, rindo mais uma vez, atiram-se na cama.

“Vocês imaginam que tudo começou aqui?”

“Em que sentido”?

“A imensa sorte de ter uma amiga como eu!”

“E o que isso quer dizer?”

“Mamãe e papai, dezoito anos atrás, numa noite quente decidiram que a vida deles necessitava de um choque, de uma sacudida de energia, e então, pimba! Acabaram exatamente aqui e mandaram brasa!”

“Que linda forma de falar do amor, Olly”.

“Sei amor, use o nome certo, sexo! Puro e sadio sexo!”

Dilleta abraça o travesseiro ao seu lado. “É um quarto maneiro e essa cama é bem confortável... Vejam essas fotos sobre a cômoda! Estavam lindos os seus pais, no dia do casamento.”

Erica agarra Niki pelo pescoço e finge que a estrangula. “Você Niki, aceita como legitimo esposo a este aqui não presente Fábio?” E Niki responde com um safanão.

“Não!”

“Então, garotas, falando disso. Como foi a primeira vez de vocês?” Todas se viram imediatamente para Olly. Depois olham umas para as outras. Dilleta, de repente, fica quieta e silenciosa. Olly sorri.

“Ora, eu não perguntei se mataram alguém! Esta bem, entendi, eu começo assim vocês ficam menos tímidas. Então...Olly foi precoce desde o início. Já no maternal pregou um beijo em plena boca de seu coleguinha Ilario, conhecido como Sebo pela enorme produção de porcarias provenientes dos seus milhares de bolinhas que prolifetaram em seu rosto como pequenos vulcões...”

“Nossa, que nojo, Olly!”

“Sei lá, eu gostava dele sempre competíamos no escorregador. Mais tarde, no primário foi a vez de Rubio...”

“Rubio? Mas você escolhe todos?”

“Mas é um nome?”

“Sim, é um nome! E até bonito. Então, Rubio era um tipinho bem maneiro. Nossa história durou dois meses, de carteira escolar em carteira escolar.”

“Sim, esta bem Olly, mas assim fica fácil. Você disse a primeira vez, não as histórias de crianças”, interrompeu Niki, ajeitando-se com as pernas cruzadas sobre os travesseiros e apoiando-se na cabeceira da cama.

“É verdade. Mas eu queria que vocês entendessem como os fenômenos já são visíveis quando ainda somos pequenos! Então, vocês querem algo pesado? Então prontas pra um conto digno de Playboy? Lá vamos nós. Minha primeira vez foi a três anos.”

“Com quinze anos?!”

“Quer dizer que você perdeu a virgindade ao quinze anos??!” Dilleta a observa de boca aberta.

“Sim, claro, eu ia guardar pra quê? Algumas coisas é melhor perder do que encontrar! Bem, eu estava ali... uma tarde depois das aulas. Ele, Paolo, era mais velho do que eu dois anos. Um fofo que mais fofo impossível. Tinha roubado o carro do pai, só pra dar uma volta comigo.”

“Ah, sei, Paolo! Você nunca disse que foi com ele, a primeira vez!”

“Mas, com dezessete anos já dirigia?”

“Sim, bem, já sabia dirigir um pouco. Bem em resumo o carro era um Alfa 75 vermelho fogo e acabadissimo, com os bancos em couro bege...”

“Chiquérrimo!”

“Ora, o que vale era ele. Ele gostava muito de mim. Fomos para a via Appia Antiga e estacionamos um pouco escondidos.”

“Na Appia Antiga com um Alfa Antiga.”

“Que gracinha! Em suma... aconteceu ali e durou bastante. Ele até disse que eu era boa, imaginem, eu não sabia de nada..., isto é, havia assistido a alguns pornôs com meu primo na praia, mas fazer de verdade...”

“Mas dentro do carro é deprimente, Olly... diabos, era a sua primeira vez. Será que você não teria preferido, sei lá, a música, a magia da noite, um quarto repleto de velas...”

“Sim, claro, estilo velório” Ora Erica, é sexo! Onde acontece, acontece, não importa onde, o que vale é como!”

“Estou chocada.” Diletta agarrou mais forte o travesseiro. “Quer dizer, eu assim, nunca... A primeira vez, mas você se da conta? Você não vai se esquecer por toda a vida!”

“É claro que se você encontrar um estabanado vai esquecer, lógico, vai esquecer. Mas se você encontra alguém como Paolo, vai lembrar pra sempre! Ele me faz sentir belíssima!”

“E depois?”

“Acabou depois de três meses. Você não lembra? Depois dele foi Lorenzo, chamado, obviamente, o Magnífico...aquele da segunda série. Que fazia remo.”

“Não, não consigo acompanhar as suas contas.”

“Bem, eu já contei. E vocês? Você, Erica?”

“Eu, mais clássica e naturalmente com Giò!”

“Clássica no sentido posição mamãe e papai?”

“Olly! Claro que não, no sentido que Giò reservou um quarto na pensão Antica Roma, aquela pequena, mas limpinha, que não é muito cara, lá no Gianícolo. Sabe, Niki onde colocamos pra dormir as duas fulanas inglesas que vieram fazer intercâmbio e que seu irmão não queria que ficassem dentro de casa?!”

De repente a porta do quarto de abre. Entra a mãe de Olly.

“Mas mãe, o que é isso? Pode sair! Não vê que estamos em reunião?”

“No meu quarto?”

“Bem, você não estava, e se você não esta é um espaço livre como qualquer outro, não é?”

“Na minha cama?”

“Sim claro, é tão gostoso em, além disso, me lembra você e meu papai e eu me sinto segura...” Olly mostra o rosto mais angelical possível. A bem da verdade, uma cara de pau.

“Sim, esta bem... mas depois deixe tudo arrumado e estique bem a coberta. E a próxima vez que quiserem fazer reunião, vão para o porão, como faziam os carbonários. Boa tarde garotas.” E sai um pouco incomodada.

“Enfim, você dizia da Antica Roma. É por isso que você a indicou, dizendo que era aconselhável! Você já havia experimentado!”

“Claro! Bem, fomos pra lá por volta das cinco horas da tarde, e ele havia preparado tudo, perfeitamente.”

“Mas não tem que ser maior de idade pra alugar um quarto?”

“Bem, não sei, mas ele jogava bola com o filho da proprietária, que lhe fez o favor.”

“Ah!”

“Foi maravilhoso. No início eu tinha um pouco de medo, assim como Giò, porque era a primeira vez pra ele também, e nos movíamos um pouco desajeitados. Mas no fim foi tudo muito natural... Dormimos ali, nem sentimos fome na hora do jantar. Foi aquela vez ,Olly, que eu disse que havia ficado em sua casa por causa da assembléia, lembra? Na manhã seguinte fizemos um superdesjejum e à uma hora voltei pra casa. Eu me sentia bem. Você fica leve, depois, um pouco grande também e parece que não pode mais deixá-lo...”

“É isso mesmo, não quer mais deixá-lo...”, fala Olly em tom de zombaria e Diletta lhe da um safanão.

“Ai! O que foi que eu falei?”

“Sempre com duplo sentido.”

“Nada disso, eu sou direta, é essa a questão! E você, Niki! Com Fabio não? Em ritmo de rap?

“Bem, sim... com ele e com o rap de fato. Na casa dele, a família estava de férias. Faz dez meses, um sábado à noite, depois de uma apresentação dele num local do centro. Estava excitadíssimo pela apresentação que correra bem e porque eu também estava lá. Ele também havia preparado tudo pra mim... A sala iluminada com luzes discretas. Duas taças de champanhe. Eu nunca havia experimentado... muito bom. Como fundo musical, as suas últimas músicas. Para ele, não era a primeira vez e dava para perceber. Movia-se com segurança, mas me deixou à vontade, protegida. Disse que eu era como uma guitarra maravilhosa, que podia ser tocada sem precisar de afinação, e de harmonia perfeita...”

Olly olha para ela. “Que sorte! A rabuda de sempre!”

“Sim, mas veja como terminou.”

“Mas isto não importa, a primeira vez ninguém vai roubar de você.”

Em seguida silêncio. Diletta aperta mais o travesseiro. As Onda a observam, mas sem encarar. Indecisas entre brincar e ficar sérias. É ela quem quebra o gelo.

“Eu não. Nunca fiz. Espero a pessoa certa, aquela que vai fazer com que eu me sinta três metros acima do chão, como num conto de fadas. Talvez quatro, ou cinco, ou seis metros. Não quero que seja se qualquer jeito e depois a gente se separe.”

“Mas o que tem a ver, como que é que você pode saber o que vai ser depois... o importante é se amar e basta, não? Sem hipotecar o futuro.”

“Nossa, que discurso Erica.”

“Mas é verdade. Diletta deve se lançar, não sabe o que esta perdendo, e não no sentido que Olly entende!”

“Não, não, por isso também!”

“Diletta, você deve se soltar. Não vê quantos rapazes estão atrás de você?! Um montão!

“Um rio!”

“Um time de rúgbi.”

Uma maré, só para manter o tema conosco, as Ondas!...”

“Olhem, para mim seria suficiente um só, mas aquele certo...”

“Eu tenho um certo pra você.”

“Quem?”

“Um belo sorvete gelado de coco! Vamos, Ondas!”

“Tenho uma idéia melhor... Algumas de vocês ainda não experimentaram.”

“O quê?”

“Não é o que estão pensando... Grande novidade... Sigam-me!”

Olly desce da cama e sai do quarto. Niki, Erica e Diletta olham para ela e sacodem a cabeça. Depois a seguem, deixando, naturalmente, a coberta toda desarrumada.

_____4_____

As luzes da cidade são débeis. Quando você não esta de bom humor tudo parece diferente, assume outras atmosferas. Cores, luzes e sombras, um sorriso que não aflora, que não adere. Alessandro guia lentamente. Vila Olímplica, piazza Euclide, uma volta completa, depois corso. Francia. Olha ao redor. Um olhar para a ponte. Mas veja esse: “Idiota, eu te amo.” Em nome de quê? Em nome do amor... O amor. Perguntem a Elena sobre o senhor Amor. Ei, mister Amor, onde, cacete, você foi parar?

Vê dois jovens meios embrenhados num canto da ponte, onde a lua não alcança. Abraçados, enamorados, agarrados, como heras amorosas indiferentes ao tempo, aos dias, a tudo que será levado pelo vento. Mas Alessandro não agüenta. Toca a buzina. Abre a janela e grita: “Ridículos! Vida boa hein? No fim um dos dois vai cair fora!” Em seguida pisa no acelerador, arranca para a frente, ultrapassando dois ou três carros e passando o sinal antes que o amarelo passe a vermelho.

E segue em frente, por todo o corso Francia e depois pela via Flaminia, mas, alcançando o segundo sinal, há um carro de policia. Vermelho. Alessandro para. Os dois policiais conversam, distraídos. Um ri ao telefone, o outro fuma um cigarro, conversando com uma garota. Talvez a tenha parado para uma averiguação, ou então é uma amiga que sabia que era sua ronda e foi conversar com ele. O fato é que o segundo policial percebe estar sendo observado. Vira-se para Alessandro. Olha para ele. Fixa-o. Alessandro lentamente vira a cabeça, fingindo interesse em outra coisa, aproxima-se da janela para verificar se por acaso o sinal mudou. Nada. Ainda vermelho.

“Desculpe...” Vruuum. Vruuum. Chega uma moto meio desconjuntada, uma Kymco com um jovem na direção e uma garota de cabelos compridos e escuros na garupa. Ele é musculoso, veste uma camiseta celeste justa que deixa entrever todos os seus músculos. “Ei, estou falando com você...” Alessandro inclina-se.

“Sim, pois não?”

“Escute, você passou gritando enquanto estávamos na ponte em corso Francia. Mas o que deu em você? Não, explique direitinho agora.”

“Não, olhe você entendeu mal, não era com vocês, era com o carro da frente,que não andava.”

“Oh malandro! Não banque o esperto comigo, viu? Não tinha ninguém na frente, e dê graças a Deus...”, ergue o queixo e aponta para o veiculo da policia, “que a justa esta ai, vê se não enche o meu saco, porque da próxima vez vai acabar mal...”

E não espera uma resposta. É verde. Acelera e vai embora, na direção da via Cássia. Depois faz uma curva, já todo inclinado, já perdido, indo sabe-se lá aonde, em direção a mais um beijo, talvez mais à sombra... E talvez alguma coisa mais. Alessandro parte, bem devagar. Os policiais ainda estão rindo. Um deles terminou o cigarro. Oferece uma bala de goma para a garota. O outro desligou o telefone e começou a examinar sabe lá que jornal. Não perceberam nada.

Alessandro continua dirigindo. Mais um pouco e faz uma conversão em U só para quebrar a monotonia. Não temos nem liberdade pra dizer o que pensamos. Em situações assim, nos sentimos presos, muito presos. Do outro lado da rua, a policia já se foi. A garota também sumiu.

Outra esta esperando o ônibus. É de cor e quase se confunde com a noite, a não ser pela camiseta. Rosa como um palhaço divertido.

Mas isso também não o faz rir. Alessandro continua a guiar lentamente, troca o CD. Muda de idéia e liga o radio. Melhor confiar no acaso, às vezes. Que show esse Mercedes. Espaçoso, bonito, elegante. A música se propaga perfeitamente através de inúmeras caixas camufladas. Tudo parece perfeito. Mas de que serve a perfeição se ninguém mais aprecia? Ninguém pode dividi-la com você, dar-lhe os parabéns ou então inveja-lo.

Música.

“Eu queria ser o vestido que você vai usar, o batom que vai usar, eu queria sonhar com você como nunca sonhei, encontro você no caminho e fico triste, porque eu penso que você vai embora...” Ah, Lucio. Pode ter sido uma estação ao acaso, mas dá a impressão de que foi de propósito. Boa como idéia para um novo cartão de credito: “Você tem tudo, menos ela.”

Alessandro aperta uma tecla e muda de estação. Qualquer coisa menos isso. Nada pior que quando sua única razão passa a ser trabalho.

Lungotevere. Lungotevere. Mais Lungotevere. Aumenta o som para perder-se no transito. Mas, num sinal, Alessandro para e é alcançado por um microcarro. Atrás esta escrito “Lingi” e uma música à toda chega pelas janelas abertas. Tem a impressão de estar numa discoteca. Na direção, duas garotas com os cabelos compridos e lisos, uma loira e outra morena. Ambas usam óculos grandes estilo anos 70, com a armação, branca, fina, enquanto as lentes são enormes e matizadas em marrom. Entretando é noite.

Uma delas tem um pequeno piercing no nariz. Minúsculo, uma espécie de pinta metálica. A outra esta fumando um cigarro. Não trocam palavras. Lembra-se da cena de Harvey Keitel em vicio Frenético. Tem vontade de obrigá-las a descer e fazer com elas como no filme, mas talvez ainda esteja circulando por ali o sujeito da moto, quem sabe as amigas dele ou, pior ainda, daquele policial. Então as deixa ir. Verde. E, alem disso, não é assim que se enfrentam as dificuldades. A raiva, o incomodo daquele “desprezo sentimental” devem ser dirigidos para outras metas. Alessandro sempre disse isso a todos, a raiva deve gerar sucesso. Mas o sucesso gera o quê?

O Mercedes agora esta parado em Castel Sant’Angelo. Alessandro caminha sobre a ponte. Olha para os turistas, suas conversas alegres, abraçados, trapalhões, jovens deslumbrados por Roma, pela beleza daquela ponte, pelo simples fato de que não estão trabalhando. Um casal mais adulto. Dois jovens atletas com os cabelos curtos e as pernas compridas, o iPod no ouvido e o mapa dobrado nas mãos.

Alessandro para, sobe na beirada da ponte. Ergue-se no parapeito. Apóia-se e olha pra baixo. O rio. Corre lentamente, silencioso, ávido por mais sujeira. Alguns envelopes navegam tranqüilos, um pedaço de madeira qualquer desafia uma corrida com um jovem daço de bambu sem experiência. Algum rato escondido na margem acompanha entediado aquele estranho desafio. Alessandro olha para mais longe, alem da ponte, ao longo do curso do tibre, se lembra do filme de Frank Capra com James Stewart,

A felicidade não se compra, quando George Bailey, desesperado, decide suicidar-se, mas o seu anjo da guarda lhe impede e lhe aponta quais seriam as conseqüências para muitas pessoas se ele não tivesse nascido. Seu irmão não existiria, sua mulher não teria se casado, viraria uma solteirona, não teriam existido todas aquelas lindas crianças, e que até a cidade teria um outro nome, aquele do tirano, o velho milionário Potter, que somente ele consegue conter.

Eis a única coisa realmente importante. A única coisa que conta de fato é dar um sentido à

própria vida. Mesmo se, como diz Vasco, ela não tem sentido. Sim. Mas, sem mim, o que teria acontecido? Alessandro pensa nisso. Não tenho uma boa relação com os meus, ou melhor, eles só consideram os que são casados, como as minhas duas irmãs mais novas. Logo, sem mim, teriam uma preocupação a menos. E, alem disso, se eu estivesse para me atirar, haveria um anjo que o faria em meu lugar para me ajudar a compreender o significado desta vida? Bem naquele instante, uma mão bate as suas costas.

"Dotô?"

"Meus Deus, o que é?"

"Sou eu, dotô." Um mendigo com os cabelos sujos, roupas mal-abranjadas, ar pouco confiável e nem um pouco angelical. "Desculpe, dotô, não queria assustar, será que tem dois euros?"

Um não é o bastante, pensa Alessandro, dois! Já chegam agressivos, exigentes, já estabelecem um business, um planning até nas solicitações. Alessandro abre a carteira, tira uma nota de vinte euros e lhe entrega. O mendigo apanha o dinheiro, levemente desconfiado, em seguida revira a nota em sua mãos, olha melhor. Quase não acredita no que vê. Depois sorri.

"Obrigado dotô."

Na dúvida, pensa Alessandro, se ninguém saltar antes de mim e para mim, ao menos uma boa lembrança terei deixado para alguém. Uma ultima boa ação. De repente, uma voz.

"Vejam só ai, esse é o nosso homem de sucesso, o rei da publicidade!"

Alessandro vira-se. Do outro lado da ponte, eis que chegam Pietro, Susanna, Enrico e Camila. Caminham tranqüilamente e sorrindo. Enrico e Camila estão de braços dados e Pietro vem um pouco à frente.

"E então? Alex, o que esta fazendo? Uma pesquisa comportamental? Você pesquisa mesmo tudo para criar as suas campanhas publicitárias, não é? Você estava falando com aquele...", depois vira-se para ter certeza de que o mendigo esteja longe, "aposto que na sua próxima campanha vai ter um mendigo!"

"Imagine, eu estava só dando uma volta. E vocês? O que andam fazendo?"

"Bem, nada de especial."

"O que é que você não gostou?"

"Nada, nada, mas minha tia cozinha muito melhor!"

"Eu sei, é que ele tem uma tia que é genuinamente siciliana!"

"Que cara, pô! Fomos comer alguma coisa no Capricci Siciliani em via Del Pânico. Queríamos até chamar você, mas lembramos que havia dito que hoje à noite era a festa de Alessia, aquela do escritório, pensei que estivesse lá."

"É verdade, esqueci completamente."

"Mas, que cara!"

"Terminou com esse 'mas que cara'? Você é que esta parecendo um slogan publicitário!"

“Então vamos, eu vou com você na Alessia.”

“Não estou a fim.”

“Ora, vamos, que no fundo você quer ir. Alem do mais, não fica bem, parece que você esta criando um conflito socioeconômicocultural em relação à sua assistente...”

“Mas todos vão estar lá.”

“Justamente, você tem que ir e, alem do mais, desculpe, mas como advogado eu já tive de cuidar de um monte de problemas seus, portanto...”

“Portanto o quê?”

“Portanto eu vou junto. Pietro se aproxima de Susanna. “Amor você se incomoda? Você vê como ele esta abatido? É melhor que eu vá junto, ele tem alguns problemas de coração... e, alem disso, necessitamos falar de problemas de trabalho.”

Alessandro se aproxima. “Problemas de quê?... Mas que história é essa?...”
“Não, nada, nada. E então, vocês também querem ir?”

Enrico e Camila se entreolham por um instante, em seguida sorriem.

“Não, estamos cansados, vamos pra casa.”

“O.k., como quiserem.” Pietro pega Alessandro pelo braço. “Tchau, amor, não vou demorar, não se preocupe.” E o arrasta para longe rapidamente. “Vamos, vamos, antes que ela mude de idéia ou diga alguma coisa. Esta de bom humor ultimamente.”

“Mas o que você disse pra ela antes?”

“Nada, inventei alguma bobagem para tornar plausível o meio apoio psicológico.”

“Isto é?”

“Bem, eu disse que você esta com algum problema de coração.”

“Você não foi dizer a ela que...”

“Mas, deixa pra lá, um advogado como eu tenho uma relação constante com a mentira.”

“Mas não é mentira. Só não gosto que você fique falando... Contei só para você.”

“Sim, mas são coisas que você fala assim.”

“Assim como?”

“Assim! Mas esse é o seu novo Mercedes?”

“Sim.”

“Então é verdade. Você se separou de verdade da Elena. Posso experimentar?”

“Não! Mas olhe que você é bem cabeçudo, faz um mês que eu venho lhe dizendo e você

finalmente acreditou.”

“Agora eu tenho a prova. Você não teria comprado esse carro, você me contou a pouco tempo. Lembra? Comprar alguma coisa nova pode fazer com que se sinta melhor.”

“A troco de que eu havia dito isto?”

“Eu havia comprado um celular novo porque Manuela, aquela vendedora de vinte anos, não queria mais me ver.”

“Ah, é verdade, você me contou, mas não consigo acompanhar tudo o que lhe acontece no campo sentimental. Essa Manuela, por exemplo, eu a havia esquecido completamente.”

“E o que você me mandou fazer, eu fiz. Eu o segui como o grande mestre que você é, e...pronto!, comprei um celular novo, supertécnologico e sobretudo...fui comprar no Telefonissimo.”

“O que tem a ver? Eu não tinha indicado a loja onde você devia compra-lo!”

“Não, mas é ali que trabalha Manuela! Ela pensou que fosse uma desculpa para revê-la assim... bang bang! Mais duas trepadinhas.”

“Nossa Senhora, você realmente é um desastre. Você tem dois filhos pequenos e lindíssimos, uma bela mulher. Não compreendo por que essa obsessão, essa fome sexual, esse excesso de consumo, sempre e em qualquer lugar, uma luta contra o tempo e sobretudo contra todas. Mas, me explique, por que você deve obrigatoriamente conseguir todas?”

“Mas, que história é essa, agora você vai me analisar? Ou esta me avaliando para uma das suas propagandas? Ora, será que uma história como a minha não seria uma propaganda incrível para uma marca de camisinhas? Imagine que se vê esse fulano, quer dizer, não eu, um outro, que sai com todas e só ao final retira do bolso uma caixinha. Aqueles...como você disse que se chamam?”

“Sim, condom.”

“Isso, sim, de fato não fica claro se é a sua habilidade ou o preservativo que permite que ele consiga transar com todas aquelas mulheres... Legal, não? É claro que as modelos para o cast eu terei que experimentar primeiro... Para escolher o protagonista masculino, você se encarrega.”

“Claro, por que não? E quem sabe a minha agência também pode cancelar algumas consultorias jurídicas suas?”

“Não, você não pode fazer isso comigo.” Pietro se ajoelha diante do Mercedes ML. Justo naquele instante, passa uma bela turista, uma senhora já de certa idade que sorri e sacode a cabeça dizendo “Italianos!”.

“Para com isso, vem, sobe.”

“Ora, essa bem que podia ser a nova propaganda da Mercedes, não é?”

_____5_____

Na mesma hora, na mesma cidade, mas mais longe. Eur. Atrás do Luna Park, numa grande esplanada escondida na penumbra formada pelos altos pinheiros, por alguma pequena montanha verde, por um grande edifício abandonado há tempos. Um grupo de jovens apoiados às suas motos, outros sentados na beira da estrada, outros ainda sentados dentro dos carros com as janelas abertas e as pernas apoiadas para fora, para cima. Um pequeno sinal de fumaça sai de quando em quando, como se fosse um cachimbo que passa de janela em janela, um sinal de fumaça como dizendo estamos nos atordoando. Sim, são elas, as Ondas, as quatro amigas divertidas.

"Oi, você quer? Bum shiva. Pega, vai?"

"Não, não quero fumar."

"Olhe que é erva, não um cigarro."

"Justamente..." Niki afasta de si.

"Mas o que é isso?"

"Mas, qual é o seu problema?"

Diletta intervém com Olly.

"Problemas é você que deve ter, uma vez que precisa fumar para ficar alegre..."

Niki procura apasiguar.

"Vai, não enche o saco."

"Mas por que você é sempre assim com todos, puxa, você é uma chata, quer brigar sempre."

"Veja, eu só disse que não queria fumar, é ela que a todo custo quer todos submissos ao culto de Maria, mas nem que fosse uma seita religiosa séria da Virgem."

"Que chata você é!"

"Eu, hein?!"

"Mas o que é que estamos esperando?"

"Sim, você disse a grande novidade, grande novidade... Mas aqui não acontece nada..."
"Mas é verdade que você nunca fez o BBC?"

"O que é, o telejornal americano?"

"O BumBumCar."

"É sério, sim, por que eu deveria dizer bobagens?"

“Bem, então vamos ver... Aqui esta, vê, luvas, essas são as luvas.”

“Para quê?”

“Você deve usar, senão deixa impressões.”

“Mas que impressões, eu não sou fichada.”

“Sim, mas se, por acaso, um dia fizerem uma investigação e ficharem as suas impressões, vão chegar em você.”

“Mas que investigação, as minhas impressões? E por que deveriam fichá-las?”

“E depois tem isto. Aqui estão.” Saca do bolso uns óculos com uma tira elástica.

“Mas esses são de natação!”

“E daí? Assim não caem quando você bater. Às vezes os vidros explodem!”

“Mas como você é cretina! Esta falando só pra eu ficar com medo.”

“Nada disso! E não é você que diz que nunca tem medo?”

“Das provas... mas aquilo é outro assunto.”

“Isso, ótimo, nem me lembrem, que amanha tenho uma na primeira hora!”

Pereperepereperepere. Um som esquisito de buzina, daquelas buzinas chatas que são quase uma raridade, explode de repente nos ares noturnos.

“Aí estão, já estão chegando.”

Cinco carros diferentes entram de repente no descampado. Um freia cantando os pneus, os outros seguem procurando mais ou menos imitar o primeiro. Um Cinquecento[1]. Um Mini[2]. Um Citroën C3[3]. Um Lupo[4]. Um Micra[5]. Todos acelerando a toda.

“Mas por que vocês escolheram só carros pequenos?”

“Ora, só havia estes, não encontramos nada melhor.”

“E quanto vocês deram por cada carro?”

“Nem me fale! Cem euros cada um, e fomos no Manna, na Triburtina. Sabe o mecânico funileiro?”

“E...”

“Já estavam prontos, com a trava desligada e a chave inserida em todos os carros. Uma moleza!”

---

[1] Cinquecento–http://www.carbodydesign.com/archive/2006/05/09-500-days-to-the-fiat-500/Fiat-Cinquecento-trepiuno-concept-lg.jpg
[2] Mini – http://carroseminis.files.wordpress.com/2009/11/british-racing-green-mini-cooper-s-small1.jpg
[3] Citroën C3 - http://www.planetamotors.com/auto/wp-content/2007/11/citroen-c3.jpg
[4] Lupo – http://www2.uol.com.br/bestcars/carros/vw/lupo-gti.jpg
[5] Micra - http://www.ascarrent.rs/images/micra/aac9_27.jpg

“Já explicaram como devem ser preparados?”

“Claro! Veja, já amarramos os pneus.”

“E então subam, vamos.”

“Vamos, vocês serão a tripulação.”

“Eu vou com ele.”

“Eu vou com você, posso?”

Cada garota sobe num carro. Todas loucamente alegres, quase enlouquecidas, adrenalínicas.

“Ei, só três em cada carro, e atrás só uma.”

“O que você tem? Esta amarelando, não é, Niki?”

“Não, não tem mais graça...”

“E você, Diletta, não vem?”

“Não, que coisa, estão loucas? Mas o que é esse BumBumCar?”

“É superradical, e você é uma supermedrosa!”

As outras duas Ondas, Olly e Erica, entram rapidamente com algumas jovens nos carros. Um rapaz do lado de fora abre a porta do seu e liga o som a todo volume.

“Força, que nos apostamos em vocês! Então, pra quem não sabe, vou repetir as regras. O ultimo carro que ainda andar ganha tudo! As apostas se dividem dessa forma: metade pra quem esta a bordo do carro vencedor e a outra metade é dividida entre aqueles que apostaram nele.”

Uma garota grita ”A seus lugares!”. Alguns jovens, do lado de fora, passam velozmente, fecham as portas e posicionam os dois pneus, amarrados um ao outro por uma corda que passa por cima do carro. Os pneus ficam pendurados de ambos os lados do carro, com uma fantasiosa sela de cavalo. E terminam apoiados, planos, sobre as portas, para protegê-las dos choques. No que for possível.

Uma jovem, de shorts e segurando um apito colorido, corre para o meio do descampado e para diante dos cinco carros. Em seguida, retira do bolso um lenço, vermelho, lindo, flamejante. Levanta o lenço em direção ao céu com um gesto esplêndido, enfático, ela, divertida, alucinada madrinha daquele BumBumCar. Então o abaixa rapidamente , rindo, apitando. E “Já!”, e afasta-se do caminho depressa, correndo, assustada, e pula para a beira da estrada, para ficar segura, longe daquela loucura de choques de carros.

Os carros partem cantando pneus. O Cinquecento atira-se contra o Micra, colidindo co m ele, e é imediatamente golpeado de lado pelo Mini. O Citroën C3 escuro corre veloz, ultrapassa os dois carros e em seguida engata de repente a ré e golpeia o Lupo, rachando o seu radiador. Chega o Cinquecento e acerta o lado do Micra, atenuando o choque contra os pneus laterais. As duas janelas explodem, as jovens no interior gritam, berram, fingem estar apavoradas, divertidas, enlouquecidas. E depois o vêem. E gritam.

"Sai, sai, que o Fabio esta chegando a toda velocidade."

O Micra dá uma guinada e tenta sair, breca e golpeia novamente em cheio o Cinquecento. O vidro da porta traseira explode em mil fragmentos. E continuam assim, separando-se, afastando-se e voltando para trás, correndo como loucos.

E bum, novamente contra o Micra e o Lupo. E bum, o Micro contra o Cinquecento, e bum, o Mini contra o Micra, e bum, de ré o Micra contra o C3. E assim foi até o fim, destruindo-se alternadamente, um contra o outro, com um som seco de chaparia, de portas amassadas, de vidros quebrados, de faróis que explodem, de para-choques que se retorcem, de tampas de motor que se encolhem sobre si mesmas como uma contração repentina de uma mão metálica.

E aqueles pneus utilizados como selas, ricocheteando sobre as portas, voando para o alto e voltando pra baixo. E as outras rodas que se soltam e livres correm para longe, em direção dos jovens à beira da estrada. E bum, bum, bum. E dali a pouco o BBC termina. O BumBumCar encontra o vencedor.

O Mini e o Micra soltam fumaça dos radiadores, na frente estão completamente afundados, o Cinquecento esta dobrado em dois com o eixo quebrado e as rodas tortas, inclinadas para fora. Parece um touro que, golpeado pela ultima bandarilha, dobra os joelhos e bufando termina com o focinho no pó.

O Micra esta com os dois pneus laterais estourados e encaixados na chapas laterais pelo excesso de golpes recebidos. O Lupo é o único que ainda consegue avançar alguns passos. Resmunga um pouco, dirigindo-se lentamente para o centro de descampado. De repente, perde a chapa que cai com um ruído de lata, como aquelas velhas latas que são presas atrás dos carros dos recém-casados saindo para a lua de mel. Mas ninguém casou hoje e nenhum proprietário ficará contente de reencontrar o seu carro, ao menos agora, no estado em que se encontra.

"Iuuurru! Ganhamos!" Os rapazes na beira de estrada explodem numa festa. "Eu sabia! Eu sabia! O Lupo perde o pelo, mas não o vício[6]!", e soltam outras gracinhas dos gênero, até piores, enquanto alguém, mais ligado que os outros, preocupa-se em receber o ganho e começa a fazer as contas. Dos carros descem um após outro os heróis piloros, uns saindo pelas janelas quebradas, outros pela porta traseira, outros ainda pelo pára-brisa quebrado. Todos retiram os óculos de natação.

"E então?! Quanto deu?"

"Vamos, a gente ganhou!"

"Faça bem as contas, hein? Sem passar a mão!"

Fabio pega o dinheiro que ganhou e conta rapidamente. "Não acredito, seiscentos euros!

"Muito bem, Niki, vou lhe oferecer um jantar fabuloso, assim fazemos as pazes."

"Mas será que você não entendeu ainda? Mas quantas vezes eu vou ter de repetir? Não vai haver nenhum jantar! Nós não estamos mais juntos!"

"Mas como? Você disse..."

"Eu já lhe dei todas as provas a semana passada e disse de todas as formas possíveis e imagináveis, realmente não sei mais o que inventar pra fazer que você compreenda. Acabou.

[6] Jogo de palavras com a marca do carro, que significa "lobo".

Kaputt. Auf Wiedersehen. Estamos separados...”

“O.k, como você quiser. Ei, garotas, eu e Niki estamos separados.”

“E nós já sabíamos.”

“Assim, estou novamente no mercado, divulguem e façam fila.”

Fabio põe o dinheiro no bolso, sobe na sua moto e vai embora rapidamente. Os outros se entreolham um instante, depois um da de ombros e faz de conta que esta tudo bem. Olly se aproxima de Niki.

“Olha que quando ele se comporta dessa forma é bem...”

“É bem sacana!”

Chega Diletta. “Mas, ele levou embora todo o dinheiro, não dividiu nada...”

“Bem, o Fabio é assim...”

“Mas de hábito dividi-se com a tripulação, não é?”, diz Erica.

Niki dá de ombros. “Mas que ele é sacana eu já disse, não? Será que alguém tem um cigarro?”

Olly tira um maço do bolso. Diletta se aproxima e Niki lhe dá uns tapinhas sobre a camiseta. “Veja cuidado, esta cheio de cacos de vidro...”

“Imagine, se meus pais vêem isso, o que eu vou dizer, que eu fiz um BBC?”, diz Olly.

Diletta sacode a cabeça. “Então é melhor dizer que você teve um acidente, mas não com o meu supercompacto, hein? E depois eles não vão acreditar e vou ter que amassá-lo. Já estou vendo você chegando à minha casa com um martelo.”

“Sim, bem que ela seria capaz!” Todas riem.

“Vamos lá, quem me dá uma carona que amanhã tenho prova?”

“Que saco, mas, então, a noitada acaba aqui?”, diz Olly.

“O.k., no máximo um sorvete no Alaska.”

“Caramba, isso sim que é um programa quente, hein? Está bem, nos vemos lá.”

“Mas depois chega, vamos pra casa, hein?”, diz Diletta. ”Porque, apesar de tudo o que fizeram, acho que ainda querem destruir mais coisas.”

“O.k., mamãe Diletta. De qualquer forma eu tenho uma idéia”, diz Olly, erguendo uma sombrancelha. “Tem uma festa louquíssima!”

Niki puxa Diletta pela malha. “Vamos, sorvete e chega, força!”

“Tchau turma, nós já vamos!”

E vão embora assim, rindo. Olly, Niki, Diletta e Erica, as Ondas, como se nomearam desde

o primeiro ano do colegial, quando fizeram amizade. São bonitas, são alegres, são diferentes. E se querem muito bem. Muito. Niki acabou de romper com Fabio, Olly praticamente abandona um por dia. Erica, pelo contrário, esta com Giorgio a vida inteira, Giò como ela o chama. E Diletta... Bem, Diletta ainda esta em busca do seu primeiro namorado. Mas é confiante: cedo ou tarde vai encontrar o certo. Ou, ao menos, assim espera. Sim, são ótimas as Ondas e especiamente são grandes amigas. Mas uma dentre elas irá trair aquela promessa.

_____6_____

"Ei, turma, vejam só quem chegou, é o chefe! E veio até com o advogado! Oh, chefe, nada de trabalho hoje à noite, hein? Esta é uma festa e não é para marcar logo uma reunião!", ri Alessia, abrindo a porta. Afasta-se e faz uma reverência, deixando entrar Alessando e Pietro. Há um monte de gente ali.

"Não o esperávamos mais. Ganhei a aposta, viu que ele veio?"

Pietro se aproxima, põe um braço ao redor do pescoço de Alessandro e diz baixinho em seu ouvido: "Viu, eu sempre consigo que você se apresente bem, ela deve ter confiança em você, é a sua equipe, é a sua equipe, senão que raio de chefe você vai ser, hein, chefe?"

Alessando se livra do braço.

"Então, o primeiro que me chamar de chefe fica suspenso por dois dias."

Todos imediatamente: "Chefe, chefe".

"Não, retiro a minha decisão, o primeiro que me chamar de chefe vai trabalhar dobrado por dois dias".

"Desculpe, chefe, quer dizer desculpe, Alex"

"Se eu o tratar com mais intimidade, o que ganho? Sei lá, umas feriazinhas?"

"Trabalho dobrado,de qualquer foma, por tentativa de corrupção"

"Então, será que tem alguma coisa pra beber?"

Alessia, a assistente de Alessando, se aproxima com um copo cheio.

"Pronto, Muffato, como você gosta não é, ch...?" Alessando ergue a sobrancelha, olhando torto para ela. "Chanceler, eu queria dizer, chanceler, juro."

"De qualquer foma também não soa bem. Vamos nessa, divirtam-se como se eu não estivesse aqui, ou melhor, como se nós todos não estivéssemos"

"Pietro lhe rouba o copo das mãos e dá uma boa golada"

"Ei, como se nós não estivéssemos? Bem eu estou aqui, e como! Bom esse vinho, o que é?"

"Muffato"

"Posso ganhar outro?", pede Alessando para Alessia, que rapidamente enche outro copo e o oferece.

"Por que é que você não trouxe a Elena?"

Pietro o observa e finge estrangular-se. Alessando lhe aplica uma cotovelada.

"Não podia. Tinha trabalho."

Alessia ergue a sobrancelha.

“O.k. Tem também alguma coisa para comer naquela mesa, se quiserem, eu vou colocar as bebidas na geladeira. Fiquem à vontade, como se estivessem em casa.”

Alessia se afasta, com o vestido leve e justo que deixa se entrever entre as curvas.

Pietro se aproxima de Alessando. “Ei, muito bom mesmo esse Muffato... e a sua assistente também é muito boa. Quer dizer, de cara nem tanto, mas tem um rabo... Mas você nunca experimentou? Eu tenho a impressão de que ela tem uma queda por você”

“Você já acabou?”

“Em verdade, estou só começando. Mas desculpe, por que você não lhe disse que você e Elena se separaram?”

“Eu não me separei.”

“Está bem, então ela o deixou.”

“Não, ela não me deixou.”

“E Então o que aconteceu? Saiba que você é esquisito. Sumiu?”

“Não, ela não sumiu. Está dando um tempo.”

“O que quer dizer com está dando um tempo? É pior do que uma pausa de reflexão... um tempo. Quer dizer, ela saiu de casa, levou embora todas as suas coisas, vocês estavam quase casando. E você ainda acha que ela não o deixou, que está dando um tempo.”

Alessandro permancece em silêncio e bebe. Pietro insiste.

“E então o que me diz?”

“Que eu fiz uma cagada ao pedi-la em casamento, ou melhor, não, ao contar tudo pra você, ou melhor, ao trazer você para esta festa, ou ao condecer a você uma relação de trabalho com a minha empresa, ou melhor, ao ser seu amigo...”

“O.k, o.k, se você está tão sucetível não tem graça.Vou embora”

“Deixa pra lá, não vá.”

“E quem é que quer ir embora, aqui está cheio de xotas, eu não sou bobo como você que prentende arruinar a sua vida! Eu queria dizer que vou pra lá galinhar.”

Pietro se afasta sacudindo a cabeça. Alessandro se serve de um pouco mais de Muffato e se aproxima da estante de livros, apoia o copo e começa a olhar ao livros de Alessia. Estão organizados por alturas e cores, alguns por gênero. No sofá ao lado da mesa alguém ri, jovens de pé falam em voz alta: informações de todo tipo, cinema, futebol, televisão.

Alessando pega um livro, abre, folheia e para. Tenta ler algo. ”Quem ama à primeira vista, trai a cada olhar.” Mas esse não era o slogan do filme Perto Demais? Mas que livro é esse que eu peguei? Até o destino está se metendo. Mal você se solta um pouco parece que o mundo está contra. Todos se organizam direitinho para aumentar a pressão.

“Olá.” Alessando vira-se. Diante dele está um jovem, baixo, um pouco calvo, gorduchinho, mas com um rosto simpático.

“Você não se lembra de mim?” Alessando entrabre os olhos, tentando focar a vista. Nada. “Não está lembrando, não é? Vamos, ouça bem a minha voz... você a tera ouvido mil vezes.”

Alessando o observa, mas não consegue se lembrar.

“E então?”

“Então o quê, você não disse nada.”

“O.k, tem razão. Então...Bom dia, é a empresa...puxa, é fácil, mas sério que você não lembra? Você deve ter ouvido a minha voz mil vezes... Bom dia, é a empresa de marketing... Puxa! Eu trabalhava com Elena!”

Outra vez. Mas é brincadeira? Vocês estão hj todos contra mim? “Vê se lembra, uma vez você passou para encontrá-la. Eu ficava na mesa à direita da de Elena.”

“Sim, é verdade, agora estou me lembrando.” Alessando procura ser gentil.

“Não, a meu ver, você não está lembrando nada. De qualquer foma, eu não estou mais ali, fui transferido, quer dizer, me deram dois dias de férias. Amanhã tenho uma entrevista porque vou iniciar uma nova atividade, sempre dentro da mesma empresa... Mas como é que a Elena não veio?”

Alessandro não consegue acreditar. Outra vez?

“Tinha trabalho.”

“Ah, sim, pode ser, ela sempre trabalhava até tarde.”

“Como pode ser, é.”

“Sim, sim, claro, eu dizia pode ser... assim, só por dizer.”

Permanecem um pouco em silêncio. Alessandro tenta se afastar daquela situação embaraçosa.

“O.k., eu vou procurar algo para beber.”

“Bem, eu fico aqui. Posso lhe perguntar só uma coisa?” Alessandro suspira preocupado, tentando disfançar. Só espera que não faça perguntas sobre Elena.

“Sim, claro. Diga.”

“Na sua opinião, porque as pessoas nunca se lembram de mim?”

“Não sei.”

“Mas como, você é um grande publicitário, você acertou um monte de campanhas publicitárias, você sabe sempre tudo.”

“Sim, está bem. Mas você não consegue me explicar por quê?”

“Não, não sei. Eu faço propagandas que procuram de alguma forma ressaltar um produto, não posso desenvolver um spot sobre você.”

Andrea abaixa o olhar, chateado. Alessandro se dá conta de ter sido desagradável e tenta consertar.

"Isto é, agora eu realmente não sei. Nesse sentido... não consigo agora um spot para você. Agora vou procurar algo para beber e vou pensar a respeito, o.k.?"

Andrea ergue o rosto e sorri "Obrigada... mesmo, obrigado.”

Alessandro solta suspiro de alívio. Ao menos essa deu certo.

“O.k., agora eu vou mesmo tomar alguma coisa.”

“Claro. Quer que eu vá buscar?”

“Não, não. Obrigado.”

Alessandro se afasta. Mas veja só. Logo hoje eu tinha que vir a uma festa como essa e me preocupar com um sujeito desses.

Tudo bem, ele até pode ser simpático. Mas realmente não posso ficar me perguntando por que um homem não se sobressai, por que as pessoas não se lembram dele. Diz que ficava na mesa à direita, eu nem lembro que havia uma mesa à direita.

Os assuntos são dois, meu velho Alex: ou você só tinha olhos para Elena ou esse é de fato um tipo que passa completamente despercebido. Torça só para que nunca contratem você para desenvolver uma campanha publicitária para um produto como Andrea Soldini. Alessandro se diverte com essa idéia e com aquele único sorriso da noitada se aproxima da mesa com o bufê e come alguma coisa. Ali ao lado estão duas belíssimas jovens estrangeiras que sorriem para ele.

“Gostoso, não?”, diz uma delas.

Alessandro mostra o segundo sorriso da noite. “Sim, gostoso.”

E também a outra jovem lhe sorri. “Gostoso... aqui tudo está gostoso.” Alessandro sorri para ela também. É o terceiro sorriso.

“Sim, gostoso.”

Devem ser russas. Em seguida vira-se. No sofá, não longe dele, Pietro o está observando. Está sentado ao lado de uma bela garota morena de cabelos longos que se inclina para frente e ri por algo que ele deve ter dito. Pietro lhe dá uma piscadela ao longe e ergue o copo como pra brindar. Move os lábios tentando uma comunicação labial. “Vai firme!”

Alessandro levanta a mão como querendo dizer “ah, não enche” e serve-se de outra taça de Muffato. Depois de ter assegurado de que Andrea não estava mais no seu caminho, dirige-se para o terraço, deixando sobre a mesa todos os seus três sorrisos.

Apoia-se no parapeito com os cotovelos e começa a degustar um pouco de vinho. Gostoso, assim gelado numa noite de abril ainda não muito quente. Os carros passam ao longe, ali, à esquerda do Tibre, que escorre lendo, silencioso, e que do pequeno terraço parece até mais limpo. E pensar que agora poderia estar ali, navegando na direção de Ostia, acompanhado por uma multidão de ratos indiferentes.

Como naquela cena que se vê em Blob[7], aquele sujeito que vai para o fundo da água. Ou então no final de Martin Éden[8], quando ele nada para o fundo mordido por uma moreia e quer morrer depois que descobre que a mulher que ama é idiota. Idiota. Idiota. Idiota é a morte que nos guarda entediada. E se eu me tivesse atirado, tenho certeza de que teria morrido, diferentemente de James Steward, e talvez até seria mordido por uma moreia e por um rato, juntos... É o que meu anjo da guarda já se foi, faz tempo.

"No que está pensando"? Alessia chega por detrás.

"Eu? Nada."

"Como, nada! Você nunca pensa em nada. O seu cérebro parece estar sob contrato funcionando diretamente com a nossa empresa."

"Bem, quer dizer que esta noite ele está de folga."

"Você também deveria se dar uma folga de vez em quando. Toma." Oferece-lhe mais uma taça. "Estava certa de que o seu já tinha terminado. Este é um passito de Pantelleria. Melhor ainda, a meu ver. Experimenta...".

Alessandro saboreia lentamente.

"Sim, é muito bom. É delicado...".

E uma brisa ligeira, do oeste, maliciosa, tenta criar um pouco de atmosfera, Alessia também se apoia no parapeito e olha ao longe.

"Sabe, é bem agradável trabalhar com você. Eu o observo quando está no escritório. Você anda o tempo todo, dá tantas voltas naquele tapete... sempre em círculo, já deve ter deixado a marca. Como um quadro redondo de Giotto. E, enquanto isso, você olha para o teto, mas está olhando para longe... É como se você visse através do teto, além do prédio, além do céu, além do mar, você vê longe, vê coisas..."

"Sim, que vocês humanos... Para com isso, você está me gozando."

"Não, é sério, eu penso. Você está em perfeita harmonia com o mundo e consegue rir do que às vezes acontece e que somos obrigados a aguentar... Como, por exemplo, uma história de amor que termina, tenho certeza de que, mesmo que fosse a sua, você saberia rir dela."

Alessandro olha para Alessia. Permanecem um olhanda para o outro. Depois ela sente um ligeira embaraço. Alessandro bebe mais um gole do passito que ela acabou de lhe dar e olha novamente para os tetos das casas.

"Foi o advogado que lhe contou, não é?"

"Sim, mas eu já estava concluindo. Penso que essa Elena não merece nem o seu 'desprezo sentimental'."

Alessandro sacode a cabeça.

[7] Blob é um personagem mutante de histórias em quadrinhos do Universo Marvel, publicadas pela editora Marvel Comics. É um dos inimigos dos X-men.
[8] Martin Eden (1909) é uma novela do escritor americano Jack London sobre as dificuldades de um jovem escritor.

“El contou isso também?” Alessia agora se dá conta de que é a vez dele de ficar embaraçado.

“Bem, chanceler, você sabe quantos eu já deixei... e quantos já me deixaram!”

“Não, não sei. Não tem ninguém que vem me contar a sua vida.”

“Você está certo, desculpe. Mas não brigue com o seu amigo. Pietro só gostaria de vê-lo novamente alegre como sempre. Apostou em mim para fazê-lo sorrir. Mas talvez fosse melhor se ele tivesse mudado uma das duas russas, não é?”

“Por que você diz isso?”

Não tem nada pior, quando você não está bem, do que alguém querer que você conte todos os seus problemas bobos. Primeiro aquele chato que quer ser lembrado por todos. Veja só, nem lembro o nome dele. Ah, sim. Andrea Soldini.

E agora é a vez de Alessia e o seu desejo de ficar no centro das atenções. Ou melhor, ser o remédio certo. Que chatice... Alessandro se aproxima dela. Alessia está olhando para o outro lado, ao longe, em direção de uma rua que desaparece por trás de uma curva. Alessandro apoia o braço sobre os seus ombros. Ela se volta, sorri. Mas ele a precede e lhe dá um beijo na face.

“Obrigado. Você é um grande remédio. Veja, já fez efeito em poucos segundos...já estou sorrindo.”

“Ora, não enche!” Alessia sorri e dá de ombros. “Você está sempre me gozando.”

Alessia olha para ele. “Não dá para fazer nada, vocês, homens...”
“Não vá dizer a frase de sempre ‘São todos iguais’, por que é um spot já velho e de você espero algo melhor.”

“De fato, vou dizer outra: Vocês, homens, são todos diferentemente vítimas de uma mulher. Mas isto é útil. Sabe por quê? Para justificar o mal que farão à próxima vítima.”

“Oi,oi,oi...” Alessia está para se afastar, mas Alessandro a detém.

“Alessia?”

“Sim, diga.”

“Obrigado.”

Alessia se vira. “Imagine.”

“Não, sério. Este passito é fantástico.”

Alessia sacode a cabeça, depois sorri e entra em casa.

_____7_____

Sorveteria Alaska. As Ondas estão sentadas em cadeiras de ferro colocadas perta da entrada. Olly está com as pernas esticadas e apoiadas sobre uma cadeira ao lado.

“Hummm, o sorvete daqui é realmente uma loucura!” Toma o sorvete até o fim, com gosto, no fim dá uma pequena mordida. “Eu acho que na calda de chocolate eles põem alguma espécie de droga. Não é possível que me prenda tanto.”

Justo naquele momento, dois rapazes passam diante delas. Um está com um casaco preto de tecido com a escrita “Surfer” nas costas. O outro, com um vermelho onde se lê “Fiat”. Conversam, riem e entram na sorveteria.

“Oh, acho que estou presa pelo último ‘Fiat’.

Niki ri. “Mas, por que você não toparia uma bela ‘surfada’?!”

“Não, acho que não... Já dei...”

“Ora, Olly, a meu ver, você está sempre me gozando. Não acredito que ficou a sério também com esse.”

“Não minha opinião”, intervém Dilleta, “ela fala só porque eu estou aqui. Ela quer me atormentar. Quer que eu pense em tudo o que estou perdendo.”

“Mas eu não fiquei. Assim, só algumas voltinhas no carro.”

Chega alguém veloz numa motoneta, para a um milímetro delas, desce, estaciona depressa. “Oh, aqui estão vocês!” É Giò, o namorado de Erica. “Procurei por vocês em toda parte!”

“Fomos dar uma volta.”

“Sim, eu sei.”

Erica se levanta e o abraça. Beijam-se levemente nos lábios. “Amor... eu adoro quando você dá um de ciumento.”

“Que ciumento, que nada, eu estava preocupado. Deram uma batida no Eur, fazim o BumBumCar, prenderam um monte de gente por furto de carros, apostas clandestinas e associação criminosa.”

“Eeeeh, bum bum bum de verdade! Inclusive associação criminosa.” Olly tira as pernas da cadeira e dá uma última mordida no sorvete. “E quadrilha armada!”

“Não brinque, é sério. Giangi me contou, ele conseguiu fugir quando chegaram.”

“Caramba, então é verdade.” Dilleta se levanta. “Giangi também estava lá.”

“Então vocês também estavam.” Giò olha bravo para Erica.

“Mas eu fui com elas.”

“É claro.” Olly sacode a cabeça. “Você está com ciúmes de Fernando, aquele das apostas.”

“Imagine... eu me preocupo com ela e só! Imagine só se a prendessem. Porque eles prenderam o pessoal. Ou você ainda não entendeu?”

“E daí, se a prendessem... a prendiam”, diz Olly serenamente.

Giò aperta Erica num abraço. “Amor, mas por que você não me contou?”

Erica se liberta do abraço.

“De novo. Meu Deus, você parece meu pai. E me deixe! Já falei, estava com as minhas amigas” E em seguida acrescenta baixinho: “Não gosto de discutir na frente delas, e para com isso”.

“O.k., como quiser.”

O celular de Niki toca. Ela retira do bolso da calça o seu pequeno Nokia. “Caramba, é minha mãe, o que será que ela quer a esta hora? Alô, mamãe, que surpresa agradável.”

“Onde você está?”

“Mas, mãe, você nem diz oi?”

“Oi. Onde você está?”

“Ufa”, Niki bufa e ergue os olhos pro céu. “Estou em corso Francia, tomando tranquilamente um sorvete com as minhas amigas. O que você quer?”

“Ah, ainda bem. Desculpe, mas acabamos de chegar em casa, seu pai ligou a televisão e no jornal da meia-noite disseram que prenderam alguns jovens no Eur. Diserram alguns nomes e entre eles estava o filho dos nossos amigos, Fernando Pasino...”

“Quem?”

“Sim, aquele que de vez em quando sai com você, vamos, não faça de conta que não entende! Você sabe muito bem, Niki, não me irrite, ele pertence ao grupo que vocês frenquentam. Bem, só deram os nomes dos maiores de idade, evidentemente, mas por um instante imaginei que você também poderia estar envolvida.”

“Ora, mãe, o que é isso? Quem você acha que eu sou?” Niki revira os olhos, as amigas, curiosas, se aproximam. Niki faz um gesto com a mão como para indicar “não sabem o que aconteceu”.

“Mas, mãe, deu pra entender por que eles foram presos? Isto é, o que fizeram?”

“Bem, eu não ouvi direito, alguma coisa em relação a carros, tipo roubo de carros, não entendi bem... Ah sim, algo a ver com stumpcar.”

“Não, mãe, aquele é BumBumCar, mãe...”

“É isso. Mas como é que você sabe?”

Niki range os dentes e procura se recuperar de alguma forma. “Acabou de chegar aqui o Giorgio, o namorado da Erica, e contou para nós. Ele também ouviu o noticiário, mas não

estávemos acreditando nele.”

Olly e Diletta começam a rir baixinho. Depois Olly, com as mãos, imita as patas de um gato que escorrega sobre um vidro. Niki procura lhe dar um pontapé para afastá-la e não começar também a rir.

“Ah, então está vendo que eu não estou contando um absurdo”, continua a mãe. “Viu que realmente aconteceu. Escute, você bem que podia voltar para casa. Já é meia-noite.”

“Mamãe, mas quem você queria como filha, Cinderela? Daqui a pouco eu chego! Tchau! Beijos, beijos, beijos, te quero bem.”

“Sim, beijos, beijos, beijos, mas venha pra casa, heim?” E desliga.

“Cacete, então é verdade aquilo que o Giò falou.”

“Mas, por que eu deveria ter inventado? A troco de quê?”

“Vamos, garotas, vamos para casa, amanhã saberemos mais pelos jornais.”

As Ondas caminham para as respectivas motonetas e carros compactos. Olly sobe na sua scooter, coloca o capacete e dá a partida.

“Que noitada fraca, hein?” Niki sorri e sobe em sua motoneta. “Sabe o que eu penso? Eu acho que foi o Giò que chamou a polícia, ao menos por algum tempo ele se livrou do Fernando.”

Diletta ri. “O que é certo é que vocês são realmente umas víboras. A meu ver, com vocês o segredo é sempre ficar até o fim, assim vocês não têm ocasião de falar mal.”

“Ah, é? Pensou bem.” Sorri Niki. “Mas, antes de dormir, pode ter certeza de que vou enviar um torpedo com alguma maldade a seu respeito para a Olly. Sinto muito, você não consegue nos bloquear”, e dizendo isso, dá partida, acelera e vai embora, esticando as pernas, erguendo-as ao vento, divertida de saborear aquela boba, pequena, maravilhosa liberdade.

_____8_____

Alessandro está no terraço. Olha para longe procurando sabe-se lá que pensamento.Um pouco de melancolia e aquele último gole de passito, ligeiramente mais doce.Depois ele também entra,deixa o cálice sobre a estante ao lado de um livro. Desta vez: Aforismos. Areia e espuma. Gibran. Pega o livro e folheia algumas páginas.

”Sete vezes desprezei minha alma. A primeira vez foi quando a vi temerosa de conseguir tocar as alturas.A segunda vez foi quando a vi claudicar diante do coxo.A terceira vez foi lhe dado a escolher entre o caminho árduo e o fácil e ela escolheu o caminho fácil.A quarta vez foi”

Chega.Não sei porque,mas,quando você não está bem,tudo ressoa como se tivesse dois significado.Alessandro guarda o livro e começa a andar pela casa procurando Pietro.Nada.Na sala não está.Olha melhor entre as pessoas,nos cantos, move-se,desvia-se de alguém que lhe passa a frente...Ah,não é alguém.É Andrea Soldini e está com uma bela garota,alta.Andrea sorria para ele.Ele retribui,mas continua a procurar Pietro.Nada.Não gostaria que...

Abre a porta do quarto de dormir.Nada.Só alguns paletós atirados sobre a cama.Os armários também estão abertos.Vai até o banheiro.Tenta abrir,mas está trancado à chave,Alessandro tenta novamente.Uma voz masculina do lado de dentro diz’’Ocupado!Se está trancado está ocupado,não?’’.É uma voz grave e realmente incomoda.É de alguém realmente ocupado com as suas necessidades . E não é Pietro.Alessandro vai até a cozinha,a janela está aberta.Uma cortina clara brinca com o vento.

E com duas pessoas.Apoia-se sobre as costas de um homem.Quase o acaricia enquanto ele brinca com uma bela garota sentada de pernas abertas sobre a mesa de central. Ele está diante dela apoiado entre suas pernas. Mantém uma mão no alto,sobre a cabeça da moça,e segura pendurada uma cereja. Deixa-a descer pouco a pouco e depois a ergue novamente,enquanto a jovemfinge desconsolo,ri e faz uma cara feia por não ter conseguido agarrar a cereja com a boca. E ela tem vontade dessa cereja e talvez não só dela. E o homem percebe e ri.

“Pietro!”

Pietro se distrai e volta para Alessandro. A jovem aproveita imediatamente e agarra a cereja,roubando-a com boca.

“Pronto. Veja o que você fez.Ela roubou a minha cereja por sua culpa.”

A jovem ri e mastiga de boca aberta,a língua colorida e as suas palavras se matizam de vermelho,de perfume,de desejo de sorriso.

”Ótimo!Ganhei,mereço mais uma.Vamos,uma cereja e puxa outra,não?Foi você que falou antes...”

“Claro ,pronto.”

Pietro lhe oferece outra e a jovem russa cospe antes o caroço da primeira dentro de um copo ali do lado,em seguida pega com a mão a outra e come.Pietro se aproxima de Alessandro.

“Você viu,o jogo acabou.Eu queria fazê-la sofrer mais um pouco...uma cereja puxa outra...ela fica sempre com mais vontade... e eu só ao final lhe daria uma cereja,mas também pum...”, Pietro belisca Alessandro entre as pernas,”bananinha!” Pietro ri enquanto Alessandro quase se dobra em si mesmo.

“Mas como você é cretino,não?”

A jovem russa sacode a cabeça e ri, depois come livremente mais uma cereja. Alessandro se aproxima de Pietro e diz baixinho: ”Quer dizer,você tem dois filhos, daqui a pouco vai completar 40 anos e ainda assim. Será que eu daqui a três anos vou ser como você? Isso me preocupa. Me preocupa muito.”

“Por quê? Veja que em três anos muitas coisas podem mudar.Você pode se casar, também ter um filho e depois experimentar uma estrangeira...Você consegue, força, também até me superar. Foi você quem disse!Com aquela publicidade da Adidas, Impossible is nothing, e vai desistir logo agora? Vamos, cacete, você consegue. Vamos para sua casa? Empresta ela para mim só por está noite!”

“Mas o quê,enloqueceu?”

“Não, você é que está louco! Mas, cacete, quando é que vai me aparecer uma russa como está, você viu como ela é linda?”

Alessandro se afasta um pouco de Pietro.

“Sim, de fato...”

“Que de fato, é uma coisa de sonho. Uma russa, pernas longuíssimas. Olhe, olhe como come as cerejas...Imagine quando come...”Pietro solta um assovio beliscando-o entre as pernas.

“Sim, bananinha. Ai, ai, para, e chega...”

A russa ri novamente. Pietro, para tentar convencer Alessandro, mostra um envelope dentro do paletó.

“Presta atenção aqui ,já terminei o relatório daquela ação com a Butch & Butch. Vocês estão dentro, com uma cláusula que lhes garante mais dois anos de contrato. Já enviei por correio registrado, veja, eu tinha que entregá-lo só na semana que vem. No entanto eu entrego hoje para você. Está bem? Imagine como você vai brilhar na firma. Você não é o chefe. É o grande chefe. Em troca, porém...”

“Sim,está bem, venha tomar alguma coisa em minha casa. E convido também...” Aponta para a russa.
“Muito bem,percebe com você as negociações sempre terminam bem?!?

“Mas, veja bem,não vai ser como no Último beijo. Eu não quero me envolver nas suas confusões, entendeu? Você vai resolver sozinho com Susanna e não vai me por no meio.”

“Resolvo fácil. Vou dizer que fiquei até tarde na sua casa. É verdade, não?

“Sim,sim...a verdade.”

“E além disso pense como ela pode ser boazinha. Muito melhor do que aquela salada...cerejas, bananas e ela. É essa é a verdadeira salada russa.”

“Escuta, por que, no lugar de se tornar advogado, você não se dedicou ao cabaret.

“E você ia escrever os meus textos?”

“Está bem, vou esperar lá fora.Vou me despedir de Alessia,Aliás,você ...”

“Sim, sim, eu sei, eu não deveria ter contado de Elena, mas fiz isso por você,juro, você vai ver, quando a comer, vai pensar em mim...”

“Claro, vou pensar logo em você ...”

“Está bem, então quando você a comer, não vai pensar em mim. Mas depois você vai refletir e compreender que foi por mérito meu.”

“Você ainda não entendeu. Não vou ter um caso com Alessia.”

“Não entendi, por quê?”

“Não quero saber de histórias no escritório.”

“Mas, então desculpe, e a Elena?”

“Não tem nada a ver, ela entrou depois na firma. E, além disso, fica num setor completamente diferente.”

“E daí?”

“E daí, Alessa é minha assistente.”

“Melhor ainda, desculpe, você pode fazer a coisa no escritório. Legal, não? Vocês fecham a porta e ninguém pode falar nada.”

“O.k, vamos fazer assim. Muito obrigado desde já, está bem? Vou me despedir dela depois vamos. Estou ficando cansado.”

Alessia está na sala conversando com uma amiga.
“Tchau,Alessia, nós já vamos, nos vemos amanha no escritório. Eu sei que fomos convidados pelo verdadeiro chefe. Mas eu não sei por quê.”

“Bem amanhã, vamos descobrir tudo.” Alessia se levanta e o beija em ambas as faces.

”O.k.,Tchau,obrigado por ter passado fiquei contente. Cumprimente o seu guarda-costas...”

“Sim,o meu fofoqueiro. Eu o carrego comigo só para o caso de me esquecer de contar alguma besteira minha para alguém...”

Alessia atira a cabeça para trás e estende os braços para frente, como para dizer ”Ora, perdoa ele!”

Alessandro se despede educadamente também da jovem no sofá, que só ergue o queixo em resposta e esboça um sorriso. Não tem ninguém mais a quem se despedir. Bem. Alessandro vai em direção da porta. No final do corredor, está Pietro com a russa. Mas não estão sós.

“E elas?”

Duas jovens quase idênticas à comedora de cerejas estão de pé, ao lado de Pietro.

“Ela disse que não vem sem suas amigas. Vamos, é só para beber alguma coisa. E,além disso, não as suas modelos? Para a publicidade que você está fazendo agora? Foi você quem as

escolheu.”

“Entendi, mas as escolhi para trabalhar.”

“Como você é exagerado. Você não sabe que um monte de gente hoje leva trabalho para casa?”

“Ah, então. Quer dizer que enquanto você trabalha eu tenho que conversar com elas? Eu esperava poder dormir, não? Amanhã eu tenho um dia daqueles, verdade,uma reunião importante. Assim, não vai dar mesmo.”

“Mas eu, como sempre,já pensei em tudo. Olhe aqui!”

Andrea Soldini surge atrás de Pietro.

”Então,vamos?”Tratando de assumir uma atitude, abraça uma das russas e se adianta para fora do apartamento. Pietro observa Alessandro e lhe dá uma piscadela.

“Viu? Ele vai se encarregar, Soldini, um entreteneur nato. Ficava na escrivaninha ao lado de Elena.”, diz Pietro dando uma piscadela a Alessandro.

“Sim,eu sei.”
“Mas, você se lembra dele?”

“Eu? Não, foi ele quem falou.”

Saem todos, juntamente do saquinho de cerejas que Pietro, escondido, colocou no bolso do casaco. Saem do edifício e sobem no carro.

“Caramba! Muito bonito este Mercedes, é o novo ML, não é?” Andrea começa a mexer em tudo, depois salta divertido no assento de trás. ”E, além disso, é muito cômodo!”

Pietro se acomoda entre as duas jovens.

”Sim nada mau...mas essas duas são realmente uma fábula...E depois, vejam aqui, voilá”, e tira de dentro do paletó uma garrafa de passito. ”Geladinha, acabei de abrir! Sirvam-se”, e do outro lado do bolso retira os copos, ”desculpem, são de plástico. Não pode se ter tudo na vida, mas se pode aspirar a tudo. Porque a felicidade não é um ponto de chegada, mas sim um estilo de vida...”

Alessandro dirige e o observar pelo retrovisor. ”E essa,onde você ouviu?”

“Lamento contar a você. Da Elena.”

Elena,Elena,Elena.

“Mas você falava muito com ela?”

“Por trabalho, só é sempre trabalho, eu trabalho muitíssimo. ”Em seguida, brincado, Pietro enfia a mão entre as pernas de uma das russas, mas sem tocar nela. Só roçando. Levanta mão como se tivesse encontrado alguma coisa.

“Voilá.” Abre a mão. ”Uma cereja de verdade! É por isso que elas são tão doces!” E a oferece para a outra russa, sentada ao lado dele, que come com prazer. E ri.

“Hummm,boa.”

Pietro ergue as sobrancelhas. ”A noite promete bem.”

“Desculpe, Alessandro,estamos indo para a sua casa, não é?” Alessandro faz que sim com a cabeça. ”E daí?

“E daí, o que Elena vai dizer quando nos vir chegando com essas três cerejinhas?”

Pietro se inclina para frente e dá um tapa no ombro esquerdo dele. ”Muito bem!Essa é boa!” Em seguida, troca um olhar com Alessandro no retrovisor e se recompõe. ”Bem,ótima observação. O que vai responder?”

“Com a verdade. Elena está fora a trabalho e volta daqui a dois dias.”
“Ah,então agora estamos mais tranqüilos.”

“Vou pedir só um favor.”

“Já sei.Nenhuma palavra sobre hoje a noite,é isso?”, diz Pietro.

“Sim, claro. E então vou pedir dois. Não falem mais nada de Elena.”

“Por quê?”, pergunta ingenuamente Andrea.

“Porque eu me sinto culpado.”

Pietro arregala os olhos, depois cruza o olhar com Alessandro no retrovisor e, com uma piscadela, promete silêncio absoluto. Além do mais, para isso somos amigos.

_____9_____

Noite de janelas semi abertas para colher um sinal da primavera. Noite de cobertores e lembranças que deixam duvidas e um sabor amargo na boca. Niki gira de um lado para o outro. O passado às vezes torna o travesseiro incômodos.

Mas o que é o amor? Existe uma regra. Uma forma, uma receita? Ou tudo é casual e você só deve esperar ter sorte? Perguntas difíceis enquanto o relógio em forma de prancha de surf, preso na parede, assinala a meia noite. Fabio. Engraçado, aquele dia. Aliás, lindo. Ainda lembro dele. Setembro. Ar agradável e céu azul-escuro de uma noite recém-chegada.

Ele e os outros num concerto improvisado, dentro de um salão abandonado, um palco a ser inventado, enquanto numa parede de gesso algumas escritas fazem o papel de graftis e spray. E nós estamos ali por acaso, graças a uma daquelas dicas de alguém conhecido. Gosto do estilo dele. Palavras de fogos para canções funk que arranham o coração. E Olly, dizendo que ele é bom de morrer! E eu, quando ela diz sinto uma espécie de incômodo. Porque é bonitinho. Eu sei. E de vez em quando nos olhamos ele me aponta quando canta.

Emoção de dois que brincam de longe em cima e embaixo de um palco improvisado, entre um scratch e gente que faz popping e dança rápido e explode com ritmos agitados. E depois, surpresa, o reencontro na escola, numa outra turma, e descubro que somos conterrâneos, que olha e sorri para mim. Sim, é mesmo bonitinho... Começam a sair juntos depois da aula para dar uma volta na motoneta, m sorvete, uma cerejinha nos centros sociais, algum conjunto para ouvir durante os ensaios nos porões.

Até que tudo se transforma num beijo no meio de sons e cores de uma noite de sábado num local. Depois a viagem continua e o beijo torna-se uma noite a sós aqui em casa, com os meus pais num dos habituais jantares e o irmão dormindo na casa de Vanni. Uma casa grande demais, para um amor talvez ainda pequeno. Ele com uma flor.

Só uma dela, ele explica, assim ele é único e não está perdido num maço onde se confunde. Um beijo. Não só um. Outro. E mais um ainda. Mãos se entrelaçam, os olhos que buscam, encontram espaços e novos panoramas. Aquela vez. Momento único.

Que gostaria que não terminasse. Que deveria ser inicio de tudo. Descubrirem-se vulneráveis e frágeis, curiosos e doces. Uma explosão. Eu que no dia seguinte, na escola, reúno as Ondas e relato tudo e me sinto grande. Ele que me procura, vem me buscar e diz: ”Você é minha. Nunca vai me deixar. Estamos tão bem juntos.Te amo”. E depois ainda: ”Onde você estava? Quem era aquele? Mas por que está noite você não fica comigo em vez de ir para a balada com as suas amigas?”

É perceber que talvez amar seja outra coisa. É sentir-se leve e livre. É saber que o coração dos outros não lhe é devido, não lhe pertence, não lhe cabe por contrato. A cada dia você deve merecê-lo. E dizê-lo. E dizer a ele. E compreender pelas respostas que talvez seja necessário mudar. É necessário mudar. É necessário ir embora pra reencontrar o caminho. Fabio que me olha bravo, de pé diante do portão.

E diz que não, que estou errada, que somos felizes juntos. Agarra meu braço e aperta com força. Porque, quando alguém que você deseja se vai, você tenta mantê-lo com as mãos e espera assim prender também seu coração. E não é assim. O coração tem pernas que você não vê. E Fabio vai embora dizendo você vai me pagar, mas o amor não é divida a ser liquidada, não dá créditos, não aceita descontos.

Duas lagrimas descem devagar, quase tímidas e preocupadas de sujar o travesseiro. Niki o abraça inteirinho. E por um instante sente-se protegida por aquele cobertor que a separa do mundo.

Meia-noite e meia.Niki se revira novamente. O travesseiro é incômodo. Como um pensamento afiado colocado embaixo do colchão. Barulho da fechadura que abre. Reflexo de uma luz que chega do corredor.

“Realmente os Franscari são um casal absurdo! Você ouviu o que ele disse? Está bravo porque a esposa não se escreveu com ele no curso de tango! Mas se ela não liga para dançar!” Simona coloca as chaves sobre a mesinha, como sempre faz. Niki ouve o barulho. E imagina. E os ouve falar.

“Sim, mas para ele seria um gesto de amor. Ele sabe que ela não gosta, mas por uma vez ele gostaria que ela o acompanhasse.”

“Sim, mas você não pode pretender que alguém, só porque te ama, deva fazer algo que não lhe interessa! Ele deveria dizer: querida, faça o que bem entende e depois á noite, em casa, contamos um para o outro! Assim é mais divertido! E há uma troca...”

“Sim, entendi, você por exemplo, vai fazer hidroginástica e eu vou jogar tênis!”

“E eu nem sonharia em pedir para você colocar bóias e fazer o curso comigo e mais dezenove mulheres!”

“Mesmo porque o que eu ia fazer sozinho no meio de vinte mulheres e vestido como um invento de Leonardo da Vinci?! Mas... pensando melhor... vinte mulheres, você disse?!”

“Bobão! Sim, mas todas neuróticas! Você ficou com a melhor ...”

O barulho de uma cadeira que se move, como que empurrada. Depois silêncio. Aquele silêncio repleto. Profundo. O silêncio dos beijos. Aquele que relata e fala de sonhos, de fábulas e tesouros escondidos. Os mais bonitos. E Niki sabe.

E enquanto aperta mais forte o travesseiro pensa que talvez o amor verdadeiro seja aquele de seus pais. Um amor simples, cheio de jornadas comuns, cada um com seu compromisso e próprios hobbies. Um amor feito de risadas e brincadeiras quando se volta para a casa à noite, feito de cafés da manhã, de filhos para crescer, de projetos ainda não realizados.

Sim, os meus pais se amam. E não foram o primeiro amor um do outro. Conheceram-se depois de terem amado outras pessoas. E talvez não dessa forma. Talvez seja necessário viajar antes de compreender qual é a meta certa para nós. Talvez a primeira vez seja cada vez que amamos.

_____10_____

"Que bela casa...", diz uma das russas.

Alessandro olha para ela e sorri. Elena nunca falou isto! Nem abre a porta e Andrea Soldini já se esgueira e começa a andar pela sala.

"Realmente bonita, sério... Ah, sim, espere, eu já havia visto essas fotos aqui. Sim, Elena as levou para o escritório porque queria mandar fazer as molduras. Ficaram muito bem... Alias, são as fotos do seu trabalho, não é?

"Sim." Alessandro deixa entrar também Pietro e as três garotas russas. "Então, aqui é a sala, esse é o banheiro dos hóspedes, ali a cozinha", continua andando acompanhado por todos. "O quarto de hóspedes com seu banheiro, o.k.? Se por acaso for necessário..." Pietro e Andrea olham para o outro e sorriem.

"Sim", diz Andrea, "se por acaso."

"Bem, o importante é tudo que se passe no máximo silencio. Porque já são quase duas horas e eu vou dormir... Lá", e aponta uma grande sala no fundo do corredor que sai da sala.

"Eu não me lembrava disso!", Diz Pietro satisfeito.

"De fato não era assim. Elena quis fazer umas mudanças."

"Mas como, bem agora que..." , mas Pietro lembra que Andrea está ali.

"Bem agora?"

"Não, eu dizia, mas por que ligo agora... Em geral, as reformas são feitas no verão, não na primavera!"

"Sim, claro... Desculpe,Alessandro, então fica justificado por que você esta tão estressado."

"Sim, você esta estressado. Quer uma cereja?"

"Não, obrigado. Vou dormir."

"Uma salada russa?"

"Também não."

"Esta vendo que esta estressado?"

"Sim, esta bem, boa noite. Não façam bagunça e ao sair fechem a porta devagar os vizinhos se queixam quando bate."

Pietro abre os braços. "Absurdo. Deviam ser processados."

Alessandro se tranca a chave no quarto, despe-se rapidamente, escova os dentes e se enfia na cama. Liga a televisão e procura algo para assistir mudando os canais.

Mas nada o interessa. Levanta-se. Abre o armário que era de Elena. Vazio. Abre algumas

gavetas. Há só alguns saches que ela havia feito. Pega um. Madressilva. Outro.

Magnólia. Outro mais. Ciclame. Nenhum tem o perfume dela. Vai de novo para a cama, desliga a televisão, a luz e depois fecha os olhos devagar. No escuro, antes de adormecer completamente, algumas imagens confusas, lembranças.

Aquela vez que foram ao cinema e, depois de comprar as entradas, ele percebeu que deixara a carteira no carro. Depois de procurar em todos os bolsos, embaraçado, Elena entregou o dinheiro a caixa, dizendo para a moça, loira e bonitinha, que fazia de ocnta não perceber nada para não ocolocar em dificuldades: “Você deve desculpa-lo, é pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas ainda não admite e para me deixar pagar ele preicsa antes fazer toda uma cena”.

E ele queria desaparecer. Ou quando tirou o fôlego dele ao entrar no quarto só com uma camisola transparente... E depois naquele sofá...Tum, Tum, Tum. Com vontade. Com paixão. Com raiva. Com desejo. Tum, Tum, Tum. Mas não fazia tanto barulho...Tum, Tum, Tum. Alessandro acorda assustado.” O que é? O que esta acontecendo?”

“Sou Ilenia.”

“Ilenia o que?”

“Ilenia Burikova.”

Mas que é você, gostaria de responder Alessandro, não a conheço.

“Sou Ilenia.” Finalmente de lembra das russas andando pela casa. Levanta-se,abre a porta do quarto.”Esta ouvindo? Aquele sujeito esta passando mal...”

“Mas quem?”

“Aquele que eu não lembro o nome. A minha amiga Irina esta chamando por socorro.”

“Socorro? Mas quem esta chamando por socorro? O que esta dizendo?”

Alessandro veste rapidamente uma camiseta e corre pelo corredor. Nem chega a sala e vê Irina no terraço, debruçada no parapeito, gritando como louca.

“Socorro, socorro! Homem esta passando muito mal. Depressa, chamem todos, homem quase morto!”
Alessandro sai ao terraço, pega a russa pela mão tentando fazê-la entrar.

“Socorro, socorro, socorro, ele esta mal”, parece um disco furado, “socorro!”
“Chega! Que zorra você esta fazendo? Mas quem é que esta passando mal?”

“Ali, no banheiro!”

Alessandro deixa a russa e corre para lá. Andrea Soldini esta todo estirado no chão, abraçando o vaso, respira com dificuldade. Quando vê Alessandro, esboça um sorriso. Está completamente suado.

“Não estou bem, Alex, estou mal...”

“Percebe-se. Relaxa, agora vai melhorar...”

“Não, é que sou cardíaco, sinto muito, cheirei cocaína...”

“O que? Você é uma idiota! Pietro, Pietro, onde você esta, Pietro?”

Alessandro ajuda Andrea Soldini a se erguer. Depois sai do banheiro segurando-o pelo braço e procurando fazê-lo andar. O quarto de hospedes se abre. Pietro, esbaforido, sai, vestido a camisa enquanto a garota russa surge na porta, sorrindo e comendo uma cereja. Melhor do que qualquer spot pensa Alessandro, sacudindo a cabeça.

“Então? O que esta acontecendo?”

“Esse ai tomou cocaína e agora esta mal... Mas eu gostaria de saber quem do cacete foi que trouxe a coca para a minha casa?”

Andrea respira com dificuldade. “mas não, não é a culpa de ninguém, me deram um pouco na casa de Alessia.”

“Na casa de Alessia?”

“Sim, mas não vou dizer quem deu.”

“Mas que cacete me interessa quem deu? Então foi você quem trouxe pra cá?”

“Eu peguei pra fazer bonito com as russas.”

Pietro agarra pelo outro ombro, ergue-o, fazendo-o andar. “E, dá para ver, que bonito você fez. Você esta branco como um lençol. Devia ter comido as cerejas.”

Veruska ficou na porta. “Pietro, venha para o quarto, estou com vontade... Quando chega a macedônia que prometeu?”

“Eh, já vou, já vou, você não esta vendo que aqui temos um vitaminado?”

Do terraço chegam as outras duas russas. Agora parecem mais tranqüilas.

“Tudo certo, a ambulância chegou. Esta subindo também a policia...”

Alessandro fica completamente pálido. “Como, a policia? Mas quem chamou?”

“Nós, nós tudo regular. Nós estamos em ordem com a licença de trabalho.”

“Mas que licenças, aqui os problemas são outros.” Inclina-se sobre Andrea. “mas tem certeza de que não tem mais nenhuma droga?”

“Não, isto é, sim...bem pouquinho, um envelopinho debaixo do vaso.”

“Debaixo do vaso? Mas você esta louco! Você devia ter jogado dentro do vaso!”

Alessandro se precipita para o banheiro, encontra o envelope com um pouco de pó branco e tem apenas tempo de atirá-lo dentro do vaso antes de batam a porta.

“Abram.”

Alessandro da a descarga e corre para abrir a porta. “Pronto!”
Na sua frente dois paramédicos com uma maca dobrável e atrás dois policiais.

Os dois paramédicos olham para dentro e vêem Pietro que sustenta Andrea. Entram rapidamente.

“Rápido, vamos deitá-lo, abram a gola da camisa. Afastem-se, deixem ele respirar.”

Um dos dois observa as russas, o outro profissional lhe chama a atenção. “Vamos pegue o esfigmomanômetro para medir a pressão dele, vamos.”

“Boa noite. Então, o que esta acontecendo aqui?” Os policiais mostram as suas identificações e entram. Alessandro tem apensar tempo de ler. Pasquale Serra e Alfonso Carreti. Um deles da uma volta na sala e avalia a situação. O outro tira um bloquinho do bolso e começa anotar alguma coisa.

Alessandro se aproxima em seguida. “O que faz. O que esta escrevendo?”

“Nada, por quê? Estou fazendo anotações. Mas por que está preocupado?”

“Não, não é nada, só para entender.”

“Somos nós que devemos entender. Então recebemos uma queixa de – estou lendo – uma festinha estranha.”

“ Mas que festinha estranha, onde?” Alessandro olha preocupado para Pietro. “É uma festa normalíssima e alem disso, uma festa... Nem festa é, somos alguns amigos que nos encontramos aqui para beber alguma coisa em paz.”

“Entendi, entendi”, concorda o policial, “com algumas russas... correto?”

“Bem, são moças, modelos, com as quais acabamos de rodar uma campanha publicitária...”

“Logo, para trabalhar...”, continua o policial, “tiveram que vir para cá. Digamos que estão ainda continuando o trabalho, certo? Quer dizer, é uma espécie de hora extra... correto?”

“Desculpe, mas o que entende por ‘tiveram que’?”

Pietro percebe que Alessandro esta se alterando.

“Desculpe, pode vir aqui um instante?”, convida o policial para ir ate a cozinha.

“Posso lhe oferecer algo?”

“Obrigado, mas em serviço não.”

“Bem,” Pietro se aproxima com ar de cumplicidade, “em parte foi minha culpa. Estávamos numa festa e as coisas corriam bem para mim com uma das russas...”

“Entendi, então?”

“Não, espere, vou apresentá-la... Veruska, você pode vir aqui um instante?”

Veruska chega com uma camiseta longa que a cobre, mas ressalta suas pernas nuas e longuíssimas.

“Sim, digo Pietro,” ri.

“Diga,diga, é assim que se fala.”

“Ah, o.k., diga...”, ri a russa.

“Veruska, eu queria lhe apresentar o nosso policial...”

Ele leva a mão ao quepe e cumprimenta: “Prazer. Alfonso.”

“Viu, Veruska, que belo uniforme eles usam?”

Veruska se faz de engraçadinha e toca alguns botões da casaca. “Sim, cheia de botõezinhos pequenos... pequenos como cerejas.”

“Isto, muito bem. Veja Alfonso, Veruska reencontra no uniforme os valores da terra, as origens mais simples. Pois é, estávamos agradavelmente conversando com essas nossas amigas russas... só isso.”

“Eu entendo, eu sei... mas, quando os vizinhos nos chamam por causa de barulho de noite e festinhas estranhas, o senhor compreende...”

“Compreendo. É seu dever intervir...”

“Exatamente.”

Retornam para a sala. Andrea ainda esta deitado na maca, mas readquiriu alguma cor. As outras duas garotas russas e Alessandro estão ao redor dele.

“Como vai, tudo bem?”

“Melhor...”, diz Andrea.

Um dos paramédicos se levanta. “Tudo sob controle, estava com uma arritmia estranha, uma vez que é cardíaco, aplicamos logo um cardiotônico.
Pietro aproveita a deixa. “Sim, deveria beber menos café.”

“No máximo um pela manha e certamente não à noite.”

O policial guarda seu bloquinho. “Tudo em ordem, então podemos ir. Procurem deixar o som baixo. Parece que tem vizinhos bastante sensíveis a qualquer tipo de barulho.”

“Sim, não se preocupe, agora todos vão para a cama.” Alessandro

“Sim, claro, sim...” Pietro compreende que não há possibilidade de réplica.

Os paramédicos pegam a maca e se encaminham para a saída, acompanhados pelos policiais. De repente, Serra, aquele que ainda não tinha aberto a boca, se detém.

“Desculpe, posso pedir um favor? Posso usar o banheiro?”

“Pois não.” Alessandro gentil mostra o caminho. Mas, quando entra, percebe que o envelopinho ainda bóia na espuma do vaso e aperta a descarga. Sai rapidamente fechando a porta atrás de si.

“Desculpe, sinto muito, esqueci que este banheiro esta com um problema na descarga. Por favor, venha por aqui... vai usar o meu pessoal.” Acompanha-o e o deixa entrar. Depois fecha a parta e permanece ali, como de guarda, e corri ao longe para o outro policial.

Mas, Alfonso Carreti, curioso e desconfiado, aproxima-se do primeiro bainheiro. Alessandro torna-se pálido. Pietro é mais rápido e, antes que abra a parta, desloca-se no meio.

“Sinto muito, mas nesse não funciona a descarga. Daqui a um instante o outro vai estar livre.” Pietro sorri. “E, aproveitando, queria dizer-lhe, Alfonso, que foram realmente gentis. É difícil delinear os limites entre uma visita e uma perquisição. Que justamente como tal, requer um mandado, porque senão eclode imediatamente o abuso de poder por parte do agente de segurança, enquadrando-se assim entre as hipóteses do crime ilícito ou antijurídico especial...” Depois, Pietro sorri. “Quer uma cereja?”

“Eu não gosto de cerejas.”

Pietro mantém o olhar firme. Não tem medo. Ou pelo menos não o demonstra. Esta sempre a sua força. Tranqüilo, sereno, acostumado a blefar mesmo nas coisas mais complicadas. Alessandro volta para a sala com o outro policial.

“Obrigado, foi muito gentil.”
Alfonso ergue a sobrancelha e olha uma ultima vez para Pietro e depois para Alessandro.

“Não nos obriguem a voltar aqui. Da próxima vez, se viermos, será com o mandado...” E saem, fechando a porta com força.

Alessandro também apaga as luzes do terraço e olha para baixo, na rua. Logo vê sair os paramédicos e os policias. Observa a ambulância partir, com a sirene desligada, e o carro da policia que sai, cantando pneus, Alessandro entra em casa e fecha a porta deslizante.

“Muito bem. Parabéns. Se vocês queriam me fazer passar uma noite de terror, conseguiram.”

“Podia ser uma ideia para uma nova campanha publicitária.”

“Pietro, não tem graça, não estou a fim de brincar. Vamos, são três e meia. Fora daqui. Eu preciso dormir. Amanha às oito e meia tenho um encontro importante e não sei do que se trata. Levem embora as amigas russas, façam o que quiserem...”

“Puxa, também não parecia exagerar, esta fazendo com que nos sintamos culpados...”

“Eh”, diz uma das russas, “entre só, o hospede é sempre sagrado.”

“de fato, quando formos gravar uma campanha publicitária na Rússia, tudo será mais fácil, não é? Mas agora estamos aqui, e vocês não têm absolutamente nenhuma culpa... Mas eu devo absolutamente dormir... Por favor...”

Andrea se aproxima de Alessandro. “Desculpe se criei toda essa confusão, foi só para criar uma impressão nelas.”

“Imagine, estou contente que você esteja melhor.”

“Obrigado, Alex, obrigado mesmo.”
E assim aquela estranha companhia sai de casa. Alessandro finalmente fecha a porta e dá dois giros de chave para estar certo de que pelo menos aquela noite nada mais vai acontecer. O

mundo que fiquei lá fora. Antes de ir para o quarto, passa pelo banheiro, aquele da falsa descarga quebrada. O envelopinho desapareceu. Depois olha melhor lateralmente. Atrás da pia há um papel enrolado.

Cem euros. Abaixa-se, pega o papelote e o desenrola. Ainda está empoeirado de branco. Abre a torneira e o coloca debaixo do jato de água. Lava-o bem. Pronto. Todas as provas desapareceram definitivamente. Depois o estende sobre a borda e vai para o quarto. Apaga a luz, tira a camiseta, entra debaixo dos lençóis e se deita. Estica os braços e as pernas, buscando novamente a sua tranquilidade.

Que noitada... Quem sabe onde estará Elena nesse instante? De qualquer forma, compreende que Andrea Soldini não esta mais no seu escritório. Deve tê-lo mandado embora. Uma coisa é certa. Não se ele será alguém que marca no primeiro encontro. Mas certamente eu não o esquecerei mais.

E, com esse ultimo pensamento, Alessandro adormece.

_____11_____

Quarto índigo. Ela.

Ele está ali há mais de dois meses, apoiado sobre a escrivaninha. Cor cinza-claro, um pouco empoeirado, tela de 15”, fechado.

O que fazer, ligar?

A jovem dá voltas e voltas diante daquele notebook misterioso.

Como é que alguém consegue esquecer um computador ao lado de um latão de lixo?

Quer dizer, precisa ser mesmo burro.

Mas por que será que se diz "burro”? Será que os burros são tontos?

Não me parece. Pelo contrário, sabem o que querem. De qualquer forma, quem esquece um notebook assim deve ser um pouco girado. A jovem senta-se à escrivaninha. Abre notebook. Vê uma pequena etiqueta embaixo da tela.

“Anselmo 2.”

Não acredito. Em geral aqui se escreve o nome do computador.

“Anselmo 2, a Vingança.”

Estamos bem. Mas... e se for o nome do proprietário? Anselmo.

Não sei. Aciona a tecla de ligar . Mas, não é meu... não deveria.

Mas se não ligar como posso saber de quem é sabe devolvê-lo?

A tela azul do Windows, com o som clássico de saudação, surge diante dela. Raios. Veja só. Nem colocou uma senha de proteção. Quer dizer, qualquer um abre, sem proteção... Na tela surge a imagem de um por do sol no mar. O céu apresenta cores acesas e quentes e as ondas são suaves. Uma gaivota voa longe. Poucos ícones. Experimenta abrir o Outlook. Estou curiosa. Vamos ver os seus e-mails. Poucas pastas. Veja só... entre os recebidos muitos apresentam “Casa Editora” no campo "De".

Alguém que escreve? Mas homem ou mulher?

Depois “Escritório". Sei lá, deve ser coisa de trabalho. Depois outros nomes: Giulio, Sergio, *After-Eight* e vários apelidos. Saudações, *links,* vídeo, piadas. Alguns convites. Vamos ver entre os enviados. Muitos para essa Casa Editora e outros para os mesmos nomes de antes. Uma garota aparece com freqüência. Carlotta. Todos são assinados SteXXX. Ah,ainda bem, então não se chama Anselmo 2. Deixe-me ler mais um pouco. Abre outro e-mail. Stefano. Pronto, agora sim, é um homem. Depois mais um.

"Olá, tentei chamar você hoje, mas estava desligado. Posso ter a honra de convidá-lo sábado para jantar? Ficarei satisfeito."

Satisfeito. É um homem.

A honra?

Mas que linguagem. Estou cometendo um crime. Violação de privacidade. Não, talvez, violação do latão lixo. Estou pouco aí para isso. Sou uma *voyeuse*. E ri para si mesma. Depois continua examinando e termina em “Documentos" Deixe ver. Ah, aqui está... “Fotos". Abre a pasta amarela. Muitas paisagens e fofos de animais, barcos, vários detalhes. Nenhuma pessoa. Nenhum rosto. Nem mesmo fotos pornôs. Menos mal, pensa. Fecha e volta para o *desktop*. Entre os poucos ícones um traz o nome de Martin. Talvez seja este o nome dele. Abre. Contém vários arquivos Word. Escolhe um ao acaso e clica.

“... estava excessivamente empenhada tentando conciliar aquele discurso estouvado e gaguejante e a ingenuidade daqueles pensamentos com o que via no rosto dele. Nunca vira tanta energia nos olhos de um homem. Eis alguém que pode realizar qualquer coisa, era a mensagem que lia naquele olhar, uma mensagem que combinava pouco com a fraqueza das palavras que estava formulando. Sem contar que a sua era uma mente excessivamente refinada e ágil para poder apreciar simplicidade."

Mas o que será? Um livro? Não diz nada. Será que ele escreve?

De fato tem os e-mails da "Casa Editora". A jovem continua examinando o arquivo.

“Lembrando dela agora, a partir de sua nova posição, a sua velha realidade terras, mares e navios, marinheiros e mulheres fáceis parecia pequena, mas fundiam com aquele novo mundo e parecia expandir-se com este. Com a sua mente tensa em busca da unidade, ficou surpreso quando percebeu que existiam pontos de contar entre esses dois mundos."

Bem, não parece ruim. Dois mundos. Diversos. Pontos de contato... Fecha: arquivo e desliga o computador. E assim, sem nenhuma razão particular, sente de repente que alguma coisa começa a crescer dentro dela. Uma nova curiosidade. Uma excitação vaga A idéia de mergulhar num outro universo. Uma escapatória a um pensamento que há algum tempo ronda em sua mente. E essa garota, depois de muito tempo, sorri.

_____12_____

Bom dia, mundo. Niki se espreguiça.

Hoje vai me dar um presente?

Eu queria levantar da cama e encontrar uma rosa. Não vermelha. Branca. Pura. Toda para ser escrita como se fosse uma página em branco. Uma rosa deixada por alguém que pensa em mim e que eu não conheço ainda. Eu sei. Um contrassenso. Mas me faria sorrir. Eu a levaria comigo para a escola

Ia apoiá-la sobre a carteira, assim, sem dizer nada As Ondas chegariam todo curiosas.

“Ei! Quem deu para voce?"

“Fabio?"

“Está novamente a fim?”

“Imagine só, ele, uma rosa, ainda se fosse um ouriço de castanha seco!"

E todas rindo. E eu ainda não respondo. Ia deixá-la ali a manhã toda Depois na última hora eu tiraria uma pétala de cada vez e com pincel azul escreveria, com uma letra de cada vez, a frase daquela belíssima canção: "Há um princípio de alegria entre os obstáculos do coração que eu quero merecer...” e depois atiraria as pétalas pela janela. E o vento as levaria embora. Quem sabe alguém as encontraria. Recolocaria em ordem. Leria a frase. E viria procurar por mim. Talvez ele. Sim. Mas ele quem?

Alessandro acorda assustado e se revira de repente na cama. O despertador Já tocou. Mas que maldição, não. Merda, merda, merda. Desce da cama como um jato, tropeça nos chinelos.

Mas quando foi que eu o desliguei? Ou não ouvi mesmo? Ou ontem à noite, com toda aquela confusão, acabei não ligando o despertador? Não é possível.

Entra quase deslizando na cozinha. Prepara a cafeteira, coloca-a sobre o fogão e acende o fogo. Em seguida, corre para o banheiro, pega o barbeador elétrico e, quanto faz a barba, gira pela sala Tenta arrumar de algum jeito as marcas da noite anterior. De qualquer forma, hoje vem a mulher da limpeza. Diabos, deixe-me examinar um pouco aqui...

Entra no quarto de hóspedes. Encontra uma tigela. Mais cerejas. Não é possível. Pega e joga tudo no lixo da cozinha. Depois volta ao banheiro de hóspedes, dá mais uma boa olhada na bacia, na pia, no chão, em toda parte. Bem. Nenhum sinal. Era só o que faltava. Famoso publicitário preso por posse de droga. Justamente eu, antidroga por definição. E claro, nesse ambiente... Ninguém ia acreditar. E assim, na dúvida, dá de novo a descarga e sai do banheiro.

Liga a música na sala, e ao som de Julieta Venegas reencontra um pouco de bom humor. Quase começa a dançar. Mantém o ritmo enquanto faz a barba. Mas sim, diabos, eu preciso estar feliz. Ainda tenho 36 anos, tenho um monte de sucessos nas costas, ganhei inúmeros prêmios de propaganda.

Está certo, meu pai e minha mãe gostariam muito que eu casasse e isso talvez venha a acontecer. Ou talvez não. Em todo caso, eu sou alguém se pode agradar. Tranquilamente. Aliás. Observa-se mais um pouco no espelho da sala, aproxima o rosto e o examina. Não pouco. Muito pelo contrário. Posso agradar, muito. Cuidado. Cuidado... Querida Elena, será você a sofrer e a roer as unhas. Vai voltar e eu, com muita classe, vou deixá-la entrar e irá encontrar flores. E com esta certeza, mesmo porque é a única que tem à disposição, toma o café.

Alessandro acrescenta um pouco de leite frio. Em seguida, ouvindo *And it's supposed to be lave*, de *Ayo*, entra embaixo de uma ducha com um jato de água bem fresca. Mas qual será o assunto da entrevista de hoje?

Diabos, estou atrasado... atrasado demais. E, tomado de ansiedade, sai rapidamente do chuveiro e começa a se enxugar. Preciso andar logo, logo.

“Mas, Niki, você nem tomou café.”

“Sim, mamãe, tomei café.”

“E não vai comer nada?”

"Não vai dar. Estou atrasada Um atraso fodido.”

“Niki, já disse mil vezes para não filar desse jeito.”

“Oh, mãe, nem quando estou atrasada?”

“Não, nem assim. Você vai de moto?”

“Sim.”

“Vá devagar, viu, cuidado.”

“Mamãe, você fala isso todo dia. Quer ver que um dia vai dar azar?”

“Niki, essas palavras!”

"Mas se alguém traz azar, traz azar. Se prefere, posso dizer falta de sorte, mas é sempre azar, não é?”

“Mas, desculpe, você acha que se a sua mãe lhe diz todas as manhãs para andar devagar, com cuidado, ela deseja o seu mal? E, além disso, se digo isso todo dia e até agora você não teve nenhum acidente, significa que ‘vá devagar’ é bom, dá sorte!”

“O.k, o.k, Tchau, beijo!”

Niki beija a sua mãe voando. Encaixa os fones de ouvido e desce as escadas saltando nos últimos degraus. Tanto que um dos fones se solta do ouvido direito. Ela rapidamente o recoloca para ouvir melhor *Bop to the top*, de High School Musical. Sai pelo portão, vai para a garage, monta rápido no seu SH50, dá um golpe ao pedal e, dada a partida, sai a toda velocidade do quintal. Para um instante, olha à direita e a esquerda e, vendo que não há ninguém, acelera e entra no tráfego da manhã.

Alessandro avança rapidamente com o seu novo Mercedes. Acabou de comprar alguns jornais. Estar informado é importante. Quem sabe na reunião perguntem alguma coisa sobre as últimas notícias e eu não sei... Não posso me permitir isto. Assim, de vez em quando, desacelera

por causa do tráfego ou por um sinal vermelho, dá uma espiada no *Messaggero* aberto sobre o assento ao lado. Em seguida, parte novamente O tráfego, de qualquer maneira, hoje está fluindo. Alessandro mantém, quando consegue, uma boa velocidade. Está atrasado. Está atrasado... mas do mesmo jeito dá uma olhada no jornal.

Niki está realmente atrasada. Um atraso fodido. Ainda está com os fones de ouvido. Ouve a música e acelera. De vez em quando procura gingar, tentando manter o ritmo. Olha para o relógio no pulso esquerdo, observando se está conseguindo recuperar algum tempo, se vai conseguir chegar antes que aquele chato pontual do porteiro da escola feche definitivamente o portão de entrada. E assim corre a toda velocidade pelo *viale Pariolo*, acelerando, ultrapassando carros em fila dupla Depois tenta fazer urna curva para retornar.

Alessandro chega pela Mesquita. Não tem ninguém, bom. Entra no tráfego do *viaje Parioli* lendo aquela notícia incrível no *Messaggero*. Jovens roubam cinco carros para um desafio muito particular. O BumBumCar, o BBC, o novo e perigoso jogo dos jovens ricos e enfadados. Não posso crer. Fazem isso mesmo... Mas não consegue terminar a frase. Gira o volante à toda. Tenta evitá-la. Nada a fazer. Aquela garota em velocidade alucinante vai justamente bater contra a sua lateral direita.

Bum.

Um choque terrível. A jovem desaparece da visão do vidro, cai. Alessandro freia instantaneamente, fecha os olhos, range os dentes, os jornais caem no tapete. E pelo choque o volume do som do leitor de CD aumenta sozinho de repente. A música inunda o carro. *She's the one*.

Alessandro fica paralisado por um instante no assento. De olhos fechados, apertando a direção. Em suspenso. Alguma buzina começa a soar, alguém ultrapassa nervoso. Alguém curioso, um distraído, outro cínico, filho da pressa. Alessandro desce preocupado. Lentamente, dá a volta no Mercedes enquanto a música continua. Então a vê. Lá, sobre a terra, esticada, parada, imóvel. A cabeça inclinada. Está de olhos fechados, parece desmaiada. Meu Deus, pensa Alessandro, o que terá acontecido... Inclina-se um pouco para a frente. Niki abre os olhos lentamente. Vê Alessandro de cabeça para baixo. E lhe sorri.

“Meu Deus, um anjo.”

“Oxalá fosse, sou o motorista.”

“Mas que diabos”, Niki ergue-se devagar, "mas para onde diabos você estava olhando, motorista? Em que diabos você pensa quando dirige?”

“Eu sei, mas veja, eu estava na preferencial.”

“Mas o quê, o que você está dizendo? Eu vi que o sinal estava fechado para você, não me viu chegando? Ai, ai, o cotovelo está doendo muito.”

“Deixe ver... que nada, nem está ralado. Veja só o que você fez na lateral do carro.”

Niki se vira e olha para trás, torcendo-se toda.

“E veja o que você fez aqui. Estou com as calças rasgadas bem na bunda."

“Mas todos usam assim agora.”

“0 que está dizendo, imbecil, essas eram novas, recém-compradas. Jenny Artis, entende?

Gastei uma grana, mas não para tê-los arruinados assim, no primeiro dia. é- se dá conta de que ainda nem lavei pela primeira vez? Praticamente você os inaugurou. Sabe costurar?”

"Que nada."

“Quer me ajudar ao menos a levantar a moto?”

Alessandro procura, com dificuldade, desencaixar o Sh, ajudado por Niki.

“Diga, você de vez em quando vai a uma academia?”

“Ás vezes..."

“E então, força..”

Ao final conseguem, mas a motoneta escapa da mão de Niki e bade de novo no Mercedes.

“Ai!”

“Outra vez? Preste atenção, não?”

Niki arruma o boné que usa debaixo do capacete.

“Nossa Senhora, como você enche, parece o meu pai.”

"É que vocês não têm respeito pelas coisas."

“Sabe, você parece com o meu avô. E se tem alguém que não tem respeito pelas coisas é você. Veja só o que fez à minha motoca... A roda dianteira está completamente torta e, indo parar embaixo do raio do seu carro, os dois amortecedores estão dobrados.”

“Olhe, é só uma roda, é suficiente trocar.”

“Claro, só que eu devo chegar à escola, logo..."

Abre rapidamente o baú, tira grossa corrente e prende a roda traseira da motoneta em um poste ali do lado.

“Logo, o quê?”

“Logo, você me leva até a escola."

“Veja, eu não tenho tempo. Estou atrasado.”

“Eu então estou num atraso fodido. Logo eu ganhei. Vamos. Além do mais, eu poderia chamar a polícia, mandar vir uma ambulância e perder um monte de tempo. É melhor que você me leve para a escola, vamos perder menos tempo.”

Alessandro pensa um instante. Depois bufa. "Está bem, sobe." Abre a porta e a ajuda.

“Ai!, viu? Levei uma pancada atrás. Dói muito... "

"É melhor não prestar atenção.”

Alessandro também sobe e dá a partida. “Aonde eu levo você?”

“No Mamiani, depois da ponte Cavour bairro Prati.”

“Menos mal. Eu também moro ali.”

“Veja as coincidências. Mas que jeito de ouvir música...”

"Ah, sim, desculpe, o volume aumentou sozinho com a pancada.!

“Lindo, é Robbie!”

“Ah, sim.”

“O videoclipe dessa é genial, você viu?"

“Não.”

“É quando ele é um professor de patinação no gelo que trema dois jovens para uma competição importante, mas um dos dois se machuca, então ele assume o lugar e vence a competição."

“Ah, mas essa é a clássica história anglo-saxônica de final feliz.”

“Bem, para mim, é um vídeo genial. Pronto, vire aqui, chegamos antes."

“Mas aqui não pode, é só para ônibus e táxis...”

“Pois é, você está me levando, não é? Você é praticamente um táxi. Vamos, não amola, não tem ninguém. Ao menos a gente corta, pelo outro lado sempre tem uma confissão de trânsito, até minha mãe vem por aqui.”

“O.k.” Alessandro, pouco convencido, entra na pista proibida. Mas, assim que ultrapassa um ônibus, percebe que há um guarda Este vê que ele está cometendo uma infração e sorri, como quem diz “Vai firme que nessa eu já te peguei”, e retira o bloco do bolso do uniforme.

Niki se inclina para fora da janela bem quando passam em frente ao guarda grita a plenos pulmões: “Olha a inveja!” Depois volta a se assentar e olha divertida para Alessandro. “Eu odeio guardas.”

“Claro. Se havia uma possibilidade de ele não aplicar a multa, agora dançou.”

“Nossa Senhora, como você é exagerado. É só uma multa. E ele já a havia feito... Além disso, você disse a mesma coisa para a minha roda.”

“Mas você é impossível, você fez de propósito só para dizer isto para mim. Nós não vamos combinar nunca."

“Nós não precisamos combinar. Nós devemos somente tomar cuidado para não trombar... Para não ter um acidente. Fale a verdade... você estava distraído, nas é? Quem sabe estava olhando para alguma bela garota, aproveitando o falo de estar sozinho...”

“Além do fato de que eu sempre vou sozinho para o trabalho nao costumo distrair facilmente...”

Alessandro sorri para ela e a observa com ar de altivez.

“E é necessário muito mais coisa para me distrair."

Niki fica perturbada. Depois percebe os jornais debaixo de seus pés.

“Eis a razão! Você estava lendo!” Levanta o *Messaggero* e o abre.

“Não, eu estava só dando uma espiada.”

"Justamente. Eu sabia, sabia, devia ter chamado a ambulância, a polícia, sabe a indenização que eu poderia pedir de você?!”

"Mas o que é isso, em vez de estar contente porque não se machucou...”

“Bem, depois que o drama foi evitado, pode-se pensar em como se aproveitar dele, não? Todos fazem isso.”

Alessandro sacode a cabeça. “Eu gostaria de falar com os seus pais.”

“Não o deixariam entrar em casa. Para eles, a filha tem sempre razão em qualquer caso. Vire aqui à direita que estamos quase chegando. Veja, a minha escola fica no fim da rua...”

Niki abre o jornal e vê a foto dos carros destruídos. Depois lê o artigo sobre o BumBumCar. Arregala os olhos. “Não posso acreditar...”

“Pode acreditar, é isso que eu estava vendo... e por pouco você não destruiu assim o meu carro.”

“Claro... bem que você queria ter razão, não é?”

“Imagine só, que tem gente que faz isto, de propósito, jovens como você...”

Niki lê o artigo rapidamente, procurando os nomes, os fatos, se há alguns conhecidos. Depois o vê. Fernando, aquele que recebe as apostas.

“Não, não é possível!”

“O que é? Conhece alguém?”

“Não, eu dizia, é que me parece um absurdo. Bem, chegamos. Pode parar.”

“É aqui?”

“Sim, obrigada Quer dizer, você me devia essa.”

“Sim. Sim. Está bem, desça que estou atrasado.”

“E sobre a batida, o que vamos fazer?"

“Tome.” Alessandro procura no bolso do paletó, pega um pequeno estojo prateado e lhe dá um cartão. “Aqui tem o meu número, o *e-mail* e tudo o mais. Assim, depois você me diz como fazemos.”

Niki lê. "Alessandro Belli, diretor de criação. É um cargo importante?”

“Bastante.”

“Eu sabia, eu sabia, poderia processá-lo direitinho.” Niki desce do Mercedes rindo. Pega o capacete, a mochila e também o *Messaggero*. “A gente se fala.”

“Ei, esse é o meu jornal.”

“Sim, e agradeça que não levo o CD! Homem distraído que provoca dor ás mulheres..." Depois fecha a porta. Niki bate no vidro. Alessandro o abaixa.

“Preste atenção”, Niki sacode o cartão de visita, “se for falso, eu me lembro da chapa do carro de cor... Não brinque, que comigo você não escapa. A propósito, meu nome é Niki.”

Alessandro sacode a cabeça, sorri e depois sai cantando os pneus. Dramaticamente atrasado.

Diversas jovens estão entrando na escola. Bem naquele instante chega Olly.

“Olá, Niki, estamos as duas atrasadas como de costume, não é? Legal esse ai, belo carro. Não vi direito, mas de longe parecia bonitinho. Mas quem é, seu pai?”

“Como você é boba, Olly. Você conhece o meu pai. Entendi, você quer saber quem é aquele? O meu próximo namorado”, e, dizendo isso, Niki a abraça, a aperta forte e a obriga a subir correndo as escadas assim como ela. Depois Olly, ao chegar lá em cima, para de repente.

“Mas, você está louca? Assim vão nos deixar entrar! Era uma ocasião para cabular a aula.”

“Veja, leia.” Niki mostra o jornal para Olly. “O artigo sobre o BBC. Era só ficar mais um pouco que estaríamos presas!”

“Imagine, que loucura, já pensou, nós no jornal. Entraríamos na história!”

“Sei na melhor das hipóteses, na geografia!”

“Nem me fale que hoje vai me pedir a lição”, e, dizendo isso, entram no pátio justo a tempo. O bedel, feliz, fecha o portão, deixando de fora algumas retardatárias.

_____13_____

Alessandro entra esbaforido no escritório.

“Olá, Sandra. O Leonardo chegou?”

“Há três minutos. Está no escritório.”

“Puxa...” Alessandro faz menção de entrar, mas Sandra o impede. “Espere. Você sabe como ele é, está tomando o café, folheando o jornal...”, depois aponta para o telefone onde aparece uma linha ocupada, “e está dando o telefonema habitual para a esposa.”

“O.K.” Relaxa e se deixa cair no sofá ao lado. Menos mal. Puxa... Pensava que não ia conseguir. Alarga um pouco o colarinho da camisa, abre os botões. “Agora só precisamos esperar que o telefonema com a esposa acabe bem...”

“Isso eu acho difícil, diz Sandra num sussurro, “ela quer a separação, não consegue mais suportar... algumas atitudes dele.”

“E então? Vai ser tempestade?”

“Depende. Se abrir a porta e pedir para mandar a ela o de sempre você têm chances.”

“O de sempre?”

“Sim, é um código. Flores com um bilhete, já prontos.” Sandra abre uma gaveta e mostra uma série de bilhetes todos com o nome de Francesca, cada um com uma frase diferente, uma para cada dia, e todos assinados por ele.

“Mas, Sandra, você sabe que, mesmo sendo a secretária dele, não devia xeretar em tudo?”

“Ah, claro, como se eu não tivesse tido a incumbência de procurar todas as frases! Precisei recolher o melhor do melhor dos poetas modernos, mas só dos não conhecidos. E encontrei algumas ótimas...” Pega um bilhete. “Veja esta... ‘Eu fico mesmo quando você não me tiver e terei você mesmo sem possuí-la.' Complexa, enigmática mas forte não? De qualquer forma", diz Sandra, fechando a gaveta, “se quem a escreveu um dia for famoso, não penso que vai perdoar quem a tiver roubado.”

“No mínimo vai ser o Leonardo a dizer que copiaram a frase dele!”

“Ah, isso é certo. Aliás, ele vai dizer que justamente por isso é que o outro ficou famoso!”

No fundo do corredor aparece um jovem. Alto. Magro. Paletó esportivo. Cabelos loiros, densos, penteados para trás, olhos azuis, intensos, um belo sorriso sobre os lábios delicados. Excessivamente delicados. De traidor. Bebe um pouco de água e sorri.

Preocupada, Sandra fecha rapidamente a gaveta. Aquele seu segredo não é para todos. Depois faz de conta que voltou a ser profissional. O sujeito se aproxima.

“Nada, ainda?”

“Não, sinto muito, ainda ao telefone.”

Alessandro olha para o jovem. Tenta identificá-lo. Já o viu, mas não lembra onde.

“Bem, então vamos esperar.”

O jovem se aproxima. Estende a mão para Alessandro. “Prazer; Marcello Santi.” Em seguida, sorri. "Sim, eu sei, você está pensando se já nos conhecemos.”

“De fato... mas onde? Sou Alessandro Belli."

“Sim, eu sei, eu ficava no escritório acima do de Elena, fazia parte do *staff* de recursos publicitários.”

“Claro, agora sim”, Alessandro sorri e pensa: agora eu sei por que já o estou odiando. “Fomos almoçar juntos uma vez.”

“É, e eu tive que sair correndo.”

Sim, pensa Alessandro, de fato eu depois tive de pagar a sua conta e a da sua assistente. “Sim, que coincidência.”

“E agora me chamaram para essa entrevista.”

Os dois se observam. Alessandro fecha um pouco os olhos, tenta focar a situação. O que quer dizer? Que história é esta? O meu lugar está em jogo? Fomos chamados dois para uma entrevista? Será ele o novo diretor que Leo está procurando?

Vai querer me dar a notícia bem na frente dele? Quer dizer, eu não só tive de pagar para ele daquela vez, mas agora me cabe ainda lhe oferecer a minha “última ceia”. Olha para Sandra tentando compreender melhor. Mas ela, que compreendeu perfeitamente o que Alessandro gostaria de saber, sacode levemente a cabeça e mordisca o lábio superior como para dizer: eu, infelizmente, não sei de nada. De repente, o *led* da linha externa se apaga. Um instante depois, Leonardo abre a porta.

“Ora, aqui estão. Desculpem se os deixei esperando. Por favor, entrem, entrem... Desejam um café?”

“Sim, com prazer”, responde Marcello de pronto.

Alessandro, ligeiramente chateado de chegar depois, acrescenta: “Sim, obrigado, eu também."

“Bem, então dois cafés, Sandra, por favor, e... pode mandar o de sempre para onde a senhora sabe. Obrigado.”

“Claro, doutor”, e pisca um olho para Alessandro.

“Então, por favor, acomodem-se.” Leonardo fecha a porta do escritório às suas costas. Os dois sentam-se diante da escrivaninha. Marcello se põe à vontade. Está tranqüilo, quase atrevido, com as pernas ligeiramente cruzadas. Alessandro, mais tenso procura de alguma forma se acomodar naquela poltrona que parece estar fugindo dele. Por fim, escolhe se inclinar para a frente com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e as mãos juntas. Esfrega-as um pouco, Paramente nervoso.

Marcello percebe e sorri para si mesmo. Depois olha ao redor, tomando o seu tempo, procurando. "Lindo esse quadro, um Willem de Kooning, não é? Expressionismo americano."

Leonardo sorri satisfeito. “Sim...”

Alessandro olha para os dois e não perde tempo.

“Essa é uma lâmpada Fortuny, talvez de 1929, penso. Linda a base em mogno, uma lâmpada que fez sucesso algum tempo aftas.”

“Muito bem, é assim que eu gosto. Levemente competitivos. Entretanto nada começou, eu ainda não disse nada. Eis, estamos bem nesse instante... O nascimento.”

Leonardo senta-se e coloca de repente as mãos sobre a escrivaninha, uma diante da outra, como protegendo alguma coisa que os dois não conseguem ver. “O que tem aqui? O que escondo?”

Dessa vez é Alessandro o mais rápido. “Tudo.”

“Nada”, diz Marcello.

Leonardo sorri. Levanta as mãos. Sobre a mesa não há nada. Marcello dá um suspiro de satisfação. Leonardo olha direto para Alessandro, que retribui o olhar chateado. E, de repente, de uma das mãos que ficaram suspensas, Leonardo deixa cair alterna coisa.

Stump.

Um som surdo. Marcello muda de expressão. Alessandro sorri.

“Correto, Alessandro. Tudo. Tudo o que interessa a nós. Este sapinho de balas será o nosso trunfo. Chama-se ‘LaLuna’, como ‘La Luna’, mas tudo junto. E é a Lua que temos de tomar, conquistar. Assim como o primeiro homem em 1969. Aquele do espaço, o que colocou pela primeira vez o seu pé na Lua, enfrentando o Universo e todos os seus segredos... Devemos ser como aquele americano, ou melhor, precisamos enfrentar os japoneses e, para ser mais exatos, devemos 'conquistar' esta bala. Aqui está.”

Leonardo abre o sapinho e espalha as balas sobre a mesa. Alessandro e Marcello se aproximam, observando atentamente.

“Balas em forma de meia-lua com sabor de frutas, todas diferentes, mais ou menos como era aquele nosso sorvete, o arco-íris.”

Marcello pega uma, a observa. Em seguida, olha para Leonardo em dúvida. “Posso?”

“Claro, experimentem, comam, entrem dentro, vivam com LaLuna, aperfeiçoem-se, não tenham outro pensamento além dessas balas.”

Marcello põe uma na boca. Mastiga lentamente, elegante, entreabre os olhos como se estivesse provando um vinho especial.

“Bem, parece boa.”

“É verdade”, diz Alessandro, enquanto também experimenta, “a minha é de laranja.” Em seguida, trata de adotar rapidamente a postura técnica “Bem, a idéia das mãos que escondem o nada e então deixam cair as balas, LaLuna, do alto, não é má... Peça LaLuna.”

“Sim, mas infelizmente já foi utilizada o ano passado pelos americanos.”

“Sim”, intervém Marcello, “as mãos eram as de Patrick Swayze. Lindas mãos. Haviam sido escolhidas para o filme *Ghost* modelavam o vaso de argila na cena de amor, as mãos que transmitiam emoções para Demi Moore. No anúncio viam-se só as mãos. Pagaram, só pelas mãos, dois milhões de dólares...”

“Pois é”, Leonardo apoia-se sobre o espaldar da poltrona, “para nós estão oferecendo catorze. E, além disso, a exclusividade durante dois anos de todos os produtos LaLuna, TheMoon, tudo junto em ingles. Vão fazer chocolate, gomas, batatinhas, até leite. Produtos alimentares com essa pequena marca. E nós temos a possibilidade ganhar aqui catorze milhões de dólares e a exclusividade. Nós. Se conseguirmos vencer a agência que, juntamente conosco, recebeu a incumbência desse anúncio. A Butch & Butch... Sim, porque os japoneses, que não são bobos, pensaram...”

Nesse instante batem a porta.

“Entre.”

Sandra entra com as duas xícaras de café e as coloca sobre a mesa. “Aqui estão o açúcar e o leite. Há também um pouco de água."

“Bem, sirvam-se. Obrigado, Sandra. E mandou o de sempre..."

“Sim.”

"Com qual frase, dessa vez?"

“Você é o Sol escondido atrás das nuvens quando chove. Estou te esperando, meu arco-íris.”

“Muito bem, melhorando a cada dia. Graças a você, Sandra, obrigado.”

Sandra sorri para Marcello e depois para Alessandro. “Ele diz isso todo dia, parabéns sempre, aumento, nunca!” E sai, ainda sorrindo.

“Vai ter, vai ter, tenha fé!”

Então, Leonardo serve-se de um copo de água. Tenha ao menos a mesma fé que eu tenho, comenta para si mesmo, pensando na frase. “Então, estávamos dizendo...”, Marcello saboreia tranquilamente o seu café. Alessandro já terminou seu, “... que os japoneses não são tão bobos.”

"De falo, são geniais. Nos colocaram competindo contra a Butch & Butch, a maior agência, nossa concorrente direta, com quem deveremos nos confrontar e sobretudo vencer. E, visto que eu posso não ser tão genial quanto eles, mas certamente não sou nem devagar, nem bobo, eu os copiei... Eu sempre copio. Na escola me chamavam copycopy. Os japoneses nos colocam contra a Butch & Butch? Bem, o que faço eu, coloco Alessandro Belli contra Marcello Santi. Em jogo estão catorze Anões de dólares, dois anos de exclusividade com LaLuna e, para vocês, o cargo de diretor de criação internacional e, naturalmente, um Mimo aumento de salário... real.”

Num instante, Alessandro compreende tudo. Essa era a razão daquela estranha entevista a dois. Depois percebe o olhar do outro sobre si. Então se vira. Seus olhares se cruzam. Marcello semicerra os olhos, saboreia o desafio. Alessandro se mantém firme, seguro. Marcello lhe sorri serenamente, manhoso, convencido, esperto.

“Claro, como não, é convidativo”, e estende a mão para Alessandro, evidenciando assim o

início do grande desafio. Alessandro lhe dá a mão. Naquele instante, toca o celular.

"Ops, desculpem." Vê o número no *display* mas não o reconhece.

"Desculpem..." E, voltando-se levemente para a janela, atende.

"Alô."

"E ai, Belli, como vai? Ganhei um sete, ganhei um sete!"

"Você ganhou um sete?"

"Sim! Isso não acontecia há séculos! Você me deu uma sorte incrível! Acho que só ganhei um sete uma vez, no primeiro ano e de educação física. Oh, você ainda está ai? Ou desmaiou?"

"Mas, quem fala?"

"Como quem fala, é a Niki, não?"

"Niki? Mas que Niki?"

"Como, que Niki? Você está me gozando? Niki, aquela da motoca, que você atropelou hoje de manhã."

Alessandro se volta para Leonardo e sorri.

"Ah, sim, Niki. Desculpe, mas agora estou em reunião."

"Sim, e eu estou na escola, mais precisamente no banheiro masculino." Naquele instante alguém bate à porta. "Vai demorar."

Niki finge uma voz de homem. "Ocupado." Depois, quase sussurrando, quase dentro do celular: "Escute, tenho de desligar, tem alguém aqui fora. Mas você sabe a coisa mais absurda? Aqui na escola não deixam usar o telefone livremente. Então, você se dá conta? Imagine que eu precise dizer uma coisa urgente para a minha mãe..."

"Niki..."

"Sim, o que?"

"Estou em reunião."

"Sim, você já falou."

"E então vamos desligar."

"Está bem, então não devo dizer uma coisa urgente para a minha mãe, mas a você. Olha, você vem me buscar à uma e meia, na saída? É que tenho um problema e creio que ninguém pode me pegar."

"Mas não sei se vou poder, acho que não, tenho outra reunião."

"Vai poder... vai poder... sim." E desliga.

Niki sai do banheiro. Diante dela está justamente o professor que lhe deu sete. Niki enfia

voando o celular no bolso.

“Niki, mas este é o banheiro dos homens."

“Ah, desculpe.”
“Não acredito que você tenha se enganado. E, além do mais, é o banheiro dos professores...”

“Então me desculpe em dobro.”

“Olhe, Niki, não faça que eu me arrependa da nota que acabei de Lhe dar...”

“Prometo que farei de tudo para confirmá-la.”

O professor sorri e entra no banheiro.

“E então, antes de começar a aula da professora Martini..."

“Sim...”

Niki o observa com expressão ingênua O professor fica sério.

“Desligue esse celular, e fecha a porta atrás de si.” Niki pega o celular e o desliga.

“Feito, professor! Desliguei”, grita através da porta.

“Muito bem e agora saia do nosso banheiro.”

“Saindo, professor!”

“Muito bem. Então a nota sete está confirmada.”

"Obrigada, professor!”

Niki sorri e vai para a sua sala. A professora Martini acabou de entrar. Niki para na porta, liga o celular e o põe na modalidade silenciosa. Em seguida, sorrindo entra na classe.

“E então, Ondas, como vamos festejar o meu sete?”

14

Alessandro se volta e desliga o celular. Em seguida, sorri levemente.

"Tudo certo, tudo certo..."

“Desculpe...”, diz Leonardo sorrindo. “Mas ouvi. Ganhou um sete. Não sabia que você tinha uma filha.”

“Não”, Alessandro sorri um pouco embaraçado, “era a minha sobrinha.”

“Muito bem, quer dizer que é boa aluna, vai crescer, quem sabe vai ganhar boas notas e um dia, quem sabe, vai entrar também para o nosso time!”

Leonardo se inclina sobre a mesa

"Sempre se nesse dia ainda existirmos. Porque essa é a nossa última possibilidade. A França e a Alemanha já nos ultrapassaram. Logo abaixo de nós temos a Espanha. Se não conseguirmos agarrar esses catorze milhões de dólares e os dois anos de exclusividade com LaLuna, a nossa filial...", Leonardo junta as mãos, as cruza, imitando uma gaivota que lentamente se eleva, “...vai voar.”

Então abre novamente as mãos e aquelas asas como se quebradas, se transformam em punhos que se abatem com força sobre a mesa

"Mas nós não vamos permitir, não é? Agora estou me dirigindo ao futuro diretor de criação internacional”, e olha para ambos com ar de desafio, quase divertido ao criar aquela incerteza.

“Não sei quem será de vocês dois. Só sei que não nos dobraremos aos espanhóis. O estrangeiro não vai passar! E agora quero que conheçam os seus assistentes pessoais. Todos largaram os seus empregos anteriores. Vão acompanhá-los como as suas sombras. Aliás, mais do que a sombra. Porque uma sombra é silenciosa, segue e não tem a capacidade de antecipar. No entanto, eles os ajudarão a encontrar tudo de que necessitam, irão se antecipar em tudo.”

Toca o interfone. “Sandra?”

“Sim?”

“Pode por gentileza fazer entrar os assistentes na ordem que eu indiquei?”

“Claro."

E a porta se abre bem devagar.

“Pronto, esta é Alessia.”

Alessandro se levanta rapidamente e a cumprimenta.

“Ótimo, Alessia! É perfeita para esse trabalho, será uma aventura irlcrível. E, além do mais, não precisando se dedicar a todos os outros produtos, mas trabalhar exclusivamente para LaLuna, é uma escolha excelente. Estou contente de trabalhar com você!”

Mas Alessia permanece silenciosa, parece quase chateada.

“O que acontece?”

Leonardo intervém. “Ela vai ser a assistente de Marcello. Vocês dois, Alessandro, se conhecem bem demais. Ficariam sentados sobre a sua amizade. Não saberiam se surpreender, não tem nada de novo para contar um ao outro. No entanto, aqui precisamos criar relações explosivas. Só assim podemos obter resultados extraordinários.”

Marcello se levanta e a cumprimenta.

“Muito prazer, ouvi falar muito bem de você. Tenho certeza de que faremos grandes coisas juntos, Alessia.”
“O prazer é meu.” E apertam as mãos.

Alessandro volta a se sentar, levemente desiludido, mas também curioso de saber quem será o seu novo assistente.

“E para você... eis a sua sombra perfeita.”

Alessandro se inclina um pouco para ver quem esta chegando. E justamente naquele momento, no escritório de Leonardo, entra ele. Para na porta. Sorri. Alessandro não crê nos próprios olhos.

“Não...”

Deixa-se cair na poltrona, apoiando-se no encosto até quase desaparecer dentro dela. Leonardo procura entre a papelada, murmurando para si mesmo: “Como é que se chama, sempre esqueço... Ah, eis aqui.” Pega contente o papel e o ergue sorrindo. “O seu novo assistente é... Andrea Soldini.”

Parado na porta, Andrea Soldini sorri. E cumprimenta. “Bom dia a todos...”

“Então, quero lhe apresentar Alessandro, a pessoa a quem de agora em diante deverá dar tudo. Até quase a vida.”

Alessandro olha para ele, erguendo a sobrancelha.

"Ah, então você já estava treinando ontem à noite...”

Leonardo observa curioso. "Mas vocês já se conhecem?"

“Sim.”

“Mas já trabalharam juntos...”

“Não.”

“Ótimo, era só isso que me interessava. Muito bem Então fora daqui, vão trabalhar. E vou lembrar o jogo, o desafio, a competição, o grande certame. Podemos apresentar dois projetos. Eu estou apostando tudo em vocês. Quem conseguir a idéia certa para o anúncio de LaLuna, isto é, se graças a ela nos derem a campanha, essa pessoa vai se tornar o nosso diretor de criação internacional.”

Marcello sai com Alessia. Sorriem. Alessandro também está saindo. Ligeiramente abatido, observa Andrea Soldini. Nada a fazer. Sente-se derrotado já no início.

"Ah, desculpem..." Leonardo os chama por um instante. "E não falei uma coisa. O outro, quem perder, será enviado para a filial de Lugano. Que vença o melhor!"

_____15_____

Rua. Rua de periferia. Rua de tráfego, de poluição, de roupas secando, desordenadas, de latões de lixo amassados, de escritos sem amor, improvisados. As suas ruas. Mauro está guiando uma velha motoneta Kymco amassada, com o capacete desamarrado no pescoço. Usa um casaco Levi's já gasto, sujo por todo o tempo que não foi cuidado. Desliga e prende a moto na frente da casa, naquela pracinha revestida de tijolos rachados pelo sol, com aquele corrimão enferrujado pelo tempo. Há uma porta de aço abaixada ali do lado, uma velha mercearia que fechou, abandonando tudo, deixando só uns velhos pêssegos que agora já estão estampados no chão, difíceis até de raspar. Antigos sabores de um afresco de vida já ultrapassada. Mauro toca a campainha do portão.

"Quem é?"

"Sou eu, mãe."

A fechadura é acionada. O portão se abre e Mauro entra rapidamente. Fecha a atrás de si a porta de ferro batido e enferrujado com aquele vidro amarelado. No canto inferior, um vidro quebrado, uma bolada forte de um jovem jogador que nunca vai se identificar. Duas moscas brincam entre si. Mauro sobe os degraus de dois em dois e não perde o fôlego. É a sua riqueza aos 22 anos. É o resto que faz falta. Muito. Tudo.

"Oi mãe." Um beijo rápido sobre a face ligeiramente úmida de suor doméstico.

"Ande logo, que todos já estão à mesa."

A mãe bufa e, ainda acalorada, volta para a cozinha. Já sabe que Mauro está indo para a mesa sem fazer e lhe diz: "Vá lavar as mãos, eu vi, sabe? Estão imundas."

Mauro entra no banheiro, coloca as mãos rapidamente embaixo do jato de água fria para lavá-las. Mas, às vezes, não há sabão que chegue para apagar as marcas do dia. Em seguida, se enxuga com um pequeno pano rosa, desbotado e gasto, parcialmente furado e levemente escuro. Agora mais. Sai, arruma as calças, quase dançando dentro delas. Depois senta-se à mesa.

"Oi, Eli."

"Oh Maú", assim a sua irmãzinha o chama. Tem sete anos e um rosto alegre e divertido, cheio de fantasia e de tudo aquilo de quem ainda não sabe muitas coisas, de quem não conhece as dificuldades que a esperam atrás das esquinas dos seus próximos anos.

Mauro corta com o garfo um pedaço de fritada e o coloca na boca.

"Espere por sua mãe, certo?" Renato, o pai, lhe dá um tapa no ombro, enquanto Carlo, seu irmão mais velho, o observa impassível.

"Oh, pai, eu estou com fome."

"Por isso mesmo. É por isso que você espera. Porque você tem fome e porque você deve ter respeito por quem lhe dá de comer. Seu irmão poderia comer. Você não.Você tem que esperar a sua mãe."

Annamaria chega da cozinha carregando um grande prato. Apóia-o no centro, mas quase

Ihe escapa e bate na mesa. Com um grande barulho.

"Pronto..." Acomoda-se, arruma os cabelos, colocando-os um pouco para trás, cansada daquela enésima longa jornada feita de coisas semelhantes entre si.

Renato serve-se primeiro, depois deixa cair à concha dentro da sopeira. Carlo a recolhe, põe em seu prato um pouco de macarrão e feijões e em seguida serve Elisa, a pequena, que logo agarra de mau jeito a colher, como se fosse um pequeno punhal. E se atira ávida sobre aquele prato, com fome de vida.

"Você quer, mãe?"

"Não, vou descansar um instante. Passe para o seu irmão."

Carlo passa o prato para Mauro, que logo se serve de uma boa porção. Depois olha para a mãe.

"Você não quer mesmo, mãe? Já está quase acabando."

"Não. Realmente. Você pode terminar."

Mauro raspa o fundo e começa a comer. Todos inclinados sobre os pratos. Sem controle. Sem limites. O silêncio é interrompido só pelo barulho dos talheres que batem, por algum carro que passa ao longe. E depois os aromas. Aromas de outras casas semelhantes. Casas contadas por Eros, aquelas casas na borda da periferia. Naquela canção que o levou para longe para conseguir esquecê-las. Casas descritas nos filmes ou nos romances por quem, às vezes, nunca esteve lá e pensa saber. Casas feitas de suor, de quadros falsos, de estampas amareladas, de calendários vencidos, presas àquela torcida que o tempo não apaga, o gol de um jogador, uma taça, qualquer razão é boa para fingir dar uma festa. Renato acaba primeiro e afasta o prato. "Ahh..." Sente-se melhor. Está em pé desde as seis da manhã. Serve-se de água.

"Então? O que você fez hoje?" Mauro ergue o rosto do prato. Não imaginava que fosse com ele. Esperava ao menos que o deixassem acabar de comer.

"E aí? Dá pra saber? Então, o que você fez hoje?" Mauro limpa a boca com o guardanapo que anda está dobrado ao lado do prato.

"Ora, pai, sei lá. Acordei e dei uma volta. Depois acompanhei a Paola que tinha um teste para fazer..."

"E depois?"

"Depois... Esperei por ela e quando terminou a levei de volta para casa. E depois eu vim pra cá. Você viu, não? Até cheguei atrasado... aquela motoneta é muito lerda e, além do mais, tinha trânsito."

Renato estica os braços.

"Claro, você está pouco se lixando, não é?... O jantar aqui está garantido mesmo. Nós todos devemos suar a camisa para que você possa passar o dia desse jeito..." Carlo corta uma fatia de fritada e coloca no prato. "Veja. Veja..." O pai aponta para ele.

"Seu irmão não diz nada porque ele gosta de você. No entanto, ele devia lhe dar uns pontapés na bunda. Ele acorda às seis da manhã para ir trabalhar, como encanador. Ele conserta os canos, ele, para que voce vá dar voltas de moto, para acompanhar a Paola..."

Carlo engole um pedaço de fritada e fita Mauro nos olhos. Mauro encontra o olhar do irmão, em seguida limpa a boca mais uma vez e atira o guardanapo sobre a mesa.

“Está bem, eu vou sair. A minha fome passou.” Empurra com a perna a cadeira, feita com aquela palha já bem suja e rebelde, e afasta-se em direção da porta.

“Sim, claro”, diz o pai, apontando para ele, “agora comeu... o que lhe importa. Mas hoje à noite, Annamaria, faça o favor de colocar a tranca. Este sacana não entra.”

Elisa o observa sair. Annamaria retira o prato vazio dela. “Quer um pouco de fritada, amor?”

“Não, não quero.”

“Então vou descascar uma maçã para você.”

“Não, também não quero maçã.”

“Escute, você também não vai começar, viu... Você vai comer a maçã e pronto.” Elisa baba a cabeça. “Está bem.”

Na rua. Mauro abre a corrente da motoneta e a atira dentro do bauzinho. Parte rapidamente sem nem colocar o capacete. Vai até o fim da rua, acelera no meio do campo. Chegando à entrada que retorna para a Casilina, ele para. Estaciona a moto e tira do bolso os cigarros. Acende um. Começa a fumar nervoso. Por trás dele, um pôr do sol entediado está cedendo o caminho para as estrelas da noite, entre os arcos de um: o aqueduto romano. Tem uma ideia. Retira do bolso do *jeans* o seu Nokia comprado no eBay. Procura o nome. Faz a chamada.

“Alô, Paola, estou incomodando?”

‘Não, não. Acabei de comer. O que foi? O que aconteceu? Você parece estranho. Brigou com os seus?”

“Nada disso. Estava com vontade de falar um pouco com você.” E conta história sobre o que comeu, sobre como foi depois que a deixou em casa.

“Mas, como foi o teste?”

“Bom, uma minha amiga, que está por dentro do ambiente, me disse que tenho boas chances.”

"Bem que eu dizia. Você vai ver como eles vão te pegar. Além disso, ali só tinha umas broncas. Você era a melhor, juro. Não é porque você é a minha garota.” E continuam a falar assim. Mauro reencontra logo o seu bom humor. Paola, alguma esperança de vir a ser alguém.

_____16_____

Alessandro sai do escritório de Leonardo. Ainda não está acreditando.

“Isto é... Não consigo acreditar...” Andrea Soldini o segue como uma sombra, literalmente. “Isto é, eu deverei me confrontar com aquele sujeito? Os meus prêmios, minhas vitórias, os meus sucessos, mais uma vez tudo entra em jogo por quem? Por fim de quem não se sabe nada. Nunca ouvi falar dele, esse Marcello Santi. Mas o que ganhou? Que prêmios recebeu? Não lembro de nenhuma das suas campanhas.”

“Bem, se é só por isso...”, Andrea Soldini intervém um pouco titubeante, “fez aquela da Golia, aquela do Crodino, também fez a do café, por exemplo, aquela da xícara que sobe ao céu como um balão. Depois tem também aquela dos pernilongos... Quer dizer, ele também ganhou vários prêmios."

Justo naquele instante chega Alessia para aumentar a dose.

"Também fez aquele da Saila, onde tem aquela linda mulher que dança."

Alessandro olha em volta. "E onde ele está agora?"

"Foi escolher os outros componentes da equipe. É uma pena que não possamos trabalhar juntos nessa competição tão importante."

“Eu sei, mas você não tem nada a ver. E sei também que trabalho é trabalho e que vai fazer tudo para que ele ganhe, e é justo que seja assim.”

“Mesmo porque em Setembro, qualquer que seja o resultado, caro Alessandro, já me transferiram para Lugano, e, se você perder... vai se juntar a mim!" Alessia sorri e se afasta levemente chateada.

“Claro, mas só se eu perder! Isto é... Agora eu tenho alguém que sempre trabalhou comigo e que no momento trabalha contra mim, com o meu concorrente direto, não só isso, mas ainda espera que eu perca! Está certo, está certo..."

Andrea dá de ombros. “Sim, mas ela diz isso porque quer estar com você... em Lugano."

Alessandro olha para ele e fecha um pouco os olhos.

“Obrigado, você é muito gentil. Não é que eu não goste de Lugano, muito pelo contrário. É que não gosto de perder."

“Bem, então faremos o possível."

“Veja bem, não é suficiente fazer o possível, você deve dizer venceremos."

“Sim, o.k., venceremos e mais uma vez obrigado por ontem à noite... Fiquei muito contente por você não ter dito nada a ninguém, e especialmente... Bem, parece um sinal do destino que hoje estejamos aqui, eu e você, entende? Quando ontem eu falava da entrevista que devia enfrentar, eu ainda não sabia de nada. Você se dá conta? No fundo, foi melhor ter acontecido o que aconteceu ontem à noite..."

“Sim, claro. E por quê?”

“Criou um elo entre nós. Isto é, de alguma forma, eu lhe devo a minha vida, serei realmente a sua sombra. E, além disso, uma coisa é certa depois de ontem a note..."

"O quê?"

“... você não vai mais esquecer o meu nome.”

“Ah, claro, claro... e quem é que vai poder esquecê-lo agora? Espero só que, nó final de tudo isto, você não me deixe uma lembrança ruim."

“Ah, não, pode ter certeza.”

“Não, certeza é você quem deve ter. Porque, se perdermos, eu certamente vou matá-lo." Para diante de uma sala. "Agora vou apresentá-lo à minha equipe."

Abre porta e no recinto, ao redor de uma mesa, vêem-se duas jovens. Uma está desenhando, a outra folheia um jornal, enquanto um rapaz, apoiado com as costas num móvel, está pescando com um saquinho de chá dentro de urna xícara. Levanta e abaixa cordinha para acelerar a infusão.

“Bem, essa é Giorgia." A desenhista ergue o guia Pantone perto do rosto e sorri.

“Essa outra é Michela." A jovem abaixa o jornal e o fecha, olhando para ele e sorrindo.

“Além delas tem Dario." Dario força os olhos para focalizar melhor o recém-chegado.

Alessandro assume a situação. “Gente, este é Andrea Soldini. Então, temos uma competição importantíssima que precisamos enfrentar e vencer. Só digo que quem vencer será o diretor de criação internacional, enquanto a equipe que perder vai morrer. O grupo poderá ser dividido e eu em especial poderei ser transferido para Lugano. Atenderam? Portanto, precisamos vencer."

Dario olha para ele curioso. “E a nossa gerente de produto, Alessia?"

"Está com o inimigo. Ou melhor, transformou-se no inimigo. Andrea Soldini é o novo gerente de produto de vocês."

Dario não quer acreditar. "Quer dizer que Alessia, com toda a sua experiência, a sua capacidade, a ironia, a determinação... está chefiando outra equipe. E quem será o diretor de criação deles?"

Alessandro sorri procurando não dar muita importância. "Sei lá, um tal Marcello Santi."

“O quê?!" Dario e as duas jovens ficam surpresos. “Um tal Marcello Santi? Mas ele ganhou um monte de prêmios. É o novo criativo por antonomásia, o diretor mais inovador da praça no momento. Leonardo o havia colocado no marketing depois de ter conseguido roubá-lo de nossa principal concorrente."

Alessandro escuta surpreso. Parece que ele é o único a desconhecer esse grande sucesso.

“E, além do mais”, continua Dario olhando para Andrea Soldini, "ele também ficou com Alessia. Bem, turma, adeus!"

"Aonde você vai, Dario?', pergunta Giorgia.

"Procurar trabalho. É melhor começar agora antes que seja tarde demais."

Alessandro o interrompe. "Não é hora de brincar. É justamente quando o jogo endurece... que os duros começam a jogar."

Nesse instante, Andrea Soldini passa diante de Dario, bloqueando assim a porta e qualquer possível saída.

“Não se preocupe com o futuro. Ou então se preocupe, mas sabendo que isto o ajuda tanto quanto mascar um chiclete para resolver uma equação algébrica. Os verdadeiros problemas da vida serão seguramente coisas que nunca passaram pela sua cabeça, aquelas que o pegam de surpresa às quatro horas da tarde de uma quarta-feira preguiçosa Cada dia que você estiver assustado, faça uma coisa: cante!

Alessandro permanece em suspense. Giorgia e Michela ouvem todo o trecho sorrindo. Dario começa a bater palmas. “Parabéns, não fosse o final de The King Kahuna, até que não seria mau."

Alessandro se volta e olha para Andrea . "Sim, de fato é o próprio... Mas, bem, eu o sei todo de cor..."

Dario afasta Andrea, procurando sair. Alessandro o alcança e o abraça pelo pescoço. Segura-o com forca.

"Então, Dario, nós contamos com você. E importante que você fique, que todos vocês fiquem neste momento de dificuldades. Deixe-me ao menos contar de que se trata. Bem, Q produto é uma bala. Chama-se LaLuna, tudo junto, naturalmente tem o formato de uma meia-lua sabor de frutas mistas, muito boa. Esta é a embalagem."

Procura no bolso e retira uma que surrupiou no escritório de Leonardo.
“Mais não sei dizer." Solta Dario, que pega o saquinho de balas e olha para ele. É branco e dentro há pequenas meias-luas de diferentes cores.”

“Lembra o sorvete, o arco-íris."

“É, eu também achei, Andrea Soldini sorri satisfeito.

Dario esboça um meio sorriso.

“Ele também achou?" Então, enquanto Alessandro pega Dano pelo braço e se ala m pouco dos outros, este coloca uma bala na boca.

“Humm, o sabor é bom."

“Vai trabalhar nisto, então?"

"Claro, mas ainda não entendo..."

“O que você não entende?”

“Duas coisas. Uma. Por que sem Alessia?"

"Porque Leonardo quis embaralhar as cartas. Disse que nós a conhecíamos bem demais... Que ficávamos dormindo sobre os louros."

"Sim, entendi, mas com ela sempre ganhamos. Dormindo, mas ganhamos."

Alessandro abre os braços como para dizer: Não posso fazer nada “Eu também não gostei..."

"E a segunda é: por que não escolheu a mim como gerente de produtor?”

"Porque Andrea Soldini foi imposto por Leonardo.”

"Quer dizer, além de tudo foi recomendado! Ah, sim, vamos dizer com todas as letras, é um recomendado.”

"Não, não é assim. Leonardo nem lembrava o seu nome. Acho que deve ser bom mesmo. Só necessita de uma chance. Você vai dá-la a ele, Dario?”

Dario olha um pouco para ele. Depois suspira, morde sua bala LaLuna e a engole. Sorri e faz um sina1 de assentimento com a cabeça.

“Está bem... por você.”

Alessandro está indo embora. Dario o detém.

"Desculpe, não quero cometer uma gafe... Mas como você disse que ele se chama?"

_____17_____

O corredor fica saturado como um riacho depois da chuva. Cores, risadas, *jeans*, MP3 *players*, toques de celulares e olhares voam de um lado para outro, ricocheteiam nas paredes e talvez contenham mensagens secretas a serem entregues. As Ondas saem da sala de aula. Olly retira o seu sanduíche bem protegido do papel-alumínio.

“Mas é enorme!”

“Sim. Tomate, atum e maionese.”

“Mas é você quem faz?”

“Nada disso. Quem prepara é a Giusi, a moça que ajuda la em casa. Ela diz que eu como muitas porcarias industrializadas e então prepara sanduíches artesanais para mim.”

“Eu vou pegar um *snack* de cereais. Mesmo porque você pode comer qualquer coisa que eu ainda ganho de longe, até com lambuja.” Diletta se afasta, corre de maneira engraçada e com estranhos saltos que sacodem os seus cabelos soltos.

“Nãão! Eu a odeio! Vou soltar a Giusi atrás de você!” grita Olly atrás dela, rindo.

O distribuidor automático fica atrás da curva do corredor, numa espécie de átrio, perto das janelas. Um grupo de rapazes está diante das teclas da máquina Diletta conhece alguns.

“Para mim o sanduíche!”, diz um rapaz com roupas da North Sails, porém com ares de quem frequenta pouco o mar, virando-se para a jovem a seu lado.

“Você quer aquele com o molho tártaro? Então vem buscar.”

“Ah, tem também com molho tártaro? Então vai, paga um pra mim, eu pago a no sábado.”

Mas a jovem não parece estar convencida. “Pizza e cinema.”

“Está bem, está bem... Mas veja, não está aceitando a moeda.”

“Como não?”

“Pois é, não.”

Diletta olha para a jovem na fila diante dela. Colocou um euro na fenda, mas o distribuidor o devolve continuamente. O falso marinheiro procura no bolso. Encontra outra moeda de um euro e tenta novamente. Nada feito.

“Não está aceitando?”, diz o sujeito que está abastecendo o distribuidor ao lado, aquele com as bebidas.

“Não”, responde a jovem.

“Está sem carga. Você tem sola?”

"Sola?"

“Sim, a sola de borracha no sapato.”

“Sim, e daí?”

“Pegue a moeda, coloque no chão e esfregue a sola em cima.”

“Sei, essa história parece pegadinha”, diz o rapaz.

“Então faça como quiser e jejue.” E volta a abastecer o distribuidor.

Aborrecidos, os dois jovens olham torto para ele e vão embora. É a vez de Diletta. Enquanto isso, ela ficou girando o euro na mão, confiante em quem sabe qual ritual físico e energético para evitar a mesma sorte. Coloca a moeda na fenda. Stump. O barulho da moeda soa inexorável e cínico na gavetinha do fundo. Nada a fazer. O seu euro também deve estar sem carga. Pega a moeda e experimenta mais uma vez. Nada. Outra vez. Nada. Diletta fica nervosa e dá um pontapé no distribuidor. O sujeito lança olhar atravessado para ela.

“Oh, mocinha, deve dar o pontapé no euro. Esses distribuidores são caros, o que pensa?”

“Espere, deixe eu experimentar.” Uma voz atrás de Diletta a faz virar. Um rapaz alto, moreno, com o rosto apenas corado do sol primaveril e olhos verde-esperança, olha para ela um pouco embaraçado e sorri. Coloca a sua moeda na fenda. Plink. Barulho diferente. Foi. “Enquanto você experimentava eu fiz como o senhor mandou.”

O sujeito se volta e olha para ele. “Pelo menos esse conseguiu alguma coisa. Mocinha, melhor pensar um pouco.”

Diletta olha torto para o homem. “O que você quer?”, a voz pergunta.

“Oi, como? Ah! Aquele de cereais.”

O jovem aperta o botão e a barrinha cai na gaveta. Ele se abaixa e a pega.

“Ai está.”

“Sim, mas você não devia. Tome o meu euro.”
"Deixe, além do mais você viu, ele não funciona. Não serve.”

“Não, fique com ele. Você sabe como carregar. Não gosto de ter dívidas.”

“Divida? Por uma barrinha?”

“Sim. Não gosto. De qualquer maneira, obrigada.” E vai embora com o *snack*, sem mais delongas. O rapaz fica ali, um pouco perplexo. O sujeito do distribuidor olha para ele.

“Olhe a meu ver ela gostou de você.”

“Claro. Uma paixão repentina.”

Diletta volta para as Ondas. Olly, enquanto isso, já terminou o seu sanduíche.

“Muito bom! Bem melhor que lanchinhos! Ora,meninas, o apetite é como o sexo: quanto maior, melhor!”

“Olly! Você é nojenta!”

Diletta desembrulha o *snack* e começa a comer.

“O que você tem?”

“Estou fula. O distribuidor não aceitava a minha moeda.”

“Você o destruiu?”

“Claro que não. Alguém me ajudou...”

“Alguém, quem?”

“Sei lá. Alguém. Ele pegou pra mim.”

“Aha! Viu, Niki, tinha alguém!” E de repente todas as três se põem a gritar em coro. “Finalmente alguém, finalmente alguém” e começam a empurrar Diletta, que demonstra não gostar mas, ao final, é obrigada a rir. Depois, elas param de repente. Diletta vira-se. Erica e Niki a seguem. Olly é a única que continua a gritar “Finalmente alguém”. Depois ela também para.

“Mas, o que foi?”

“Aquele alguém”, diz Diletta e entra rapidamente na sala.

O jovem está parado diante delas. Na mão o mesmo *snack* de Diletta, de cereais.

“Finalmente alguém” agora sorri.

_____18_____

"Bem, então procurem tudo o que for possível sobre qualquer tipo de bala que tenha sido divulgada alguma vez na Itália. Não, melhor. Na Europa. Mas o que digo, no mundo."

Giorgia olha para Michela e sorri apontando Alessandro. "Ele me deixa louca quando faz assim."

"Sim, a mim também, passa a ser o meu homem ideal Pena que, quando terminar esse desafio, voltará a ser como qualquer um. Frio, desinteressado por qualquer argumento a não ser aquele", e faz o gesto do violão, "e, além disso, já comprometido..."

"Não, mas então você não sabe a novidade? Separaram-se."

"Não, não acredito. Humm... Então fica mais interessante. Pode ser que o meu apetite dure além da campanha... Sério que deixou a Elena? É por isso então que ontem à noite, todos na casa dele... as russas... Agora começo a entender."

"Que russas? Qual noitada? Não vai dizer que foram se divertir com as nossas modelos."

Chega Dario. "Mas quais *suas* modelos! Elas são da nossa sociedade, a Osvaldo Festa, até hoje, visto que precisavam fazer algumas tomadas mais um dia e, portanto, estão sob contrato. Além disso, passaram a ser um pouco da comunidade, são nossas mascotes. Mas o que foi? Estão com ciúmes?"

"Nós? Mas quem você acha que somos?"

Bem naquele momento, chega Alessandro. "Mas pode-se saber o que vocês têm tanto para conversar aqui? Querem começar a trabalhar? Vamos, trabalhar, pensar, espremer as cabecinhas, o que sobrou dentro. Eu não quero ir a Lugano e nem perder vocês!"

Giorgia dá um tapinha em Michela. "Viu, ele me ama!" A outra bufa e sacode a cabeça. "*Me?* Na verdade ele falou no plural, eu também estou incluída."

"Vamos trabalhar, força!"

Andrea Soldini se aproxima de Alessandro, que está observando o pacote de balas sobre a mesa. Olha fixamente para ele. Fecha os olhos. Imagina. Sonha. Procura inspiração...Andrea tamborila com os dedos no ombro de Alessandro.

"Quem é?" Mexe-se levemente incomodado.

"Eu."
"Eu, quem?"

"Andrea Soldini."

"Sim, eu sei estava brincando. Diga..."

"Sinto muito."

"Por quê? O jogo ainda não começou. Se começamos assim, estamos bem."

“Não, eu falava de Elena.”

“Elena, o que tem a ver Elena?”

“Bem, como foi que terminou?”

Andrea se volta para Giorgia e Michela, que fingem pesquisar em seus respectivos computadores.

“Não, esqueça, desculpe, errei... pensei...”

“Isso, muito bem, pensar, é isto o que deve fazer. Mas pensar na bala LaLuna. Só nisto. Sempre, ininterruptamente de dia, de noite, até quando estiver sonhando. Deve ser o seu pesadelo, uma obsessão, até encontrar a solução. E, se não a encontrar, então comece a pensar em LaLuna também ao acordar. Viu, sem distrações. LaLuna... LaLuna .. LaLuna...”

Naquele instante, toca um celular. “E quando esternos em reunião, quando é a hora do *brainstorming*, no meio da tempestade criativa dos cérebros, procurando encontrar a ideia para LaLuna, então mantenham desligados esses benditos celulares.”

Giorgia se aproxima e lhe passa um Motorola. Pegue, *boss*. É o seu.”

Alessandro olha para o celular um pouco embaraçado. “Ah, sim... é verdade. Bem, de qualquer maneira, prefiro *boss* do que chefe.” Em sem a, se afasta respondendo. “Alo, sim, quem fala?”

“Mas por que você ainda não gravou o meu número?”

“Alo?...”

“É a Niki.”

“Niki...”

“Aquela que você atropelou hoje de manhã.”

“Sim, claro, desculpe, Niki... Olhe, estou atrapalhadíssimo.”

“Bem, não se preocupe, quando a gente se encontrar eu o ajudo. Mas faça um favor pra mim. Grave o meu numero, assim, quando eu chamar, você economiza tempo sem perguntar a cada vez quem fala e eu precisar lembrá-lo de nosso acidente e sobretudo a sua culpa..”

“O.k, o.k, chega, juro que vou gravar.”

“E especialmente faça mais um favor, grave com o meu nome, Niki, viu? Niki e mais nada... É mesmo o meu nome! Não confundir com Nicoletta, Nicolina, Nicole e afins.”

“Entendi, entendi, mais alguma coisa?”

“Sim, precisamos nos ver para resolver a questão.”

“Mas qual questão?”

“O acidente, não? A minha motoca. Precisamos fazer aquele papel, como é que chama?”

“CID.”

“Isso, o CID, e depois eu já falei está lembrado, não é?”

“O que?”

“Que você precisa me pegar para ir comigo até a oficina. Eu não posso ficar sem condução.”

“E eu não posso ficar sem trabalho. Preciso encontrar uma solução importante e tenho pouco tempo.”

“Quanto?”

“Um mês.”

“Um mês? Mas em um mês se resolve qualquer coisa. Num mês dá até tempo de casar em Las Vegas.”

“Mas nos estamos na Itália e aqui às coisas são um pouco mais complicadas.”

“Bem, nós não precisamos casar, não é? Pelo menos não logo.”

“Olhe, Niki, estou realmente muito atrapalhado. Não posso continuar ao telefone.”

“Entendi, você já falou. Então eu. Eu vou resolver esses seus problemas. Vou esperar você à uma e meia na escola. Lembra de onde é?”

“Sim, mas...”
“Então, tchau, até.”

“Escute, Niki... Niki? Alo?”

Desligou.

“Pessoal, eu vou para o meu escritório. Continuem trabalhando. LaLuna, LaLuna, LaLuna. Ouviram? A solução está no ar. LaLuna,LaLuna, LaLuna.”

Alessandro sai balançando a cabeça. Niki. Só faltava ela. Giorgia e Michela se entreolham. Giorgia faz um estranho bico. Michela percebe.

“O que?”

“Tenho a impressão de que o *boss* se recupera rápido.”

“Você acha?”

“Sei lá, impressões.”

“Tomara. A verdade é que, quando ele está tão nervoso, trabalha-se mal.”

Andrea Soldini se aproxima do centro da mesa. Sorri abrindo os braços. “Li certa vez urna coisa muito bonita. Amor... motor. É verdade, não? O amor move tudo.”

Dario sacode a cabeça. “Eu vou sair para procurar propagandas que tenham a ver com as balas.” Antes de sair, chega perto de Michela e faz uma expressão muito triste.

“Não sei por que, mas a Alessia me faz uma falta danada...”

Andrea Soldini pega um bloco e o abre. “Então, vamos dividir as tarefas. Metas e submetas, não? Como nos ensinou o *boss*. Enquanto isso, alguém podia se informar a respeito de Marcello Santi. Quem é. O que faz. De onde vem. O que come. O que pensa. Como trabalha”

Michela olha para ele curiosa “Para que?”

“Porque é bom conhecer o adversário. Eu sei muito pouco dele. Algum sucesso e uma história que não me agrada, mas que não tem nada a ver com o nosso trabalho.”

“Que história?”

“Eu disse que não tem a ver com o nosso trabalho.”

“Então por que você puxa o assunto...”

“O.k”, Michela ergue o braço, “eu vou me ocupar de Marcello Santi.”
“Perfeito, os outros fazem pesquisas sobre o produto e também começam a pensar num logo para LaLuna.”

“Deixa o logo para mim”, diz Giorgia.

Dario permanece em silêncio. Andrea olha para ele. “Depois precisamos inverter também uma forma diferente de embalagem, sei la, uma nova caixinha, um distribuidor diferente dos outros.”

Dario continua em silêncio. Andrea dá um longo suspiro. "Bem, se nos organizarmos tudo será mais fácil. Eu sou o gerente de produto, é verdade, mas, paramim, nós somos só uma equipe que deve vencer.”

Dario sacode a cabeça e sai da sala. Não sei por que, pensa, mas a Alessia me faz cada vez mais falta.

_____19_____

“Alô? Então você já gravou o meu número?”

“Sim.”

“Bem, então?"

"Então o que?

“Como você demora, vamos ande logo...

“Estou quase chegando..."

“Olhe que se minha mãe chegar vai ser uma confusão.”

"Desculpe, mas por que você diz que..."

Click.

"Alô? Alô, Niki?" Alessandro olha para o celular. “Não acredito. Desligou outra vez. É um vicio."

Sacode a cabeça, vira para a direita e acelera continuando direto para a escola Chegando à esquina, Niki já está ali. Corre para o Mercedes, quase o atropela. Experimenta abrir a porta, mas está fechada pela tranca automática. Niki bate no vidro.

“Vamos, vamos, abra...”

“Pare, desse jeito vai quebrar o vidro."

Alessandro destrava as portas. Todas as trancas se abrem. Niki se joga para dentro e quase se estende no chão; depois olha para ele em tom de súplica.

“Vá, vá!"

Alessandro se estica para fechar a porta do lado do passageiro. Em seguida, parte tranqüilo e, fazendo um lento giro entre os carros estacionados que aguardam a saída dos alunos das outras classes, afasta-se. Niki emerge devagar. Olha para fora.

"Pronto, você está vendo aquela senhora perto do Volkswagen?"

"Sim, estou vendo."

Niki se abaixa novamente para permanecer oculta.
"Pois é, aquela lá é a minha mãe. Não pare, não pare, vá, acelere." Alessandro continua a dirigir tranqüilo.

“Já ficou para trás, pode levantar."

Niki se ajeita no assento e olha para o espelho retrovisor. A mãe já está longe.

"Bela mulher."

Niki olha torto para ele. “Não fale de minha mãe."

“Bem, eu só estava fazendo um elogio a ela."

“Para você, a minha mãe não existe, não existe nem mesmo para um elogio."

O celular de Niki começa a tocar.

"Não! Ela já está chamando! Droga, eu esperava que me desse um pouco mais de tempo... Um instante para respirar... Encoste aqui.”

Alessandro, obediente, estaciona na lateral da rua Niki faz sinal para ficar quieto.

"Shhh " Atende ao celular. "Mamãe!"

“Onde você está?"

“Estou na casa da Olly. Hoje saímos um pouco antes."

“Não! Você não lembra que eu ia passar, que você deixaria a moto e devíamos ir ao cabeleireiro?”

Niki bate a mão na testa. “É verdade, mãe... droga, esqueci completamente, desculpe.”

Simona a mãe de Niki, sacode a cabeça.

“Você realmente fica fora do ar nesse período, hein? Ou são as provas que se aproximam ou o namorado que não larga você um instante... qual é mesmo o nome dele? Fabio."

"Mas, mãe, logo agora você quer falar nisso, estou com a Olly.”

Niki olha para Alessandro como para dizer: estou exagerando, não é?

“E de qualquer forma, mamãe, estamos separados."

"Puxa, até que enfim uma boa notícia."

"Mas, mãe?!"

"O quê?”

"Você acha que isso é coisa de se falar? E se eu voltar com ele?"

"É justamente por isso que eu falei, assim você não volta! E, além disso, nós nos prometemos, não é? Devemos sempre dizer tudo uma à outra.”

“O.k., está bem. Olhe, agora vou comer alguma coisa com a Olly, vou voltar tarde, não me procure, tá?"

"Mas, Niki, você não tem que estudar?”

“Tchau, mãe...” Tarde demais. Simona também fica com um celular mudo na mão. Niki desligou. Programa o celular no modo silencioso e trava o teclado. Ergue-se sobre uma mão e

guarda o celular no bolso de trás da calça. Alessandro olha para ela e sorri.

"Você conta muitas lorotas para a sua mãe?”

"Nem tantas... Por exemplo, que nos separamos é verdade. E o que voce tem a com isto? Você não é meu pai.”

"Justamente por isso eu pergunto, pelo menos você responde, senão nunca contaria.”

“Nossa Senhora, como você é filósofo. Vire aqui, vá, aqui, logo." Nilki agarra a direção e o ajuda quase a fazer a curva Alessandro dá uma guinada, mas consegue recuperar a trajetória.

"Pare! Mas o que está fazendo? Largue a direção. Mais um pouco e acertava o poste."

Nilki se acomoda no banco. “Puxa, você é quadradinho, hein?"

"Mas o que tem a ver eu ser quadradinho, se você amassar também a frente, estamos fritos, depois é só jogar o carro fora.”

"Exagerado."

"Você deu uma boa olhada no amassado que fez na lateral com a sua moto?"

“Amassado... um arranhão. Exagerado, já disse, você é exagerado."

"Sim, claro, o que isso lhe importa, o carro é meu."

“Pronto, você está falando igual à minha mãe. Estamos estudando isso agora A propriedade... Cuidado!"

Alessandro breca e para imediatamente. Um jovem numa Kymco rebentada, com uma garota de cor abraçada agarradinha na garupa, passa direto sem parar no sinal vermelho. Não se dão conta de nada. Ou não estão nem aí. Alessandro abaixa o vidro.

“Idiotas!" Mas os dois já estão longe. "Mas você viu? Nem pararam no sinal, nem olharam... E depois acontecem os acidentes.”

“Vamos, não seja tão duro. O importante é tê-los -visto e evitado, não? Quem sabe eles tem um encontro importante..”

“Claro, vestidos daquele jeito."

"Quem sabe um teste. Precisam trabalhar. Nem todos são filhinhos de papal, sabe? Puxa vida... Você é antiquado. Ainda classifica as pessoas pelas roupas que vestem?”

“Não é a roupa... é todo o conjunto. A falta de respeito. De valores. Talvez sejam como aqueles jovens dos livros de Pasolini, das periferias romanas, necessitados... precisariam ser ajudados, para fazer que entendessem como são as coisas...”

“Pasolini? Sei, quem sabe moram no Parioli e tem tanto dinheiro que pula fora do assento estourado. Mas o que você sabe? Você parece com o meu pai, sério!"

“Escute, você me obrigou a vir buscá-la e está bem... mas, será que precisamos também brigar?"

“Não, absolutamente. Olhe que, se você tivesse batido naqueles dois, eu não seria a sua testemunha..."

“Entendi. Você quer brigar.”

“Não, não disse isso. Só quero que se dê conta de que hoje de manhã você estava distraído e me acertou. Ou vai negar isso também?”

Alessandro olha para ela.

“Eu não estaria aqui."

“Ah, menos mal, pelo menos isto. Ali, vire na próxima.”

“Mas onde estamos indo?"

"Na oficina, eu mandei um torpedo para o mecânico na ultima hora e ele prometeu que me esperava... Agora v rã novamente à direita... Ali, devagar, devagar, fica bem aqui atrás. Pronto."

Mas a porta de ferro já está fechada.

“Nãão, não esperou... Fechou. E agora? Droga. O que vou fazer?”

“Como o que vai fazer? Agora você já conseguiu o seu motorista particular, não é?

"Que nada, hoje tenho que ir a uma porção de lugares e sem você.”

“Ah, claro.”

“O que quer dizer 'Ah, claro'?"

“Que certamente eu não estava previsto. Você não podia prever ir nesses lugares comigo."

“Certo, não nos conhecíamos...”

Niki desce do carro. "Você é só um acidente." E fecha a porta

“Sim, eu sei. Mas um acidente pode ser positivo ou negativo. Depende de como você o vê. De como altera a sua vida daquele dia em diante... Não?”

Niki se aprova da sua moto, estacionada ao lado da porta de ferro. Monta Dá dois golpes no pedal de partida. Experimenta acelerar. Nada a fazer. “Por enquanto”, ela diz, “eu o vejo como alguma coisa que nocauteou a Milla."

“Milla? E quem é?"

"A minha motoca!"

“Por que Milla?"

“Mas- sempre tem que ter um porquê?"

“Poxa! como você é chata."

Niki não o escuta e quase se enfia por baixo da moto.

“Eu sabia, ele tirou a vela Parece que depois da batida não dava a partida." Niki se levanta e chega perto do Mercedes. "Que saco!" Esfrega as mãos nas calças jeans desbotadas que logo se tingem de graxa escura Depois faz menção de entrar no carro.

"Desculpe, o que vai fazer?"

"Como, o que vou fazer, vou entrar.”

“Mas veja como você está, toda suja. Espere, use isto." E entrega a ela um pano de camurça bege-claro sem uso. Niki sorri para ele. Em seguida, começa a limpar as mãos.

“De qualquer maneira, Milla vem de camomila, talvez porque andar de motoca me relaxa. Mas no fundo é verdade, existe um porquê...Sabe, é perfeito entre nós.”

“O que entre nós?"

"Somos tão completamente diferentes. Em tudo. Corremos o risco de nos apaixonarmos perdidamente um pelo outro."

Alessandro sorri e dá a partida.

“O que vale é que você vai direto ao assunto.”

“O que tem de mal? Para que dar tantas voltas? Já tem o mundo que gira, não? Eu sou direta."

“Por que você é assim?" Alessandro se volta e olha para ela, procurando estudá-la. “Decepção amorosa? Filha de pais separados? Sofreu algum abuso quando pequena?"

“Não, quando grande. Justo esta manhã, por alguém num Mercedes... Ei, ei, eu vou direto ao assunto, mas você vai longe. E, além disso, você não acertou nenhuma. Não sei por que sou assim. E, depois, o que quer dizer por quê? Eu já disse, às vezes não há um porquê. Eu sou assim e chega, digo o que penso. Então posso, não?”

Alessandro sorri. "Claro, claro, você tem uma vida pela frente."

"Você também tem. A vida termina quando paramos de vivê-la. Gostou?”

"Sim.”

“É minha. Copyright. Mas para você eu empresto com prazer. Imagine que, de fato, estou vivendo um momento de rara felicidade. Sinto-me livre, feliz, tranqüila. Mas, tenho receio que falando, desapareça..." Alessandro a observa. É bonitinha. É alegre. É muito jovem. "E especialmente estou muito feliz pela minha escolha.”

"A sua escolha vocacional?”

"Que nada! Ontem à noite confirmei ao meu namorado que o deixei definitivamente. Apagado. Pulverizado. Desintegrado. Desaparecido. Evaporado..."

“Entendi, entendi o conceito. Bem, se usa todos esses termos significa que foi uma história importante."

“Nem um pouco."

“Sim, está bem, agora você quer dar uma de durona comigo. Você deve ter ficado bem mal.”

"Agora não. Mas aquela noite que ele foi ao concerto do Robbie Williams com um amigo, sim... Quer dizer, entende, não me levou. Não foi comigo, mas com um amigo, você se dá conta?!... Ali sim que eu fiquei péssima. De resto sempre me diverti e, quando decidi que tinha acabado, não me importou mais nada."

“Entendi. Mas então por que você está tão irritada?"

“Porque não decidi terminar logo, não ouvi o meu coração."

“Bem, talvez não estivesse pronta."

"Não é verdade. Só menti para mim mesma. Quando você arrasta as coisas é assim. Passaram dois meses desde que eu havia decidido. Menti durante dois meses a mim mesma. E isso não é bom. Podemos mentir a todos, mas não a nós mesmos."

“Bem, melhor tarde do que nunca, não?"

"Pronto, agora você parece a minha tia.”

“E o que devo fazer, devo ficar sempre em silencio com você?”

“Isso é o que o meu irmão sempre faz."

"Agora entendi por que você se dá tão bem comigo, tem a Impressão de estar com toda a sua família."

Niki ri. "Ora, essa foi boa. Juro, você me fez rir... Estou olhando para você com novos olhos. Sério, juro. Estou sendo sincera."

"Ganhei alguns pontos?"

"Alguma coisinha, mas ainda está muito longe, com o acidente na minha Milla você perdeu pelo menos vinte pontos na classificação... Além disso você se veste como um falso jovem."

“Isto...?” Alessandro se examina.

“Terno escuro e, embaixo, Adidas, camisa celeste excessivamente clara, gola aberta e sem gravata.”

“E então?"

“Tentativa desesperada de recuperar o tempo perdido. Proust ao menos se limitava a escrever sobre isso, não sala vestido dessa forma."

“Fora que no tempo dele não tinha Adidas, e, além do mais, este é o uniforme de trabalho. Quando estou entre amigos sou muito mais esportivo.”

"Quer dizer ainda mais desesperadamente um falso jovem infiltrado entre nós. Como quem quer dizer: olá, garotada, sou um de vocês! Mas você já não é mais. Disso você se deu conta, não?"

Alessandro sorri e sacode a cabeça.

“Sinto muito, mas você fez uma idéia errada de mim.”

Niki encolhe as pernas junto ao peito e coloca os sapatos sobre o assento.

“Tire daí!” E lhe dá um tapa nas pernas.

“Grosseiro, grosseiro." Depois olha para ele com um ar travesso. Teve uma idéia “Então vamos fazer um jogo. O que é que você gostou em mim?”

“Por que, necessariamente, eu deveria ter gostado de alguma coisa em você?"

“Bem, em geral, quando conhecemos uma pessoa há sempre alguma coisa nela que nos agrada e talvez alguma coisa que não nos agrada, não é? Sei lá, talvez a gente não goste de um perfume forte demais, ou dos cabelos excessivamente compridos, ou porque ela mastiga mal o chiclete, ou por ser muito agitada, ou por colocar os pés sobre o assento... por exemplo, tenho certeza de que você não gostou dos meus seios.” Niki os aperta um pouco. "De falo, nesses últimos tempos estão um pouco pequenos, emagreci. Estou participando de um campeonato de vôlei... Sabe, estamos em terceiro lugar... Está bem, mas isso não tem nada a ver. De qualquer forma, eu percebi que não foi a primeira coisa que você olhou quando nos conhecemos.”

“Não, de fato, a primeira coisa foi o amassado na lateral do carro."

"Pare! Eu estava dizendo, têm aqueles adultos, os que são como você, que, quando te vêem pela primeira vez, olham logo para os seios. Sabe-se lá o que procuram nos seios. Que segredo, que mistério de uma mulher julgam possa estar escondido num seio? Então, o que é que você gostou em mim?"

Alessandro olha um pouco para ela. Depois volta a dirigir tranquilamente e sorri.

"O que eu gostei foi a sua coragem. Logo depois do acidente, você se levantou. Não teve medo. Não perdeu tempo. Enfrentou rapidamente a realidade. Forte... Sério. É nesses instantes, nos acontecimentos doloridos e imprevistos, que se vêem as verdadeiras qualidades de uma pessoa.”

"Então, tomando isso como base, você é terrível! Gritava como louco! Só se preocupou com o carro."

"Não é isso, é que eu vi que você estava bem, certo?”

"Sim, claro, vou acreditar..." Então, Niki fica séria. “E o que você não gostou em mim?"

Alessandro está para começar a falar. Bem... então, vamos ver...” A lista parece bastante longa.

“Ah não, não, espere, estou reconsiderando... não quero saber absolutamente!”
Alessandro continua guiando, divertido. "Bem, se a gente não faz autocrítica nunca irá melhorar.”

"E quem lhe disse que eu quero melhorar? Dentre todas as meninas que eu conheço, estou tranquilamente acima da média... Logo, nem quero ficar muito diferente. Não agradaria mais a ninguém, claro... No entanto, a simpatia é fundamental. Nasce da imperfeição. Por exemplo, em você uma coisa que me chamou a atenção, apesar do drama que fazia pelo carro, foi justamente a simpatia Por outro lado, não há nada em você que me tenha desagradado."

Alessandro a observa, depois levanta a sobrancelha

“Ora, ora, elogios demais. Sabe-se lá o que tem por trás. E então?”

"Que nada, você é desconfiado. É isso que eu penso. Eu já não disse que sempre digo o que penso?”

"E as mentiras para a sua mãe, como ficam?"

"Exatamente. Nesse caso sempre digo aquilo que penso que ela gostaria de ouvir.”

Niki encolhe as pernas e as recoloca no assento. Abraça os joelhos. “Tire os pés do assento..."

“Arre, como você é chato.” Niki apoia-os sobre o painel.

“Tire também dai"

"Chatíssimo!”

"Esta bem, vou levar você para casa. Onde mora?”

Tai um defeito, encontrei. Você é muito certinho. Nada pode lhe escapar. Agora, o que fazemos?, onde vamos?, por quê? Mas por que você faz assim? Por que quer controlar tudo? Você é um contador das emoções. Um algoz das loucuras. Um calculador de casualidades. Não podemos reduzir a vida a puros cálculos. Desculpe, mas em que você trabalha?"

“Sou um criativo."

“E como você consegue criar se destrói e sufoca cada imprevisto? A criação nasce de um lampejo, de um erro em relação ao habitual transcurso das coisas. Não fazemos nada bem enquanto não desistimos de pensar em como fazer.”

“Bonito. Você é filosófica."

“Não é minha. É de William Hazlitt.”

“E quem é?"

“Não sei. Só sei que foi ele quem falou... Eu li na minha agenda.”

Alessandro sacode a cabeça, resignado.

"Você está no último ano do colegial, não é? O ano da maturidade. Li em algum lugar que é o ponto máximo do conhecimento de uma pessoa..."

“Mas que bobagem é essa..."

"Depois, a partir dali, a pessoa escolhe de alguma forma o seu caminho, especializa-se, escolhe uma direção na universidade e daí em diante saberá muito sobre aquela matéria que escolheu, mas só sobre ela."

“Escute, quando você fala assim, me deixa ansiosa."

“Por quê?”

“Você vê a vida como ausência de liberdade. A vida é liberdade, deve ser, deve fazer que seja."

"De fato, quem está proibindo... Você será livre para escolher a sua faculdade, por exemplo, não? Qual você quer fazer?”

“Quero fazer surfe."

“Esqueça.”

“Escute, tenho uma idéia Vire aqui. Reto, sempre reto. A ultima à esquerda.”

“Mas é contramão!"

“Outra vez, como você é opressor!"

“Não sou opressor, sou responsável, quero evitar um choque de frente. Você é que é irresponsável. Como aqueles dois de agora há pouco na moto. Se você entrar naquela contramão pode provocar um acidente gravíssimo.”

"Até agora, o único que provocou acidentes foi você. A menos que..."

“O quê?"

“Fosse um plano para me conhecer."

“Sim, belo plano... Então eu podia parar você e perguntar o seu nome sem arruinar o meu carro..."

“É uma pena, gostava mais da idéia de que me havia atropelado só para me conhecer..."

“Por que ás vezes você é tão criança?”

“Mas eu sou criança, papai. Pronto, vire aqui à direita. Aqui pode.”

“E depois...”

"Depois estamos no centro. Vela Del Corso, conhece?”

"Claro que conheço, e também sei que não dá para estacionar."

“Ora, dane-se, vamos dar uma volta. Você, que é um criativo, necessita respirar as pessoas, criar com elas, para elas. Pronto..." Niki agarra novamente a direição de lado e gira de repente, “vire aqui" e puxa de repente para si. "Aqui tem um lugar, entre, entre!"

"Tire a mão que vamos bater!”

Niki solta a direção.

"O.k, mas estacione aqui que é perfeito."

"Perfeito para ganhar uma multa, ah, claro, você não lê as placas de proibições.”

"Fique sabendo que a essa hora os guardas estão almoçando."

"Todos, claro, todos almoçando. Porque os guardas não fazem turnos..."

"Pare, chega de falar, vamos!" E Niki desce rapidamente, rindo e sem dar tempo de contestar, enquanto ele ainda não terminou a manobra. Alessandro sacode a cabeça e estaciona. Desce e tranca o carro.

"Se ganharmos uma multa, vamos pagar meio a meio, hein?"

Niki o pega pelo braço. "Claro, como não... Primeiro você quer um carro caro e depois se queixa por urna multa."

"Mas a multa não é um acessório, eu não a escolhi, nem a encomendei..."

"Claro que você é um criativo de fato... sempre tem a resposta certa no momento certo sobre o argumento certo... Se eu fosse assim tão rápida, quem sabe quantas dívidas teria evitado, hein?"

"O quê? Não consigo acreditar. Tão jovem e já tem dívidas..."

"Mas o que tem a ver... As da escola!"
Um celular começa a tocar.

"Ora, forte demais, você escolheu o toque de Vasco Rossi. Não é para você, forte demais, essa música não combina com você."

De fato, pensa Alessandro, não combina. Foi Elena quem colocou. Mas, natural mente, não vai dizer isso a Niki. Pega o celular no bolso do paletó e olha o número.

"Desculpe, mas tenho de atender, é do escritório... Sim, alô?"

"Oi, Alex, é a Giorgia. Estamos todos aqui, prontos. Recolhemos material, fitas, todos os anúncios antigos. Tem um monte sobre balas. Quem sabe surge alguma idéia se os folhearmos rapidamente?" Alessandro olha para Niki. Está observando uma vitrina, inclina a cabeça para a direita, depois para a esquerda, mede com os olhos um par de calças. Em seguida se volta, vê Alessandro, sorri e torce o nariz, amo quem diz: não, não gostei.

"Está bem, então comecem a olhar."

"E você, quando chega?"

"Mais tarde. Daqui a pouco estarei aí."

Niki, ouvindo essa frase, sacode a cabeça. Pega rapidamente uma folha de papel da mochila e escreve rapidamente. Depois entrega a ele.

"Nem se fala disso. Hoje você trabalha com a livre inspiração. Diga a ela. Criatividade e loucura. E que cacete!" Niki enfia o papel debaixo do nariz de Alessandro, que quase não consegue ler. Espere, Giorgia, desculpe..."

Alessandro olha o papel. De fato, Nike tem razão. Depois recomeça a falar ao telefone lendo em voz alta.

"Nem se fala disso hoje trabalho com a livre inspiração, criatividade e loucura... E que..."

Para. Olha para Niki. Sacode a cabeça pelo palavrão.

“E que diabos... De vez em quando é preciso, não?" Alessandro fecha os olhos, aguardando a reação da sua redatora. Um instante de silêncio.

"Você está certo, Alex. Muito bem, acho que é uma excelente solução. Desligar um pouco. Acho que esta pausa vai dar bons frutos. Vamos fazer assim. Nos vemos amanhã de manhã. Tchau." E desliga.

Alessandro olha perplexo o celular. “Incrível." Em seguida, guarda-o no bolso.

Niki sorri e dá de ombros.

"Viu? Estava de acordo comigo.”

“Esquisito, nunca teria esperado isso dela. Em geral fica ansiosa, trabalha sempre como uma louca no escritório..."

“Quanto tempo você disse que tem para esse projeto?”

"Um mês.”

“Dá e sobra."

“Eu não diria isso."

“Sim, porque, veja bem, as melhores soluções você as encontra de repente, estão ali, no ar, prontas para nós. É só pegar. Depende sempre do momento que estamos vivendo. Pensar demais em alguma coisa pode arruiná-la.”

“Essa também é de William Hazlitt?"

“Não, essa, modestamente, é minha.”

_____20_____

“Feche os olhos, Alex, feche. Respire, respire as pessoas.” Niki caminha com os olhos entreabertos, entre as pessoas que esbarram nela, e olha um pouco para cima, para o céu.

“Você sente? São elas... São as pessoas que devem guiar o seu coração. Não pense em nada e respire.” Então, para. Abre os olhos. Alessandro está parado, um pouco mais atrás, com os olhos fechados e tentando cheirar o ar. Alessandro abre ligeiramente um olho e a vê.

“Sinto um cheiro bem estranho...”

Niki sorri. "Claro. Passou há pouco uma carroça puxada a cavalo.” No chão, perto de Alessandro, ainda estão os “vestígios.”

“Ali por isso que todos me pareciam gente de m...”

“Engraçadinho. Boa essa. Sério, divertida. Mas que papel você exerce dentro de sua empresa?”

“Um importante.”

“Puxa vida Então você deve ter um padrinho o quente.”

“Que nada. Formei-me na Bocconi de Milão, depois fiz MBI em Nova York aqui estou, sem a ajuda de ninguém.”

“Mas pelo menos diga que não faz piadas assim no escritório.”

“Como não, todos os dias.”

“Mas o que faz exatamente?”

“Diretor de criação.”

“Diretor de criação... É por isso que todos riem das suas piadas! Experimente fazer uma coisa. Escreva as suas piadas e depois peça a sua faxineira para contar por ai. Veja se, depois de dois dias, todos riem ou e só ela que chora por ter sido despedida.”

“Você é invejosa.”

“Não, sinto muito, pura realidade. E, além disso, posso ser invejosa de quem salienta uma variante bem bolada no surfe para uma prancha *gum*, quem sabe melhorando a popa *roundtail* para alargar as curvas. Ou então posso invejar quem teve a ideia de construir um *reef* artificial para o surfe no quilômetro 58 da na Aurelia. Bem bolado. Não invejo certamente um diretor de criação. Mas, conte um pouco, o que se esconde de verdade sob esse título?”

“Como é?”

“Quer dizer, além de boas piadas, o que você faz de sério na sua empresa?”

“Invento aquelas propagandas de que você tanto gosta, onde tem uma bela música, uma mulher deslumbrante, e alguma coisa esplêndida acontece. Em suma, eu penso tudo aquilo que

fica gravado na sua mente e que faz que você, ao ir as compras, ou entrar numa loja, não consiga deixar de comprar aquilo que eu lhe sugeri."

"Ah, dizendo dessa forma, soa bem. Em outras palavras, você consegue convencer alguém a fazer alguma coisa..."

"Mais ou menos."

"Então, será que você não poderia conversar com a minha professora de matemática que não me deixa em paz?"

"Para milagres, ainda estamos nos preparando."

"Já ouvi. É velha."

"Eu a inventei há muitos anos, mas alguém a roubou."

"Na verdade, eu conhecia desta forma... O que é possível fazemos, o impossível experimentamos, para os milagres estamos nos preparando. Isto também estava na novela *Dio vede e provvede!*[9]"*

"Você está preparadíssima, sabe tudo, hein?"

"Aquilo que me interessa. Venha, venha, vamos entrar aqui, nas Messagerie Musicali." E quase o arrasta para uma grande loja cheia de CDs, livros, DVDs, mas também VHS e fitas cassetes.

"Olá, Pepe", Niki cumprimenta um segurança enorme na entrada. Camiseta preta, calças pretas e grandes bíceps brancos e tensos como a sua cabeça raspada.

"Ola, Niki, passeando mais cedo hoje, hein?"

"Sim, eu estava com vontade, e está tão quente... e aqui tem ar-condicionado."

Pepe tenta posar simulando uma propaganda.

"Uuuh, Niki... está tão quente..."
Niki ri. "Não tão quente, Pepe!"

Entram na loja e se perdem rapidamente entre mil estantes. Niki apanha um livro e o folheia. Alessandro se aproxima dela.

"Ei, você sabe que aquela propaganda de que falava o Pepe, o seu amigo energúmeno, foi feita pelos nossos adversários?"

"Pepe não é um energúmeno. foi um rapaz superdoce. Uma pessoa extraordinária. Está vendo como você se deixa enganar pelas aparências, pela imagem? Músculos, camiseta preta, cabeça raspada e logo é um sujeito mal."

"Eu trabalho sobre as aparências, as imagens. Foi você quem disse para eu me misturar com as pessoas, não?"

"Não, eu falei para respirar as pessoas. Não para observá-las superficialmente. Para você

[9] "Deus vê e prove!"É o nome de uma serie apresentada da televisão italiana em 1996

são suficientes uma camiseta justa e dois músculos para classificá-lo. Ele é diplomado em biotecnologia."

"Eu, na verdade, não expressei nenhum juízo."

"Pior, você o carimbou diretamente."

"Eu só falei que ele citou a propaganda dos nossos adversários."

"Então os seus adversários são poderosíssimos. E vencerão."

"Obrigado. Você me deixa com vontade de voltar para o escritório."

"Ótimo, assim você perde com certeza. Você precisa respirar as pessoas, não as poltronas do escritório. Quem sabe justamente Pepe poderia lhe dar a inspiração. E você até o tratou mal."

"Outra vez? Eu não o tratei mal. E você acha que eu sou suficientemente estúpido para tratar mal alguém como ele?"

"Na frente dele não, mas por traí, pelas costas, sim... Você o tratou mal!"

"Chega... Desisto."

"Olha, tem os CDs de Damien Rice... O e *B-Sides*... tem até o ultimo, lindíssimo, 9. Deixa eu ouvir um pouco..." Niki pega os fones. Seleciona a faixa 10. "Veja que titulo bonito, *Sleep don't weep*..." E começa a ouvir, movendo a cabeça. Depois retira os fones.

"Sim, sim, vou comprar. Me inspira, lindo, romântico. E sabe o que? Vou comprar também *O*, tem outras musicas além de *The blower's daughter*..."

"Música lindíssima apesar de Closer ser um filme cheio de sonhos rompidos."

"Então não serve para nós... A trilha sonora de nossa história deve ser positiva, não?"

"De qual história você esta falando...?"

"Cada instante que passa é uma história... Depende do que você vai fazer depois com ela."

Alessandro fica olhando para ela. Niki sorri.

"Não precisa ficar assustado... Veja, esta não tinha no filme! *Eskimo* é lindíssima.. Bem, vamos."

Alessandro e Niki se dirigem ao caixa. Niki pega a carteira da bolsa e esta para pagar, mas ele se antecipa."

"Nem se fala, eu vou dar a Doce de presente."

"Olhe que depois não quero me sentir em divida com você, hein?"

"Você é excessivamente prevenida e desconfiada. Mas com quem você sai em geral? Digamos que esta é uma pequena indenização pelo incidente de hoje de manhã."

"Pequeníssima. Ainda falta consertar a minha moto."

“Eu sei. Eu sei.”

Saem e continuam pela via Del Corso, cheia de gente.

“Você vê, passeiam. Não tem dinheiro, habitam na periferia e essa é a sua única diversão. Há a música, o metrô, as lojas, algum espetáculo de rua... está vendo aquele mímico?” Um velho senhor todo pintado de branco para estático em mil posições diferentes para quem lhe atira alguns centavos no pratinho. “Ou então observe aquele outro...” Junta-se a um grupo de pessoas que parou para ver alguma coisa. Na beira da calçada, um ancião muito bem-vestido, com chapéu-panamá, camisa clara, paletó de linho e um laço escuro, tem sobre o ombro um corvo. O velho assoma uma melodia. “Vamos, Francis, vamos... Dance para os senhores!”

O pássaro executa toda uma série de passos, desloca-se ao longo do braço do homem mantendo o ritmo. Chega até a mão e volta para o ombro.

“Muito bem, Francis, agora me dê um beijo”, e o pássaro atira-se sobre aquele grão de milho que ele encerra entre os lábios e o rouba delicadamente. Em seguida, com um pequeno salto o pássaro deixa cair o grão no bico e o engole. Niki aplaude feliz. “Muito bem, Francis, muito bem, ótimo, parabéns aos dois!”

Niki coloca as mãos no bolso, encontra algum trocado e o dedica cair no pequeno ninho que está apoiado numa mesinha próxima dali.

“Obrigado, obrigado, muito gentil.” O senhor ergue o chapéu e se inclina desse cobrindo a careca.

“Parabéns! Mas quanto demorou para ensinar a ele todas essas coisas? A música, as ordens e todo o resto?”

O homem sorri. “Está brincando, moça? Foi Francis que me ensinou tudo. Eu não sabia nem assoviar!”

Niki olha entusiasmada para Alessandro. “Vamos, não seja pão-duro... De alguma coisa você também...”

Alessandro abre a carteira. “Mas só tenho notas grandes...”

“Dê-lhe esta!”

Niki retira uma nota de cinqüenta euros e coloca no ninho do passaro. Alessandro não consegue impedi-la. Além do mais, é tarde demais. O homem viu. Quase fica sem palavras. Em seguida, sorri para Niki.

“Obrigado... venha... coloque um desses grãos na boca.”

“Mas eu? Mas não é muito perigoso?”

“Não! Francis é muito bom. Pegue.”

Niki obedece e põe o grão na boca. Francis levanta vôo de repente, para a um milímetro da sua boca, suspensa no ar, batendo levemente as asas. Naquele instante, Niki fecha os olhos, enquanto Francis estica o bico e rouba-lhe o grão dos lábios. Niki sente um leve toque e, quase assustada, tem um calafrio. Então, reabre os olhos. “Socorro!” Francis já voltou para o ombro de seu patrão.

”Viu, conseguiu.”

Niki bate palmas, felicíssima. “Parabéns! Ela foi ótima!” Bem naquele instante, atrás deles, passa um grosseirão de cabeleira comprida acompanhado de amigos da mesma laia.

“Oi, linda, se você gosta tanto de beijar passarinhos, eu lhe empresto o meu! Ele é adestrado!” e riem obscenamente, afastando-se.

“Nem morta! E, além disso, não consegue sair da gaiola...”, grita Niki atrás deles. Já longe, o cafajeste a manda para aquele lugar com um gesto de mão.

“Você quer que eu diga alguma coisa para eles?”, pergunta Alessandro.

“Deixe pra lá, já resolvi. E depois não faça assim. O meu ex pulava por qualquer coisa. Se ele estivesse aqui, sabe o que ia acontecer? Uma briga, confusão... Era alguém que brigava o tempo todo, a troco de nada. Eu não o suportava.”
“Está certo, mas esse aí foi pesado, não?”

“Ouça, os que latem assim, depois não mordem. Era só urna brincadeira de mau gosto. Não vale a pena perder tempo com isso. Além do mais, deixei o meu ex justamente por isso. E agora o que faço, saio com você e age da mesma maneira?”

“Só que eu e você não estamos saindo.”

“Ah, não?”

“Não.”

“Curioso, estamos andando juntos...”

“Sim, mas não é que marcamos um encontro.”

“Mas qual é o problema? Você tem uma mulher ciumenta?”

“Na verdade, neste instante, não tenho.”

“Ah, você também está livre?”

E, apesar de lhe parecer absurdo falar disso justamente com ela, não consegue mentir.

“Bem, sim.”

“E então, deixe pra lá! Aproveite esses momentos e só! Que chateação! Sempre querendo tudo certinho.”

Niki começa a andar mais depressa e toma a frente. Alessandro fica ali, diante do homem que olha para ele com o seu pássaro no ombro, ergue a sobrancelha e sorri. “A moça tem razão.” Em seguida, pensando que o outro poderia se arrepender, o ancião olha para Alessandro, sorri e coloca os cinqüenta euros no bolso.

Alessandro a alcança. “Niki, espere. O.k., saímos, mas não saímos, assim ainda devemos fazer a nossa saida, certo? Melhorou?”

“Se você acha...”

“Vamos, não fique brava.”

“Eu? Mas quem é que está brava?”, e começa a rir. Niki enfia o braço debaixo do braço de Alessandro.

“Escute, mais à frente tem um lugar onde fazem uma *pizza* excepcional, em via della Lupa. Você topa um pedaço de pizza? Em via Tomacelli tem outro que faz um pão que dá vontade de morrer, lá tem também um terraço maravilhoso, podemos subir e é um especulo. Depois tem outro em corso Vittorio que faz saladas, chama-se L'Insalata Ricca. Você gosta de salada? Ou então aqui perto, tem um lugar muito bom que fz sorvetes, Giolitti, ou melhor, tem outro que faz suco de frutas fantásticos, Pascucci, perto da piazza Argentina.”

“Piazza Argentina? Mas é muito longe.”

“Que nada, é um passeio. Então, vamos?”

“Mas aonde? Você falou oito lugares em dois segundos!...”

"O.k., então escolhemos os sucos de frutas, vamos fazer assim, quem chegar em primeiro não paga! E sai correndo, linda, alegre, com as suas calças justas, a sua bolsa de malha, os cabelos castanho-claros ao vento, presas por uma fita azul. E os olhos azuis ou verdes, dependendo da luz. Alessandro fica ali, parado, olhando para ela. Ri consigo mesmo. E em seguida, de repente, é como se decidisse atirar para trás todos os seus pensamentos. E parte ele também, atrás dela, correndo a toda pela via Del Corso. Para a frente, sempre para a frente até virar à direita em direção do Pantheon, com as pessoas que os observam, que sorriem, que ficam curiosas, que param um instante de falar antes de retornar à própria vida. Alessandro corre atrás de Niki. Está quase alcançando-a. Veja só, pensa Alessandro, parece um daqueles velhos filmes, tipo *Guardas e ladrões* com Totó e Aldo Fabrizi quando corriam ao longo dos trilhos da ferrovia, em preto e branco. Só que Niki não lhe roubou nada. E não sabe que, na verdade, está lhe dando algo.

Niki n e de vez em quando se volta para ver se ele ainda está lá. “Ora, não achei que você estivesse tão em forma, hein?”

Alessandro está quase para alcançá-la. “Agora te pego, agora te pego.”

Niki acelera um pouco, tenta manter um ritmo mais forte. Mas Alessandro está sempre ali, a poucos passos dela. De repente diminui, quase para. Niki se volta e o ve longe. Parado. Por um instante se assusta. Diminui ela também. Para de repente e volta-se. Alessandro põe a mão no bolso do paletó e tira o celular.

“Alo?”

“Alex, é você? É Andrea, Andrea Soldini...”

Alessandro tenta recuperar um pouco o fôlego.

“Quem?”

“Pare com isso, sou o seu gerente de produto e, abanando a noz, “aquele que você salvou na sua casa com as russas...”

“Mas é claro que eu sei quem é você, será possível que você não compreende quando estou brincando? Então diga, qual é o problema?”

“Mas o que você está fazendo, está esbaforido!”

“Sim, estou respirando profundamente as pessoas, para ser mais criativo.”
“Mas o que... Entendi. Sexo depois do almoço, hein?”

“Ainda não almocei" e gostaria de acrescentar: ... e, se quer saber, não faço sexo não sei há quanto tempo. “Então o que é? Me diz.”

“Não, eu só queria dizer que estou revendo as nossas velhas propagandas e tive uma ideia de montagem. Se você passasse por aqui, podíamos falar a respeito.”

“Andrea...”

“Sim, diga.”

“Não me faça ficar arrependido de ter salvado você.”

“Não, absolutamente, não.”

“Muito bem. A gente se fala depois.”

“Posso chamar você se eu tiver alguma outra idéia?”

”Se você não puder resistir."

“O.k chefe.” Andrea desliga. Não deu tempo, pensa Alesandro de dizer-lhe a coisa mais importante. Não agüento ser chamado de chefe.

Enquanto isto, Niki se aproxima.

“Então, o que acontece?”

“Nada, no escritório não conseguem ficar sem mim.”

“Mentira. Chamam você de chefe e com isso você se sente importante, certo?”

“Certo, e daí?”

“Vale para todos a mesma regra, lembre-se, morto um chefe, faz-se outro.”

“Ah e, então você sabe o que eu acho? Quem perde, paga também o que está em suspenso.” E Alessandro passa por ela e começa a correr como um louco em direção Piazza Argentina.

“Ei, assim não vale! Eu voltei para ver como você estava!”

“E quem mandou?!” Alessandro ri e continua a correr. “E, além do mais, o que você quer dizer com o que está em suspenso?”

“Explico quando chegarmos, agora necessito de todo o meu fôlego para vencer.” Alessandro acelera, continua a correr ao longo das ruínas do Pantheon, além da praça, ao lado do hotel e sempre em frente. Novamente o celular. Alessandro diminui, mas não para. Pega o celular no casaco. Observa o display. Não acredito. Volta-se para Niki, que, enquanto isso, está se aproximando. “Mas foi você quem chamou!”

“Claro, guerra é guerra. Vale tudo. Você me fez voltar e depois saiu correndo, foi traição, não? Quem com celular fere, com celular será ferido!”

“Sim, mas não deu certo. E dizer que foi você mesma quem disse para eu registrar o seu numero!”

“Você vê, a gente sempre se arrepende de ser boazinha!” E continuanm a correr. “Diga-me o que quer dizer com essa história do suspenso, senão eu não pago.”

“Vamos decidir lá se paga ou não... senão não vale.” E continuam a correr um atrás dá outro até chegar ao Pascucci

_____21_____

“Primeirão!” Alessandro apoia-se na vitrina do bar.

“Claro, você trapaceou, que vigarista você é!”

“Você não sabe perder!”

Permanecem os dois na porta, curvados, tentando recuperar o fôlego.

“Mas foi uma boa corrida, não?”

"Sim, e olha que eu jogo vôlei todos os dias. Pensei que ia ganhar fácil, senão eu não ia apostar..."

Alessandro se ergue ainda ofegante. "Sinto muito, esteira em casa. Vinte rninutos toda manhã... com tela na frente para simular bosques e montanhas, paisagens ajudam a ficar em forma e, especialmente, a ganhar de alguém como você."

“Que nada, se fizer de novo, vai perder."

"Claro, agora que você sabe que eu aguento só até vinte minutos, você está em vantagem. O segredo depois de uma vitória é não recolocá-la em jogo. É necessário saber sair da mesa no momento justo. Todos são bons jogadores, poucos verdadeiros vencedores."

"E essa é sua?"

"Não sei, preciso ver. Não lembro se roubei de alguém."

"Então, por enquanto, me parece besteira!"

"Mas por que, se for dita por outro muda o valor?"

"Depende de quem seja o outro."

"Excuse me.." Um casal de estrangeiros pede gentilmente que se afastem. Não conseguem entrar no local.

"Oh, certainly, sorry..., diz Alessandro, abrindo caminho.

"Olhe aqui, se com a esteira e as suas trapaças sujas você me ganhou na corrida, inglês eu ganhava fácil. Você poderia me contratar como *account* internacional."

Alessandro sorri, abre a porta de vidro, deixa que ela entre e depois a fecha.

“Sabe o que dizíamos sempre no fim das peladas, quando começam as discussões... quem vence festeja, quem perde justifica."

"Sim, está bem, entendi, tenho de pagar, de acordo. Eu sempre pago as minhas apostas quando perco."

"Está bem, então por enquanto pague aqui. Para mim um belo suco de frutas do bosque."

Niki observa os diferentes sabores nas gôndolas.

"Para mim, *kiwi* e morango. Então, o que era aquela história do 'suspenso'?"

"Ah, sim. Se não quiser, não está obrigada a pagar, visto que não conhecia. É também justo que não pague."

"Então conte, depois eu decido se vou pagar ou não."

"Ora, como você está esquentada... a derrota arde, hein?"

Niki tenta pisar num pé de Alessandro, que se afasta rápido.

"O.k., o.k., agora chega. Vou contar o que é o 'suspenso'. É uma tradição napolitana. Isto é, em Nápoles são generosos em tudo, e, quando vão a um bar, além do café que tomam, oferecem mais um também para a próxima pessoa que vai entrar. Assim, é um café 'suspenso' para quem não tem condição de pagar."

"Boa, gostei. Mas e se depois o dono do bar finge não saber? Embolsa o dinheiro e não dá nada àquele que entra, que não tem dinheiro, que pede um café?"

"O 'suspenso' está baseado na confiança. Eu paguei, o dono do bar aceitou o neu dinheiro e com isto implicitamente promete que vai fazer. Preciso confiar nele. Assim como no eBay, quando você paga por um produto e depois confia que ele vai chegar na sua casa."

"Sim, mas no bar você não pode deixar *o feedback*[1]*."*

"De qualquer forma, no bar é fácil, você só perde o dinheiro de um café. Seria bom poder confiar nos desconhecidos também nas coisas mais importantes. Às vezes não podemos confiar nem naqueles que estão perto da gente há anos, imagine em um dono de bar..."

Niki o observa. Sente no tom da sua voz alguma coisa profunda e longínqua.

"Você pode confiar em mim."

Alessandro sorri. "Claro, no máximo vou perder o seguro do carro!"

"Não, no máximo vai se assustar."

"Com o quê?"

"Porque vai ter de recomeçar a acreditar em tudo aquilo que já não acreditava."

E permanecem assim, em suspense, com aqueles olhares de sorrisos e alusões, do que não se conhece, de curiosidade e diversão, indecisos entre pegar ou não aquele pequeno caminho que se afasta da estrada principal e entra no bosque. Mas que às vezes é tão bonito, mais do que a própria fantasia. Depois uma voz recai caótica nos seus pensamentos.

"Aqui estão os seus sucos. Para a senhorita, *kiwi* e morango, e para o senhor, frutas do bosque."

Niki pega o seu. Começa a beber de canudinho, olhando alegre para Alessandro, sem grandes pensamentos, com um olhar limpo, cheio e transparente. Niki para de beber.

"Muito bom, de verdade. Você gostou do seu?"

"Ótimo."

"Como é?"

"O que quer dizer como é?"

"O que tem dentro."

"Ah, então você deve dizer do que é ou que sabor escolheu? O meu suco é de frutas do bosque..."

"Minha mãe, você é pior do que a Bernardi."

"E quem é?"

"A minha professora de italiano. Você estica que nem ela. Vá, pô, dava para entender perfeitamente o que eu queria dizer, não?"

"Sim, mais ou menos, depende do que você realmente pretendia dizer, é uma questão de interpretação, então... Você sabe que o italiano é a língua mais rica em matizes e tons. Por isso é estudada no mundo inteiro, porque as nossas palavras permitem expressar exatamente a realidade."

"É verdade, você não é como a Bernardi."

"Ah, bom, eu também acho."

"Você é pior!" E com o canudo recomeça a tomar o suco. Termina e pesca no fundo, fazendo um monte de ruídos, sob os olhos escandalizados de um turista ancião qualquer e os divertidos de Alessandro. Está terminando de sugar tudo o que sobrou, quando... "Droga."

"E o que é agora?"

"Nada, é o celular." Niki o retira do bolso dos *jeans.* "Eu deixei no *vibracall."* Observa o número que aparece no *display.* "Saco, é da minha casa."
"Vai ver só querem dar um alô."

"Duvido. Serão as três perguntas de sempre."

"E quais são?"

"Onde você está, com quem está e a que horas vai chegar. Bem, lá vou eu... Imersão..." Niki atende ao celular. "Alô?"

"Oi,Niki."

"Mamãe, é você, que surpresa!"

"Onde você está?"

"Dei uma volta aqui no centro."

"Com quem você está?"

"Ainda com a Olly." Olha para Alessandro e ergue os ombros como quem diz: saco, tenho de mentir outra vez.

"Niki..."

"Sim, o quê, mamãe?"

"A Olly acabou de ligar. Disse que você não respondia ao celular."

Niki revira os olhos. A sua expressão labial não deixa dúvidas. Cacete, cacete, cacete. Alessandro a observa sem compreender absolutamente nada do que está acontecendo. Niki bate os pés no chão.

"Mas não, mamãe, não me expliquei direito. Fiquei até há pouco com a Olly, mas ela não queria vir para o centro e então me despedi. Disse a ela que voltava para casa, mas depois decidi vir do mesmo jeito, sozinha. Ela me deixou na motoca."

"Impossível. Ela disse que te acompanhou durante o recreio até o mecânico. E o, quando foi que você a retirou?"

Merda, merda, merda. Mesma cena anterior com Alessandro, que compreende cada vez menos.

"Mas, mamãe, como é que você não consegue entender? Eu disse para a Olly viria de moto porque não gosto do jeito que ela guia, tenho medo de ficar atrás e não queria ir com ela."

"Ah, é, e então com quem vai voltar?"

"Encontrei um amigo."

"O seu namorado."

"Não, mamãe... Ele agora é ex.... Eu já contei que nos separamos. É outro amigo meu."

Silêncio.

"Eu conheço?"

"Não, mamãe, você não conhece."

"E por que eu não conheço?"

"Sei lá, mamãe, talvez um dia você irá conhecê-lo, mas não sei..."

"Eu só sei que estamos contando mentiras. Não havíamos prometido que nos diríamos sempre tudo?"

"Mamãe", Niki abaixa um pouco a voz e se vira, "agora estou com ele. Não podemos suspender este interrogatório?"

"O.k. Quando você volta?"

"Logo."

"Logo, quando? Niki, lembre que você tem de estudar."

"Logo, mamãe, eu disse logo", e desliga. "Nossa... minha mãe, quando começa, é realmente pesada..."

"Pior do que a Bernardi?"

Niki sorri. "Competem." Em seguida, Niki se dirige ao garçom.

"Eu queria mais um."

"O mesmo? Sempre morango e *kiwi?"*

"Sim, adorei."
Alessandro termina o seu e atira o copo de plástico no cesto perto da caixa.

"Niki, mas vai tomar mais um?"
"Qual é o problema, eu pago."

"Não, não é isso. É que dois são pesados, não?"

"Você quer saber, só tem uma pessoa que ganha de minha mãe e da Bernardi."

"Acho que já adivinhei quem é."

Niki se aproxima da caixa, Alessandro coloca-se na frente.

"Deixe, eu pago."

"Mas o quê, está brincando? Perdi a aposta e vou pagar, era só o que faltava. Então três sucos e um 'suspenso?'

A caixa olha para ela curiosa. "Sinto muito, mas não temos sucos 'suspensos?

"Não, me deixe explicar. Além dos meus três, vou pagar mais um. Se entrar alguém que não tem o dinheiro para pagar e quiser um suco, a senhora diz que tem um. 'suspenso'. E manda servir para ele..."

Niki dá uma nota de dez euros para a caixa. Que registra quatro sucos e dá o troco de dois euros. "Simpática essa idéia. É sua?"

"Não, é do meu amigo Alex. Quer dizer, na verdade é uma tradição napolitana. Praticamente agora está em suas mãos."

"Nas minhas mãos, em que sentido?"

"Nós temos confiança na senhora, compreende? O suspenso está em suas mãos."

"Claro, já me explicou... e o oferecerei a quem necessitar."

"Perfeito." Niki pega o seu suco recém-preparado e está para sair. Mas para na porta. "Mesmo porque nós poderíamos ficar aqui do lado de fora controlando toda a tarde... Até logo."

Alessandro abre os braços para a caixa. "Sinto muito, ela é desconfiada."

A caixa dá de ombros. Alessandro alcança Niki, que está andando e beberica o seu suco.

"Com você, a um bom entendedor poucas palavras bastam, hein, Niki?"

"Minha mãe ensinou que confiar é bom e desconfiar é melhor. E eu posso continuar por horas. Minha mãe me ensinou uma porção de provérbios. Mas você acredita neles?"

E continuam assim, a falar, a passear, a conversar sobre qualquer coisa, sobre as viagens feitas, sobre aquelas sonhadas, sobre as festas, locais recém-inaugurados e os que fecharam, e de mil outras novidades, capazes de ouvir-se, de rir e de esquecer, por um instante, aqueles vinte anos de diferença.

"Me deixa experimentar o seu suco?"

"Ah, está vendo..."

"Se você pediu mais um, deve ser bom."

"Tome." Niki oferece o copo.

Alessandro afasta o canudo e bebe diretamente um gole do copo. E o devolve. "Hurnm, você fez bem em pedir mais um. É realmente gostoso..."

"Mas você afastou o canudo. Você tem nojo?"

"Não, é que talvez incomodasse a você. Beber no mesmo canudo é um pouco como beijar-se...."

Niki olha para ele e sorri.

"Não, não, é diferente. Muito diferente."

Silêncio. Permanecem um pouco olhando um para o outro. Em seguida, Niki ece novamente o copo. "Mais um pouco?"

"Sim, obrigado." Dessa vez, Alessandro bebe do canudo. E olha para ela. Fixamente. Intensamente.

"Pois é, se você faz assim é como se me tivesse beijado..."

"E você gostou?"

"Humm, sim, bom. Era um beijo saboroso, *kiwi* e morango!"

E olham um para o outro. E sorriem. E por um instante não se sabe bem quem é o mais maduro. Ou imaturo. De repente, algo os traz de volta à realidade. O Motorola de Alessandro toca.

Niki bufa. "É o quê? Outra vez o escritório?"

Alessandro olha para o *display.* "Não. Pior. Alô?"

"Oi, querido, como vai?"

"Oi, mamãe."

"Você está no escritório? Com o diretor? Está em reunião?"
"Não, mamãe."

Alessandro olha para Niki e ergue os ombros. Depois cobre o fone com a mão. “A minha é pior que a Bernardi e a sua juntas."

Niki ri.

"E então, onde você está?"

"Na via del Corso."

"Ah, fazendo compras."

"Não, a trabalho. Uma pesquisa. Estudamos as pessoas para compreender melhor como entrar no mercado."

"Ah, bom. Parece uma ótima idéia. No fundo, são as pessoas que escolhem, certo?"

"Certo."

"Escute, você vem jantar conosco sexta-feira? Virão também as suas irmãs com os maridos e os filhos. Você poderia vir com Elena, não? Nós gostaríamos."

"Mamãe, agora eu não sei, tenho que olhar a agenda."

"Oh, não se faça de tão comprometido conosco."

"Mas eu sou ocupado, mamãe."

"Mas se você está aí perambulando no centro!"

"É uma pesquisa de mercado, já falei."

"Conte isso para os seus chefes, não para mim. Você deve estar se divertindo passeando com aqueles seus amigos preguiçosos... Bem, então sexta-feira trate de vir, está bem?" e desliga.

Niki ergue uma sobrancelha. "Diga uma coisa. Quantos anos você tem?"

"Trinta e seis."

"Ah, pensei que você fosse mais velho."

"Bem, obrigado, de fato..."

"Você não entendeu. Não estou me referindo à idade. De como você se veste, pelo seu jeito de se comportar, pela sua cultura..."

"Você está me gozando?"
"Não, sério. É que eu queria entender... mas quando eu também tiver trinta e seis anos, será que a minha mãe vai continuar a encher dessa forma?"

"Pense que um dia esse tipo de aborrecimento vai lhe fazer falta."

Niki dá um último gole no suco e depois atira o copo num latão de lixo semiaberto ali perto.

"Cesta!" Depois segura Alessandra pelo braço. "Veja, é quando você fala essas coisas que os seus trinta e seis anos me agradam pra caramba!" E vão embora assim. Um pouco correm e um pouco não. E um pouco falam e um pouco também. Sem pressa, sem pensamentos, sem telefonemas. Até alcançar o lugar onde haviam deixado o Mercedes e dar com uma única surpresa. O Mercedes não está mais ali.

"Merda... Roubaram."

"Mas não era aqui... Talvez mais adiante..."

"Não, não, era aqui. Eu lembro. Não posso acreditar, roubaram de tarde, no centro, na via della Penna. É absurdo!"

"Não, veja, o absurdo era o de encontrá-lo ainda aqui."

Uma voz às suas costas. Um guarda particularmente diligente ouviu tudo.

"O senhor estacionou numa área sujeita a guincho. Não viu a placa?"

"Não, estava distraído", e olha para Niki dando um sorriso forçado. "E agora onde posso encontrar o carro?"

"Levaram embora com o guincho, logo, ou em Ponte Milvio ou no Villaggio Olímpico, obviamente" e vai embora com o seu bloco na mão, pronto para multar o próximo.

"Obviamente... E agora, como saímos daqui?"

"Facílimo. Venha. Será possível que eu tenho que lhe ensinar tudo?"

Niki o pega pela mão, começa a correr. Atravessa a piazza dei Popolo, quase arrastando Alessandro, como dois turistas que procuram chegar a tempo em algum museu antes que feche. E sobem voando naquele pequeno bonde que corre ao longo da via Flaminia. Atiram-se sobre os primeiros assentos que encontram. Alessadro esbaforido, procura a carteira, gostaria de pagar, mas Niki o impede. E sussurra: “vamos descer".

"Sim, mas e se sobe o fiscal?"

"Vamos descer na próxima."

Mas não é assim. Há ainda mais duas paradas. E justamente na penúltima sobe o fiscal.

"Bilhete, bilhete."

Alessandro olha para Niki e sacode a cabeça. "Mas por que eu lhe dei ouvidos...” Não tem tempo de responder. O fiscal chega.

"Bilhetes", e Niki se esforça. Justifica-se de todas as formas, pisca os olhos, faz apelo à multa já recebida, inventa histórias estranhas sobre um carro roubado, de um amor recém-terminado, conta a lenda do suco suspenso, um gesto generoso que denota a honestidade deles. Mas nada feito. E aquela passagem não comprada se transforma numa nota de cinquenta euros a menos para Alessandro.

"Eu até dei desconto. É como se um dos dois tivesse pagado a passagem, está bem?”

Coisa de louco, pensa Alessandro, mais um pouco e eu tenho que agradecer. Quando descem, Niki não espera nem um instante. Corre novamente a toda, arrastando-o atrás de si, fazendo-o quase tropeçar, até parar diante da pequena guarita do município.

"Olá... Viemos recuperar o carro."

"Pois não. Onde estava estacionado?"

"Na via della Penna."

"Sim, acabou de chegar. É o Mercedes ML, não? São cento e vinte euros mais sessenta de frete. No total, cento e oitenta euros."

Alessandro apresenta o cartão de crédito. Depois de pagar, finalmente o deixam entrar no estacionamento.

"Olhe ali, não é ele?" Niki corre na direção de um Mercedes estacionado na penumbra. Alessandro experimenta acionar o controle de longe. As setas piscam. “Sim, é este."

Niki sobe rápido, Alessandro a segue. Saem lentamente do estacionamento. Ele ergue a sobrancelha.

"Esse acidente com *você* está ficando caro. Se a convidasse para sair formalmente, talvez eu tivesse economizado."

"Que nada, o dinheiro foi feito para circular, isso ajuda a economia nacional. E de qualquer maneira, se não fizer, não vai descobrir. Além disso, não é você o diretor de criação? Esta é uma pesquisa de mercado, você viu gente, saboreou uma realidade diferente da sua. E depois, na sua prestação de contas de hoje, você deve deduzir a minha."

"Como é?"

"Os oito euros dos sucos de fruta."

Ah, claro. Assim que surgir uma vaga na empresa você será admitida como contadora."

"Vire aqui, aqui à direita."

"Você é pior do que um navegador quebrado."

Ultrapassam o Cineporto e se encontram dentro de uma grande esplanada, completamente vazia. Só alguns carros estacionados ao fundo.

"Bem? E o que tem aqui?"

“Nada.”

"Então o que fazemos aqui?"

Alessandro a observa por um instante, perplexo. Ergue a sobrancelha. "Aqui costumam vir os casaizinhos", e sorri para ela.

"Sim. Mas também os que fazem autoescola."

"E de que grupo nós fazemos parte?"

"Do segundo. Vamos, saia daí, me deixe dirigir o seu carro..."

"Mas você está brincando?"

"Olhe, veja se não se faz de difícil. Agora já é tarde para ir ao escritório, deixe, vá. Fizemos até agora pesquisas de mercado e por um custo ridículo eu lhe dei um monte de informações úteis. Isso teria custado uma fortuna... Agora seja um pouco altruísta. Eu já tenho a carteira provisória. Deixe eu praticar um pouquinho."

"Está bem, mas vá devagar e não vamos sair daqui." Alessandro sai do carro dá a volta, passando na frente do carro. Olha para ela enquanto se desloca internamente de um assento para outro, passando por cima do câmbio. Ajeita-se, coloca um dos dois CDs que comprou na Messaggerie e aumenta o som a todo volume. Alessandro mal tem tempo de fechar a porta e Niki já parte como um raio.

"Ei, vá devagar! Vá devagar! E coloque o cinto!"

O Mercedes para instantaneamente. Em seguida, parte de novo a toda velocidade. Alessandro se inclina para o lado de Niki.

"Ei, o que está fazendo, testando? Está se aproveitando de mim?"

"Mas o quê? Estou prendendo o seu cinto de segurança!" Alessandro puxa o cinto e o prende ao lado do assento. Depois a observa. Niki experimenta trocar de marcha, mas erra de pedal e freia.

"Mas não tem embreagem?"

"Não."

"Como é?"

"Essa alavanca pequenina, à qual você se agarrou como um polvo, não são as marchas... Chama-se câmbio automático. Mais exatamente, 7G-Tronic, equipado também com um sistema *direct selection.* É suficiente um ligeiro toque e a marcha D é engatada."

"Ah, mas então não vale. Assim não serve pra nada." Niki parte novamente como um raio, faz uma curva fechada, acelera. Não percebe que outro veículo esta entrando bem naquele instante na esplanada. Niki breca como pode, mas bate no outro carro e quebra o farol direito e parte da lateral. Alessandro, que não teve tempo de colocar o cinto de segurança, termina com o rosto espremido contra o para-brisa.

"Ai! Não acredito, não acredito, mas você é um desastre." Toca o nariz várias vezes, preocupado, e olha para a mão procurando sinais de sangue.

"Não fiz nada", diz Niki. "Vamos, você não se machucou." Alessandro nem a escuta. Abre a porta e sai correndo. Niki também desce. "Ei, senhor, mas estava olhando para onde? Eu tinha a preferência!"

O senhor sai do carro. "O quê?!" É alto, gordo e grande, cerca de cinquenta anos cabelos escuros e mãos nodosas. Quer dizer, é um daqueles tipos que, quando querem, machucam. E muito.

“Ei, menina, mas você está brincando? Eu estou chegando pela direita. Você nem tentou desviar. Me acertou em cheio como no tiro ao alvo. E ainda bem que brecou no fim, porque senão não estaríamos aqui conversando. Olhe aqui, olhe os prejuízos que você provocou...."

"Sim, mas o senhor não estava olhando. Eu vi, o senhor estava distraído com a senhora."

Uma mulher desce do carro. "Mas o que está dizendo? Nem estávamos conversando...”

Alessandro decide intervir. "O.k., o.k., calma, o importante é que ninguém se machucou, não é?"

O senhor sacode a cabeça. "Eu não. Giovanna, e você? Bateu a cabeça? Um gol-*.2.* coluna cervical? Tem dores no pescoço?"

"Não, Gianfrà, não."
"Perfeito." Alessandro entra no carro. Niki o alcança.

"O meu nariz está inchando?"

"Não, que nada, você está lindo. Ouça, esses dois vieram aqui com segundas intencões, o.k.? Os dois usam alianças. Logo são casados. Se você disser que vai chamar a polícia e quer fazer um boletim de ocorrência, quem sabe se assustam e vão embora."

"Você acha?"

"Certeza."

“Niki..."

"O quê?"

"Até agora você não acertou uma... o estacionamento, a passagem do ônibus. Você tem certeza de que quer arriscar com o boletim de ocorrência da polícia?"

Niki coloca as mãos nos quadris.

"Os sucos de frutas estavam bons?"

"Ótimos."

"Então você vê que alguma coisa eu acerto. Me dê mais uma chance..."

"0.k."

Alessandro sai do Mercedes. "Eu pensei ter aqui comigo o CID e não está. Acho que *é* melhor chamar a polícia, assim eles fazem o levantamento... e o boletim."

A mulher olha para o homem.

"Gianfrà, acho que isso vai levar um tempão..."

Niki olha satisfeita para Alessandro. Dá uma piscadinha para ele. Gianfranco coça o queixo pensativo. Niki intervém. "Já que é assim... Bem, vamos fazer de conta não aconteceu nada: vocês vão embora e nós vamos também."

Gianfranco olha para ela perplexo. Não entende. "E o carro que você detonou?”

"Riscos do ofício", ousa Niki.

"Mas o quê, você está brincando? A única vez que eu saio com a minha mulher para ficar um pouco a sós, porque não aguento mais, porque sempre tenho os filhos em casa com dez amigos, e procuro um lugar para ficar tranquilo com ela, por sua culpa eu devo me prejudicar? Espertinha... Mas quem vai chamar já a polícia sou e vamos esperar o que tivermos de esperar! Nem que seja um ano!" Gianfranco pega o celular do bolso e começa a teclar o número. Niki se aproxima de Alessandro. "O.k, faça de conta que eu não disse nada..."

"Entendi."

"Mas você tem o CID no carro?"

"Claro, só fiz de conta por causa da sua esplêndida teoria dos amantes."

"E então vai buscar..."

"Mas agora ele já está chamando a polícia."

"É melhor buscar... Acredite!"

"Mas vão entender que nós blefamos!"

"Alex... eu não tenho a carteira provisória e só tenho dezessete anos."

"Mas você tinha dito... aaaah, eu desisto de você."

Alessandro mergulha no interior do carro e sai em um segundo com um papel na mão.

"Gianfranco, veja. Encontrei o CID! Que sorte, hein?"

_____22_____

Quarto índigo. Ela. É difícil. Parece faltar o chão sob os pés. O caminho que você conhecia, as palavras que sabia, os aromas e os sabores que faziam que se sentisse protegida... decidir cancelar tudo. Sentir que sem isso não vai conseguir ir para e nhum lugar e vai ficar ali, fazendo de conta que vive. Mas o amor que termina dessa forma, era realmente amor? Sinto muito. Não quero que sofra. Não merece isto. Sempre foi bom para mim. É importante para ele. Preocupa-se. Também é um pouco; ciumento. Ontem, quando eu estava para contar a ele, achei que ia morrer. Ele falava do seu dia de trabalho, de sua nova atividade, das próximas férias que quer tirar comigo em agosto para festejar a maturidade. Liga o *notebook.* Abre a pasta amarela. Escolhe um arquivo ao acaso.

"Com os olhos da fantasia se viu enquanto conversava com aquela doce e belíssima jovem sentada a seu lado, numa sala repleta de livros, quadros, gosto e inteligência, atravessada por uma luz clara e por uma atmosfera cálida e brilhante..."

Depois para de ler. E acredita por um instante ser aquela jovem. E vê aquela sala cheia de livros. E observa aqueles quadros. E sente aquela luz clara que a ilumina e a deixa belíssima. E ele, aquele ele, não tem os traços do seu namorado, mas de alguém novo, a ser imaginado. Alguém capaz de escrever aquelas palavras que a fazem sonhar. Como é verdade. Como necessitamos de um sonho.

_____23_____

Um pouco mais tarde, no carro. Alessandro murmura alguma coisa para si mesmo. Niki se dá conta.

"'O que você está fazendo, uma reza?"

"Não, fazia as contas de quanto gastei... Então, entre seguro da batida, a multa do carro, a multa do bonde, o guincho... Dava para comprar aquela sua moto nova."

"Sim, mas e o valor afetivo de Milla, onde você põe?"

"Posso evitar responder?"

Niki se volta para a janela. "Grosseirão!"

Alessandro continua a dirigir e de vez em quando a observa. Niki permanece virada para o lado. Tamborila com os dedos sobre o painel, mantendo o ritmo da música que sai do CD de Damien Rice. Alessandro percebe e o desliga. Niki se vira rapidamente para ele. Em seguida, se aproxima da janela e sopra sobre o vidro. Com o dedo indicador, começa a escrever alguma coisa. Alessandro aperta um botão, o se abre, entra ar que seca o vapor e apaga a escrita de Niki. Ela bufa.

"Arre, como você é antipático."

"E você é insuportável quando se faz de menininha."

"Mas eu já disse... Eu sou uma menininha! E você, quando age dessa maneira, e mais criança do que eu."

Naquele instante se ouve o som já próximo de uma sirene. Uma viatura da polícia passa por eles, na direção contrária, a toda velocidade. Niki se levanta e sai para fora do teto. Ergue os braços e grita como louca: "Vão devagar, cretinos!"

Alessandro a puxa para dentro, agarrando-a pela camiseta e fazendo-a cair sobre o assento. "Sente, pare. Fique quieta."

Alessandro ouve um chiado. Olha pelo retrovisor. A viatura parou, inverteu a érecão cantando os pneus e partiu a toda velocidade, retornando na direção deles.

"Pois é, eu sabia. Muito bem, parabéns, você está contente agora? Coloque o cinto, faça algo útil!"

"Veja, eu tinha razão. Se vêm até nós... quer dizer que não corriam para lugar nenhum."

"Niki, olhe, por favor... fique quieta. Agora permaneça quieta!"

A viatura da polícia flanqueia o Mercedes e faz sinal para encostar. Alessandro assente e lentamente encosta junto ao meio-fio. Os guardas descem da viatura. Alessandro abaixa o vidro.

"Boa tarde."

"Boa tarde, carteira de motorista e documentos do carro, por gentileza."

Alessandro se inclina e abre o porta-luvas do painel. Pega os documentos e entrega ao guarda. Enquanto isso, o outro guarda dá a volta ao carro, verifica o adesivo do seguro obrigatório. Em seguida, observa o farol quebrado e a lateral amassada.

"Tudo certo. Parece..." diz o primeiro. Mas segura os documentos.

"O que estava gritando a sua amiga, quando a vimos gesticular?"

"Não, nada."

"Desculpe, quero ouvir dela."

Alessandro se vira para Niki. Ela olha para ele. "Nada. Só gritei que eu também quero ser da polícia. Não vai prender a gente por isso, não é?"

"Vejo que não está atualizada, senhorita."

Justo naquele instante, o outro guarda se aproxima da janela de Alessandro. Olham-se. E se reconhecem. Só agora Alessandro se dá conta. Carretti e Serra, os dois policiais que estavam em sua casa na noite anterior.

"Boa tarde! O senhor novamente... mas essa jovem também é russa?"

"Não, esta é italiana e, além do mais, gostaria de entrar para a polícia. Tem uma grande estima pelos senhores."

Alfonso e Serra nem olha para ela. "Pegue os documentos. E você não se exponha pelo teto. É perigoso e distrai os carros que vêm em sentido contrário."

"Certo e obrigada."

"E agradeça que estamos atendendo a um chamado de roubo, senão com o senhor..." e olha novamente para Alessandro, "entre a história das russas de ontem à noite e agora com essa garotinha, não terminava aqui..."

Sem dar tempo de responder, os dois policiais entram no Alfa 156 e partem cantando os pneus a toda velocidade. Alessandro dá a partida no carro e sai em silêncio.

"Eu gostaria de levá-la para casa... e chegar são e salvo na minha."

"Onde as russas o esperam...."

"O quê?"

"Sim, sim, eu ouvi o que o policial disse, o que você acha? Não sou surda... Mas, por outro lado, o que se poderia esperar de alguém como você? O clássico tipo para as estrangeiras. Promete um trabalho para elas, uma propaganda, vamos, você vai ser uma estrela e todo o resto... para levá-las para a cama com os seus amigos. Parabéns. Você é realmente um tipo nojento... Leve-me para casa, vamos..."

"Mas era só uma festa na minha casa. Só que os vizinhos pentelhos chamaram a polícia dizendo que fazíamos muita bagunça, e não era verdade."

"Claro, claro, como não... foi você quem falou... Quem vence festeja e quem perde justifica.

E você está justificando."

"Mas, não tem nada a ver, eu falava de uma pelada entre amigos."

"Pois é...."

"E, depois, eu não lhe devo nenhuma explicação."

"Claro, claro..."

"Veja que realmente eu não tenho nada para esconder e, além disso, não preciso prestar contas a você."

"Sim, sim. Vire aqui à direita e vá reto. Claro, porque, se não fosse aquele policial, você iria me contar, naturalmente, a sua noitada com as russas, não é?"

"Mas olha como você é difícil. Por que eu teria que ter contado a você? E eu já disse, não há nada mesmo para contar."

"No final da rua à esquerda. De qualquer maneira, você não teria contado."

"Mas quem é você? A minha noiva? Não, logo, o que é que eu tenho de contar? Do que tenho de me justificar? Somos um casal, nós dois?"

"Absolutamente não. Chegamos. Número 35. Pronto, aquele ali é o meu portão." De repente, Niki mergulha do lado dele, desaparecendo debaixo do painel.

"Droga!"

"Ei, mas o que está acontecendo?"

"Shhh, são os meus pais que estão saindo."

"E daí?"

"Como e daí?, se me pegam com você, vamos ter problemas."
"Mas você não acabou de dizer que não somos um casal?"

"Vamos ter problemas do mesmo jeito."

Alessandro observa Niki enfiada entre as suas pernas. "Se a pegam assim... também eu vou ter problemas. Vá explicar a eles que você estava só se escondendo."

Niki olha para ele de baixo. "Você não pensa em outra coisa, é? Claro, você está acostumado com as russas."

"Ainda? Sinto muito por você, mas eu não estou a fim desses seus joguinhos de ciúmes."

"Eu não sou ciumenta. Diga o que os meus pais estão fazendo."

"Nada. Bem, a sua mãe... - eu já falei, não, que é uma bela mulher? - está diante um carro e olha em volta. Está procurando alguma coisa."

"Está procurando por mim!"

"Pode ser... Ela é mesmo uma mulher elegante... Ai, ai! Mas o que acontece, você está me mordendo?" Alessandro massageia a coxa.

"Já falei, você não deve falar dela... E agradeça que foi a perna!"

E morde novamente.

"Ai, ai!"

Alessandro se massageia de novo.

“Fale o que a minha mãe está fazendo."

"'Ela pegou o celular e está discando um número."

Um segundo depois, toca o Nokia de Niki. Ela atende.

"Alô."

"Alô, Niki, dá para saber onde você está?"

"Mamãe, já estou voltando."

"Mas como é que você está com essa voz?"

"Que voz, mamãe? É a minha..."

"Não sei... É como se você estivesse dobrada..."

"'Sim... Estou com um pouco de dor de barriga." Niki sorri para Alessandro. “Claro que não escapa nada a você, hein, mamãe?"

"Sim, só você consegue! Escute, estamos saindo, vamos ao cinema com os Maggiori. Seu irmão está sozinho. Quero que daqui a quinze minutos, no máximo, você esteja em casa. Aí você me chama do telefone fixo e me passa o seu irmão."

"Estarei lá."

"Olhe que eu quero falar com você antes de começar o filme."

"Mamãe, tenha confiança... É como se eu já estivesse aí."

A mãe desliga. Niki ouve o carro partir. Então se levanta, devagarinho, e examina a rua. Vê a sua mãe passar ao longe no carro.

"Ainda bem, foram embora."

Niki se ajeita um pouco.

"Bem, deu certo."

"Claro, se você diz..."

Permanecem um pouco em silêncio. Niki sorri. "São sempre estranhos esses momentos, não é?"

Alessandro a observa. Pensa em quanto tempo não saía com uma jovem diferente de Elena. Muito. E agora com quem está saindo? Com uma menor de idade. Bem, nada mal. Se alguém quer mudar a própria vida é bom fazê-lo de uma vez. Mas a realidade é outra. Ele não queria mudar a própria vida. Ele se dava bem com Elena. E sobretudo nunca escolhera sair com essa Niki.

"No que você está pensando?"

"Eu?"

"E quem mais?"

"Em nada."

"Impossível não pensar em nada."

"Não, sério, eu não pensava em nada."

"Ah, é? Experimente seriamente não pensar em nada...."

Permanecem por um instante em silêncio.

"Viu? É impossível. De qualquer forma, se não quer contar, problema seu..."
"Olhe, se não quer acreditar, não sei o que fazer..."

Niki olha-o uma última vez e depois sorri. "Bem, então eu estou indo..."

"Eu vou descer, assim a acompanho ao portão..."

Descem os dois do carro e caminham silenciosamente até o portão da casa de Niki.

Alessandro fica diante dela, com as mãos no bolso. "Bem, aqui estamos... dia intenso, hein?"

"Pois é."

"Nos falamos."

"Sim, claro. Precisamos resolver o nosso acidente."

Niki levanta o queixo e observa o Mercedes. "Sinto ter amassado aí na frente também."

"Não se preocupe, agora já estou acostumado."

"Podemos sempre fingir que aconteceu tudo ao mesmo tempo. Os meus danos são certamente menores que os seus."

"Nenhuma seguradora vai acreditar que uma moto conseguiu fazer esse estrago no meu carro! A não ser que você o tivesse atirado do terraço em cima do carro!”

Niki ri. "Por que, não podia ser? Já fizeram até no estádio."

"O.k., o.k., faça de conta que eu não disse nada."

"De qualquer forma, fique frio, não me faça sentir mais culpada do que o necessário, agora irei pensar no assunto e, de alguma forma, vou encontrar uma solução." Aproxima-se e o beija no rosto. Depois corre para dentro de casa. Alessandro sorri e se encaminha para o carro. Dá uma volta em torno para constatar os danos. Terminado o giro, sorri um pouco menos. Entra no carro. Está para dar a partida, quando chega um torpedo. Sorri novamente. Deve ser Niki. E em seguida, de repente lembra do Pequeno Príncipe. E se preocupa um pouco. Diabos.

Estou fazendo como a raposa? Estou sendo domesticado? Como era aquela bela passagem?

"No início você sentará um pouco longe de mim, assim, na grama. Eu olharei para você com o canto dos olhos e você não dirá nada. As palavras são uma fonte de mal entendidos. Mas a cada dia você poderá se sentar um pouco mais perto... Se você vier, por exemplo, todas as tardes, às quatro, a partir das três eu começarei a ser feliz. Com o passar da hora, a minha felicidade vai aumentar. Quando chegarem as quatro horas, começarei a me agitar e a me inquietar; descobrirei o preço da felicidade! Mas se você vem a qualquer hora, eu não saberei nunca a que horas devo preparar o meu □oração... São necessários rituais..."

Sim. São necessários rituais. E eu já estava esperando um torpedo dela? Alessandro abre a mensagem. Não. É Enrico. A raposa le-ir.ia e vai embora, saindo do cenário de seus pensamentos.

"Estamos no Sicília, no início da via Flaminia, estamos todos aqui. Vamos comer um pouco de bom peixe. O que estão fazendo? Vocês vêm? Avise."

"Estou chegando", responde rapidamente Alessandro com o T9. "Mas estou sozinho." Mensagem enviada. Dá a partida e sai. Logo depois, toca o celular. Número particular. Como eu não gosto quando escondem o próprio número. Quem pode ser? As hipóteses são excessivas. Pensa antes de responder.

"Alô?"

"Sou eu."

"Eu quem?"

"Eu, Niki. Já me esqueceu?"

Não, pensa Alessandro. E, além disso, como poderia, mesmo porque tenho as marcas. Mas não diz a ela. Compreende que ultrapassaria novamente a Bernardi e talvez também a mãe de Niki na classificação. A raposa reentra em cena e se deita tranquila a escutar.

"Sabe, eu chamei do telefone fixo porque estou em casa. Meus créditos terminaram."

Espero que não queira que eu carregue o celular dela, pensa Alessandro por um instante.

"Eu queria só dizer que foi muito bom estar com você esta tarde. Me diverti muito."

Alessandro se sente um pouco culpado pelo seu pensamento. Até a raposa olha de través para ele.

"Eu também, Niki." A raposa volta a ficar serena.

"Sabe de que mais eu gostei?"

"O suco de frutas?"

"Não, cretino. Que você fez que eu me sentisse mulher."

Alessandro sorri.
"Bem, você é uma mulher."

"Sim, obrigada, eu sei. É só que às vezes não deixam que você se sinta completamente. E depois quer saber a coisa mais bonita? É a primeira vez que alguém... sim, bem... É uma coisa bonita que nenhum homem ainda tinha feito para mim..."

Alessandro permanece perplexo. "Bem, estou contente." Alessandra continua a pensar, mas não lhe ocorre nada.

"Então, descobriu?"

"Tenho algumas idéias, mas é melhor você dizer."

"O.k... É que, quando você me levou para casa, não tentou me beijar. Série. Adorei. É a primeira vez que um homem chega diante do portão e não tenta. Parabéns! Você é único! Tchau! Nos falamos logo, boa noite " Niki desliga, como de costume sem lhe dar tempo de responder.

Alessandro fica com o celular na mão. Parabéns. Você é único. Queria dizer que você é o único bobão! E, não sabendo bem como interpretar aquele telefonema, acelera em direção à via Flaminia.

_____24_____

De vez em quando, Mauro dá um pontapé no pneu traseiro da sua Kymco estourada, fixada num cavalete, fazendo-a girar. Fuma um cigarro. Um pouco mais longe, pelo menos cinco ou seis Winston azuis já acabaram da mesma maneira. Olha novamente para o fim da estrada. Lá está ela.

Mauro apaga o cigarro e corre em sua direção. "Mas onde cacete você estava? Aonde você foi? Hein? Onde raios você estava?"

Paola avança serena. Está feliz. Tem um sorriso radiante.

"Amor, me aceitaram, me aceitaram!"

"Mas por que você não ligou?"

"Meus créditos terminaram, não dava nem para um torpedo, e minha mãe estava usando o fixo. Me chamaram para um *recall.."*

"Um o quê?"

"Um *recalll* É quando chamam para fazer mais um teste... Fui de ônibus... Não dava para esperar e depois peguei o metrô, o teste não era longe, mais uma vez em Cinecittà."

Ela o abraça e o beija, macia, doce, sensual como Paola sabe ser. Quando quer. "Mas com o que está chateado? Não está contente? Me aceitaram!"

Mauro ainda está de cenho franzido. Liberta-se do abraço. "Cacete, já falei mil vezes... não gosto quando você vai sozinha." Paola revira os olhos. "Quer dizer, não é que eu não goste que você vá fazer os testes, pelo contrário, mas eu gosto mesmo é de acompanhá-la."

"Ora, desculpe, mas nenhuma das outras vai acompanhada pelo namorado."

“É, valeu, obrigado, porque eles estão pouco se lixando. Eu não, eu me preocupo. E, outra coisa, já falei mil vezes, quando o seu crédito estiver no fim, me fale, está bem? Minha mãe trabalha na tabacaria da esquina... Eu a chamo e peço para recarregar direto. Ou então eu mesmo recarrego em algum outro lugar.” Em seguida, Mauro fica quieto. Sim, mas com que dinheiro? pensa consigo mesmo. Mas não é certamente aquele o momento para contar isso a ela.

Paola abre a sua grande bolsa com alças largas. “Veja, depois do teste fui até Cinecittà 2 e comprei isto pra você...” Tira fora um ursinho de pelúcia com a camiseta do Roma.

"Fantástico! Genial demais, obrigado, amor..."

"Viu? É o ursinho Totti, é como o seu capitão, um pequeno gladiador... peludo."

"Puxa, lindo demais."

"Sinta, sinta", Paola o esfrega no rosto dele. Mauro o afasta, coçando o nariz. “Assim você vai me fazer espirrar, pare!”

"Mas você não percebeu?" Mauro o aproxima novamente do nariz, desta vez sozinho, mais

tranquilamente. Paola sorri. "Eu coloquei nele um pouco do meu Batik, assim, quando você o levar para a cama, vai pensar em mim. Mas por que está rindo? É porque coloquei demais, hein, Mauro?"

Mauro sorri e guarda o ursinho no bolso interno do casaco.

"Não... Não, é que eu te desejo tanto que esse ursinho não dá conta, amor... Você é muito melhor que ele."

Mauro lhe dá um beijo de língua, a aperta contra si, fazendo-a perceber que está excitado. "Sério, estou com vontade. Vamos pra sua garage, no carro do seu pai..."

Paola apalpa o próprio ventre, embaixo. "Não posso. Desceu justamente hoje, enquanto eu estava fazendo o teste, e por sorte que tinham ali."

“E tinham o quê?"

“A propaganda que faço é justamente sobre eles...” Tira da bolsa um pacote com 24 absorventes. “Talvez tenha sido pela emoção, mas veio antes. Olha que sorte, ganhei um pacote!”

"Amor, você está brincando?" Mauro se afasta dela. "Mas, sério, você tem que fazer propaganda dessas coisas? Isto é, como que dizendo a todos que você tem o ciclo?"

Paola se enche. "Mas o que é que você tem hoje? Está com vontade de brigar? É uma coisa natural! Não é vulgar, o que tem de errado? Todas as mulheres, todos os meses, necessitam usá-los. Em geral, os homens não gostam quando não são necessários, porque quer dizer que..."

"Entendi, mas parece tão grosseiro."

Paola se aproxima novamente dele e o beija no pescoço. "Você está muito nervoso. Você vai me acompanhar quando for rodar, vai ver que não tem nada que possa incomodá-lo, viu? Ouça, o que você acha se formos comer uma *pizza,* hein? Eu pago."

"Não", Mauro vai em direção da moto. "Vamos sim, mas eu pago."

"Como você quiser, eu só queria festejar porque me aceitaram!"
"E já me deu o ursinho, não é?"

"Está bem... Vamos ao Paradiso? Não fica longe e sempre tem um monte de artistas."

"Está bem, vamos." Mauro lhe passa o capacete e depois põe o seu. Paola senta: atrás, coloca a grande bolsa entre ela e as costas de Mauro.

"Oh, Paola, já pensou que um dia vai ser famosa e as pessoas irão ao Paradise: para vê-la comer?" Mauro sorri para ela, observando-a pelo retrovisor.

"Vá, não fique me gozando."

"Mas por quê? Falo sério, o que pensa, tudo pode acontecer..."

Bem naquele momento, chega uma moto possante que para ao lado deles,o sujeito levanta a viseira do capacete.

"Oba, Mauro. Belezas... o que fazem?"

Mauro sorri. "Vamos comer uma *pizza."*

"Fui procurar você na sua casa, mas já tinha saído. Eu precisava de uma ajuda."

"Obrigado. Mas já disse, eu não posso."

"Me avise quando decidir. Essa moto é sua quando quiser, presente. Assim mesmo quando for comer uma simples *pizza,* você chega mais rápido. E sobretudo a sua namorada fica mais confortável. Olhe, Mauro, as mulheres amam a comodidade viu... Não pode esquecer disso nunca!" O sujeito abaixa a viseira. Engata a primeira e, com uma meia empinada, se afasta velozmente. Segunda, terceira, quarta. Já sumiu no fim da rua. Mauro acelera lentamente. Paola apoia-se sobre o ombro dele. "Mas quem é esse babaca, hein, Mauro?"

"Ninguém."

"Como ninguém? Me conte, hein?"

"Já falei... ninguém. Estudamos juntos na escola, mas fazia um tempão que não o via. Era chamado de Coruja, é um cara simpático."

"Pode ser. Pra mim ele parece só um babaca e também perigoso. E, além disso, que bobagem é essa de que as mulheres amam a comodidade? As mulheres amam o amor, diga pra ele se o encontrar."

Mauro sorri e toca a perna dela. Paola lhe acaricia a mão.

"Melhor, não. Não diga nada a ele. Ele não ia entender mesmo."

Mauro acelera e assim segue, em direção do Paradíso, um grande restaurante não longe de Cinecittà. Mas a moto, uma velha Kymco, mais do que isso não consegue. Continua tranquilo pela noite. O pneu dianteiro não está muito cheio e em cima estão dois passageiros cheios de ilusões e de esperanças.

_____25_____

Os carros dos amigos estão todos estacionados diante do Sicilia. Antes de entrar, o vê ali diante e não resiste. Sorri com a idéia. Pensa um instante. No fim, escolhe a melhor solução. Afinal, o dia todo tinha sido assim. Em seguida, feito, pega o celular e escreve rápido um torpedo. Enviar. Afinal, para isto é que existem os diretores de criação, não é? E entra no restaurante. Perfumes de pratos sicilianos, aromas e especiarias o envolvem.

"Não! É ele! Incrível!" Os seus amigos estão todos numa mesa ao fundo. Enrico *e* Camilla. Pietro e Susanna. Flávio e Cristina. Alessandro os cumprimenta de longe e vai até eles. "Não pensávamos que viesse!" Cristina olha para ele. "E Elena?"

"Tinha uma reunião. Vai trabalhar até tarde. Mandou um abraço." E, sem dizer mais nada, senta-se no lugar livre, na cabeceira da mesa. Cristina olha para Flávio e lhe faz um sinal como dizendo: Viu, eu tinha razão. Alessandro abre o menu.

"Ora, parece tudo bom aqui. Todas as melhores receitas da Sicília..."

Enrico sorri para ele. "Lembra quando queríamos fazer aquela viagem para Palermo?"

Camilla revira os olhos. "Lá vamos nós recomeçando com as lembranças, como quando envelhecemos."

Enrico não a escuta. "Lembra quando devíamos partir e você tinha um último exame na universidade e depois a tese? Partimos com o Citroen de seu pai e também estava o Pietro."

"Como não", diz Pietro, "e depois fundimos o motor..."

"Sim, e nenhum de vocês dois quis dividir a despesa!"

"Claro, desculpe, Alex, você teria ido de qualquer jeito mesmo sem nós, não? Você teria levado o carro de qualquer maneira e teria acontecido mesmo se eu e ele -lo estivéssemos!"

"Logo teria sido melhor se eu tivesse ido sozinho!"

"Isto não. Porque graças a nós você conheceu aquelas alemanzonas."

"Imagine só", diz Susanna, "não tem uma história onde não apareçam as estrangeiras."

"E você não sabe? São justamente elas que promoveram o símbolo do *latin lover* italiano no exterior."

"Sim, curioso, porém, que só funcione fora da Itália." Cristina parte um salgado. “Vai ver que as estrangeiras têm o Viagra incorporado." Susanna e Camilla riem. Enrico continua. "De qualquer maneira, eram realmente fabulosas. Altas, loiras, belíssimas, corpaços, lembravam a propaganda da Peroni."

"Sim, aquela de que eu tive que me ocupar de verdade cinco anos depois..."

"Bem, é para isso que naquela época tínhamos feito os testes!"

Enrico e Flávio riem. Também Alessandro. Então se lembra das russas e por um instante fica sério. Pietro percebe e muda logo de assunto.

"É uma pena você não ter ido, Flávio, teria se divertido pra valer. Lembram daquela noite que tomamos banho nus em Siracusa?"

"Sim, e sempre com as estrangeiras!"

"Sim, e você até roubou as nossas roupas! Pensava nos deixar constrangidos e, pelo contrário, o nu ajudou!"

"Ótimo, poderia ser uma propaganda. Mas por que não veio, Flávio? Você es-i a fazendo o serviço militar?"

"Não, foi no ano seguinte."

"Mas vocês já estavam juntos, você e a Cristina? Porque, no inverno seguinte, quando fomos para a montanha..." Pietro finge lembrar alguma coisa: "Não, não, nada...."

Cristina sorri e compreende perfeitamente o jogo.

"Sim, sim, e ali também tinha umas estrangeiras, suecas... Mas também se fosse verdade... não teria aprontado nada! Sempre foi tediosamente fiel."

"Não, não, espere... pior! Ali, num programa organizado pelo hotel, uma dançarina de *striptease* veio para um *show* pornô. Sem brincadeira, pessoal, vocês lembram?"

"E como não... Ela sentava no colo!"

"Sim, e depois andava pelo público, escolhia alguém e então, completamente nua, se cobria um pouco com *chantilly* e se deixava lamber todinha."

"Sim, terrível. E entre o público havia também jovenzinhos. A meu ver nunca se recuperaram. Um deles se tornou amigo de Pacciani[10]."

"Pietro! Mas que piadas são essas? Terríveis."

"Mas, amor, são os pais que são terríveis. Puxa, deixavam os filhos assistir a esse tipo de coisas. Você deixaria os nossos assistirem a um *show* sem saber do que se trata?"

"Eu não. O problema é que a um espetáculo desse gênero você os levaria diretamente."

"Sim, mas nada a ver, eu o faria com um objetivo educativo."

"Ah, sim, claro... Exatamente."

Chega o garçom.

"Boa noite, querem pedir?"

"Sim, obrigada."

Susanna abre o menu, mas está em dúvida.

[10] Trata-se de um serial killer dos anos 1970, conhecido como "O Monstro de Florença", que atacava casais nos arredores de Florença.

"Vocês lembram aquela ocasião em que estávamos no Buchetto e o garçom, ao final, nos fez trocar de mesa por causa das vezes que havíamos alterado os pedidos?"

"De novo?" Camilla bufa. "Está recomeçando com as lembranças? Mas a vida era só então? A vida é agora!"

"... Sim, no velho hotel da terra e cada um num quarto..."

"Porém é uma bela frase. Forte como chamada publicitária."

"Repito", continua Camilla, "não olhem para trás, senão não percebem o presente. Devem sempre estar atentos ao presente."

O garçom, que assistiu a toda a cena, pergunta gentilmente: "Querem que eu volte depois?"

Cristina assume a situação. "Não, não, desculpe, vamos pedir agora. Então para mim uma bela *caponata*[11]*..?*

O celular de Alessandro toca. Olha para o *display.* Sorri. Levanta da mesa.

"Desculpem... bem, eu vou pedir um *carpaccio* de peixe-espada e depois rolinhos à modo de Messina..."

E se afasta, saindo do local. Todos olham para ele. Lá fora, Alessandro atende ao celular.

"Alô..."

"Não acredito! Você tinha ido tão bem e agora estragou tudo."

"Mas, Niki, só fiz uma gentileza..."

"Sim, mas tem um pequeno detalhe! Eu não pedi. Todos os rapazes fazem isto, pensam que com o dinheiro podem me conquistar. Estão errados."

"Mas, Niki, de verdade..."

"E depois aquela frase... Oi, eu recarreguei você. Você recarregou a mim. E agora eurecarrego você. Mãe do céu, péssima."

"Mas era para ser gentil."

"E você só conseguiu ser grosseiro. Além disso, você não recarregou a mim... Você recarregou só o celular! Tem uma bela diferença. Talvez as russas apreciem essas coisas. Eu não."

"Mas olhe que foi só um gesto..."

"... excessivo. Cem euros. O que você queria demonstrar?"

"Eu me sentia em dívida e assim..."

[11]Prato típico da gastronomia siciliana, à base de legumes fritos (onde predomina a berinjela), temperados com molho de tomate, aipo, cebolas, azeitonas e alcaparras em salsa agridoce.

"E assim não podemos mais sair."

"Agora é você quem está sendo indelicada."

Niki permanece em silêncio.

"Ei, o que está acontecendo?"

"Estou pensando. Com tudo o que você recarregou, pode ficar ao telefone à vontade..."

"Ora, não leve a mal, eu só queria ser simpático. Vamos fazer assim: você me deve cinquenta sucos de frutas."

"Não, quarenta e sete e meio."

"Por quê?"

"Porque cinco euros daquela recarga ficam com os bastardos da companhia de telefones."

"Está bem, quer dizer que vou pedir a eles os dois sucos e meio. Vamos, sem brincadeira... Tudo certo? Paz?"

"Hum. Preciso pensar."

"Olhe que, se você continua assim, fica mais chata que a Bernardi."

"Não, isso não. Está bem, você me fez rir. Paz."

Alessandro não tem tempo de acrescentar nada. Niki já desligou. Justamente naquele momento, Pietro, Flávio e Enrico saem do restaurante.

"Pelo fato de que não se pode fumar lá dentro, temos a desculpa de dar uma saidinha! E então? Era Elena? Fez as pazes?"

"Não, era uma amiga."

Pietro dá uma tragada no cigarro e fica curioso. "Uma amiga? E desde quando uma amiga sua tem acesso ao seu celular?"

"Amiga é um modo de dizer, tivemos um acidente."

"Idade?"

"Dezessete."

"Problemas à vista."

"Sim, para você que é doente. Para mim é só um acidente. No máximo uma amiga."

"Excessivamente seguro. Muitos problemas à vista."

Pietro dá mais uma tragada. Depois joga fora o cigarro.

"Pessoal, eu vou entrar. Já somos acusados de falar sempre do passado, não quero que

tenham suspeitas também sobre o presente. E, de qualquer maneira...", olha para Alessandro, "não se sai de um restaurante só para falar de um acidente."

Flávio o segue. "Também vou."

Enrico traga tranquilamente o seu cigarro. "É legal?"

"Muito."

"Hoje eu o procurei no escritório. Mas você não estava."

"Saí com ela."

"Muito bem, estou contente por você ter saído com uma garota."

"Sabe, é que com Elena é um momento meio pessoal..."

"Alessandro..."

"Sim."

"Todos sabem que ela deixou você."

"Não é que me deixou..."

"Alex, faz quase um mês que ela não aparece e na sua casa não tem mais nada dela."

"Foi o Pietro quem contou? Eu não devia tê-lo convidado na outra noite."

"Alex, nós somos os seus amigos, sempre ficamos juntos, gostamos de você. Se você não contar para nós... a quem vai contar?"

"Você está certo. Por que você me procurou no escritório?"

"Um assunto delicado, não quero falar agora."

"O.k., mas amanhã você conta?"

"Certo. Vamos entrar."

Alessandro e Enrico voltam para a mesa.

"Ainda bem, acabaram de servir as entradas."

Alessandro senta. "Bem, antes de comer eu queria dizer uma coisa."

Todos se voltam para ele.

"O que é, a oração antes da última ceia?"

Susanna dá uma cotovelada em Pietro.

"Shhh."

Alessandro olha para os amigos.

Dá um pequeno sorriso para superar o embaraço.

"Não... Me separei da Elena."

_____26_____

Casa de Niki. Roberto, seu pai, está na cama. Está lendo. Simona dá uma corridinha e se atira ao lado dele, rindo. Escorrega de lado e cai, terminando com o braço em cima do marido, que se dobra em dois golpeado na barriga.

"Ai, ai, você não só me machucou, mas me assustou de verdade."

"Não me reconheceu?"

"Você não é a minha mulher, desculpe..."

Simona dá outro tapa na barriga de Roberto, desta vez com vontade. "Ai, ai, mas hoje você está a fim de perturbar!"

“Mas como, estou fazendo uma interpretação perfeita, digna de um Oscar, e você nada. Eu não parecia com a Júlia Roberts em *Uma Linda mulher,* quando corre feliz e se atira na cama?”

“Pensei nisso por um segundo, mas não imaginei que a minha mulher chegasse a tanto."

"Como é?"

"Ficar feliz por ter imitado uma prostituta."

"Sempre simplificando." Simona bufa. "Olha que às vezes você é terrível. E coloca realmente em risco um casamento."

"Mas qual?"

"O nosso."

"Nada disso, fique tranquila, esse já acabou."

"E todas aquelas coisas que você me disse na outra noite? Que, de fato, não me pareceram palavras suas?”

"Só para levar você para a cama..."

Simona monta em cima dele e lhe dá uns tapas, brincando e rindo. "Cretino, fingido. E, de qualquer maneira, o seu esforço é totalmente inútil." Simona se recompõe e fica ao lado dele. Ergue a sobrancelha e lhe sorri.

"Como é?"

"Teria ido para a cama com você de qualquer maneira. Não precisava se esforçar tanto."
"Isso, então é verdade, o casamento é o túmulo do amor. Você vê a nossa relação como um contrato. Mas você sabe que tem gente que define o dia da semana para dar uma trepadinha?"

"Verdade? Não acredito, que tristeza..."

"Pelo menos nós funcionamos aleatoriamente."

"Sim, dois destemidos!"

"Então posso saber a que se deve toda essa felicidade?"

"É pela Niki."

Roberto fecha o livro e o põe novamente sobre o criado-mudo. "Acho que perdi definitivamente a vontade de ler à noite... Espere só um instante..." Começa a produzir longos suspiros.

"Mas o que está fazendo?"

"Eu li um artigo em que dizem que tem remédio pra tudo. Estou fazendo treinamento autógeno. Verifico as possíveis coisas que vai me dizer e preparo a alma e a mente para o terremoto emocional que você poderia provocar em mim com uma notícia sobre a Niki."

"Bem, parece ótima essa sua idéia."

Roberto continua a oxigenação, respirações longas e tranquilas. "Sim, mas cedo ou tarde meu coração vai ceder. 0.k", fecha os olhos, "estou pronto."

"Pronto?"

"Já falei. Vá em frente."

"Bem", Simona esfrega a camisola, "então o outro dia eu e a Niki saímos..."

"E até aqui, tudo bem."

"... e fizemos compras."

Roberto abre só um olho e a observa de viés. "Eu sabia, eu sabia, eu não tiniu me preparado para isso." Bate os punhos sobre a cama. "O meu treinamento autóge-no vai para o espaço. Já entendi. Amanhã vai me chamar."

"Mas quem?"

"O meu gerente do banco. Porque vocês me limparam, é isso?"

"Mas como você é bobo."

"Além do livro de treinamento autógeno, eu também li sobre compras compulsivas. Acho que provoca mais danos do que os divórcios."

"Compramos de tudo e de nada."

"Mais de tudo ou mais de nada?"

"Não seja pão-duro. Ir às compras, no nosso caso, era mais uma ocasião *ás* troca, partilha, intensificação da relação mãe-filha, algo que não pode ser quantificado. Niki estava com vontade de se abrir comigo. É importante, não?"

"Bem, os capítulos de vocês são como aqueles de *Beautiful*[12] então está ficando claro.

[12] *Beautiful People*, seriado norte-americano do género drama. (N. T.)

Entendi."

"O quê?"

"Daqui a pouco vou ser avô. E ele, o pai do meu neto, é o sobrinho do irmão do cunhado do vizinho do gerente do meu banco, um agente secreto com um passado obscuro que se redimiu promovendo ações solidárias em Uganda. Vão adotá-lo?"

"Quem?"

"Meu neto."

"Não."

"Então fogem para a América à minha custa para resgatar a já antiga tradição das famosas fugas dos amantes?"

"Não."

"Pior. Entendi. Não diga nada. O gerente do banco não deve se preocupar. Deve se demitir por ter aceitado um cliente como eu, capaz de fazer um buraco na conta igual ao poço de são Patrício. Vão casar, não?"

"Não. Mas por que você está montando esse roteiro dramático?"

"Porque os episódios da vida de minha filha sempre têm algo de suspense."

"Mas falam de amor..."

"Sim, mas não de Mariú[13]."

"Ah, ah, boa essa. Você está de bom humor, hein? Bem, até me parece justo. Por outro lado, você tem uma filha com a cabeça no lugar. É tranquila, serena... Às vezes um pouco demais."

"Bem, depois da sua última afirmação, posso até voltar a ler o meu livro. É impossível tentar entender você. É a mãe mais absurda do mundo. Exatamente o contrário de todas as outras. Mas você se dá conta, agora está desiludida porque Niki tem os pés no chão e é tranquila." Abre o livro e sacode a cabeça.

"Amor?"

"Sim?"

"Você não acha que foi justamente por isso que se casou comigo?"

"Se eu tenho de ser sincero, de vez em quando me pergunto realmente qual foi a razão que há vinte anos me levou a dar esse passo definitivo."

"Está arrependido?"

"Mas será que..." olha para ela desconfiado, "será que você me fez beber alguma ão da

[13] Refere-se a uma canção tradicional popular: *Parlami ã'amore Mariú.* (N. T.)

Vanna Marchi & Co.[14] para que eu pudesse fazer aquele oneroso e preocu-te pedido? Porque senão não tem explicação."

"Odeio você. Está me ofendendo. Amanhã vou sair de verdade com a Niki e o para conversar. Mas para fazer compras, e agora de verdade. A conta do seu cartão vai ficar tão alta que você vai ter de fugir com o seu gerente de banco."

"Boa essa, tipo aqueles dois de *O segredo de Brokeback Mountain"*

"Mas vocês não vão se refugiar no Wyoming, no máximo em Pescasseroli e ividados até o pescoço."

"Isso não passa de uma chantagem pecuniária. Está bem, está bem, vou falar. n:endi por que eu me casei com você." Roberto se vira, olha-a intensamente e espe-alguns instantes em silêncio para criar um suspense, sorri para ela.

"Então? Está me deixando nervosa."

"Simples. Verbo conjugado em três tempos."

"Como é? Não entendi."

"Amava. Amo. Amarei."

Simona sorri para ele. "Salvo pelo gongo. Eu já tinha encontrado uma boa punição. Dar um cartão de crédito para a Niki."

"Amor" Roberto a abraça, "não caia tão baixo" e a beija. "Então? Você ainda *não* respondeu. Saiu com a Niki, dilapidou a minha conta e depois? O que ela contou?"
"Contou de um namorado."

"Meu Deus, o que aconteceu?"

"Terminaram."

"Ai, ai... Isto é, não dá nem tempo de saber que minha filha está com alguém e já acabou.... e como ela está? Foi ele? Nesses casos, o nível de autoestima cai."

"Não, foi ela."

"Menos mal. Isto é, fico chateado, mas é melhor que tenha sido ela a decidir... Mas você não está contando direito, o que mais aconteceu... Quer dizer, eu devo me preocupar, há mais notícias alarmantes à espera?"

"Ela não se abriu muito. De qualquer maneira, penso que ele foi o seu primeiro namorado. E que foi com ele que aconteceu a sua primeira vez..."

"Mas você tem certeza?”

"Eu tentei perguntar um pouco mais, mas notei que ficou muito embaraçada... Eu não queria insistir demais."

[14] Referência a uma fraude ocorrida nos últimos anos em que uma dupla vendia filtros mágicos com inúmeras finalidades. Os autores foram condenados em 2006, depois de um famoso processo. (N. T.)

"Mas, desculpe, vamos admitir que 'tudo isto' tenha realmente acontecido, não entendo, justamente depois que acontece uma coisa tão importante... se deixam?"

"Acredito que 'tudo isto' aconteceu no ano passado."

"No ano passado? Mas a Niki o ano passado só tinha..." Roberto faz as contas rapidamente. Simona o ajuda. "Dezesseis anos."

"Dezesseis anos, droga, dezesseis anos."

"Com dezesseis anos umas brincam com bonecas, que porém não são mais as Barbies que eu tinha. Agora têm as Bratz. Outras lêem Winx. Outras já estão na América. Umas têm *blogs* louquíssimos na Internet, baixam *files,* têm *iPod.* Algumas matam os pais. E outras se apaixonam e justamente fazem amor. Você tem sorte que Niki se encaixa nessa última estatística."

"Bem, então estou muito feliz por me considerar um sortudo." Roberto finalmente abre o seu livro e começa a ler. E retorna para a última frase lida. "Se eu posso dizer a outro 'te amo', devo ter condições de dizer 'amo a todos em ti, amo o mundo através de ti, amo em ti também a mim'." O que lhe parece uma mensagem clara.

Simona também pega o seu livro apoiado no criado-mudo. Outro gênero. *De amor* e *de sombra,* de Isabel Allende. Mas está claro que os dois estão pensando em outras coisas. Há um estranho silêncio naquele quarto, um daqueles silêncios tão carregados, que no final é agradável romper. Roberto apoia o seu livro sobre a barriga, aberto. "Escute, amor, posso pedir um favor?"

Simona coloca o dedo para marcar a página. "Claro, diga."

"A Niki poderia ainda não ter estado com alguém, certo?"

"Temos baixíssimas possibilidades..."

"Bem, quando você tiver uma certeza sobre esse assunto, vai me contar..?"

"Claro."

"Então, eu penso que serão muitos os capítulos de *Niki's love story.* E espero que não sejam tristes, mas repletos de instantes felizes, de risadas, de alegria, de crianças, de sucessos."

Simona fica comovida. "Sim, eu também queria muito. E espero especialmente que estejamos prontos."

Roberto sorri para ela. "Sim, estaremos prontos. Já estamos. E você é uma mamãe maravilhosa. Peço só que, qualquer coisa que aconteça, você venha me contar sem todas essas longas pausas. Fica parecendo realmente um suspense."

"Está bem! Vou contar no estilo de propaganda da televisão!" E Simona nãc sabe quanto isso será verdade. Começam a rir e retornam a seus respectivos livros. cúmplices e vizinhos. Em seguida, Roberto estica um pé e o apoia sobre o dela. Quer sentir. Quer sentir o calor. E especialmente não quer perdê-lo, em nome daquele verbo conjugado em três tempos.

_____27_____

Bom dia, mundo. Ouço o rádio em todo o volume. Uma música cantada por Mina. Vou dedicar a Fábio, quando cruzar com ele no corredor. Sim, sim, é adequada.

"Como devo lhe dizer que você não me agrada, seus ombros são muito largos, até mais do que os meus, como devo lhe dizer que o seu bigode esconde os ternos sorrisos e o sol que está em você, como devo lhe dizer que não tem..."

Certo. Não tem. E quando não tem... Bem, não tem. Não. Sabe o que vou fazer?

Hoje de manhã tenho vontade de comer duas porções de cereais com chocolate. Diabos. Vou ter que pedir que a mamãe me leve. Que saco. Nada de moto. Ei, mas, simpático aquele cara. Pena que tenha destruído a Milla. Mas foi muito gentil. Todo preocupado. Claro... depois da preocupação com a lateral do seu carro! Um pouco clássico de mentalidade. Mas legal. Mas sim, hoje vou chamá-lo. Estou com vontade de... novos ares.

" Pessoal, só quero dizer uma coisa: eu não quero sair de Roma."

Andrea Soldini e todos os outros o vêem entrar sorridente, como Alessandro não se mostrava havia muito tempo.

"Logo, precisamos vencer. Então expliquem bem em que direção estamos indo."

Todos falam desordenadamente. Começam a lhe mostrar velhas propagandas, pe quenas fotos, estampas dos anos 70, mas também produtos americanos e até japoneses. Um mundo inteiro que sempre girou atrás de uma simples bala.

"Devemos atingir um público-alvo jovem, mas adulto também..."

"Sim! Deve ser divertida, mas séria... De qualidade, mas popular, livre, mas também concreta."

"Deve ser a idéia de uma bala."

Todos se voltam para olhar Andrea Soldini. E, sobre essa última observação, Dário sacode a cabeça.

"Gerente de produto criativo... e claro, é um gênio."

Alessandro tem vontade de rir, mas dissimula.

“Pessoal, estamos indo bem, sério. Sempre desejei ter uma equipe que fosse até o fim, que não desse atenção àquilo que cada um diz, como se sempre tique marcar pontos, como se houvesse uma competição entre nós."

Alessandro para um instante. Andrea Soldini olha para Dário e sorri, como dizer: Ouviu o que ele está dizendo? Eh, eh... Você não se comportou direito, não acredita no que está vendo, sacode novamente a cabeça e, por fim, ele tambem é obrigado a dar uma risada e a aceitar aquela derrota para o grupo.

"O.k., o.k. Vamos trabalhar. Andrea... ponha um pouco de ordem em tudo que temos."

Andrea sorri e se aproxima de uma grande lousa, onde começa a desenhar linhas e a preparar um esquema com tudo o que encontraram sobre as balas através do tempo e dos países.

"Então, as imagens vencedoras, mais bonitas, são as de uma bala francesa. A chamada? Uma americana imitando o famoso anúncio da guerra do Vietnã, *Ela te quer,* e obviamente ela era a bala."

E continua assim, a falar, explicando a incrível cultura que desde sempre foi construída e acompanha cada bala diferente através dos tempos. Alessandro ouve curioso e interessado. Mas olha o tempo todo para o celular. Depois expressa um sorriso melancólico, para si mesmo, vendo que não chega nenhuma mensagem. E um pensamento. Doce como uma bala. Eu a chamaria Elena. E sorri enquanto escuta e acompanha sem mais ver as linhas que Andrea continua a traçar na lousa. Puxa, o rapaz se esforçou. E vê os outros que anotam, que seguem, anotando em seus blocos, agarrando de vez em quando um pensamento próprio. Giorgia continua desenhando o logo, Michela cria frases e chamadas, evidenciando de vez em quando algo que lhe parece bom ou que possa dar margem a outra reflexão. Estamos em pleno *brainstorming,* pensa Alessandro, e eu quero ficar em Roma.

Andrea Soldini desenha uma linha azul no final de tudo o que escreveu.

"Pronto! Este parece ser o material mais interessante que encontramos e é sobre isso que temos de trabalhar. Você tem alguma sugestão, alguma idéia em particular, um caminho ou qualquer indicação, Alex? Somos todos ouvidos. Se tem alguma indicação, nós, seus fiéis guerreiros, soldados, servidores..."

"Talvez seja mais simples dizer amigos ou colegas."

"Sim? Bem... de qualquer maneira, qualquer idéia que você tenha... vamos segui-la."

Alessandro sorri, em seguida abre os braços e os apoia sobre a mesa.

"Sinto muito desiludi-los. Me deu muito prazer ouvir todo o trabalho que vocês fizeram, só que por enquanto não tenho idéias. Não sei como me mover, em que direção."

Olham para ele, surpresos, em silêncio, alguns abaixam o olhar, levemente envergonhados de como ele sustenta a todos, sem nenhum temor, sorrindo.

"Eu sei aonde não quero ir, isso sim. Para Lugano. E também sei que logo todos juntos vamos encontrar algo. Portanto, vamos trabalhar, para nos encontrar na próxima reunião! Fizeram um bom trabalho até agora."

Todos recolhem as suas pastas, papéis e tudo o que deixaram sobre a mesa de reunião e saem da sala. Com exceção de Andrea Soldini, que se aproxima dele.

"Eu sei que Marcello e sua equipe já estão adiantados. Tem uma pessoa naquele grupo que gosta muito de mim, a quem estou ligado. Sim, bem que ela me faria um favor, me deve isto."

"Andrea, mas por que você nunca é claro? Nunca dá para entender o que você quer realmente dizer, para onde você está indo..."

"Para nenhum lugar. Eu gostaria de encontrar um atalho para o sucesso. Poderíamos saber, por exemplo, em que ponto eles estão e superá-los com uma idéia diferente ou fazer alguma coisa que torne a idéia deles óbvia ou superada. Não acho que dei muitas voltas."

"Não. Mas seria um caminho não correto, isto sim. E eu gostaria muito de vencer sem atalhos."

Alessandro sorri.

Andrea abre os braços. "Eu sabia que você era assim. Elena me contou. Eu só queria saber realmente até que ponto."

Andrea se volta e continua o seu trabalho. Bem naquele momento, o celular de Alessandro toca. Uma mensagem. Olha ao redor temeroso. Percebe que apenas Andrea ficou. Todos os outros saíram para a outra sala. Pode abrir tranquilamente. Espera que seja justamente aquilo que está esperando há alguns meses.

"Amor, desculpe, eu me enganei." Ou então: "Eu estava brincando". Ou talvez: "A sua falta me faz morrer". Ou presunçoso: "Mas não sente falta de mim?".

Ou absurdo: "Tenho uma vontade louca de fazer sexo com você". Ou taxativo: "Vamos foder já". Ou louco: "Eu sei, sou uma puta, mas quero ser a sua puta...". Quer dizer, qualquer mensagem, mas que traga a assinatura: Elena.

Assim, Alessandro fica por um instante com o celular na mão. Aquela espera antes de ler. Aquele pequeno envelopinho piscando e que ainda não revela o que contém e, especialmente, que não diz se é dela ou não... Em seguida não aguenta mais e o abre.

"Ei, o que está fazendo? Está fingindo que trabalha. Hein? Lembre-se, sonhe e siga os meus conselhos: leveza. Um sorriso e tudo vai parecer mais fácil. Bem, estou exagerando, viu, um beijo. E bom trabalho."

Alessandro sorri e apaga a mensagem. Ele pensara em tudo, menos nela.

Niki.

_____28_____

“Ei, para quem você enviou esse torpedo?"

Olly surge às costas de Niki. Divertida, esperta, desconfiada. Com as mãos sobre os quadris, olha para ela de viés como sempre faz.

"Então?"

"Para ninguém "

"Ah, sim, isto... Bem, já o fato de você enviar um torpedo para ninguém é um sintoma de mentira. Alguma coisa não encaixa. Até você percebe, não? Vamos, você ralou uma besteira!"

E Olly salta para cima dela e a agarra com o braço pelo pescoço, apertando com força. E com a mão livre começa a lhe friccionar os cabelos com o runho cerrado.

"Ai, ai, está doendo, Olly. Ai, ai! Chega, você ficou boba?" E logo chegam também Diletta e Enrica, que se posicionam diante delas, escondendo-as de todo o corredor.

"Vai, Olly, pode torturá-la que nós estamos dando cobertura! Faça ela falar, essa falsa gata morta!"

Niki dá um salto para trás e consegue se desvencilhar de Olly. Move-se, toma fôlego e começa a massagear o pescoço e a cabeça.

"Ai, ai, mas vocês estão todas loucas. São Ondas rebeldes..."

"Claro, nos rebelamos contra você, viu? Há alguns dias que você parece não mer mais parte do grupo... O que lhe aconteceu?"

Erica sorri. “Ela está apaixonada, vejam como mudou.”

Diletta ergue a sobrancelha. "É verdade, até mudou o penteado!"

Niki olha para ela estupefata. "Mas você está por fora. Talvez seja porque a OI> friccionou os meus cabelos, que agora estão como loucos, como um *poodle,* não?”

Olly insiste. "Então, pode-se saber a quem você enviou o torpedo ou não? Você sabe que nós lhe queremos bem. É feio quando você não conta, é como se não quisesse dividir conosco uma coisa bonita, nós, as suas amigas, as suas Ondas..."

Niki sorri. "O.k., o.k. Vou explicar. Não disse nada porque ainda não tenho nada para contar e são aquelas coisas que se você conta antes de acontecerem.... Bem, vocês sabem, depois você se queima. Entendido?"

"Ou seja, praticamente está dizendo que nós damos azar, não entendi... Vamos lá, garotas! Isso realmente não é coisa que se faça!"

"Mas não, não, não foi isso que eu quis dizer!"

Niki tenta se proteger de alguma forma. Dobra-se sobre si mesma como se fosse um caracol. Olly, Diletta e Erica tentam bloqueá-la de todos os modos, pulam em cima dela,

agarrando-a pelos braços, até que conseguem. E Olly, rapidíssima, enfia uma mão no bolso de trás dos *jeans* e rouba o celular de Niki.

"Agora, garotas, vou ler em voz alta o que escreveu!"

"Não, merda, você é mesmo sacana! Olly!"

"Que sacana que nada, estou preocupada com a minha amiga. Isto é, você se separou há alguns meses daquele pseudocantor-compositor, homem ou rapaz, o que seja... E é exatamente em momentos como este que acabamos caindo nos braços de um qualquer, achando que seja genial. Eu serei os seus olhos!"

"Eu não caí nos braços de ninguém. É exatamente isso que eu não sei como explicar."

"Não tem o que explicar." Olly ergue o celular para o céu e diz: *"Verba volant scripta manent"*[15].

"Oh, é a única frase em latim que você conhece, você a repete o tempo todo! Aliás, não tem nada a ver com o contexto", ri Diletta, a verdadeira intelectual do grupo. "Sabe de uma coisa? Neste caso, uma vez que se trata de um celular, é bem o caso de dizer... *scripta volant!*"[16]

"Está bem..." diz Olly, "seja o que for, *volant, manent,* são sempre palavras. Leio em voz alta para todas nós. Mensagens enviadas, aqui está...."

Está para abrir a mensagem, quando ouve uma voz atrás de si.

"Isto, muito bem. Leia também para mim, que estou bem curioso."

Diletta e Erica se voltam. Compreendem imediatamente a situação e soltam Niki. É Fábio, o seu ex-namorado. Olha para elas. Sorri. Em seguida, arrogante, começa a circular entre elas.

"O que foi, estraguei a festa?"

Parece sinceramente arrependido. Sempre foi um ótimo ator. Olly está um pouco embaraçada, desliga o celular de Niki e o guarda no bolso.
"Bem, eu só queria me divertir um pouco também... não queria, certamente, estragar esse instante de diversão."

Niki se aproxima dele. "Oi, Fábio."
"Olá, Niki." Depois Fábio a olha nos olhos, chegando um pouco mais perto. "Era para mim aquela mensagem?"

Niki olha para ele. As amigas se entreolham. Cada uma à sua maneira está pensando: e o que importa, Niki, diga que sim... deixe ele acreditar, o que lhe custa? Não arrume confusão...

Niki sorri. Talvez tenha percebido aqueles pensamentos. Mas, como de costume... Niki é Niki.

"Não, não era para você."

Fábio a fita ainda por um instante nos olhos. Um instante que parece eterno. Mas Niki, serena, não abaixa o olhar. E Fábio sabe que ela é desse jeito. E, ao final, não pode deixar de

[15] Do latim: "As palavras voam, o escrito permanece".
[16] Do latim: "O escrito voa".

sorrir.

"Oh, bem, claro. Se você tem alguma coisa para dizer, vai dizê-la como sempre fez, olhando nos meus olhos, não é verdade, amor?"

"Sim, mas não me chame de amor."

"Talvez fosse uma mensagem para os seus ou para o seu irmão ou para uma outra amiga. De qualquer forma, sabe de uma coisa? Não me interessa nem um pouco."

"Melhor assim, Fábio."

"Nunca sei se você está me gozando quando responde dessa forma. Eu estou escrevendo uma canção para você, só para você. Por tudo o que houve entre nós... e essa canção vai sair. Gostaram daquilo que eu já apresentei e essa música sobre você é até melhor. Encontrei um nome artístico com que o disco vai sair..." Fábio aguarda um momento para criar ainda mais suspense e olha para elas. "Fábio... Fobia. Gostou?"

"Sim, muito. Especialmente novo."

Fábio sacode a cabeça.

"Sabe por que as coisas não deram certo entre nós? Porque você sempre foi invejosa. Comigo você não estava no centro das atenções."

Fábio olha um instante para Diletta, Olly e Erica. Depois sorri.

"A gente se vê." E se afasta assim, com as calças um pouco abaixadas, um belo físico enxuto, os ombros largos, aqueles cabelos curtos de um lado e um pouco mais compridos do outro. E aquele lenço claro, celeste, que ressalta seus olhos azuis mais escuros.

Erica sorri tentando suavizar o ambiente.

"Claro que é um pão... Isto é... é lindo!"

"Só lhe faltava ser feio, além de ser tão sacana."
Olly devolve o celular para Niki. "Qualquer mensagem que você tenha mandado não precisa contar para nós. Espero só que tudo corra do jeito que você quer."

Niki sorri e guarda o celular no bolso. "E se é você quem diz, Olly, que sempre teve um fraco por Fábio..."

Diletta irrompe entre as outras. "A meu ver, ele repetiu todos esses anos só porque não queria perder a Niki."

"Imagine, por que ele repetiria de propósito?"

"Ora, você não sabia? Absurdo, porque hoje, com os créditos, todos passam."

Niki, enquanto isto, apaga a mensagem para Alessandro, para não correr mais riscos.

"De qualquer maneira, eu bem que gostaria de ler o texto da canção que ele compôs sobre mim."

"Ele copiou também essa idéia. Mas será que você não sabe? Como Eamon quando se

separou da mulher."

"É verdade", diz Olly sorrindo, "como se chamava aquela canção?"

"Fuckit."

Diletta começa a cantarolar diante das outras. "Veja, não compreendo por que eu gostava tanto de você. Eu lhe dei tudo, toda a minha confiança... Eu disse que a amava e agora tudo foi parar no lixo."

E começa a dançar o *rap,* e move-se como o melhor dos *rappers* de cor, um estranho cruzamento entre Eamon e Eminem.

"Para o inferno os presentes, poderia jogá-los fora. Para o inferno todos aqueles beijos, não significavam nada. Para o inferno você também, não quero você de volta... Você pensou que podia esconder de mim as coisas, *yeah.* Mas você foi descoberta, sacana, ouvi dizer. Você riu de mim, até fez sexo oral. E agora quer voltar comigo..."

Diletta dá um giro curioso, encerrando assim a apresentação. "Yeah..."

Niki sorri. "Fábio Fobia não será assim tão louco... Vou denunciá-lo se fizer algo do gênero. De qualquer maneira, deixando de lado o fato de que não quero absolutamente voltar para ele... Devo admitir que nessa letra tem alguma coisa que me diz respeito..."

"O quê? Os presentes jogados fora?"

"O sexo oral?"

Niki sacode a cabeça. "Sinto muito, não falo..." E se afasta.

"Vamos, Ondas... vamos torturá-la..." Mas Niki começa a correr. E as Ondas logo estão atrás dela no corredor da escola. Procuram alcançá-la. E especialmente fazê-la falar.

_____29_____

Alessandro acabou de se fechar em seu escritório. Olha para uma foto sobre a escrivaninha. Ele a pega, aproxima do rosto, revira entre as mãos. Naturalmente é ele com Elena. Sorri. Um pensamento otimista. A esperança de voltarem a estar juntos. Uma lembrança. Aquela noite que tinham ido assistir a *Alegria,* do Cirque du Soleil. Ele não gostava nem um pouco. Ela, muitíssimo. E só por isso havia comprado lugares na primeira fila. Para ela, para vê-la sorrir. Para ver, através de seus olhos surpresos, os volteios daqueles funâmbulos com corpos perfeitos. Ela, encantada com aquelas músicas, com aquelas luzes, com tantos efeitos de cena. E respirar assim, através de seu sorriso, as emoções daquele espetáculo mundial. E compreender que ela, só ela, era o seu verdadeiro espetáculo. E agora? Só resta sair de uma sala vazia. O que será do espetáculo da minha vida? Não tem tempo para continuar o seu pensamento.

Toc toc. Alguém bate à porta, interrompendo assim a busca vã de uma resposta difícil.

"Quem é?"

"Sou eu, Soldini, posso?"

"Entre."

Andrea bota meio corpo pela porta. "Desculpe se estou incomodando, quem sabe bem agora você estava para alcançar aquela idéia de que tanto necessitamos. Simples e forte, direta ao coração, vencedora e excitante...."

"Sim, sim, diga, o que é?", abrevia Alessandro, não querendo admitir nem para si mesmo que estava pensando em Elena, só, única e, sobretudo, totalmente nela.

"Tem um amigo seu que veio visitá-lo. Diz que vocês tinham um compromisso. Um tal de Enrico."

“Não é um tal de Enrico, é Enrico Manello..."

“Por que você fica bravo comigo? Da recepção chamaram o seu escritório, mas você não estava lá. Estávamos em reunião. Eu só tentei ajudar..."

"O.k., o.k., deixe entrar."

"E sobre aquele assunto? Nada? Está certo?"

"Que outro assunto?"

"O atalho."

"Como é?"

"Eu me informo sobre em que ponto eles estão, qual é a idéia deles..."
"Soldini!"

"O.k., o.k., não está mais aqui quem falou. Saiba que também nesse caso só queria ajudar." E se retira do vão da porta, abrindo-a e deixando entrar Enrico.

“Salve, grandão. Você veio mesmo, pensei que era uma das suas brincadeiras de sempre."

Alessandro o convida a sentar. Depois percebe que o outro está estranhamente sério. Procura colocá-lo um pouco à vontade. "Você quer tomar alguma coisa? Sei lá, café, um chá, uma coca, um refrigerante. Também tenho Red Buli, olhe..." Abre a pequena geladeira com a porta transparente. "Estamos lotados!"

Está cheia de latinhas azuis metalizadas. "Sabe, é que fomos nós que fizemos a grande campanha vencedora e foram muito generosos."

"Não, obrigado, não quero nada."

Alessandro senta-se na frente dele. Dá-se conta da foto em que ele e Elena sor-e a desloca delicadamente, escondendo-a atrás de algumas pastas. Em seguida, :omoda-se um pouco melhor na poltrona.

"Então, conte tudo, meu amigo. O que posso fazer por você?"

"Era a foto de Elena aquela que você escondeu lá atrás, não é?"

Alessandro ficou estupefato.

"Sim, mas não a escondi, só a mudei de lugar."

Enrico sorri para ele. "Alguma vez você pensou que Elena estivesse traindo você? Bem, vocês se separaram, não? Você contou ontem à noite!"

"Sim, é verdade."

"Há quanto tempo?"

"Agora são mais de dois meses que ela saiu de casa."

"E você nunca pensou que ela pudesse ter traído você, quem sabe com um de nós? Sei lá, talvez comigo."

Alessandro se endireita sobre a cadeira. Em seguida, fita o amigo nos olhos.

"Não. Nunca pensei."

Enrico sorri. "Parabéns. Isto é bonito, sabe? Eu não sei se vocês vão voltar. Mas é muito bonito. Quer dizer, eu só desejo que vocês voltem a viver juntos, se é aquilo que você quer, mas de qualquer forma é bonito que você tenha vivido sem o drama do ciúme até a separação. E é extraordinário que, mesmo agora que vocês se separaram, você pense que ela nunca o traiu... sério. É realmente bonito."

Alessandro olha para ele. "Não entendi. Estou errado? Fiz mal? Você tem alsguma coisa para me contar?"

"Não. Brincadeira. Você faz muito bem. O problema é meu, só meu."

Permanecem em silêncio. Alessandro não sabe mais o que pensar. Enrico esfrega o rosto com as mãos, depois as coloca sobre a escrivaninha e olha para ele intensamente nos olhos.

"Alex, tenho medo de que a Camilla esteja me traindo."

Alessandro se encosta para trás na poltrona e dá um longo suspiro.

"Mas você não podia dizer logo? Você deu tantas voltas, me fez pensar sabe la que coisas, ir em todas as direções possíveis e imagináveis, preocupar..."

"Eu queria saber até que ponto você pode me compreender. O ciúme. O ciúme, você não sabe o que significa... Você tem sorte, não sentiu, é um animal que come por dentro, que corrói, que despedaça, que dilacera, que contorce, que atormenta...."

"Sim, sim, entendi... entendi, chega."

"Por isso eu fiz todas essas perguntas. Eu já falei, você não pode compreender."

"Está certo, então eu não posso compreender."

"Sim, mas não se faça de irônico."

"Mas não estou sendo irônico. Estou só tentando entender, mas você diz que eu não posso entender..."

"Então estou tentando fazer que você compreenda. Você assistiu àquele filme com Richard Gere, *Infidelidade?*

"Sim, acho que assistimos todos juntos."

"Pois é, você estava com Elena. Lembra da história?"

"Bem, sim."

"Talvez você não lembre bem. Vou contá-la. Ela, a belíssima Diane Lane, é Connie Sumner e está casada com Richard Gere, Edward. São bonitos e parecem ser um casal feliz. Têm um filho de oito anos, um cão e vivem uma vida invejável no bairro de Soho. Um dia, de ventania muito forte, Connie tromba com um rapaz boa-pinta, um daqueles de cabelos compridos. Ela cai, machuca um joelho. Aceita o convite dele para subir ao seu apartamento para fazer um curativo. Só porque a ajudou... E depois começam a trepar durante todo o filme como loucos!"

"Mas como você é simplista. Não é só isso."

"Mas era para você entender."

"Sim, mas isso, pode ter certeza que eu já havia compreendido..."

"Bem, esse filme me deu nojo, mas a coisa mais importante aconteceu depois, e lembro perfeitamente. Assim que acabou o filme, e enquanto estávamos nos levantando das poltronas, Elena olhou para Camilla e Camilla sorriu para ela. Entendeu?"

"Entendi. Mas o problema é o que eu entendi. Por que será que elas sorriram, é isso? Talvez tenha acontecido alguma coisa... Talvez tivessem trombado, ou alguma de Camilla tinha caído ou o casaco ficou preso no assento."

"Não, não... sinto muito." Enrico sacode a cabeça. "Aquele era um sinal. Signifique alguma vez elas tinham trocado confidencias e que tinham algo a ver com aquele filme. Está bem. Depois fomos jantar, mas não é importante porque não aconteceu mais nada..."

"Desculpe, Enrico, mas acho que realmente você não tem elementos para poder dizer, só para ficar no tema, que compreendeu verdadeiramente alguma coisa..."

"Ah, sim? E você lembra daquela cena em que Richard Gere percebe que a sua mulher está indecisa sobre como se vestir para sair porque preparou dois pares de sapatos debaixo da cadeira onde apoiou o vestido?"

"Sim, acho que sim."

"Bem, na semana passada, Camilla tinha debaixo da cadeira dois pares de sapatos."

"Mas quem sabe um par ela tinha esquecido no dia anterior."

"Não, Camilla nunca esquece nada."

"E então estava só indecisa. Mas não compreendi, desculpe, viu? Dessa vez sou eu realmente não compreendo... Se alguém está indecisa é necessariamente puta?"

"O que você disse?"

"Está bem, eu falava assim, por falar, você está me fazendo perder a paciência essa história toda. Sério que não estou entendendo mais nada! E também não posso chamar Elena. Faz dois meses que não nos falamos e eu certamente não vou chamá-la para dizer: olá, sabe, desculpe, mas será que a Camilla tem um caso com outro?"

"Não, claro que não, eu não ia pedir isso a você..." Enrico dobra-se em dois.

"O que foi?" Alessandro olha para ele preocupado.

"Só de ouvir você dizer fico mal."

"Ouça, Enrico, vamos fazer uma análise serena. Como estão as coisas entre vo-iois?"

"Bem."

"O que quer dizer, bem?"

"Razoável."

"Como é?"

"Quer dizer, sou ciumento, terrivelmente ciumento e, portanto, está péssimo."

"O.k., o.k., mas vocês estão bem juntos, sim, quer dizer, fazem sexo?"

"Sim."

"Como sempre? Mais, menos."

"Como sempre."

Alessandro, por um instante, lembra os últimos momentos passados com Elena. Era esplêndida, linda, amorosa e também ativa, desejosa, disposta, quente. Beijava-o com paixão, beijava-lhe os dedos das mãos entre as dobras e depois descia para todos os lugares, até os artelhos dos pés em sua loucura erótica. E depois de dois dias foi embora deixando um simples

bilhete. Sacode a cabeça e retorna às preocupações do amigo, que olha para ele perplexo.

"Em que você está pensando?"

"Nada."

"Alex, me conte, porque talvez você ainda não tenha entendido como eu estou mal, qualquer coisa que não sei me deixa louco."

Alessandro bufa. "Em como Elena e eu fazíamos bem o amor, está bem?"

"Ah. Bem, eu sempre me dei bem com Camilla, era um fazer amor tranqüilo, digamos. Mas ultimamente mudou. Parece mais, mais..."
"Mais?"

"Sei lá. Não sei."

"Está bem, mas você estava dizendo algo mais?..."

"Mais desejosa, isso, contei."

"Talvez esteja pensando menos, ou talvez faça assim porque quer uma criança."

"Ela toma pílula."

"Escute, vamos, parece que você está querendo estragar a sua vida inutilmente."

"Ah, é?"

"Sim. Parece que tudo está andando direito. Se você quer um filho, peça para ela parar de tomar a pílula."

"Já pedi..."

"E ela?"

"Ela disse que vai pensar."

"Viu... ela não disse que não. Dizer que vai pensar já é alguma coisa, é lindo ter um filho, não? É importante, é um passo definitivo, é o que vai ligar você a essa mulher mais do que qualquer outra coisa, mais do que o casamento. Para sempre."

E no próprio instante em que termina a frase, Alessandro se dá conta de quanto é verdadeira e quanto lhe faz falta tudo isso na vida, e quanto toda vez o relembram disso sua mãe e suas duas irmãs, e até seu pai e também tudo o que o rodeia. Até aqueles anúncios da agência, repletos de famílias felizes e especialmente de crianças. Mas desta vez é Enrico a salvá-lo.

"Assim que ela chega em casa, desliga o celular ou o deixa no silencioso."

"Vai ver que não quer ouvir ninguém. Trabalha num escritório de administradores, esses têm sempre um monte de problemas."

"Ela tira o som até para os avisos das mensagens que chegam."

Alessandro se rende e se abandona no encosto da poltrona.

"O que você quer que eu faça? Diga, Enrico."

"Eu queria que você fosse aqui", e tira do bolso do paletó uma página arranda da lista das Páginas Amarelas. Estende-a sobre a escrivaninha bem sob os olhos de Alessandro, que lê.

"Tony Costa. Agência de investigações. Provas, testemunhos documentados com fotos legalmente válidas para separações e divórcios, custódia de menores. Máxima discrição e preço mínimo."

Alessandro sacode a cabeça. "Mas por que você quer se meter nessa confusão?"

“Eu pensei muito, não tenho outras soluções. Aliás, para ser exato, a minha solução... é você."

"Eu?"

"Sim, você. Eu nunca teria a coragem de ir até lá, subir até não sei que andar, com esse Tony. Já estou imaginando como ele me olharia, o que pensaria, como sorrir por debaixo dos bigodes."
"Como é que você sabe que ele tem bigodes?"

"Todos os investigadores têm. Servem para se esconder, vai dizer que você não sabe? E de qualquer maneira, ele pensaria: eis mais um trouxa! Alguém que é traído e que alimenta o meu bolso."

Bem, pensa Alessandro, olhando para o papel, mas sem falar, aqui está escrito “preço mínimo"; pelo menos, em que pese a situação, faz-se economia. "O.k., Enrico. Eu vou. Só por você."

"Obrigado. Já estou melhor, sério..."

"Só espero que você não se arrependa e que esse assunto não acabe com a nos-imizade."

"E por que deveria? Eu sei que posso contar com você. Sempre pensei isso e nada mais é do que a enésima confirmação..."

"Não, sabe por que estou dizendo isso, Enrico? Porque muitas vezes um amigo, a ajudar, se enfia no meio e ao final aquele que é deixado de verdade é justamente ele... E talvez, de alguma maneira, me culpem se depois as coisas entre vocês começarem a não ir bem..."

"'O ciúme apaga o amor como as cinzas apagam o fogo’, dizia Ninon de Lenclos. Mas para mim não vale. Eu sem ciúmes vou ficar melhor. E qualquer coisa que você descubra, espero que continuemos amigos para sempre."

"Eu também espero."

"Realmente eu espero também que esse Tony não descubra absolutamente nada.”

Enrico observa um pouco ao redor. Agora está mais relaxado.
"Sabe, vejo você bem, aqui neste escritório. O absurdo é que eu nunca tinha vindo.”
Em seguida sorri embaraçado. "É que antes eu não precisei..."

Alessandro sorri e se levanta da poltrona. "Você não precisava também desta vez. Você só me fez uma visita, uma bela surpresa. Tem certeza de que não posso lhe oferecer nada, nem

mesmo um café?"

"Não, obrigado, sério, estou bem assim. Sabe o que eu gosto em você? É que você é realmente sólido."

"Por quê?"

"Bem, aqui, sereno, ajudando o amigo. Só ficar com você já me relaxou. Quase, quase eu ficaria toda a manhã aqui."

"Está brincando? Você não sabe em que drama empresarial estamos... Você chegou no pior momento de minha vida profissional."

"Bem, pelo menos na vida pessoal você está tranqüilo..."

"Não sei qual das duas está mais bagunçada..."

"Contudo, também ontem à noite, quando você contou que havia se separado de Elena, parecia sereno."

"Sim, quando as coisas vão mal na empresa, eu me lanço na carreira de ator. Não preciso me esforçar para fingir, pelo que você diz..."

"Sério, você está mal?"

"Mal é um eufemismo..."

"Você dissimula realmente bem."

Bem naquele instante toca o celular de Alessandro, que o retira rapidamente do bolso e responde sem nem olhar.

"Alô?"

"Alô, sou eu, Niki."

"Ei, que surpresa", volta-se para Enrico, sorri e depois se vira para a janela. "Você não está na escola? Como é que está telefonando?"

"De fato. Estou escondida no banheiro dos professores. Mas eu estava com vontade de ouvir você."

"Ah, entendi... E você pensa terminar logo?"

"Mas no banheiro? O que quer dizer?"

"Você não entendeu, e..."

"Ah, entendi, entendi. Você está em reunião? Desculpe."

"Não, estou com um amigo que veio fazer uma visita", volta-se para Enrico e sorri para ele.

"E então, por que diabos você fala em código se está com um amigo? Eu realmente não consigo entendê-lo. Você é o enigma da minha vida. Muitas amigas minhas jogam o *sudoku,* para mim é quase impossível, mas comparado a você, é um passeio."

"O.k., Niki, mas você queria me dizer alguma coisa?"

"Meu Deus, que tom melindroso... Mas o que foi, estou incomodando?"

"Não, mas não gosto de ficar ao telefone quando estou com pessoas."

"O.k., serei breve. Então... O mecânico fica aberto. *Stop.* Ele jurou. *Stop.* Leve--me, *please. Stop.* Telegrama recebido?"

"Sim, sim, nos vemos na frente da escola na hora de sempre."

"O.k., perfeito. Você me manda um beijo?"

"Não."

"Ora, ainda tenho uma prova e você me dá sorte."

"Então feito."

"Obrigado... acanhadão!" Niki interrompe a ligação. Alessandro guarda o celular, e, quando olha para Enrico, o encontra sorrindo. Parece mais tranqüilo.

"Desculpe, viu, mas não podia deixar de ouvir o seu telefonema... Niki, à hora de sempre, nos vemos na escola. Mas quem é, sua sobrinha? Não é uma das filhas das suas irmãs porque são pequenas demais... Está certo que hoje elas são espertíssimas, *mas* não é comum que com três anos de idade já chamem pelo celular. Ah, já sei: é uma prima? Quem sabe do lado de seu pai..."

"Escute, para você não precisar espremer demais as meninges, é aquela garota quem lhe falei ontem à noite fora do restaurante, aquela que conheci por acaso. Ontem tivemos um acidente."

"E já estão assim tão à vontade?"

"Eh, sim."

"Quantos anos você disse que ela tinha?"

"Dezessete."

"Ai, ai, estou vendo problemas. Quer dizer, vejo que você está bem. Porque superou a crise com Elena. Essa Niki é a sua distração. Não foi só um acidente..."

"Se viesse a ser uma distração seria um grave acidente."

"Mas veja que somos nós que não queremos ver bem com os nossos olhos. Uma garota com dezessete anos já é uma mulher. Mas você lembra há vinte anos o que fazíamos? Talvez fôssemos mais homens do que hoje. Mas, a não ser alguns anos a mais, não há nada de diferente daquilo que fazemos hoje na cama. Isto é, nós as só algumas preocupações ou problemas a mais que nos levam a algumas pres-s a menos."

Alessandro lhe sorri. "Escute, Enrico... Eu irei ao Tony Costa para você, mas não tente investigar você a minha vida particular. Só por uma razão: você ficaria assustado."

"Por causa de tudo aquilo que você já aprontou, hein?", diz Enrico piscando um olho para ele.

"Não, pela sensação de vazio que você encontraria."

"Veja, você me disse tantas coisas, agora deixe eu dizer algumas para você... Divirta-se com essa Niki! E depois... será o que tiver que ser. Quando Elena voltar, tudo recomeçará como antes, ou melhor, melhor do que antes." Abre a pasta de couro cheia de documentos e processos administrativos. "Tome." Retira um CD colorido. O título é *Love relax.*

"É para você."

"Lindo título... *Love relax"*

"Gostou? Eu que fiz. É uma seleção minha, as canções mais bonitas, uma depois da outra, mixadas, uma sucessão que não pode falhar com nenhuma mulher. Eu pretendia usá-lo uma dessas noites para convencer Camilla a ter um bebê, mas fico contente em dá-lo a você, para usar com Niki."

"Mas você está brincando? O que tem a ver?"

"Tem, tem a ver... E você sabe. Eu o tenho gravado no computador, posso duplicá-lo. Tem uma parte que me agrada muitíssimo, com todas as frases mais bonitas de Battisti. Chama-se *Le domande di Lucio.* Tipo 'O que é que você sabe de um campo de trigo, saudade de um amor profundo...'. E depois eu dou a resposta..."

“Sério?!"

"Claro, ouça a beleza destas palavras... 'O que é que você sabe de um campo de trigo?' Mas está certo, o que é que você sabe... Isto é, se você não estiver bem ali no meio daquelas espigas, talvez ao vento, como você pode compreendê-lo... Também fiz alguns paralelismos com a cinematografia mais pura, por exemplo, em *Uma janta para o amor,* o ator Denholm Elliot está em Florença, e num certo ponto se encontra pintando num campo e roça com uma mão o trigo, quando chega a atriz que faz o papel de Lucy e se beijam. Assim como em *Gladiador* Russel Crowe sempre toca as espigas com a mão direita, quando o amor da sua amada assassinada lhe falta, é o contato com a terra, isto é, a espiga é o amor, aquele amor que nasce da terra e nos da o pão, como quando encontramos a nossa desejada... nasce o amor em nós. Em seguida há 'saudade de um amor profano', mas essa é um pouco difícil de compreende: a meu ver..."

"Claro. E você acha que todas essas explicações vão agradar a Niki?"

Enrico olha para ele, em seguida fecha os olhos e faz sinal que sim com a cabeça.

"Já é sua."

"Só tem um pequeno detalhe." Alessandro fecha a pasta de Enrico e o acompanha até a porta.

"Qual?"
"Eu não a quero."

"O.k., faça como quiser. Mas, por favor, vá logo que puder ver o Tony."

"Está bem, sobre isso não precisa se preocupar..."

Alessandro fecha a porta e retorna para a escrivaninha. Deixa-se cair abatido sobre a poltrona de couro. Faltava só isso. Pega o CD e o observa melhor. Puxa, nada mau. *Written in your eyes,* de Elisa. *Le chiavi di casa,* de J Ax. *Una canzone per te,* de Vasco. *Canciones de amor,* de Venegas. *Sei parte di me,* do Zero Assoluto. *Tu non mi basti mai,* de Dalla. Em seguida, um monte de Battisti. Alessandro olha melhor. Ele incluiu também *Never touch that switch,* de Robbie Williams, de que eu gosto muito. Quem sabe quanto tempo o Enrico demora para montar um CD, baixar todas as músicas e mixar tudo. Realmente quer muito a Camilla. É um lindo casal, se dão bem e se amam e, entretanto, vou ter que ir sem motivos a esse Tony Costa! Mas que coisa. E, como se isso não fosse suficiente, ainda me plantou a dúvida.

E se Elena tivesse tido outro? E se tem outro, um dos meus amigos? Enrico não. A menos que ele seja realmente um gênio e tenha montado toda essa história só para afastar dele as suspeitas. E Flavio? Não, Flavio nunca faria isto, teme demais a Cristina e a possibilidade de ser descoberto. E Pietro? Pietro. Só sobrou Pietro.

E sobre ele infelizmente não sei o que pensar. Sim, é um grande amigo, mas, diante da possibilidade de ir para a cama com uma mulher, renunciaria à sua honra. Imagine à amizade! E, como se não fosse suficiente, ele gostava muito de Elena, sempre disse isso para mim. Quando fomos ver A *mulher do meu melhor amigo,* assim que saímos ele disse:

"Pois é, se eu estivesse passando mal antes da cirurgia faria a mesma coisa com você. Eu iria logo pedir para passar uma noite com Elena..." Ainda lembro, começamos a rir e eu lhe dei um tapa nas costas. "Não tem problema... Você está ótimo."

Bem naquele instante batem à porta.

"Entre."

É Andréa Soldini.

"Nós estamos indo comer alguma coisa, mas não vamos para o refeitório. Queremos estar um pouco mais livres, continuar um pouco o nosso *brainstorming,* vamos comer uma salada aqui ao lado. Quer vir conosco?"

"Sim, mas em pensamento. Tenho que ir buscar a Niki na escola", e, dizendo isso, Alessandro pega o paletó e sai. Andréa Soldini sorri para ele.

"Ora, eu não sabia que você tinha uma menina."

"Pois é, nem eu."

_____30_____

Saída da escola. Uma avalanche de jovens invade os corredores. Alguns vão para casa. Outros assaltam os distribuidores de lanches. Diletta está na fila com Niki.

"Mas você terminou a tradução?"

"Não. E você?"

"Três quartos."

"Foi a Sereni quem passou pra mim. Ela me devia."

“Do que?”

"Eu emprestei a minha camiseta Extè para a festa de sábado dos dezoito anos. É uma dívida de pelo menos seis traduções."

"Sei. Vá, é a sua vez."

Niki coloca um euro na fenda. Plink. Barulho certo. Aperta o botão da torta de chocolate.

"Mas o que está fazendo?"

"Por que, você não lê Benni? O mundo - segundo Sócrates, o avô da Margherita - divide-se em: aqueles que comem chocolate sem pão; aqueles que não conseguem comer chocolate se não comerem também pão; aqueles que não têm chocolate; e aqueles que não têm pão. Eu quero tudo."

"Ah, entendi."

"Olá..." Diletta se volta. Olhos verde-esperança num rosto levemente queimado a observam. "Estou devolvendo o seu euro. Agora está carregado."

"Mas o que é? Uma ficha telefônica?!" Niki ri enquanto tira a embalagem da torta.

"Não precisava. Eu tenho."

"Sim, hoje não vai precisar, mas você pode usar da próxima vez."

"Como assim?"

O jovem tira do bolso uma barra de cereais. "Eu já peguei pra você."

Diletta olha para ele surpresa. "Não precisava."

"Sei disso. Eu quis."

Niki observa os dois, um de cada vez, como num jogo de tênis.

"Sim, mas eu já falei, não gosto de dívidas."

"Está bem, então não precisa pagar."

Niki intervém. "Vamos, Diletta, não estica demais. Ele pegou uma barrinha. não uma caixa de trufas pretas de Norcia. Parabéns! Gostei do gesto!" E sorri para ele de maneira engraçada.

Ele oferece o *snack* para Diletta.

"Não, obrigada, mas eu não quero", e se afasta.

Niki olha para ela. Depois se volta para ele. "Sabe, ela é meio esquisita. Mas e ótima. Ela joga vôlei e de vez em quando recebe uma bolada na cabeça e fica assim. Depois passa."

Ele tenta sorrir, mas se percebe que ficou mal.

"Olhe, dê pra mim."

"Mas não, era para ela."

"Ei, o que você entendeu? Dê pra mim e depois eu entrego a ela", e o pega da mão dele. Sai correndo, mas vira-se por um instante.

"Mas como é o seu nome?"

"Filippo", consegue apenas dizer, antes que ela desapareça atrás da esquina deixando-o ali, com um euro carregado numa mão e um sonho a menos na outra.

_____31_____

"O que é, por que não fala?" Mauro guia a moto a toda velocidade no trânsito. "Ei. por que você não diz nada?" Paola bate a mão com força sobre o ombro dele. "Não finja que não ouve, estou falando com você. Mas o que foi, está zangado?"

"Não, não tenho nada."

"Sim, com essa cara você não tem nada... Vai contar pra mim? Ainda..."

Mauro entra na rua que leva para a casa de Paola e a ultrapassa.

"Ei, mas você está bobo, eu moro no 35!"

Mauro continua mais um pouco, depois para a moto e desce. Paola também desce. Tira o capacete.

"Virgem santa, quando você se comporta assim é insuportável. O que foi, o que foi, o que foi, pode-se saber o que você tem?"

"Nada, nada e nada."

"Nada é a resposta dos idiotas. Desde que terminaram de filmar, você não abriu a boca uma só vez, não cumprimentou ninguém e armou esse bico que não acaba mais... Então? Virgem santa, preciso tratar você como criança?"

"Nada. Fiquei incomodado com uma coisa."

"Que coisa? A cena que rodamos? Era um jogo de basquete. Eu fui escolhida exatamente por isso, não? Porque sou alta e porque joguei um pouco de basquete. E no final eu sorri para a câmara e pronunciei a minha primeira fala, a primeira fala da minha vida: "Não posso perder..." Nem nomeei o produto... E você cria um caso. Isto é, não consegue ser feliz comigo? Não, diga. Mas, afinal, do que foi que você não gostou?"

"Até ali, nada."

"E então o quê?"

"Quando você foi até o diretor."

"Pronto. É isso aí... Eu sabia." Paola dá a volta na moto, tomada por um acesso de raiva. "É claro que eu sabia... Você sabe o que eu fiz? Fui cumprimentar o diretor, como fazem todas as garotas educadas e gentis, e ele, entre outras coisas, perguntou sw você era o meu namorado..."

"Sim, de fato eu vi que conversavam."

"Sim."

"E depois ele lhe deu um papel..."

"Sim, um papel..." Paola procura e o tira da bolsa. "Pronto, aqui está. E você sabe o que tem escrito, hein, sabe? Olhe. Olhe bem", e o esfrega na cara dele. Mauro afasta o rosto incomodado.

"Assim não consigo ler."

"Então eu vou ler pra você. Tem um número. 338... e o que segue, só que não é o telefone dele. Entendeu? É de um fotógrafo. Um fotógrafo! E depois tem também um endereço. E sabe por quê? Porque foi gentil. Porque percebeu que eu estava com o meu namorado. E esse papel é para você", e joga para ele com raiva. "Ele disse que estão procurando um rapaz para uma outra publicidade, um tipo de periferia, mas bonito como você... Entendeu? Ele até o elogiou e aconselhou um fotógrafo para que você tire as fotos sem gastar demais. E esse é o número dele, entendeu? E aquele embaixo é o endereço onde você tem de ir com as fotos. Agora você entendeu ou não? Isto é, eu fui gentil, o diretor generoso e você foi o sacana que estragou o meu dia."

Mauro tenta abraçá-la. "Mas, amor, como eu podia saber?"

"E então, antes de fazer essa cara, não é mais fácil perguntar? Falar? Dialogar? N"ão fazer como os bichos?"

"Por quê, o que fazem os bichos?"

"Grunhem, como você."

Mauro se aproxima dela, se inclina, ronca como um porco. E aperta com o rosto na barriga dela e empurra e grunhe, tentando fazê-la rir. Mas Paola ainda está brava. “Ai, ai, e me deixe, que dói!" Afasta-se e cruza os braços. "Quer dizer, juro, chega. Para *com* isso. Não tenho nenhuma vontade de rir. Você me encheu. É absurdo, parece que estou sempre lidando com um garotinho. Pelo menos os garotinhos um dia crescem. Você faz o contrário."

"Sempre... vamos, não exagere, nem sempre... É a primeira vez que faço uma cena de ciúmes."

"O quê? Mas você faz sempre, cada vez que surge a ocasião."

"Mas quando?"

"É claro, quando estamos a sós, que cenas você pode fazer? Mas, assim que eu falo com alguém como hoje, além do mais para fazer um favor a você, eis que você salta."

"Olhe que o ciúme, benzinho... é um sintoma do amor."

"Ah, é, e essa onde foi que você leu? Nas mensagens dos Baci Perugina?"

"Ora, amor, não vamos brigar mais."

"Chega, estou cansada, estou trabalhando desde as sete da manhã. Quero ir pra casa, a gente se fala mais tarde..." Paola pega a bolsa sobre a motoneta e se afasta. Mauro sobe na sua Kymco, dá a partida. Um instante depois, está novamente ao lado dela.

"Vamos, amor, não faça assim."

"Não, tudo bem, depois passa, mas agora chega."

"Amanhã vou tirar as fotos. Você vem comigo?"

"Não, vá sozinho. Talvez eu tenha outra entrevista."

"Com o diretor?"

"Continua insistindo? Então quer mesmo brigar?"

Mauro para um pouco antes do portão de Paola e desce da moto.

"Está bem, não vamos brigar, me dê um beijo."

Paola lhe dá um beijo tentando assim se desvencilhar dele.

"O.k..." Mauro sobe na moto.

"Amanhã tiro as fotos e depois vou àquele endereço que você me deu, está bem?"

"Está bem, tchau." Paola tenta entrar.

"Não desligue o celular, assim quem sabe a gente se fala depois só pra dar um alô..."

Paola fecha o portão. "Se eu puder, não desligo. Senão, vou desligar... Você sabe que os meus ouvem tudo, ficam colados em mim..."

"O.k... mas você acha que aquele diretor era bicha?"

"Mas vá, vá..." Chateada, Paola sacode a cabeça e entra pelo portão. Mauro a observa entrar, depois guarda o papel no bolso do casaco e parte.

Chegando à pracinha diante da sua casa, desliga o motor, amarra a corrente, mas, quando se levanta, da sombra surge alguém.

"Mauro?"

"Quem é? Ora, vá se danar, Cá, *você* quer me matar?"

O irmão se aproxima dele. "Desculpe, não queria assustá-lo. Ouça, hoje eu discuti um tempão com papai. Ontem você não voltou nem para jantar. Estávamos esperando você e nem avisou... Você faz sempre do seu jeito, não é?"

"Ora, não encha, Cá, eu esqueci, está bem... Mas agora já cresci, não? Tenho vinte e dois anos e não três, e mesmo se uma vez não volto..."
"Sim, você cresceu só em termos, porém. Saiu da escola, nem terminou o curso, e são pelo menos quatro anos que você anda por aí fazendo o quê?"

"Como fazendo o quê?"

"Sim, fazendo o quê? Não entende nem mais o italiano?"

"Nossa Senhora...", Mauro passa ao lado de Cario e o ultrapassa, "você está parecendo o nosso pai, ora..."

"Não, se eu fosse ele, estaria lhe dando uns pontapés no traseiro. Ele prometeu que faria isso."

"Então não vou entrar."

"Vamos, não seja cretino. Será possível que você não entende?"

Mauro vai até a moto, retira a corrente e a coloca no baú.

"Mauro, por que você não vem trabalhar comigo, estou precisando de um ajudante. Você aprende a profissão, não é difícil, e ganha-se o suficiente... Se há uma coisa que não falta são canos furados e privadas para instalar. Se você aprender direito, podemos também pegar mais serviços, e, assim que você estiver com bastante experiência, pode se virar sozinho, não é ruim, sério." Mauro monta na moto. Dá a partida.

"Escute, hoje arranjei um trabalho, mas não vou contar nada, porque do jeito que vocês são, tenho receio de perdê-lo. Vocês me dão azar." E parte acelerando, deixando o irmão sozinho na pracinha.

_____32_____

Chegando diante da escola de Niki, Alessandro para o carro, olha ao redor com ar distraído. Algumas jovens tagarelam alegres, fumando o clássico cigarrinho de saída de escola. Um casal, sem se importar com a eventual passagem dos pais, está apoiado numa moto e se beija quase com avidez. O rapaz, com a boca completamente aberta, está mergulhado na boca da garota e exagera com uma língua quase funambulesca.

Puxa vida!

Mas e se eu tivesse uma filha e visse uma cena dessas, o que diria? Talvez não passasse mais na frente da escola. Mesmo porque, o que eu poderia fazer? Eles iriam se beijar nos jardins ou nos banheiros ou em algum outro lugar. Enquanto apenas se beijam... O rapaz parece quase ter ouvido e enfia a mão direita por baixo da camiseta da menina, que abre o olho, observa ao redor por um instante, em seguida sorri, fecha os olhos, volta a beijá-lo e se entrega, deixando-o à vontade. Justo naquele momento, chega um outro rapaz com cara de valentão junto aos dois. Alessandro fica mais atento. Será que vai ter briga? Uma das muitas brigas que sempre li nos jornais, mais, mas que nunca vi? Nada disso. O valentão, recém-chegado, aguarda um instante, em seguida decide intervir.

"Ei, querem sair da minha moto que tenho que ir pra casa?" O beijador louco ergue o braço para o céu.

"Puxa vida... Logo esta você tinha de querer, hein?"

O valentão ergue o queixo. "Claro, é a minha."

O rapaz abre os braços. "Está bem, está bem, só quero dizer que até o motorzinho estava se excitando..."

Alessandro sorri, mas logo em seguida leva um susto. A porta do carro se abre repente e Niki mergulha para dentro.

"Vamos, vamos, rápido, dê a partida, saia!”

Alessandro não espera que ela repita. Niki se atira logo para baixo, enquanto ele se afasta da saída da escola e dá a volta na esquina. Em seguida, olha do alto para Niki, acocorada embaixo do assento ao lado.

"Olá, você já pode levantar..."

Niki se ajeita tranqüila ao lado dele. Alessandro olha para ela sério.

"Escute, mas será possível que toda vez temos que fazer essa encenação porque a sua mãe está do lado de fora da escola? Não entendo, não fizemos nada de errado, só tivemos um acidente, como muitos outros."

"Mas hoje a minha mãe não passou!"

"E então? Melhor ainda... Por que está se escondendo?"

"Porque o meu ex-namorado estava lá..."

Alessandro olha para ela e arregala os olhos.

"O seu ex-namorado? E então?"

"Nada. Não compreenderia. E sobretudo..."

"E sobretudo?"

"Sobretudo é um tipo brigão..."

"Escute, eu não quero me meter nas suas confusões."

"Deixe pra lá! Vai ver que não acontecerá nada, é por isso que me escondi."

"Mas eu não quero mesmo que você se esconda, nem quero que exista a possibilidade, que não haja risco algum. Nem quero conhecê-lo, esse seu ex. Eu não quero..."

"Ei, ei! Tem 'não quero' demais! Sabe o que meu pai dizia sempre? O capim 'não querer' cresce só no jardim do rei."

"Mas o que você está falando, aquele era o capim 'querer'. Eu, no caso, não quero."

"Parabéns, ótima frase. Eu conheço uma de Woody Allen: Os problemas são como as folhas de papel higiênico: você pega uma e vêm dez."

"E o que quer dizer? Que tivemos um acidente e precisamos arranjar mais dez problemas?"

Niki ergue a sobrancelha. "Puxa, estamos brigando?"

Alessandro olha para ela. "Não, estamos esclarecendo alguns pontos."

"Ah, entendi, para melhorar a nossa relação?"

Alessandro olha novamente para ela e sorri. "Não, para terminá-la."

"Ufa!" Niki apoia os pés sobre o painel, "mas eu não entendo por quê. Acaba¬mos de nos conhecer, aliás, para ser precisa, você me abalroou, eu não me queixei, estamos nos conhecendo melhor... E o que você faz? Decide que quer terminar, a nossa relação!"

"Tire os pés do painel."
"O.k., eu tiro se continuarmos a ter uma boa relação."

"Uma boa relação não está baseada em condições, nós não temos um contrato."

"Ah, é? Então eu vou deixar os pés em cima do painel!"

Alessandro tenta retirá-los com a mão.

"O que é isso? Olhe que eu grito, que eu denuncio você! Me atropelou, destruiu zrinha moto, me raptou e quer me violentar!"

"Eu realmente só gostaria que você tirasse os pés do painel." Alessandro tenta novamente retirá-los e Niki se debruça na janela e começa a gritar: "Socorro! Ahhh!"

Um homem, parado na frente de uma oficina mecânica com uma moto do lado de fora, olha para ela espantado.

"Niki, mas o que está fazendo? O que acontece?"

Niki percebe que pararam justo em frente da oficina mecânica.

"Ah, nada... oi, Mario." E desce compondo-se como pode. Mario olha torto a Alessandro. Niki percebe e tenta consertar tudo.

"O meu amigo estava me ajudando a ensaiar uma cena que devo fazer no teatro!"

Mario franze o cenho. "Essa também. Eu sabia que você pratica quase todos os esportes, mas o teatro não estava na minha lista..."

"É por isso que o incluí!"

Mario ri, esfregando as mãos ainda sujas de graxa e óleo no macacão de mecânico. Niki se volta para Alessandro e sorri para ele.

"Viu? Estou sempre acobertando você." Em seguida se afasta e Alessandro tenta responder: "Mas sempre quando?" Porém Niki já está sentada em sua moto. Experimenta virar de um lado para outro a roda anterior.

"Oba, parece perfeita!"

Mario fica sério e se aproxima.

"Está perfeita. Bem, troquei a roda dianteira e endireitei o eixo traseiro. O tear estava. ligeiramente desalinhado, mas consegui endireitá-lo, e como os pneus estavam carequíssimos, eu os troquei."

"Sei, mas assim quanto devo?"
"Nada..."

"Como nada?"

"Eu já disse, nada... Você falou que não foi sua culpa, certo?"

"Claro que não." Orgulhosa, Niki sorri olhando para Alessandro.

Mario abre os braços. "E então, tudo o que fiz a mais para você, vamos debitar rira aquele sujeito que bateu em você. E olhe que a sua moto é forte! Sabe lá em que estava pensando quando te acertou, não é? Você devia ir até o hospital, Niki, e receber alguns dias de licença e alguns pontos do seguro. Esses canalhas... devemos fazer que riguem caro!" Niki olha para Mario e sorri, tentando de alguma forma fazer que ele pare. Mas Mario não percebe nenhum de seus olhares. Pelo contrário, continua pesadamente. "Mais caro do que pagaram na ocasião, roubando a carta de motorista."

Alessandro não agüenta mais e explode.

"Escute, talvez eu estivesse um pouco distraído e a atropelei, mas a carta de motorista eu consegui honestamente! Está claro?!"

Mario olha para Niki. Depois sério para Alessandro. Em seguida novamente rara Niki.

Enfim sorri.

"Entendi... estão representando novamente, hein? Estão fazendo a encenação do teatro..."

Alessandro levanta a mão e o manda para aquele lugar. Dirige-se rapidamente para o carro, abre a porta e entra. Mario olha para Niki.

"Puxa, como é suscetível o seu amigo."

"É, eu sei, é o jeito dele. Mas você vai ver que melhora."

"Só se você for capaz de fazer milagres."

Niki pega a moto e dá a partida. Em seguida se aproxima de Alessandro, que abaixa o vidro.

"Tudo certo? Anda? Funciona?"

"Sim, perfeito, obrigada. Você foi muito gentil em me acompanhar."

Mario abaixa a porta de ferro da oficina.

"Oh, que bonitinhos os pombinhos! Vocês estão encenando outra cena? Eu vou almoçar. Quando for a estreia no teatro me convidem." Mario dá a partida num velho Califfone e afasta-se.

Niki sorri para Alessandro. "Ele é assim, mas é um ótimo mecânico."

"Só faltava ser um mecânico incapaz! Então você teria feito bingo!"

"Mas veja que jeito de falar! Já não consegue mais distinguir a realidade... confunde a simplicidade e a beleza da vida com a irrealidade das suas propagandas. Você fez bingo... Você está realmente por fora, está bem out."

Niki sacode a cabeça e parte. Pouco depois, Alessandro a alcança e mais uma vez abaixa o vidro.

"Ora, mas você precisa sempre ficar ofendida?"

"Olhe que a realidade nunca deveria ofender, senão quer dizer que alguma coisa não vai bem." Niki sorri e acelera um pouco. Alessandro a alcança novamente.

"Ah, é? Bem, acontece que o motorzinho, os pneus novos, o tear consertado... bem, você deve tudo isso à minha irrealidade?”

Niki reduz a velocidade e se deixa alcançar.

"Então, entre todas essas coisas pode acrescentar um tanque."

Alessandro se debruça pela janela. "Por quê?"

"Porque a minha gasolina acabou."

Alessandro diminui, encosta o carro, puxa o freio de mão e desce.

"Desculpe, mas não compreendi. Aquele mecânico fantástico não podia ter colocado um

pouco de gasolina para você chegar em casa?"

"Mas o que você está falando? Vai dizer que não sabe? Em geral eles tiram aquela que você tem. Para trabalhar, às vezes têm de deitar no chão e então derramaria toda por baixo do selim."

"E então agora o que fazemos?"

"Venha um pouco para trás com o carro. Você tem uma mangueira?"

"Uma mangueira?"

"Sim, para fazer uma chupeta do seu tanque..."

"Não, não tenho." Alessandro sobe no carro e dá marcha a ré. "Mas você acha que eu ando com uma mangueira?"

Niki abre o porta-luvas dianteiro da moto. "Que sorte... eu tenho!" Retira uma mangueira verde, dessas de jardim, cortada num comprimento de aproximadamente um metro e meio. "Eu tinha certeza que meu irmão a havia surrupiado."

"Seu irmão? Mas que idade ele tem?"

"Onze."

"E já tem uma moto?"

"Não. Mas um amigo dele, um tal de Vanni, que em casa chamamos Pavio[17], Transmitiu a ele a paixão pelos carrinhos telecomandados a explosão..."

"E então?"

"Então vão todos os dias ao Foro Itálico e meu irmão usa a minha gasolina para as corridas."

"Legal."

Niki terminou de retirar a tampa do tanque da sua moto e abre a do tanque do Mercedes de Alessandro. Introduz a mangueira com força. Várias vezes.

"Feito. Escute, com certeza eu quebrei a tela."

"Como é?"

"Para poder entrar com a mangueira, eu tive de quebrar a tela que funciona como filtro... Na primeira revisão que você fizer, mande recolocar, o.k.?"

"Ah, sim, claro, imagine, e depois, um prejuízo a mais ou a menos..."

"Pronto, segure." Niki lhe põe a mangueira verde na mão."

"O que devo fazer?"

[17] Referência ao personagem Pavio do conto de Collodi, Pinóquio. (N. T.)

"Chupe."

"O quê?"

"Você inspira aqui dentro e aos poucos a gasolina chega. A mangueira é um pouco transparente, você vai ver. Quando chegar quase em cima, você coloca o polegar na ponta da mangueira e a mantém sempre mais baixo em relação ao tanque do carro."

"E depois?"

"E depois você a coloca no tanque da minha moto e tira o polegar. A gasolina sai sozinha e você fez uma 'chupeta'!"

"Legal. Eu já ouvi falar, mas não acreditava..."

"Bem, sabe... nunca ouviu falar de um tal de Arquimedes..."

"Eu sei que se trata da lei dos vasos comunicantes, é que não acreditava que realmente alguém ainda utilizasse esse método hoje."

Niki sacode a cabeça e ri. "Sabe lá quanta gasolina já lhe roubaram na vida desse jeito?"

"Você acha?"

"Claro."

Alessandro pega a mangueira e está para levá-la à boca, mas para.

"Desculpe, mas se é tão fácil... por que não faz você? A gasolina é para você. É perigoso, não é?"

"Que nada. Eu não faço porque me incomoda o cheiro da gasolina. Não consigo chupar... nesse caso."

Depois olha para ele de propósito, provocando. Alessandro ergue a sobrancelha. Niki sacode a cabeça.

"E também na grande maioria dos outros casos. Força, chupe."

Alessandro não espera que repita. Chupa com força, pela mangueira. Uma, duas, três vezes. "Mas não sai nada!" Tenta novamente segurando a mangueira mais baixa, não se dá conta e a gasolina chega de repente à sua boca.

"Pfft!" Tira a mangueira da boca e começa a tossir e a cuspir. "Que nojo, que nojo! Pfft!"

Niki agarra logo a mangueira erguendo-a, interrompendo assim a saída do combustível. Alessandro se apoia no carro.

"Meu Deus, estou muito mal, devo ter bebido... Devo vomitar? Eu me envenenei."

"Que nada." Niki se aproxima dele. Alessandro permanece imóvel. Niki se aproxima mais, indo lentamente em direção a seu rosto. Alessandro pensa em uma estranha forma de agradecimento, ali, na rua, diante de todos. Para todos... Para quem passa. E por enquanto não está passando ninguém. Alessandro fecha os olhos. Niki, com o seu leve perfume, se aproxima

sempre mais. Mais. E mais... Alessandro dá um longo suspiro. Niki para de repente. Está bem perto. Começa a cheirar. Uma, duas, três vezes.

"Não acredito!"

Alessandro abre os olhos.

"Você não acredita em quê?"

"Mas o seu carro é a diesel?"

"Sim, por quê?"

"Porque o meu é a gasolina, certo? Ainda bem que você bebeu. Sabe lá quantos prejuízos mais você iria provocar?"

"Não sei e não quero saber."

"Desculpe, mas bem que você podia ter falado antes, não é? Não teríamos perdido todo esse tempo. Você sempre diz. Tempo é dinheiro."

"Então a minha camisa e o meu paletó também o são."

Niki fecha o tanque da moto e também o do Mercedes.

"Está bem, eu vou levar tudo para a tinturaria, viu? Lembre-se de deixar comigo depois, o.k.?"

"Claro, deixo com você o meu paletó e a minha camisa e vou seminu para o escritório."

"Desculpe, mas foi você quem disse que é criativo. Um criativo é um artista, não? E se tem vontade de andar por aí desse jeito, o que lhe importa se alguém tiver algo a dizer? Escute, por acaso você tem um pequeno botijão no carro, assim vamos até um posto de gasolina e depois voltamos?"

"Não ando com um botijão no carro..."

"O.k., eu suspeitava... Não há outras soluções então... Suba no carro, vá."

Alessandro sobe. Niki permanece sentada na moto ao lado do carro, do lado do passageiro. Alessandro não compreende.

"Desculpe, mas você não vem? Você disse que não tinha gasolina..." Olha torto para ela. "Não, não vá dizer que era uma brincadeira."

"Mas que brincadeira que nada, acabou mesmo. Vá, dê a partida, parta devagar, sem arrancar, viu? Que eu vou junto."

"O quê?" Alessandro olha para ela perplexo.

"Eu vou me segurar na janela. Mantenho o braço esticado e você me leva até o primeiro posto, assim colocamos gasolina, isto é, eu coloco, você paga e depois nos despedimos, isto é, eu me despeço."

Alessandro sacode a cabeça, dá a partida e engata a marcha do câmbio automático. O

Mercedes parte lentamente.

"Isso, devagar, devagar, assim."

O braço de Niki se distende, a jovem segura com força. A moto começa a se mover. Niki relaxa um pouco e estica o braço completamente. O Mercedes avança. A moto também, ao seu lado. Niki sorri para ele.

"Muito bem, você partiu realmente bem..."

Alessandra olha para ela.

"Obrigado."

"Mas olhe para a frente..."

Alessandro olha para a frente e sorri para ela. "Você tem razão", e em seguida volta a olhar para ela. Niki está toda tensa voltada para a frente. Mas olha para ele e também sorri.

"A rua!"

"Eu queria ver se tudo está bem. Tudo bem?"

De repente, uma voz atrás deles.

"Não, não está absolutamente bem."

Uma viatura da polícia se alinha com o carro de Alessandro. Um guarda faz sinal de parada erguendo e abaixando o sinal de parar.

"Encostem, por favor."

Alessandro joga a cabeça para trás.

"Não, não posso acreditar nisso." Encosta o carro lentamente. E quando desce, acredita menos ainda. Os mesmos guardas. Serra e Carretti. Agora até já lembra os nomes deles. Serra se dirige para ele, batendo o sinal de parar contra a palma da mão.

“Então? O senhor é realmente reincidente. Mas o que está fazendo, uma competição de quem perde mais pontos na carteira em menos tempo? Não, explique então hein? Porque realmente não conseguimos entender."

Alessandro trata de sorrir.

"Não, sou eu que não entendo. Parece que vocês estão seguindo só a mim."

Carretti se aproxima com ar sério. "Nós estamos patrulhando. Temos os nossos os, a nossa ronda e especialmente a nossa zona. E o senhor está na nossa zona. tão, ou muda de bairro, e assim vai encontrar os nossos colegas, ou muda a sua forma de agir... que talvez seja a melhor coisa."

Niki desce da moto, ajeita a camiseta, procurando assumir uma postura correta.

"Sim, os senhores têm razão, desculpem, a culpa é minha. Acabou o combustível e eu pedi a ele que me levasse até o posto de gasolina."

Alessandro intervém, mas decide não contar sobre a tentativa da chupeta mal resolvida.

"E uma vez que eu não tinha um botijão..."

"Sim, claro, porque senão o senhor colocava a gasolina num botijão e depois saía por aí, não é?"

"É claro. Senão como eu faria?"

"Então teve muita sorte... Porque, nesse caso, deveríamos levá-lo diretamente para a delegacia para investigação. Essa gasolina poderia servir para fazer alguns coquetéis molotov, quem sabe..."

"Para fazer coquetéis molotov? Mas então os senhores não estão patrulhando. Estão mesmo atrás de mim! Desculpem, mas eu já expliquei. A jovem ficou sem gasolina!"

"Mas o que faz, está gritando?"

"Não, é que quando vocês não querem aceitar explicações, aí eu não entendo mesmo..."

"Ouça, somos nós que não compreendemos o senhor. O senhor só está criando problemas."

"Eu?"

Niki se interpõe. "O.k., o.k., chega, sem brigas. Os senhores sabem se tem um posto aqui por perto?"

Serra olha para Carretti, que fecha os olhos como quem diz: "Mas sim, sim. vamos deixar pra lá..."

"Sim, fica aqui logo depois da esquina. Mas fechem o carro e vão empurrando a moto."

"O.k., obrigada", Niki sorri, "foram muito gentis."

Os guardas sobem no carro. Serra abre a janela. "Dessa vez foi assim. Não queremos nos encontrar em outras situações desagradáveis. Por favor, não crie problemas." E partem cantando os pneus.

Niki começa a empurrar a moto. Alessandro pega as chaves, fecha a porta e depois aperta o botão que aciona o alarme. Corre atrás dela e a alcança.
"Vá para o outro lado que vou ajudar a empurrar..."

Caminham em silêncio, Niki olha para ele e sorri.

"Vê se não cria problemas, hein, Alex?"

"Claro, que estranho, desde que eu a conheço só faço isso."

"Na verdade eles o conheceram antes, por causa das suas russas..."

"Ah, é."

Continuam a empurrar. Alessandro bufa debaixo do sol.

"Estou encharcado de diesel, suado e quem sabe vou pegar fogo... E esse era o meu intervalo de almoço."

"Ora, Virgem santa, como você é difícil, divirta-se, ao menos é diferente do habitual, não é?"

"Ah, isso com certeza."

"Tem uma coisa que eu não entendo, por que os guardas sempre partem cantando os pneus?"

"O que é, uma das perguntas do Sai Xchè?[18] Sei lá, talvez seja um defeito do ^irro deles. Teria sido interessante se você pegasse carona com a moto no carro deles, ih, ah! Pronto, chegamos."

"Você tem dez euros?"

"Claro..." Alessandro põe a mão no bolso e retira a nota da carteira. Niki coloca a nota na maquininha da bomba de gasolina.

"Ponha na conta, está bem?"

"Deixe pra lá..." diz Alessandro sorrindo. "Já perdi a conta."

"Ah, sim, então não vou pagar a tinturaria!"

Niki tira a mangueira e a engata no tanque da moto. Em seguida, quando o marcador indica dez euros, começa a pular em cima da mangueira enrolada no chão. Niki salta sempre mais alto.

"Ei, o que você está fazendo agora?"

"Gasolina, não? Veja, o marcador continua a girar. 10, 10 e 5, 10 e 20, 10 e 45, I e 70,11... É a única maneira de contrabalançar o aumento do petróleo!"
"Claro", Alessandro manda que ela pare, "assim, se aqueles guardas passarem de novo, eles nos levam diretamente para a delegacia."

Bem naquele momento: "Niki! Niki! Ainda bem que a encontrei!". Mario, o mecânico, a bordo de seu Califfbne, para ao lado deles.

"Mario, o que está fazendo aqui?"
"Niki, preciso lhe dizer uma coisa importantíssima... Lembre que você não rode correr com a sua moto por enquanto. É como se estivesse amaciando. Os pneus novos estão recobertos de cera... Encostou no freio e zás, você está com o traseiro no chão!"

"Obrigada, Mario!"

O mecânico sorri. "Imagine... De nada... É que eu estava preocupado..."

"Viu?" Niki olha para Alessandro. "Eu não falei que ele é um ótimo mecânico?!"

"Imagine! Obrigação... vocês é que, com todas aquelas encenações do teatro, me confundiram." Mario dá a partida no Califfbne e se afasta sacudindo a cabeça.

"E agora?" Niki olha para ele.

[18] É o nome de um programa da televisão italiana, só de perguntas ao auditório. (N. T.)

"Agora o quê?"

"Agora como vou até Fregene? Tenho uma competição lá, hoje à tarde." Niki inclina a cabeça para o lado e abre os olhos, tentando de todas as formas parecer mais delicada. "Uma competição que eu queria tanto..."

"Ah, não, não, nem pensar, hein? Não faça assim!"

Niki se aproxima dele. "Ora, mas por que você é sempre difícil e não me ajuda?"

"Não ajudo?! Desde que a conheci venho criando uma espécie de 'pronto-socorro Niki'."

"Viu como você é bonzinho, não vai parar agora, vai?"

Alessandro cruza os braços. "Nem pensar, nesse assunto de Fregene sou irredutível."

_____33_____

Pouco depois. Via Aurelia. Direção Fregene.

"Mas se você me dá uma carona com esse bico aí, então não vale o pronto-socorro Niki!"

"Não está escrito em canto nenhum que tenho de sorrir também."

"Não, mas seria mais simpático."

Alessandro dá um sorriso forçado. "Está bem assim?"

"Não, assim não vale, não é natural. Então faço bico eu também."

Niki se vira para o outro lado. Alessandro a observa e continua a guiar.

"Não consigo acreditar, parecemos duas crianças."

Niki se volta para ele. "O problema é que você acredita realmente que eu sou uma criança! Escute, vamos fazer assim: vou abonar o seu seguro, o CID e todo o restante. Está bem? Assim você tem um motivo válido para me acompanhar e, especialmente, o que é mais importante, para sorrir. O.k.?"

Alessandra sorri.

"Viu? Como queríamos demonstrar..."

"O quê?"

"Você pode ser mais velho do que eu, mas nesse caso a criança é você."

"Olhe, sem discussões, o.k.? Vou acompanhar você para essa competição, está bem? A história do seguro e todo o resto continua como antes."

"Não, não. Agora eu já falei e vamos fazer assim."

"O.k., como quiser, então quer dizer que aquele ótimo mecânico quem vai pagar sou eu."

"Ufa, você quer ganhar todas, hein..."

"Sim, senão o pronto-socorro Niki não cumpre com o seu dever completamente. Mas pelo menos vai me contar de que competição se trata?"

"Não. Vai descobrir lá. Por que você quer estragar a surpresa? Se eu contar, você já cria uma idéia. É tão bonito ter um tempo para tudo... Isso. Aliás, posso lhe dizer uma coisa? Na minha opinião, você não dá tempo suficiente para si mesmo."

"Você acha?" Alessandro olha para ela.

"Sim, acho."

Alessandro pega o celular.

"O que vai fazer?"

"Vou ligar para o escritório e avisar que estou me dando um tempo..." E aperta o botão verde. Niki olha para ele. Alessandro sacode a cabeça.

"Alô, Andréa? Sim, sou eu." Pausa.

"Escute. Eu queria avisar que vou chegar mais tarde." Pausa.

"Sim, eu sei... eu sei... então vou explicar: estou me dando um tempo." Pausa.

"Como o que significa...? Para ser mais criativo... Onde estou?" Alessandro olha para Niki. Em seguida dá de ombros. "Por aí... Sim, tem gente. Sim... também tem um pouco de trânsito..." Pausa.

Niki agarra voando de sua mochila um papel já escrito e o passa rapidamente para ele. Alessandro o pega, lê e se surpreende. Em seguida, repete o que leu em voz alta.

"Ser criativo significa não ser prisioneiro do tempo dos outros. Não ter limites nem fronteiras, até encontrar a idéia perfeita que paga por todo aquele tempo que não existe mais... mas que na realidade ainda está aí, embora sob outras formas..." Alessandro não está completamente convencido do que leu. Mas lhe parece que, de alguma forma, aquela frase estranha surtiu efeito. Olha para Niki satisfeito, enquanto escuta aquilo que Andréa está dizendo. "O.k., o.k... chega, entendi. Não, eu disse não. Não pegue o atalho. O.k. Mas não, eu disse que não. Você não pode fazer isso. Sim, nos vemos amanhã de manhã no escritório." Alessandro desliga. Niki olha para ele entusiasmada.

"Isso, assim que eu gosto. Acreditarão mais ainda em você, encontrarão novas idéias, motivos, você os excita com essa liberdade. Confie."

"O.k., eu confio." Alessandro continua a guiar. "Linda aquela frase, obrigado."

"De nada, imagine."

"Não, sério. Deu um sentido a tudo aquilo que estamos fazendo. Como você a encontrou?"

"Não é minha. Achei ontem no Google."

"Ah, não sabia."

"E eu, pelo contrário, sabia que seria útil."
Alessandro olha para ela com outro olhar. Niki fecha um pouco os olhos.

"Escute esta, viu... Você sabe a diferença que existe entre uma mulher e uma garotinha?"

"Não."

"Nenhuma. Ambas procuram freqüentemente ser a outra."

"Essa também você encontrou no Google?"

"Não, essa é minha." E Niki sorri. E um pouco depois estão em Fregene. Alessandro continua a guiar. Niki se agita, fala sem parar e coloca os pés sobre o painel com tranqüilidade, serena e ri. E quando ele finge ficar bravo, ela os tira de lá. Alessandro abre a janela. Respira o ar quente dos últimos dias de abril. Na beira da estrada, pequenas espigas se inclinam ao vento. O perfume do verde, já quente de verão, invade o carro. Alessandro o respira quase fechando os

olhos.

É verdade, pensa. Não me dou um tempo suficiente. E, quem sabe, talvez eu tenha alguma boa idéia. E esse pensamento o tranqüiliza. Talvez porque aquele tempo que se permitiu lhe pareça de alguma forma roubado.

"Pronto, pode estacionar aqui, chegamos." Niki desce do carro rapidamente. "Ei, venha. Vamos, estamos atrasados."

Niki corre veloz por cima de uma duna de areia e em seguida sobre tábuas ressequidas pelo sol que levam para o interior de uma velha cabana.

"Olá, Mastino. Cheguei! Me dê as chaves!"

"Olá, Niki, já chegaram todos."

"Sim, eu sei."

Alessandro chega esbaforido.

"Este é o meu amigo Alessandro. Alex, espere aqui e não olhe, tá?"

Alessandro fica parado diante do senhor que ouviu ser chamado de Mastino.

"Olá..."

Mastino olha para ele curioso.

"O senhor também é do grupo dos loucos?"

Não, Alessandro gostaria de dizer, eu sou aquele do pronto-socorro Niki, mas seria uma longa história até explicar.

"Só dei uma carona para a Niki, ela teve problemas com a moto."
"E quando é que essa garota não tem problemas? Mas ela é ótima, hein? Tem um coração de ouro. Quer alguma coisa para beber? Sei lá, um trago, um aperitivo, um pouco de água..."

"Não, não, obrigado."

"Olhe que aqui a Niki tem crédito... pode pedir o que quiser."

"Não, sério, obrigado."

Na verdade eu queria comer, estou com uma fome louca, pensa Alessandro. Sabe, é o meu horário de almoço. Um pouco demorado, o senhor diria... Alessandro está quase passando mal e prefere não pensar. Ah, é, que bobo, preciso me convencer de que estou me dando um tempo. Bem naquele instante, Niki sai da cabine do fundo do local. Está com um abrigo azul, perfeitamente aderente, e seus longos cabelos loiros presos com um elástico. Nas mãos uma prancha de surfe.

"Aqui estou! Você havia adivinhado?"

Alessandro fica sem fala.

"Não."

"Quem sabe você se anima e vai querer experimentar também. Ou já sabe surfar?"

"Eu? Não. Uma vez, quando garoto, experimentei o skateboard..."

"Ora, ora! Bem, é quase a mesma coisa... só que na água!"

"Sim, mas eu caí quase imediatamente..."

"Bem, aqui com certeza não vai se machucar! Mastino, prepare alguma coisa que daqui a pouco vamos comer." Arrasta Alessandro para a praia, "Vem, vem, comigo", e correm juntos para o mar. Alessandro corre atrás dela na areia, de sapatos, ainda todo vestido com roupa de trabalho e com a camisa suja de diesel. Mas Niki não lhe dá tempo.

"Pronto, sente aqui no barco. Já volto..." E corre rapidamente para a água. Em seguida, Niki para, deixa a prancha e retorna até ele, que agora já está sentado.

"Alex?"

"Sim?"

E o beija levemente nos lábios. Depois o fita nos olhos.

"Obrigada pela carona."

Ele fica sem fala.
"Oh... bem, eu... imagine."

Niki sorri. Em seguida retira o elástico que lhe prendia os cabelos.

"Guarde pra mim, por favor", e o deixa nas mãos de Alessandro, enquanto sai correndo.

"Claro."

Niki pega a prancha e mergulha na água. Sobe de barriga na prancha e começa a remar com os braços. Segue mar adentro e alcança os outros, já longe, onde as ondas são maiores. Alessandro toca os lábios. Depois olha para a mão. Como se ainda procurasse aquele leve beijo... Só encontra o pequeno elástico. Alguns longos fios de cabelo ficaram presos e movem-se rebeldes dançando ao vento. Alessandro os solta docemente do elástico, levanta a mão e os atira para o alto, abandonando-os em direção talvez a alguma alegre liberdade. Depois volta a observar o mar. Niki está sobre a prancha junto aos outros. Chega uma onda, alguns remam velozmente com os braços, alguns a perdem. Niki gira a prancha, dá duas braçadas e consegue pegá-la. Ergue-se sobre os joelhos e depois em pé. Quase realiza um pequeno salto e cai no centro da prancha em equilíbrio perfeito. Inclina-se para a frente, estica os braços e corre veloz sobre a onda, com os cabelos escurecidos pela água do mar e o abrigo azul molhado e aderente. Passeia sobre a prancha, chega até a ponta e se deixa carregar pela onda. Em seguida, volta para trás e desloca o peso do corpo, fazendo uma ligeira curva, e sobe, chega na crista da onda e desce novamente, escorregando docemente assim, entre aquela espuma ligeira e os olhares invejosos dos que não conseguiram pegar aquela onda.

_____34_____

Um pouco mais tarde. Algumas gaivotas passam velozes raspando as ondas na beira da praia. Niki sai da água com a prancha debaixo do braço.

"Uau, acabei com eles! Peguei mais de dez ondas. Viu como eu surfava? Não perdi nenhuma."

"Você pegou catorze... Olhe, aqui está o seu elástico."

Niki sorri. "Obrigada, venha."

Alcançam a cabana na praia.

"Venha, eu vou tomar uma chuveirada e me trocar rapidinho. Enquanto isso você senta ali."

Niki vê Mastino atrás do balcão.

"Oi, pode nos trazer aquelas suas bruschettas deliciosas, enquanto eu tomo um banho?"

O velho atrás do balcão sorri.

"Como quiser, princesa. Tenho peixe, querem também duas douradas? Estão fresquíssimas."

Niki olha para Alessandro, que assente.

"Sim, perfeito, Masti. Para mim, também uma salada verde e tomates, mas não muito maduros, viu?"

Mastino aprova.

"Também vai querer, senhor Alessandro?"

Niki, antes de entrar na cabine, olha torto para ele.

"Masti! Mas chame ele de você! Hoje ele é um garoto..." E sorri, desaparecendo atrás da porta.

Pouco depois estão à mesa. Niki ainda está com os cabelos molhados quando morde a sua bruschetta. Depois olha para Alessandro.

"Delícia, não? Eu venho aqui só por causa delas."

Alessandro morde a sua.
"Com a fome que estou não distinguiria esses vôngoles dos mexilhões."
Niki ri.

"Na verdade são mariscos!"

"Me pareciam muito pequenas."

Niki dá outra mordida, tira um pouco do azeite no queixo com o dorso da mão que, em seguida, educadamente, limpa no guardanapo.

"Então, vamos, este é o momento de trabalhar."

"Mas não, deixe, nada a ver, estamos aqui para relaxar."

"Nós relaxamos até agora. Estou certa de que agora virá alguma idéia brilhante, melhor do que as ondas que eu peguei. Vamos, um pouco cada um... Fizemos o contrário do habitual: antes o prazer, dessa vez, e depois o dever... e depois, quem sabe, novamente o prazer..."

Alessandra olha para ela. Niki sorri. Dá uma de sensual. Pega a mão dele que segura a bruschetta, a leva até os lábios e dá uma boa mordida, em seguida recolhe alguns mariscos e põe na boca.

"Eu falei... sou louca por eles! Vamos, conte!"

Alessandro dá uma pequena mordida na sua bruschetta., depois deixa o resto para ela. Coloca em cima alguns mariscos caídos no prato e lhe oferece na boca. Niki dá uma mordida e pega também o dedo dele.

"Ai, ai!"

"A gente diz apenas Ai! Hoje você está sendo o garotinho. Então, vai contar ou não?"

Alessandro limpa a boca com o guardanapo.

"Bem, há uns japoneses que querem lançar uma bala."

"Legal..."

"Mas ainda não contei nada."

"Sim, mas essa história já me agrada!"

Alessandro sacode a cabeça e começa a relatar tudo: o nome da bala, LaLuna, a competição com o novo jovem criativo.

"Tenho certeza de que é um tipo detestável, um chique radical, um daqueles que se julgam geniais apesar de nunca ter realizado nada."

"Sem comentários", diz Alessandro sorrindo.
E continua o relato. O risco da ameaça de Lugano, o atalho de Soldini, o logo a ser desenvolvido e a idéia em geral para toda a campanha.

"O.k., entendi tudo. Eu vou achar a idéia para você! Está pronto? No lugar de pôr uma bela garota loira que dança com uma bala nas mãos... como se chama?"

"Michelle Hunziker."

"Isso, ela... Nós vamos fazer uma embalagem que dança entre várias garotas que a querem comer."

"Já fizeram, era Charms, muito tempo atrás."

Alessandro pensa se ela já tinha nascido ou não. Mas prefere não contar isso a ela. Niki apoia o queixo na palma da mão. "Droga, então já me roubaram a idéia!"

Alessandro ri.

"Meus amigos, eis as douradas e as saladas!" Mastino aparece por detrás deles e deixa os pratos sobre a mesa. "Qualquer coisa, me chamem, estou lá atrás."

"O.k., Masti, obrigada!"

"Humm, parecem boas..." Niki abre o peixe com o garfo. "Que perfume, está fresquíssimo." Leva um pedaço à boca. "E também tenro... Humm, realmente bom." Retira com os dedos uma pequena espinha. "Arre, uma espinha!"

"Claro, se você come assim... quer que limpe para você?"

"Não, eu gosto assim. Como e ao mesmo tempo penso, viu... Tenho certeza de que agora vou ter uma outra idéia extraordinária que ainda não roubaram de mim!"

Alessandro sorri.

"O.k., de acordo", e começa a retirar as espinhas metodicamente. Em seguida, observa-a enquanto come. Niki percebe e com a boca cheia resmunga alguma coisa. Estou pensando, viu?"

"Vá, vá em frente..." Uma coisa é certa. Um brainstorming desses, ele nunca fez. Niki limpa a boca com o guardanapo, em seguida pega o copo e bebe um pouco de água.

"O.k., achei mais uma! Está pronto?!"

"Prontíssimo", e enche novamente o copo dela.

"Esta é ótima..."

"Conte."

"Então... Vemos uma cidade e de repente tudo se transforma em embalagens de ralas, e por último a bala LaLuna. LaLuna, uma cidade de doçuras!"

Dessa vez é Alessandro quem bebe. E Niki logo em seguida enche o copo dele.

"Então? O que lhe parece, não gostou, não é? Você estava sufocando."

"Não, estou pensando. Boazinha. Mas parece um pouco com aquela da ponte que na realidade era de goma e que o ator dobrava dentro da boca."

Niki olha para ele e sacode a cabeça.

"Nunca vi..."

"Mas claro que sim, a goma da ponte, Brooklin."

Niki bate o punho sobre a mesa.

"Droga, me roubaram essa também! Está bem, mas a idéia da cidade é diferente."

Alessandro come um pouco de salada.

"É diferente, mas é velha porque é semelhante àquela, necessitamos de uma novidade."

Niki também come uma fatia de tomate.

"Diabos, mas então o seu trabalho é difícil... Pensei que era muito mais fácil"

Alessandro sorri.

"Se fosse tão fácil, eu não teria o carro que você decidiu destruir!"

Niki pensa um instante.

"Sim, mas você teria a minha moto e saberia surfar! E quem sabe teria comido um monte de vezes tão bem aqui no Mastino."

"Pois é."

Alessandro sorri para ela.

"Mas eu conheci você."

"Sim, é verdade. Então é um ótimo trabalho. Você tem muita sorte."

Observam-se por um tempo um pouco maior do que de costume. "Ouça Niki..." Bem naquele momento, toca o celular. Alessandro o pega no bolso. Niki olha para ele bufando.

"Outra vez o escritório..."

"Não, um amigo." E atende.

"Diga, Enrico."

"Oi. Desculpe, mas eu não agüentei, e então? Como foi com o Tony Costa?"

"Não foi."

"Como não foi? O que quer dizer? Recusou o serviço? Era caro demais? O que aconteceu?"

"Nada, é que ainda não fui."

"Mas como você não foi? Alex, você não entendeu, eu estou mal, estou péssimo. Cada instante que passa é uma tortura para mim."

Silêncio.

"Onde você está agora, Alex?"

"Em reunião."

"Em reunião? Mas como, se você não está no escritório? Eu liguei lá."

"Numa reunião fora." Alessandro olha para Niki, que sorri. "Numa reunião fora muito

criativa."

Enrico suspira. "O.k., entendi. Desculpe, meu amigo. Desculpe, desculpe, você tem razão, mas você é a única pessoa com quem posso contar. Eu lhe peço, me ajude."

Percebendo o tom desesperado do outro, Alessandro fica sério.

"Certo, tem razão, eu é que peço desculpas. Vou já."

"Obrigado, você é realmente um amigo. A gente se fala depois."

Enrico desliga. Alessandro tira o guardanapo das pernas e o coloca sobre a mesa.

"Precisamos ir."

Está para se levantar, mas Niki apoia a mão no seu braço, segurando-o.

"O.k., agora vamos, mas você estava para dizer alguma coisa antes..."

"Antes quando?"

Niki inclina a cabeça para o lado.

"Antes que tocasse o celular."

Alessandro sabe exatamente do que ela está falando.

"Ah, antes..."

"Sim, antes."

"Mas nada..."

Niki aperta o braço dele.

"Não, não é verdade. Você disse: Ouça, Niki..."

"Ah sim. Bem... Ouça, Niki." Alessandro olha um pouco em volta. Depois a vê. "Pois é, eu estava dizendo... Ouça, Niki, estou contente por tê-la conhecido, passamos um dia maravilhoso e você me presenteou com o seu tempo. E especialmente... É Lindo quando a gente percebe coisas como aquela!" Alessandro aponta alguma coisa às suas costas. Niki se volta e a vê.

"Aquela?"

"Sim, aquela."

"Uma rede de ferro abaulada, com papel azul dentro e uma espécie de eixo de gesso que a atravessa.

"Gostaram?" Mastino está ali próximo e sorri. "Chama-se O mar e o rochedo. linda, não? É uma escultura de um tal Giovanni Franceschini, um jovem que a meu ver vai longe. Paguei uma nota. Investi nele. Isto é, não paguei... mas faz mais de um ano que vem aqui comer de graça, por causa daquela escultura! Logo, quer dizer que vale uma nota..."

Alessandro sorri.

"Viu? Sem você eu nunca teria visto O rochedo e o mar"

Mastino o corrige. "O mar e o rochedo... desculpem, mas, depois de tudo que investi nele, não podem desvirtuá-lo!"

"Tem razão, desculpe." Alessandro pega a carteira. "Quanto devo?"

Niki se levanta rapidamente e o obriga a guardar a carteira.

"Masti, marque na minha conta..." Mastino sorri e começa a tirar a mesa.

"Já está anotado, Niki. Volte logo."

Alessandro e Niki se encaminham para a saída. Niki para diante da escultura. Alessandro a alcança. "O mar e o rochedo... linda, não?"

Niki olha séria para ele.

"Se quer saber, eu não gosto."

"Das esculturas?"

"Não, das mentiras."

_____35_____

O Mercedes segue rapidamente pela marginal. Uma tarde tranqüila em que alguém encontrou uma nova liberdade: dar-se um tempo. Mas às vezes somos incapazes de aceitar um presente até de nós mesmos.

"Levo você de volta até a moto?"

"Nem falar. Esta tarde é nossa. E, além disso, estou trabalhando em novas idéias para a sua bala."

Alessandro olha para ela. Niki está com a janela aberta e o vento desarruma levemente os seus cabelos, secando-os aos poucos. Tem uma folha de papel na mão e uma caneta na boca, que segura como se fosse um cigarro, enquanto busca sonhadora a idéia de sabe lá que grande publicidade.

"O.k."

Niki sorri para ele, em seguida escreve alguma coisa no papel. Alessandro tenta espiar.

"Não olhe. Só vou dar quando estiver pronto..."

"O.k. O definitivo."

"O quê?"

"Assim se chama quando o serviço está concluído."

"O.k., então quer dizer que, quando for a hora, vou lhe dar o definitivo."

"Sim, ótimo, quem dera que você encontrasse realmente uma boa idéia. Eu poderia me presentear com um monte de tempo!"

"Você vai ver como eu consigo, serei eu a musa inspiradora da propaganda da bala."

"Assim espero", e dizendo isso liga o pisca-pisca e sai em direção de Casilina.

"Ei, mas para onde estamos indo?"

"Para um lugar."

"Estou vendo... saímos da marginal."

"Preciso fazer uma coisa para um amigo."

"Aquele do telefonema de antes?"
"Sim."

"E do que se trata?"

"Mas quantas coisas você quer saber. Não se distraia. Pense na propaganda."

"Tem razão."

Niki volta a escrever alguma coisa no papel, enquanto Alessandro segue as indicações do navegador e para um pouco depois numa pequena travessa da Casilina. Na beira da rua veem-se velhos carros enferrujados, alguns com os vidros quebrados, outros com os pneus furados. Há latões de lixo destruídos, algumas caixas de papelão abandonadas e sacos de plástico abertos e arranhados por algum gato magro que busca desesperadamente uma solução para aquela dieta forçada já há muito tempo.

"Pronto, cheguei."

Niki olha ao redor.

"Puxa, cada amigo, hein?! O que eles têm a fazer num lugar como este?"

"É uma tarefa especial."

Niki olha para ele desconfiada.

"Olha que se os seus amigos guardas nos pegam de novo e nos prendem por posse de drogas, depois você vai ter de explicar aos meus pais que eu estava só acompanhando..."

"Mas que droga, que nada, imagine! É uma coisa que não tem nada a ver. Fique no carro e abaixe o pino quando eu descer, assim você fica trancada aí dentro."

Alessandro desce do carro e, indo em direção à porta, escuta o barulho do acionamento das travas. Sorri. Depois, enquanto procura o nome no interfone, pensa em seus "amigos" policiais e no fato de que estavam para prendê-lo de verdade por posse de droga... Tudo por culpa daquele Soldini e da sua vontade de não ficar esquecido.

E quem é que vai esquecer aquela noitada? Sabe lá o que estarão fazendo no escritório.

Espero que tenham alguma boa idéia. Mas, que bobagem! Não preciso me preocupar... Para isto sempre tem a Niki. Em seguida, sorri preocupado. Espero. Finalmente, encontra o que está procurando. Tony Costa. Terceiro andar. A porta está aberta. Alessandra entra e pega o elevador. Quando sai, vê uma porta com os dizeres sobre o vidro: "Tony Costa. Investigador particular". Exatamente como nos velhos filmes americanos. Naqueles filmes, quando alguém tocava a campainha, quase sempre atiravam ou era a própria porta que explodia. Mas ninguém se machucava. Assim, um pouco mais tranquilo, toca a campainha. Um som antigo, alinhado com toda aquela podridão e o cheiro das escadas, o velho elevador e também os tapetinhos gastos por sabe lá quantos pés na tentativa de limpar-se antes de entrar. Alessandro espera diante da porta. Nada. Não ouve nada. Toca novamente. Finalmente, um barulho atrás da porta. Barulhos estranhos. Depois, uma voz profunda, quente, exata--nente como a dos dubladores de *Marlowe* com Robert Mitchum ou *O último boy scout* com Bruce Willis.

"Um instante, é que... estou chegando."

A porta se abre, mas o que se apresenta não tem nada a ver com um daqueles atores. No máximo, parece-se com James Gandolfini, aquele de *Os sopranos*. E isso também o preocupa. É só um pouco mais baixo, mas igualmente largo. O tipo olha para ele com um olhar inquisidor.

"Então? O que é?"

"Procuro Tony Costa."

"Para quê?"

"É o senhor?"

"Depende."

Alessandro decide ceder.

"Eu preciso dele, sim, bem, queria lhe entregar um caso."

"Então, sim, sou eu. Entre."

Tony Costa o deixa entrar. Em seguida, fecha a porta. Arruma melhor as calças caidas, põe até a camisa para dentro enquanto vai em direção da escrivaninha.

"Esta é Adele, a minha assistente." Sem se voltar, Tony Costa aponta uma jovem que está no outro aposento, ela também se ajeitando um pouco.

"Olá."

"Boa tarde."

Adele se dirige à outra escrivaninha ali ao lado, mas, antes, fecha a porta do aposento. Mas não tão depressa a ponto de impedir que Alessandro observe que aquele é mesmo um dormitório. Tony Costa se assenta e aponta uma cadeira na frente da escrivaninha.

"Por favor, sente-se."

Alessandro se acomoda diante do outro, enquanto Adele passa por trás e senta-se à mesa à sua direita. Alessandra percebe que Tony Costa tem uma grande aliança no dedo, robusta, larga. Brilha alquebrada pelo tempo entre aqueles dedos gordos. Enquanto Adele, que está arrumando alguns papéis, só tem um pequeno anel na mão direita. Quem sabe. Talvez ele tenha interrompido alguma coisa entre chefe e secretária. Mas uma coisa é certa: alguém treinado como Tony Costa certamente não se deixa flagrar por ninguém, e, a ele, o que estava acontecendo lá dentro de fato não interessa nem um pouco. Olha para o investigador.

"Quer tomar alguma coisa? Um gole deste?" Tony ergue uma garrafa de Beltè que está sobre a mesa, já pela metade. "Porém está quente, a geladeira quebrou."

"Não, obrigado."

"Como queira."

Tony Costa serve-se um pouco. "Aproveitando, Adele, anote: geladeira para consertar." Sorri para Alessandro. "Viu? Já serviu para alguma coisa, lembrou-me as coisas que temos de fazer."

Depois dá uma golada no copo de chá, bebendo até o fim.

"Ahhh. Mesmo quente é sempre gostoso. Então, o que podemos fazer pelo senhor? Senhor?..."

"Alex, bem, Alessandro Belli. Não é para mim, é para um amigo meu."

"Claro, claro, um amigo seu." Tony Costa olha para Adele e sorri. "O mundo é feito de

amigos que sempre fazem serviços para outros amigos... Então, do que se trata? Documentos do escritório, cheques sem fundos, traições..."

"Uma hipótese de traição."

"De parte da esposa desse seu amigo, correto?"

"Exato. Eu não acredito que ela o esteja traindo."

"E então o que veio fazer aqui, desculpe, jogar fora o seu dinheiro?"

"O dinheiro, talvez, do meu amigo."

"Ouça, eu não vou dizer a ninguém que o senhor veio aqui. Será um segredo. É contra o meu interesse, porque, se quer que eu siga essa mulher, eu seria realmente um péssimo detetive se não percebesse que o senhor é o marido... Correto?"

"Correto. Mas eu não sou o marido. O marido é o meu amigo. Eu sou amigo dele e da esposa dele."

"Ah, o senhor é o amigo da esposa."
"Sim, mas não sou o amigo nesse sentido, sou amigo, amigo. É por isso que te¬nho a certeza de que ela não tem outro, mas o meu amigo está obcecado, está para¬nóico."

"O ciúme apaga o amor como as cinzas apagam o fogo, dizia Ninon de Lenclos."

Alessandro não acredita no que ouve. Diabos. Enrico citou a mesma coisa.

"Sim, talvez seja isso, de qualquer maneira, agora estou aqui e preciso continuar..."

"Como desejar. Agora as coisas estão mais claras. Adele está anotando?"

Adele levanta o papel. "Por enquanto escrevi só Alessandro Belli, que é amigo dos dois."

"Sim..." diz Tony Costa e depois serve-se de mais um Beltè. "Então, necessito do .endereço da senhora a ser seguida. Tem filhos?"

"Não."

"Ótimo, melhor..."

"Por quê?"

"Não gosto de estragar um casamento quando há filhos no meio."

"Mas talvez não precise estragá-lo."

"Ah, sim, claro... Vamos ver." Tony Costa pega uma folha de papel e o dá para. Alessandro. "Enquanto isso escreva o nome, sobrenome e endereço da pessoa a ser seguida."

Alessandro pega a folha de papel e aponta uma caneta num porta-lápis.

"Posso?"

"Claro, faça o favor."

Alessandro escreve rapidamente alguma coisa sobre o papel. "Pronto, este é o nome da senhora, este do marido e onde moram."

Tony Costa examina a letra. "Perfeito. Dá para ler. Agora eu queria mil e quinhentos euros para começar a trabalhar de imediato."

"O.k., aqui estão." Alessandro abre a carteira, tira três notas de quinhentos euros e as coloca sobre a mesa.

“A outra metade vai me dar quando eu lhe entregar as provas daquilo que o marido suspeita."

"Certo... ou talvez não poderá me entregar nada."

"Sim, mas também nesse caso o senhor vai pagar. A verdade é a verdade e quando se encontra se paga."

"Muito bem."

Alessandro pega um cartão de visita da sua carteira e o entrega. Apoia o indicador sobre um ponto. "Eu gostaria que o senhor me procurasse neste número."

"Claro, como quiser."

Tony Costa pega a caneta e faz um círculo ao redor do número apontado por Alessandro. O de seu celular. Alessandro se dirige para a saída.

"Quando vamos nos falar?"

"Eu ligo assim que tiver alguma coisa para mostrar."

"Sim, mas mais ou menos, sabe, só para dizer ao meu amigo."

"Bem, acredito que daqui a umas duas semanas tudo deverá estar mais claro... a verdade é a verdade, não requer muito."

"Muito bem, obrigado. Então a gente se fala."

Alessandro sai. Adele alcança Tony Costa. Ficam assim, no meio daquele escritório com poucas luzes, sobre o velho tapete bordo gasto, com a planta de folhas pouco amareladas no canto e o grande mapa da cidade de Roma preso na paia por trás de um vidro lascado numa quina. Alessandro se despede mais uma vez. Em seguida, fecha a porta do elevador. Aperta o botão T. O elevador desce bem quando Tony Costa fecha a sua porta de vidro. Alessandro imagina o detetive e a sua assistente. Voltarão às suas pesquisas de prazer, antes de se ocupar daquelas de Camilla. Camilla. A esposa de seu amigo Enrico. Fui testemunha daquele casamento, pens Alessandro, e hoje de tarde fui testemunha do fato de que daqui a pouco alguém ira segui-la sem ela saber. Alessandro olha para o relógio. Tudo se desenrolou durante dez minutos. Fecha o elevador e sai pelo portão. São necessários só dez minutos para arruinar a vida de uma pessoa. Bem. Se uma pessoa quer arruiná-la. Alessandro decide não pensar mais nisso e vai em direção ao carro. Niki o vê, sorri e destranca portas do Mercedes.

"Puxa, estava na hora! Você não sabe as idéias que eu tive!"

Alessandro entra no carro e arranca.

"Conte, então."

"Não... ainda não tenho as idéias claras."

"Mas como, você teve um monte, mas confusas?"

"Ufa!... não encha. Quando chegar à hora eu conto."

Niki coloca os pés sobre o painel. Mas é suficiente que Alessandro olhe para m um instante e rapidamente Niki os retira.

"O.k. Mas vamos fazer assim: se você gostar da minha idéia, isto é, se ao fiel você utilizar a minha idéia, então nós vamos andar o dia inteiro no seu carro com os meus pés sobre o painel, o.k.? E então, negócio fechado?"

"O.k."

"Não, prometa."

"O quê?"

"Aquilo que acabei de dizer..."

"Mas nada, além disso, hein? O.k. Eu quero saber bem o que estou prometendo. Porque, quando eu prometo, eu gosto de cumprir... O.k.?"

"O.k. Mas você é difícil, não?"

"Não, é questão de querer cumprir."

"O.k., então só um dia com os pés no painel."

"Então está bem..." Alessandro sorri. "Prometido."

Niki estende a mão para ele. Alessandro a aperta.

"Então, o que você fez lá em cima?"

"Nada, eu já falei, uma coisa para um amigo meu."

Niki junta os cabelos e enfia a caneta dentro, segurando-os assim.

"O seu amigo quer saber se a mulher o está traindo."

Alessandro olha para ela admirado.

"Ora, como você sabe..."

"Estava escrito ‘Tony Costa. Investigador particular’ no interfone. Não foi tão difícil..."

"Eu disse para ficar dentro do carro."
"E eu havia pedido para contar o que estava fazendo."

Alessandro continua a guiar.

"Bem, não quero falar desse assunto."

"O.k., então eu vou falar. Mas o que é pior do que querer saber uma coisa que o outro não quer contar? Por exemplo: você disse que se separou da namorada, não é?"

"Também não quero falar desse assunto."

"O.k., então eu vou falar disso também. Você, por exemplo. Gostaria de saber se ela o traiu?"

Alessandro pensa: mas o que está acontecendo? Agora todos estão fixados com a minha história? Mas Niki o atropela novamente.

"Não é pior? Isto é, talvez tenha sido uma história bonita, que necessidade há de ficar mal? Isto é, eu, por exemplo, deixei o meu namorado, não é? E então, o que passou, passou. Chega, não tem mais nada para saber. Foi bom. Mas foi... não é mais fácil assim? Mas talvez saber que ela o traiu faz que você se sinta melhor. Mas para quê? O que você quer, uma justificativa para estar melhor? Necessita de um outro no meio para ficar sem ela? Eu acredito que é importante o que se experimenta. Claro, se não acabou para você... aí é outra história. Então você tem vontade de ficar mal..." Niki olha para ele curiosa. "Então?"

"Então o quê?"

"Bem, sim, afinal, você ainda está mal?"

Justo naquele instante, toca o celular de Alessandro.

Alessandro pega-o e olha o *display*.

"É do escritório."

"Ufa. Mas esse escritório está sempre salvando você! Mas como é..."

"Alô?"

"Alô, Alex..."

Alessandro tampa o microfone com a mão e, dirigindo-se a Niki: "É o meu chefe".

Niki olha para ele como quem diz: "E eu, o que posso fazer?"

"Sim, Leonardo, diga."

"Onde você está?"

"Circulando. Estou colhendo alguns dados."

"Muito bem, eu gosto disso. O produto é para as pessoas, e é entre as pessoas que precisamos procurar... Você teve alguma boa idéia?"

"Estou trabalhando nisso. Sim. Tomei algumas notas."

"Ah..." Silêncio do outro lado.

"Alô, Leonardo?"

"Sim, desculpe. Não deveria contar a você. Bem, Marcello e a sua equipe me apresentaram um projeto." Novamente silêncio. Alessandro engole em seco.

"Sim?"

"Sim."

"E como é?"

Silêncio, mais curto dessa vez.

"Bom."

"Ah, bom?"

"Sim. Bom... mas clássico. Sim, quer dizer, de um rapaz como ele eu esperava alguma coisa melhor, isto é, não sei como dizer... mais forte. Quer dizer, não mais forte, não conservador, assim, sei lá, revolucionário. Sim, isto é, não revolucionário novo. Isto, novo... Novo e surpreendente."

"Novo e surpreendente. É justamente nisto que estou trabalhando."

"Eu sabia. Eu sabia, nada a fazer. No final, o mais revolucionário é sempre você. Isto é... você é sempre novo e surpreendente."

"Sim. Espero."

"Como, espero?"

"Não, eu queria dizer, espero que você goste."

"Eu também espero... Escute, amanhã de manhã eu tenho uma reunião, mas a tarde você consegue me mostrar alguma coisa?"

"Bem, sim, acho que sim."

"O.k., então às quatro no meu escritório. Tchau, um abraço. Continue andando no meio das pessoas. Me agrada esse seu novo jeito de fazer pesquisas. Novo e surpreendente. Circulando... sim, nada a fazer, do seu jeito você é realmente revolucionário." E desliga.

"Alô... Leonardo..." Alessandro olha para Niki. "Ele desligou."

"Bem, agora me parece mais fácil."

"Como é?"

"Precisamos só encontrar uma idéia nova e surpreendente."

"Ah, claro, fácil."

"Bem, ao menos as idéias estão muito mais claras. Você verá que amanhã, antes das quatro horas, eu vou lhe dar uma das minhas idéias novas e surpreendentes."

Alessandro pega novamente o celular e disca o número.

"O que está fazendo, está chamando ele de novo? Vai mudar a reunião? Olhe que eu até as quatro consigo certamente..."

"Não... Alô, Andréa?"

"Sim, chefe, que prazer ouvi-lo. Como vão as coisas?"

"Péssimas."

"Por quê, ainda tem trânsito?"

"Não, amanhã tenho uma reunião com Leonardo, à tarde. Tenho que apresentar um projeto."

"Mas ainda não estamos prontos! O que podemos fazer?"

"Não sei. Certamente precisamos encontrar uma idéia nova e surpreendente."

"Sim, chefe."

"E depois você pode fazer mais uma coisa."

"Diga, chefe."

"Pegue já aquele atalho!"

"Ótimo, não esperava outra coisa!" Alessandra desliga.

"Mas o que é aquele atalho?"

"Ah, nada."

"Mas por que você responde sempre 'Ah, nada'? É pior do que quando eu era pequena e me diziam 'Isto é coisa para adultos'."

"Ah, nada... Isto é coisa para adultos."

"Quando você faz assim, eu realmente não o suporto. Vamos, saia daí, me deixe guiar..."

"O quê?"

Niki quase sobe em cima dele.

"Mas o quê, enlouqueceu? Já tivemos um acidente, vamos pelo menos esperar pelos seus dezoito anos para os outros!"

"Nem falar... E, além disso, por que você precisa me desejar azar? Por que inevitavelmente eu tenho que ter um acidente?"

"Bem, existem boas possibilidades..."

"Não... saia daí, vá!"

"Não."

"Desculpe, você não viu como eu me saí bem com os dois guardas? Eu os convenci... vá! Só um pedacinho do caminho... Quem sabe enquanto dirijo eu tenho alguma outra bela idéia para as suas balas."

"Não são minhas."

"Pare, não encha..." Niki quase sobe em cima dele. "Vá, desça!"

"Mas se você disse que este carro não lhe agradava porque tem o câmbio automatico."

"Sim, já pensei nisso, este carro é tão grande que, se eu conseguir manobrar e pegar o jeito dele, então serei capaz de dirigir qualquer um!"

Alessandro sai de debaixo de Niki e desce do carro.

"O problema é se não conseguir com este carro..."

Niki coloca o cinto, enquanto Alessandro dá a volta.

"Entenda, depois do acidente que você teve, por sua culpa, o carro terá que ser levado para o funileiro, não? E então, um amassado a mais ou a menos..."

Alessandro sobe e coloca o cinto.

"Melhor um amassado a menos."

Niki sorri, e começa a mexer no navegador.

"O que você está fazendo?"

"Vou testar esse troço, já que nunca terei um no meu carro. Os meus pais vão dar um básico. Como se tira o som?"

"O som?"

"Sim, aquele que fala como Star Trek e diz trezentos metros virar à direita."

"Ah, assim." Alessandro aperta uma tecla no monitor e aparece "*no áudio*".

"Muito bem."

Niki começa a programar o navegador, em seguida percebe que Alessandro a está observando.

"Não olhe pra mim!"

"O.k.", Alessandro vira para o outro lado, "mas aonde você quer ir?"

"Você vai descobrir. Pronto."

"Saia devagar. Cuidado."

Mas Niki não lhe dá atenção e aciona o acelerador, saltando para a frente.

"Bem, eu havia dito devagar."

"É, pra mim isso é devagar."

Alessandro sacode a cabeça.

"Rendo-me."

Niki sorri e começa a dirigir. Desta vez lentamente. Passa no meio dos carros, dá o sinal, vira. De vez em quando, Alessandro a ajuda, pega a direção e corrige a curva.

"Você sabe que é melhor do que todos os meus amigos instrutores?"

"Mas como? Você não aprende com o seu pai?"

"Meu pai não tem tempo."

Alessandro olha para ela. Sorri. Que curioso. "Meu pai divertia-se quando me ensinava a dirigir."

"De fato, ele lhe transmitiu certa calma, paciência e tranqüilidade."

"Eu quero encontrar tempo para ensinar os meus filhos a dirigir..."

Niki olha para ele e ergue os ombros.

"Claro, e enquanto isso você o encontrou para mim. E isto é bom..." Em seguida, Niki sorri."E eu, de minha parte, mantenho você em forma para quando chegarem os seus filhos."

"Ah, claro."

Alessandro olha para ela. Depois pensa consigo. Sim... mas sabe-se lá quando. Eu gostaria de ter um menino. É simples... Só me falta a pessoa com quem fazê-lo. Elena foi embora. É tomado por uma certa tristeza. E estou aqui com uma que é como se fosse uma criança crescida e que, além do mais, me obrigou a adotá-la. Sei lá! Niki dá o sinal e estaciona.

"O que você está fazendo? Não vamos continuar a aula?"

"Não, chegamos." Niki solta o cinto e desce.

"Mas onde?" Alessandro também desce do carro. "Você tem outra competição?"

"Não, são oito e meia e estou com fome. Espere que vou avisar em casa." Disca rapidamente um número. "Alô, mamãe... Sim fiquei estudando na casa de uma amiga... Eu sei. Ela estava um pouco abatida e lhe fiz companhia... Não. Não, você não a conhece." Niki sorri para Alessandro. "Agora vamos comer alguma coisa... Sim, se você me procurar, o celular não pega, estamos no Zen Sushi em via Scipioni... Sim... É. Ligue para as Páginas Amarelas, você vai encontrá-lo, ou então você passa por aqui, se for urgente. Não. Viemos aqui para comer, ela estava com fome, insistiu... Decidiu que é ela quem paga. Sim. Não, é ela que quer pagar. É o jeito dela! Não, você não conhece, mas logo vou apresentá-la. O.k., sim. Vamos estudar mais um pouco e depois volto pra casa, volto logo, sim. Prometido. Não, prometido, logo, sério. Tchau, um beijo e um abraço para o papai." Niki desliga o telefone. "Eu disse que você paga, assim ela acredita que estou com uma amiga que está realmente mal e que me obriga a ir jantar com ela, e eu lhe dei o endereço do restaurante para que ela fique tranqüila sabe..."

"Ah, entendi, e em vez disso?"

"Em vez disso é igual, você paga e espero que se divirta. Desculpe, viu? Mas eu não vou lhe entregar o logo já desenhado e a idéia para a campanha de graça."

Bem naquele instante toca de novo o celular de Niki.

"Droga, aqui tem cobertura... E agora, quem é?" Decide atender. "Alô."

"Oi, mas onde você está?"

Niki se volta para Alessandro. "É a Olly. Diabos, eu tinha que ter ligado pra ela..."

"Nós estamos na esplanada para o BBC. Você disse que hoje viria... e talvez até participasse."

"Eu menti..."

"Está bem, mas venha do mesmo jeito!"

"Mas sério, vocês estão aí?"

"Sim!"

"Hoje também? Mas não se enchem?"

"Não, não é chato. É genial, o seu ex está aqui e está aprontando. Está meio bebado e procurando por você como um louco. Perguntou como é que você não está aqui com as Ondas!"

"Por que eu estou aqui com um fofo..."

"O quê? Quem é? Conte agora e já, tudo!" Depois Olly sorri do outro lado do celular.

"Ah, entendi... Não é verdade, você está mentindo, não é?"

"Não, você sabe que eu não falo mentiras."

"E se o Fábio te pega?"

"Pouco me importa, nos deixamos exatamente porque ele não me deixava sair nem com vocês. E então? Eu deveria me preocupar justo agora que não estamos mais juntos? Nem pensar. Olhe, Olly, agora eu vou desligar. Diga ao Fábio que eu ia dormir, mesmo porque ele não tem coragem de ligar para a minha casa, e amanhã eu lhe conto tudo..."

"Não, não, espere, espere, Niki, espere..."

Tarde demais. Niki desligou. Olha para Alessandro, que ainda está arrasado.

"Eu desliguei o meu. Por que você não desliga o seu? Assim nos presenteamos com uma noitada tranqüila para terminar bem esta jornada." Niki sorri e entra primeiro no local. Alessandro pega o seu celular. Observa-o por um instante. Decide não esperar, ao menos essa noite, o eventual telefonema de Elena. Essa idéia lhe dá certo prazer. Desliga o aparelho e, satisfeito, guarda-o no bolso. E entra com uma estranha sensação de nova liberdade no restaurante. Pouco depois, os dois estão comendo. Rindo. Brincando, como um dentre os inúmeros casais felizes por

estarem juntos, aqueles que sonham, que ainda têm tudo a descobrir, os que têm um pouco de medo e um pouco não... Como aquela sensação estranha que se experimenta quando estamos na praia e está quente. De repente, temos vontade de tomar banho. Então nos levantamos da toalha. Aproximamo-nos da água. Entramos na água. Mas a água está fria. Às vezes muito fria. Então há os que desistem de tudo e voltam para se deitar, sofrendo com o calor. Há os que se atiram. E só estes últimos, depois de algumas braçadas, conseguem saborear até o fim aquele sabor único e um pouco tonto de liberdade total, até de si mesmos.

_____36_____

Lua alta no céu, pálida, longínqua. Lua igual para todos. Lua para ricos, pobres, tristes. Lua para pessoas felizes. Lua, Lua, você... "Não confie num beijo à meia-noite... Se tiver lua, não confie..." Aquela velha canção.

Mauro estaciona diante do pub. Desce. Levanta aquele assento, todo cortado, irremediavelmente arruinado. Um pouco de enchimento surge daqueles cortes. Parece um velho panetone estragado. Como a sua vida jovem, no fundo. Tira a tampa do tanque de combustível e sacode a moto. A exalação de gasolina e um pequeno barulho deixam entender que ainda há um pouco de gasolina escondida lá dentro. "Pelo menos até em casa eu chego."

Entra no pub e se aproxima do balcão.

"Uma cerveja média, clara."

Um jovem já envelhecido, com um cigarro apagado nos lábios e pouca vontade de trabalhar nas mãos, pega um copo preso acima de sua cabeça. Enxágua-o, emborca-o, deixando sair aquele pouco de água que permaneceu no fundo, e o coloca embaixo da torneira do chope. Abre a torneira da chopeira e a cerveja sai, fresca e espumante, enchendo rapidamente todo o copo de 400 mililitros. Pega uma espátula e retira o excesso de espuma, mantendo a espátula a 45°. No final, mergulha o copo na água para limpar do lado externo do vidro as gotas de cerveja que sujariam as mãos.

"Sistema belga", e o entrega a Mauro. Ele pega o copo e o leva ávido e sedente aos lábios.

"Você me traz outro?"

Às suas costas, uma voz e em seguida um tapa no ombro. "Boa, irmão, nada como uma noite como esta para tomar uma cerveja, hein?" É o Coruja. Sorri e começa a conversar sobre tudo, grandes aventuras e coisas talvez verdadeiras. "Você lembra, não é, daquele que chamávamos Giannizzero? Eu o encontrei na outra noite no centro, estava com um jipe, mas vou te contar, um sonho. Um Hammer, aquele novo, menor, amarelo com bordas pretas, e em cima uma gata de arrepiar... Mas, a sua também não é de brincadeira, não é? E bem alta, além do mais. Qual é o nome dela?"

"Paola", diz Mauro, ligeiramente incomodado que falem nesses termos da sua namorada. Mas, no fundo, são elogios do povão, pensa.

"Bonita. Perfeita. Não posso dizer nada. Enquanto se satisfaz com uma motoneta..." O Coruja olha para ele e ergue a sobrancelha, em seguida bebe um gole de cerveja e enxuga a boca com a manga do blusão. Apoia o copo, quase o batendo. "Mas por que você não me dá uma mão? Olhe que são uns passeios. É que grampearam Memo, aquele que sempre ia comigo, lembra? Vamos, você deve tê-lo visto mil vezes, aquele gordo, com os olhos esbugalhados. Ora, faz uma vida que o carrego comigo."

"Mas quem, o Mocho?"

"Isso, boa. Eles o pegaram na semana passada. Um roubo na Coop da Casilina. Arre, é realmente idiota, do lado de fora dos grandes supermercados sempre tem a justa rondando, como é que ele não sabe? Além disso, nunca se deve fazer estas coisas sozinho... foi ganancioso. Queria engordar só o próprio bolso e agora está engaiolado, recebendo comida dos infames."

Coruja ri. Depois reflete e entristece. "Havíamos feito pelo menos dez limpezas juntos e, cacete, nunca um problema sequer para Mocho e Coruja."

Mauro sorri. "Está tudo bem, ora, vai ver como o soltam logo."

"Sei, já tinha duas condenações, vai ficar pelo menos uns cinco anos."

Mauro ergue a sobrancelha e bebe a sua cerveja porque não sabe o que responder. Coruja olha para ele, de repente lúcido e esperto.

"Escute. Mas por que você não vem fazer um giro comigo? Vamos, já estou de olho em dois, três que são fáceis, fáceis, brincadeira de criança e são pelo menos cinco mil cada..."

Mauro sacode a cabeça. "Não, não."

Coruja insiste. "Vamos..." Dá um tapa nas costas dele. "Fazemos uma dupla como no tempo da escola, quando jogávamos no campo atrás da praça de Anagnina... Lembra o campeonato dos Castelos... Chamavam a gente de as estrelas gêmeas, como a canção de Eros no plural, hein?"

"Claro que eu lembro."

"Vamos, até já achei um nome de guerra pra você..."

"Espere, deixe eu adivinhar... o Bufo!"

"Mas qual é? Você está me gozando?"

"Mas você se ofendeu?"

"Com você nunca... Depois que grampearam o Mocho, eu decidi mudar de ave de rapina, não? Vejo você sempre sozinho, não dá confiança. Tem só uma mulher, cacete, eu gosto. Eu havia pensado em Falcão. Ou Águia. Você sabe que as águias se acoplam em voo. Não tem nada a ver, mas eu vi um documentário na TV. Cara, um *show*. Ta-ta-ta." Coruja faz um gesto com o punho cerrado como a imitar um ato de amor rebelde, veloz, esfomeado, raivoso, selvagem. "Em voo, você já imaginou?" Mauro sorri.

"Eu, pelo contrário, quero continuar a andar com os pés no chão... A idéia de acabar engaiolado não me agrada nem um pouco. A idéia de não ver mais a Paola, menos ainda..."

Coruja sacode a cabeça e bebe um longo gole da sua cerveja. Mauro também termina a sua. "Como quiser, mas...", diz Coruja um pouco resignado, "eu estou aqui. Pena, porém, voltaríamos a estrear as estrelas gêmeas..."

Mauro sorri. "Se você me chamar pra jogar bola, vou estar pronto."

Coruja sorri por sua vez. "Deixe, deixe, eu pago."

“Não, não, hoje pago eu." Paga as duas cervejas.

Em seguida sai do bar e o cumprimenta novamente de longe, levantando o queixo, assim, com aquele gesto simples que só se faz entre amigos.

_____37_____

Quarto índigo. Ela.

"Nenhuma entre todas aquelas mulheres que havia ouvido falar tinha uma voz como aquela. O menor som que pronunciava fazia crescer o seu amor, cada palavra o fazia tremer. Era uma voz doce, musical, rico fruto da cultura e da gentileza. Ouvindo-a, sentia-se ressoar nos ouvidos os gritos estrídulos das mulheres indígenas, das prostitutas e, menos duras, as cantilenas fracas das operárias e das jovens de seu ambiente."

A luz da luminária com vidros opacos da Ikea matiza o monitor de um amarelo quente e envolvente. A janela do quarto está aberta e um vento suave move as cortinas. A jovem lê, sonhadora, aquelas palavras que falam de amor. Fazem que ela se sinta cada dia mais diferente. Que sorte, pensa, ter passado por ali, naquela tarde. Certamente é estranho: no local onde se joga o lixo, eu encontro esse Stefano e suas palavras.

Quem sabe como ele é? A quem será que ele as dedica? Quem é essa mulher que tem uma voz tão bonita? A namorada dele? Aquela Carlotta dos e-mails? Quem sabe se agora ele está escrevendo para ela? Como será o seu rosto? Talvez seja alto e com os cabelos escuros. Talvez tenha olhos verdes. Eu gostaria que tivesse olhos verdes. Lembram uma corrida num gramado. A jovem continua a ler.

"Nunca recuei. Sabe que esqueci o que significa adormecer com o coração tranqüilo? Milhões de anos atrás eu adormecia quando queria e acordava quando estava suficientemente descansado. Agora salto em pé ao som do despertador... Me pergunto por que fiz isso e respondo: por você... Muito tempo atrás eu queria ficar famoso, mas agora não me importa mais a glória. Tudo o que eu quero é você. Desejo você mais do que o alimento, as roupas, a fama. Sonho em apoiar a cabeça no seu peito e dormir por um milhar de anos... Ela sentia-se irremediavelmente atraída por ele. Aquele fluxo mágico que ele sempre emanara agora fluía de sua voz apaixonada, dos olhos fulgurantes e do vigor que fervia dentro dele... Você me ama. Me ama porque sou muito diferente dos homens que conheceu e que teria podido amar."

Ler sobre o amor, um amor tão grande, a comove. E de repente percebe não sentir essas coisas, não sentir-se assim pensando nele. Fecha o computador. Mas outra lágrima desce desdenhosa e molha o seu joelho. E ela ri e funga com o nariz. Depois para. E permanece em silêncio. E em seguida fica brava. Sabe muito bem que não pode nada contra tudo isso...

_____38_____

Diante daquela estranha esteira rolante culinária, Niki e Alessandro riem e brincam, falam de tudo e de nada. Agarram rápido aqueles pratinhos cheios de especialidades japonesas recém-preparadas. Paga-se de acordo com a cor do pratinho escolhido. Niki pega um laranja, caríssimo. Experimenta só a metade do sashimi e recoloca o pratinho sobre a esteira. Alessandro olha ao redor, preocupado. Só falta que venham aí, também de folga, Serra e Carretti, os dois guardas de sempre. E riem mais. E mais uma história. E outra curiosidade. E sem querer, sem malícia, sem pensar muito, Niki se encontra na casa de Alessandro.

"Mas é maravilhosa! Diabos, mas então você é importante de verdade... Você tem sucesso!"

"Bem, até agora deu certo."

Niki anda pela casa. Vira-se e sorri.

"Vamos ver amanhã, como será com as minhas idéias, não?"

"Pois é." Alessandro sorri, mas prefere não pensar nisto.

"Olhe, Alex, juro, essa casa me agrada de morrer. E, além de tudo, é tão vazia... Grande, sério, não tem nada excedente, só esse sofá central, a televisão, depois uma mesa e lá no fundo um computador. Juro que é um sonho. E depois esses... Não! Não acredito."

Niki entra no escritório. Uma grande estante com muitas fotos. Coloridas, em preto e branco, riscadas, desbotadas. Com as frases mais famosas. E pernas, e garotas, e carros, e bebidas, e rostos, e casas, e céus. E imagens de sua grande criatividade, as mais diversas, penduradas na parede, mantidas por finos fios de náilon e molduras azul-escuras zincadas com uma pequena borda ocre.

"Que genial! Mas essas são todas propagandas que eu vi... Não! Não acredito!"

Niki aponta para uma foto, tem pernas femininas que vestem meias. As mais diversas, as mais estranhas, as mais coloridas, as mais sérias, as mais loucas.

"Mas foi você que fez essa?"

"Sim, você gostou?"

"Se eu gostei? Mas eu sou louca por essas meias! Você não sabe quantas eu já comprei. Mas eu sempre puxo um fio. Ou porque apoio as mãos sobre as pernas e talvez tenha uma pelezinha levantada. Sabe, eu roo as unhas... ou porque engancho em alguma coisa, de qualquer maneira, eu mudo em média quatro a cinco por semana e sempre comprei todas dessa marca."

"E eu que pensava ter tido sucesso por causa da minha propaganda. As vendas foram tantas só porque tem você que rasga as meias o tempo todo!"

Niki se aproxima de Alessandro e se esfrega um pouco nele.

"Olhe, não seja modesto comigo, e além disso sinta aqui..." Niki pega a mão de Alessandro, levanta um pouco o vestido e a apoia sobre a coxa, no alto. Aproxima o seu rosto do dele e o olha ingenuamente, com aqueles seus olhos grandes, dengosa de propósito e depois maliciosa, e ainda pequena e depois grande, e depois sei lá... Mas de qualquer maneira bela. E

desejável. E uma voz suave e quente e excitante.

"Veja... Não as uso sempre, eu, as meias..." E depois se desprende numa risada e se afasta. deixando cair o vestido e ajeitando-o. Em seguida, tira os sapatos e mexe um pouco os cabelos, quase friccionando-os, libertando-os daquela ordem prisioneira por um simples elástico.

"Ora", volta-se e olha para ele, "será que tem alguma coisa para tomar nesta casa?" Sorri maliciosa.

"Humm, claro, claro..." Alessandro trata de se controlar e caminha em direção do móvel das bebidas.

"Bem, o que você quer, Niki, tem rum, gim-tônica, vodca, uísque..."

Niki abre a janela do terraço. "Não, são muito fortes. Você não tem uma simples Coca-Cola?"

"Coca-Cola? É pra já." Alessandro vai para a cozinha, Niki sai ao terraço. A lua está alta no céu, atravessada por uma ligeira nuvem. Parece uma amiga que pisca um olho. Alessandro, na cozinha, está servindo a Coca-Cola e corta uma fatia de limão e Niki grita para ele de longe "Alex, pode pôr também alguma música?"

"Sim."

Toma o copo, coloca um pouco de gelo, em seguida vai até onde deixou o paletó e procura no bolso. Encontra o CD que Enrico lhe deu de presente. É duplo, incrível. Pega um dos dois sem olhar, coloca-o no aparelho preso na parede. Aperta um botão e o CD começa a girar. Aperta outro para a difusão do som pela casa toda. Alcança Niki no terraço.

"Aqui está a sua Coca."

Niki pega e bebe rapidamente um gole. "Humm, boa, além disso, fica perfeita com limão."

Naquele instante começa a música.

"O que é que você sabe de um campo de trigo, poesia de um amor profano..." e em seguida a voz de Enrico, "pois é, aqui Lúcio queria evidenciar a impossibilidade de explicar, de compreender, de interpretar, de colocar o amor assim como a beleza de um campo de trigo, como aquelas emoções que, às vezes repentinas, como trazidas pelo vento, não são explicáveis, daí a pergunta: o que é que você sabe de um campo de trigo... Uma pergunta que permanecerá sem resposta, enquanto mais claro é o porque dessas outras palavras..."

E logo começa outra de Lúcio Battisti. "Guiar como um louco com os faróis apagados na noite." "Pois é, neste caso, com certeza deve ter ocorrido, um pouco an¬tes da composição da peça, uma discussão entre Lúcio e Mogol, de fato, pode-se cla¬ramente compreender pelas palavras que..."

"Humm, desculpe, me enganei de CD."

Alessandro corre, entra no escritório, interrompe o CD, retira-o e vê que esta escrito nele "Interpretações variadas". Pega o outro CD. "Só atmosfera." Melhor. Coloca o CD esperando que dessa vez dê certo. Aperta o botão, espera que a música inicie. Pronto, começou. Alessandro pega a capa do CD e observa os títulos assinalados por Enrico. Sorri. São as músicas deles. O caminho da amizade. Vê as primeiras e lhe parecem perfeitas. A quarta não conhece, mas confia no amigo. Volta para o terraço. Quando chega, a luz está apagada.

"Está escuro..." Alessandro se encaminha para o interruptor. "Não, deixe assim, É mais bonito." Niki está ali, pouco distante dele, no meio de uma moita de jasmins. Arrancou alguns e está mordendo a parte final da flor.

"Humm, Coca-Cola e jasmins... um sonho que me perturba."

"Sim." Alessandro pega o seu copo e se aproxima.

"Poderíamos lançar essa nova bebida no mercado. Jasmim-Cola. O que acha?"

"Complicado. As pessoas amam as coisas simples."

"É verdade, eu também."

"E você, Alex, você me parece tão simples."

Alessandro apoia o copo.

"Parece uma ofensa..."

"Por quê? Simples. Uma alma simples..."

"Mas às vezes as coisas simples são as mais complicadas de alcançar."

"Oh, não seja complicado. Sério! Juntos podemos conseguir... E além disso está claro o que você quer. As coisas que deseja. Se vêem, se lêem, e mesmo que eu não as tivesse entendido... Ao final, foi o seu coração que as sugeriu para mim."

"Sabe lá o que ele disse... Às vezes mente."
Niki ri e se esconde atrás da moita de jasmins. Pequena. Pequena demais para aquele maravilhoso sorriso.

"Comigo ele foi sincero..."

Niki morde mais um jasmim. Suga o néctar. "Experimente, tem um sabor delicioso. Me dá um beijo?..."

"Niki, mas eu..."

"Shhh... o que tem de mais simples que um beijo?"

"Mas eu e você... é complicado."

"Shhh... deixe o seu coração falar." Niki se aproxima dele. Apoia a mão sobre o coração de Alessandro. Depois o ouvido. E escuta. E bate forte aquele coração emocionado. E Niki sorri. "Viu?, estou ouvindo." E levanta a cabeça. Niki olha para ele nos olhos. E sorri na penumbra do terraço.

"Disse que não..."

"Não, o quê?"

"Que entre você e eu não é complicado. É simples..."

"Ah, é?"

"Sim. E depois perguntei: o que faço, beijo?"

"E o que ele disse?"

"Disse que você se faz de difícil, mas que isso também é simples..."

E Alessandro se rende. E Niki lentamente se aproxima. E depois o beija. Doce. Amável. Tenra. Macia. Leve. Como um jasmim. Como Niki. Pega os braços que Alessandro mantém abaixados, abandonados, e os coloca no seu pescoço. E continua a beijá-lo. Agora com mais paixão. Alessandro não consegue acreditar. Diabos. Mas ela só tem dezessete anos. Vinte anos menos que eu. E o vizinho? E se estiver olhando? Alessandro abre um pouco um olho. Estamos no meio dos jasmins. A moita nos esconde. Fiz bem em querer todas essas plantas para o meu terraço. E Elena? Meu Deus, Elena tem as chaves da casa! Mas, acima de tudo, ela se foi. Foi ela quem saiu. E Elena não tem nenhuma intenção de retornar. Talvez. Mas em seguida Alessandro abandona todos aqueles pensamentos. Cansativos. Inúteis. Difíceis. Que gostaria que levassem para algum lugar, mas que ao final não levam a nada.

E se deixa amar. Assim, com um sorriso. Um simples sorriso. Niki solta as alças do vestido e o deixa cair ao chão. Depois o afasta com o seu tênis preto Adidas, alto, de boxeador, e fica assim de calcinha e sutiã e nada mais. Apoiada com as costas na moita de jasmins, imersa entre todas aquelas pequenas flores, perdida no perfume, come uma rosa delicadamente desabrochada por acaso naquela moita. Ela, com o perfume de si mesma, com a pele que ainda tem o sabor do mar, com os braços fortes, as pernas com os músculos longos e saltados e um ventre chato, ligeiramente encrespado por músculos educados que não ficam excessivamente à mostra. Niki, toda natureza, sadia, como é próprio de uma amante do surfe.

E agora de Alessandro. E logo depois já estão em alto-mar. Sob o luar, entre as folhas delicadas dos jasmins entreabertos, agora brincando com outra flor. Noite. Com uma carícia desenhar os confins do que se experimenta. Ou, ao menos, experimentar. E se perder naqueles seus longos cabelos ainda ligeiramente molhados. E se debater naquele desejo sufocado, tímido, embaraçado, entre aquele sentir-se despir, descobrir ter medo de ousar. Mas ter vontade. E muita. E prosseguir assim na correnteza do prazer. "Não. não acredito, esta seleção é extraordinária." E continuam assim sobre aquelas notas, docemente em ritmo com as batidas do coração. E em seguida uma peça clássica e outra e mais uma ainda... E encontrar-se de repente no meio de uma tempestade... "I was her she was me, we were one we were free..." entre as ondas longas... "and if there's somebody calling me on, she's the one..." e o vento de paixão... "we were fine ali along..."

Alessandro, quase de olhos fechados, perde-se naquela ressaca que tem o sabor dela, de Niki, de seus beijos, de seu sorriso, dos seus longos suspiros, daquela jovem menina, macia, com sabor de jasmim e de muitas outras coisas mais.

Alguma estrela mais tarde. Niki nua atravessa a sala. Caminha altiva e ousada, nem um pouco tímida. Abre a porta de correr e em seguida desaparece para surgir pouco depois e sentar-se diante dele, sobre aquele banco. Cruza as pernas e coloca a bolsa bem no meio, com aquele gesto educado de cobrir a própria nudez. Niki pesca na sua bolsa, enquanto Alessandro ainda está sentado diante dela. Só está vestido com a camisa, desabotoada. E o rosto transtornado. Ainda incrédulo que "tudo aquilo" realmente aconteceu entre eles.

"Você se incomoda se eu fumar? Estamos fora, não?"

"Sim, sim, à vontade..."

Niki acende um cigarro e traga um pouco, depois manda um jato de fumaça em direção ao céu. "Sabe, em casa não posso fumar... Os meus pais não sabem que eu fumo."

"Claro." Alessandro imagina se sabem todo o resto.

"Em que você está pensando? E não diga como sempre, nada, viu?"

"O.k. Estava pensando se os seus pais sabem todo o resto... sim, quer dizer, que você..."

"Que não sou mais virgem?"

"Digamos assim."
"Sabem nada, você está louco? Nunca tiveram nem a coragem de iniciar esse papo, imagine se sabem. Eu acho que minha mãe, de alguma forma, sabe... Ao menos eu acho. Quer dizer, uma vez Fábio, o meu ex, esqueceu uma caixa com preservativos em casa e não a encontrou mais. Ou os meus pais a encontraram, ou a minha empregada ou meu irmão, mas na época ele tinha dez anos, logo não acredito que os tenha utilizado."

Alessandr, pensando nos preservativos e em seu namorado, o seu ex, segundo Niki contou, tem uma estranha sensação. Não compreende. Não consegue entender. Não é possível. Ciúmes? Niki dá outra tragada no cigarro. Em seguida, percebe que há algo de estranho.

"O que foi?"

"Nada."

"Está estranho."

"Não, sério, nada."

"Você vê que sempre diz nada! Como as crianças. Diga a verdade, você ficou incomodado porque eu falei do meu namorado, dos preservativos e de todo o resto. Olhe, diga. Pode dizer. Sério."

"Bem, um pouco."

"Uau! Não acredito." Atira o cigarro e pula em cima dele completamente nua.

Estou feliz! Adoro muito você. Quer dizer, na verdade não suporto o ciúme, isto é, que alguém tenha ciúme de mim. Eu penso que ou se ama ou não. Logo não tem sentido o ciúme. Por que temos de ficar juntos se não nos amamos, certo? E você, que parece frio por excelência, tem ciúme de mim! Bem, sendo assim, posso até enlouquecer."

E o beija na boca com paixão. "Sabe, devo dizer a verdade, eu antes também menti de alguma forma enciumada. Estava dando umas voltas pela casa e pensava sabe lá em quais lugares ele já fez... amor com a sua ex! Então eu disse: certamente, nunca o fez, aqui neste banco, no meio dos jasmins, estou certa?"

"Na verdade, nesse banco eu sempre tomei apenas sol."

"Viu, muito bem..." Niki lhe dá mais um beijo. "E hoje à noite você me pegou... Mas você viu que absurdo? Isto é, essa seleção é perfeita. Faz a gente se sentir muito bem. Quer dizer, você percebeu que chegamos juntos justo naquela canção, *Eskimo*, que eu amo de paixão..."

"Não, realmente não percebi."

"Deixe pra lá, eu vi que você percebeu. Adorei."

Niki se vira e se apoia em Alessandro, que por sua vez se abandona sobre o banco, levantando um pouco o encosto. Niki dá um longo suspiro.

"Pois é, por momentos como este é que vale a pena viver, não?"

Alessandro não sabe bem o que dizer.

"Sim. Não sei o que me aconteceu. Isto é, eu sei que pode parecer absurdo para . mas, quando batemos, quer dizer, quando você me atropelou, assim que o vi eu compreendi que era você..."

"O que quer dizer?"

"Que você é você. Eu acredito no destino. Você, é você, o homem da minha vida..."

"Niki, mas temos vinte anos de diferença!"

"E daí? O que tem a ver, hoje no mundo tudo acontece e mais ainda, e você cria um problema de idade diante do amor?"

"Eu não. Mas vá explicar aos seus pais..."

"Eu? Mas é você quem vai explicar. Você sabe ser convincente. Você é tranqüilo, sereno, você passa tranqüilidade e serenidade. Veja, é o nosso primeiro encontro e você já conseguiu me levar para a cama..."

"Melhor dizendo, para o banco, e realmente não me parece que precisei convencer muito você!"

Niki se vira e acerta um soco em Alessandro.

"Ai!"

"Cretino. Melhor, babaca. O que você pensa, que eu vou para a cama com o primeiro que aparece?"

"Não, só com o primeiro que atropela você..."

"Então, melhor seria com o primeiro que passa por cima de mim... já que estamos em fase de piadas de mau gosto. E de qualquer maneira, eu só estive com Fábio. E desejaria não ter estado, agora que conheci você."

"Niki, mas o que está dizendo? A gente não se conhece nem um pouco."

"Eu já lhe contei, desculpe, mas eu conversei com o seu coração, e assim... Você é o homem da minha vida."

"Está bem, eu me rendo..." Alessandro permanece em silêncio. Niki também. Em seguida, ela recomeça a falar.

"O.k., é verdade, nós não nos conhecemos muito bem. Digamos que fizemos uma apresentação um pouco ao contrário. Mas podemos nos conhecer melhor, não? Você me dá uma mão para a autoescola, eu o ajudo no seu trabalho..."

Alessandro decide não discutir. "Teremos ocasiões para refletir sobre toda essa história."

"O.k., assim me parece aceitável."

Niki olha para o relógio.

"Devemos ir. Eu disse aos meus pais que voltaria cedo para casa."

Levanta-se e recolhe as suas roupas do banco.

"Claro, teria sido lindo poder continuar aqui, não?"

Alessandra abotoa a camisa.

"Teria sido maravilhoso."

"Pense que lindo quando formos viver juntos, quando, depois de fazer amor, ficarmos abraçados e dormirmos juntos, e depois, no dia seguinte, tomarmos café da manhã juntos, e almoçarmos juntos, e sairmos juntos, e de noite voltarmos juntos..."

"Niki..."

Alessandro olha para ela de boca aberta.

"O.k., o.k., claro... depois que nos conhecermos melhor."

Pouco depois estão a caminho. Alessandro observa Niki, que dirige.

"Puxa, você já está se saindo bem, Niki. Podemos parar."

"Pois é, se você fala assim, vou acabar batendo."

"O.k., você não leva jeito."

"Isso, assim é melhor!"

Niki sorri. "E quem sabe vamos bater mais uma vez juntos, mas agora contra mais alguém!"

"Mas nessa sua projeção sobre o nosso futuro, haverá alguns momentos em que poderemos não estar juntos?..."

"Raríssimos..."

"Eu suspeitava..."

Chegam até a moto, deixada no posto de gasolina. Niki desce, tira a corrente e a guarda no bauzinho, e coloca o capacete.

"Pode ir, se quiser... Daqui eu chego fácil em casa."

"Não, prefiro acompanhar você."

"Viu? Você fala, fala... mas não consegue ficar longe de mim."

Alessandro sorri. Na verdade, está preocupado. Só falta acontecer alguma coisa com ela. A última pessoa com quem foi vista sou eu e seria certamente procurado. Já imagina os dois guardas felizes de poder realizar o trabalho deles até o fim.

"Sim, não resisto, é verdade... Vá na frente que eu vou atrás de você."

Niki parte com a sua moto e Alessandro a segue com o Mercedes. Lungotevere. Piazza Belle Arti, Valle Giulia, via Salaria, corso Trieste, Nomentana. Chegando ao Drédio, Niki tira o capacete e o guarda no bauzinho, e depois pega a corrente. Prende a roda com a corrente junto ao poste de sempre e em seguida fecha o cadeado. Depois sobe no Mercedes.

"O.k. Obrigada pela escolta."

"Foi um prazer."
"Escute, posso matar uma curiosidade?"

"Como não, a vida é toda uma curiosidade a ser saciada..."

"Boa essa... é uma propaganda?"

"Sim, a minha. Vamos lá, diga."

Niki sopra suavemente sobre o vidro do pára-brisa e depois, sobre o vapor recém-formado, desenha um coração com as letras A e N no interior. Depois faz um "4ever".

"O que quer dizer?"

"Alex e Niki forever. Assim, cada vez que o vidro embaçar, no lugar de ficar bravo, vai pensar em mim e sorrir..."

"Claro, vou sorrir. Então, o que você queria perguntar?"

"Se você já preparou o discurso para os meus pais."

"Niki! Você está brincando, não?"

"Não. Cedo ou tarde eles vão querer conhecer você. Vão querer saber com quem eu saio... ou você tem medo?"

"Eu, medo e por quê?"

"Bem, digamos que você saiu de uma forma meio particular com a filha deles."

"Mas acho que não tenho que incluir isso no discurso, não é?"

"Não, não, claro."

Niki, de repente, olha para a frente.

"Oh, aí estão. Oi, mamãe. Assim eu já os apresento para você."

Alessandro quase desmaia. Olha para a frente, mas não vê ninguém. Volta a observar Niki. E depois novamente para a rua, tentando, aterrorizado, focar melhor a visão.

"Alex... estava brincando."

"Ah, sei..."

"Eu achei que você fosse morrer..."

"Você está enganada. É que eu não vi ninguém."
"Sim, sim, coração de leão. Mas desculpe, você já fez um monte de propagandas sensacionais... invente uma pra você! Quem sabe eles não ficarão felizes de comprar você..."

"Sim, claro, fique tranqüila que hoje à noite vou pensar a respeito... enquanto isso, espero que gostem da embalagem!"

"Bem, a meu ver, você poderia cair nas graças deles, não sei, os meus pais às vezes são estranhos... Bem, eu já vou." E lhe dá rapidamente um beijo nos lábios. "Sonhos dourados, durma bem. E não saia para o terraço. O cheiro do jasmim poderia sugerir coisas estranhas." E, dizendo isso, pega a sua mochila, corre rapidamente para o portão e depois, sem se voltar, desaparece. Alessandro dá a partida no Mercedes e retorna para casa. Deus do céu, em que confusão eu me enfiei. Eu com uma garota de dezessete anos. Se meus pais soubessem. Se as minhas duas irmãs, já casadas e com filhos, soubessem. Se os meus amigos com respectivas esposas soubessem... Se Elena soubesse e, especialmente, se os pais de Niki soubessem... E assim, sem perceber, já chegou em casa. Nunca guiou tão rápido. Talvez porque, de repente, tenha

experimentado a vontade de fugir de todos aqueles "ses". Entra no elevador e pouco depois está finalmente em casa. Tranca a porta e coloca a trava. Fiuuu. Um suspiro de alívio. O CD continua tocando baixinho. As músicas, uma depois da outra. Agora é a hora de Ligabue, Vamore conta. Mas que bela seleção fez o Enrico. Em seguida uma lembrança. E outra. E mais uma. Pequenos flashes. Frame de amor. Sabores, perfumes, detalhes, os momentos mais bonitos de um filme inesquecível. Niki. Que sonho. Mas aconteceu mesmo? Claro que aconteceu. E o quê aconteceu... É realmente uma bela garota. E doce. E generosa. E divertida. E engraçada. E atirada. E tenra. E... e tem dezessete anos.

Alessandro pega a garrafa de rum e serve-se uma pequena dose. Um pouco de suco de pera iria bem. Mas não, por que sempre queremos mais alguma coisa para estar satisfeitos? É suficiente gozar o momento, até a Niki diz isso, e toma tudo de um gole. Só rum. Puro rum. Dezessete anos. Será que prendem nesses casos? Quem sabe? Bem. Não sei. Em seguida, quase sem querer, encontra-se no terraço.

A música suave e propaga naquela atmosfera. Aproxima-se lentamente do lugar onde aconteceu rado... O local do crime, ele quase poderia dizer. Mas prefere não pensar a coisa desse ângulo. Aí está. Num canto no chão está o copo da Coca-Cola com a fatia de limão. E sobre o banco de jardim, num canto mais afastado, o elástico de seus cabelos, abandonado. Em seguida se aproxima da moita de jasmim, quase mergulha nela e respira profundamente, preenchendo-se com todo o perfume. Bem naquele instante, a luz do terraço em frente se acende. Uma senhora surge e grita: "Aldo, Aldo... Mas onde você está?"

"Estou aqui, Maria... Não grite!"

"Mas você não vem dormir?"

Um homem de repente se afasta da moita, surgindo assim à luz do lampião do terraço. Deve ser Aldo. Olha para Alessandro. A mulher entra. "Vamos que amanhã precisamos levantar cedo." O homem entra em casa. Apaga as luzes de fora, depois a da sala, depois a do corredor, desaparecendo na escuridão. Alessandro se ergue da moita de jasmim. Aldo. Chama-se Aldo. Quem sabe até ficou espiando, esta noite. Mas dali não podia ver absolutamente nada. E assim, um pouco mais tranqüilo, Alessandro também entra em casa. Fecha a porta de correr. Uma coisa é certa. Pelo menos esta noite ele não me denunciou.

Bom dia, mundo. A sua Niki se apresentando. Espere que vou me espreguiçar um pouco. Não acredito... Foi fabuloso! Chega, deixe de pensar nisso, Niki. Volte ao normal. *Fly down...* Pés no chão. Não três metros acima do solo... Mais a gente sobe... e mais dói quando cai! Bem, não quero dar chance para o azar, mas, sim! Pronto. Melhor. *Low profile*. Então... O que vou vestir hoje? Além do mais tem aquele da filosofia, que saco. Não tenho nenhuma vontade. Hoje vai explicar aquele tal, Popper, se não me engano. Está com cara de ser chatíssimo. Então preciso me vestir bem colorida, assim funciona como antídoto. Niki abre o armário. Olha para os cabides. Jeans Onyx rosa com camiseta listrada. Não. Pareço uma *bombonière.* Saia plissada com malha decotada em V Excessivamente colegial. Calça leve azul *vintage* com malha amarela sem mangas e gola alta. Pronto. Popper, você não vai me ferrar. Eu vou te vencer com as cores de um dia ensolarado. Em seguida, enquanto pega todas as coisas do armário, pensa novamente. Mas quanto eu posso ser feliz?! Demais! Mas estou com um medo danado...

todas chegam correndo ao portão da escola. Uma copia uma lição de casa, outra sonolenta se espreguiça, outra ainda fuma com uma expressão que deixa em dúvida se atravessará ou não aquele portão. Uma, mais absurda do que as outras, passa um pouco de ruge nas faces e se observa no espelho de sua moto. Ou quer chamar a atenção daquele professor novo ou espera, com um golpe baixo, recuperar um ponto perdido. Ela não. Ela se sente maior do que nunca. Caminha altiva, divertida, eufórica como nunca. Bem, de fato é verdade. De um jeito ou de outro, já adquiriu a sua maturidade.

"Ondas, estão prontas? Encontrei o homem da minha vida!"

"Não, não acredito. Que diabos você aprontou?"

"E você conta desse jeito? Mas você está louca, conte tudo! Já!"

Olly, Diletta e Erica parecem enlouquecidas. Uma para de copiar, a outra de pintar-se, a última joga fora o cigarro.

"É por isso que ontem à noite você estava inalcançável. Então conte! Conseguiu? Mas quem é, nós conhecemos? Vamos, conte tudo! Mas o que está fazendo, criando um suspense?" Olly a pega pelo braço. "Olhe que, se você não contar tudo, mas tudo e já... juro que vou contar para o Fábio."

Niki não crê em. seus ouvidos. Volta-se para ela e a observa com os olhos esbu-galhados.

"O quê?"

"Juro." Olly coloca os dedos cruzados sobre os lábios e dá um beijo. Logo em seguida leva a mão direita ao peito e ergue a esquerda, mas, pensando ter errado, muda tudo, a esquerda sobre o peito e a direita para cima. No final, ergue só os dois dedos da mão direita. "Minha palavra. Oh, não sei como funcionam todas essas coisas, mas se não contar tudinho vou abrir minha boca."

"Traidora, você é uma traidora imunda. O.k..." Por um instante parece estar a ponto de falar, em seguida se liberta de repente da mão de Olly. "Por culpa de uma espiã suja, as Ondas estão dissolvidas!" E foge, rindo como louca. Sobe os degraus da entrada da escola de dois em dois, e logo Diletta, Erica e a própria Olly estão atrás dela.

"Vamos pegá-la! Rápido, vamos pegá-la! Vamos fazê-la falar!"

E todas correm esbaforidas atrás de Niki, escadas acima, ajudando-se com as mãos no corrimão. E puxam e empurram e tentam conseguir mais velocidade. Continuando pelo corredor das classes. Diletta, a que está sempre mais em forma do que as outras, que não bebe, não fuma e que gostaria muito de aprontar alguma... mas que sempre vai para a cama cedo demais, num instante está bem atrás de Niki. Olly sofre mais do que as outras e grita para a amiga "Segure ela! Pare! Pegue!" e Diletta consegue, a agarra pelo blusão e puxa, e então tropeçam e caem ao chão. E Diletta cai em cima dela, e logo em seguida chega Erica, que para a um milímetro das duas; aí é a vez de Olly que, ofegante, não consegue parar e acaba em cima de Erica. E as duas acabam caindo em cima de Niki e Diletta. Todas as quatro no chão, rindo e brincando. As três amigas montam em cima de Niki e começam a torturá-la, a fazer cócegas, tentando fazê-la falar.

"Chega, chega! Meu Deus, estou toda suada. Não agüento mais. Chega, saiam de cima de mim."

"Primeiro fale!"

"Chega, chega, por favor, preciso fazer xixi, ai, ai, não agüento mais, saiam de cima, ai, ai!"

Olly pega o braço dela e torce. "Primeiro fale, o.k.?"

"O.k., o.k.!" Niki por fim se rende.

"O nome dele é Alessandro, Alex, mas vocês não conhecem, é mais velho do que nós."

"Quanto mais velho?"

"Bastante mais velho..." Olly sobe em cima da barriga dela. "Ai, ai, ai, ai, está doendo, Olly, e pare!"

"Fale a verdade, que você trepou."

"Nada disso, imagine."

Olly agarra novamente o braço dela, enquanto as outras a imobilizam. Olly trata de torcê-lo como se fosse um golpe de judô.

"Ai, ai, está machucando!"

"Então fale! Trepou ou não?"

"Um pouquinho."

"Senhoritas."

Niki, Olly, Diletta e Erica vêem uns sapatos grandes parados diante delas. Mocassins gastos, mas escuríssimos. Lentamente levantam o olhar. É o diretor. Levantam-se de imediato, procurando se recompor um pouco. Olly, Diletta e Erica são mais rápidas. Niki, ainda ligeiramente dolorida, demora mais um pouco.

"Desculpe, senhor diretor, caímos e depois, por fim, sim, de fato, um pouco brincamos... sim, quer dizer, estávamos brincando..."

"Bem, na verdade estavam me torturando..."

Erica, que é a mais esperta, dá uma cotovelada em Niki procurando fazê-la calar, em seguida assume a situação. "É bonito chegar à escola com um pouco de alegria, não? Até o ministro da Educação sempre diz isso no discurso de início do ano letivo: jovens não devem viver a escola como um castigo, mas como uma ocasião de... não é, Diletta, que ele diz isso?"

"Sim, sim... é isso mesmo", diz Diletta sorrindo.

O diretor permanece sério.

"Muito bem", em seguida verifica o relógio, "a aula está para começar."

Diletta intervém. "Mas eu vi que faltou a professora de italiano."

"De fato. Eu vou dar aula para vocês. Logo, se forem gentis de entrar na classe... fcmbém com alegria, vamos evitar discussões inúteis no corredor."

O diretor passa por elas, precedendo-as em direção à sala de aula. Caminham todas as quatro lentamente atrás daquela figura austera. Parecem um pouco mamãe gansa com os filhotinhos. Olly ergue e abaixa a mão, como para dizer, puxa vida, que fria. Mas faz isso, naturalmente, bem escondida por Erica, que anda à sua frente. Em seguida, Olly pega Niki pelo blusão e a puxa para perto.

"Mas o que significa que você aprontou um pouquinho?"

Niki exagera, estende a mão e desenha um círculo.

“Estava brincando. Um pouquinho é redutivo... Foi mais do que tudo o que já experimentei até hoje... e mais do que eu poderia imaginar... em poucas palavras, um sonho!”

Em seguida sorri, se solta do abraço e entra na sala de aula. Olly permanece na porta e olha para ela enciumada. "Deus, como a odeio quando faz assim! F. S. Fodíssima sortuda!"

Alessandro acabou de entrar no escritório. Está particularmente bem-vestido. Sobretudo para impressionar, visto que não tem a mínima idéia de como vai se apresentar na reunião da tarde com o seu diretor Leonardo. E especialmente com qual idéia.

"Bom dia a todos", cumprimenta sorrindo as várias secretárias do corredor.

"Bom dia, Marina. Bom dia, Giovanna."

Cumprimenta até Donatella, a telefonista que retribui com um gesto da cabeça e continua jogando alguma coisa no computador à sua frente. Caminha lentamente, seguro. Altivo, sereno, tranqüilo. Sim. Aquilo que se mostra, se vende. Não está lembrado de onde ouviu a frase, mas agora é reconfortante. Na verdade, lembra de outras duas. A primeira lei de Scott: o que quer que vá mal, dará provavelmente a impressão de ir muito bem. E é essa aparência que agora Alessandro tenta passar. Mas existe também a lei de Gumperson: a probabilidade de que alguma coisa aconteça é inversamente proporcional ao desejo que temos dela. Não. Melhor a primeira. Se você andar depressa todos compreendem que a situação escapou do seu controle. Mas, não. Você é ainda o primeiro, o mais forte, o dono indiscutível da situação.

Alessandro decide tomar um café. Vai até a cafeteira, pega da caixa ao lado um sachê com a escrita "Café espresso", coloca-o no lugar apropriado. Ajeita o copinho embaixo da torneira. Aperta uma tecla verde. O motorzinho começa a funcionar e pouco depois o café começa a descer fumegante, preto, preciso. Exatamente o contrário da sua situação. Alessandro controla o nível do café e aperta stop. Deixa cair as últimas gotas e retira o copinho. Volta-se e quase esbarra nele. Marcello, o seu antagonista. Está ali, diante dele. E com um sorriso.

"Puxa, foi por pouco. Também fiquei com vontade de tomar um café!" E também pega um sachê, coloca na cafeteira, posiciona um copinho e aperta o botão verde. Em seguida sorri para ele. "Que curioso... às vezes temos vontade das mesmas coisas na mesma hora."

"Sim. Mas o segredo está no fato de que não é um acaso. Precisamos fazer que todos tenham vontade da mesma coisa, quando, na verdade, somos nós que decidimos... É para isso que trabalhamos..."

Marcello sorri e para a cafeteira. Pega dois envelopinhos de açúcar de cana e derrama no copinho. Começa a girar o bastãozinho de plástico transparente.

"Sabe, ontem apresentei a minha primeira idéia."

"Ah, é?"

Marcello olha para ele tentando descobrir quanto realmente ele não sabe.

"Sim. Você não sabia?"

“Você está me contando agora."

"Pensei que Leonardo tivesse dito alguma coisa a você."

"Não, ele não disse nada."

Marcello bebe um gole de café. Em seguida, gira novamente o bastãozinho.

"Sabe, estou bastante satisfeito com o trabalho. Acho que é uma coisa nova. Não revolucionária, mas nova sim. Isto, nova e simples."

Alessandro sorri. Sim, pensa, mas Leonardo a quer "nova e surpreendente".

"Por que você ri?"

"Eu?"

"Sim, você estava sorrindo."

"Não, pensava que você coloca dois envelopes de açúcar no café. E eu tomo amargo."

Marcello olha para ele novamente. Aperta um pouco os olhos, procura estudá-lo, compreender melhor o que está escondendo.

"Sim, mas o resultado não muda. É sempre café."

Alessandro sorri ainda. "Bem, mas a diferença pode ser grande ou pequena..."

"Claro, a diferença é que pode ser amargo ou não."

"Não, mais simples. Pode ser um café bom ou então doce demais."

Alessandro acaba de beber o seu e atira o copinho no cesto. Marcello também bebe o último gole. Em seguida saboreia aqueles grãozinhos de açúcar que ficaram no fundo, mastigando-os. Alessandro fica ligeiramente incomodado por aquele barulho. Marcello o observa. Depois pergunta, curioso.

"Quantos anos você tem, Alex?"

"Trinta e sete daqui a alguns meses."

Marcello atira o copinho no cesto.

"Eu fiz agora vinte e quatro. Entretanto, tenho certeza de que nós dois temos mais coisas em comum do que você possa imaginar..."

Permanecem assim em silêncio por um instante. Em seguida, Marcello sorri e estica a mão.

"Bem, bom jogo, vamos trabalhar e que vença o melhor."

Alessandro aperta a mão do outro. Sabe, ele gostaria de dizer, com relação aos seus anos e das delícias da vida, bem, ontem passei uma noitada fantástica com uma jovem de dezessete anos... Mas não tem tanta certeza de que seria um ponto a favor. Então sorri, volta-se e encaminha-se para o seu escritório. Mas, depois de alguns passos, coloca a mão direita no bolso das calças. Não procura as chaves. Procura um pouco de sorte. Exatamente aquilo de que ele necessita. Na vida não é tão fácil encontrar envelopinhos de açúcar para torná-la menos amarga. Bem naquele instante passa o diretor.

"Olá, Alex, bom dia. Tudo bem?"

Alessandro sorri, tirando rapidamente a mão do bolso, e faz sinal juntando o polegar e o indicador.

"Sim, tudo o.k.!"

"Bem, vejo que está em forma. É assim que eu gosto. Então, às dezesseis horas comigo."

"Claro! Às dezesseis."

Assim que o ultrapassa, Alessandro olha preocupado para o relógio do escritório. São dez e pouco. Só tenho seis horas para encontrar a idéia. Uma grande idéia. Uma formidável, esplêndida, vencedora idéia. E especialmente nova e surpreendente. E, coisa fundamental, que me deixe ficar em Roma. Alessandro entra no escritório. Andrea Soldini e os outros estão todos em volta da mesa.

"Bom dia a todos, como estão as coisas?"

"Razoáveis, chefe."

Andréa se aproxima dele com alguns papéis. Mostra alguns. Propagandas antigas de balas com cenários e personagens os mais variados. Vaqueiros e índios, mulatas, esportistas, até um mundo de galáxias.

"Bem, chefe. Então essas são as pesquisas mais significativas dentre todas as propagandas de balas feitas em todos os tempos. Veja, esta é muito forte, foi muito bem no mercado coreano."

"Coreano?"

"Sim, vendeu muitíssimo..."

Alessandro pega o papel e olha.

"Mas de que tipo eram?"

"Bem, eram todas de frutas."

"Sim, mas vocês não leram? Não examinaram o produto? LaLuna, além daquelas de frutas, tem todos os sabores novos. Tipo hortelã, canela, alcaçuz, café, chocolate, lima..."

Dario observa Andréa Soldini e ergue a sobrancelha. Como quem diz: eu não disse que esse cara não vale nada? Andréa percebe, mas tenta de alguma forma recuperar.

"Bem, poderíamos pendurá-las nas nuvens..."

"Sim, a Lua pendurada nas nuvens..."

Giorgia sorri. "Bem, não é ruim. Tipo: agarre-se a... e depois o nome do sabor. Muitas luas penduradas nas nuvens."

"Bem, se pelo menos tivessem alguns sabores inovadores, sei lá, melancia, cogumelos, couve..."

Alessandro senta-se na mesa.

"Sim, e todas penduradas nas nuvens... só precisamos torcer para que não chova. O.k., vamos, me deixem ver algum desenho dos logos."

Michela traz uma pasta contendo todos os diferentes letterings da escrita LaLuna. Andréa coloca ao seu lado uma pasta amarela onde se lê "*Top secret*" e, entre parênteses, "o atalho". Alessandro olha para ele. Andréa dá de ombros.

"Você pediu, não foi?"

"Sim, com um pouco de discrição. Só estão faltando os sinais luminosos, senão como vão conseguir ler do Japão?"

"Com o satélite!" Mas logo Andréa percebe que a piada não caiu bem. Tenta se recompor. "Olhe, chefe, que o Michael Connelly disse que a melhor forma de passar despercebido é fazer-se notar."

Alessandro gostaria de dizer a ele: talvez seja exatamente por isto que sempre o ignoram. Mas prefere deixar passar.

"O.k., vamos ver o que eles fizeram..."

Andréa se inclina lentamente e, cobrindo a boca com uma mão, diz: "O diretor não ficou muito satisfeito. Isto é, achou que é muito clássica. Enfim, não é nada que..."

Alessandro levanta as abas da pasta. No meio tem um mundo inteiro com rios, lagos, montes. Tudo com formato de lua e perfeitamente desenhado. E, embaixo, em vermelho, com um lettering tipo Jurassic Park, o título: LaLuna: terra de descobrimentos. Andréa levanta a primeira página. Embaixo há uma outra. O mesmo desenho com outro título: LaLuna sem fronteiras.

"Ora, para quem tem vinte e quatro anos ele não inventou nada... O lettering de Jurassic Park é velho, sem fronteiras, parece aquele programa de televisão. Como era mesmo? Jogos sem fronteiras, vamos. E terra de descobrimentos? Mas o que é, a bala de Colombo?! Então é a publicidade de um ovo! Não de uma Lua. Ora, vamos, não precisamos de nada para vencê-los, não é, Alex?"

Alessandro olha para ele e depois fecha a pasta.

"Pelo menos eles apresentaram um trabalho..."

"Sim, mas não é algo surpreendente."

Andréa olha para ele. "E você, chefe? Teve alguma idéia boa?"

Michela e Giorgia se aproximam curiosas. Dario pega uma cadeira, senta-se pronto para a revelação. Alessandro tamborila um pouco com os dedos sobre a pasta amarela. Observa cada um deles. Tempo. Tempo. É necessário tempo. E especialmente... Tranqüilo e sereno. Primeira lei de Scott. Só assim não vai perder o controle da situação.

"Sim. Alguma... Alguma idéia boa, curiosa... Mas ainda estou trabalhando nela..."

Dario olha para o relógio.

"Mas são dez e meia, a reunião é às dezesseis horas, certo?"

"Certo." Alessandro sorri, mostrando-se mais seguro. "E até lá tenho certeza de que

teremos a certa. Força, vamos fazer um pouco de *brainstorming."* Em seguida pega a pasta amarela e a mostra para todos.

"Esta nós vamos vencer facilmente, não é?" Tenta dar, assim, ainda mais confiança ao grupo. "Não é?" Ou pelo menos tenta...

Um sim geral, porém ligeiramente fraco, faz vacilar por um instante todo o entusiasmo de Alessandro. Michela, Giorgia e Dario vão para os seus computadores. Andréa permanece ali, sentado ao lado dele.

"Alex?"

"Sim."

"Mas essa da nuvem você realmente não gostou, hein?"
"Não, não é nem nova, nem surpreendente."

"Sim, mas é melhor que o atalho deles."

"Sim, mas não é suficiente, Andréa. Para ficar em Roma, não é suficiente."

Alessandro recolhe os papéis da pesquisa dos anúncios passados. Olha lentamente, um a um, procurando desesperadamente uma fagulha de inspiração, qualquer coisa, uma pequena centelha, uma chama que possa acender a sua paixão criativa. Nada. Escuridão completa. De repente, em sua mente surge um clarão longínquo, uma luzinha, uma leve esperança. E se ela tivesse a idéia certa? A garota do surfe, a garota dos pés sobre o painel, a garota dos jasmins...

Niki.

E naquele mesmo instante Alessandro compreende. Sim, é realmente assim. A sua única solução está nas mãos de uma garota de dezessete anos. E de repente Lugano lhe parece bem ali, virando a esquina.

42

Terceira aula. Matemática. Para Niki é um passeio. Como não entende absolutamente nada, logo dá no mesmo fazer um passeio mental. Não se cansar. Diletta sempre lhe passa as provas e a professora nunca interroga na lousa. Logo, para que mudar as coisas se sempre foram bem até então? Niki terminou agora de escrever. Pega a folha de papel quadriculada, só para não fugir muito do tema, e a dobra perfeitamente. Uma, duas, três vezes, depois a ponta, depois duas abas nas quais faz um pequeno rasgo em cada uma na parte de trás. Os lemes. Se você deixa um para baixo e o outro para cima, até dá cambalhotas. Olha para ele. Pronto. Assim é certamente mais preciso. E mais veloz. Depois controla a professora na lousa.

"Então, entenderam? Neste caso, devem considerar só os últimos números."

Assim que a professora recomeça a escrever, Niki se levanta da sua posição escondida, sai de sua pequena trincheira, que nada mais é do que aquela chata da Leonorí que senta à sua frente, e atira com força o aviãozinho recém-feito na direção de Olly.

"Ai!"

Acertou em cheio a Guidi, companheira de carteira de Olly, na têmpora. O avião aterrissa sobre a carteira e Olly, rápida como uma cobra, o pega depois desse pouso catastrófico e o esconde, em seu hangar, embaixo do caderno de anotações. A professora na lousa se vira para a classe.

"O que acontece? O que houve? Não fui clara?"

Niki levanta a mão, justificando. "Não, desculpe, fui eu. Eu disse: agora sim. É que antes as coisas não estavam se encaixando bem."

"Agora ficou claro? Senão eu explico novamente essa passagem."

"Não, não, claríssimo!"

Diletta ri, mas cobre rápido a boca com a mão, sabendo muito bem como tudo não deve absolutamente estar claro para Niki. Não é claro há pelo menos cinco anos, desde que estão na mesma classe e especialmente desde que ela começou a ajudar Niki nas provas.

"Então vamos continuar. Neste ponto devem considerar a soma obtida e recomeçar a partir do parêntese seguinte."

A professora recomeça a escrever e explicar na lousa, enquanto Olly pega o aviãozinho debaixo do caderno. Abre, esticando-o com as duas mãos, curiosa de ler o conteúdo sobrevivente daquele voo aventureiro.

"Olly, você, que é tão dotada e tirou oito em educação artística, pode desenhar essas duas idéias pra mim? Deixe eu explicar. Trata-se, no primeiro..." e segue toda a explicação das duas idéias, segundo Olly completamente descoordenadas mas originais, que têm como personagem uma jovem e que a fazem rir. O recado termina com uma promessa. "Então, vai fazer... tipo, agora? Lembra? As Ondas prometeram se ajudar sempre e principalmente em todo momento difícil. E se isso não for suficiente para você, ladra oportunista e negociante nojenta que é, estou pronta a trocar o seu trabalho mesquinho com:

A) jantar no restaurante de corso Francia. Caro mas muito bom, como você sabe;

B) semana de sorvetes grátis no Alaska, incluindo a taça maior ou a casquinha e, de qualquer maneira, pedidos de no mínimo 2,50 euros;

C) aquilo que você quiser, mas com a condição de que não seja excessivo para mim. No que diz respeito a arranjar uma saída com o meu pai, de quem você gosta muito... esqueça, nem peça."

Olly arranca uma folha do caderno e escreve rapidamente. Depois faz uma bolinha. Olha para a professora. Ainda está de costas. Então a atira como a melhor das cestinhas, acertando perfeitamente o meio da carteira de Niki, que logo a abre.

"O quê? E eu deveria camelar para você, depois que se recusou a dividir até mesmo com palavras os seus sujos e obscenos planos noturnos... Nem se fala... Ou então: fale, putinha!"

Niki termina de ler o bilhete e se apoia no encosto da cadeira olhando para Olly fazendo cara de piedade.

"Ora, vamos", diz, de longe, numa expressão quase labial. Depois junta as mãos em oração. *"Please.."*

Olly sacode a cabeça.

"Sem chance. Quero saber tudo... Ou você conta tudo ou não vou desenhar nada."

Niki arranca outra folha, escreve alguma coisa rapidamente e depois, uma vez que a professora continua escrevendo, a amassa e atira. Bomba atirada no lugar do avião. Desta vez a Guidi, vendo-a chegar, rapidamente se abaixa. Olly a agarra em pleno vôo com a mão direita. Justo a tempo. A professora se vira e olha para Niki.

"Esta passagem ficou clara para você, Cavalli?"

Niki sorri.

"Esta sim! Claríssima."

"E para vocês, meninas?" Algumas alunas mais ou menos convictas concordam. A professora fica mais segura. Está explicando de forma compreensível. "Bem, então vou continuar... vou em frente", e continua a escrever, não sabendo ao certo se um desses cálculos ficou realmente claro para a maioria das alunas, ou ao menos para duas dentre elas. De qualquer forma, todos já sabem que matemática não será necessária para a maturidade.

Olly, divertida, abre a nova mensagem recém-chegada.

"Sinceramente é menos da metade daquilo que você aprontou... de qualquer forma, vou contar tudo depois, no intervalo. *Scripta manent Disegnam purê!*[19] Então, pode desenhar as minhas duas idéias, por favor?"

Olly olha para ela com jeito sério. Em seguida, em voz baixa, diz claramente de forma que possa ser lido bem nos lábios: "Olhe que, se você não me conta tudo... tudo aquilo que eu tiver desenhado..." e nesse ponto pega com a mão a folha amassada que acabou de chegar para reforçar o pacto, "rasgo tudo. Está claro?!"

[19] Do latim: Os escritos permanecem e os desenhos também. (N. T.)

Do seu lugar, Niki ergue a mão direita, depois a esquerda, em seguida cruz: dedos, então beija os dedos, enfim, jura imitando Olly dizendo, porém claramente: "Prometido!"

Olly olha para ela uma última vez.

Niki sorri para ela.

E Olly, de qualquer forma conquistada por aquela sua amiga divertida, abre o estojo cheio de lápis de cor, depois pega embaixo da carteira o caderno de desenhos e tira uma folha em branc; E, como o maior dos pintores, retira a tampa do pincel preto, olha para o papel com as idéias de Niki.

Em seguida para. Procura no vazio a inspiração.

Encontra, e então mergulha no papel e começa com traços firmes e decididos a dar corpo às fantasias cômicas, estranhas, divertidas e, por que não, também curiosas de sua amiga Niki Enquanto a professora continua, sem nenhuma dúvida, a explicação mais clara que já fez algum dia.

Alessandro olha para o relógio sobre a escrivaninha. São duas e quarenta. Falta pouco mais de uma hora para a reunião. E eles ainda não estão prontos.

"Então, rapazes? Como estamos?"

Michela chega correndo à mesa e mostra um novo esboço. Alessandro olha. Uma jovem segura a Lua como se fosse um balão. Não serve absolutamente. É tudo menos novo. E ainda menos surpreendente. Alessandro está destruído. Deprimido. Mas não pode demonstrar. Demonstra segurança e tranqüilidade. Para não perder o controle da situação. Sorri para Michela.

"Está bom." Michela também sorri. "Mas ainda não chegamos lá..." Michela se abate. Seu sorriso desaparece de imediato. Rapidamente. Rapidamente demais. Talvez ela também, no fundo, soubesse que ainda não haviam chegado lá. "É necessário algo mais... mais..." Nem encontra a palavra adequada para exprimir o que desejaria. Mas Michela parece ter uma ótima compreensão dele.

"Sim, entendi... Vou tentar."

Alessandro quase desmonta em cima de sua cadeira de couro. Chega Giorgia.

"Fiz mais alguns logos."

Alessandro abre a pasta, distraído, e olha aquelas folhas. Sim, não são ruins. Cores variadas, acesas, brilhantes, alegres. Mas, se não existe a idéia, para que serve um bom título?

"Não são ruins, parabéns."

Giorgia olha para ele perplexa.

"Continuo?"

"Sim, procure passar através da escrita o sabor do chocolate, da canela, da lima..."

"Não é fácil sem o desenho do produto, mas vou tentar."

"Sim, faça isso."

É verdade. Ele também sabe. Sem uma idéia de verdade não se vai a nenhum lugar. Bem naquele instante toca o telefone. É Donatella, a telefonista.

"Sim?"

"Desculpe, doutor Belli, mas tem..."

"Não estou, estou fora. Nem sei se volto. Parti. Isso, fui para a Lua", e desliga o telefone cortando qualquer possibilidade de comunicação.

Que diabos! E não é o *slogan*. Há momentos sagrados. Nesses momentos, a gente não pode ser perturbado. Se, além disso, esses momentos são dramáticos, pior ainda. Não existimos para ninguém.

Que diabos! Olha para o relógio.

São três e um quarto. Nunca conseguiremos. E pensar que ontem achei que ia dar certo. Diabos, eu não devia ter saído. Além do mais para a praia, para assistir ao pessoal do surfe, e o almoço lá no Mastino, e tome o seu tempo... Sim, claro, e agora quem é que me dá o meu emprego?

Que idiota eu fui em ouvir uma garota de dezessete anos. Alessandro de repente olha para o celular. Nenhuma mensagem. Não posso acreditar. Nem me chamou. Nada. E ainda bem que pretendia me salvar, conseguir uma idéia. Deixe comigo, tranqüilo. Tomava notas, perguntava, pensava. E nada. Nem apareceu. Depois, por um instante, lembra dos jasmins e de todo o resto. E quase se envergonha. Mas o que você esperava de uma garota de dezessete anos, Alex?

É livre. Não tem compromissos. Com uma vida pela frente. De repente já esqueceu de você, dos jasmins... até do acidente. Mas está certo assim. Mas... não perco nada em tentar. Pega o celular e começa a escrever.

"Oi, Niki... Tudo bem? Você sofreu mais algum acidente com mais alguém? Tenho que ir salvá-la?"

Depois pensa um instante. Mas sim, foi ela quem falou.

"Quer me enviar uma de suas belas idéias?..."

Em seguida sorri, melhor ser carinhoso.

"Sinto falta delas. Uma idéia com perfume de jasmim."

E põe um belo ponto de exclamação. Depois procura o nome na lista, encontra-o. Niki. Seleciona, aparece o número, e aperta "enviar". Aguarda alguns instantes. Mensagem enviada. Alessandro pega o celular e o apoia sobre a mesa. Depois olha para ele. Um segundo, dois, três. De repente o celular se acende. Uma mensagem recebida. Alessandro aperta a tecla "visualizar".

É ela! Respondeu.

"Tenho duas. Razoáveis. Claro, a meu ver... Um beijo de jasmim!"

Alessandro sorri. Escreve rapidamente.
"Muito bem! Tenho certeza de que são geniais, assim como você... no surfe!" Em seguida fica indeciso. Não sabe bem como dizer. "Mas por que você não conta numa mensagem?" e manda novamente.

Aguarda ansioso com o celular na mão. Um segundo depois chega uma outra mensagem. Visualiza imediatamente.

"Na verdade preferiria entregar pessoalmente..."

Alessandro digita rápido.

"Mas não vai dar tempo! Tenho a reunião às quatro." Olha para o relógio. "Falta só meia hora. Quanto tempo você leva para chegar aqui?" E envia a mensagem.

Um segundo depois chega a resposta.

"Na verdade eu já estou aqui. O que acontece é que a telefonista disse que você não pode

ser incomodado..."

Alessandro não acredita. Corre para a porta e a abre de repente, sai para o corredor e de repente a vê. Niki está sentada toda comportada no sofá da sala de espera. Veste paletó azul-escuro, uma saia com listras coloridas, as meias finas, celestes, e os sapatos, Adidas azul-escuro. Seus cabelos estão presos em duas marias-chiquinhas, e sorri para ele com uma pastinha de desenhos embaixo do braço, vermelha. Niki a aponta e pisca um olho maliciosamente. Sobre ela está escrito "As idéias de Alex".

Alessandro corre em direção a ela. Mas depois se lembra e desacelera, seguro e tranqüilo. Sempre senhor da situação.

"Olá, Niki, que boa surpresa! Mas como foi que você me encontrou, como conseguiu chegar até aqui?"

Niki levanta-se do sofá, põe a mão no bolso e saca o cartão de visita dele.

"Com isto. Você me deu quando me atropelou. E tem o endereço de seu escritório... Não é necessário ser um grande gênio."

Alessandro a pega pelo braço. "Você tem razão. Desculpe. Venha que vou apresentá-la à minha equipe."

"Claro, genial..."

Caminha pelo corredor, enquanto alguns colegas que passam olham para ela curiosos, especialmente pelo jeito de vestir. E, sobretudo, por ser muito bonita.

"Oi!"

"O que foi?"

"Não vai me dar um beijo?'

Alessandro lhe dá rapidamente um beijo nas faces.

"Mas eu não pedi um beijinho..."

Alessandro sorri e diz baixinho: "Aqui eu trabalho... Não posso brincar nem um pouco".

Niki sorri. "O.k., vou ficar séria. Somos um timinho, não?"

Alessandro olha para Niki. Está contente por ela ter vindo. Não esqueceu. É ótima essa garota.

"Sim, um belo timinho..." Em seguida se afasta, deixando-a entrar no seu escritório.

"Venha que vou apresentá-la aos outros", e fecha a porta atrás deles. "Então, pessoal, esta é Niki. Niki, Giorgia, Michela, Dario e Andréa."

Todos sorriem para ela, mais ou menos curiosos diante dessa garota tão jovem, muito bonitinha, extrovertida nas roupas e, especialmente, com uma pastinha debaixo do braço.

"Esse é o meu time." Diz isso com orgulho, novamente senhor da situação, apesar de que só faltam quinze minutos para a reunião com o chefe e ele não tem absolutamente nem o traço

de uma idéia. Pelo menos até agora. Antes da chegada de Niki. Dario, cético e ao mesmo tempo curioso, se aproxima.

"E ela, quem é? Outra recém-admitida?"

Alessandro perde de repente a sua segurança. E também a tranqüilidade. Enfim, perde o controle da situação.

"Bem, não... Ela é... Bem, ela é... Ela..." Olha para ela, para eles, buscando uma sugestão, um apoio, uma indicação qualquer de quem quer que seja. "Bem, ela é, bem, sim, enfim vocês entenderam, ela é..."

"Eu sou Niki. Uma garota qualquer. Alguém que escutou as idéias de Alex e uma vez que estava em dívida...", olha para Alessandro sorrindo, "e já que sabe desenhar, tentou colocá-las no papel, como ele pediu."

Niki apoia a pasta sobre a mesa.

"Alex, tentei realizá-las da melhor forma possível, coloquei as cores e a paixão que percebi em suas palavras, quando você me contou o que devia ser a LaLuna. Espero não decepcionar você."

E parece quase seriamente inocente enquanto diz isso, e sonhadora e ingênua. E garotinha. Muito. Alessandro se lembra por um instante dos jasmins. E sente um leve rubor, um pouco de embaraço. E logo apaga aquela lembrança.

"Muito bem! Então vamos ver o que surgiu daquelas idéias atiradas desordenadamente... naquela tarde de sol..." Coloca as mãos à frente, não sabe o que esperar. E lentamente abre a pastinha.

Giorgia, Michela e Dario se inclinam para a frente. Curiosos, excitados, divertidos. Alessandro também experimenta a mesma sensação. Só que mais confusa, mais forte, quase fica sem fôlego.

Não acredito.

Na folha está uma jovem desenhada de maneira perfeita, colorida, vivaz, forte, expressiva, nova... Está sentada sobre uma lua no meio da página. A Lua está com as duas pontas viradas para cima, invertida, e a jovem está sentada sobre ela. Das duas pontas saem dois cabos feitos de corda que se perdem mais acima, entre as nuvens. É um balanço. A Lua é um balanço entre as nuvens de uma noite estrelada. Ao redor há um azul intenso, e a Lua, de um celeste vivo, colorido com um pouco de purpurina, brilha impávida naquele céu azul.

A jovem usa os cabelos à moda de maria-chiquinha e está vestida um pouco como Niki. Todos ficam sem palavras. Andréa Soldini é o primeiro a sorrir, em seguida Dario, Giorgia, até Michela, apesar de que aquele desenho não é dela. Só Alessandro não sorri. Quase desmaia de felicidade e de quanto a idéia lhe agrada. Respira fundo, longamente, sereno, tranqüilo. Para não perder o controle da situação. Mas dessa vez não consegue.

"Cacete, mas é maravilhoso!" E todos estão imediatamente de acordo. "Sim, sério, é realmente genial."

Michela toca levemente o desenho.

"Foi trabalhado em pantone, não é?"

Giorgia imagina um logo para ele. Dario e Andréa Soldini se olham sorrindo, pela primeira vez de acordo sobre alguma coisa desde que se conheceram. É realmente uma idéia genial. Nova. E surpreendente, pensa Alessandro. Ao menos para mim. Nunca teria imaginado. E de repente todo o dia anterior adquire outro significado. Aquele tempo, que se deu quase à força, ele acabou de recuperá-lo. E com juros.

"Bem, Niki, é o presente mais lindo que você podia me dar" e a abraça feliz, apertando os seus ombros. "Parabéns. Você fez realmente um trabalho excepcional."

"Mas, Alex..." Niki olha para ele sorrindo, ligeiramente tímida, "eu não fiz nada. Você fez tudo! Eu apenas executei aquilo que você via, das palavras que você disse... Como você dizia? O definitivo, não é?"

Alessandro deixa cair os braços ao longo do corpo. Diabos. Até utiliza os termos corretos, o definitivo... Mas de onde veio a garota dos jasmins? De LaLuna?

"O.k., pessoal", Alessandro senta em sua poltrona de couro, soltando-se finalmente, descarregando completamente toda a tensão acumulada. "Parece que estamos num bom caminho..."

Andréa Soldini olha para ele perplexo.

"Num bom caminho? Estamos a cavalo!”

"Isso mesmo", Alessandro olha para Niki," é bem o caso de afirmar. O sobrenome dela é Cavalli."
Michela estende a mão.

"Bem, parabéns de verdade. Este não é um desenho, é um quadro..."

"Obrigado!" Niki olha para eles e sorri, satisfeita com o resultado, de ter ajudado.

Em seguida põe de lado o desenho da jovem no balanço da Lua. Embaixo tem outra folha completamente branca, mas de um branco leve, como um papel de seda.

"E depois eu fiz também aquela outra idéia que você teve."

Olha para Alessandro erguendo a sobrancelha.

"Você lembra, não é verdade?"

Alessandro olha para Niki, mas não sabe absolutamente do que ela está falando. Todos os outros se viram para ele, aguardando uma resposta. Alessandro faz de conta que está pensando.

"Bem, sim, acho que entendi. Mas na verdade eu falava assim, por falar, sim quer dizer, parecia divertida e curiosa, uma coisa assim, divertida..."

Olha para todos os demais tentando diminuir a importância da próxima idéia, mesmo porque não sabe absolutamente do que se trata. Em seguida, Alessandro se torna sério. Fica imóvel. O que será que tem embaixo daquela folha branca? Faz uma expressão curiosa, como uma criança que já esqueceu o brinquedo anterior e agora, como enlouquecida, quer abrir o próximo presente. Niki sorri. Não tem problema. Será ela a dar para aquela criança o que deseja. E então, como uma elegante jovem toureira, Niki puxa para o lado aquele papel de seda.

"Olé!"

Mais uma vez, curiosos, todos se lançam para olhar essa nova idéia de Alessandro. Especialmente ele. Nessa nova folha, nuvens ligeiras, macias, esmaecidas, como algodão de açúcar, boiam num céu azul-noite, dobrado sobre si mesmo, como uma única grande onda cheia de estrelas. E sobre esta onda, uma jovem de maiô, de braços abertos e as pernas ligeiramente dobradas, desce em cima de uma nova, surpreendente prancha de surfe em forma de Lua. Todos ficam sem palavras.

"Mas este é ainda melhor!"

Andréa Soldini sacode a cabeça já definitivamente conquistado.

"Alex, você é um gênio!"

Dario levanta o braço apontando para o recém-chegado.

"E você só descobriu agora!"

Giorgia e Michela também estão extasiadas.

"Alex, é realmente maravilhoso!"

Não encontram mais palavras para exprimir até o fim a apreciação de todos também desse desenho. Alessandro olha boquiaberto esse segundo desenho. Depois o primeiro. E o segundo novamente. Por fim fecha a boca.

"Parabéns, Niki, você foi excepcional!"

"Estou contente de ter realizado as suas idéias."

Alessandro se levanta de repente. Pega todas as folhas de papel e as coloca com cuidado dentro da pastinha vermelha onde se lê "As idéias de Alex".

Fecha a pasta e a coloca embaixo do braço. Em seguida pega Niki pela mão.

"Vamos" e sai correndo do escritório arrastando-a atrás de si. Niki sai naquela corrida divertida, cheia de entusiasmo. "Tchau, pessoal... A gente se vê... espero!" e assim se despede da equipe.

Alessandro percorre velozmente todo o corredor. Chega diante da porta do escritório de Leonardo.

"Ele está aí?" pergunta para a secretária, que interrompe por um instante uma jgação ao telefone. Tampa o microfone com a mão. "Sim... está sozinho... mas", olha para o relógio, "a sua reunião é daqui a dez minutos..."

"Terminei antes." Alessandro bate à porta.

"Entre."

Abre a porta e entra, deixando Niki à porta.

"Oi, Leonardo. Aqui estão os nossos trabalhos!"

"Ora, você está adiantado, eu ia chamá-lo agora!"

"Cheguei um pouco antes porque tenho que sair correndo."

"O quê? E a nossa reunião?"

"Enquanto isto dê uma olhada... e diga se gostou... Nos falamos mais tarde para marcar uma reunião amanhã de manhã, ou quando quiser."

Leonardo pega a pastinha vermelha em que está escrito "As idéias de Alex".

"Já a pastinha me agrada. Mas para onde você foge?"

"Vou respirar um pouco de pessoas, aquelas que me inspiraram os trabalhos cue vai ver... e me dar um tempo!" E sai correndo. Em seguida para na porta. "Ah! Esta é Niki, Niki Cavalli. Uma nova colaboradora."

Leonardo não tem tempo de dizer "Prazer!" e os dois já sumiram. Alessandro e Niki percorrem rapidamente o corredor na direção dos elevadores. Niki o segura um instante.

"Espere..." solta a mão dele, corre para o sofá onde estivera sentada e retira debaixo dele a mochila. Alessandro espera por ela no meio do corredor. Niki o alcança sorrindo.

"As minhas coisas da escola e uma sacola para hoje à tarde."

Alessandro sorri. "Você é ótima!"

E depois se aproxima dos elevadores e aperta o botão, esperando que chegue o mais depressa possível. Dois, três, quatro, cinco, seis. Pronto, finalmente chegou. E, "justamente quando Alessandro e Niki estão para entrar, Leonardo surge no final do corredor.

"Alex!"

Alessandro se vira. O diretor está com as duas folhas nas mãos, olha para ele de braços abertos. Segura os dois anúncios no alto, no vazio, e os agita como se quisesse se abanar.

"Alex, são extraordinários, sério!"

Alessandro aperta o T e sorri, enquanto as portas se fecham. "Eu sei... novas e surpreendentes!"

A porta do elevador se fecha. Leonardo abaixa os braços e observa mais uma vez os dois anúncios. Coloridos, vivos, divertidos. Em seguida sorri e, tomando cuidado para não estragá-los, volta para seu escritório. No elevador, Alessandro olha para Niki. Não sabe o que dizer. Ambos ficam em silêncio. Niki se apoia contra a parede. Inclina a cabeça para o lado. Alessandro se iproxima dela. Dá um beijo leve em seus lábios. Depois se afasta.

"Obrigado, Niki."

"Shhh."

Niki leva o dedo diante dos lábios e o deixa escorregar, aproxima-se novamente de Alessandro e o beija lentamente. Novamente. Macia. Quente. Tenra. Com paixão. Em seguida Niki sorri.

"É assim que eu gosto. Esse é o tipo de agradecimento que eu adoro." Alessandro a beija de novo. Demoradamente. Com doçura. Até quando, de repente, escuta um leve pigarrear.

"Humm."

Voltam-se. A porta do elevador está aberta. Chegaram. Dois senhores com sacolas de compras nas mãos estão parados diante deles. Por sorte não são colegas, pensa Alessandro. E com um educado

"Desculpem", Niki e Alessandro liberam o elevador. Correm assim para fora do prédio e sobem no carro. Niki, dessa vez, não quer dirigir.

"O.k., eu dirijo... mas lembre que você terá todas as aulas de graça que desejar, é só dizer."

Niki sorri.

"Olhe, eu não sabia que você desenhava tão bem."

"Nem eu! Foi uma amiga minha, Olly, quem fez. Ela é ótima, e disse que era fácil com idéias tão boas..."

"Sim, sério, você encontrou idéias realmente fortes, mas eram essas que você estava anotando ontem no seu caderno?"

"Sim, enquanto você me ridicularizava."

"Eu não estava ridicularizando você. Eu só a cutuquei para torná-la mais criativa. É um método do nosso trabalho. Instigar o orgulho e a ambição para a produtividade."

"Bem, errado. Quando você fazia isso, eu não tinha nenhuma idéia. A idéia da Lua que é uma prancha de surfe veio quando eu estava na praia..."

"E aquela do balanço no céu noturno?"

"Depois dos jasmins..."

Alessandro olha para ela.
"Que idéias maravilhosas você tem, garota dos jasmins..."

"Que idéias maravilhosas nós temos... Somos um timinho, não? E precisamos sempre saber dar um tempo."

"Verdade."

"E não ficar distraídos."

"Precisamente."

"Quero ver se é precisamente verdade."

Niki se inclina para ele e de repente lhe cobre os olhos com ambas as mãos. Alessandro quase perde o controle da direção.

"Ei, mas o que está fazendo?" Diminui a velocidade e encosta o carro, parando, sem ver.

"Quase bati!"

"E daí, um amassado a mais ou a menos..."

"Já falamos sobre isto."

"E então?" Niki continua mantendo as mãos sobre os olhos dele.

"Então o quê?"

"Vamos ver se não estava distraído. Que roupas estou usando?"

Alessandro dá um longo suspiro.

"Então, paletó azul, saia plissada. Meias enfocadas."

"De que cor?"

"Azul-claro."

"Que mais?"

"Sapatos Adidas azul-marinho."

"Mais nada?"

"Mais nada."

Niki tira as mãos dos olhos de Alessandro, que pisca recuperando a visão.

"E então? Que tal eu fui?"

"Razoável."
"O que eu errei?"

"Você não falou que eu estou sem sutiã."

Alessandro olha um pouco melhor para ela. Entreabre os olhos, olhando para dentro do paletó.

"Sem sutiã? Impossível! Mas então o surfe é realmente milagroso!"

Niki lhe dá um tapa e ri.

"Cretino!"

E vão embora assim, dando-se mais um pouco de tempo. Vão comer alguma coisa na Insalata Ricca. Depois um passeio no centro. Um café no Santo Eustáquio E por que não, uma exposição fotográfica num pequeno museu junto ao Quirinal. Salgado. Maravilhosa. Fotos em preto e branco. África. Crianças. Animais. Pobreza e riqueza de uma natureza sem fim.

Alessandro e Niki se perdem e se reencontram de roto em foto, lendo os comentários por alguns momentos imóveis, parados naquele instante, que duram para sempre. Tempo. Niki de repente olha para o relógio.

"Diabos, mas eu tenho jogo!" E o arrasta para fora, sabe-se lá para que outro compromisso.

44

Diletta dá três passos, salta no momento certo e golpeia a bola com uma cortada forte e violenta. Determinada. Em seguida se arruma um pouco e volta para o último lugar da fila. O treinador atira outra bola.

"Força, garotas, força! Mais, vamos, mais... Força que daqui a pouco vai começar..."

Uma outra jovem pega o embalo e salta para cortar, mas com menos convicção.

"Mais decidida! Força, garotas, que na próxima semana tem a final."

O treinador recolhe outra bola e a atira para o alto. E outra menina salta. E corta. E acerta. E ecos. E mais bolas cortadas que ricocheteiam sobre o chão daquele grande ginásio esportivo. E gritos de jovens e outros ecos longínquos dentro daquela grande bola, de muitas pequenas bolas e sabores diferentes de leve suor, de cansaço cálido, de uma esportividade sadia.

Diletta alcança Erica e Olly, sentadas na arquibancada ali ao lado.

"Puxa, mas Niki ainda não apareceu? Mas o que está aprontando? Está fora? Sem ela estamos acabadas."

Depois se volta para olhar o treinador.

"Diabos, Pierangeli está puto." Olly loca um chiclete na boca e começa a mastigar. "É claro... ele está a fim da Niki, deve estar com ciúmes."

"Mas o que você está dizendo! Você é obcecada, só vê sexo em toda parte."

Olly mastiga de boca aberta. "Não, é você que dorme... O que você pensa? Onde estará Niki agora! Encontrou alguém que lhe dá o que ela quer... É é ali que ela *treinando."*

Diletta pega a bola que está em sua mão e corta suavemente na direção de Olly, acertando-a.. Olly se deixa cair para trás e coloca as mãos no chão.

"Ai, ai!"

"E agradeça que não cortei como devia, senão eu apagava você..."

Exatamente naquele instante, o treinador atira uma bola para outra jovem. Em seguida a vê entrar no fundo. O treinador coloca as mãos no quadril.

"Até que enfim, Niki! Isso são horas?"
Niki chega esbaforida, com a mochila nas costas, e Alessandro a segue.

"Tem razão, desculpe, professor! Vou me trocar e já volto."

Passa a sua bolsa com os livros, alguma maquiagem e todo o restante para Alessandro.

"Você segura pra mim?"

"Claro", em seguida tira o celular e a carteira do paletó e os coloca também na bolsa.

Niki vê Olly e Erica nas arquibancadas e as cumprimenta de longe. As duas amigas respondem e naturalmente continuam a olhar Niki e Alessandro curiosas. Depois Olly se vira para Erica.

"É ele... Não consigo acreditar. Então tudo o que ela contou é verdade!"

Erica sacode a cabeça.

"Não tenho palavras... Mas... é velho!"

Olly sorri. "Se for verdade o que ela contou... é mais velho em todos os sentidos."

"Olly?"

"Eu dizia que é mais velho no sentido de que é alguém que deixa você bem assim como ela falou... Bem, nada a dizer, é maduro."

"Oh, mas o que importa... E, além disso, é logo você quem fala. A meu ver. Giorgio, pelo seu comportamento, é mais velho do que ele."

Alessandro percebeu o estupor das amigas de Niki.

"Mas há quanto tempo não se viam? Estão olhando para você de um jeito..."

"Desde hoje de manhã na escola. Veja... aquela de camiseta vermelha", apontando para Olly, "é a desenhista!"

"Ah, aquela artista!"

"Sim, de qualquer maneira, tenho que me trocar, depois eu conto... Não falam de mim. Mas de você. É que me torturaram, precisei dizer tudo... Bem, eu tenho que correr agora, nos vemos depois."

Niki pega a mochila e entra rapidamente no vestiário.

"Torturaram você? Você teve de dizer tudo... Mas tudo o quê?..."

Mas Niki já está longe e não pode ouvi-lo.

Alessandro pega as coisas de Niki e alcança as duas garotas. Está um pouco embaraçado. De qualquer maneira sente-se um pouco, como dizer, "deslocado".

"Olá, eu sou Alessandro."

"Oi, eu sou Olly, ela é Erica e aquela lá que está jogando...", e aponta para a jovem no meio do campo,"... aquela alta, forte, é a outra amiga de Niki, Diletta. Aquele E o nosso professor, que é também o nosso treinador. Nós estamos no banco de reserva. Nem estamos treinando porque estamos pagando uma punição."

"E como é ele, bom?" Alessandro supera aquele embaraço inicial e senta ao lado delas.

Erica sorri para ele. "Ótimo. No ano passado, com ele, chegamos em segundo lugar, este ano esperamos realmente ganhar."

"Sim." Olly se apoia no encosto e estica as pernas sobre o assento da frente. "Mas, mesmo se vencesse o campeonato, a ele só interessaria estar no seu lugar!"

Erica lhe dá uma cotovelada. Alessandro olha para ela curioso.

"Como é? Ele gostaria de trabalhar em publicidade?"

Olly olha para Erica.

"Digamos que ele gostaria de fazer algumas propagandas..."

"Sim, é claro, porque ele só considera o resultado final" diz Alessandro, "mas na verdade por trás há todo um trabalho de reuniões intermináveis. De cansaço... Criatividade. Às vezes trabalha-se a noite inteira."

"Sim, claro..." Olly ri e observa Erica, "às vezes trabalha-se a noite toda... mas é um cansaço agradável, não?"

Alessandro não compreende do que estão falando.

"Você, por exemplo, foi ótima em fazer aqueles dois desenhos." Alessandro olha para Olly. "Foi você, não foi?"

Olly concorda com um gesto da cabeça.

"E quanto tempo você levou?"

"A aula de matemática e depois mais uma hora depois do intervalo."

"Quer dizer, só duas horas? Realmente excepcional então."

"Que nada, é simples, é só uma coisa que eu gosto muito de fazer..."
Sentado, Alessandro se ajeita melhor e cruza os braços entre as pernas.

"Escute, Olly, eu realmente não sei como lhe agradecer, você e a Niki descascaram um abacaxi enorme para mim. Eu queria poder pagar essa dívida. O que posso fazer por você?"

"Oh", Olly olha para Erica e ergue a sobrancelha, "bem, para mim não iria mal uma daquelas intermináveis reuniões noturnas... mas não creio que Niki estaria de acordo!" Bem naquele instante, Niki sai do vestiário. Veste uma camiseta branca com bordas azuis e com a escrita "Mamiani", o nome da escola. Por baixo está com um short azul bem justo e meias compridas, com listras brancas e azuis. Niki faz um sinal para Alessandro encontrá-la. "Traga a bolsa!" Ele se levanta, sorri para Olly e Erica.

"Desculpem", e vai até Niki.

"Tome!"

Niki procura rapidamente dentro e encontra o elástico que procurava.

"Ei, você está ótima assim. Já estou vendo você na quadra."

Niki sorri. "Eu sou levantadora..." e prende rapidamente os cabelos.

Mas o que você estava dizendo, antes? Que a torturaram? Que você foi obrigada a falar?"

"Sim, precisei contar de ontem à noite... E, já que estava contando... menti."

"Como é?"

"Contei alguns detalhes, bem, coisas que ainda não fizemos, elas adoraram. Você lembra de *Nove semanas e meia*. Bem, comparado ao que fizemos ontem, é um filme aborrecido..."

"Mas, Niki!"

Tarde demais, Niki corre e alcança o time, que logo se posiciona na quadra.

"Então, vamos..." O treinador pega a bola e a passa para Diletta. "Você parte, vá, visto que finalmente podemos começar, a princesa se dignou a aparecer..." e passa por Niki olhando torto para ela.

O treinador vai se sentar no banco, enquanto Niki. às escondidas, mostra a língua, fazendo rir as colegas próximas. Em seguida decidem um esquema e começam a jogar. Alessandro finalmente entendeu aquilo que Niki contou às amigas e então conecta rapidamente o que entendiam com "aquelas intermináveis reuniões". Decide não voltar para a arquibancada e assistir ao jogo dali.

Isto é, não consigo acreditar... Fez-me passar por um tarado. Em seguida a observa melhor. Sacode a cabeça. Niki se inclina para arrumar as meias. Seu short azul justo fica mais colado. Alessandro tem um leve calafrio. Por um instante lhe parece sentir o perfume dos jasmins. E então procura se distrair. Pensa nos desenhos. Em Leonardo. Em seus colaboradores. No desafio. No jovem diretor criativo. Em Lugano, evitada. Melhor que um chuveiro frio. Ahhh... Está melhor, sim. Naquele instante toca o celular. É Enrico. Alessandro sorri. Atende.

"Feito."

"O quê?"

"Como o quê?... Tony Costa, passei lá."

"Ah, ótimo, perfeito. Obrigado, você é um amigo, eu sabia que podia contar com você. Depois você me conta direito. Mas onde está?"

"Eu? Humm..."

Bem naquele instante, Niki se atira para a frente para defender com uma manchete uma bola curta. Acaba caída, esfregando a barriga sobre o chão liso da quadra. A camiseta se levanta um pouco, mas Niki consegue defender aquela bola difícil. E o jogo continua.

"Eu? Estou numa reunião criativa..."

Diletta sobe e corta.

"Ponto!" Todos aplaudem.

"Com essa bagunça?"

"Sim... É uma reunião criativa entre as pessoas."

"Mas você disse que ia conseguir ficar livre. Você já devia estar aqui."

"Mas aqui, onde?"

"Como onde, para a festa-surpresa! Hoje é o aniversário de Camilla." Alessandro olha para o relógio. "Diabos, esqueci completamente... O.k., vou devolver uma coisa e já estarei aí com vocês."

"Vá, mexa-se." E Enrico desliga. Alessandro tenta de alguma forma chamar a atenção de Niki, mas estão fazendo uma jogada difícil que poderia não acabar nunca. Então Alessandro pega a bolsa de Niki e se dirige rapidamente até Olly e Erica.

"Tchau, garotas, desculpem, eu realmente tenho de fugir: esqueci um compromisso. Digam a Niki que depois eu ligo pra ela."

“O.k., vamos dizer. Não se preocupe, vá, vá, senão vai se atrasar..."
"Obrigado."

Elas o observam sair do ginásio.

"Na minha opinião, esse aí é casado."

Olly! Mas por que você deve sempre ver o duvidoso em tudo?"

“Mas que duvidoso, que nada. Pelo contrário. Alguém casado poderia ser o ideal. Não enche o saco, não pergunta com quem você está saindo, com quem você ao telefone, aonde vai, o que faz, etc. Faz o que tem de fazer, e ao que parece ele faz direitinho... E especialmente ele não quer casar com você! É o ideal..." Erica olha para ela entristecida.

"Sabe o que eu penso? Não sei o que lhe aconteceu, mas você tem medo do amor."

"Eu, medo do amor? Tenho medo de me encontrar numa situação como a sua... não consegue mais abrir mão dele, está acostumada, mas na realidade gostaria de não precisar... mas tem medo... Você tem medo! E não do amor. De não conseguir ficar sozinha, querida Erica. Sabe-se o que se deixa, não se sabe o que se encontra."

"Quando fala assim, você parece o Giorgio."

"Ah é? Então posso dar-lhe um conselho? Esqueça-se de nós dois!"

45

Alessandro chega esbaforido. Passou em casa, tomou um banho a jato, colocou uma camisa limpa e saiu correndo, esperando chegar a tempo. E conseguiu.

"Vamos, só faltava você..."

Enrico vai até ele na entrada do Cannottieri Roma. Agarra-o pelo paletó e o leva para baixo, arrastando-o pelas escadas. Entram correndo no restaurante. Em algumas mesas jantam alguns casais entediados. Quatro homens, anciãos mas elegantes, jantam comportados, com risadas leves, quase estuudando-se antes do jogo de *bridge* habitual. Alessandro e Enrico encontram os outros convidados, cerca de trinta, escondidos atrás de um biombo, no último canto do restaurante. Enrico o empurra entre eles.

"Fique ali, escondam-se todos direito, vamos, que já deve estar chegando..."

Alessandro cumprimenta Flavio, Pietro, as respectivas esposas, aqueles que conhece e que lhe são mais próximos.

"Olá, pessoal... ai, ai, não empurra... parece que estou no metrô."

"Mas por que, quando é que você anda de metrô?"

"Nunca... mas sempre imaginei assim..."

"Shhh, que ela vai escutar, shhh..."

Pouco depois, Enrico e Camilla descem a escada que leva ao restaurante. Os amigos, escondidos, reconhecem as suas vozes.

"Amor, por um instante acreditei que você tivesse se esquecido..."

"Mas não, hoje de manhã eu fiz de conta de propósito, eu queria lhe dar logo os parabéns..."

"Que simpático você foi... até colocou as flores que eu gosto na mesa. Mas me tire uma curiosidade: por que aqui no Cannottieri? Não é que eu não goste, hein, não entenda mal, só para saber, é que tem um monte de restaurantes que são mais baratos... Olhe, você podia ter escolhido qualquer um, talvez com exceção do restaurante do Alberto... Ali é verdade que é barato, mas não se come bem..."

"É porque nós estamos aqui!" Uma jovem de trás do biombo decide salvar Camilla, uma vez que o pobre Alberto está bem ali, escondido entre eles. Todos saem.

"Parabéns, Camilla!"

"Muitas felicidades!" Alguém começa a cantar "parabéns pra você, nesta data querida!" Camilla enrubesce, embaraçada.

"Obrigada, que linda surpresa! Não percebi nada! Meu Deus, caí direitinho!"

Começam a lhe entregar alguns pacotes com presentes, um maço de flores, alguns não trouxeram nada, tendo dado uma cota para um presente maior sugerido justamente por Enrico. Em pouco tempo, Camilla está submersa em pacotes. Até o coitado do Alberto lhe entrega o seu presente, uma garrafa de vinho, sorrindo para ela, e até lhe dá um beijo na face. Talvez faça de conta que não ouviu. Certamente aquela garrafa é melhor do que o que se costuma encontrar no seu restaurante. Enrico alcança Alessandro, que está conversando com Flavio e Pietro. Pega-o pelo braço.

"Desculpem, hein..." e sai com ele. Pietro olha para eles. "Têm segredinhos!" Flavio dá de ombros. Alessandra e Enrico param um pouco afastados dos outros.

"Então?"

"Então tudo certo, Enrico. Passei lá e ele aceitou a tarefa."

"Por quanto?"

"Três mil euros. Mil e quinhentos na hora, e eu dei, e mil e quinhentos quando concluir tudo."

"O.k." Enrico pega a carteira.

"Vamos, Enrico, não aqui... estão olhando. Com calma, acertamos tudo uma noite dessas."

"O.k., obrigado..."

Enrico guarda a carteira no bolso. Em seguida, de longe, olha para a sua mulher. Está rodeada de amigos. Muitos ainda estão lhe entregando os presentes e beijando-a.

"Você viu? Percebeu?"

Alessandro olha na mesma direção de Enrico.

"O quê? Estão cumprimentando-a, e daí?"

"Não, olhe bem."

Alessandro se esforça, cerra um pouco os olhos para captar cada pequeno detalhe, mas não percebe nada.
"Parece-me tudo normal, ri, brinca com as amigas, conversa. Está alegre."

"Os cabelos. Veja os cabelos."

Alessandro se esforça mais, mas não percebe nada.
"Olhe, parece-me normalíssima, mas por que, o que ela fez?"

"Como o que ela fez, está de franja."

"E então? Cortou os cabelos... O que é, um romance policial?"

"Não, uma comédia. 1973. *A dama e o gângster. La bonne année*, em francês. Filme de Claude Lelouch com Lino Ventura e François Fabian. Ele termina na cadeia, vai encontrá-lo. Lembro do diálogo. Ele: *'Você mudou o corte de cabelos?'*. Ela: *Sim, por que, não lhe agrada?'*. Ele: *'Sim, sim, é que quando uma mulher muda o corte de cabelos, quer dizer que está para trocar de homem'*."

Enrico permanece em silêncio, observando-o. Depois, de tempos em tempos, ca um olhar para Camilla, sentada mais ao fundo.

Alessandro olha para ele e sacode a cabeça.

"Então... francamente, eu lembro de muitas outras frases... tipo 'O que é uma mulher?', 'É um homem que às vezes chora', "desculpe, mas essa é melhor. E de qualquer maneira aquilo era um filme!"

"Sim, mas os filmes são baseados exatamente na realidade... ela cortou os cabelos e de repente tem mesmo outro."

"Escute, sendo assim, eu não tenho dúvidas... nunca o dinheiro terá sido gasto forma melhor. Tenho certeza de que Tony Costa vai eliminar finalmente qualquer da irracional de sua parte, o.k.?"

"O.k..."

"Agora vou buscar alguma coisa para beber."

Mas, justamente naquele momento Enrico vê Camilla parar de conversar com as amigas, pegar o celular do bolso e olhar no *display* o nome de quem está ligando. Sorri e atende. Em seguida, dá a volta afasta um pouco das amigas, em busca de um pouco de privacidade. Enrico olha Alessandro, que procura tranquilizá-lo.

"Hoje é o aniversário dela. Quem sabe quantas pessoas vão ligar para lhe dar os parabéns? Talvez seja uma amiga dela que você esqueceu de convidar, ou uma prima da que só se lembrou agora..."

"Sim, certamente. Ou então alguém que está lhe dizendo que gostou do novo corte de cabelos..."

Alessandro ergue as mãos aos céus e o abandona em busca de um copo de vinho. Alcança a mesa do bufê. "Um pouco de tinto, por favor."

Um educado garçom pega uma garrafa.

"Imediatamente, senhor."

Alessandro para o copo que se enche. Depois uma lembrança longínqua. Repentina. Elena. Alguns dias antes de ir embora. E aquela lembrança se torna vivida. Agora. Dominante. Elena entra no quarto enquanto Alessandro está no computador.

“Amor... gostou? O que você acha?"

“O que, amor?"

"Você não percebeu? Cortei os cabelos! Também mudei a cor, mais escura."

Alessandra se levanta, se aproxima dela e a beija nos lábios. "Se fosse possível, você estaria ainda mais bonita do que antes, amor..." Elena se afasta. E sorri. Segura. Segura demais. Foi nisto que eu errei? Deixá-la segura demais?

“Por favor..."

"O quê?"

"O seu copo, senhor..." O garçom entrega o copo e a lembrança desaparece.

"Obrigado."

Enquanto bebe, percebe que Enrico o está observando de longe. Sorri para ele. Tudo bem, Enrico... Está tudo bem. Mesmo porque há lembranças que não tem sentido compartilharmos nem com um amigo. Mesmo se fazem mal. Mesmo se são doloridas. Poder-se-ia dizer assim: No amor, a dor é proporcional à beleza da história que você viveu. Belo ditado. Alessandro olha de novo para Enrico.

"E você, meu amigo... vai sofrer? E se sofrer... quanto vai sofrer?"

Em seguida, Alessandro sorri para o outro. Enrico, um pouco perplexo, retribui. Alessandro apoia o copo vazio sobre uma mesa ali perto. Claro que contar um ditado desses para alguém que pensa que a mulher o está traindo pode significar outra coisa: que você não é um verdadeiro amigo dele.

"Ei, deixa a gente ver você?"

Olly e Erica se aproximam de Niki que está no chuveiro. Niki está se ensaboando e coloca a cabeça debaixo da água para tirar o sabão dos olhos.

"Mas o quê?"

"Para ver se você está com as marcas..."

"Mas como vocês são cretinas!" E com as mãos joga água rapidamente na direção delas procurando molhá-las. Pouco depois, Niki está sentada no banco do vestiário. Embrulhada em seu enorme roupão. Com uma toalha azul-celeste pequena, mas comprida, da grife Champion, está friccionando com força os cabelos. As amigas estão todas em volta dela.

Então, droga, vai ou não vai nos contar a verdade sobre essa história?"

Niki solta a toalha e a deixa cair no pescoço.

"Outra vez? Mas eu já contei."

"Sim, outra vez. Eu gosto, me excita."

"Mas você é doente..."

"Não. Então vou dizer a verdade." Olly, olhando para Erica e Diletta: "Eu não acredito que esse cara seja um garanhão!"

Niki pega a toalha, tira-a de trás do pescoço e tenta acertá-la com o chicote improvisado, mas Olly é mais rápida do que ela e se afasta bem depressa. Ou quase.

"Ai, ai! Você quase me acertou! Mas o que é, ficou boba?"

"Mas por que você sempre precisa dizer coisas que eu não falei?"

"Está bem, você disse que se sentiu 'nas nuvens, que não foi apressado, que agradou, que a levou até o fim."

"Olly!"

"Bem, foi você quem disse, não? E então tudo isto não é como um garanhão?"

"Não. Eu disse que é gentil, suave, altruísta, atencioso, delicado. Foi isto que me deixou bem... pervertida."

"Quem sabe o garanhão era o seu ex, Fábio", intervém Diletta. Olly se vira para ela e a olha torto.

"E você o que é que sabe?"

"Bem, dá para entender... Pela forma como se mexe..."

Olly intervém divertida.

"Mas se você ainda não experimentou nenhum tipo de rapaz, desde o *small* ao *extralarge*, como é que dá palpites? Ou já experimentou esse Fábio Fobia e não contou nada pra nós?"

"Certamente. E aí eu vou contar logo pra você, que está babando por ele..."

"Você é horrorosa..." Olly reage e tenta acertá-la. Niki se levanta e se põe logo entre as duas.

"Calma, calma, Ondas!"

Devagar, com a ajuda de Erica, faz que as duas permaneçam sentadas.

"Mas vocês enlouqueceram? É só falar um instante de homens e vocês se atiram logo como mortas de fome. Vocês têm a reação hormonal de duas adolescentes."

"Ou pior, feromonal", sorri Erica.

Olly a observa. "Fero o quê?"

Erica sacode a cabeça.

"Veja só... Eis uma que prestou atenção na aula de química de hoje..."

"Não podia. Eu estava fazendo os desenhos para o garanhão."

"Ouçam", Niki recoloca a toalha nos ombros, "então. É importante deixar claro. Esse assunto nós nunca enfrentamos. Um. Nenhum homem, *small, médium, extralarge* ou garanhão, o que for, poderá nos separar. Prometam!"

"Prometido."

"Dois. Devemos sempre contar tudo umas às outras, desde os nossos desejos até os nossos pensamentos, dos medos às alegrias. Com muita freqüência vejo pessoas que têm medo de admitir estar vivendo alguma coisa de incrível, de fantástico, de terrivelmente lindo até para os próprios os amigos. Prometem?"

"Prometido!"

"Três. Quem se meter com o Fábio ou combinar alguma coisa... Coitada dela..." Todas as três se olham surpresas. "Porque está se envolvendo com um belo egoísta", em seguida olha melhor para Olly, "sob todos os pontos de vista... já que lhe interessa tanto."
Diletta dá um tapa em Olly. "Viu, ainda não experimentei, mas entendo mais do que você..."

Olly dá de ombros, fazendo uma careta desagradável. Erica se aproxima de Niki.

"De qualquer maneira, gostei do Alessandro. Está certo que é mais velho, mas... Mas que idade tem?"

"O que você acha?"

"Não sei... vinte e oito. Vinte e nove..."

"Ele vai fazer trinta e sete."

"O quê? Quer dizer, vinte anos a mais que você?"

"Quase vinte. Mas por que vocês se surpreendem tanto?"

Olly sorri.

"Eu não estou surpresa, pelo contrário... Me excita, eu já falei! Alguém mais velho... assim mais velho... Bem, gostei pra burro! Mas será que ele não tem um amigo?"

"Vários."

"Bem, me apresente, está bem?"

"Acho que são todos casados."

"Ele também, não é?" Erica a observa desconfiada.

"Não."

"Certeza?"

"Ele se separou há alguns meses da namorada. Iam casar..."

Olly fecha as mãos e olha para o alto. "Caramba, gostei mais ainda. Olhe, eu topo até os amigos casados dele. E, além disso... se for o caso, existe o divórcio, não? No caso..."

"E se a sua ex voltar?" pergunta Erica. Niki tenta acertá-la também com a toalha. "Mas o que é isso, vocês estão remando contra? Mas estão sendo agourentas? Querem me trazer azar?"

"Mas o que está dizendo!"

"Enlouqueceu?"

"Ouça, Olly, se você quiser me ajudar, deveria também fazer um logo."

"Como é?"

"Uma chamada sobre os desenhos. Agora estou tendo uma idéia para a frase. Enquanto isso, você pensa nas cores e nas fontes que vai usar."

"Cores, fontes... olhem o jeito dela falar. De qualquer maneira, eu me informei, sabe? No mundo da propaganda circulam sacos de dinheiro."

"E então?"

"E então você está se aproveitando de mim."

Niki senta-se no banco. "O que você quer, vamos ouvir."

"Um jantar com ele e um amigo dele." E estende a mão para Niki, que olha para ela indecisa. Olly sorri.

"Sem jantar, sem logo, só para ficar na linguagem publicitária..."

Niki sacode a cabeça. "O.k., o.k., mas, depois, o que você aprontar é problema seu. Oh, eu não quero entrar nos seus rolos!"

Bem naquele momento, entra o treinador. "Muito bem, meninas, parabéns para todas. Muito bem, Diletta, e ótimo, Niki, apesar do atraso."

Depois se aproxima de uma das reservas.

"Olhe, conversei com o médico, você deve colocar ainda um pouco de Lasonil e aquecer bem, antes de tentar jogar novamente."

Erica olha para ele. "É legal o nosso treinador. E, além disso, um homem bonito."

Niki sorri.

"Sim, mas nesse caso é velho demais."

Olly se volta para não se deixar ver. "Além disso, na minha opinião é um tarado, ele vem aqui só para nos encontrar semidespidas depois do jogo..."

"Olly! Mas você vê sexo em tudo."

"O sexo está em todo lugar. E o que importa é compreender isso..." Em seguida se vira para Diletta. "Aquilo que eu nunca vou entender é por que você se colocou de castigo, sozinha."

_____47_____

"Então? Quanto lhe devo pelo presente de Camilla?"

"Imagine... eu é que lhe devo um monte de dinheiro! Vamos fazer logo as contas."

"O.k., como quiser..."

Enrico se afasta um pouco, levando Alessandro para um canto do restaurante.

"Tire a minha curiosidade..." Enrico olha ao redor. Observa além das vidraças do restaurante, na direção do jardim, entre as plantas, lá, mais longe, onde escoa o Tibre. "Na sua opinião, ele já está trabalhando? Isto é, você acha que ele está nos filmando neste instante? Está gravando o que falamos agora?"

Alessandro olha para o relógio. "Na minha opinião, ainda está trepando com a Adele."

"Trepando com a Adele?"

"A secretária dele."

"O quê? Isto é, deixe eu entender, ele, que deveria investigar os amantes, as traições, escolheu essa profissão para trepar com uma fulana e não ser descoberto?"

"E eu que sei... Talvez. Vamos, eu falava por falar. Quando cheguei ao escritório dele, tive a impressão de que estavam envolvidos. De qualquer maneira, eu lhe deixei o endereço e o resto, como já contei. Daqui a alguns dias saberemos mais. E essa lom-briga que está comendo o seu cérebro finalmente irá embora."

"Ou terminará por devorá-lo completamente. E a eliminarei de minha vida, visto que a está comendo traiçoeiramente."

Alessandro bufa. "Escute, ao menos esta noite deixe ela em paz, tá? É a festa dela", e se afasta, indo na direção da saída. Enrico fica um pouco preocupado. E só tem tempo de dizer: "A que horas ligo amanhã?"

"Quando quiser."

Alessandro gira ao redor das mesas, e finalmente a vê. Bem naquele instante, Camilla percebe que no seu celular chegou uma mensagem. Abre o celular. Lê a mensagem. Sorri. Alessandro está a poucos passos dela.

"Camilla?" Ela desliga rapidamente e o abaixa instintivamente. "Oh, Alex... Que susto..." Camilla se aproxima dele. Os dois se beijam. "Parabéns mais uma vez. Comi muito bem, foi uma festa bem agradável."

"Pois é." Camilla olha para o seu marido ao longe. Sorri para ele com uma ternura levemente adormecida. "Enrico preparou uma linda surpresa para mim..."

Alessandro olha para Enrico e pensa em seus medos. Em seguida, olha para Camilla e pensa na mensagem que ela acabou de receber. E se Enrico tivesse razão? Bem, é inútil eu

também ficar com isso na cabeça. Agora já pagamos alguém para resolver. Que ele resolva. Alessandro sorri para ela.

"Sim, realmente uma bela surpresa... e realizada."

"Sim, é verdade, Enrico para esse tipo de coisas é ótimo."

"Bem, Camilla, nos vemos."

"Sim, Alex, até logo." E enquanto Alessandra está indo na direção da saída, Camilla o chama novamente. "Desculpe, eu devo dizer uma coisa a você." Alessandro para. Ela o alcança. "Não sei se vai gostar ou não, mas não tenho nenhum motivo para esconder." Camilla faz uma pequena pausa. "Espero que não se incomode... antes chegou uma mensagem. Era Elena. Lembrou de mandar os parabéns."

Alessandro sorri. "Fico contente. No fundo, vocês duas tinham uma boa relação. Imagine, claro que não me incomoda", e sorri novamente. "Nos falamos", e alcança a saída. Camilla fica olhando para ele. Quem sabe se vão voltar? E, sobretudo, por que se deixaram?

48

Alessandro dirige dentro da noite. É claro. Ela deve ter anotado naquele raio de celular-agenda supertecnológico do escritório, com todo tipo de avisos via *e-mail*, datas e compromissos. Elena sempre foi boa nas relações empresariais. Sempre conseguia obter o melhor. E o que faz agora?... Não liga para mim, mas envia uma mensagem de parabéns para Camilla. Que idiota...

Logo em seguida chega em casa. Ainda irritado, abre a porta e a fecha batendo atrás de si. Decide colocar uma música para relaxar um pouco. Escolhe com cuidado. A última trilha sonora para um anúncio japonês. Pega na geladeira uma Coca-Cola e mergulha na *chaise longue* da sala, em couro legítimo. O único móvel escolhido por Elena que ele aprecia. Por outro lado, todos os móveis da sala ainda estão para chegar. Ainda lembra a discussão de Elena ao telefone. Gritava como louca contra os caras da empresa porque estavam com um atraso de um mês e meio na entrega. E até hoje ainda não entregaram. Quem sabe, pensa Alessandro, se ainda posso cancelar o pedido? Isto.é, o mais interessante é que ela arrumou a casa inteira, impôs as suas escolhas, brigou porque demoravam com a entrega, me obrigou de qualquer maneira a pagar a entrada, eu finalmente paguei e ela foi embora. Puff. Sumiu. Mais nenhum sinal dela. A não ser aquela mensagem de hoje à noite... para Camilla. Melhor não pensar nisto... Alessandro bebe um gole de Coca-Cola. Pois é, este seria um daqueles momentos em que precisaria ter o vício do fumo. Ou, ainda melhor, da erva. Mas só para relaxar um pouco, para dar risada... No lugar de chorar.

Alguma lembrança passageira dos inúmeros doces momentos. Ele e Elena ao longo do caminho daquele amor vivido. Um desejo. E mais uma lembrança. Quando se conheceram, por acaso, na apresentação de um novo carro. E de pronto Alessandro a achou simpática, uma executiva toda peculiar, que falava fazendo continuamente divagações, abrindo parênteses e parênteses e mais parênteses e depois histórias paralelas, perdendo-se numa enxurrada de palavras. E a gente não compreendia bem onde tinha ido parar.

E então ela sorria... "O que eu estava dizendo?...", e por fim reencontrava o fio da meada, "Ah, sim, claro...". E mais uma coisa divertida. E um sorriso. E um momento erótico, ela e aquelas meias longas tiradas lentamente. Ela e a sua pele que se libera e brilha. E muito. E tudo. E demais. Em seguida, de repente, um incômodo. Alessandro se agita na poltrona. Com quem será que ela está fazendo isso agora? Mas não. Não está fazendo. Não é possível.

E então por que foi embora? Talvez fosse só um momento. Mas sim, deve ser assim. Ela não é o tipo que interrompe um relacionamento e começa outro logo em seguida. Não. Ela não. Não é possível que de imediato recomece assim, num segundo, a fazer com mais alguém todas aquelas coisas sublimes, sentimentais, sacanas, sensuais, saborosas que ela sabe fazer. Todas começando com s... por que será?! Mas e você, por sua vez, parece-lhe normal que de repente, praticamente sem conhecê-la, digamos... foi se divertir com a garota dos jasmins? Com Niki, uma garota de dezessete anos. Com todos aqueles *s*, mas também *z* e *a*, *b* e *c* e não sei mais quantas outras letras do alfabeto erótico? Melhor não pensar em nada.

Naquele momento tocam a campainha. Alessandro quase cai da poltrona. Havia adormecido um instante. Levanta-se rapidamente. Olha para o relógio. Meia-noite e meia. E quem será a essa hora? Elena? Mas Elena tem as chaves. Mas poderia ser educada o suficiente para tocar. Agora que penso nisso, desde que ela foi embora só passou uma vez em casa. Aquele dia em que, ao voltar, a encontrei. Queria pegar aquela lembrança, aquela estúpida lembrança de Veneza... E pegou. Que boba.

Alessandro olha pelo visor da porta. E não consegue entender bem de que se trata. E principalmente... quem é.

Uma folha branca impede a visão. Em cima vê-se um pequeno e estranho dese¬nho. Em seguida ouve uma voz, adulterada pela porta fechada.

"Ande logo, eu ouvi, você está atrás da porta... Mas o quê, você não o reconheceu? Da da da da da..." Silêncio. Em seguida, novamente. "Da da da da da!"

Só agora Alessandro consegue ver melhor o desenho. É uma barbatana.

"É o tubarão que está tocando! E se abrir ele vai comê-lo!"

Niki... Alessandro sorri e abre a porta.

"Ou então você o come... Eu trouxe sorvete pra você!"

"Obrigado! Desculpe, mas realmente eu não conseguia entender..."

"Sim, sim..." Niki entra em casa com um saquinho na mão. "Medroso! Feche, venha..."

Alessandro fecha a porta e coloca a tranca.

"Aqui você precisa de alguém como eu que lhe sirva de segurança, não é? Além do mais a casa está vazia, com que você se preocupa, o que podem roubar?"

Alessandro se aproxima.

"Bem, agora você..."

"Que bonitinho..." Niki lhe dá um beijo macio e leve nos lábios. Depois se afasta.

“Bem, agora tem o sorvete também!"

Niki leva o sorvete para a cozinha, enquanto Alessandro decide mudar o CD.

"Ei, você tem tigelas para servir o sorvete? Mas grandes, viu? Que eu quero comer um monte!"

"Deveriam estar no fundo."

"Mas no fundo onde?"

Niki começa a abrir todas as portas dos móveis da cozinha. Encontra o certo. No alto.

"Pronto, achei!" Uma pilha de tigelas e xícaras grandes está bem na última prateleira no alto. Niki se estica, pega as duas primeiras, tenta puxar, com um esforço. "Ops!" Saem ambas da pilha, mas uma escapa, bate na prateleira superior e voa de lado, caindo. Niki é rapidíssima. Apoia a sacola com o sorvete que segurava com a outra mão, dobra-se e agarra a tigela pouco antes que alcance o chão.

"Uiii!"

"Uma de suas melhores defesas! Hein?"

Alessandro surge na porta da cozinha. Niki se levanta com a maravilhosa tigela azul inteira na mão. "Olhe, faltou pouco!"

Alessandro olha para ela. Aquelas tigelas azuis. Combinam com uma coleção de taças de vidro azul adquirida em Veneza num dos muitos fins de semana passeando pela Itália. Uma noite, jantando a sós, haviam utilizado aquelas taças. Alessandro havia preparado a mesa com perfeição, assim que voltou do serviço. Começara a cozinhar, depois de ter colocado a música certa e as luzes... Elena tinha sentado no sofá da sala. Havia reclamado da música escolhida e preferiu colocar outro CD para tocar. Em seguida foi para a cozinha. Descalça, ela sentara-se num daqueles bancos altos e o observava cozinhar. Alessandro havia servido um pouco de champanhe para os dois.

"Então,-como foi o dia?" Conversaram sobre generalidades, riram falando a respeito de alguém, muito, demais, e de repente Alessandro, ao voltar-se, esbarrou a taça contra a parede da cozinha, lascando-a. Elena parou de beber. Também parou de sorrir. Pegou aquela taça com a mão, observou a falha, soltou a lasca de cristal e, em seguida, atirou a taça no lixo. "Não tenho mais vontade de comer." Foi para a sala, enfiou as pernas embaixo da grande almofada do sofá e armou um bico de quem não quer conversa, de quem tomou uma decisão e se mantém irredutível. Elena era assim. Aquela coleção ela tinha deixado para Alessandro. Talvez porque agora faltasse aquela taça.

Alessandro pega a tigela das mãos de Niki, abre a janela que dá para o pequeno terraço da cozinha. Olha para Niki. Depois olha a tigela. E a deixa cair no chão, quebrando-a em mil pedaços.

"Mas, Alex... por que fez isso?"

Alessandro sorri e fecha a janela.

"Porque talvez você pudesse imaginar que eu fosse muito ligado a ela e não é assim."

Entendi, mas desculpe, não seria suficiente apenas dizer e pronto? Você não é normal."

"Pelo contrário. Uma tigela foi quebrada? Bem, a nossa vida continua..."

"E na sua opinião isso é normal?"

"Bem, pensando melhor, entendo que possa parecer complicado."

"Muito... Mas quem sabe qual é a história dessas tigelinhas..."

Alessandro compreende que ela não pode entender. E sente-se um pouco culpado.
"Então, vamos tomar esse sorvete..."

"Mas será que você quer demonstrar que não está ligado também no sorvete e vai jogá-lo pela janela?"

"Não, fique tranqüila, nesse caso não seria tão normal..."

Começam a colocar o sorvete nas tigelas, cada um servindo ao outro. Niki controla o seu.

"Para mim, só chocolate, avelã e *zabaione*?

"Light."

"Não coloque os de frutas porque não gosto, quer dizer, são ótimos, mas os prefiro quando é verão mesmo."

Alessandro aponta para um de cor branca. "E este, o que é?"

"Coco. Sim, pode pôr um pouco de coco."

"Mas olhe, você acabou de dizer só no verão mesmo..."

Niki pega uma colherinha, não resiste, põe na sua tigela, fecha os olhos e experimenta um pouco.

"Hummm, bom, ótimo. Não, o coco é diferente. E com o chocolate fazem aquela espécie de bombons..."

"Os Bounty."

"Sim, esses! Adoro pra caramba..."

"Fomos nós que cuidamos da propaganda deles."

Niki bufa. "Oh, mas você está sempre pensando no trabalho."

"Não, eu falava por falar. É só uma lembrança."

"Você não deve ter lembranças, agora..." Alessandro pensa na tigela, na taça, em todo o restante de antes... E decide mentir.

"Certo..."

E ela sorri, ingênua.

"Porque agora é agora. E agora somos nós..."

Niki mergulha a colherinha na taça de Alessandro e toma um pouco do sorvete dele. Depois a mergulha na sua, pega um pouco de chocolate e coloca na boca de Alessandro. Assim que ele fecha a boca, Niki pesca novamente da tigelinha e tenta colocar novamente dentro da boca dele. Mas, sem deixá-lo engolir, espalha o sorvete em volta de seus lábios. Como quando se bebe rapidamente um cappuccino e ficam aqueles "bigodes". E em seguida Niki se aproxima bem devagar. Quente, sensual, desejável. E começa a lamber aqueles bigodes doces, e um beijo, e uma lambida, e uma mordidinha. "Ai, ai." E depois um sorriso. E, um depois do outro, esses beijos têm sabor de chocolate, de creme e de coco. E continua assim, sorrindo, lambendo com tenro afã, faminta. Depois, sem querer, se apoia nele.

"Ei, mas o que, sobrou... um Bounty..."

Alessandro a beija, e se deixam ir, e apagam as luzes e um pouco de sorvete derrete. E eles também um pouco... E devagar um sabor os envolve. E exageram, e brincam, e pintam aqueles lençóis de sabores e de vontades e de jogos alegres e leves e ousados e extremos... Por um instante, Alessandro pensa: e se agora houvesse uma invasão? Serra e Carretti. Os dois policiais de sempre. Socorro. Não. E um deslizar suave de creme entre os seus ombros, e chocolate e creme então mais embaixo, mais, com doçura, lentamente ao longo daquele sulco macio. E a língua de Niki e a sua risada e seus dentes e um beijo... E todo aquele sorvete que não deve ser desperdiçado... E ainda. Ainda. E quente e frio e perder-se assim em todos aqueles sabores. E de repente... puff, qualquer problema, docemente esquecido.

49

Noite. Noite funda. Noite de amor. Noite de sabor.

Na cama.

"Ei, Alex... mas você estava dormindo."

"Não."

"Sim... eu ouvi a sua respiração mais lenta... Além disso, você nem percebeu que eu me vesti..."

"Sério, você já está vestida?"

"Sim. Estou cheia de chocolate, coco e creme. Se os meus pais me pegam, o que vou dizer?"

"Que você se envolveu com um sorveteiro!"

"Cretino!"

"Espere, vou me vestir."

"Não, fique na cama."

"Não, não quero que você volte sozinha."

"Deixe, Olly me trouxe aqui, mas agora vou pegar um táxi... Adoro a idéia de deixar você aqui na cama dormindo enquanto eu vou embora..."

Alessandro pensa um pouco a respeito. Niki faz uma expressão como quem diz: vamos, confie em mim, me deixe ir.

"O.k., vou chamar um táxi pra você."

"Já chamei. Deve estar lá embaixo."

"Então espere, que vou lhe dar o dinheiro."

"Já peguei. Vinte e cinco euros devem ser suficientes... eu já disse que você dormia."

"Mas..."

"Só peguei isso. Confie em mim, eu podia ter limpado a casa! Até mesmo os cartões de crédito! E também as tigelinhas, antes que você quebrasse todas."

Em seguida vai até a janela. "O táxi chegou!" Niki corre até a cama. "Tchau." Dá-lhe um beijo rápido nos lábios.

"Hummm, bom, você está com gosto de mirtilo..."

Niki para com o dedo na boca no meio do quarto. "Mas eu não trouxe sorvete de mirtilo..." E sorri, levemente ousada, e em seguida corre apressada e por fim fecha a porta devagar. Alessandro ouve o elevador que chega ao andar. Depois, a porta que se abre. Niki que entra. Um ligeiro ondular no vazio. As portas do elevador se fecham. Parte. Começa a descer. Em seguida, Alessandro ouve o barulho do portão. Os seus passos rápidos. Uma porta que se abre. Que se fecha. O tempo de dar um endereço ao taxista. Um carro que parte na noite.

Pouco depois. Um som. O celular. Alessandro acorda. Tão pouco tempo e já adormecera... Uma mensagem. Ele lê.

"Tudo o.k. Estou em casa. Não encontrei os meus pais. O sorveteiro está salvo. Fiz economia, eu lhe devo doze euros! Mas quero um beijo para cada euro que vou devolver. Boa noite. Vou sonhar com tigelinhas azuis que voam."

Alessandro sorri e desliga o celular. Levanta-se para ir ao banheiro e depois vai até a cozinha. Nossa, aquele chocolate era tão bom... mas dá uma sede. Alessandro abre a torneira. Deixa a água escorrer. Depois pega um copo, um qualquer, e bebe. Põe de volta na pia e, quando está para voltar para o quarto de dormir, percebe que o café da manhã já está pronto sobre a mesa. Xícara, guardanapo, colherinha e também a cafeteira já está preparada. É só ligar. Elena nunca fizera isso. Depois um bilhete colado sobre a folha onde estava desenhado o tubarão. "E não diga que eu não penso em você..." E embaixo, uma pastinha, dessa vez branca. Ele a vira.

Escrito em vermelho: "O logo de Alex". Alessandro fica sem palavras. Não posso acreditar. Não tinha a coragem de perguntar se ela havia pensado nisso... E ela não só tinha pensado, mas fizera que sua amiga o produzisse e até o trouxe! Alessandro sacode a cabeça. A Niki é realmente genial. Em seguida abre a pastinha. Um logo sensacional, com caracteres flamejantes, brilha num céu azul-escuro. É feito sobre uma transparência, assim pode ser facilmente sobreposto aos dois desenhos já feitos. E depois a frase. Aquela frase. Alessandro a lê. É perfeita. Embaixo tem outro bilhete. "Espero que você goste... Eu gostei pra caramba! Bem que eu gostaria que essa frase fosse para mim. Bem, sim, exatamente como foi esta noite... fui eu, não, a sua 'LaLuna'? Ops. Desculpe... O que foi que eu disse! Certas coisas não devem ser pedidas. Boa noite." E por um instante Alessandro se dá conta. Sorri. Tem sorte. Depois observa novamente o logo. Sim, tem razão, Niki, é uma frase maravilhosa. E mais uma coisa. Não me peça desculpas.

_____50_____

A luz tênue, difusa, cai macia sobre as cortinas claras de algodão leve, arrumadas elegantemente nas janelas. A porta do banheiro se abre.

"Isto é, não posso acreditar... Não posso acreditar."

Simona, a mãe de Niki, pula sobre a cama. Roberto interrompe a leitura e olha para ela levemente incomodado.

"Você me lembra Glenn Close quando ela, cheia de cocaína, se vira na cama porque morreu o homem que ela sempre amara e quer que o marido engravide a sua melhor amiga que deseja um filho mas não encontra um homem. O reencontro. Você quer me 'congelar' dizendo algo semelhante? Ou posso continuar a ler?"

"Niki não é mais virgem."

Roberto dá um longo suspiro. "Eu sabia. Foi uma noitada excessivamente agradável para que não houvesse a ferrada final..." Apoia o livro nas pernas, aberto. "Então as opções são duas: 1) Você quer que eu pule da cama, gritando como um possesso, e depois vá ao quarto dela e arme um escândalo. Depois saio de pijama, procuro o rapaz que aprontou tudo isso e o obrigo a casar com ela; ou então 2) continuo a ler, dizendo antes a você: espero que ela esteja bem, que tenha encontrado um rapaz que a tenha feito se sentir mulher ou qualquer outra frase que permita que você acredite que estou enfrentando essa notícia com serenidade?" Roberto olha para Simone e sorri. "Então, qual você prefere?"

"Quero que seja você mesmo! Com você nunca se sabe com que homem a gente está."

"Acredito que com um homem normal. Amo a minha mulher, amo os meus filhos, amo esta casa, amo o meu trabalho. Não me sinto mais sortudo porque gostaria de me dar melhor com você... Mas eu sabia que lhe oferecendo duas opções não teria dado certo. Eu deveria ter dito o que nos dizia o professor quando éramos pequenos, na hora da prova oral: 'Fale sobre um tema de sua escolha'. Talvez assim eu tivesse alguma chance de não discutir com você."

"Quando você age dessa maneira eu não o suporto."

Roberto sacode a cabeça, coloca o marcador na página onde estava lendo e apoia o livro no criado-mudo. Em seguida vira-se e tenta abraçar a esposa, mas Simona faz cara feia. Reclama um pouco e tenta se livrar dele.

"Amor, vamos, não faça assim... Você sabe que depois você me agrada mais ainda, olha que você está se arriscando, viu?" E lhe dá um beijo leve, entre os cabelos, perdendo-se naquele perfume de xampu não muito doce.

"Pare, fique quieto...", e sorri terna e pueril, "você está me arrepiando." Mas deixa-se beijar no pescoço, no ombro, no decote. Roberto abaixa uma alça, devagar...

"Não, mas você se dá conta?"

"Do que, amor?"

"Niki... ela fez amor."

"Sim, eu me dou conta, mas também me dou conta de há quanto tempo nós não o fazemos..."

Simona se liberta do abraço terno de Roberto, afasta-se um pouco, recolocando a alça no lugar. "Pois é, veja como você é... você é assim..."

"Assim, como? Sou o de antes, aquele normal."

"Não, você é frio e cínico."

"Mas o que está dizendo, Simona! Agora está exagerando. Mas você sabe quantos maridos e pais depois de uma notícia dessas teriam culpado a esposa e mãe?"

"Sim, e de fato eu nunca teria casado com um deles."

"Sim, mas você não pode sempre se esconder atrás dessas justificativas."

"Não estou me escondendo. Eu penso isso mesmo." Simona encolhe as pernas e as abraça. Aperta os olhos. Roberto a observa e percebe. Está para chorar.

"Amor, o que é isso?"

"Estou cansada, deprimida e assustada", e uma lágrima leve lhe desce pela face.

"Mas o que você está dizendo?"

"Digo, digo... Niki irá embora, vai nos deixar. Matteo em pouco tempo será adulto e ele também não voltará mais, e eu ficarei sozinha. Você, quem sabe, se apaixonará por uma mulher mais jovem e bonita, talvez se deixe flagrar de propósito, como muitos fazem para limpar a consciência e ter uma desculpa para romper, ou então irá me contar para se sentir mais honesto..." Olha para ele, tenta sorrir um pouco e se enxuga com o dorso da mão, fungando. Mas outra lágrima desce lentamente, ouvindo interessada todas aquelas palavras, antes de cair. "Não. Você não vai ter a coragem de confessar... você vai se deixar flagrar. É melhor, não?", e começa a rir. Uma risada nervosa.

"Amor, você está fazendo um filme. Um filme feio."

"Não, às vezes é assim. Para um amor que começa, outro termina."

"Está bem, pode até ser assim, mas, enquanto estamos todos felizes por Niki, por que deve terminar justo o nosso amor? Quem sabe está terminando um outro, não? Por exemplo, o dos Carloni. Aqueles do apartamento 6. Em vez de se preocuparem com suas brigas, estão sempre xeretando os assuntos dos outros. Ao menos, caso se separe, teremos um a menos neste prédio!" E a abraça novamente e a reconquista, a aperta contra si. Beija-a e olha em seus olhos com ternura, mas intensamente, como homem. "Eu amo você, desde sempre, e amarei ainda. E se quando nos casamos eu estava apavorado, agora, que já se passaram vinte anos, posso dizê-lo. Estou feliz por ter feito aquela cena de desajeitado indo pedir aos seus pais... posso ter a mão da sua filha? Você lembra o que seu pai falou? 'E depois, como vai fazer para cozinhar para você?'."

Simona está indecisa entre rir ou continuar a olhar para ele um pouco desconfiada.

“Mas como, você não vê?" Simona toca com as mãos a pele do rosto, a estica partindo das

maçãs do rosto, macia, lentamente, a estica para trás, em direção dos ouvidos. "Vê? O tempo que passa..."

"Não", sorri Roberto, "eu vejo o tempo que será, vejo um amor que não quer morrer e vejo uma mulher maravilhosa...", e a beija mais uma vez, docemente. Beijos ternos de cumplicidade, beijos de sabor diferente, como um vinho envelhecido e por isso profundo, denso, ligeiramente aromatizado com perfumes que lembram a baunilha e a madeira, persistente, quente. Beijos que descem para onde já estão os seus dedos, no contorno da calcinha de Simona, que tem um calafrio e sorri e atira a cabeça para trás e diz: "Apague a luz...".

"Não. Quero ver você."

E então ela, rindo, puxa o lençol sobre a cabeça, se esconde por baixo e lhe dá uma pequena mordida através do pijama, terna, macia, sensual. E algo acontece. E num instante perdem a noção de todo aquele tempo e voltam a ser crianças.

_____51_____

Bom dia, mundo. Não acreditei. O professor de filosofia realmente me surpreendeu com aquele programa fora do contexto. De vez em quando ele também serve para alguma coisa. Em lugar de continuar a explicar, Popper disse: "Hoje vou fazer uma loucura".

"E o que é que faz normalmente?" disse Olly baixinho.

"Já ouviram falar de Cioran?"

"É de comer?"

"Não, Bettini, não é de comer. Émile Cioran. Um filósofo... Não, Scalzi, é inútil que se esforce em procurar no índice do livro. Não tem. Estou me concedendo uma pequena transgressão. Cioran, vou explicá-lo para vocês porque gosto dele. E, a meu ver, vai chocar vocês." E o professor sorriu. Eu não entendia.

"Sim", murmurou novamente Olly para Erica.

"Cioran nasceu em Rasinari, na Romênia, em 1911. E aos dezessete anos começou a estudar filosofia na Universidade de Bucareste..."

"Mas então é um moderno, quer dizer, atual?"

"Sim, De Luca, é do século XX. O que você pensava, que a filosofia havia para¬do duzentos anos atrás?"

E depois de todos os vários blablablás, ele falou. Disse a frase que nunca mais esquecerei.

"Um livro deve mexer nas feridas, aliás, deve alargá-las. Um livro deve ser um perigo." Cioran dizia isso.

E eu então levantei a mão.

O professor me viu. "Cavalli, o que é? Precisa ir ao banheiro?"

"Não. Queria dizer que essa frase, a meu ver, pode ser aplicada também ao amor."

Silêncio. Todos calados. Entretanto, não me pareceu ter dito algo absurdo.

"Cavalli... saiu da sua habitual letargia invernal. A primavera lhe faz bem. Fico feliz com isso. A sua associação mental é notável. Vou lhe dar um ponto a mais."

Olly se pôs a fazer gestos e a mostrar a língua e a dizer murmurando: "Ele fica feliz com isso, entendeu? Ele fica feliz!". Erica piscou um olho para mim e Diletta ergueu o polegar no estilo dos imperadores romanos com os gladiadores. Estou salva. Não serei entregue para as feras. Genial.

Obrigado, Cioran.

_____52_____

Leonardo está fechado na sala de reuniões com outros diretores. Estão olhando os dois desenhos da equipe de Alessandro: a garota no balanço e a garota no surfe.

"Não há o que fazer, Belli é sempre o melhor. Tem talento, estilo, originalidade."

Leonardo abre os braços.

"Talvez também o fato de ter colocado aquele jovem contra ele, de ter estado um pouco com o bafo no cangote o estimulou a fazer algo melhor que o de costume, não?"

"ótima estratégia..."

Leonardo continua.

"Só quero dizer isto: ontem, antes de aparecer com esses dois desenhos, estava em imersão total no meio do povo. Passou todo o dia anterior em Fregene, nas velhas barracas, entre os jovens de agora, as suas tendências, os seus sabores, os seus desejos. Nunca julgar-se inteligente e muito menos superior, Alessandro nisso é perfeito. Alimenta-se do povo, das pessoas, caminha na sombra ao lado delas. É um vampiro de emoções e sentimentos, um Drácula das tentações..."

Em seguida, olha para o relógio.

"Ele disse que hoje de manhã traria o logo. Ia trabalhar nisto a noite toda. Imagine que admitiu novas desenhistas só para fazer um let-tering que possa nos surpreender."

O presidente apoia a xícara de café.

"E, sobretudo, que surpreenda os japoneses."

Leonardo sorri. "Sim, certamente."

Bem naquele instante, toca o interfone. A voz da secretária anuncia: "Desculpe, senhor, chegou o doutor Belli".

Leonardo aperta a tecla. "Por favor, faça-o entrar." Levanta-se e vai em direção à porta. Abre-a, em seguida se dirige aos demais: "Senhores, o príncipe da periferia..."

Alessandro entra tranqüilo. "Bom dia a todos."

Com o sorriso de quem sabe um bocado, mas não quer se impor. Quer dizer, de quem pelo menos sabe de uma coisa e com certeza absoluta. Que não irá para Lugano.

"Eis o trabalho desta noite." E coloca a pastinha branca sobre a mesa, no meio da reunião. "O logo de Alex." Por sorte a barbatana do tubarão está por baixo.

Niki explicou que o tubarão é a assinatura de Olly, desenhista e especialmente a faminta "tubarão" devoradora de homens. Antes de se tornar "Onda". Mas esta é outra história. Alessandro lentamente abre a pastinha. Todos os diretores, até mesmo o presidente, um depois do outro, se erguem das poltronas. Naquele instante, o logo de Alessandro brilha com toda a sua

nitidez no meio da mesa. Aquelas mesmas palavras que Niki na noite anterior teria gostado de ouvir. Aquilo que tantas garotas gostariam de ouvir. Especialmente se elas se sentem "LaLuna" para alguém. Leonardo pega o desenho nas mãos. Sorri. Em seguida o lê em voz alta.

"Não peça 'LaLuna'... Agarre-a!"

De repente, silêncio na sala. Quase religioso. Todos se olham. Cada um gostaria de falar, mas há sempre algum temor em ser o primeiro a falar. A indecisão natural de não estar perfeitamente alinhado com a última escolha. Aquela do presidente. Só ele pode realmente se permitir essa liberdade. E o presidente se levanta. Olha para Alessandro. Em seguida olha para Leonardo. Depois olha novamente para Alessandro. E sorri. E diz aquilo que todos teriam gostado de dizer.

"É perfeito. Novo e surpreendente."

E todos explodem numa salva de palmas.

"Parabéns!" Leonardo abraça Alessandro.

Todos se levantam e vão cumprimentá-lo. Há quem lhe dá a mão, quem lhe dá um tapinha, quem lhe sorri e pisca um olho "Parabéns, ótimo, bravo!, sério."

Um dos diretores mais jovens pega os dois desenhos e o logo. Coloca a pastinha debaixo do braço e se dirige rapidamente para a saída da sala. "Vou já montar o logo nos dois desenhos, fazer uma prova de cada um e depois enviar para o Japão."

"Certo, vá logo."

Alessandro aceita aquele café que alguém lhe ofereceu.

"Obrigado."

Quando você tem sucesso, os amigos parecem muitos. Quando, ao contrário, você falha, se sobrar um único amigo é até demais. Leonardo também bebe café. Foi o diretor que o pegou para os dois.

"E agora só nos resta esperar duas semanas."

"Mas como? Não vamos enviar pela Internet?"

Leonardo lhe dá um tapinha.

"Você está sempre a fim de me gozar, hein? Príncipe da periferia. Duas semanas é o tempo que eles levam com todo o staff gerencial reunido se dedicando a não sei que pesquisa de mercado, quem sabe diferente daquela que você fez ontem para encontrar essa ótima solução..."

Alessandro sorri. "Ah, certo."

"E então só nos resta esperar."

Alessandro termina o café e depois se encaminha para a saída. Todos o cumprimentam com um sorriso, dando-lhe ainda muitas congratulações. Ele, no entanto, tem um único pensamento. Ir descansar. Festejar. E sai no corredor e quase dá saltos, e bate os pés juntos para exprimir a própria felicidade. Bem naquele instante, encontra Marcello, o seu jovem concorrente. E o cumprimenta com um sorriso e dá uma piscadinha. Depois para. Indeciso e

perplexo. Mas decide experimentar. E estende a mão para o outro.

"Até a próxima..." Alessandro permanece assim, esperando.

O que fará? Vai apertar a minha mão? Afastar-se sem dizer nada? Fazer de conta que vai dar a mão e em vez disso me dar um tapa?

Marcello aguarda um bom tempo. Ele também deve estar fazendo treinamento autógeno. Permanecer sereno e tranqüilo, tranqüilo e sereno. E consegue. Marcello sorri. Em seguida estende a mão para Alessandro e a aperta.

"Claro, até a próxima."

Alessandro o cumprimenta e se afasta mais tranqüilo. E, sobretudo, definitivamente vencedor.

Esses são os verdadeiros sucessos.

E sai. Para festejar sem perda de tempo. Casa. Tranqüilos. Algo para dizer. Algo para tomar. Uma risada. Por um instante não ter medo de nada. Desligar o celular. E perder-se sem pressa.

“Adorei pra burro esse filme, sabe, aquele que tem aquela garotinha que fez O profissional."

"Mas então é um filme para crianças."

"Mas você está se considerando um velho? E, além disso, ela agora já cresceu."

"Espere, vou ver no Google." Alessandro vai até o computador.

"Pronto, é ela. Está vendo? Natalie Portman. E o filme é Closer.."

"Deixe ver..."

Niki senta-se no colo dele e se apoia, pressionando um pouco. Ri, enquanto tenta navegar. Para a frente. Para trás. Abre outra página. Uma nova busca.

"Olhe! Tem até a trilha sonora. É linda. Espere que vou descarregar a preview.."

Alessandro olha para ela. É lindíssima, pequena boneca divertida que corre para cima e para baixo com a flechinha e com o seu entusiasmo. Fecha os olhos e respira por um instante nos seus cabelos. E o seu sorriso. E não pensar em mais nada. E isso o preocupa. Niki vira o rosto para ele.

"Mas o que foi? Está dormindo?"

"Que nada!"

"Você estava de olhos fechados. Está bem, olhe aqui... tem várias... *The blower's daughter* e *Cold water* são aquelas de Damien Rice, mas depois tem essas fantásticas, *Smack my bitch up dos Prodigy*, boa essa, hein? E ainda mais essas duas que porém eu não conheço, *How soon is now e Come closer*. Vamos ouvir essa..." Niki clica com o cursor... a canção começa."... *Come on closer. Iwanna show you what I’d like to do..."*

"Boa, hein? Aqui diz..."

"Não, não, Alex, deixe comigo. Eu sei que você fala inglês. Mas assim eu me preparo para as provas. A minha professora diz que, embora eu tenha uma boa pronúncia, não tenho boa compreensão."

Niki fecha os olhos e escuta atentamente..."You sit back now, just relax now, I’ll take care of you..." Em seguida clica novamente na tecla de reprodução e reinicia a audição.

"Espere, viu? Essa não valeu. Pronto", e ouve novamente. E dessa vez não tem dúvidas.

"Venha mais perto, quero que você veja o que eu gostaria de fazer... Sente de costas, agora relaxe, eu vou cuidar de você... tenho uma dúvida sobre aquele *back*.." Retorna um pouco

a canção. "Sim, deveria ser assim..." O *preview* continua até *"Hot temptations, sweet sensations infiltrating through, sweet sensations, hot temptations co-ming over you".*

"Por favor, por favor, deixe eu ouvir de novo só isto", e ri.

"Feito, ao menos posso dizer que estudei a lição. Pelo menos um pouco estudei."

E, enquanto o cursor vai para *repeat,* para tocar novamente o primeiro minuto daquela canção, Niki levanta e apaga as luzes. Sozinhos. Na sala. Os sofás de couro branco refletem uma leve luz de fora. Um carro passa ao longe, não se ouve a buzina, nem mesmo o barulho do motor. Niki abre a janela do terraço. Lenta respiração do vento. Em seguida se despe. Por um instante, Alessandro se preocupa que haja alguém do prédio em frente olhando. Roubando com os olhos coisas que não lhe pertencem. Mas não. Só a escuridão amiga. O vestido de Niki escorrega para o chão, leve, acariciando a pele. Cai a seus pés, humilde cortesão. Niki o ultrapassa com um passo leve, pequeno. Manteve os sapatos com sola de corda e laços ao redor dos tornozelos. Está sem sutiã. Aproxima-se, mas fica de pé diante do sofá.

"Vai me beijar?"

Alessandro se levanta e a beija levemente nos lábios.

"Espere, quero colocar uma coisa."

Encaminha-se até a estante, deixando-a sozinha por um instante. De pé, com a lua que a desenha como uma garota delgada com um perfil de creme e aquele perfume suave que vem dela.

Alessandro volta para Niki. Também está nu. Coloca os cabelos dela para trás com amor e dedicação. Niki fecha os olhos. Uma música começa. *She's the one.*

"Lembra?"

"Claro, há momentos que não podem ser esquecidos."

Ela sorri com os dentes perfeitos. Brilham na penumbra da sala. O reflexo de um peixe que salta veloz de noite nos mares do Caribe, mudando de direção de vez em quando, levando consigo nas profundezas a lua e o seu reflexo.

"Por um instante pensei que você já o tivesse colocado..."

"O quê?"

"Como o quê?, o preservativo."

"Não pensei nisso..." E a traz para perto, acaricia seu seio, a abraça, a beija. "Hummm, bom, tem um gosto bom..."

"Vai me agarrar, homem? Quer me possuir?"

"Ainda não... mas estou pensando nisso." Niki sorri e agora o beija com paixão.

E diverte-se. Sim. Um beijo divertido, com a língua, um beijo com gosto de amor e de brincadeira. Um beijo repleto de bons sabores e de vontade e de mar aberto e de muito mais ainda. Uma língua que tem sonhos para contar. E deitam no sofá. Niki passou creme nas pernas e tantos perfumes suaves que parece um prado florido, misterioso, escondido além de um

bosque, a ser descoberto.

"Você parece uma gazelinha que corre e depois tropeça e cai entre as flores e se levanta e traz consigo folhas e pétalas e camomila e margaridas e violetas selvagens e rosas matizadas e ervas de vários aromas..."

Niki sorri. "Mas o que está dizendo?"

"Digo, digo..."

"Mas por que você está me dizendo todas essas bobagens, você quer me impressionar? Olhe, talvez você não lembre, mas já fizemos amor..."

"Como você é bobinha, eu digo porque às vezes é tão bonito ser bobo..." E a beija novamente. Pois é, quando você se apaixona é bonito ser bobo... Mas o problema é que você não percebe, você não se dá conta... Mas você está se apaixonando. Alex? Ele pergunta a si mesmo. E sente-se ainda mais bobo. Poderia até enrubescer. Mas a penumbra sempre o salva, o mantém no escuro, o deixa sonhar, o deixa bobo.

"Você não está representando, hein? Às vezes me dá a impressão de que faz coisas estudadas... não é legal. Parece estar numa de suas publicidades." Niki se afasta.

"Devo dizer a verdade... eu tinha esquecido completamente que já fizemos amor."

"Bobo."

Niki lhe dá um tapinha nas costas e, em seguida, doce, deixa-se beijar novamente. Alessandro percebe o desejo crescer. Coloca a mão no peito da jovem e empurra-a docemente, e ela se deixa cair estendida no sofá. E suspira enquanto ele tira-lhe a calcinha. A pele por baixo de seu corpo é fresca. Alessandro olha para ela. É .indíssima. E tem dezessete anos. Quatro a mais do que a filha de Pietro. Mas que culpa tenho eu? Culpa de Pietro que fez filhos muito cedo. É por isso que ainda necessita de liberdade... Alguém falou que existe tempo para tudo... Mas e agora? De que tempo estou falando? O que mais ainda tenho que esperar? E uma onda repentina. E fome. E desejo. E não compreendo mais nada e ela me despe e eu deixo. E olho para fora da janela e sinto outros aromas e o vizinho está com as luzes apagadas e desta vez é ela a me empurrar e o faz com doçura e sorri e abre as minhas pernas e deita-se em cima de mim. E é ativa. Mais ativa. Ai, ai. E sorri. E é ativíssima. E é linda. E é inocente. E me deixo ir. E fecho os olhos.

E se agora entrasse Elena? Elena tem as chaves de casa. Poderia. Preciso trocar a fechadura. Mas não. Que entre. Foi ela que decidiu ir embora. Sim, que entre. Aliás, tomara que entre. E trago Niki para perto e sorrio. E nos beijamos com vontade. E já sabe um pouco de mim. E decido fazer amor.

"Ei", ela me olha preocupada, "mas você não colocou nada de verdade... cuidado, hein?"

"Quem sabe. Foi você quem disse. Não se deve sempre representar." Ela sacode a cabeça e depois me beija.

"Você me deixa louca."

"Você também."

Em seguida um flash. Oh, não, devo realmente trocar a fechadura.

Minha mãe também tem uma cópia da chave.

_____54_____

Duas semanas às vezes passam depressa. Às vezes parecem não passar nunca. Essa é uma dessas vezes. Mas para Alessandro é agradável preencher aquele tempo não mais livre, não mais perdido, não mais tomado. Aquele tempo "obrigado" no aguardo de um veredicto... japonês. E jantares nos lugares mais diferentes. E descobrir Niki a cada dia. O sabor daquela garota dos jasmins, sempre diferente, doce, amargo, com sabor de mel, de mirtilo... de chocolate. Com nuanças belas como o mais caprichoso pôr do sol. Ora menina. Ora adolescente. Ora mulher. E novamente menina. E às vezes sentir-se culpado. Outras, tão feliz de dar medo.

Mas medo de quê? De se apaixonar demais? Que possa terminar? Que tudo mude, a idade, o trabalho, a vida realizada até agora, que mude tanto que não consiga agüentar? Mas, por que não com Elena?

Sintonia total, mil coisas feitas juntos, as mesmas experiências, o mesmo estilo de vida. Sim. Éramos perfeitos. Tão perfeitos até nisto: uma falência perfeita. Não. Falta pouco agora para a resposta do Japão. E quero gozar até o fim. Felicidade leve. Sem pensamentos. Assim como chega, assim como vai. Sim, quero ficar nesta onda. Maré alta. Como Enrico havia interpretado aquele trecho?

Ah, sim. "Você está dentro de mim como a maré alta." É o medo das profundezas daquilo que você cria e não sabe governar. "O imenso medo de que você não seja minha." Grande, Enrico. Tony Costa ainda não deu sinal de vida. Mas como é que essa investigação está tão demorada? O dinheiro é o mesmo, não é que vai ganhar mais se ficar protelando. Eu o chamei hoje e ele disse que nos falamos no fim do mês. Espero que não haja problemas. De repente, a voz de Niki.

"Paixão? Mas o que você está fazendo? Ainda na banheira? Mas está louco? Eu estou indo para o jogo, mas você não lembra que hoje temos a final de vôlei?"

"Temos?"

"Bem. É uma forma de dizer... Eu e as minhas amigas! Mas você lembrou ou não?"

"Claro que sim."

"Não, você não lembrou!"

"Que nada! Estou me embelezando para você... e para as suas amigas."

Alessandro se levanta de repente da banheira. E assim, mesmo todo ensaboado, vê-se do mesmo jeito o seu desejo por ela.

"Cretino!", ri Niki e atira nele uma toalha. "Vou dar uma cortada aí e vai ver o que acontece..."
"Ai, ai!"

Niki olha para ele. Agora está com o olhar malicioso.

"Escute, por que a gente não conversa sobre isso depois do jogo?"

"Alguns assuntos deveriam ser resolvidos logo..." Todo molhado, ele tenta pegá-la.

Niki foge.

"Alex, mas o que está acontecendo, é a final! Quando você faz assim, parece uma criancinha... vamos. Eu fiquei com você porque me fez acreditar que era um homem!"

"Recuso completamente o meu papel paterno, o complexo de Édipo, a busca do pai, etc, etc."

"Mas você está por fora, pai eu já tenho e nem pensaria em procurar um em você. Aliás, é bom esperar que ele não procure você. Eu estou indo, o.k.?, vou de moto. Espero que você me alcance!"

Niki sai rápido do banheiro. Alessandro grita para ela de longe. "Claro que vou alcançá-la, mas é a final de qual dos muitos esportes que você faz?"

"Idiota!"

Alessandro abre o chuveiro. Idiota? Era o que faltava... e começa a se arrumar depressa. E pouco a pouco, enquanto se está juntos, tudo fica normal. E daquele amor "que torna extraordinárias as pessoas comuns" a gente acaba por esquecer. Rapidamente. Às vezes rápido demais. Entretanto, Elena ainda está presente. E enquanto se enxágua, enquanto um jato de água tira um pouco de sabão, alguma coisa retorna. Diretamente do passado. Aquele dia.

Por um instante, pensou desesperado em um assalto. Então se pôs a correr esbaforido para casa. Não, o *notebook* não foi roubado. Nem a televisão. O DVD ainda está ali. Continua percorrendo todos os cômodos. Armários vazios, cabides caídos, roupas no chão. Por que será que não roubaram nada de valor? Olhou sobre o criado-mudo. E viu. Um envelope. Aproximou-se. "Para Alex." Então abriu a carta. E leu depressa, sem poder acreditar naquelas palavras, nas frases sem adjetivos, essenciais, pobres, míseras. Sem uma razão, um como, um quando, um onde. E depois aquela última linha.

"Respeite a minha escolha como eu sempre respeitei as suas. Elena."

Então ali compreendeu. Eis o que me roubaram. O amor. O meu amor. Aquele que eu havia construído dia após dia, com paciência, com vontade, com esforço. E Elena o roubou. Ela o pegou e levou embora, saindo da porta principal de uma casa que havíamos montado juntos. Quatro anos de pequenos detalhes, a escolha das cortinas, a decoração dos quartos, os quadros colocados com a luz que acompanhava o nascer do sol. Puff. Num instante, aquela diversão, aquelas pequenas discussões sobre como organizar a casa, desaparecidas. Tudo se foi. Roubaram-me o amor e nem posso abrir uma denúncia. Então, Alessandro saiu de noite, sem coragem de chamar um amigo, alguém, de ir encontrar os seus pais, as pessoas queridas, sua mãe, seu pai, as suas irmãs. Qualquer pessoa a quem poderia dizer: "Elena me deixou". Nada. Não conseguiu. Reencontrou-se passeando perdido naquela Roma de tantos filmes e diretores amados, Rossellini, Visconti, Fellini. As histórias deles naquelas ruas, em meio àqueles relances. E agora Roma perdeu as suas cores. Está em branco e preto. Um cartaz simples, como um de seus primeiros trabalhos. Tinha apenas ingressado na agência. Lembra-se como se fosse ontem. Era todo em branco e preto e no final aparecia o produto. Um pequeno iogurte que restabelecia a cor em toda a cidade.

E agora?

Agora quem deveria aparecer no último enquadramento?

Ela. Só ela. Piazza delia Repubblica. Elena está sentada na beirada da fonte. Volta-se.

Primeiro plano no sorriso. Então toda a cidade readquire as cores. Em relevo surgem os dize-res: "Meu amor, voltei". Mas esse filme não está passando em nenhum cinema. E naquela praça não há ninguém, a não ser dois estrangeiros sentados na beirada da fonte. Observam um mapa da cidade. Eles o reviram nas mãos procurando a orientação correta. Talvez estejam perdidos. Mas riem. Porque ainda estão ali. Eles talvez não se percam. Alessandro continua caminhando. A coisa mais triste é que amanhã tenho de ir a uma reunião importante com uns japoneses. Em Capri. Eu gostaria de ligar para o escritório e dizer: "Não vou, estou passando mal. Parem o mundo, quero descer".

Mas não. Sempre foi um cumpridor do seu dever. Não posso deixar de ir. Acreditaram em mim. Não quero decepcionar ninguém. Só que eu também havia acreditado em Elena. E Elena me decepcionou. Por quê? Eu acreditava nela. Eu acreditava. E assim subiu no trem, procurou o seu assento e esperou meia hora antes que o trem partisse. Em seguida sentou-se diante dele uma senhora bonita, de uns cinqüenta anos. Tinha uma aliança no dedo e passou todo o tempo ao celular com o marido. Alessandra, sem querer, ouviu aquele telefonema. Doce, sensual, divertido. Eu também havia pedido Elena em casamento. Nós também poderíamos passar os nossos dias longe, cada um com o seu trabalho, mas sempre unidos, próximos, e de vez em quando nos chamarmos ao telefone para um alô, um beijo, uma brincadeira, como essa senhora aqui, na minha frente, com o seu marido. Diríamos palavras de amor que ultrapassam o tempo, para sempre, rindo nós também como eles fazem. No entanto não. Tudo isto não é mais possível. E Alessandro começa a chorar. Em silêncio. Devagar. E coloca os óculos de sol, um ray-ban escuro que possa esconder a sua dor. Mas as lágrimas, quando descem, são como crianças na praia.

Cedo ou tarde pulam na água. Alessandro então levanta os óculos e aquelas lágrimas descem livres e todas juntas. E a sua face se molha e os lábios têm sabor de sal. Um pouco envergo¬nhado, tenta secar-se com o dorso da mão. A senhora percebe e por fim, um pouco embaraçada, desliga o celular. Em seguida, gentil e generosa, vira-se para ele.

"O que aconteceu, teve alguma má notícia? Sinto muito..."

"Não... é que eu me separei..."

E Alessandro só consegue dizer para ela, uma mulher desconhecida.

"Desculpe, viu..." Começa a rir, continuando a enxugar o rosto, fungando.

A senhora sorri e lhe oferece um lenço de papel.

"Obrigado." Alessandro assoa o nariz e funga mais um pouco. Em seguida sorri. "É que ouvi-la tão alegre, antes, ao telefone com o seu marido, quem sabe depois de tanto tempo que estão juntos..."

A senhora sorri. "Não era o meu marido."

"Ah." Alessandro olha para as mãos dela, vê a aliança.

A senhora percebe. "Sim, eu sei. Era o meu amante."

"Ah... me desculpe."

"Não. Nada."

Permanecem em silêncio, assim, pelo resto da viagem. Até Nápoles. Chegando à estação, a senhora se despede.

"Até logo e boa sorte..." Sorri.

Depois desce. Alessandro pega a sua bagagem e desce também. Segue-a com o olhar e, depois de poucos passos, a vê abraçar um homem. Ele a beija nos lábios e tira o carrinho de suas mãos. Caminham ao longo da plataforma. Depois ele para, deixa o carrinho e a levanta no ar, para o céu, abraçando-a forte. Alessandro olha bem. Aquele homem usa aliança. Deve ser o marido. Claro que também poderia ser o amante, casado. Mas às vezes as coisas são mais simples do que as imaginamos. Continuam a caminhar em direção ao ponto de táxi. Ela se volta, cumprimenta-o de longe e depois abraça novamente o marido. Alessandro retribui o sorriso. Em seguida, tranqüilo, espera também pelo seu táxi. Aperta os dentes. Continua a viagem. O hidrofólio o leva para Capri.

Mas Alessandro nem vê o mar. É azul, é limpo, é plano. Mas está além daquelas janelinhas sujas de salmoura e salpicos, e especialmente cinza como o seu coração. Depois em via Camerelle, na reunião com os japoneses. E um longo suspiro. E de repente alguma coisa muda. E aquela dor se transforma um pouco. Por intermédio do intérprete os diverte, os encanta, os tranqüiliza, conta algumas anedotas italianas. Cobre a boca com a mão quando ri. Informou-se sobre esse costume deles. Os japoneses consideram falta de educação mostrar os dentes aos outros. Alessandro é preciso. Perfeccionista. Preparado. Todo com p, quase de perfeito. Mas uma coisa é certa. No trabalho, ele não vai decepcionar. Começa a falar do projeto para o produto deles. Surgiu assim, de repente.

Mas quando os japoneses o ouvem se entusiasmam, enlouquecem e por fim lhe dão grandes tapas nos ombros. E até o tradutor está contente, diz que estão dirigindo muitas congratulações a ele, que teve uma grande idéia, genial. E Alessandro inflinge o golpe final quando, depois de se despedir, oferece-lhes o seu cartão de visita, segurando-o com as duas mãos, exatamente como se faz no Japão. E eles sorriem. Conquistados. Assim, Alessandro pode voltar. Concluiu a sua tarefa, não decepcionou ninguém. Pelo contrário. Fez mais. Apresentou uma idéia nova, uma idéia que agradou. Simples. Uma idéia que fez sorrir.

Exatamente como aquela vida que ele gostaria de ter agora.

Enquadramento fixo numa paisagem. Um trem passa rápido. Interior. Uma mulher está sentada em seu lugar e chora. Zoom para um dose. A mulher continua chorando. Lentamente, durante um bom tempo, sob os olhares dos outros viajantes que se entreolham e não sabem bem o que fazer. O trem para, os passageiros descem. Cada um abraça uma pessoa. Todos tinham alguém que os esperava. Só a mulher do choro não tinha ninguém à sua espera. De repente, porém, sorri. Aproxima-se do carro. O novo produto dos japoneses. E com ele parte. Agora é uma mulher feliz. Reencontrou naquele carro o seu amor.

"Um amor que não trai. Um motor que não falha."

Quando Leonardo, o seu diretor, a ouviu, a achou uma idéia fantástica.

"Você é um gênio, Alessandro, um gênio. Um vulcão de criatividade. E assim, com uma história tão simples, uma chamada de efeito. Uma mulher que chora num trem. Fantástico. Um pouco de *Lelouch*, de *A escolha de Sofia*, nós não sabemos por que chora, sabemos só no final por que ri. Grande. Você é grande. E pensar que eles queriam que o personagem fosse um homem. Um homem. Mas você tem razão, não seria verossímil, onde já se viu um homem que chora? Num trem, então..."

"Sim, claro. Onde se viu..."

Alessandro sai do chuveiro e se enxuga rapidamente. Em seguida, começa a se vestir.

Sabe qual é o problema desta vida?

É que não se tem tempo nem para a dor.

_____55_____

A bola é levantada. Duas jogadoras fingem ir até a rede. E Niki conta bem os passos. Um, dois e salta. Mas, do outro lado, duas adversárias já entenderam a jogada e fazem bloqueio. A bola cortada por Niki ricocheteia, escorrega e cai no campo dela.

"Fiiiii."

O juiz apita e estende o braço para a esquerda. Ponto para as adversárias.

"Nãooo!" Pierangeli, o treinador, se desespera, tira o boné da cabeça e bate com ele na mesa ao lado.

Certamente agora ele não está distraído pelas curvas de suas jogadoras. Só chateado com essas falhas. As adversárias vão para o saque. Bem naquele instante, a pequena porta no fundo do ginásio se abre. E num blazer perfeito, calças azul-escuras com pregas e uma camisa de listras celeste, azul e branca, ainda com o aroma do chuveiro, eis que chega Alessandro. Sorri. Ele segura alguma coisa na mão. Niki o vê e também sorri. Depois faz um pequeno muxoxo como para dizer: até que enfim chegou!

A partir daquele instante, é como se um incrível amuleto tivesse ido parar no bolso do treinador. Aquele time não pode perder. E saques e bloqueios e bolas levantadas e ainda cortadas e cortadas e cortadas. E um incrível jogo de equipe. E no fim... ponto!

"Vence por vinte e cinco a dezesseis o Mamiani!"

As jogadoras gritam e se abraçam e saltam todas juntas, cada uma apoiada com os braços nos ombros da outra. Mas, no fim, Niki passa por baixo, solta-se e foge. E corre como uma louca, ainda excitada e toda molhada de suor, e salta em cima dele, enroscando suas longas pernas ao redor dos quadris de Alessandro, tão elegantemente vestido.

"Vencemos!" e o beija demoradamente, ela docemente salgada.

"Eu não tinha dúvidas. Olhe, isto é para você." Alessandro lhe entrega um pacote.

Segure assim, na vertical."

"O que é?"

"É para você... ou melhor, para ela."

Alessandro sorri, enquanto Niki abre rapidamente o presente.

"Não... linda demais... uma planta de jasmim..."

"Não era possível que você não tivesse algo seu... garota do jasmim..."

E continuam assim, beijam-se sem se dar conta de nada, das pessoas que desfilam ao lado, vencedores e vencidos de uma final importante, mas no fundo não tão importante...

Em seguida, Alessandro não agüenta mais segurá-la e caem entre as cadeiras da

arquibancada.

E não se machucam.

E riem.

E continuam a se beijar.

Não há nada a fazer.

Às vezes, o amor vence mesmo tudo.

_____56_____

Um pouco mais tarde. Casa de Alessandro. Depois que recomeçou o discurso do chuveiro, da espuma... quer dizer, depois. Niki sai do banho com a toalha enrolada na cabeça, ainda quente de vapor e não só disso, com as faces coradas e um ar lânguido de depois do amor.

"Alex, mas o que é isso?"

Mostra um papel com uma planta da sala, com os móveis, poltronas e mesinhas. Alessandro olha para ele.

"Ah, isso..."

Na realidade, ele lembra perfeitamente. Como pode esquecer? A discussão de Elena com o vendedor, o desconto que ele não queria dar e depois todos aqueles outros telefonemas, as discussões sobre o atraso da entrega daquele monte de móveis caríssimos e enormes. Estão todos desenhados ali, naquela planta. E, sobretudo, até hoje, ainda não chegaram.

"Bem... esse... Esse é o desenho da sala..."

"Mas esses móveis já estavam aqui antes?"

"Não. Mas vão estar depois..."

"O quê? Eu não acredito! Mas são horríveis! Deixam tudo pesado."

Alessandro não acredita. É a mesma coisa que ele tinha dito para Elena.

"Quer dizer, a casa é sua, faça como quiser, viu..."

E isto é exatamente o contrário daquilo que Elena havia dito então. Alessandro sorri.

"Você tem razão... é uma pena."

"É uma pena? Mas você já pagou por eles?"

"Não. Tenho que pagar na entrega."

"Que devia ter ocorrido..." Niki olha para o papel, "há quatro meses? Mas você pode cancelar tudo e ainda pedir de volta o sinal, quem sabe você ainda pode pedi-lo em dobro por danos. Ligue já! Vamos, me dê o número..."

Niki pega voando o bonito telefone sem fio em cima da única mesinha da sala espaçosa e tecla o número da loja de decoração, anotado à mão no canto da planta. Espera que toque e, quando atendem, passa-o para Alessandro.

"Fale, fale..."

"Casa Estilo Arredo, pois não?"

Alessandro olha os papéis do pedido e vê sublinhado um nome: Sérgio, o vendedor que negociou.

"Hummm, sim, alô, queria falar com Sérgio. Sou Alessandro Belli... Da rua..."

"Ah, sim, sou eu, claro que eu lembro. Mil desculpas, os seus móveis ainda não chegaram porque houve um problema lá no Veneto. Mas estão para ser entregues. E chegarão seguramente até o fim do mês..."

"Desculpe, Sérgio, mas eu não quero mais."

"Mas como, se a sua senhora... discutimos um dia inteiro... no fim ela me obrigou até a conceder um desconto, o que é proibido pelos donos. Tive de discutir até com eles..."

"Então, pode tranquilizá-los. Não precisa fazer nenhum desconto. O prazo venceu. Mas não vou processar. Só quero de volta o sinal que eu paguei. Obrigado e até logo", e desliga sem dar tempo ao outro de responder.

"Isso eu aprendi com você", sorri para Niki.

E em seguida respira. Relaxado, satisfeito, um suspiro e um sabor de liberdade nunca antes experimentado. Niki olha para ele. Depois olha para a sala.

"É melhor assim, não é?"

"Melhoríssimo."

"Não se fala melhoríssimo."

"Nesse caso sim, e, além disso, a sua Bernardi não está ouvindo."

Alessandro a atrai para si e a abraça.

"Obrigado."

“De quê?”

"Um dia vou lhe explicar"

"Como quiser."

Abraçam-se. Beijam-se. Depois Niki se levanta.

"Olha, se quiser, um desses dias eu vou com você até o centro, quando quiser comprar os móveis novos."

Vai em direção ao banheiro para se vestir.

"Mas coisas leves, viu? E só se você quiser. Senão vá sozinho, era só o que faltava."

Niki entra no banheiro, mas sai logo em seguida.

"De qualquer maneira, tendo em vista o que você estava para aprontar... eu me levaria, se fosse você!" Depois o observa séria uma última vez. "E, de qualquer maneira, a casa é sua, não?"

"Claro."

"Então, caso devesse acontecer novamente... apesar de que eu espero que não... lembre-a..." E desaparece definitivamente dentro do banheiro.

Alessandro surge na porta.

"Não vai acontecer."

"Certeza?"

"Sim, tenho certeza..."

"Como do fato de que você nunca se envolveria com uma menor de idade?"

Alessandro sorri.

"Bem, esse era o meu sonho."

"Sim, claro", Niki veste uma camiseta, "porque ajuda você a dar um mergulho no passado!"

"Bem, me faz dar vários tipos de mergulhos! Vamos, mexa-se que vamos comer alguma coisa fora."

Niki veste as calças e o olha.

"Ah, ah... olhe que não é a idade que faz a mulher. Saía da frente" e o empurra para o lado, "quero mesmo ver o que você tem na cozinha. Hoje à noite jantamos em casa."

Alessandro fica surpreso. Alegremente surpreso.

Volta para a sala e coloca um CD. *Save room*, John Legend. Estica-se na espreguiçadeira. Aumenta um pouco o volume com o controle. Fecha os olhos. Que beleza ter uma garota assim. Ah, se ela fosse só um pouco mais velha... um pouco. Não digo muito, uns três ou quatro anos, pelo menos ultrapassar os vinte. Se ao menos tivesse concluído a escola. Tempo. Tempo ao tempo. Diabos, é certo que me ajudou muito no trabalho... E além disso quando estamos sozinhos... Da cozinha chega a voz de Niki.

"Massa estreita ou larga?"

Alessandro sorri.
"O que tem a ver, depende com quê, não?... está bem, estreita."

"0.k.!"

Alessandro relaxa novamente. Solta-se mais ainda. Música suave. Mais suave...

"Alex?"

"Sim."

"Está pronto... mas você adormeceu? Mas você é incrível! Doze minutos. O tempo de cozimento."

"Eu não dormia, sonhava com você", entra na cozinha, "e aquilo que você pode ter preparado. Hummm, o perfume não é nada mau. Parece bom. Agora vamos ver."

"O quê?"

"Se você é uma cozinheira habilidosa ou uma trapaceira habilidosa."

Alessandro senta-se à mesa. Observa que num pequeno copo de vodca há uma florzinha recém-colhida do terraço. Duas velas acesas ao lado da janela deixam ^LZ acolhedora a atmosfera. Alessandro experimenta um *rigatone*, curioso. Fecha os olhos. Perde-se naquele sabor delicado, verdadeiro, completo. Quer dizer, realmente bom.

"Ei, mas está fantástica. O que é?"

"Eu a chamo de carbonara do campo. É uma invenção minha, mas necessita ser aperfeiçoada."

"Como é?"

"Na sua geladeira faltavam alguns ingredientes básicos."

"Para mim parece um sonho, do jeito que está."

"Porque você ainda não a experimentou perfeita. Faltam as cenourinhas cortadas em fatias finas e um pouco de casca de limão..."

"Tudo isso? Bem, encontrar uma garota bonita, além de não ser excessivamente madura, que sabe cozinhar assim, é um sonho."

"É isso que você estava fazendo antes?"

"Não, mais. Não seria capaz de sonhar tanto."

"De qualquer maneira, tranquilize-se, Alex... eu só sei fazer dois pratos. Portanto, quando tiver experimentado também o segundo, vamos recomeçar..."

Alessandro sorri e continua a comer aquela estranha carbonara do campo. Elena nunca fez algo semelhante. Sim, claro, talvez alguma salada fria, com sabores exóticos, framboesa ou frutas silvestres, pistache torrado ou romã... E depois algum prato famoso francês e caro. Também... Também o dinheiro não era dela. Mas nunca algo cozido. Nunca o sabor da cozinha, do vapor, do refogado na panela, da massa solta com molho. Daquele cozinhar que tem tanto de amor.

Niki abre uma garrafa de vinho. "A minha carbonara do campo combina com o vinho branco. Está bem para você?"

"Ótimo."

"Gelei um pouco no freezer."

Alessandro toca a garrafa. "Mas já gelou!"

"É só passar a garrafa debaixo da água antes de colocar no freezer e pronto."

"Você sabe tudo, hein?"

"Eu vi meu pai fazendo."

"Parabéns... que mais você aprendeu com o seu pai?"

Niki serve o vinho para ele.

"Como não me deixar enrolar em certas ocasiões."

Em seguida serve-se também. Levanta a taça. Alessandro limpa a boca e pega a sua taça. Tocam as taças levemente num brinde. Um som de cristal veneziano enche o ar, invade a cozinha.

Niki sorri. "Só acho que aquela lição não entendi bem." Bebe e olha intensamente para ele. "Mas estou contente..."

E continuam a comer assim, tagarelando tranqüilamente. Uma salada é temperada. Cenas da vida passada, de filmes complicados, de filmes de autor, de medos. Um pêssego é descascado.

"E imagine que, quando eu tinha quinze anos e estava nos Estados Unidos, fui com meus amigos ver a Madonna. Tinha uns vinte anos, era gordinha e desconhecida."

"Eu a vi o ano passado no Olímpico com Olly e Diletta... Erica não veio porque Giorgio fez uma confusão com as entradas... Agora é uma quarentena magra e famosa..."

E ainda fragmentos da vida passada, sobretudo passados longe um do outro. Lentamente. Um depois do outro. Partes de um quebra-cabeça colorido, divertido, às vezes dolorido, difícil de relatar. E como peças azeitadas encaixam-se emoções, pequenas verdades, alguma mentira leve, algo que não somos capazes de contar nem a nós mesmos.

Niki se levanta e começa a lavar os pratos. Alessandro não deixa.
"Amanhã vem a faxineira, pode deixar... Vamos para a sala. Quem sabe assistimos a um belo DVD."

Naquele instante, toca o interfone. Niki se atira no sofá.

"A faxineira chegou antes?"

Alessandro vai em direção à porta.

"Realmente não sei quem possa ser."

Mas uma idéia ele tem. Elena. E está aterrorizado. Nunca gostaria de se encontrar numa situação dessas. Mas como essa qual, Alex? Você não lhe deve absolutamente nada. Bem. Ao menos não subiu com as chaves. Quem sabe pensou que, depois de três meses, você poderia ter arranjado alguém, não?

"Sim, quem é?"

"Alex, somos nós, Enrico e Pietro."

"O que aconteceu?"

"Algo muito importante. Podemos subir?"

"Claro." Alessandro abre o portão.

"Quem é?", pergunta Niki, pulando de um canal para outro.

"Dois amigos."

"A essa hora?"

"Pois é." Alessandro olha para o relógio. "São nove e meia."

"E... passam tão cedo? Nem na escola!"

Tocam a campainha. Alessandro vai abrir.

"Ora, salve, garoto" Pietro o abraça, depois assobia e tenta tocá-lo lá embaixo. "O que você está aprontando com o monstro?!"

"Pare com isso e fique calado!" Alessandro se compõe. Em seguida, fala bem baixinho. "Não estou sozinho... Venham, vou apresentá-los."

Os dois o seguem. Pietro olha para Enrico. "Mas será?..."

"Não. Não pode ser. Depois do que nos aconteceu..."

"Você ainda não entendeu, hein? As mulheres são um discurso sem razões e você, no entanto, quer encontrar uma por força."
"Tudo o que você quiser, mas não pode ser ela."

Alessandro entra na sala, seguido pelos dois amigos.

"Quero lhes apresentar a Niki."

De detrás do sofá, lentamente, com os pés descalços sobre as almofadas, aparece Niki.

"Oi! Querem comer alguma coisa? Fiz um pouco de macarrão..."

Ultrapassa o sofá com um salto.

"Um pouco de vinho? Uma Coca? Um rum? Enfim, o que tiver?"

Enrico olha para Pietro. Dá uma risadinha satisfeita como para dizer: "Viu? Não é ela"

E depois lhe diz baixinho "Não conseguiu".

"Do que vocês estão falando?"

Alessandro se aproxima curioso. Mas, bem naquele momento, toca o celular de Niki. Ela pula novamente o sofá e alcança a bolsa apoiada numa cadeira.

"Alô, sim..."

"Oi, Niki, é mamãe. Você está com a Olly?"

"Não. Estou com outras pessoas."

"Na verdade, ela ligou procurando você."

"Mas eu disse a ela que ia sair com outras pessoas. É que Olly é sempre ciumenta."

"Você está sozinha com alguém?"

"Nãooo. Garanto, tem muita gente."

"Não acredito."

"Vamos, mamãe, eu fico envergonhada..."

Niki compreende que não vai dar certo. Tampa o microfone.

"Desculpem, mas a minha mãe é um pouco paranóica. Vocês podem fazer um pouco de bagunça todos juntos? Assim para ela ver que somos muitos?"

Pietro sorri. "Claro, como não?"

Niki só tem tempo de destampar o microfone e imediatamente Pietro, Alessandro e Enrico começam a fazer bagunça.
"E então, o que fazemos? Vamos pegar os outros?"

"Sim, tem festa na casa da minha amiga Ilaria, quer dizer, na do Alessandro!"

Niki faz sinal que assim está bem. Em seguida se afasta um pouco e continua a falar com a mãe.

"Então? Está satisfeita? Viu quanta gente tem? Você me obriga a fazer um papel de idiota. Mas quando é que você vai ter um pouco de confiança em mim? Talvez quando eu crescer e tiver cinqüenta anos?"

"É que acontecem tantas coisas por aí... Niki, é o mundo ao redor que não é confiável..."

"Você deve ficar tranqüila, mamãe, estou bem e logo volto para casa."

"Imagine que o seu pai está convencido de que você está com um namorado novo que pertence a outro ambiente..."

"Bem, tranquilize-o. Estou caçando entre os de sempre!"

"Niki..."

"Sim, mamãe?"

"Eu lhe quero muito bem."

"Eu também e não quero que se preocupe."

Desliga o celular. Observa-o por um instante. Um pensamento doce, apesar de tudo. Por um lado, a idéia de ter se safado. Por outro, o prazer de saber que ela se preocupa tanto. Sorri para si mesma e volta para a sala.

"Obrigada, viu... Vocês foram muito gentis!"

Pietro sorri e estende os braços. "Imagine!"

"Mas claro, não foi nada", acompanha Enrico.

"Certeza que não querem tomar nada?"

"Não, não, sério."

"O.k., então, já que não tem nada na TV e também o satélite está fraco, vou dar um pulo até a Blockbuster da esquina e pegar um DVD. Só fecha às onze horas mesmo. Alex, alguma preferência?"

"O que você quiser."

"O.k. Querem que eu traga sorvete?"

"Não, não, pode deixar." Pietro toca a barriga. "Como pode ver, não é conveniente."

"Estamos de regime..."

"O.k., até daqui a pouco então." Niki sai, fechando a porta atrás de si.

Pietro agarra logo os próprios cabelos com as mãos.

"Sorvete?! Droga, que sorvete o quê! Eu teria dito: traga logo uma de suas amigas, qualquer uma, desde que seja como você!"

"Mas quantos anos ela tem?", pergunta Enrico.

Alessandro serve-se de bebida. "É jovem."

Pietro se aproxima e pega também um copo.

"Mas, Enrico, o que importa que idade ela tem, é uma superxota!"

"Pietro!"

"É até melhor que as russas, que as duas juntas!"

Serve-se ele também de bebida. E toma o uísque, de um gole só. Em seguida, excitado como louco: "Por favor, por favor, diga mesmo assim, eu sei que não é importante... mas qual a idade dessa Niki?"

"Dezessete."

Pietro se deixa cair no sofá. "Meu Deus, estou me sentindo mal... Que rabo, que rabo!"
"Mas quem?"

"Ela, você, não sei... estou sem palavras!"

Em seguida se levanta de um salto. "Alex!"

"Sim."

"Mas com uma de dezessete anos não dá cadeia, não é?"

"Só com dezesseis."

"Ah, sim. Então eu até gosto mais, estou gozando só com a idéia."

"Pietro, você sabe que é doente, não?"

"Nunca disse o contrário. Atacou o meu cérebro desde pequeno. Aliás, desde que eu nasci. Por outro lado, foi a primeira coisa que vi e nunca mais consegui esquecê-la..."

Enrico lhe dá um empurrão. Em seguida, ele também fica curioso. "Mas como você a conheceu? É uma modelo da agência?"

"Que nada. Tivemos um acidente."

Pietro sacode a cabeça.

"Duplo rabo. É por isso que não o vemos mais por aí. Os jantares, as festas, na outra noite festejando os quarenta de Simone... Agora sei onde você andou perdido."

"Não, talvez eu tenha me reencontrado. Sabem de uma coisa? Nunca estive tão bem."

"Bem, acredito..." Pietro o aponta. "E quem está melhor do que você? Sorte que inventaram o Viagra. Vai ver que ela até acredita que você é assim mesmo. Normalmente..."

"Mas como você é idiota. Em primeiro lugar, eu não tomo e não preciso de Viagra... Estou falando de outras coisas. É uma sensação completamente nova. Me sinto eu mesmo. Melhor dizendo. Talvez eu seja eu mesmo pela primeira vez na minha vida. Talvez só tenha me sentido assim quando tinha dezoito anos, com a pri¬meira namorada."

Pietro se levanta do sofá. "Bem, Enrico, vamos embora, vamos deixá-lo nesse seu paraíso... se bem que eu não acredito que não tome Viagra."

"De novo?"

Pietro olha para ele.
"Mas, escute aqui... não é que vocês são simplesmente amigos e só, quer dizer..." e imita com o polegar e o indicador uma estranha pistola que faz girar no vazio como quem diz "... Não é que não fazem nada, certo?"

Alessandro o agarra e começa a empurrá-lo para a porta da sala. "Vamos, fora, fora! Nem vou responder!"

"Ah, viu, bem que eu achei que houvesse alguma coisa estranha."

"Sim, sim, pense o que quiser." Alessandro abre a porta.

Já estão no hall quando Enrico os alcança. "Eu e você precisamos nos falar no fim do mês sobre aquele assunto..."

"Claro."

Alessandro olha para os dois um instante.

"Falando nisso, por que vocês dois vieram até aqui? Vocês disseram que era uma coisa importante..."

Enrico e Pietro se olham por um instante.

"Não, é que não o temos visto mais por aí, além disso você se separou há pouco de Elena, enfim, não sabíamos como você estava..."

Alessandro sorri. "Obrigado. Agora vocês entenderam, não?"

Pietro agarra Enrico pelo paletó e o puxa para dentro do elevador.

"E como, se entendemos, você está num conto de fadas! Coragem, vamos... Vamos deixá-lo no seu éden. Ah, sim, não esqueça de perguntar, veja se ela tem uma amiga."

Alessandro sorri e fecha a porta. Pietro aperta o T. As portas do elevador se fecham.

Pietro se observa no espelho.

"Fizemos bem em não dizer a ele?"

Pietro cruza o seu olhar refletido no espelho. "Nem sei do que você está falando..."

"Do fato que ontem de noite..."

"Eu sei perfeitamente. Estava para dizer que foi melhor assim. Como se nada jamais tivesse acontecido. Você quer, por acaso, arruinar o paraíso dele?"

E sai sem esperar pelo outro. Sobe no carro. Enrico o alcança.
"Não, certamente. Ou seja, ele nunca vai saber."

"Talvez sim, talvez não", responde Pietro abrindo a janela. "A vida vai nos responder. É sempre só uma questão de tempo. Não queira acelerar a vida", e parte deixando-o ali. Enrico entra no carro.

É verdade, é só uma questão de tempo. Para ele também agora tudo é mais fácil. Já tem um prazo.

Final do mês.

Sim, no fim do mês vai saber de tudo.

E não terá mais dúvidas. Paraíso. Ou Inferno.

_____57_____

Quarto índigo. Ela.

De repente. Bip bip.

"Meu amor, amanhã pego vc às 7. Tenho 1 surpresa pra vc. Vc sempre diz q ñ sou romântico. Mas em nosso niver vou surpreender vc!"

Ela lê a mensagem. É verdade. Amanhã será nosso aniversário. O primeiro. Droga. Mas hoje à noite não podemos ficar até tarde; amanhã tem prova na primeira aula. Já sei, vou ficar com sono. Que chato. Hoje à tarde preciso lhe comprar um presente. Sono? Preciso? Um presente? Mas o que você está dizendo? Ei, pssst, está lembrada, não? É aquele por quem você morria o ano passado. Aquele de ombros largos e olhos bons. Aquele que agradou tanto à sua mãe e à sua tia. Entendeu? É aquele... aquele. E hoje faz um ano que estão juntos. Deveria ser "quero comprar um presente", aliás, "o" presente.

E quem está se lixando se chegarmos às seis da manhã?

Claro, devia ser assim. Tudo um "quem está se lixando". E felicidade e loucura e vontade de correr, de gritar... E de amar loucamente. E, no entanto, não. Mas por que eu estou assim?

Pense em dormir em lugar de estar contente por sair. Eu quero amá-lo. Mas não, não. Não se fala assim. Diz-se "Eu o amo" e só. A jovem corre para o quarto e abre o armário. Um, dois, três, quatro cabides com vestidos curtos e bonitos. Mas o que falta não é a escolha. É o desejo de estar bonita para ele. Em seguida, observa um a um. Acaricia com as mãos. Detém-se um pouco naquele cinza e azul com pequenos desenhos orientais. O seu preferido. Experimenta se imaginar vestida assim diante dele no restaurante. Experimenta procurar com a fantasia um presente para comprar. Mas não há alegria. Não há calafrio. Não há nada.

Silêncio. Medo. Escuridão. E então chora de raiva. Chora porque não sente aquilo que gostaria de sentir. Chora porque às vezes não há culpa e não gostaria de fazer sofrer alguém, mas você se sente má, irreconhecível.

Perguntas, perguntas demais para esconder a única verdade que já conhece. Mas admiti-la é outra coisa. Admiti-la significa virar a esquina e mudar de caminho.

Procura-se.

Olha no espelho.

Mas não se encontra.

Há outra.

58

Drin. Drin. Drin. O interfone continua tocando alegremente. Alessandro sobressalta-se e quase escorrega da *chaise longue.* Toca o chão com a mão e se levanta, correndo para o interfone.

Drin. Drin. Drin. Quase mantém o ritmo.

"Quem é? O que é?"

"Alex, sou eu, vai abrir?"

Alessandro aperta duas vezes o botão e volta para a sala. Mas que horas são? Dez e quinze. Dormiu cerca de meia hora. Alessandro abre a porta bem quando Niki chega. Ainda está ofegante.

"Subi pelas escadas para manter a forma... Mas o que você estava fazendo? Dormia, hein!?

"Não, estava ali", tenta se justificar, "estava navegando na Internet..."

"Ah, é..." Niki observa que no escritório está tudo apagado. "Já fechou até o PC?"

Alessandro a abraça e a traz para junto de si. "Claro, está vendo... sou rapidíssi¬mo..." Em seguida a beija. "Que filme você pegou?"

"Closer!'

"Ora. Aquele da música... Não assisti."

"É um pouco forte. Tenho uma idéia. Por que a gente não vai assistir debaixo dos lençóis?"

"Por que, é um filme sensual?"

"Que porco você é! Não, se bem que o filme é um pouco sensual, mas não é por isso... Gosto da idéia de assistir ali, como se fosse nossa casa..."

Alessandro olha para ela. De repente surpreso. Niki faz uma careta.

"Sim, eu sei, é sua, é sua casa... mas eu queria dizer como se morássemos juntos, enfim, como se fôssemos realmente um casal, entendeu?"

Alessandro sorri.

"A única coisa que eu queria dizer... é que você é lindíssima..."

Niki sorri. Em seguida vai para o quarto. Despe-se rapidamente. Deixa cair as calças, a calcinha, a camiseta, o sutiã, os fantasmas. Vai rapidamente até a televisão, enfia o DVD no leitor que está embaixo. Mas, quando percebe que Alessandro está chegando, cobre os seios e corre depressa, dá um pulo e se enfia na cama. Cobre-se até o queixo com o lençol. Depois pega o controle.

"Quer assistir em inglês?"

"Não, obrigado. Amanhã eu já tenho reunião com os alemães."

"O.k., então italiano. Vamos, mexa-se, já apertei a tecla, o filme está começando."

Alessandro tira as roupas rapidamente e se enfia depressa ao lado dela.

"Parabéns, você conseguiu bem a tempo. Está começando agora."

Niki se arrasta, aproxima-se dele, coloca seus pés frios sobre as suas pernas quentes, o seio macio e pequeno sobre o braço. Então, vêm os letreiros, algumas imagens, diálogos divertidos, realistas. Depois uma foto, uma canção, uma história de amor que está para começar. Um aquário. Um encontro. Depois tudo se torna um pouco confuso. A mão de Niki lentamente escorrega leve entre os lençóis. Para baixo. Mais embaixo. Ao longo de seu corpo. A sua perna... E brinca e joga e roça e toca e não toca. E depois mais para cima, na barriga. Alessandro se agita. Niki ri e suspira, e quente se aproxima, e cruza a perna e a apoia sobre as dele. E as mãos se multiplicam, como um desejo repentino que se torna uma história de amor.

Inventada, sonhada, sugerida por um simples filme e em seguida de repente verdadeira, como todas aquelas mil palavras que um leito pode contar seriamente. E, num instante, aqueles momentos são para sempre, talvez um dia esquecidos, mas, por enquanto, para sempre.

Mais tarde. Ainda mais tarde. Niki se volta para o outro lado e está para sair da cama. Mas alguma coisa range. Alessandro desperta.

"Ei... aonde vai?"

"São duas horas. Eu disse em casa que voltaria logo. Só espero que não estejam acordados. Dessa vez você dormiu, hein? Não pode negar, amor..."

"O que você disse?"

"Escute, não amole."

Niki começa a recolher as roupas, um pouco embaraçada.

"Não, não, espere, espere..."

Alessandro senta-se na cama, de pernas cruzadas, cobertas pelos lençóis.

"Repita a última palavra..."

Niki deixa cair novamente tudo no chão e sobe na cama. Põe as mãos na cintura, de pé, pernas abertas, e olha para ele do alto.

"Sinto muito. Decidi. E você ouviu bem. Desculpa, mas vou te chamar amor."

_____59_____

Comprou uma bela jaqueta de *jeans* clara, uma Fake London Genius. Ouvira muito, falar dela. Nos cabelos tem um pouco daquele gel azul que todos usam nos *Giardinetti.* Um pouco de gomalina não vai estragar. Até aquele *rapper* canta, como se chama? Não é tão famoso. Fábio alguma coisa. Talvez haja tempo para se lembrar Quem sabe... Mauro se observa refletido na vitrina. É assim um bonitão da periferia? Sei lá... Até coloquei o brinco grande, aquele de brilhantes. Só o uso quando vou ao futebol, para ver o "mágico" jogar. Em casa eu não gosto. Minha mãe se irrita. Meu pai, a única vez que viu, começou a rir como louco, estava comendo e por pouco não se engasgou. Meu irmão Carlo precisou lhe dar uns tapas nas costas. Minha irmã menor, Elisa, quase chorou. Meu pai disse "aí, bicha!" quando se recuperou. Bebeu um gole de água e saiu, empurrando-me com o ombro, como costuma fazer quando está incomodado.

Incomodo.

Ele se incomoda comigo. Só comigo. Percebo isso da forma como ele me olha, de manhã, quando saio. Quando volto. Quando como. Uma vez eu acordei e ele estava ao lado da cama, sentado poltrona grande onde em geral dorme Elisa. E me observava. Minha irmã estava na escola. E Carlo também já tinha ido trabalhar. Mamãe fazendo compras. E ele tava ali. Naquela poltrona. E me observava. Quando abri os olhos e o encontrei ali, por um instante achei que era um sonho. Depois me dei conta e o cumprimentei.

"Oi, pai."

Até sorri. Não é fácil sorrir logo que você acorda. Então ele se levantou. Coçou com a mão calejada a face. E a barba não feita. Não disse nada e saiu. Nada. Não disse nada. Penso freqüentemente naquela manhã. Quem sabe havia quanto tempo ele estava ali me olhando.

Mauro se observa novamente na vitrina, arruma a camisa, penteia um pouco os cabelos já fixados. Vira o rosto para o outro lado. Um pouco de barba descuidada fica legal? Bem, não sei. Vai entender essa turma. Na dúvida, deixei crescida. Sorri de seus pensamentos. Em seguida arruma o embrulho na frente. Um movimento no estilo de John Travolta. Quem sabe dá sorte. Acho que bonitão ele é... refiro-me ao John. Foi um bonitão internacional. E, além disso, eu tenho ele. Tateia com a mão o bolso interno da jaqueta. O ursinho Totti está lá. Com um sorriso e um suspiro de confiança, Mauro empurra a porta de vidro e entra no prédio.

"Direita, esquerda, isso, separem-se por grupos. Morenos para cá, loiros para lá."

Uma moça está classificando de forma rápida e decidida os rapazes recém-chegados.

"Então, não esqueçam. Preparem uma foto escrevendo atrás dela o telefone, idade, região onde habitam e a altura de vocês."

Um rapaz levanta a mão.

"Sim, diga, o que é?"

"Não, a senhorita antes disse morenos para cá e loiros para lá, não é? Mas e eu, que sou castanho?"

A moça bufa e ergue os olhos para o céu. "Bem... então, castanhos e afins, incluindo os ruivos, sempre com os loiros, o.k.? Mais uma coisa. Se por acaso vocês conseguirem economizar perguntas desse tipo, eu juro que ficarei agradecida."

Dois bonitões morenos que estão na sala se olham e riem.

"Então, uma última pergunta. Você tem caneta?"

"Para mim também."

A moça pega algumas canetas, coloca-as sobre a mesa e se afasta. Os dois bonitões a observam.

"Ora, mas ela nem falou de que maneira vai ficar agradecida."

"Não, mas dá pra ver que ela tem uma vontade... Do tipo que, se você a comer, depois ela ficará agradecida pelo resto da vida!"

"E não se consegue mais se ver livre dela depois."

"Isso mesmo."

E batem as mãos com uma palmada sonora, satisfeitos com o gracejo. Alguns jovens sentam-se na borda de um sofá. Um rapaz se apoia na parede. Os bonitões começam a escrever atrás das fotos todos os seus dados. Mauro escreve rapidamente. Ele já o fizera. Ou melhor, sabia que tinha de fazer assim. Ele vira Paola fazer. Mil vezes. Mas não sabia que as fotos fossem tão caras. Duzentos euros por meia hora de fotos. Mauro é o primeiro a entregar. Depois dá um tapinha no próprio bolso e diz devagar ao ursinho Totti, para dar sorte.

"Então... E vamos esperar que tenha sido um dinheiro bem aplicado..."

A moça pega alguns papéis espalhados sobre a escrivaninha juntamente com as fotos que a sua assistente recolheu e colocou numa pastinha. Antes de entrar numa sala maior, vira-se.

"Vocês esperem aqui."

"É claro..." diz um dos bonitões. "Quem é que vai fugir? Agora que já fizemos a prova escrita... Não vemos a hora de fazer a oral..."

A moça sacode a cabeça e entra na outra sala.

Mauro conta. Devem ser uns dez. Poucos. Pensei que seriam mais. Mas o que conta é que eu estou aqui. Um em dez vai conseguir. Era essa a canção? Sei lá. Tem vontade de rir. Sente-se seguro. Mas sim, eu sou melhor do que eles. Observa um a um. Veja aquele. Os cabelos compridos não estão mais na moda. E olha para este aqui. Mas para onde vai? Ainda com os cabelos espetados. Mas o que foi, está assustado? Mauro estuda o *look* de todos. Um veio até de paletó e gravata. Típico cafona, hein? Mas são totalmente artificiais. O bonitão deve estar com tudo em cima. Se vestir um paletó, no mínimo deve usar uma camiseta bem justa por baixo... Não pode errar. Mauro abre o casaco e toca a sua, branca, semiplastificada, perfeita. Justa. Que dê para ver o peito por debaixo. Assim deve ser o homem, sem frescuras. O homem tem que feder. A moça volta para a sala.

"Então... Giorgi, Maretti, Bovi e todos os outros loiros e castanhos podem ir. As fotos ficam aqui para algum outro trabalho. Obrigado por terem vindo."

Os loiros, os castanhos e os ruivos deixam a sala resmungando. Uns saem mais rapidamente com uma pastinha debaixo do braço. Quem sabe têm outro teste pela frente. Ficaram só Mauro e o sujeito de paletó e gravata. Mauro o observa. Quem diria, pensa. Mauro

senta-se encolhido sobre o braço da poltrona. Na sala do gerente as cortinas são erguidas. De trás do vidro transparente surge uma bela mulher. É loira, tem um rosto sereno, os cabelos levemente presos. Deve ter cerca de trinta anos. É uma bela mulher, pensa Mauro, nada má. Deve ser a chefa. Mauro se inclina um pouco na poltrona para tentar ler o nome sobre o cartaz da porta. Elena e mais alguma coisa. Belo nome. A mulher fala algo para a sua assistente, que faz sinal de assentimento. Em seguida sai da sala e fecha a porta atrás de si.

"Então, ela perguntou se vocês podem ficar aqui de pé no meio da sala..."

Mauro e o sujeito de paletó e gravata vão para o centro.

"Aqui, em cima do tapete vermelho, obrigada."

Só agora Mauro percebe que o sujeito de paletó e gravata tem os cabelos muito escuros, compridos, presos atrás da cabeça com um elástico. Parece quase um penteado japonês. Mas é oleoso, a sua cor é escura e as sobrancelhas densas. Agora estão próximos. O outro é um pouco mais alto do que ele. Seus ombros também são mais largos. Mantém as pernas abertas e balança o quadril na direção do vidro. Masca um chiclete e sorri para a mulher do outro lado. A mulher também sorri e acomoda-se na escrivaninha. O sujeito se volta para Mauro e sorri também. Pior. Pisca para ele. Seguro. Seguro demais. Da sala, Elena faz um sinal com a mão para a sua assistente, pedindo para ela voltar. Mauro senta novamente na borda do sofá e olha pelo vidro. Vê que Elena pegou a sua foto. Pronto. A minha foto...

Elena dá uma pancadinha sobre ela com a mão. Parece convencida. A sua assistente diz alguma coisa. Elena então olha novamente as duas fotos. Parece indecisa. Depois olha para além do vidro. Mauro percebe e desvia o olhar rapidamente. Vira-se para o outro lado. Assim, vê o outro escarrapachado na poltrona, e sobre o braço desta ele apoia a perna, que balança, mostrando por debaixo dos jeans escuros uma bota com entalhes brilhantes laterais. Mauro se volta novamente para a sala. Vê que Elena rasga uma foto e a joga no cesto de lixo embaixo da mesa, perto daquelas belas pernas. E naquele vôo percebe o seu sonho desaparecer. A foto rasgada era a sua. A assistente sai da sala de Hiena.

"Então, sinto muito, mas decidimos que..."

Na poltrona, o sujeito de paletó e gravata sentou um pouco mais comportado, mas ainda de pernas abertas. "Mas onde foi o outro rapaz?" O bonitão sorri de lado. "Sei lá, saiu."

"Nada a fazer", a assistente dá de ombros, "não existe mais educação. De qualquer forma escolhemos você. Venha, vamos tirar as medidas."

O bonitão se levanta e arruma as calças como um cavaleiro. Em seguida sorri para as moças.

"Mas medidas de quê, meu bem?!"

A assistente se vira, para com a mão apoiada no quadril e o encara, séria, a cabeça inclinada de lado.

"A medida das roupas."

O bonitão sorri e concorda com a cabeça.

"Ah, bem, sabe que eu imaginei..."

E a segue satisfeito, fosse qual fosse o papel dele.

_____60_____

"Oi, o que está fazendo?"

"Estou em reunião. E você?"

"No banheiro. Você vem me pegar na saída? Não vamos ter a última aula."

"Não posso, estamos aqui discutindo como organizar toda a campanha promocional, desde que os japoneses concordem."

"Droga, mas você está sempre ocupado. E o almoço?"

"Também. Isto vai longe."

"Puxa vida, você é pior do que um banheiro ocupado na discoteca. Lembre que eu sou a sua musa inspiradora. Comigo você tem um monte de idéias."

Alessandro ri. "Particularmente algumas idéias."

"Sei, mas essas, se a gente não se vê, viram pecado."

"Mas como você se tornou beata!"

"No sentido que é um pecado desperdiçá-las. Certeza que você está em reunião também no almoço?"

"Absoluta. Nos falamos de tarde. Talvez nos vejamos à noite."

"Não, sem talvez, nos veremos!"

"O.k., o.k..." Alessandro sorri. "Nem os japoneses são tão exigentes."

"Assim que eu o encontrar, obrigo você a fazer haraquiri."

"Deixe-me pensar... não, essa ainda não fizemos. Deve ser legal..."

"O seu vizinho vai ficar incomodado com os seus gritos..." Niki desliga. Entra na classe bem quando a Bernardi começa a explicar.

"Então, estamos no pós-guerra e o neorrealismo apoia o modelo naturalista. Retrata-se a realidade e denunciam-se os problemas sociais e políticos da Itália, os atrasos do campo, a exploração, a miséria. Denúncia que em Verga não era certamente tão explícita. A obra de Verga é reavaliada por um importante texto crítico de Trombatore..."

Olly força uma cara engraçada ouvindo o segundo nome. Faz um gesto com a mão, inequívoco. Erica se inclina para Niki.

"Então, o que ele disse?"

"Nada, está ocupado."

"Uh uh."

"O que quer dizer uh uh?"

"Quer dizer uh uh. Pode interpretar como quiser."

"O que é isso, não faça assim. Você me dá raiva. O que quer dizer? Às vezes você gosta de..."

"Que para ele você não passa de uma garotinha. Eu falei desde o início. Cedo ou tarde vai passar. A diferença é grande demais. Funciona só na TV e no cinema. Os mais velhos se metem com as mais jovens, mas não é que dure uma vida... Além do mais, eu li numa revista da minha mãe."

"Se for por isso, a Olly disse que ele era casado e não é verdade."

"Não tem nada a ver, está só um pouco atrasado em relação à maioria. De qualquer forma, a revista dizia que, vivendo um caso com uma mulher mais nova, o homem espera rejuvenescer com ela, mas depois descobre que não é verdade. E todas as coisas que você conta, as canções de *Rice e Battisti*, os jasmins, aquelas cenas tão lindas na sua casa... lindo demais, é a busca de um sonho."

"E então?"

"Então, cedo ou tarde a gente acorda dos sonhos."

"Olhe, eu a odeio quando faz assim."

Niki bate o caderno na carteira com força. A Bernardi para de falar.

"O que está acontecendo aí atrás?"

"Desculpe, caiu o caderno da carteira."

A professora aperta um pouco os olhos, aguarda um instante em silêncio, a observa e depois decide acreditar. Recomeça a explicação.

"... uma fronteira em relação ao neorrealismo. Lembro também *Homens e não*, de Elio Vittorini, *A trilha dos ninhos de aranha*, de Calvino. De qualquer maneira, com o pouco tempo que nos resta..."

Olly faz dois pequenos chifres escondidos embaixo da carteira e olha para Diletta fazendo um trejeito com a boca,"... vamos enfrentar a primeira fase do neorrealismo..."

Erica aguarda um instante, em seguida se inclina novamente para Niki e diz baixinho: "Ele sempre toca as canções do Battisti. Está mandando recados".

"Mas o que você está dizendo?"

"Sim, sim... por exemplo, ele colocou aquela que diz 'Ter medo de apaixonar-se demais...', ou aquela outra, 'Entenda assim, não podemos fazer um drama, você já conhecia, você disse, os meus problemas...' ou ainda aquela, 'Escolhi você, uma mulher como amigo, mas o meu destino é viver a vida...'."

"Sim, ele tem todos os CDs. E daí?"

"E daí! Mais claro do que isso! Está usando você e só!"

"Mas lembre que aquela canção termina com (Eu a amo, forte e débil companheira'..."

"Sim, mas também diz 'A excitação é um sintoma do amor ao qual não sabemos renunciar'...", Erica sorri para ela,"... 'e as conseqüências muitas vezes fazem sofrer...'", e abre os braços. "E então, o que você pensa disso?"

"Que para você o Battisti não faz bem!"

"O.k., como quiser, eu já falei. O pior surdo é aquele que não quer ouvir... E sobretudo a esperança é o sonho de quem está acordado..."

"Mas essa não é do Battisti."

"Não, de fato. É de Aristóteles..."

"Acho que, se continuar assim, você vai acabar levando o Battisti para o exame de maturidade!"

_____61_____

Última aula. Toca o sinal. Os corredores se enchem num instante, há um corre-corre geral, como se tivesse soado algum alarme. Na saída, do lado de fora do portão, Erica, Diletta e Olly param um instante.

"Então a gente se vê mais tarde?"

"Não, eu tenho de estudar."

"Eu vou sair com Giorgio à tarde."

"E Niki?"

"Está ali!"

"Oi, Niki!" Mas ela nem escuta, faz um gesto com a mão como quem diz: a gente se fala depois. Em seguida a vêem saindo a toda velocidade com a moto.

"Ondas, essa garota está com um problema grave."

"Sim... O pior de todos."

"Como é?"

"Está apaixonada."

Diletta coloca as mãos nos bolsos do jeans. "E você chama isso de problema? Sorte dela."

"Mais você ama, mais você sofre", Olly sobe na sua moto, "e com esse ditado que deixo de herança a vocês, vou almoçar com meu pai, para conhecer a sua nova namorada. A gente se fala", e sai cantando os pneus.

Niki quase bate com a moto. Nunca levou tão pouco tempo para chegar à sua meta. Olha ao redor. Direita. Esquerda. Nada. Seu coração bate a mil. O Mercedes não está. Niki olha o estacionamento mais uma vez. Quem sabe guardou na garagem. Pega a carteira na mochila. Procura rápido entre os papéis. Algum recibo da loja de roupas, a carteirinha do ginásio esportivo, aquela do *kebab*. Ah, veja só, faltam dois selinhos para ganhar um sanduíche de graça. Uma foto de Fábio! Droga, dessa eu não lembrava. Rasga a foto depressa e a atira no cesto ao lado. Continua procurando e por fim encontra. O cartão de visita dele. Disca rapidamente o número do escritório. Não o havia gravado na memória do celular. Mesmo porque não imaginava chamá-lo ali... Finalmente alguém responde.

"Alô, bom dia, quer dizer, boa tarde."

"Ouça, sou Niki Cavalli. Eu gostaria de falar com o doutor Alessandro Belli."

"Quem fala, por favor?"

"Niki. Niki Cavalli."

"Sim, um instante, por favor." Fica aguardando na linha. Uma música moderna. Niki espera

impaciente. Tenta manter o ritmo com o pé, mas está nervosa. É difícil manter o ritmo quando o tempo parece não passar. Finalmente a telefonista atende. "Não, sinto muito, o doutor está fora para o almoço."

"Ah... e sabe para onde foi?"

"Não, sinto muito. Quer deixar um recado?" Mas Niki já desligou.

Guarda o Nokia no bolso e parte a jato com a moto. Percorre rapidamente todas as ruas dos arredores. Olha à direita, à esquerda, diminui nos sinais de parada, o suficiente para não causar um acidente, mas apenas o outro carro passa, acelera novamente. Mais uma vez à direita. E depois à esquerda. E depois sempre em frente. Diabos.

Mas onde estará? Não tem tempo de responder. Ali está. O carro dele.

O Mercedes ML chapa CS 2115 está estacionado ao lado da sarjeta. Niki olha ao redor. Há somente um restaurante ali perto. Bingo! É do outro lado da rua. Niki encosta a moto e corre para o restaurante. Olha pelos vidros procurando por ele, faz isso de modo discreto para não se fazer notar. Quando de repente o vê. Ali está ele. Naquela mesinha no fundo. Na última sala do restaurante, bem perto da vidraça. Não consigo acreditar. Então Erica tinha razão. Dentro do restaurante, Alessandro está servindo algo de beber para uma bela jovem loira. E sorri para ela.

"Quer pedir mais alguma coisa?"

"Sim..." Ela também sorri. "Um *tiramisu* se tiverem... Necessito mesmo de um *tiramisu* hoje. E que se dane a dieta."

Alessadro sorri e levanta a mão.

"Garçom?"

Um jovem aproxima-se.

"Um *tiramisu* para ela. E um abacaxi, por favor."

O garçom desaparece rapidamente. Alessandro volta a olhar para a jovem. Em seguida, apoia a sua mão na dela e a acaricia.

"Vamos, não faça assim, quem sabe agora que você me contou tudo vai ser diferente. Eu não esperava por isso, sério..."

A jovem sorri.

Niki, que assistiu de fora toda a cena, está como enlouquecida. Afasta-se do vidro. Gira sobre si mesma, sacode rapidamente a cabeça, seus olhos se enchem de lágrimas. Está arrasada. Percebe que o seu rosto enrubesce, pulsa. Alessandro aperta fortemente a mão da jovem.

"Estou contente de estar aqui com você, sabe..."

"Imagine que eu me sinto um pouco culpada."

Alessandro olha para ela curioso. "E por quê?"

Em seguida ouve-se um barulho estranho. Vem de fora. A jovem é a primeira a olhar para

a vidraça.

"Alex... mas o que aquela garota está fazendo..."

"Onde?"

"Ali fora! Olhe! Mas aquele não é o seu carro?"

Niki está dando pontapés nas portas, rodas, faróis, com toda a força que tem e que só a raiva consegue despertar; gira ao redor do Mercedes, quase saltando sobre ele.

"Niki! É Niki!"

"Você a conhece?"

Alessandro atira o guardanapo sobre a mesa e sai correndo para fora do restaurante. Olha à direita e à esquerda, em seguida atravessa a rua correndo.

"Niki! Pare! O que está fazendo? Pare! Você está louca?"

Niki continua a dar pontapés na lateral do carro. Alessandro quase se joga em cima dela, agarra-a fortemente para detê-la, puxa-a para trás, erguendo-a.

"Niki, pare, quieta!"

Niki esperneia como uma louca.

"Me deixe! Me solte já! Você estava em reunião, hein? Não podia vir me buscar! Sem almoço, isso vai longe... Com aqueles merdas de japoneses, hein? Devolva já as minhas idéias! Devolva! Bastardo!", e grita e esperneia ainda.

Alessandro a solta.

"Precisei sair. Um compromisso repentino."

Niki se volta e bufa, soprando com o canto da boca torta os cabelos que caem sobre o seu rosto.

"Sim, claro, eu vi, de fato, mão na mão com o seu compromisso repentino..."
Bem naquele instante, a jovem que estava sentada com Alessandro atravessa a rua e se aproxima deles.

"Mas o que está acontecendo?"

Alessandro solta Niki, que bufa e em seguida arruma os cabelos. Mas ainda está uma fera.

"Nada. Deixe eu lhe apresentar a Niki. Niki, esta é Claudia, o meu compromisso importante repentino e especialmente... minha irmã."

Niki quer morrer. Seus braços caem de repente ao longo do corpo. Em seguida, com uma voz que vem quase do além, tenta um estranho e sufocado "Prazer..."

As duas jovens apertam-se as mãos. Niki está bem constrangida, a mão suada, o embaraço a bloqueia completamente. Claudia tenta amenizar a situação.

"O Alex deixou você brava, hein? É o jeito dele..."

Alessandro sorri.

"Não, é um método importado diretamente do Japão. Eles fazem assim. Eles desabafam em cima de propriedades luxuosas inúteis, tipo carros, para se libertar do próprio estresse. E, uma vez que Niki me ajudou muito com um trabalho, empenhou-se e também ficou cansada... Sim, quer dizer, essa é a forma de pagamento que escolheu..."

Niki funga e começa a sorrir pouco a pouco. "Bem, essa era a última prestação... Alex, então eu estou indo. Em casa estão me esperando. Estarei em casa estudando hoje de tarde. Ligue quando quiser... Se quiser trabalhar com outras idéias... Sabe, podemos... estudar novas formas de pagamento."

Alessandro coça a cabeça.

"O.k. Sabe... sinto até medo de dizer que talvez eu tenha algum compromisso. Acredito que estarei completamente livre!"

Niki levanta a mão para se despedir de Claudia. Sobe na moto e parte. Agora mais tranqüila. Droga, droga, droga. Que papelão dos diabos. Dane-se Erica e todas as suas interpretações do Battisti. Em seguida não resiste. E começa a rir. É certo que eu fiz uma cena realmente absurda... depois começa a cantarolar alegre como nunca. Uma coisa é certa. Ninguém jamais ficou mais feliz em conhecer a irmã de alguém.

Alessandro e Claudia voltam para o restaurante. Ele recomeça imediatamente o discurso que haviam deixado em suspenso.

"Por que você dizia que se sentia em culpa para comigo?..."

"Bem... porque Davide era seu amigo. Você o apresentou para mim e eu casei com ele. E agora as coisas não estão bem..."

"Claudia, não é que não estão bem. É uma fase. Acontece com os casais. O importante é ter decidido construir alguma coisa com ele... Você decidiu?"

"Sim."

"Então fique tranqüila, o mais difícil está feito. Agora tudo vai ser uma descida. Escolher é o pico da montanha. Depois as coisas se ajeitam sozinhas. Vai passar."

Sentam-se novamente à mesa. Enquanto isso, o *tiramisu* e o abacaxi chegaram. Recomeçam a comer. Claudia olha para ele curiosa e ligeiramente divertida.

"E você, o que anda aprontando?"

"Eu? Trabalho muito. Saio com os amigos... Não penso muito em Elena."

Claudia aponta com a colherinha para a vidraça. "E aquela espécie de furacão, Niki?"

"Ela? Uma amiga."

Claudia ergue a sobrancelha.

"Uma amiga, hein?" Em seguida repete. "'Então eu estou indo. Em casa estão me

esperando. Estarei em casa estudando hoje de tarde...' Não é um pouco jovem demais como amiga?"

"Pode ser, mas é bem madura."

"Pensei que ainda não tivesse terminado o colegial..."

"De fato. Eu a estou ajudando nos estudos."

Claudia deixa cair a colherinha no prato.

"Alex?"

"Desculpe, Claudia, foi você quem me procurou para dizer que as coisas não estão indo bem entre você e o meu amigo, aliás, seu marido, não é? Entretanto, vocês têm a idade adequada e todos os requisitos para um matrimônio de sucesso, certo? E então? Está vendo que no amor não existe uma fórmula mágica."

Claudia sacode a cabeça. Mas por fim sorri.
"Você tem razão. Só espero estar lá..."

"Quando?"

"Quando você a apresentar lá em casa."

Fim de tarde.

"Você está destruindo alguma coisa?" Alessandro termina de escrever o recado e o envia.

Um instante depois chega a resposta. Niki, rápida como sempre. Aliás, mais.

"Que nada. Estou em casa fazendo coisas piores... estou pensando em você."

Alessandro sorri. Responde o mais rápido que consegue, mas o polegar de Niki é difícil de vencer. Mesmo com um T9.

"A gente se vê?"

Nem dez segundos. "Claro! Estou muito feliz. Assim a gente faz as pazes direito. Mas onde?"

Alessandro se esforça. Muito. Consegue se sair um pouco melhor. "Estou embaixo da sua casa. Na travessa logo à direita."

"O.k., já vou."

Em menos de dez segundos. Niki abre a porta, fecha-a e atira-se sobre ele, beijando-o.

"Amor! Desculpe, desculpe, desculpe!" E continua a beijá-lo. Alessandro ri e fica sem palavras. Não está acostumado. Não esperava por isso. Normalmente com Elena, sobretudo no começo, esperava horas embaixo da casa dela, antes que descesse. Mas esse pensamento só leva um instante para desaparecer.

"Nossa mãe, que papelão hoje! E além do mais com a sua irmã! Ainda se tivesse sido uma amiga qualquer!"

"Se fosse uma amiga qualquer, você teria continuado a chutar o meu carro."

Niki fica séria.

"É verdade. Você está certo, eu sou assim, não sei o que fazer. E acho que você não deve tentar me mudar."

"E quem quer experimentar?! Eu odeio os fracassos..."

"Cretino! Olha que, se eu quiser, posso mudar... É que se eu mudar por você seria errado. Quer dizer que não sou a pessoa que está procurando, que não sou certa pra você. Isto é, eu fingiria ser outra. Então, você tem em mente uma outra que em comum comigo talvez tivesse só o nome, você conhece outra Niki?..."

Alessandro sorri.

"Ouça, podemos deixar a filosofia? Eu era péssimo nessa matéria. Há só dois pontos a esclarecer um pouco, a meu ver."

Niki cruza os braços sobre o peito. Alessandro tenta abri-los.

"Essa é uma atitude de fechamento à escuta, falta de abertura, recusa do mundo."

"Escute, eu vou ficar como quero, mas vamos ouvir o que você tem a me dizer... Eu já sabia que vinha uma raspança."

Alessandro olha para ela surpreso. "Que termo antigo!"

"Um sermão, uma reprimenda, uma descompostura, uma sarabanda, uma bronca, uma reclamação, uma censura, uma crítica. Está bem? Mas, independente¬mente de como eu chamar, é isso, não?"

"E quem é você? Um dicionário de sinônimos ambulante?"

"Fale o que tem de falar e não fique me gozando."

Alessandro inspira profundamente.

"Espere, espere", Niki o interrompe. Fecha os olhos e abre os braços. Em seguida levanta as mãos na frente, no estilo da ioga. "Diga só uma coisa... acabou?"

Alessandro olha para ela. Está lindíssima assim, com as mãos abertas, suspensas no vazio, com os cabelos abandonados que lhe escorrem pelos ombros, pelo pescoço que ainda é de criança, com as suas faces lisas, os olhos fechados, sem um traço de maquiagem, e toda aquela vida e aqueles sonhos diante de si. Alessandro deixa cair as mãos sobre as pernas.

"Não, quer dizer, ao menos para mim, não acabou."

Niki abre os olhos e sorri. Não, não está mais de braços cruzados agora. Sorri e morde o lábio superior, está com os olhos brilhando, sonhadores, ligeiramente comovidos. Talvez venha a chorar.

"O.k., desculpe, Alex, diga o que quer dizer."

"Bem." Ele esfrega as mãos nas calças. "Digamos que não sei bem por onde começar."

"O.k., comece por onde quiser... o importante é aonde você quer chegar."

"Então... Não tem nada a ver com os pontapés que você deu hoje no carro..."

"Ah, sim, digamos que isso pode ser incluído nos prejuízos de nosso famoso acidente, não?"

"Não brinque. Então, eu estou muito bem com você, eu gosto de ouvi-la, eu gosto de falar do meu trabalho e gosto de tudo o que fazemos juntos..."

Niki se vira para ele e o olha de baixo, com um sorriso ligeiro, malicioso.

"Sim, Niki, sim, especialmente aquilo, aliás não, também aquilo... É que você, talvez, tenha muitas expectativas. Você pensa que vai durar e eu não sei o que vai acontecer. Ninguém pode saber. E justamente por isso quero me sentir tranqüilo em todas as minhas escolhas, sem prometer nada. Eu não gostaria de ter, também numa história simples e bonita, responsabilidades..."

Niki olha para ele. "Entendi", ergue a sobrancelha, "você quer voltar a ser um garoto e eu

sou a pessoa certa para isto, não é?"

"Não. Nada a ver."

"Tem a ver. Você disse que não quer responsabilidades. Senão você iniciaria simplesmente um caso comigo e seria o que tivesse de ser. É possível que tudo fosse bem e alguém decidisse constituir uma família, ter filhos."

"Mas, Niki, não temos a certeza disso."

Niki sorri e começa a brincar com as pontas dos cabelos. "Escute, Alex, você sempre me faz ouvir aqueles CDs do seu amigo Enrico."

"E daí? Você não gosta?"

"Está brincando? Gosto demais do Battisti. Aliás, tem uma canção que parece bem o nosso caso. É assim... sou um pouco desafinada, viu, não faça caso, tá?, mas preste atenção nas palavras."

Niki começa a cantar e sorri ao mesmo tempo. Canta com extrema doçura. E não desafina.

"Quem sabe, quem sabe quem é você? Quem sabe quem será? Quem sabe o que será de nós? Descobriremos só vivendo..."

Niki interrompe e olha para ele.

"O.k., entendi. Se fizer uma propaganda cantada certamente não vai me contratar, mas dei uma boa idéia?"

"Sim, perfeitamente. Mas talvez você não lembre dela inteira, porque essa canção depois diz..."

Alessandro também se põe a cantar. "Estou percebendo que cheguei em casa, com a minha caixa ainda com a fita cor-de-rosa... Escute agora e... não gostaria de ter errado as minhas compras ou a minha esposa."
"Ora, exagerado! Você já chegou lá no fim! Já está preocupado com aquele mo¬mento... É cedo para falar disso!"
Alessandro pega um CD. Coloca no aparelho. Faixa seis. Tecla de adiantamento rápido. Encontra aquilo que ele quer fazê-la ouvir. "De qualquer forma agora tenho um pouco de medo, agora que essa aventura está se tornando uma história verdadeira, espero muito que você seja sincera!"

Niki agarra mão dele e a beija na palma.

"O que você quer me dizer, Alex, que tem medo? Não sabemos nunca nada sobre nós, do amor, do futuro, Lúcio tem razão, vamos descobrir vivendo. O que há de mais bonito?"

Alessandro sacode a cabeça levemente.

"Um dos dois vai se machucar. A diferença de idade é grande demais."

"E tem medo que seja você a se machucar? Pensa que para mim não passa de uma aventura? É mais fácil que seja assim para você... Todas as minhas amigas dizem isso..."

Alessandro abre os braços. "Ei! Eu não imaginei que elas gostavam tanto assim de mim!

Se for por isso, os meus amigos também dizem o mesmo para mim."

"O que dizem?"

"Divirta-se enquanto der, enquanto ela não se cansar."

"Sim, claro, são todos casados, têm esposa, alguns até filhos, e vivem mal esse seu momento porque gostariam eles também de fazer isso. Alex, aquele que deve decidir é você. Em minha opinião, é só uma questão de medo..."

"Medo?"

"Medo de amar. Repito, mas o que há de mais bonito? Que risco maior vale a pena correr? Como é lindo se dar completamente a uma outra pessoa, confiar nela e não ter outro desejo a não ser vê-la sorrir."

"Sim, é maravilhoso. Mas entre nós há uma diferença de vinte anos..."

Niki tira um papel do bolso.

"Pronto, eu sabia que cedo ou tarde esse discurso viria à tona. E então já me preparei. Aqui está... Tom Cruise e Katie Holmes, Luca Cordero de Montezemolo e Ludovica Andreoli, Woody Allen e Soon-Yi, Pierce Brosnan e Keely Shaye Smith... Depois tem todos aqueles quase da mesma idade, ou perto disso, tipo um ano ou dois de diferença que se separaram do mesmo jeito. Mas essa lista não caberia nem num caminhão!" Niki pega a lista e a atira sobre o assento de trás.

"Eu sabia que um dia me serviria. Mas esperava que não. O amor mais bonito é uma conta errada, uma exceção que confirma a regra, aquela coisa para a qual você havia utilizado a palavra nunca. O que eu tenho a ver com o seu passado, eu sou uma variável enlouquecida da sua vida. Mas não posso convencê-lo. O amor não é sabedoria, é loucura... Até fizeram uma propaganda... Foi você quem fez?"

"Não..."

"Então, veja... Quem sabe a propuseram a você e você teve medo. Alex, como eu gostaria que você fosse mais atrevido..."

Alessandro acaricia docemente os cabelos de Niki e os afasta do rosto. Depois sorri para ela. E canta novamente "Espero muito que você seja sincera..." e a beija. Um beijo lento, macio, que quer falar, serenamente dizer tudo, muito, demais. Tenho vontade de me apaixonar, Niki, de amar, de ser amado, tenho vontade de sonhar, quero construir, quero certezas. Trate de entender. Necessito esquecer tudo o que aconteceu nesses vinte anos que passei sem você. Será que um beijo sabe dizer tudo isto? Depende de quanto sabem ler os lábios que o recebem.

De repente, uma voz estridente. Acusadora. "Ah! Te peguei, eu sabia que havia alguma coisa esquisita..." Alessandro e Niki se afastam de repente. Diante deles, como dentro de um quadro que tem por moldura a janela aberta do Mercedes, uma imagem terrível.

Na escuridão da noite surgiu Matteo, o irmãozinho de Niki. Ele ri e, o mais importante, está com um celular na mão. Um Nokia N73. Compacto, formas arredondadas, memória de 43 Mb e, principalmente... 3.2 megapixel para tirar fotos, reproduzir e registrar filmes de qualidade muito boa. Enfim, um daqueles celulares que pode realmente fazer tudo.
Niki tenta descer do carro. "Matteo, vou te matar!"

Matteo escapa rapidamente e se afasta alguns metros."Olhe, estou avisando, rodei um belo filminho e tirei algumas fotos. Eu queria fazer uma ligação em vídeo diretamente para a mamãe, mas acho que só vou mandar um torpedo. Se você tentar pegar o meu celular, eu aperto enviar. E você está acabada. Viu?"

Matteo olha para Alessandro.

"Mas quem é ele? Ele estava violentando você no início e você deixou?"

"Matteo, pare com isso. Vá para casa, eu já vou."

"Mas quem é, seu novo namorado?"

"Matteo, já falei pra você ir embora!"

"Não quero nem saber, você não está em condições de me dar ordens, entendeu?"

Niki desce rápido do carro, mas Matteo está acostumado às surpresas da irmã e, por sua vez, sai correndo, derrapando com seu par de tênis Puma preto adequado a esse fim e aos seus onze anos. Voa que é uma beleza, abaixando-se nas tentativas de Niki de agarrá-lo. Desvia para a direita e enfia-se entre dois carros estacionados.

"Matteo, venha aqui! Venha se tem coragem."

"Claro, assim você passa a mão no meu celular, certo? Já vou... Você acha que sou bobo?"

"Matteo, por favor, não fique aí no meio da rua que é perigoso."

"Bem, obrigado pelo conselho, *sister,* agora vou para casa e depois conversamos díreitinho, mas direitinho, tá?"

"Sim, sim, vá, vá..."

Matteo não se move.

"E aí... vai ou não vai?"

"Niki, não demore... a mamãe mandou procurá-la para jantar. É que eu vi você saindo. Mas nunca teria imaginado..."

Niki tenta um mergulho entre os dois carros, mas Matteo é mais rápido, gira ao redor do primeiro carro, ficando a uma distância segura.

"Acabou?"

"O.k., o.k., estou indo. Até logo, senhor...", e faz uma pequena reverência educada.

Em seguida vai embora e entra em casa. Niki volta para o Mercedes.

"Pronto, viu? Hoje conhecemos os respectivos irmãos."

"Mas que idade ele tem?"

"Fez agora onze anos "

"E já é particularmente aguerrido, não?"

"Lê tudo, sabe tudo, joga tudo, está vidrado na Internet... foi ele quem fez a lista das diferenças de idade entre personagens famosos..."

"Foi gentil."

"Sim, muito... Em troca pediu dois ingressos para a competição do *World Wrestling Entertainment no Palalottomatica.* Mais do que gentil... foi caro!"

"Não ouso imaginar quanto vai lhe custar destruir o filme e as fotos."

"Que nada, ele sabe que não arrisco mais do que um tanto. Era só um beijinho. Claro, se tivesse rodado a noitada dos jasmins, aí você teria de me ajudar... Ele é louco..."

"Por quê?"

"Meu irmão tem um sonho. Quer a todo custo uma XL 883c Sportster Custom bicolor da Harley, uma das mais caras. Então sai com o celular do meu pai, quando consegue pegar, porque tem mais definição do que o dele, e espera pegar em flagrante algum famoso para chantagear e conseguir o dinheiro para comprá-la. Ou então para mandar o vídeo para Striscia[20]*'ou as fotos para a imprensa marrom."

"Nada mau para um garoto de onze anos. Ele tem um futuro já definido."

"Sei lá. Só espero que pare com essa fixação por dinheiro."

"Bem, ele me pareceu simpático... eu poderia contratá-lo na agência como jovem filmaker, poderia ser uma idéia publicitária, a primeira tomada rodada por um garoto de onze anos!"

"Desde que não divulgue o nosso filminho! Bem, depois eu conto a evolução das negociações..." Niki se inclina e o beija nos lábios, cobrindo os seus rostos com ambas as mãos lateralmente. Em seguida sai do carro.

"Agora vamos ter de ficar atentos... Sempre há o perigo de um furo sensacionalista."

"Certo", ri Alessandro.

“A menos que..."

"A menos quê?

"Você não conheça os meus pais."

"Bem, com o *Ben Stiller* em *Entrando numa fria*... acontecia de tudo..."

"Sim, mas não acredito que os meus pais vão rir como riam naquele filme."

"Ora, no máximo o seu pai vai ser como o Jack Byrnes."

[20] Striscia Ia Notizia é um programa da televisão italiana. Que pretende ser uma paródia do noticiário diário, mas também satiriza o governo e expõe a corrupção e as fraudes, com a ajuda de jornalistas locais que são também comediantes. (N. T.)

Niki fecha a porta.

"Ei, estou brincando, tenho certeza de que com você meus pais podem agüentar."
Alessandro sorri.

"Vou informá-la quando eu estiver pronto. E principalmente quando eu estiver convencido de que os seus vão poder agüentar..."

Dá a partida e se afasta. Olhando pelo retrovisor, ele a vê despedir-se de longe com um aceno. Alessandro põe o braço para fora e dá um tchau. Em seguida vê que ela se vira e vai para casa. Que garota linda. E o irmão também é simpático. Bem, tão garotinho e já tão chantagista. Mas os defeitos entre os irmãos não são transmitidos. Ou são? E por um instante vê toda a sua vida em perigo. Depois se lembra de alguma coisa e vê perigo especialmente na sua noitada. Os seus pais o estão esperando para jantar.

Mauro chega com a sua Kymco escangalhada diante da casa de Paola. Levanta a cabeça e a vê no terraço. Está fumando um cigarro quando de repente se dá conta dele.

"Ah, aí está você!" Mauro a cumprimenta de baixo com um gesto de cabeça. "Espere que vou descer!"

Paola apaga o cigarro no chão, pisa nele e depois dá um pontapé na guimba, que voa por baixo da grade e vai cair não muito longe de Mauro. Ele desce da moto e senta nela. Pouco depois, Paola aparece no portão. Ela é bem bonita, pensa Mauro, mas o que estou dizendo, é lindíssima. E, além do mais, tão alta. Sorri para ela. Paola arregala os olhos feliz, curiosa, excitada.

"E então? Mauro, mas que fim você levou? Eu te liguei até alguns minutos atrás. O seu celular está sempre desligado. Depois você se queixa quando eu faço isso. Até liguei na sua casa, mas não sabiam nada sobre onde você tinha ido... Que fim você levou? Olhe que estão preocupados..."

"Eles só se preocupam quando interessa a eles."

Paola se aproxima de Mauro e apoia as mãos nos quadris dele. "Então? Vamos, conte. Mas como é que o teste demorou tanto?" Paola não solta a mão esquerda do quadril de Mauro, mas a gira para olhar no relógio.

"São nove e quinze..."

"Caramba, me seguraram um tempão, hein?"

"Vamos, conte alguma coisa, estou morrendo de curiosidade."

"Fui cortado."

"Puxa... sinto muito, amor."

Paola o abraça, aproxima-se para beijá-lo, mas Mauro se afasta.

"Ei, pare..." Paola se afasta um pouco. Tem vontade de ficar brava, mas pensa melhor.

"Vamos, Mauro, não faça assim. É normal, acontece com todos. Foi só o seu primeiro teste..."

Mauro cruza os braços. Em seguida pega um cigarro do bolso. Paola percebe a jaqueta nova dele.

"Linda! É nova?"

"É uma Fake."

"Caramba, você quer mesmo arrasar?"

Mauro dá uma tragada no cigarro, em seguida esboça um meio sorriso.

"Que nada. Comprei para fazer o teste. Dinheiro jogado fora. Assim como aquele das fotos. Paguei uma nota."

Paola se anima. Está novamente curiosa.

"Mas o que, estão aqui? Deixa eu ver?"

Mauro saca um envelope de debaixo do selim. E passa para ela de má vontade. "Aqui estão."

Paola as apoia no selim da moto. Abre o envelope e começa a olhar.

"Puxa, lindas. É muito bom esse fotógrafo. Linda esta, veja! Nesta aqui você está realmente bem. Você parece com o Brad..."

Mauro olha para ela.

"Por mim você pode ficar com todas. Pareço com o Brad, mas escolheram outro, um bonitão qualquer e nem tão bonitão. Devia ser alguém recomendado..."

Paola recoloca as fotos no envelope.

"Ora, Mauro, você tem idéia de quantos testes eu tive de fazer antes de ser aceita naquele do outro dia, hein? Imagine, você tem idéia?"

"Não, não sei."

"Eu vou te contar... Um monte. E você fica bravo porque não o pegaram no primeiro teste? Ah, gostosão, você tem de percorrer muita estrada para conseguir, e se alguém desiste no início, nunca vai conseguir!"

Paola ajeita a blusa e a puxa um pouco para baixo.

"Mas essas fotos são muito boas. Na minha opinião você é realmente fotogênico, isto é, fica ótimo, estou falando sério, não é só porque não o escolheram hoje..."

"Deixe disso..."

"Juro."

Mauro pega o envelope, abre novamente e olha as fotos. Parece um pouco mais convencido.

"Você acha?"

"Sim, eu acho."

Mauro adquire um pouco mais de segurança. Pega uma foto e a separa.

"Olhe esta aqui. Olhe, olhe. Pareço com quem?"

"Para mim, nessa você é o Banderas."

"Sei, Banderas. Antes Brad, agora Banderas, você está gozando da minha cara? Vamos,

olhe bem, até tentei fazer a pose dele quando tenta conquistar aquela atriz..."

"Sei lá, não consigo..."

"Como não, é Johnny Depp! Lembra, quando está na porta que entra na casa daquela, naquele filme que tinha mãe e filha que o tempo todo mudavam de cidade. Sim, Chocolate."

Paola sacode a cabeça. "Entendi, e a atriz era a Juliette Binoche."

"Está bem, tanto faz como se chamava", mostra novamente a foto, "é verdade, amor? Entendeu qual é a cena? Sou eu, não?"

Paola sorri. "Sim, é você escarrado."

Mauro, um pouco mais relaxado, coloca a foto dentro do envelope. "Bem, de qualquer maneira, não me pegaram."

"Quem sabe, dessa vez Johnny Depp não servia."

"Puxa, não é possível", Mauro sacode a cabeça e sorri para ela, "você sempre tem a frase certa para o momento certo."

"Não, é exatamente o que eu penso, sério."

Mauro se aproxima dela e a abraça.

"O.k., você sabe que dizem que Johnny Depp tem aquilo enorme. E eu agora... veja só, estou parecido em tudo... Não sei o que deu em mim. Sei lá. Talvez porque eu estava bravo ou porque olhava antes para você, enquanto arrumava a malha sobre os seios, olhe, me dei mal. Sinta, sinta aqui."

Pega a mão de Paola e a coloca sobre os jeans. Paola retira rapidamente a mão.

"Pare, você é um cretino, aqui, na frente de casa, com meu pai que pode estar olhando para fora. Se ele o vê fazendo isso, sabe o que lhe faz? Não vai fazer propaganda durante dois anos de tanto que vai ficar inchado... de porradas, porém!"

"Ora, você é ótima", Mauro se aproxima dela, "amor", beija-a ternamente, "va¬mos um pouco até a garagem? Vem, que estou com vontade."

Paola inclina a cabeça para o lado. Aquelas palavras de Mauro, sussurradas no ouvido, lhe dão um calafrio repentino. Ele sabe como conduzi-la.

"Está bem, vamos. Mas não podemos demorar, viu?"

Mauro sorri. "Um pouco... algumas coisas não dá para fazer depressa..."

"Pois é, você fala, mas às vezes parece uma Ferrari."

"Caramba, você é uma víbora, hein..."

Mauro dá a partida no motor. Voltou a ficar alegre. Coloca o capacete enquanto Paola monta atrás dele e o abraça. Dão a volta no edifício e chegam à garagem.

"Shhhh", faz Paola descendo, "devagar, devagar, vá devagar que, se meu pai nos ouve,

vai ser um problema."

Mauro estaciona a moto.

"Ei, deveria haver um mínimo de compreensão da parte de seu pai! Quem sabe quantas vezes ele terá feito isso com a sua mãe?"

Paola lhe dá um soco nos ombros.

"Ai, ai, machucou."

"Não gosto que você brinque sobre essas coisas com os meus pais."

"Mas que coisa? É o amor. A coisa mais linda do mundo."

"Sim, mas você não fala com respeito."

"Mas o que está dizendo, amor? Então os seus pais não fizeram amor? Não posso falar? E você, diga, como eles a fizeram? Com o Espírito Santo? Ei, venha aqui", e assim falando a puxa para dentro do carro do pai, um velho Golf azul, quatro portas.

"Ai, ai, vá devagar, devagar!"

Mauro lhe desabotoa as calças e logo em seguida enfia as mãos dentro do decote em V da blusa. Seus dedos exploram o sutiã, acariciam os seios, procuram os mamilos.

"Você não sabe a vontade que eu tinha antes, na rua."

"E agora, não?" Paola o beija no pescoço.

"Agora tenho mais."

Mauro desabotoa as calças e abaixa o zíper. Depois pega a mão de Paola e a leva para baixo. Como antes, na rua. Mas agora é diferente. Agora é o momento certo. Paola o morde levemente nos lábios e devagar afasta o elástico da cueca. Entra com a mão e explora ele também. Procura, procura lentamente. Depois encontra. Mauro tem um estremecimento. E com o movimento alguma coisa cai de seu blusão. Mauro percebe. Para a mão de Paola. Começa a rir.

"Olhe só! Temos um *voyeu!*", e, dizendo isso, o agarra e o faz sair da sombra. "O ursinho Totti!"

"Não acredito, você o levou consigo?"

Mauro dá de ombros. "Sim, para dar sorte, mas não serviu para nada."

"Que é isso, ele se esforçou, mas até o Gladiador[21] às vezes pode errar, não? Você vai ver como da próxima vez consegue, vai ganhar e será uma coisa ainda mais mágica!"

Em seguida um bipe. O celular de Paola. Mais um.

"Quem é? Quem é que envia torpedos para você a essa hora?"

[21] Refere-se a Francesco Totti, capitão do time de futebol do Roma, que é também conhecido pelo nome de Gladiador. (N. T.)

Diabos, pensa Paola, mas eu não o havia desligado?

"Não é nada, eu tinha pedido um favor... Ê para a convocação de amanhã de manhã."

E, antes que Mauro tenha tempo de pensar, atira-se sobre ele e o envolve. Enfia novamente a mão na cueca, o puxa para fora e, olhando direto nos olhos dele, o movimenta habilmente para cima e para baixo.

"Você tem vontade de me pegar? Eu estou morrendo de vontade."

Mauro a beija e responde com os dentes apertados, atropelando um beijo. "Eu também."

"Mas você trouxe a camisinha?"

"Não, esqueci de pegar."

"Então nada. Vai se satisfazer só com a minha boca", e olha para ele uma última vez nos olhos e depois desaparece do campo de visão, descendo lentamente na penumbra do carro, entre as suas pernas onde desabrocha o desejo. Aquele desejo tão forte que até faz esquecer um torpedo recebido no celular de Paola.

Enrico acabou de voltar para casa.

"Amor, você está em casa?"

Pendura o paletó nas costas de uma cadeira da sala.

"Estou aqui, já vou."

De repente, Camilla surge do quarto de dormir.

"Desculpe, não ouvi você entrar, estava ao telefone..."

E lhe dá um beijo rápido nos lábios. Em seguida pega o paletó e se encaminha para o quarto. Enrico a segue. E enquanto abre o armário a abraça por detrás. Perde-se entre os seus cabelos, em seu perfume intenso. Beija-a no pescoço.

"Com quem você falava ao telefone?"

Camilla arruma o paletó, depois fecha o armário e escapa daquele abraço.

"Ah, você não conhece. Uma moça da academia. Querem organizar um jantar de fim de curso para a próxima semana... Devo preparar alguma coisa ou você quer sair?"

"Não, estou cansado, prefiro ficar em casa."

"Eu também, estou morta. E amanhã ainda preciso levantar cedo."

Enrico a segue até a cozinha e a observa enquanto estende a toalha sobre a mesa.

"Aonde você vai?"

"Mamãe perguntou se posso acompanhá-la de carro para comprar alguns tecidos. Quer trocar as cortinas."

Enrico olha novamente para ela.

"Bem, então vou lavar as mãos e depois lhe farei companhia."

"Não, imagine, fique à vontade no sofá, se quiser ver um pouco de televisão. Eu chamo quando estiver pronto."

Enrico vai na direção do banheiro. Mas passa por ele. Para um instante e volta para trás. Lá no fundo, na cozinha, vê a mulher que pega uma panela. Enrico continua caminhando na ponta dos pés e vai para o dormitório. Senta-se. Vê o celular. Observa-o por alguns instantes. Olha em volta. Agarra-o, aperta a tecla e ele se acende imediatamente. Nenhuma senha. Camilla detesta. Sempre tem medo de esquecer. Tecla verde. Última chamada feita. Fica sem palavras. Nada. Nenhuma chamada. Todas apagadas. Enrico desliga o aparelho e vai para o banheiro. Droga. Talvez eu devesse olhar as chamadas recebidas. Começa a lavar as mãos. Mas não posso fazer isto. Eu gosto muito da Camilla para não me importar. Enxuga as mãos. De qualquer maneira, dentro de alguns dias não haverá mais dúvidas. Vai saber. E então não mais poderá

lavar as mãos. Deverá tomar a sua decisão.

Flavio está no sofá, semideitado. A pequena Sara se atira um pouco em cima dele, brincando. Agora ela já tem mais de um ano. Diverte-se em não deixá-lo assistir televisão em paz e ele gosta. Bem naquele instante ouve o barulho da fechadura.

"Cristina, é você?"

"Que pergunta. Se fosse um ladrão o que ia responder? Não, sou o ladrão. Vim roubar e já vou embora."

Flavio se levanta e tenta beijá-la. Mas Cristina está cheia de sacolas e passa logo duas para ele.

"Tome, seja útil. Leve para a cozinha. Cuidado, que dentro tem os ovos."

Em seguida vê Sara que atravessa a sala caminhando um pouco insegura, com um brinquedo nas mãos.

"Flavio, mas Sara ainda está acordada?"

"Ela estava esperando por você, queria lhe dar boa noite."

"Já devia estar dormindo há uma hora. Você disse que voltava antes. Eu pedi de propósito, assim você a colocava na cama... Acordava pela uma, eu lhe dava algo para comer e ela voltava a dormir, e sobretudo eu conseguia dormir. Amanhã de manhã tenho as provas do exame da promotoria... E, claro, para você tanto faz. Eu é que devo fazer tudo nesta casa..."

Cristina atravessa rapidamente o sofá e, sem mais palavras, agarra Sara, que quase deixa cair o brinquedo que segurava na mão.

"Venha, minha pequenina, vamos nanar."

Cristina sai, desaparece no quartinho segurando a menina entre os braços, como um saco. Flavio senta-se novamente no sofá. Está terminando o programa Afiliei.[22] O último quadro é sobre Maria de Filippi.

"Boa noite, estamos aqui reunidos para os desafios desta noite... Sem um adversário, a virtude apodrece... como diz Sêneca."

Flavio sorri. Quem sabe é um sinal?

"Amor, vou sair!"

Susanna corre para a sala de jantar onde Pietro está vestindo novamente o paletó e a gravata.

"Mas como, eu entendi que esta noite você ficava tranqüilo aqui jantando com a gente."

"Mas não, meu amor, não lembra? Hoje à noite eu tenho que ir à Pergola com o CEO da

[22] Trata-se de iam programa de televisão do tipo reality show. (N. T.)

nova sociedade que tomamos como cliente. Passei voando só para cumprimentar Carolina e Lorenzo."

Em seguida pega o seu rosto entre as mãos. E lhe dá um beijo longo, passional. Ou ao menos assim o faz parecer.

"... E para beijar você." Susanna sorri.

Pietro a faz sentir-se linda, ainda desejável. Sempre consegue.

"Não volte tarde. Nós nunca ficamos juntos..."

"Vou tentar, minha estrela. Mas você sabe como são essas coisas..."

Abre a porta e sai voando, desaparecendo rapidamente pelas escadas. Ela se debruça no hall e o observa. Ele dá uma derradeira volta embaixo e a cumprimenta pela última vez. Susanna volta para casa. Fecha a porta. Não sei como são essas coisas. Nunca me leva com ele.

Um instante depois, Pietro está no volante. Pega o celular e disca rapidamente um número.

"Minha estrela, estou chegando."

Alessandro toca o interfone, todo esbaforido. Está atrasado.

Alguém responde. "Quem é?"

"Eu."

O portão se abre. Alessandro sobe as escadas da entrada de dois em dois degraus e toma o elevador. Chegando ao andar certo, as portas se abrem. Ela já está me esperando.

"Alex, ainda bem, estava preocupada. Como é que você levou tanto tempo? Ja estamos todos à mesa... Mas ainda não começamos."

Alessandro beija apressadamente a mãe.

"Tem razão, mamãe, uma reunião na última hora."

Entram juntos na sala de visitas. Alguns ainda estão de pé. Outros já estão sentados.

"Boa noite a todos! Desculpem o atraso..."

A mãe o pega pelo braço. "Mas e Elena? Onde você a deixou?"

Claudia olha para ele. Alessandro gostaria de responder.

"Não, mamãe, sinto muito, mas você está errada, foi ela que me deixou."

Mas bem sabe que a sua mãe não compreenderia esse tipo de humor que, para dizer a verdade, escaparia à maioria das pessoas.

"Ela ia trabalhar até mais tarde hoje no escritório."

"Mas como vocês trabalham! Sinto muito... eu teria prazer em vê-la... está bem, vamos sentar, então."

Alessandro senta ao lado do pai.

"E aí, como vai? Tudo bem?"

"Bem, filhão. Para você não vou perguntar, me parece estar em grande forma!"

"Pois é."

Em seguida se observa refletido no vidro de um quadro. Decide distrair--se cumprimentando as irmãs e os respectivos maridos.

"Como vão?"

"Bem!"

"Tudo o.k.!"

"Sim, o.k.!"

"O.k., a não ser a fome."

Davide, o chato de sempre. Alessandro abre o guardanapo. Forma grosseira de fazer pesar o meu atraso. Olha para Claudia. Sorriem. Alessandro pisca para ela e concorda. Como a dizer: você faz muito bem em deixá-lo. Mas um instante depois faz que não. Não é verdade. Não faça besteiras, Claudia. A mãe toca a campainha ligada à cozinha. Dina aparece logo. É um ritual que se repete desde sempre, desde que usavam fraldas.

"Dina, querida, desculpe, você pode levar embora esse prato? Está sobrando. Infelizmente Elena não veio. Passará depois para a sobremesa."

Alessandro se dirige-se à mãe.

"Olhe, pelo que sei ela não vai conseguir chegar nem mais tarde..."

"Eu sei, mas por que temos mesmo de contar tudo?! E para a empregada, então..."

"Claro..." Alessandro senta em seu lugar. "Que bobagem."

Pouco depois, Dina retorna com um carrinho cheio de pratos. Alessandro dá uma olhada. Nhoque com tomates e talharins com abobrinhas. Duplo macarrão, nada mal. Dina inicia colocando os pratos diante de cada um.

"Quer trazer também os talheres de servir, por favor..."

"Ah, sim, claro, senhora."

Dina volta rapidamente para a cozinha.

"Ah, não tem o que fazer. Desde que ela entrou nesta casa, e já são mais de trin-la anos, que se esquece de trazê-los e sairá daqui se esquecendo!..."

Margherita, a irmã mais nova, limpa os lábios com o guardanapo. "Mamãe, agradeça que

durou tanto. A maioria de nossos amigos têm em casa filipinos ou estrangeiros de proveniência dúbia que certamente não cozinham tão bem... e à ::aliana!"

Luigi, o seu marido, inclina-se para a frente, tentando não ser ouvido. Não se sabe muito bem por quem. "E principalmente", diz, "nesses casos nunca se sabe bem quem vai parar na sua casa. Por exemplo, veja a senhora Delia Marre e o fim que teve."

Continuam assim, navegando em todas as direções e em nenhuma em particular. Novos impostos, um livro inacabado. Um filme sueco. Um chinês. Um festival. Uma exposição. Um corte horrível de cabelos. Uma novidade americana de que Davide ouviu falar, mas não sabe exatamente de que se trata, poderia até ser uma boa idéia, se alguém conseguisse entender algo de como ele a expõe.

E em seguida costeleta primavera, alcachofras fritas, suflê de batatas e de verduras. E mais novidades. Algo ouvido no telejornal. Uma notícia terrível. Um jovem matou os pais. Uma outra absurda mas alegre. E depois filhos de amigos que estão para casar. Entradas para um próximo concerto em Milão de um importante cantor estrangeiro. E uma indiscrição sobre um vip, uma das habituais inventadas, armadas, ou talvez verdadeiras ou falsas traições. E depois a possibilidade de ir ao *show* do Fiorello, apesar de não haver mais entradas, apesar de agora custarem mais do que umas férias para a família toda.

Margherita se levanta de repente. Bate com o garfo na borda de um copo.

"Um momento de atenção. Eu também tenho uma notícia para dar. Talvez não seja tão importante como algumas que ouvi até agora, mas para mim é fundamental! Logo vou alcançar a minha irmã Claudia. Eu também estou esperando mais um nenê!"

Silvia, a mãe, levanta-se rapidamente, afasta a cadeira e corre para Margherita. Abraça-a e a enche de beijos. "Meu amor, que boa notícia. Daqui a pouco serei avó de quatro netos! Você já sabe o que vai ser?"

"É um menino. Vai nascer daqui a quatro meses e meio."

"Que lindo! Vocês terão um menino e uma menina, como a Claudia!"

A irmã mais velha come mais uma alcachofra frita. "Eu já sabia. Só que em casa o menino é o mais velho!"

"Já escolheram o nome?"

"Estamos em dúvida entre Marcello e Massimo."

Alessandro olha para a sua irmã Margherita e depois ergue a sobrancelha. "Na minha opinião, é melhor Massimo..."

Claudia e Margherita se voltam para ele.

"E por quê?"

"Bem, esse nome sempre foi de vencedores..."

"Ah..."

Luigi levanta-se. "Estou de acordo..."

Apoia os braços na cintura. Tem uma expressão convencida. E demonstra a sua

preferência com convicção.

"Eu me chamo Massimo Décimo Merido, comandante do exército do Norte, general das legiões Fe-lix, servidor leal do único verdadeiro imperador Marco Aurélio. Pai de um filho assassinado, marido de uma esposa morta e terei a minha vingança nesta vida ou na outra."

"Sim, ele gostaria de Massimo. O gladiador."

"É claro. E talvez um dia faremos a mesma tatuagem, eu e ele, como aquela de nosso grande capitão!" E dá uma visão histórica e naturalmente derivando para uma futebolística.

Silvia ri e volta para o seu lugar. Dá um beijo no marido.

"Luigi, ouviu que bela notícia? Viu que bela família fizemos, meu amor?"

Silvia arruma melhor a cadeira. Em seguida apoia a mão no braço de Alessandro.

"E você, querido? Quando é que vai nos dar uma boa notícia?"

Ele limpa a boca com o guardanapo.
"Posso dar até agora, mamãe, mas só não sei se é boa."

"Bem, conte. Depois veremos."

"O.k. Senhores, eu e Elena nos separamos."

A mesa cai num profundo silêncio repentino. Gélido. Intenso. Claudia olha para a direita e para a esquerda. Por fim intervém para salvar o irmão.

"Desculpem, mas acabaram as alcachofras?"

Um pouco mais tarde. Todos saem pelo portão. Beijos nas faces. Apertos de mãos, promessas de voltarem a se ver em breve. Quem sabe uma *pizza,* um cinema, por que não? Mesmo se depois acaba dando em nada. Margherita alcança Alessandro, que diz: "Tchau, minha irmãzinha, estou contente por você!".

"Eu não por você. Eu gostava de Elena. Agora onde você vai encontrar outra como ela?" E despede-se com um beijo, sem deixar de sacudir a cabeça.

Claudia a vê ir embora. E se aproxima de Alessandro.

"Parece sempre que ela sabe melhor que todos como é a vida. Ou pelo menos o curso do amor..."

"Você sabe que ela é assim..."

"Que pena. Segura demais. Ela sabe tudo... Aliás, Alex... por um instante achei que você ia dar realmente a verdadeira, grande notícia."

"Como é?"

"Senhores, estou com Niki, uma explosiva garota de dezessete anos."

Alessandro olha para Claudia e lhe sorri.

"Você está louca... assim de repente só ia perder a acolhida de mamãe e sobretudo ia perder papai... Com uma notícia dessas, ele ia ter um enfarte!"

"Para mim, papai é aquele que ia receber melhor a notícia. Você sempre o desvalorizou."

"Você acha? Pode ser..."

"Bem, até a próxima." Claudia o beija sonoramente na face e afasta-se.

"Claudia..."

"Sim?"

"Obrigado, viu?"
"De quê?"

"Daquela alcachofra que você não queria mais."

Claudia abaixa uma mão em sua direção.

"Deixe pra lá! Imagine. Uma outra noitada como esta e você me leva direto para o Mességué."

"Faço com prazer. Coma, em vez de tomar estranhas decisões."

"Cretino! Mas avise de verdade quando decidir soltar mais uma bomba dessas... Eu começo uma dieta dois dias antes!"

_____65_____

Dias que passam lentamente. Quando estamos tristes. Outros que passam rápido demais. Quando estamos felizes. Dias suspensos enquanto falta pouco para a resposta dos japoneses. Passeando de carro com o CD do Battisti. Enrico escolheu uma trilha perfeita para eles. Niki, de repente, explode de felicidade.

"Alex, eu tive uma idéia genial..."

Alessandro olha preocupado para Niki.

"Socorro. Conte."

"Vamos experimentar fazer tudo aquilo que a próxima canção propõe?..."

"O.k., mas tudo mesmo, hein?"

"Ah, eu não vou dar pra trás com certeza..."

"O.k. Então eu escolho a canção..."

"Não, não vale... Coloque ao acaso e o que vier, será."

Alessandro aperta uma tecla do aparelho. Em seguida os dois aguardam curiosos e divertidos qual será o seu próximo destino.

"Num grande supermercado uma vez ao mês, empurrar um carrinho cheio, de braços dados com você..."

"Não, não acredito... mas é quadradíssimo!"

"Agora já dissemos que íamos fazer e temos de fazer. Coragem, vamos."

Estacionam pouco depois do supermercado no Villaggio Olimpico e descem rápido do carro. Um euro por um carrinho. E decidem encher a geladeira de casa para outros mil jantares.

"Quem sabe, um dia, poderemos convidar todos os nossos amigos, não? O que você acha?"

"Sim, claro!"

Alessandro pensa em Pietro, Enrico, Flavio, e sobretudo nas respectivas esposas, juntamente com Niki, Olly, Diletta e Erica e companhia. Seria um jantar perfeito. Quem sabe um pouco difícil encontrar os argumentos certos para todos.

"E falar da alta dos preços dos congelados, ficar na fila enquanto sinto que você se apoia em mim..!"

E vê-la sorrir enquanto corre pelas várias *seções.* Perder-se entre um alface a ser pesado e os pêssegos de que ela gosta tanto. E voltar a ser criança. Enquanto a canção continua. E as provas se tornam mais difíceis.

"Mas você tem certeza? E se os seus pais descobrem?"

"Está tudo certo... Eu disse que ia à escola e depois iria dormir na casa da Olly. Ela vai dar cobertura... Vamos! Droga, que medroso você é! Quem está arriscando sou eu, não?"

"Como quiser."

"Preparar-se para partir com esquis e botas, acordar antes das seis horas.."

Alessandro vai buscá-la cedíssimo, estaciona um pouco longe do portão. E a vê sair correndo, toda sonolenta, ainda quente da cama. Em seguida partem velozes. E Niki, pouco depois, adormece por debaixo do edredom que a cobre. Ele a observa enquanto dirige e sorri. E ela parece aquela coisa tão linda para a qual não se encontram palavras.

"E parar na lanchonete para um sanduíche..."

Essa é mais fácil. Estão ambos famintos. E pedem um sanduíche grande, alto, com recheio, recém-preparado, que escapa por todos os lados. E riem enquanto comem.

"Mas quanto falta? É longe? Estamos viajando há um tempão!"

"Daqui a pouco chegamos. Mas, desculpe, Niki, você queria a neve, não? Só tem no Brennero."

"Arre! Mas esse Brennero é tão longe!"

"Está onde é o lugar dele! E tire os pés do painel, querida!"

E na recepção do hotel, emocionada pela primeira vez ao entregar os documentos. Mas o porteiro, tranqüilo, não percebe nada. Nem mesmo a idade.

"E ftcar dois dias na cama e não ir mais embora.."

E também nesse ponto não há problemas. É agora que vão começar.

"Alex, posso ligar para casa, senão ficam preocupados."

"Claro. Mas por que você está pedindo? Você tem o celular, não?"

"Shhhh, quieto, está tocando. Alô, mamãe? Tudo o.k."

"Oi, Niki, mas onde você está? Apareceu um estranho 0043, Áustria..."

Alessandro surge na porta do quarto e arregala os olhos e sacode a cabeça. E diz para ela baixinho: "Mas você está louca? E agora o que vai dizer?"

Mas Niki ri. Segura, tranqüila.

"Eu sei, mamãe, queríamos experimentar as pranchas de *snowboard.* Partimos. Sim, vamos dormir na casa da prima de Olly e voltamos amanhã à noite, tarde."

"Niki, por que você não falou, mas você se dá conta?"

"Porque senão *você* se preocupava como sempre e não me deixava ir... mamãe?"

Silêncio.

"Mamãe, viemos de trem. E hoje de tarde, depois de esquiar, vamos estudar."

"O.k., Niki... Mas ligue mais tarde..."

"Claro, mamãe, dê um beijo no papai", e desliga. Suspira. "Diabos, não lembrei, mudaram há pouco o telefone da sala, colocaram aquele com o identificador de chamadas!"

Alessandro põe as mãos na cabeça. Vai para o outro quarto.

"Não posso acreditar... em que confusão eu fui parar..."

Niki surge na porta.

"A verdadeira confusão é que vou obrigá-lo a experimentar a prancha de *snow!"*

E mais tarde, nas pistas, aos trambolhões e tentativas vãs e quedas na neve. E Niki que ensina àquele aventureiro desajeitado, que um pouco rígido se lança e cai. Mas não tem medo. Reencontrou a vontade de tentar, de cair, de erguer-se... E quem sabe talvez também a de amar.

Depois, no *hall* do hotel, experimentar uma partida de bilhar estrambótica, na qual quem vai parar nos buracos são os tacos. Depois a sauna e um pouco de televisão. E depois no quarto. Uma ligação para a mamãe.

"Sim, estudei até agora..."

Uma mentira que não machuca ninguém. Mas um pequeno sentimento de culpa surge do mesmo jeito. Mas é só um instante. Depois desliga. Alessandro e Niki se olham nos olhos.

"E correr atrás de você sabendo aquilo que você quer.."

E não há nada melhor do que alcançar o outro.

E depois partir de volta com calma, na manhã seguinte, guiando sem pressa, sabendo que aquilo que você procura está ali ao seu lado. Tocar de vez em quando a perna do outro para certificar-se de que é verdade. E a estrada que corre por baixo. E a música que faz companhia. E o mundo que segue em frente. Mas não incomoda. Não faz barulho. Alessandro abaixa um pouco o som. Observa Niki dormir. Ali, no assento ao lado. Ligeiramente bronzeada. Depois Alessandro sorri. Os pés dela naturalmente sobre o painel. E depois chegar a Roma que, com ela, parece outra cidade.

"Pedir os folhetos turísticos da minha cidade e passar com você o dia visitando museus, monumentos e igrejas, falando em inglês e voltar para casa chamando você de senhora"

"Olhe, daqui a pouco vou ter o exame de maturidade. Você vai me ajudar, não?"

"Claro, sem brincadeiras. Além do mais, você me ajudou muitíssimo com LaLuna."

"Mas você não deve fazer por se sentir em dívida comigo... Deve fazer porque quer."

"Mas não, eu dizia no sentido de 'imagine se não vou querer ajudá-la quando posso'."

"Também não está bom. De um jeito ou de outro é sempre uma forma de pagar uma dívida."

"Arre, como você estica o assunto. Então não vou ajudar!"

"Pois é, viu, já está melhor assim... É que no fundo, no fundo, você não quer me ajudar. Mas você prestou o exame de maturidade?"

"59 pontos em 60."

"Velhão!"

Um instante de silêncio.

"Velhão!"

E Niki ri novamente.

"E, além disso, um a menos da perfeição! Que ironia!"

"Vamos ver se você faz melhor!"

"Ah, claro." Niki sorri e se apoia nele.

"Por que não? Por que não?"

E depois a pergunta mais difícil.

"Desculpe, mas o senhor me ama ou não?"

E a resposta mais simples.

"Não sei, mas eu estou nessa!"

_____66_____

Alguns dias depois. As Ondas e as outras garotas estão treinando basquete, só para manter a forma.

"Então, está pronta?"

Em seguida um som como de um trovão. Baixos fundos e quentes saem das duas caixas acústicas apoiadas sobre o chão. A música invade o grande ginásio da escola. Dois velhos Ali Stars vermelho e branco ali do lado mantêm o ritmo. Conhecem bem aquela música. Uma mão bate o ritmo sobre o vidro da janela. Niki para de jogar. Vira-se e para na frente dele, com as mãos na cintura.

"Então você está insistindo. Por que você quer estragar tudo o que houve entre nós?"

Mas Niki não tem tempo de concluir porque do aparelho de som começa uma canção. Fábio faz uma expressão de troça. E canta em *playback* a sua música.

"Não foi por acaso se naquela noite, jovem estrela, você caiu no meu leito... Eu não estava com vontade, isto eu sei. Doces promessas e jovens mentiras. Porque agora foge. 0 passado machuca. Lembra que não foi um acaso... aquela noite lá, jovem estrela, você caiu no meu leitor."

Niki olha para ele. Seus olhos brilham.

"Você é mesmo sacana, Fábio. Um enorme sacana, Fábio Fobia, ou como cacete você se chama", e foge, antes que ele a veja chorando. Ele não merece as suas lágrimas. Fábio Fobia não aperta o *"stop".* Deixa a trilha continuar mais um pouco. Senta-se no chão. Cruza as pernas. Acende um cigarro.

"Que cacete vocês estão olhando, joguem, joguem..."

E aumenta o som da música.

"Lembra que não foi um acaso... aquela noite lá, jovem estrela, você caiu no meu leito."

Uma jovem passa a bola para quem deveria lançar. Mas Diletta para a bola e fica batendo-a no chão. Depois vai para perto do aparelho de som e o desliga.

"Esse barulho incomoda", e dirige-se para o vestiário.

"Sim, sim, podem dar uma de gostosonas. Mas depois é conosco que vocês devem passar se quiserem gozar!"

Fábio se levanta e dá um pontapé no vidro da parte inferior da janela, que-brando-o. Depois sai e continua fumando.

"Olhe, assim você só cria inimigos."

Fábio vira-se. Olly está parada na porta do ginásio.

"Por que você se comporta dessa maneira, você acha que faz gênero? As suas canções podem até ser bonitas, mas têm muita maldade... em você também. E com a maldade não se vai longe."

Fábio Fobia dá duas tragadas rápidas. Depois joga o cigarro ao chão. Pisa nele. Gira em cima a ponta do pé com força, apagando o cigarro. Depois passa ao lado de Olly, a um milímetro. Quase a obriga a se espremer contra a parede. E canta bem perto de seu rosto: *"Lembra que não foi um acaso... aquela noite lá, jovem estrela, você caiu no meu leito".*

Fábio Fobia pega o seu equipamento de som, pendura-o nos ombros e passa novamente na frente de Olly. E, sem se dignar a lhe lançar um olhar, afasta-se do pátio da escola.

Olly permanece parada na porta do ginásio, observando-o ir embora assim, com um pensamento distraído e algum outro bem preciso.

Alessandro está sentado na poltrona, no escritório. Está com as mãos atrás da cabeça, apoiado no encosto de couro. Olha divertido as sugestões de propaganda de LaLuna, ordenadamente dispostas na mesa enorme de sua sala. Uma música chega do aparelho de som ali ao lado. Mark Isham. Relaxante no ponto certo.

"Posso?"

"Entre." Alessandro se ajeita. É Andréa Soldini.

"Venha, Andréa, sente. Então, novidades? Não precisamos de atalhos, não é?"

Andréa Soldini sorri, sentando-se na frente dele. "Não, estamos só aguardando o veredicto. Mas parece que não temos dúvidas, não?"

Alessandro se levanta. "Não, parece que não. Mas é melhor não cantar vitória enquanto não soubermos exatamente o que decidiram esses benditos japoneses."

Aproxima-se da máquina de café.

"Café?"

"Sim, obrigado." Andréa o observa preparar a máquina de café. Alessandro pega um pacote, abre, retira dois sachês, encaixa na máquina e aperta o botão.

"Sabe, Alex, quando eu o via no meu escritório encontrando a minha chefa, a Elena, bem, eu não achava que você fosse assim..."

"Assim como?"

"Assim, diferente. Seguro. Tranqüilo, agradável. Isto. Você é agradável."

Alessandro retorna para a mesa com os dois cafés, dois envelopinhos de açúcar e os palitos de plástico.

"Nunca sabemos como alguém é enquanto não o conhecemos pessoalmente, longe das situações habituais."

Andréa abre o açúcar, coloca-o na xícara e começa a mexer. "Sim. Às vezes não chegamos a conhecer uma pessoa nem mesmo vivendo juntos."

"O que você quer dizer?" Andréa olha para ele.

"Eu? Nada. Às vezes falo assim", e toma o seu café.

Alessandro faz o mesmo. Depois o observa.

"Às vezes realmente não entendo. Por que você se subestima sempre e não se valoriza?"

"Eu também me pergunto isso sempre, o problema é que não encontro a resposta."

"Mas se você não acreditar em si mesmo..."

"... Sim, eu sei, como vão poder os outros acreditar?"

"Quem sabe as russas, aquela noite, o estivessem achando simpaticíssimo sem que você precisasse passar mal..."

Andréa termina o café. "Nem me lembre... Se eu lembrar daquela noite, vou passar mal novamente..."

"Por favor, economize a chegada de outra ambulância..."

Andréa sorri. "Chefe... é um prazer trabalhar com você."

"Para mim também, tê-lo no time. Você não consegue se enxergar de fora. Mas posso garantir que passa uma ótima impressão."

"Muito bem!" Andréa se levanta. "Obrigado pelo café, vou voltar para minha sala."

Dirige-se para a saída, mas para um instante. "Aquela garota... Niki..."

"Sim."

"Não sei se os japoneses vão apreciar, mas eu acho que fez um belo trabalho."

"Ah, sim, eu também. Aqueles desenhos são realmente novos e surpreendentes."

Andréa para um instante na porta, depois olha para Alessandro e sorri.

"Eu não me referia aos desenhos..." e fecha a porta.

Alessandro não tem tempo de dizer nada. Bem naquele instante, um bipe em seu celular. Olha para o *display.* É um torpedo. Abre. Niki. *Lúpus in fábula...* Como é que dizia Roberto Gervasio? "A vida é uma aventura com o início decidido por outros, um fim não desejado por nós e tantos entreatos escolhidos aleatoriamente pelo acaso" Da série... então, por que me preocupo? Leonardo se inspira freqüentemente nele para os seus recados à mulher. E ainda estão juntos... Aquele também é um acaso. Alessandro lê a mensagem de Niki. Sorri. E responde o mais rapidamente possível. "Claro" e a envia. Depois pega o paletó e sai. Então prefiro aquela frase de um anônimo. "Nos encontramos por acaso. Nos encontramos com um beijo."

Niki sai do portão. Olha ao redor. Indecisa. Não sabe para onde ir. Alessandro toca duas vezes a buzina. Depois dá um sinal de luz com os faróis. Niki cobre por um instante os olhos com a mão para ver melhor, como um jovem marinheiro de vigia, mais sensual do que todos aqueles da obra de Jean Genet: *Querelle de Brest.* Depois o reconhece de longe e rapidamente corre na direção do carro. Alessandro abre a porta e ela mergulha dentro.

"Rápido, vamos logo, que os meus pais estão para sair."

Alessandro dá a partida e num instante já está dobrando a esquina.

"Fiuuu..." Niki ri. "Não estava reconhecendo você. Mas..." Depois olha ao redor. 'O que você está fazendo neste carro? Você entendeu que a verdadeira criatividade vem do povo, não é? E foi por isso que você pegou esta carroça estourada, diga a verdade."

"Que nada, é da minha mãe. Eu pedi e ela emprestou."

"Não acredito. Você já levou o seu para consertar? Mas não era para acionar o seguro? Olhe que Mario, o meu mecânico, deixava ele novo e até fazia você ganhar alguma coisa."

Alessandro dirige divertido.

"Não, não, o meu continua amassado do jeito que você deixou. Este aqui eu peguei para você."

"Para mim?"

"Sim... ele tem câmbio manual."

Niki olha, vê a mão de Alessandro entre os dois assentos. Bem naquele instante ele engata a quarta marcha.

"Nossa... obrigada! Você é genial... Pensou em mim..." Então, para um instante. "Você pediu para a sua mãe? Por causa do câmbio, para mim... Mas então você falou também da gente!" e pula em cima dele, o beija, fazendo que perca momentaneamente a direção.

"Quieta, Niki, senão vamos amassar este também!"

"Mais do que já está?!" Niki se ajeita. "E como é que ela vai perceber?"

"As mães sempre percebem tudo. Imagine que este é o carro que eu usava quando tinha a sua idade." Enquanto diz isso, tenta tirar o peso dessa estranha verdade. "Ela sabia se eu havia fumado, se havia bebido e até se uma garota tinha topado ou se eu havia feito coisas..."

"Coisas? Mas isso é jeito de falar? Minha nossa, como você é antiquado! E, além do mais, desculpe, você fez 'coisas' neste carro e agora se atreve a sair comigo nele?" e bate em Alessandro de brincadeira.

"Mas olhe que já se passaram vinte anos!"

"E daí? É tudo o que você fez dos seus dezoito anos até hoje que me deixa louca. Ou seja,

praticamente desde que eu nasci até agora... Quase. Eu gostaria de poder voltar atrás no tempo, como um *rewind* do DVD, e rever você. Ou melhor, não, diretamente no cinema. Sentar na primeira fila com um copão de pipoca e assistir ao filme da sua vida, em silêncio, sem ninguém para perturbar"

"Bem, isso também poderia valer para mim a seu respeito. Eu também gostaria de estar no cinema e assistir às cenas mais importantes da sua vida..."

"Sim, mas você veria um curta-metragem! Não perdeu muito! Você tem a possibilidade de viver tudo de mim!"

"Você também. O dia mais bonito é aquele que ainda deve ser vivido..."

"Ora, ora! Essa foi você que inventou... E todas as trepadas que você deu neste carro, o que me diz? Esqueceu, por acaso?"

Alessandro olha para Niki, gira várias vezes a cabeça para ela.

"Não acredito."

"O quê?"

"Você é ciumenta. Sabe o que diz o Battisti?"

"Agora já sei tudo do Battisti. Claro que eu sei. 'Querida amiga ciumenta, é um castigo, um tormento, não conseguir esquecer aquilo que de mim você não pode saber, todos os meus amores antigos lhe fazem mais mal do que a dor de dente, todos aqueles beijos que eu dei não vão embora como quando se lava a roupa...'"

"Você está afiada, hein?"

"Claro... depois de todas aquelas compilações e interpretações de Enrico que eu ouvi nos últimos dias..."

"E então por si mesma você compreende que o homem também sofre... Na mesma canção, ele ainda diz... 'Em confiança, meu amor, algum problema eu também tenho, por não falar do efeito das suas ex-coisas de cama'."

"Sim, sim, não mude de assunto! Confesse! Neste carro você fez amor, sim ou não?"
Alessandro pensa um instante.

"Não."

"Jure!"

"Juro. Só um beijo uma vez no *drive-in* de Ostia."

"Num *drive-inl* Que rabo! Eu só vi no cinema."

"Paz?"

"Absoluta."

"Paz absoluta?"

"Sim, é o meu jeito de falar, quando não quero brigar de jeito nenhum!"

"O.k., então vou encostar, assim você guia. Mas não como uma louca, hein? De vez em quando pare."

O carro encosta lentamente no meio-fio e para. Niki passa por cima de Alessandro.

"Niki, espere que vou descer."

"Ora, não dê uma de velho, mude de lugar por dentro mesmo, é mais rápido."

E, na confusão da troca, a seta é acionada, Alessandro bate no painel, "Ai, ai, uma perna fica atravessada, Niki ri. "Mas como você é pesado..." E aqueles *jeans* apertados demais... Mas finalmente cada um está no seu novo lugar.

"Posso ir?"

"Sim. Devagar."

Niki aciona a embreagem. Engata a primeira.

"Como estou indo?"

"Muito bem... Talvez porque você ainda não tenha ido. Pressione o acelerador e solte a embreagem aos poucos." Niki obedece. O carro parte devagar.

"Muito bem, agora engate a segunda."

Niki pressiona novamente a embreagem. E muda de marcha.

"Aí está, segunda..."

"Você arranhou."

"Eh, como você é difícil, engatei, não?" E assim em frente no trânsito naquela noite. Uma marcha depois da outra. Uma arranhada aqui e ali. Algum tranco. Uma seta colocada com atraso. Uma freada brusca. Alessandro põe as mãos contra o parabrisa.

"Ai, ai, mas por que você breca assim?"

"Desculpe..." Niki ri e parte de novo. E mais uma vez assim, uma autoescola divertida.

"Segure a direção com as mãos na posição dos ponteiros do relógio às dez edez."

"Mas é tarde."

"O que quer dizer, você precisa voltar para casa?"

"Não, é tarde às dez e dez, a direção eu tenho que segurar agora, não? Senão vamos bater!"

"Graciosa..."

"Uma daquelas piadas que você conta no escritório e todos riem... De qualquer maneira, eu fico cansada de segurar assim..."

"E eu vou reprová-la."

"E eu peço revisão." Niki bufa e acelera de vez em quando, guiando lentamente, sem excessivos trancos no motor.

"Ei, Niki, mas você pegou a marginal."

"Sim, é mais fácil", e começa a cantar. "E voltar e viajar. E de noite com os faróis iluminar claramente a estrada para saber aonde ir. Com coragem gentilmente, gentilmente. Docemente viajar...", um pequeno buraco que faz balançar o carro, "evitando os piores buracos. Sem por isso cair nos seus medos, gentilmente sem fumaça e com amor."

"Mas o que está fazendo? Vai parar?"

"Sim, já estou guiando muito bem. Estou cansada." Niki para num pequeno espaço de estacionamento. "E, além disso, se for verdade aquilo que você disse, quero ser eu a inaugurar o carro da sua mãe." Liga o rádio e apaga todo o restante.

Escuridão. Suspiros repentinos. Mãos que se entrelaçam, divertidas, leves. Desa-botoam, procuram, encontram. Uma carícia, um beijo. E mais um beijo e uma camisa que se despe. Um cinto que se abre. Um zíper que desliza lentamente. Um mergulho. Na escuridão pintada de preto. Felizes de estarem ali... Escuridão feita de desejo, de vontade, de ligeiras transgressões. A mais bonita, a mais macia, a mais desejável. Carros que na estrada passam velozes. Faróis que iluminam de repente e desaparecem. Feixes de luz que pintam bocas abertas, desejos suspensos, sofridos, alcançados, tomados, olhos fechados, depois abertos. E mais, e mais. Como entre as nuvens. Cabelos confusos e assentos desconfortáveis, mãos que dão prazeres, bocas em busca de uma mordida. E carros que continuam passando tão velozes que ninguém tem tempo de colher aquele amor, que segue em ritmo da música ao acaso, que vem do rádio. E dois corações acelerados que não freiam, que docemente vão se chocar. Um pouco mais tarde. Uma janela ainda embaçada de amor se abre.

"Nossa. Está quente aqui dentro."

"De morrer."

Alessandro está fechando o cinto das calças, Niki arruma a camiseta. Uma luz repentina os ilumina em cheio no rosto. Deixando-os quase cegos.

"Ei, mas o que é isso?"

"Um óvni?"

A luz se desloca lateralmente. Surge a escrita. Polícia.

"Desçam, por favor."

"Não posso acreditar", Niki sorri fechando os *jeans.* "Bem a tempo."

Da viatura descem dois policiais, enquanto Alessandro e Niki abrem as respectivas portas.

"Documentos, por favor."

Em seguida, de repente, todos os quatro se reconhecem.

"Outra vez!"

Niki se aproxima do ouvido de Alessandro."... Mas já não era hora de deixar de vê-los? Só para ficar no tema!"

"Para mim estão nos seguindo." Depois, Alessandro se dirige a eles: "Mas querem os documentos assim mesmo?"

"Sim, faça o favor de mostrar os documentos..."

O policial mais jovem se aproxima do carro. Ilumina com a lanterna o cartão do seguro obrigatório que está colado no pára-brisa.

"Mas o senhor não tinha um Mercedes, um pouco amassado?"

"Sim..."

"E este carro, de quem é?"

"De minha mãe."

"Ah, da sua mãe... Desculpe, mas, quantos anos o senhor tem?"

"Consta na carta de motorista que está com o seu colega."

O outro lê em voz alta. "1970... Logo, trinta e sete."

"Feitos em junho", especifica Niki.

Em seguida, o policial abre a identidade de Niki.

"E a jovem, dezessete."

"Faço dezoito em maio", especifica sempre Niki.

"E o que faziam aqui?"

Niki bufa e está para estourar. Alessandro aperta-lhe o braço, detendo-a.

"Ouvimos uns ruídos estranhos."

"No carro de sua mãe..."

"Sim, como pode ver o carro é velho... Paramos para verificar. Depois percebemos que estava tudo em ordem e estávamos partindo quando os senhores chegaram."

Os dois policiais se olham um instante. Então, devolvem os documentos.

"Acompanhe a moça até em casa. Amanhã acho que deve ter aula."

Alessandro e Niki estão para subir no carro, quando um dos dois o chama.

"Senhor?"

"Sim?"

O policial aponta para as calças de Alessandro. Ele percebe e puxa o zíper rapidamente.

"Obrigado..."

"Por nada. Obrigação. Se por acaso encontrasse os pais dela, não teríamos tempo de intervir."

Alessandro estaciona um pouco longe do portão do prédio de Niki.

"Escapamos de uma boa, hein? Imagine se chegam dez minutos antes..."

Niki dá de ombros.

"Sei, imagine. Esses não se escandalizam com nada. São os tipos clássicos de algumas revistas esquisitas, de *chat room* com *nickname* tipo Temerário ou Iogue, e têm o armário cheio de filmes de sacanagem escondidos..."

"E de onde você tirou tudo isso?"

"Ah, não me pergunte... Uma mulher sente essas coisas... E, além disso, sabe, também pelo modo como carregam o revólver. Na verdade é uma projeção daquilo..." Niki faz uma expressão maliciosa.

Alessandro se inclina e abre a porta.

"Está bem, vamos, boa noite!"

"O que houve, está excitado novamente?"

"Que nada, tenho uma pelada. E você, o que vai fazer?"

"Não, hoje à noite vou ficar em casa. Ainda tenho de estudar um pouco. Talvez depois passe no meu ex, que quer falar comigo."

"Ah." Alessandro ergue-se, ligeiramente rígido.

Niki percebe.

"Ei, mas o que está fazendo? Enlouqueceu? Se eu estou com alguém é só porque quero. Portanto fique tranqüilo, não amole e considere-se sortudo!", e lhe dá um beijo rapidamente. Desce do carro. "Obrigada pela aula de direção!" Olha rapidamente para a direita e para a esquerda, depois corre para o portão e desaparece no interior do prédio. Sem se virar, como sempre. Alessandro parte com o carro arrebentado de sua mãe.

"Olá, alguém em casa?" Niki fecha a porta atrás de si. "Mãe, pai?"

Matteo aparece no fundo do corredor. "Saíram. Deixaram um abraço..."

"O que estava fazendo no meu quarto? Eu vi."

"Eu tinha que ver alguma coisa no computador."

Niki tira o casaco e o atira no sofá. "Já falei mil vezes que você não deve entrar no meu quarto. Ainda mais quando eu não estou. É absolutamente proibido usar o meu computador!"

Matteo olha para ela. "Ei, mas o que foi, morreu a professora?"

"Cretino."

"Entendi. Pior... o aposentado te largou."

"Ha-ha, você me faz morrer de rir, e quem é você, o Ceccherini[23]* dos pobres?!"

"Escute, Niki, talvez você tenha esquecido disto", e mostra o Nokia. "O filminho comprometedor, já descarreguei e salvei, está bem escondido."

"E onde você o guardou?"

"Sim, claro, logo pra você eu vou contar. Mas então você não entendeu nada daqueles filmes policiais que assistimos juntos? Isto é, se você entregar o objeto da chantagem, está acabado!"

Tocam a campainha.

"E agora, quem é? Estou esperando o Fábio, mas ele me disse que passaria lá pelas dez."

"Não, deve ser o Vanni."

Matteo vai abrir. "Sim, é ele. Oi... Entre."

Um garoto da mesma altura que a dele, com calças semelhantes e com os cabelos apenas um pouco mais claros, entra arrastando seus grandes sapatos.

"E então, o que sua irmã vai fazer?"

"Ainda não contei pra ela."

"O.k., como quiser. Tem Coca-Cola?"

"Sim, vai pegar na cozinha. Enquanto eu explico pra ela..."

Niki vê Vanni ir direto para a cozinha, sem nenhum problema.

"Mas não entendi. Matteo, esse aí circula assim, livremente, pela nossa casa?"

"E por acaso você acha que ele é um cão e eu devo mantê-lo preso?"

"Você sabe muito bem que mamãe não gosta."

"E você certamente não irá contar pra ela. Então, aqui está..." Matteo tira do bolso um papel dobrado em quatro partes. Abre.

"Imprimi tudo pra você."

"Ah, então era isso que você fazia no meu quarto. Veja a tinta colorida que você gastou."

"Como você enche. Leia."

Niki olha melhor para o papel. "O quê? E o que é isto?"

[23] Referência a Massimo Ceccherini, diretor e ator de cinema. (N. T.)

"Vai me dizer que não conhece?"

"É claro que eu conheço. Mas evito. E, segundo você, o que eu deveria fazer?"

"Conseguir pelo menos um e trazer pra mim."

"Nem pensar."

"Não vai dizer que tem vergonha, depois que vi o que você estava fazendo..."

"Além do fato de que você não me viu fazendo nada, especialmente porque eu não fiz nada. É que julgo imoral colocar nas mãos de um garotinho como você coisas desse tipo."

"Em primeiro lugar: não sou só eu, mas tem o Vanni também. Segundo: não somos garotinhos. Terceiro: você pode encontrá-los nesse endereço. Quarto: se você me aborrecer, sabe o que vou fazer... primeiro eu mando para a mamãe, que até poderia acobertar você, mas logo depois eu mando para o papai, que vai chegar aqui mais rápido que o Superman, e num instante não é que vai cobrir você de insultos, ele vai é encher a sua cara de porradas!"

Niki arranca o papel da mão de Matteo e saí como uma fúria de casa, gritando: "Não abram para ninguém, e, se a mamãe chamar, diga que esqueci alguma coisa na moto e me avise, entendeu?". Niki desce rapidamente as escadas, dobra o papel e o guarda no bolso de trás do *jeans.* Mas veja só. Tudo acontece comigo. Até um irmão maníaco. Naquele instante toca o celular. Pega o aparelho e olha para o *display.* Pronto, só faltava essa. Atende o Nokia.

"Diga."

"Oi, estou passando."

"Não estou em casa."

"E onde você está?"

"O que você tem com isso, eu não tenho de lhe prestar contas."

"Escute, Niki, não vamos brigar."

"E quem quer brigar, Fábio...? Mas você ainda age como se estivéssemos juntos... o que não acontece há quatro meses."

"Três."

"A não ser aquela minha recaída, que não significa voltar a ficar juntos. Só trepar uma vez mais para encerrar definitivamente."

"Como você é dura."

"Porque a sua cançãozinha de hoje era terna, não?"

"O.k., você tem razão, telefonei também por isso. Mas podemos nos encontrar em vez de falar ao celular?"

"O.k. Daqui a meia hora em viale Pairoli, 122. No Prima Visione."

"O.k., obrigado... princesa."

Niki fecha o telefone. Princesa... tira a corrente e coloca o capacete. Sim, aquela da ervilha. Antes eu adorava que ele me chamasse assim. Agora me incomoda... Chega. Já decidi.

Vou dizer a ele. E parte rapidamente com a sua motoca.

Enrico entra em casa correndo.

"Amor, onde você está? Desculpe estou atrasadíssimo!"

Camilla aparece na porta do quarto, completamente arrumada e vestida. Terninho escuro, sombra leve, *gloss* rosado nos lábios. E depois um sorriso.

"Eu imaginei. Já preparei a sua sacola para a pelada."

Enrico olha para ela. Está sem palavras. "Mas aonde você vai?"

"Tomar alguma coisa com aquela minha amiga da academia. Lembra? Aquela com quem eu estava ao telefone na outra noite. Vem também outra jovem."

"Ah, sei. E aonde vão?"

"Não faço idéia, não decidimos."

"Sim, mas do que vocês têm vontade, em que lugar vão..."

Camilla veste o casaco.

"Bem, não sei... vamos nos encontrar no centro."

Pega a bolsa, coloca as chaves de casa dentro e a fecha.

"Desculpe, hein, mas quando você vai jogar eu pergunto com quem? Ou com que esquema vão ganhar? Ou o que vão tomar depois?"

"Mas, o que isso tem a ver? E, além disso, quase sempre perdemos."

Camilla sacode a cabeça e abre a porta.

"Com você às vezes é impossível falar. Nos vemos depois", e fecha a porta.

Nos vemos depois. Mas depois quando? Enrico senta-se no braço do sofá, no meio da sala. Ou melhor, desaba. Gostaria de perguntar a ela um monte de coisas. Tipo: então, a que horas vai voltar? Vai deixar o celular ligado? Ou então: não diga que não dá sinal. Ou pior, não diga que está descarregado. Enfim, para dizer tudo numa frase só: mas você precisa mesmo sair? Percebe que está ainda mais atrasado para o jogo. Levanta-se, vai até o quarto, encontra a sacola, põe-a no ombro e sai. Enquanto aguarda o elevador, tem um pensamento estranho. Não sei por que, mas hoje à noite bem que eu poderia ficar de juiz... A porta do elevador se abre. Enrico entra e aperta o T. Depois se olha no espelho. Mas quanto tempo tenho de esperar por aquela bendita ou maldita resposta do detetive? Entretanto o dinheiro eu dei logo. E que diabos. Sai correndo para o carro. Sobe, dá a partida. Não sei se vai ser um bom jogo ou vamos perder como de costume. Só sei que não vejo a hora de acabar para voltar para casa. E sobretudo para ver se Camilla já chegou.

Niki entrega a carteirinha ao funcionário, que a passa na maquininha, observando o nome.

"Mas essa de quem é?"

"Do meu irmão."

"Que se chama?"

"Matteo."

"Não parece."

"Posso garantir."

"Não, quer dizer, não é o que consta na carteirinha."

"Ah, desculpe." Niki pensa um instante. "Talvez seja a de Vanni."

Aperta um botão e ouve-se um bipe.

"Sim, Vanni, sim. O.k., perfeito. Então o que deseja?"

Niki passa para ele o papel dobrado em quatro.

"Um desses filmes."

O funcionário examina a lista, verifica um a um.

"Alguns nós não temos. Os que temos estão todos fora."

"Que droga!"

O funcionário olha melhor para a lista. Levanta a sobrancelha.

"Alguns nem conheço. Por exemplo, este. *Nirvana,* de Frank Simon, com Deborah Wells e Valentine Demy. Disseram que é o máximo. E o roteiro também está cheio de surpresas. Você assistiu? É um pornô *cult."*

"Não, infelizmente perdi."
"Eu gostaria de lhe dar alguma coisa..."

Niki olha para ele desconfiada.

O funcionário sorri.

"Mas na casa só temos alguma coisa de *gay.* Vi que só escolheu hétero."

"É, sim."

Alguém se aproxima do balcão e entrega um DVD devolvido no último minuto, degustado até o fim.

"Pronto e obrigado, um pornô do c... Jessica Rizzo nunca decepciona."

O funcionário pega e examina o DVD. Em seguida sorri, feliz, e o passa para Niki.

"Olhe aí! Estava bem no começo da sua lista."

Niki pega o DVD meio constrangida. A pessoa que acabou de devolver está para sair, mas antes se vira novamente.

"Ei, mas então é você? Niki! De repente não a havia reconhecido! Sou Pietro, o amigo de Alex..."

Niki sorri embaraçada.

"Claro... como não... Lembro perfeitamente."

"Ah... então temos em comum uma excelente memória e mais alguma coisa, pelo que vejo...", e aponta com o queixo o DVD.

Niki tenta uma saída. "É... sim... não... imagine. É que perdi... isto é, uma espécie de aposta..."

"Olhe que para mim você é genial. Depois desta, então... enlouqueço. Escute, me responda uma curiosidade. Você vai assistir com o Alex?"

Niki fica desencorajada. Inútil, nunca irá convencê-lo.

"Sim, mas não conte para ele. É uma surpresa."

"Adoro vocês! Sorte de vocês. Eu tentei com a minha mulher, mas ela nunca quis. Depois se queixam de que os casamentos terminam. Bem, agora me desculpe, tenho de ir."

Pietro a cumprimenta e se afasta em direção das portas deslizantes da loja. Depois se vira e entra rápido novamente.

"Desculpe, Niki, só mais uma coisa... Por acaso você não teria uma amiga, bem, enfim... Uma que aprecie essas coisas... para me apresentar? Isto é, um pouco fora do convencional. Assim como você, sabe?"

A imagem de Olly se forma imediatamente na cabeça de Niki.

"Não, sinto muito... Alex pegou a única... fora do convencional."

"O.k., esqueça... está bem, deixe eu correr que já devem estar todos lá na quadra. Tchau!"

Niki o observa sair. Pega o DVD e põe na bolsa. Despede-se do funcionário, que lhe dá uma piscadela. Niki sacode a cabeça. Acabou a minha reputação. Anos de esforços atirados ao vento. E com esse último pensamento na cabeça sai da loja. Bem naquele instante chega Fábio. Encosta de mau jeito o seu Opel Corsa CMon cor vermelho-fogo e rodas de liga leve com cinco raios duplos. Música à toda saindo da janela do carro. Desce batendo a porta. E a vê.

"Oi, gostou? Eu queria fazer uma surpresa."

"Cafona como você e a sua canção."

"Ora, não faça assim..."

Fábio tenta beijá-la. Niki afasta a boca e vira o rosto para a direita. Fábio então tenta abraçá-la e, antes que ela fuja, a agarra com força.

"Eu errei, você me faz muita falta, princesa. Sem você tudo fica mais bobo..."

Niki fecha os olhos. Por que justamente agora? Por que tão tarde... Tão tarde demais. E se entrega em seus braços, derrotada pela dor daquele amor perdido. Bem naquele instante passa Enrico, que está indo para o jogo. Vermelho. Para no sinal ali em frente e, enquanto espera, olha para fora da janela. Observa aqueles dois. Que lindo. Como se abraçam. Que dupla. E ela, que garota bonita.

Em seguida, Niki se afasta de Fábio. Só agora Enrico a vê perfeitamente. E a reconhece.Mas aquela... aquela... Aquela é a jovem garota de Alex... Aquela por quem ele está louco! O carro atrás dele buzina.

"E aí? Vai andar ou não? Está verde!"

Enrico é obrigado a partir. Que nojo. E, além do mais, enquanto Alex joga bola... Todas iguais. E hoje à noite... dois juizes na quadra! E cheio de raiva acelera rapidamente em direção da quadra.

Niki se afasta.

"Escute, Fábio. Foi bom, é verdade. Quem sabe com o tempo, não sei, conseguiremos ser amigos."

Depois olha bem para o rosto dele.

"Mas agora não. Não consigo." E desvia o olhar. "Preciso ficar sozinha."

Fábio se aproxima. Ergue docemente o rosto dela.

"Sozinha? Você *está* contando uma mentira. Eu sei que *você* está saindo com alguém."

"Quem lhe contou?"

"É importante?"

Niki enrijece. Ele tem razão. Errei. Devia dizer logo. Querer ser boazinha às vezes é um erro. Criam-se mil problemas e só se faz confusão.

"Sim, estou saindo com uma pessoa, já faz um tempo. Espero que venha a ser uma história bonita."

Fábio se coloca diante dela.

"Mais do que a nossa?"

"Mais bonita do que aquela que você quis arruinar. É tarde demais."

Niki está para ir embora.

"Ora, não! Você não pode fazer o que lhe dá na telha!", e lhe dá um puxão forte pela bolsa, que se abre. O DVD cai na calçada.

"E isto, o que é?" Fábio o pega na mão. "Jessica Rizzo? Mas é um pornô! Quer dizer, eu para conseguir que você fizesse alguma coisa, para demovê-la um pouquinho, precisei suar, e agora chega esse aí... E você o que faz? Vai buscar um pornô para assistir com ele... E quem é? Mister Milagre? Mas o que ele fez em você?"

Niki pega o DVD da mão de Fábio.

"Aquilo que você não fez... E veja só, foi bem fácil. Ele me ama."

Niki coloca rapidamente o capacete e parte com a motoca. Fabio vai para o meio da rua e grita para ela com a mão levantada.

"Claro, claro... Fácil. Você sempre foi boa com essas merdas de frases. Enquanto isto está rodeada de pessoas falsas... vai ver! E quero ver como vai acabar com esse tipo aí, e logo, no máximo... daqui a três meses. Essa idiota!"

Alessandro está no meio da quadra. Corre em volta, devolvendo de vez em quando a bola a quem a passa para ele, distraída ou voluntariamente. Um pouco mais longe. Riccardo, o goleiro, faz aquecimento no gol defendendo como pode os chutes de alguns jogadores. Finalmente Pietro entra na quadra. Riccardo defende uma bola contra o peito.

"Até que enfim! Mas como é que você sempre chega atrasado?"

Pietro entra correndo. "Estou pronto, prontíssimo!"

"O que houve? Você deu uma rapidinha e por isso está tão alegre?"

"Que nada!"

Faz aquecimento atirando os pés para trás, correndo sem sair do lugar e tentando acertar a própria bunda.

"É que,Alex..."

Alessandro de longe escuta e volta-se para ele.

"É o quê? Agora a culpa é minha se você sempre chega atrasado?"

"Seria bom se fosse culpa sua... não, é que você tem um rabo!"

Alessandro olha para ele, mas não entende.

"Depois eu explico..."

"Sim, sim..." diz Riccardo, o goleiro, "no entanto ele ao menos sempre chega na hora. Você, caro Pietro, já recebeu várias advertências. Mais uma e vou suspendê-lo por um mês."

"Exagerado!"

"Olhe que tem um monte de gente que gostaria de jogar conosco e eu não chamo para dar lugar a vocês, que chegam sempre atrasados. No mínimo podiam agradecer e sobretudo serem pontuais! Parece que vocês estão me fazendo um favor."

Bem naquele instante entra também em campo Enrico. Mas não está alegre e radiante como Pietro.

"Pronto, até ele chegou... ainda bem, hein? Podemos começar."

"Desculpem, eu me atrasei..."

Riccardo atira a bola para o meio do campo. "Sim, sim... vamos lá..."

Enrico se aproxima de Alessandro. Tem a expressão chateada. Olha para ele com tristeza. Alessandro percebe.

"Enrico... mas o que você tem? Meu Deus... não vai me dizer que fiquei de buscá-lo e esqueci."

"Não, não."

Mas o jogo começou. Acabaram de dar o chute inicial. Um adversário com a bola nos pés passa no meio deles todos, correndo direto para o gol. Logo em seguida surge Pietro, que corre atrás dele.

"E aí! Vamos jogar! Mas que cacete estão fazendo? Os paus do gol? Depois... de xotas falem depois!"

Alessandro começa a correr, enquanto Enrico olha para ele ainda um instante... Depois passa a correr ele também. Dirige-se para a lateral do campo, acompanhando o jogo. Bem que gostaria de poder falar. Mas não, ficaria muito mal. Deve ser ela a contar, não eu. Depois fica tranqüilo, esperando a bola na lateral esquerda do campo. E Pietro, então, que diz que Alessandro tem um rabo... Sim, rabo. Mas esse Pietro é bem cretino. A única sorte de Alessandro é que ao menos não tem de pagar um detetive.

Comunidade Traduções e Digitalizações – http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

Quarto índigo. Ela.

"E então compreendeu com extrema lucidez quão desesperadora era a situação. Sentiu que se encontrava no meio do Vale das Trevas e que toda a sua vida se estava esvaindo. Percebeu que dormia muito e que tinha sempre sono... Olhou para o quarto. O pensamento das bagagens o lançou no desânimo. Decidiu fazê-las apenas no último minuto."

Sim, claro. As bagagens. Eu também deveria sair para comprar a mochila. A partida está próxima. Mas, antes de encher a mochila e a sacola, eu deveria decidir guardar alguma outra coisa. Algo que talvez não se vê, não se toca, mas se lembra. Olha para fora da janela. Tem sol e daqui a pouco ela tem um encontro no centro para comprar as últimas coisas que faltam.

"Onde estava? Pareceu-lhe encontrar-se num farol. Mas não, era o seu cérebro que emanava uma luz branca, ofuscante, que girava cada vez mais rápida... Só compreendeu isto... E, no instante que compreendeu, deixou de compreender."

Sorri. Alegria e dor. Não há o que fazer.

O amor que o levou para as estrelas é o mesmo que o deixou cair. Que lindo. E que feio. Mas eu me ergui.

Estou para partir novamente. Consegui. E um dia gostaria de poder agradecer a esse Stefano.

_____73_____

Outra casa. Outro quarto. Outra cor. Elas duas.

Como era?

"Nenhuma relação humana dá a posse de um ao outro. Em cada casal de almas, os dois são absolutamente diferentes. Na amizade como no amor, os dois, lado a lado, levantam as mãos juntos para encontrar aquilo que nem um nem o outro podem alcançar sozinhos."

Diletta folheia o antigo diário do primeiro colegial. Sim, era essa. Ela a encontrou. Na escrivaninha ali ao lado, uma bandeja com duas taças grandes e coloridas e uma jarra fumegante esperam ser enchidas com uma infusão de frutas silvestres. Cada taça tem estampada uma letra. O. N. D. E. Diletta as encontrou em Porta Portese. Senta-se na cama e lê em voz alta a citação. Olly, sentada no chão de pernas cruzadas, torce o nariz.

"Escute, mas por que sempre com esses discursos? Pegue uma e pronto! Essa é a resposta! Melhor que esse tal de Kalil, Khilil qualquer coisa Gibran ou como raios se chama! Você está sempre filosofando!"

"Olly! Não sei por que, mas a sua acidez é diretamente proporcional aos seus períodos de abstinência!"

"Não, querida, realmente eu dei também ontem à noite! A um cara do Bbc! E devo dizer que... guia direitínho! Especialmente quando engata as marchas!"

"Olly!"

"Sim, sim, Olly, Olly, no entanto eu me divirto e você está sempre aqui, com a cara fechada porque você se obriga a não se soltar. Veja Erica, por exemplo. Onde está agora? Saiu! Certamente está dando um giro e talvez nem com o Gió Condom."

"Condom?"

"Genial, hein? Mister Segurança... Que na minha opinião é o que está cansando Erica, aposto o que quiser. E Niki? Embarcou num navio grande demais para ela... As Ondas estão num período de grande ressaca... À exceção de você. Você poderia escrever uma novela de televisão com as suas aventuras como Onda, já tenho até um nome: *Calmaria total..?*

"Mas o que você quer? Eu só queria ler para você qual é a minha idéia de relação, de amor. Quando você pertence a alguém já não está bem, isso limita, arrisca perder a si mesma. Eu quero um amor livre, grande, um paraíso natural. E não é fácil encontrar alguém que pense assim."

"Que pense eu não sei, mas que daria uma volta com você com prazer é fácil!" Diletta sacode a cabeça.

"Está bem, então você está certa... Mas o que você sabe além disso, Diletta, se não se atira nunca?" Olly se levanta e começa a encher as taças com a água quente. Depois coloca em cada uma os envelopes da infusão. Pega a bandeja e a deposita sobre a cama. Oferece a taça para Diletta, tomando cuidado para escolher a letra certa. Erguem as taças ao céu, num brinde

não alcoólico perfumado de amora e mirtilo.

"Para a E e a N que ficaram sobre a mesa da cozinha e para quem tem a coragem de atirar-se... e não para baixo!" Riem. E, do diário deixado aberto, Gibran as observa.

O vestiário está cheio de blusões e calças pendurados nos cabides. Sacolas grandes e coloridas, algumas com antigas inscrições de sociedades esportivas improváveis, talvez esqueletos de um passado mais ativo, estão apoiadas no chão ou sobre algum banco de madeira. Cheiro de ambiente fechado e de sapatos. Um ou outro jogador ainda está debaixo do chuveiro.

"Bem, de qualquer forma para mim é a defesa que não funciona. Deve jogar ainda mais adiantada."

"Desculpe, mas então para que o meio-campo? A bola circulava, na sua opinião?"

"Mas o Antônio perdeu um monte de gols diante do goleiro. Ele não tem pontaria!"

Alessandro acaba de friccionar os cabelos com a toalha. Senta-se no banco.

"Pessoal, é a enésima derrota... Chega um momento na vida em que se deve aceitar a realidade. Este é o momento... Vamos parar."

Pietro senta ao lado dele.

"Que nada, Alex. Somos fortíssimos. É que jogamos de maneira muito individualista, todos dão uma de fenômenos! É necessário mais espírito de equipe. Cacete, eles como jogadores eram muito mais fracos, mas você viu que jogo de equipe? Nós sempre estávamos com um a menos na defesa..."

"É, eu vi, você nunca voltava..."

"Oh, não mudou nada, é sempre minha a culpa..."

Enrico já está vestido. Enquanto isso, Flavio anda nervosamente de um lado para o outro no vestiário. Alessandra percebe.

"E aí, Flavio, o que você tem?"

"Vocês se queixam da defesa. Mas eu corri pra burro. Meu coração ainda está a mil. Sinta..." Flavio leva a mão à garganta. Estica os dedos para sentir as veias do pescoço. "Sinta, sinta como bate..." Aproxima-se de Alessandro e pega a sua mão.

"Estou com falta de ar. Ainda estou suando. É a segunda vez que enxugo a testa..."

Enrico se aproxima e ele também sente a pulsação. Depois retira a mão do pescoço.
"Que nada, é normal. É assim que deve bater depois do jogo. É a adrenalina. Só isso."

"Mas continuo suando."

"Porque você tomou um chuveiro muito quente."

"Não, não estou recuperando... estou com falta de ar."

Flavio se aproxima da pia, abre a água fria e deixa correr. Depois molha o rosto. Enxuga-se.

"Bem, vamos ver se assim vou melhorar um pouco..."

Os outros estão quase prontos.

"O que fazemos, *pizza* na Soffitta?"

"Sim, está bem."

"Então nos encontramos todos lá na frente."

Flavio tira o roupão e continua a se enxugar com as beiradas. "Não, eu vou para casa. E deixem os celulares ligados, que, se eu precisar... Não quero acordar Cristina, vou chamar vocês."

Alessandro fecha a sua sacola. "Você quer que esperemos?"

"Não, não, podem ir. Mas não desligue o celular, ao menos você, hein?"

"O.k. De qualquer maneira, se não lhe responder no celular, estamos na Soffitta."

Flavio veste a camisa. Depois pega a toalha e passa sobre a testa. Nada feito. Ainda sua. Ainda pulsação acelerada. E se não passar? Quem sabe quando eu adormecer. E amanhã preciso acordar cedo.

Comunidade Traduções e Digitalizações – http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

"O que acontece é que o Flavio é realmente hipocondríaco crônico."

Pietro alcança os outros na mesa do fundo da sala da Soffitta.

"Mas, se é assim, para que jogar... Fica estragando a vida e só. Então fique em casa, relaxe, assista a um filme... mas não daqueles de terror, hein? Que de repente tem um infarto!"

"Ora, coitado, deve ser terrível..."

"Imagine para nós quando ele faz aquela cara de moribundo."

Enrico abre o cardápio. Pietro o tira dele.

"Deixe, você já sabe o que tem aqui. *Pizza* por quilo, três ou quatro sabores."

Alessandro bate a mão na mesa, divertido.

"Eu quero uma *D'Annunzio*! Estou com uma fome..."

"E vai comer alho, cebolas e pimenta vermelha?", diz Pietro, malicioso. "Bem, eu tenho boa digestão."

"Não, é que, tendo em vista o encontro particular que você tem depois..."

"Sim, com a minha cama! Eu vou pra casa, não tenho nenhum encontro."

Pietro fica um instante em silêncio.

"Hummm..." Depois abre o cardápio. "Vejamos..."

Alessandro fecha o cardápio.

"Olhe, você acabou de dizer que o conhece de cor."

"Sim, mas eu não lembro bem o que vem na *Centurione*.."

"Você não me engana. Por que está escapando com a história do cardápio? Antes você fez uma cara esquisita. Você até falou hummm."

"Mas sobre o quê?"

"Sim, você fez uma cara esquisita. E nunca faz isso sem motivo. Hummm. Você nunca faz hummm a troco de nada."

Pietro olha para Enrico. Depois novamente para Alessandro.

"O.k. O que quer saber?"

"O que significa aquele hummm juntamente com a cara esquisita."

"Mesmo se isso pode colocar em risco a nossa amizade?"

"Sério? Vamos, desembuche."

Pietro se aproxima dele.

"Me dê a mão. Prometa que, qualquer coisa que eu contar, não teremos problemas."

"Mas que tipo de problemas?"

"Tipo deixar de sermos amigos."

"Escute, Pietro, acabe com isso e fale logo."

"Me dê a mão."

Alessandro estica a mão, Pietro a aperta e não solta. "Se eu contar isto você me deve um favor, o.k.?"

"Também? Assim, no escuro? Não topo."

"Então nada feito." Pietro retira a mão.

"O.k., o.k. Ficamos amigos e eu lhe devo um favor, daqueles aceitáveis, porém... vamos, fale."

Pietro olha para Enrico. Depois para Alessandro. Então para Enrico. E novamente para Alessandro. Não sabe mesmo como contar. Depois despeja de uma vez.

"O.k. Niki pegou um pornô. Eu pensei que esta noite fosse assisti-lo com você."

Na mesa desce um gelo.

"E como você sabe?"

"Fui eu quem lhe deu."

"O quê?" Enrico arregala os olhos. "Você deu um pornô para Niki?"

"Mas o que você entendeu? Eu entrei na locadora para devolver e Niki estava ali no caixa esperando."
"Aquele?"

"Não sei bem se aquele ou qualquer um, mas um pornô sim. Ela estava com uma lista na mão. Pegou aquele de Jessica Rizzo. Legal, intenso. Ela pega cada..."

"Chega, você está me contando uma besteira."

Pietro olha torto para ele. "Pois é, eu sabia. A nossa amizade está em risco?"

Silêncio.

Pietro insiste. "Responda!"

"Mas não, claro que não."

"E então como você pode pensar que estou lhe contando uma bobagem desse tipo?, não é brincadeira."

Alessandro dá um longo suspiro.

"Bem, o.k., Niki pegou um pornô. E não para assistir comigo. Quem sabe vai assistir com as amigas?"

Pietro olha para ele de repente, sorrindo.

"Sério que são desse estilo?"

"Bem, do que me contou... uma é um pouco estranha. Poderia ser... quem sabe o fazem para se divertir um pouco, para dar umas risadas, podem estar curiosas para compreender o que nós homens gostamos nesses filmes."

Pietro, vendo que a coisa está se transformando numa experiência educacional, fica fortemente desiludido. Então, Alessandro olha para Enrico, que mantém os olhos abaixados.

"Não, Enrico? Pode ser verdade, não é? O que você acha?"

Enrico levanta a cabeça e olha para ele.

"Não, eu não penso assim." Depois se vira para Pietro. "O DVD você o devolveu em Prima Visione, ali nos Parioli?"

"Sim, como você sabe?"

"Quando eu vinha para jogar, eu vi a Niki."

"Quer dizer que estava entrando."

"Não. Acabara de sair."

"Quer dizer que estava indo embora."

"Não. Estava com um rapaz."

"Talvez um amigo."

"Estavam abraçados do lado de fora da locadora."

Alessandro fica branco de repente. Pietro percebe, tenta imediatamente remediar a situação.

"Mas quem sabe não era ela, você se confundiu."

"No mesmo lugar, na mesma hora, e depois que pegou aquele DVD justamente com você? E, além disso, aquela garota é difícil de ser confundida..."

Bem naquele instante chega uma jovem garçonete baixinha e gordinha, com um grande *piercing* no nariz e algumas mechas laranja nos cabelos. Abre o bloco de comandas.

"Então? Querem pedir?"

Alessandro se levanta de repente, bate a cadeira e sai do local.

"Ora, eu disse algo de errado?"

"Não, nada, senhorita. Sim, sim, vamos pedir. Traga muita cerveja. Ah, e tem *pizza* Desesperada?"

Alessandro está na calçada. Pega o Motorola, examina a agenda e disca o número. Aperta a tecla verde. Um, dois, três toques. E vamos, merda. Merda. Atenda. O que está fazendo? Onde está? Quatro. Cinco. Atenda. Aquela merda de celular está sempre no bolso. Pegue. Seis. Sete.

"Alô?"

"Niki? Onde diabos você está? O que está fazendo?"

"No banho, estava lavando os cabelos. Mas o que aconteceu?"

"Comigo? O que aconteceu com você?"

"Comigo? Comigo nada, estudei um pouco e agora vou para a cama."

"E não fez mais nada?"

"Não... Ah, sim, como não, aquele verme do meu irmão, sempre com a história da chantagem com o nosso vídeo, me obrigou a ir buscar um pornô para ele e o seu amigo depravado, Vanni. Até encontrei o seu amigo Pietro. Mas que tipo ele é, hein? Estava devolvendo um pornô com a Jessica qualquer coisa. Ele contou?"

Alessandro para. Recupera um pouco o fôlego. Relaxa. E recomeça a sorrir.

"Hummm, não, saiu correndo logo da quadra. Precisava voltar rápido para casa."

"Ah, depois fiquei um pouco com o meu ex na rua. Eu falei para você que ele queria conversar, não? Imagine que ele me alcançou ali na Prima Visione. Fez um escândalo e até tentou me beijar. E depois... Foi terrível."

"O quê?"

"Quando você se dá conta que não tem mais nenhum interesse por alguém que você amou muito..."

"Pois é."

"Alex?"

"Sim?"

"Seria muito bom continuar sempre assim..."

"Como?"

"Com você me chamando de repente no meio da noite quase desesperado... só para ouvir a minha voz."

Alessandro se sente culpado.

"Pois é."

"Se tudo entre nós terminasse agora, iríamos nos amar pelo resto de nossas vidas."

"Prefiro arriscar."

"Assim que eu gosto. Nos falamos amanhã. Durma bem."

"Você também... tesouro."

"Você me chamou de tesouro!"

"Sim, mas não entenda ao pé da letra."

"Arre. Vou chamá-lo Homem-Caranguejo. Um passo para a frente e três para trás. Entretanto, quando você quer, vira um polvo!"

"É, espero fazer isso logo! Boa noite."

"Alex, espere..."

"O que foi?"

"Não desligue!"

Alessandro ri. "O.k."

"Como foi o jogo?"

"Bem... perdemos!"

"Ah, então mal!"

"Não, não, bem. É que eu não gosto de mudar os meus hábitos..."

"Então agora vocês estão comendo, como sempre."

"Sim, estão todos lá dentro, sentados à mesa, me esperando para fazer o pedido."

"E você saiu só para me ligar?"

"Sim."

"Mas você é muito bonitinho! Então vá, pelo menos jante..."

Permanecem um instante em silêncio.

"Alex?"

"Sim?"

"Aquilo que você está pensando, eu também penso...", e desliga.

Alessandro sorri, olha para o celular e o guarda no bolso. Entra na pizzaria. Pietro e Enrico

param de beber ao vê-lo chegar. Estão preocupados, em seguida sur¬presos. Ele está sorrindo. Alessandro senta.

"Então? Vamos pedir?"

"Mas o que foi, você não está bravo?"

"Puxa vida, essa mulher é mesmo genial, o que quer que ela tenha inventado, fez bem para você."

"Mas bravo por quê?"

Alessandro rouba a caneca de Pietro e dá uma longa go-lada, cheia, e com gosto.

Enrico sacode a cabeça.
"Prefere não acreditar, não é? E depois diz que sou eu o visionário."

Alessandro também pega a caneca de Enrico e bebe novamente. Em seguida enxuga a boca com o guardanapo.

"Pessoal, graças a vocês eu entendi uma coisa. O casamento faz mal. Torna as pessoas desconfiadas. Faz que você veja as coisas distorcidas."

"É por isso que você resiste... Bem, nós também entendemos uma coisa."

Pietro esfrega as mãos.

"Sabemos qual é o favor que vamos pedir a você."

____76____

O dia seguinte. Viale Regina Margherita. Alessandro olha para eles e sacode a cabeça.

"Eu podia esperar qualquer coisa, menos esse tipo de favor."

Enrico e Pietro caminham alegres ao lado de Alessandro, de braços dados com ele.

"Vai nos desculpar, viu? Mas você se diverte como louco, voltou a ser um garoto, olhe..." Pietro coloca uma mão sobre a barriga dele. "Você deve ter perdido uns dois quilos, até assiste pornôs como fazíamos quando tínhamos vinte anos. E nós? Para nós nada? Você quer nos manter fora da diversão?"

Alessandro solta-se do braço de Pietro.

"Então, primeiro. Não assisti a nenhum pornô com Niki. Segundo. Vocês me enganaram pedindo um favor que..." Alessandro imita a voz de Marlon Brando, "... eu não posso recusar. Terceiro. E talvez a coisa mais importante", Alessandro olha para os dois. "E talvez vocês não se lembrem... mas entre mim e vocês há uma pequena diferença. Vocês são casados!"

Em seguida, dirigindo-se especialmente a Enrico.

"O casamento é como uma flor. Deve ser controlado a cada dia, curado, regado, deve ser acompanhado com amor e alimentado..."

"Ah, nisto eu estou de acordo."

Enrico levanta e abaixa a cabeça em sinal de aprovação.

"Aliás, bem que eu gostaria de saber quando teremos alguma resposta."

"Entendi, mas você não espera nem conhecer a verdade para já se comportar desse jeito!"

"Mas o que tem a ver, esse é um jogo..."

Pietro, que não sabe de nada, tenta compreender um pouco mais. "Desculpem, mas vocês podem me explicar? Não estou entendendo..."

Enrico olha para Alessandro. "De fato, não tem nada para entender."

Alessandro tenta abafar o assunto.

"Sim, nada mesmo... Pietro, não se preocupe... é uma coisa entre nós."

Pietro dá de ombros. "Bem, como quiserem."

Alessandro para diante do restaurante. "Então, eu expliquei quais são as regras, o.k.?"

"Mas que regras. Aqui é como um encontro agendado. Vai do jeito que for."

"Pietro, mas você ficou bobo? Que papel eu vou fazer, então?"

"Guerra é guerra!" E Pietro entra rapidamente no restaurante. Um local branco, transparente, completamente novo. O Panda.

"Mas veja que idiota! Caramba! Bem que eu podia não ter aceitado. Ei, Enrico, vamos entrar. Se você não me ajudar, olhe que vou ficar fulo da vida, fique sabendo..."

Enrico sorri. "Você sabe perfeitamente que eu vim de brincadeira. Eu preferiria estar em outro lugar."

"O.k., vamos ver o que vai aprontar aquele débil mental."

Pietro já está no balcão. Abriu uma garrafa de champanhe e está enchendo algumas taças.

"Mas veja..." Alessandro tenta alcançá-lo, mas já é tarde demais. Pietro já sumiu no fundo da sala.

"Aqui estou, eu não podia chegar de mãos vazias."

Enrico e Alessandro num instante o alcançam. Pietro se movimenta com elegância ao redor da mesa.

"Tome", e passa uma taça, "pronto, para você também... E agora um brinde! Para Niki e suas amigas!"

Niki levanta a taça. "Então, ela é Diletta."

"Oi!"

"Esta é Erica."

"Prazer."

"E esta, por fim, é Olly!"

Pietro passa a última taça. Depois observa Olly, que o cumprimenta com um belo sorriso.

"Oi..."

"Oi para você."

Pietro se volta divertido, todo eufórico, imaginando o que pode acontecer.

"E estes são os meus amigos. Ele é Enrico..."

Enrico levanta a mão, um pouco embaraçado. "Oi."

"Este é Alex." Pietro sorri e depois olha para Niki. "Uma de vocês já o conhece bem. Até demais. Já o está deixando inclusive mais magro. Agora, não sei as outras..."

Niki dá um empurrão em Pietro. "As outras nunca o conhecerão tão bem."

"Certo! Tem razão..." Pietro levanta a taça. "E então vamos brindar. À amizade, e que nunca seja traída."

Todos erguem as taças.

"E quem sabe àquelas outras traições que tornam os amigos até mais amigos."

As jovens se entreolham, sem compreender muito bem. Olly dá de ombros. "Bem, de qualquer maneira, parece-me uma coisa legal", e encosta divertida a taça na de Pietro. Os outros também brindam.

"Tin-tin!"

Um garçom se aproxima de Pietro. "Senhor, a mesa está pronta conforme seu pedido."

"Muito bem."

Pietro tira do bolso do paletó uma nota de vinte euros e a passa ao garçom, por trás, com a mão fechada, para esconder dos outros.

"Senhores, por favor, o nosso almoço nos espera..." E todos o seguem até uma salinha reservada bem no fundo do restaurante. Niki se aproxima de Alessandro e o pega pelo braço.

"Ora, gostei muito dessa idéia, é divertida! Você foi muito gentil."

Ele sorri para a jovem e apoia a mão na dela. "Você gostou mesmo? Achei que ia ficar brava quando eu pedi..."

"Mas não, pelo contrário. Significa que você está sereno, que está bem comigo, se me faz conhecer os seus amigos..."

"Ah, sim, claro."

"E, além disso, estou contente que conheçam também as minhas amigas. Pelo menos, quando dermos um jantar em casa, poderemos convidá-las também e estaremos todos à vontade."

"Sim, claro... E especialmente estarão superfelizes as esposas dos meus amigos!"

"E qual é o problema? Vamos convidá-las também, não?"

"Juntamente com as suas amigas? Você sabe o que aconteceria? Os dois policiais de sempre viriam nos procurar entre as ruínas do prédio, isso sem falar no vizinho de casa que, quando ouve gritos, atira diretamente do terraço dele."

"Você acha?"

"Vamos torcer para que hoje tudo termine logo."

"O.k., e lembre que você me deve um favor."

"Não me esqueci."

"Olhe que é um favor fechado, no escuro, viu?"

"E nós vamos abri-lo", diz Alessandro sacudindo a cabeça e indo em direção da mesa. Preciso parar de aceitar fazer favores com essa facilidade."

"Ora, venham, só faltam vocês."

Pietro bate com a mão no encosto de uma cadeira. Deixou os lugares laterais para Niki e Alessandro.

"Então, pessoal. Aqui tem uma cozinha fabulosa, mediterrânea. Cubinhos de queijo acompanhados de mel com os mais diversos aromas ou frutas, que combinam com pratos de embutidos. Ou então uma salada de laranjas, peras e nozes com pedaços de *chateuhriand*. Enfim, tudo aquilo que pode sugerir e estimular o erótico. Logo é correto que esta tarde quem pague seja aquele que se realizou nos lugares mais exóticos nos últimos tempos... Você está de acordo, garoto dos jasmins?"

Alessandro fica de boca aberta. Niki se volta de repente para Erica. "Erica, não acredito!"

"Olly viu que estávamos conversando e perguntou o que você tinha me contado... e assim eu..."

Olly abre logo as mãos.

"Mas o que tem de errado? Pietro só perguntou se eu sabia alguma coisa picante a respeito de vocês dois! Achei divertido! E, além disso, é um amigo, não?"

Alessandro sacode a cabeça. Depois pega a taça de champanhe. "Sim, claro, o amigo da onça!",e bebe tudo de uma vez.

Diletta olha um pouco em volta, ligeiramente desconcertada. "Mas que história é essa de garoto jaamins?"

Alessandro pega o cardápio e o abre.

"O.k., o.k., escolham o que quiserem e comam muitíssimo. Fico contente de pagar desde que se mude de assunto!" Depois sorri para Niki. "Queridas, doces, jovens... Ondas, silenciosas!"

Continuam assim, pedindo, rindo, Alessandro e seus amigos voltando para trás no tempo, Niki e suas amigas crescendo de repente. E depois todos no presente. Mundos e idades em confronto.

"Mas vocês freqüentam discotecas?"

"Muito!"

"Mentirosos!"

"Estivemos no Goa para a festa de Giorgia."

"Sim, por ocasião da comemoração de seus quarenta anos."

"Uma tristeza..."

"Sim, os seus primeiros e últimos quarenta anos."

Diletta intervém. "Por outro lado, a pessoa já pode estar velha aos dezoito anos."

"Ah, eu serei garotinha até os sessenta", Olly ri.

"E, além disso, o que tem a ver a idade? A idade não importa mesmo..."

"Verdade. Nesta mesa temos o exemplo... Um casal perfeito: aquele dos jas-mins, não?"

"Eu disse que pagaria só se esse assunto não viesse mais à tona!"

E assim continua. Champanhe. Pratos caprichados, frios, peixe cru, salada quente de frutos do mar.

"Mas o mundo do trabalho é como aquele da escola?"

"Só tem uma diferença. Os exames você tem que prestar do mesmo jeito, só que te pagam."

"Legal. Ao menos rende."

"Ou então você é reprovada, talvez não recomece no ano letivo seguinte, e não te pagam mais."

"Dramático..."

"Pois é."

"Eu gostaria de ser adulta só para já ter uma criança."

Pietro sorri. "Querida Diletta, eu também dizia sempre isso, depois tive duas. E agora fico quieto. E elas falam por todos..."

Enrico suspira. "Eu ainda não tenho e o meu sonho de ter um filho continua..."

Diletta olha para ele e sorri.

"Isto, viu, há coisas que permanecem lindas em qualquer idade..."

Niki mordisca um pedaço de pão. "Sim, como o amor."

Pietro acaba a bebida.

"Como o sexo! Quer dizer, a vontade de fazer! Aliás, melhora quando maduros. Como uma garrafa de vinho... Quanto mais velha, melhor."

"Sim, mas vai lhe custar uma nota."

"A garrafa de vinho ou o sexo?"

"Os dois, às vezes."

Diletta morde um pedaço de pão embebido no caldo de um prato de frutos do mar. "De qualquer maneira, na minha opinião, você só deve pegar um homem se ele for maduro."

Pietro levanta a mão. "Aqui está! Eu sou maduríssimo!"

"E casadíssimo..."

"Melhor, não é? Você pode experimentar sem riscos. Não a aflijo, não a estres-so, não

telefono o tempo todo para saber onde você está, não a oprimo com obsessões... E, além disso, se der muito certo entre nós, sempre existe o divórcio. Dito de outra forma, você só tem vantagens. Sou o homem ideal."

"Já pela maneira como se comporta, você não é maduro... Não serve para mim, independentemente de ser casado ou não. A pessoa não é madura pela sua idade. É pela forma como se comporta. Eu, por exemplo, tenho um cara que está a fim de mim, ele tem vinte anos, mas é mais maduro que todos vocês."

"Coitado... então ele não sabe aproveitar a vida."

Niki olha para ela. "Quem é, Filippo?"

"Sim..."

"E por que você não aceita?"

"Agora não tenho vontade de pensar nisso, que pressa tem..."
Olly come um mexilhão. Em seguida lambe os dedos.

"A meu ver esse tipo... Filippo... não é mau, mas me parece sempre igual, pelo modo como se veste, pelo que fala... Pois é... É uma linha metódica."

Pietro olha para Enrico. "Tipo Flavio."

"E quem é?"

"Um nosso amigo metódico."

"Falando nisso... ele se recuperou de ontem à noite."

"Ah, bom."

"Mas não se recupera na vida, alguém subjugado pela mulher, passivo e submisso."

"Coitado..." Olly ri. "Por que não o trouxeram? Quem sabe eu poderia salvá-lo!"

"Não, Olly, ele não tem saída livre."

"Do trabalho?"

"Não, da cadeia."

"Mas está preso?"

"Sim, no Regina-Cristina-Coeli."[24]

"Coitado mesmo, então."

"Coitado, sim. É um sujeito que ganha bem, mas investe mal."

"Precisamos saber investir na própria felicidade." Niki apoia a cabeça no ombro de Alessandro. "Até Ligabue diz isso... 'E a vida que você não gasta que interesse vai ter?' De fato, o

[24] Regina-Coeli é o nome da prisão de Roma. (N. T.)

meu Alessandro não teve dúvidas. Assim que me viu, me atropelou!"

Olly bufa e serve-se de mais bebida.

"Meu Deus, a família jasmim já está no caminho meloso. Pobres de nós. A nossa boss perdida num mar de melado. Viva o champanhe e a liberdade feita de bolinhas, como Vasco Rossi! Coca, Casa e Igreja!"

Pietro olha para ela.

"Linda essa canção, eu também a escutava quando tinha a sua idade." Em seguida apoia a mão na dela. Olly não a retira. Enrico percebe. Olly sorri para Pietro. "Mas por que, agora você cresceu?!"

"Não", pega a taça e a bate contra a de Olly, "vamos brindar ao homem de trinta e nove anos mais imaturo que você possa encontrar..." Sorri para ela e dá uma piscadela.

"A propósito", Erica olha para todos, "eu li um artigo há alguns dias na Internet. Dizia que a geração de vocês é a dos *middlescent*. Quer dizer, andam de moto, mandam um monte de torpedos, vestem-se na última moda, falam uma linguagem jovem. Mas, a seu ver, por que se comportam assim?"

Enrico pensa um pouco nisso. "Pela inquietação de fundo."

Diletta sorri. "Como a de Pessoa!"

Enrico sorri para ela. "Sim, mas a nossa é mais simples. Sonhamos o amor. o perseguimos, o encontramos e depois o perdemos. Dia após dia, pensando que o melhor ainda deveria chegar, esperando... e, fazendo isso, perdemos o momento presente."

Diletta olha para ele em dúvida. "Sério que a gente fica assim?"

"Eu não sou assim."

Enrico olha para Alessandro. "Ah, você não é assim? Talvez porque não tem uma moto, porque não faz tudo aquilo que Erica acabou de dizer. Mas há milhões de pessoas como você..."

"Como?"

"Que não enfrentam a vida. Gente que não cresce. O tempo passa, trabalham só para se distrair... e chegam aos quarenta anos sem nem saber como."

Niki se aconchega em Alessandro. "Eu tampei a ampulheta dele..."

Erica bebe pela primeira vez o seu champanhe. "Sou abstêmia, mas hoje decidi que vou me embriagar."

"E por que?"

"Giorgio, o meu namorado. Tem vinte anos, mas já é assim."

"Então, deixe ele, não?"

"Não consigo. É um bom garoto."

"Preste atenção que vai chegar a hora em que você vai olhar para a sua vida e a terá visto escorrer, e então vai se perguntar onde esteve esse tempo todo."

"A menos que Giorgio, percebendo que você está acordando, não a engravide!'", diz Pietro, momentaneamente surgindo depois de ter se eclipsado um pouco com Olly no fundo da mesa.

Enrico ri. "Isso mesmo, exatamente como fez a Cristina com o Flavio. Que só o vemos para jogar bola e nem fica para o jantar."

"Bem", Pietro se levanta, "parece-me uma feroz e cruel análise sobre anos que na realidade tiveram o seu fascínio. Como a cultura, as experiências, as viagens que fizemos. E, portanto... estou indo! Até logo."

Olly também se levanta e se aproxima de Pietro. "Até logo, garotas, a gente se fala."

Alessandro, assustado os observa saírem do local. “Ei onde vão?” Depois sorri levemente preocupado. “Pietro...”

Tranqüilo, só vamos dar uma volta na moto dela. São vinte anos que não ando numa, que não experimento aquele calafrio do vento no corpo. Vou de perua de manhã porque tenho que levar os filhos para a escola, de noite porque senão minha esposa reclama que lhe despenteia os cabelos, desarruma as roupas... Entretanto, hoje vocês me deixaram com vontade! Está bem? Posso me persentear ou não com uma simples e inocente volta de moto pela minha cidade? Ou é demais? E, além de tudo, Olly é maior de idade, ela sabe como se comportar, ou não?”

E, assim falando, pegou-a pela mão e vai para a saída do restaurante. Ele para no canto do balcão. “Desculpe, quer me dar a conta, por favor?” Depois sorri. “Me deram este presente...”, e olha para Olly intensamente, “é o mínimo que eu posso fazer.”

Olly, dengosa, apóia-se no balcão.

“Você já sabe como eu dirijo a moto?”

Não, mas imagino. Como imagino todo o resto.”

“Não acredito...”, sorri Olly, maliciosa. “Você não pode ter tanta fantasia.”

E, por um instante, Pietro se reencontra jovem, deslocado, ligeiramente inseguro. Não sabe bem o que fazer. O que dizer. Não encontra a habitual resposta pronta, irônica, cínica. Mas está excitado. Muito. Excitado como nunca. Paga rapidamente com o cartão. Pega o recibo, guada a carteira no bolso e leva Olly para a saída. Abre delicadamente a porta do restaurante. Deixa que ela passe primeiro. Fora, na rua, o trânsito parece silencioso.

“Vou buscar a moto e já volto.” Olly se afasta rebolando, divertida, agora mais mulher do que de costume. Pietro fica olhando para ela. Em seguida, um suspiro profundo. Tira do bolso do casaco um maço de cigarros. Pega um. Põe torto na boca, apoiando-o na bochecha. Aspira e de repente o cigarro volta a ficar reto. Acende. Uma tragada longa, cheia, degustada até o fim, saboreando aquele instante de liberdade repentina. Sem tempo, sem meta, sem pressa. Ahhh. Até o cigarro parece mais gostoso do que de costume. Olly chega com a moto e para diante dele. Tem outro capacete colocado entre as pernas. Inclina-se para pegá-lo. Mas move-se lentamente. E depois dá um sorriso. Um jogo. Um olhar. E aquela mão e aquele capacete entre as pernas. E mais um sorriso, que se torna uma promessa. Mas de repente uma voz.

“Pietro, é você! Bem que eu achei ter visto o seu carro.”

Susanna e os seus dois filhos estão diante dele. Lorenzo sorri, já um homenzinho com os seus seis anos. “Oi, papai!”

Carolina também o cumprimenta, um pouco indecisa. Mas é natural, tem treze anos. Pietro vai logo ao encontro de Susanna e a beija nos lábios. “Oi! Que surpresa!” Despenteia um pouco os cabelos de Lorenzo. Depois beija rapidamente Carolina, que, porém, jovem rebelde, não concede por muito tempo aquela face. Olly permanece em silêncio assistindo à cena. Pietro ergue-se. Readquiriu a sua segurança.

“Mas que bela surpresa...realmente!” Em seguida, volta-se para Olly. “Ah, sim, desculpe...” Aponta para a rua. Então, eu dizia, sempre direto, no próximo sinal vire à direita e depois vá sempre em frente e chegará à via Veneto."

Olly dá a partida e vai embora, sem agradecer. Pietro a observa afastar-se. Em seguida sacode a cabeça. "É incrível! Até parece que estão lhe fazendo um favor. Você dá uma indicação e nem agradecem. Esses jovens de hoje..."

Susanna sorri. "Você também era assim, então... Ou melhor, você era pior Quando se é jovem, ser educado é quase estar fora da moda. Lembra como você fazia? Pedia uma informação e, quando entendia um pouco o caminho, você saía voando sem esperar que a pessoa terminasse a explicação..."

"Mas você está falando de um século atrás! E o que vocês estão fazendo aqui?”

"Fomos visitar a vovó. Minha irmã nos levou, mas precisou voltar mais cedo. Portanto estamos passeando, indo para casa. E você?", e Susanna aponta para o restaurante.

"Almoçando com Enrico e Alex."

"Sério? Faz um tempão que não vejo o Alex. Então vou entrar, ao menos para cumprimentá-lo."

"Claro." Só que Pietro pensa em toda a companhia. Especialmente nas três jovens, muito semelhantes àquela recém-partida na moto. "Não, ouça, Susanna, é melhor não... Fomos comer juntos porque ele queria conversar com a gente. Ele não está bem, sente falta da Elena... E agora ver você, nós, enfim, um casal e também... especialmente Lorenzo e Carolina, nossos filhos... uma família... tudo o que ele teria desejado..."

"Você tem razão. Eu não tinha pensado nisso." Susanna sorri para ele. "Você é ótimo."

"Por quê?"

"Porque é sensível..."

"Oh, deixe disso. Vamos, eu vou levá-los até em casa! Vamos, vamos, rápido. Assim depois eu volto para o escritório."

Todos sobem no carro. E Pietro parte.

Olly está parada na esquina. Acompanhou tudo de longe. Volta para trás, desliga a moto e entra no restaurante.

"Ei, vejam só quem está aqui!"

"O que aconteceu? Já brigaram?"

Alessandro, preocupado, se dirige para Enrico. "Será que ele deu em cima imediatamente?"

"Sim, e lá vem uma denúncia..."

Niki se aproxima de Olly. "E então? Pode-se saber o que aconteceu?"

"Ele se lembrou de que é casado."

"Como é? O que disse?"

"Nada... ele me indicou o caminho para chegar à via Veneto. À direita e depois sempre direto."

"Que babaca."

"Que medroso. Ele preferiu dar uma carona até em casa para a mulher e os filhos."

"O quê?!" Alessandro ouviu tudo e quase cai da cadeira. "Susanna estava ali fora?"

Olly assente com a cabeça. Enrico também fica pálido. "Meu Deus, imagine só se ela entrava e nos encontrava assim. Almoçando com três garotas de dezessete anos."

Diletta levanta a mão.

"Eu tenho dezoito."

"Eu também!"

"Eu também. Só a Niki é que tem dezessete."

"Não acho que para Susanna fizesse muita diferença. E nem para a minha mulher. Se viesse a saber."

Bem naquele momento, o Motorola de Alessandro toca. Ele o pega no paletó, abre. Olha para o *display* e não reconhece o número.

"Alô? Sim, quem é?... Ah, sim... certo." Alessandro escuta. "Sim, muito bem, abrigado." Desliga. Guarda o celular no bolso e olha para Enrico. "Aquele serviço fotográfico que você pediu está pronto. Vou retirá-lo amanhã."

Enrico serve-se de um pouco de champanhe. E o engole de uma vez. Coloca o copo na mesa e olha para Alessandro.

É uma sorte que Susanna não tenha entrado no restaurante. Susanna não descobriu nada. Ainda não sabe de nada. Amanhã, no entanto, Enrico vai saber tudo. Mas tudo o quê?

_____77_____

Um pouco mais tarde. De tarde. Um sol alegre entra pela janela do escritório. Alessandro senta em sua poltrona. Amanhã irei sozinho retirar aquelas fotos. Enrico me deu o dinheiro. Não quer vir comigo. Não deseja enfrentar o olhar do detetive. Pois é. Como Tony Costa iria olhar para ele? Será que iria sorrir? Iria fazer de conta que nada está acontecendo? Ele viu tudo. Ele sabe tudo. Ele não tem dúvidas. E sobretudo tem aquelas fotos.

"Alex, Leo está chamando você no escritório dele." A secretária avisa enquanto passa correndo, pegando umas pastinhas.

"Você sabe o que ele quer?"

"Você."

Alessandro ajeita melhor o paletó. Olha para o relógio. 15h30. Bem, foi um almoço de trabalho. Sim, de fato, trabalho, tive que pagar uma dívida. E agora tenho outro com Niki por ter levado as suas amigas. Quem sabe não vou lhe contar tudo isto. O problema é que, como dizia Benjamin Franklin, os credores têm uma memória muito melhor do que os devedores. Alessandro bate à porta.

"Entre!"

"Obrigado."

A pior surpresa que ele poderia ter está sentada confortavelmente no sofá de seu diretor. Segura um café na mão e sorri.

"Olá,Alex"

"Olá, Marcello."

Num segundo, Alessandro compreende tudo. Os japoneses. Responderam. E não gostaram. Como dizendo: Lugano.

"Você também aceita um café?"

Alessandro sorri, tentando parecer tranqüilo. "Sim, obrigado." Nunca perder o controle. Apelar para pensamentos positivos. Não existem fracassos, só ocasiões para aprender algo novo.

"Senhorita, quer trazer mais um café? Com um pouco de leite frio ao lado."

Leonardo sorri e desliga o interfone. "Não quer sentar?" Alessandro acomoda-se. Sente-se desconfortável naquela poltrona. Pelo menos ele lembrou que eu gosto com leite. Talvez, porém, ele tenha esquecido todos os meus sucessos precedentes. Caso contrário, por que me colocar diante desse copywriter irritante e fingido?

Leonardo afunda na poltrona. "Então eu os chamei porque, infelizmente..." Alessandro tem uma leve tontura.

"... a concorrência foi reaberta. Alex, as suas maravilhosas idéias não foram aprovadas."

Marcello olha para ele e sorri falsamente chateado. Agora Alessandro já tem mais um motivo para não gostar dele.

Batem à porta. "Entre!"

É a secretária com o café. Coloca sobre a mesa e sai. Alessandro pega a xícara e acrescenta um pouco de leite. Mas, antes de beber, olha confiante para Leonardo.

"Posso ao menos saber por quê?"

"Claro." Leonardo se inclina para trás, apoiando-se no encosto. "Acharam que e um ótimo trabalho. Mas ali, no Japão, já fizeram trabalhos semelhantes, ligados a fantasia. Você sabe que o Japão é a pátria dos manga e das criaturas fantásticas separadas da realidade. E esses produtos, infelizmente, não deram certo. Não é a hora de sonhos extremos, disseram. É hora de sonhar de maneira natural."

Alessandro termina de tomar o café e coloca a xícara sobre a mesa. "Sonhar natural..."

Leonardo se levanta e começa a caminhar pela sala.

"Sim, necessitamos de sonhos. Mas sonhos em que possamos acreditar. Uma garota que anda num balance preso nas nuvens ou faz surfe entre as estrelas na onda azul do céu é um sonho inacreditável. Não podemos acreditar nisso. Recusamos esse tipo de sonho. E, por conseqüência, o produto."

Leonardo volta a sentar.

"Além do mais, o que querem de mim... são japoneses... Inventem um sonho que os faça sonhar acreditando nele." Leonardo se torna sério de repente. "Um mês. Vocês têm um mês para fazer. Sena: estaremos definitivamente fora."

Marcello se ergue do sofá. "Bem, então não me parece ser o caso de perder tempo. Vou voltar para a minha equipe." Alessandro também se levanta e o segue.

Leonardo os acompanha até a porta. "Bem, bom trabalho, pessoal. Sonhem bem... e muito!"

Marcello para na porta. "Como dizia Pascoli em *Alexandros, Poemi Conviviali*. de 1904, 'o Sonho é a infinita sombra da Verdade'."

Leonardo olha para ele satisfeito. Alessandro folheia os seus livros mentais procurando alguma coisa de efeito para marcar um ponto para ele também. Rápido, Alex. Rápido, diabos. Pascoli, Pascoli, o que disse Pascoli?

"Quem reza é santo, mas é mais santo quem faz." E o que tem a ver? "O novo não se inventa: se descobre."

Hummm, um pouco melhor. Mas, e depois, o que faço, cito a mesma fonte dele? Precisaria um outro nome. Sei lá, Oscar Wilde em geral faz efeito. Mas agora só lembro daquela... "às vezes é melhor calar e parecer estúpido do que abrir a boca e não deixar nenhuma dúvida". Não estou dizendo nada... E Leonardo me observa. Pronto. Consegui. Uma escolha estranha, mas corajosa. Ao menos, penso.

"Hummm, sim, os grandes sonhos, você sabe, em nós nunca morrem, como as nuvens retornam cedo ou tarde, você, diga-me que vai carregar ao menos um sonho em seus olhos."

Leonardo sorri para ele. "E quem é esse poeta? Não lembro..."

"É Laura Pausini..."

Leonardo pensa um pouco. Depois sorri e lhe dá um tapinha nas costas. "Muito bem. Um sonho nacional-popular. Quem sabe! É disto que precisamos...", e fecha a porta deixando-os sós. Marcello olha para ele.

"Sabe, é estranho, eu estava me acostumando com a idéia. Mesmo tendo perdido, bem, de alguma forma eu tinha a impressão de estar mais próximo de você. Não sei... Pois é, eu compreendi aquela frase de Fitzgerald: 'Os vencedores pertencem aos vencidos'."

"Ah, é? Bem, eu libertaria você com prazer..."

Marcello sorri. "Temos tantas coisas em comum, Alex, eu já lhe disse. E agora precisamos recomeçar a sonhar juntos..."

"Bem, não juntos. Contra. E eu... serei o seu pesadelo. Ah, não precisa procurar. É do Rambo."

_____78_____

Bairro Monti. Alessandro guia tranqüilo. Ruas estreitas, casas altas de várias épocas, reboco desgastado de velhas oficinas artesãs. O Mercedes passa ao lado do Coliseu, em seguida as termas e os mercados. A antiga Suburra. Niki está com os pés no painel. Alessandro olha para ela.

Niki bufa.

"Escute, não amole, é o mínimo. Estou decepcionada, amargurada. Mas você imagina só que esses japoneses não gostaram das minhas idéias? Quer dizer, sinto-me incompreendida. Ainda preciso ser promovida em italiano e já me reprovam em línguas orientais! Não faz sentido, não é?"

"Para mim não faz sentido que, com todos os problemas que tenho, eu esteja aqui com você."

Ao chegar à confluência entre a via Nazionale, via Cavour e os foros, Niki abaixa os pés.

"Confie em mim! É um lugar genial! Quem sabe sai uma idéia e recomeçamos a trabalhar. Vamos, estacione, aqui há um lugar."

"Não consigo entrar."

"Mas claro que consegue."

Niki desce rapidamente e afasta um pouco uma moto. Faz que ela oscile de um lado para o outro até conseguir deslocá-la um pouco para o lado.

"Vai que dá..."

Alessandro faz a manobra com dificuldade. No fim bate atrás. Desce e olha o pára-choque.

"Esqueça, quando você mandar arrumar o carro, arruma isto também. Vamos!", e o arrasta pela mão por uma longa escadaria, na escuridão de uma pequena igreja.

"Mas onde estamos?"

"Nunca ouviu falar de TAZ, ou zonas temporariamente autônomas? Dos centros sociais? Pois é, este é ainda mais especial. Pura contaminação. Está sempre na boca de todos, nunca ouviu?" Atravessam a igreja e saem num grande pátio. "Venha." Niki o arrasta. Jovens das mil cores, roupas diferentes, desde chapeuzinhos colocados tortos e casacos estilo militar, longas felpas caídas de mangas rasgadas, e camisetas de mangas curtas em cima de outras com mangas compridas e malhas com couro e depois piercings e correntes e estranhos broches. E ainda moda e invenções e fantasias sem fim. Um aroma de carne na brasa se faz sentir próximo dali, alguma salsicha frita numa panela grande. Uma grelha está pronta para torrar um pouco de pão. Um cartaz improvisado marca os preços baixos. Um copo de vinho, uma cerveja, uma grapa caseira.

"O que vai tomar?"

"Uma Coca-Cola."

"Vamos, um pouco de fantasia. Aqui eles têm de tudo!"

Uma brisa ligeira traz o cheiro de erva e o som de uma risada longínqua. Ales-sandro cheira o ar.

"Dá para perceber."

"Bem, eu vou querer uma fatia daquela torta de frutas e uma grapa."

"Eu, uma vodca."

"Venha, estão tocando. Você sabe que aqui, de vez em quando, vem até o Vinicio Capossela?"

Perto do pequeno bar improvisado, um baixo, uma guitarra e uma bateria, todos instrumentos bem acabados, estão fazendo um som à maneira de *Sonic Youth*. Um jovem cantor com voz rouca canta num microfone de rádio e escala pelas notas, imitando vagamente Thom Yorke dos Radiohead. Mas é melódico demais e lembra mais *Moby* no início. O baixista, um rastafári vestindo camisolão xadrez, o acompanha com um vocal. Duas garotas dançam diante deles, divertidas. Se encaixam, se roçam, quase se desafiam a golpes de quadril. Niki marca o ritmo, comendo a sua fatia de torta. Depois bebe um gole de grapa.

"Puxa vida, como é forte! Puro destilado!", e a coloca sobre um velho barril ali ao lado.

"Legal aqui, hein? Era uma escola... Todos esses são potenciais consumidores da sua LaLuna..."

"Pois é..."

"Aqui você pode colher de mãos cheias todo tipo de sonho, sonhos que não morrem, apesar de tudo. Medos, esperanças, ilusões, liberdade. Os sonhos não custam nada e ninguém consegue erradicá-los..."

Alessandro sorri e bebe a sua vodca. Depois olha para as duas garotas. Uma está com uns jeans pintados com flores grandes, estilo anos setenta. Parecem feitas à mão. A outra, um top leve, claro, amarrado abaixo dos seios. Niki limpa as mãos nas calças, quando de repente alguém a agarra pelo braço e a obriga a virar-se.

"Ai, ai! Mas o que é?"

"O que faz aqui?"

É Fábio, está com um chapéu estilo marinheiro abaixado na testa. Calças confortáveis, pretas, Karl Kani, oversize, e uma camiseta esportiva Industriecologiche onde está escrito "Fábio Fobia". E depois uns boots. Perfeito MC, ou, o que é o mesmo, mestre de cerimônias. Atrás dele, Cencio, o breaker do grupo de Fábio, está dançando freneticamente numa competição de Freestyle com outro rapaz, gritando "filhos da contracultura, sem medo. Sem medo..."

Fábio aperta mais fortemente o cotovelo de Niki e a atrai para perto de si.

"Então, minha querida Boo?"

"Mas o que você quer!? Me solte! Está me machucando."

"E quem é esse Bama ao seu lado?" Fábio olha para Alessandro, que acabou de perceber a cena e se aproxima, com o copo de vodca na mão.

"Oi, o que está acontecendo?"

"Que porra você tem a ver, Bama, hein?"

"Bama? Mas o que isso quer dizer?"

"Quer dizer que não entende porra nenhuma e que, além do mais, nem sabe se vestir."

"Niki, tudo o.k.?" Mas Alessandro não tem tempo de concluir a pergunta. Fábio empurra Niki com força contra o muro. Depois descarrega uma direita com todo o seu peso e acerta direto o maxilar de Alessandro, que, derrubado pela raiva daquele murro, desaba no chão.

"Pronto, agora pode repetir a pergunta e responder sozinho... Babaca do caralho!"

Cencio percebe. "Muito bem, bang, bang, bang!" e, alheio a tudo, continua dançando como louco, completamente tomado pelo seu desafio de freestyle.

Fábio Fobia cospe no chão e vai embora. Em seguida desaparece rapidamente entre alguns jovens que acorrem assustados ao ver aquele tipo no chão. Niki também chega perto. Ajoelha-se ao lado dele.

"Alex, Alex, você está bem? Tragam água, rápido!" Niki lhe dá uns tapinhas no rosto, de leve, tentando despertá-lo.

"Afastem-se, vamos, deixe eu olhar." Um jovem se enfia em meio ao pessoal e se ajoelha diante de Niki. Abre com o polegar um dos olhos de Alessandro. Ergue a pálpebra.

Depois olha para Niki com o rosto sério.

"Ele fumou demais? Bebeu? Tomou algum comprimido?"

"Que nada, levou uma porrada na cara de um babaca!"

Chega alguém com um copo de água. Entrega-o a Niki, ela coloca a ponta dos dedos dentro e espirra água no rosto de Alessandro, que aos poucos se recupera.

"Pronto, está melhor. Obrigado."

O jovem suspira. "Ainda bem. Era o meu primeiro paciente."

Uma das duas garotas que estavam dançando se aproxima curiosa. "Mas por que, você é médico, por acaso?"

"Bem, ainda não. Estou no quarto ano."

"Ah, bom, é que tenho sempre uma dor aqui no braço, quando eu dobro."

"Deixe ver", e se afastam, imersos em sabe lá qual futuro diagnóstico de um acaso potencialmente sentimental.

Alessandro apoia-se no cotovelo e sacode a cabeça para readquirir a lucidez. Ainda está

chocado.

"Puxa vida, que pancada..." Apalpa o maxilar. "Ai, ai, dói pra burro."

Niki o ajuda a erguer-se. "Pois é. Aquele babaca bate forte."

"Mas quem era?"

"O meu ex!"

"Pronto, era só o que me faltava..."

Niki passa o braço ao redor da cintura dele. Sustenta-o enquanto se afastam entre centenas de jovens agora completamente indiferentes ao acontecido.

"Fiz muito bem em deixá-lo."

"Ah, isto é certo. Eu ainda preciso entender se fiz bem em me meter com você. Desde que a conheci, tive o carro destruído, me encheram de multas e agora até levei porrada."

"Veja o lado positivo da questão..."

"Neste momento, a bem da verdade, não estou vendo nenhum..."

"Tínhamos vindo em busca de sonhos. E você, como de costume, teve mais sorte... Você viu estrelas..."

"Ah, ah, boa piada... Você sabe que eu havia conseguido chegar aos trinta e seis anos sem nunca ter tido uma briga?"

"Imagine que chatice. Era o que lhe faltava... Mais uma experiência."

Alessandro passa a mão no queixo e ainda continua reclamando. Talvez demais.

"O que é certo é que, depois de tudo o que aconteceu, você vai se sentir culpada e vai encontrar outra ideia extraordinária, um sonho natural que vai me fazer vencer os japoneses."

"Ah, quanto a isto pode ficar tranqüilo."

Chegam ao Mercedes. Niki tira o braço que o sustentava.

"Enquanto isto eu vou levá-lo para casa, onde quero cuidar direitinho de você."

"Extrato de jasmim?"

"Também. E novas descobertas..." Niki sorri. "Eu guio?"

"Sim, claro, assim vamos parar direto no hospital. Deixe comigo!"

Alessandro pega as chaves e assume a direção. Niki se acomoda ao seu lado. Antes de dar a partida, Alessandro olha para ela.

"Desculpe a curiosidade. Mas quanto tempo você ficou com esse cara?"

Niki sorri. "Talvez demais. Mas, se você gosta tanto assim de mim, em parte é culpa dele!...", e partem assim, numa noite recém-iniciada e com tantos sonhos ainda cara consumar.

_____79_____

Uma tarde depois do almoço. Uma dessas tardes tranqüilas, sem muito trânsito, sem muito barulho. Sem a preparação para um grande jogo de futebol. Apesar de que essa tarde será tudo, menos tranqüila.

"Já que levei uma porrada do seu ex, diga por que ainda devo arriscar..."

"Mas aqui não vai arriscar nada, Alex... Ao menos eu acho!"

"Verdade? Então diga o que muda para você se eu fizer ou não."

Niki bufa. "Puxa, como você estica! Você disse que eu podia pedir qualquer coisa, não é?"

"Sim, mas não pensei nessa 'qualquer coisa'..."

Niki se aproxima dele e o beija ternamente. Alessandro tenta escapar um pouco. "Olhe que não vai conseguir me comprar desse jeito."

"Mas eu fiz o favor de levar as minhas amigas para o almoço. E, além disso, quem é que quer comprar você? Eu faço um *leasing*. Se não for, eu troco por um modelo mais novo."

Alessandro se afasta e olha para ela erguendo a sobrancelha. "Engraçadinha... De verdade... Quer dizer que eu corro o risco de ir para o desmanche?"

"Por que, você já não foi?"

"Não.."

"E então, sim, você corre o risco, até dão uma compensação."

"Entendi. Tá bem, eu vou..." Alessandro desce do carro. Dá a volta e se aproxima da janela de Niki.

"E, mudando de assunto, e a sua amiga desenhista?"

"Olly?"

"Sim, sim, ela está trabalhando nisso?"

"Nisso o quê? Desculpe, mas, se não temos nenhuma idéia, ela vai desenhar o quê? Ela é muito boa para desenhar, mas, quanto a idéias, ela só tem uma e fixa."

"Entendi, praticamente o meu amigo Pietro foi o único que lhe escapou.

"E ainda bem. Acho que teria sido uma confusão para todos. Bem, agora vai, força."

Niki olha para o relógio. "Até porque é tarde."

"O.k., eu já vou."

Alessandro caminha rapidamente, chega ao fim da rua e vira à direita. Niki o observa desaparecer atrás da esquina. Em seguida põe um CD. Greatest Hits, Robbie Williams. Faixa oito. Não por acaso. "I was her she was me, we were one we were free, and if there's somebody calling me on..." Diabos, quanto eu gostaria de estar lá. Não posso imaginar o que vai acontecer. Aumenta um pouco o volume. Bem, pelo menos não vão me fazer outra vez todas aquelas perguntas. Depois tenta relaxar um pouco. E, naturalmente, apoia os dois pés sobre o painel. Alessandro reduz um pouco o passo. Não posso acreditar. Mas o que estou fazendo? Realmente eu perdi a cabeça. Isto é... Estou com um drama em andamento, uma nova escolha por parte dos japoneses. Já recusaram os meus primeiros projetos.

Agora só tenho uma segunda e última chance. E nisso tudo o que eu faço? Por acaso passo até o último segundo da minha vida antes do fim do prazo no escritório procurando uma idéia? Não. Eu a levo para almoçar, a garota dos jasmins, uma linda garota de dezessete anos com quem saio há mais de um mês juntamente com as suas três amigas. E agora, em troca daquele favor, o que faço? A coisa mais absurda da minha vida. Isto é, não acredito. Não fiz isso nem depois de dois anos com Elena... Mas Niki pediu como um favor. Alessandro quase chegou ao portão. Não. Eu não consigo. Vou voltar. Não posso. Só de ouvir aquela frase de novo já me sinto mal.

"Está bem, Niki, vou conhecer os seus pais."

"Obrigada! Como estou feliz... Não por nada. Mas assim vão me deixar um pouco mais livre para sair com você."

Ou, a meu ver, irão proibi-la definitivamente. Alessandro lê o sobrenome no interfone. Cavalli. Arre! Socorro. Não, eu volto para o carro. Sim, e depois? O que vai dizer a Niki? Pois é, eu sabia. E você se considera um homem maduro? Você é mais criança do que eu. Mas o que custava falar com os meus pais? Eu com os seus faria imediatamente. Está bem, posso sempre dizer que ninguém atende. Alessandro está ali parado, diante do interfone, quando de repente um homem sai pelo portão. Alto, forte, bem vestido. Tem uma pasta na mão, uma maçã na boca e, aparentemente, muita pressa.

"Deixo aberto?"

"Sim, obrigado."

O senhor mantém a porta aberta com o braço por um instante para deixá-lo entrar. Alessandro entra no vestíbulo. Silêncio. Sobe a escada até o primeiro andar. Em seguida lê numa porta ao lado. "Apartamento 2. Cavalli." É aqui. Não posso mais fugir. Tenho de conseguir. Aproxima-se da campainha. Fecha os olhos... E toca.

"Já vou!" Uma voz alegre chega por trás da porta. "Pronto..." Uma mulher bonita, com um grampo na boca e as mãos nos cabelos, abre a porta. Sorri.

"Desculpe..." Segura o grampo na boca, tenta alargá-lo prendendo-o com habilidade entre os dedos, e o enfia nos cabelos.

"Feito! Desculpe mais uma vez! Mas está quente e é melhor deixar os cabelos presos."

"Boa tarde..."

"Oh, desculpe, por favor, pode entrar. Infelizmente o meu marido precisou sair." Simona o deixa entrar e fecha a porta atrás dele. "Quem sabe se encontraram. Saiu com muita pressa."

"Ah, sim..." Alessandro pensa no homem com quem cruzou no portão. Boa apresentação, alto, elegante e especialmente... forte. "Nos vimos, mas não deu tempo de cumprimentá-lo."

"Não tem problema. Já fui avisada de tudo. Quer um café? Acabei de fazer. Mas. por favor, fique à vontade."

Alessandro olha rapidamente ao redor. Um belo apartamento, decorado em cores quentes. Alguns quadros com traços essenciais, móveis claros, arrumados de maneira a não sufocar os espaços. Senta-se no sofá da sala. "Sim, obrigado, com prazer."

Fui avisada... Como avisada? Terrível a Niki! Então ela contou. Tudo vai ser mais simples. De alguma maneira eles devem ter me aceitado. Só querem entender melhor quem sou eu, sim, de fato, quem é esse adulto que sai com a filha deles. Simona retorna com a bandeja onde colocou duas xícaras de café e o açucareiro. Há também dois chocolates e um bule de leite. Coloca tudo sobre a mesinha em frente de Alessandro.

"Pareço distraída, mas eu tenho prazer em acompanhar tudo o que acontece em nossa casa."

"Sim." Alessandro pega a sua xícara de café e toma.

"Mas bebe sem açúcar?"

"Sim, o verdadeiro sabor é este."

"Meu marido também diz isto... Mas o senhor está sem a pasta."

"Sim, praticamente saí correndo do escritório. Não tenho muito tempo. Mas tinha muita vontade de conhecê-los. Ainda não nos apresentamos como se deve."

Levanta-se. "Prazer, Alessandro Belli."

Simona dá um sorriso radiante. "Prazer", e estende a mão. É bonita. Como Niki. Duas lindas mulheres de idades diferentes. Mas Alessandro não tem dúvida sobre qual das duas prefere.

Simona senta-se diante dele. "Bem, eu também tenho muito prazer em conhecê-lo. E eu queria dizer duas coisas. Quem sabe possam ser úteis. Eu tenho trinta e nove anos. Tive a minha filha muito jovem e estou feliz que o senhor esteja aqui agora. Eu sou muitíssimo ligada à minha filha."

Alessandro gostaria de dizer "eu também", mas compreende que nesse momento não seria muito adequado.

"Eu entendo." Sorri ele também.

"E como nunca sabemos o que pode acontecer na vida, eu gostaria que minha filha estivesse segura."

"Claro, compreendo."

"Niki está no último ano da escola e não sabe bem o que fazer depois. Entretanto tem as idéias muito claras."

"Bem, é típico dessa idade. Às vezes são rebeldes, fazem mil coisas, mas depois, de

repente, decidem sem mais dúvidas."

Simona sorri. "O senhor tem filhos?"

"Não."

"Ah, que pena." Alessandro fica sem palavras. Como que pena? Mas essa mulher é fantástica. Acaba de saber que a filha sai com um homem que tem praticamente a sua idade e lamenta-se que ele não tenha filhos. Incrível!

"Mas qual é a sua idade?"

Pronto, eu sabia. Agora começam as dores. Bem, melhor dizer toda a verdade, quem sabe Niki não contou. Este é um tipo de teste. "Eu? Quase trinta e sete..."

Simona sorri. "Pensei que fosse mais jovem."

Alessandro não acredita. Deu certo. Não só isso, ainda me elogia! "Obrigado."

"É verdade... Mas sabe, é estranho que não tenha filhos porque o senhor, Alessandro, parece conhecer perfeitamente os jovens. De qualquer maneira, no que me diz respeito, não tenho dúvidas. Realmente fico contente que a escolha tenha recaído nela."

"Ah é, está contente?"

"Sim, meu marido contou tudo sobre a conversa telefônica de vocês."

"Da nossa conversa telefônica?"

"Sim. E a meu ver a sua proposta é boa. Já conversamos e estamos de acordo. Queremos abrir aquele fundo de aposentadoria para a Niki."

"Ah..."

"Sabe, lamento que não tenha consigo os formulários, neste momento. Poderíamos preenchê-los e deixar tudo assinado. De qualquer maneira, nós gostaríamos de optar por cinco mil euros por ano."

"Entendo..."

Simona vê que Alessandro está muito desiludido.

"O que foi? O senhor acha pouco, cinco mil?"

Alessandro se recupera rapidamente.

"Não, não, parece-me bom."

"Não, porque, sabe, minha filha Niki por enquanto ainda é uma menina. Fica um pouco na sua, com as amigas, não tem grandes despesas, mas, assim que tiver um assunto sério e importante, enfim, depois da universidade, então, quem sabe vai se vestir melhor, e gastar mais dinheiro com roupas. E, assim, parece-me um ótimo investimento."

"Claro... Bem, vou comunicar logo a sua decisão no escritório."

Alessandro se levanta e se dirige para a porta.

"Então, depois o senhor vai falar com o meu marido, não?"

"Claro..."

Simona sorri e aperta a mão dele. "Obrigada, foi muito gentil."

"Imagine, por tão pouco", e Alessandra sai rapidamente, fechando a porta atrás de si.

Sacode divertido a cabeça. Não é possível. Não posso acreditar.

Simona está retirando a bandeja com as xícaras da mesa, quando o celular começa a tocar. Ela atende. É Roberto.
"Oi, amor."

"Oi, Simona, escute, eu só queria avisar que o agente financeiro não vai mais passar. Ele teve um acidente."

"Ah." Simona fica estupefata. E então quem era aquele jovem simpático com quase trinta e sete anos que chegou aqui em casa? Pensa um instante. Experimenta todas as alternativas. E depois de um instante arregala os olhos. E compreende. E sacode a cabeça.

"Simona?..."

"Sim, amor, estou aqui..."

"Não estava mais ouvindo você... O que aconteceu?"

"Então, amor, eu tenho duas notícias para você. Uma boa e uma má."

"Conte primeiro a má."

"Bem... A sua filha está saindo com alguém vinte anos mais velho do que ela."

"Mas o que está dizendo? Como diabos é possível? Cacete, não!" Roberto olha ao redor. Está no meio de seus colegas e não se deu conta de que estava quase gritando. Volta a se controlar. "Hoje à noite ela vai me ouvir. E a boa?..."

"Ele não me parece mau."

Alessandro sobe no carro.

"Ufaaaa..." Dá um longo suspiro.

Niki, toda excitada, sobe em cima dele. "Então? Como foi? O que a mamãe disse? Vamos, conte! Já que você voltou, quer dizer que deu tudo certo!"

Alessandro a olha no rosto. Em seguida sorri. "Só estava a sua mãe e queria fazer um investimento para você... comigo."

"Bem, legal! Ela viu a sua potencialidade!"

"Mais do que outra coisa, ela viu em mim um agente financeiro."

"Não acredito! Como é?"

"Parece que estavam esperando alguém para fazer um investimento e, quando eu toquei, ela pensou que eu fosse essa pessoa..."

"Putz, genial! Mas você conseguiu até obter algum dinheiro? Você está aos poucos recuperando o prejuízo do carro! Recupera um pouco aqui, um pouco ali... vai acabar recuperando todo o prejuízo com o Mercedes."
"Ha-ha..."

"Não, pare, sem brincadeiras... Claro que você podia dizer a ela que estava ali por minha causa, mas como agente sentimental, escute..." "Não consegui... Eu a senti tão confiante com relação àquele fundo de pensão que ela queria abrir... Eu a teria desiludido imediatamente."

"Quer dizer, mas realmente a minha mãe não entendeu nada. Diabos, mas como é que ela o deixou entrar assim, você bem podia ser um assaltante."

"E eu vou saber? Ela abriu a porta, me fez entrar, não tive tempo nem de me apresentar e ela já estava falando de você, do investimento, de todas as coisas que um dia quem sabe você gostaria de fazer... Pareceu-me mais educado ouvir do que interrompê-la."

"Sim, claro, qualquer pretexto é válido. Está bem. Cedo ou tarde eu vou conversar com ela. Ela sempre disse que precisamos contar tudo, sem problemas.

"Ela disse isto? Gostei da sua mãe."

"Nem pense, viu?"

"Imagine. Parece que ela gosta realmente de você. Quando falava de você, das suas coisas, do seu jeito de vestir, de suas amigas, sim, de fato, os olhos dela brilhavam."

"Sei, quando eu contar sobre você, quero bem ver se ainda vão brilhar... quem sabe a cara que vai fazer! Me leve até a Erica, pleasel É que hoje vamos começar a revisão de italiano para o exame."

"O.k." Alessandro dá a partida e sai. Corso Itália, cinema Europa. Salaria. Em seguida, Niki começa a rir. "Quero ver principalmente como vão brilhar os olhos de meu pai quando souber!"

Alessandro se lembra daquele homem elegante, alto, apressado e especialmente... forte. E por um instante gostaria de ter uma relação diferente com aquela família. Pois é, talvez ter tido um outro tipo de acidente. Quer dizer, do mesmo tipo, mas não com Niki. Ou seja, se precisasse ultrapassar novamente aquela porta, gostaria realmente de ser aquele agente financeiro.

"Pronto, pode parar aqui! Nos falamos depois?"

"Claro!"

"Vai pensar em mim enquanto trabalha?"

"Claro."

"Sim, mas você sempre responde claro. Está no automático! A impressão que dá é que nem está me ouvindo. E não me responda claro!"
"Claro... que não respondo claro. Ora, vamos, estou brincando, Niki! É que tenho muitas preocupações."

Niki se aproxima e o beija suavemente nos lábios. Em seguida coloca as mãos sobre as suas têmporas como para impedi-lo de olhar em volta. "Vai chegar o dia em que virei antes dos japoneses e de todos aqueles outros?"

Alessandro sorri. "Claríssimo!"

"O.k., então, embalada nessa esperança vã, deixo-o ir."

Alessandro sorri para ela, parte e faz um sinal com a mão para fora da janela antes de dobrar a esquina, afastando-se. Observa que ela vai ficando menor no espelho retrovisor. Olha para o relógio. São quase três e meia. Bem a tempo de chegar pontual àquele encontro. E finalmente entender. Desde que haja alguma coisa para entender.

_____80_____

Casas, prédios, muros arruinados, um pedaço de aqueduto ruído e depois uma grande extensão de verde. Uma gruta no alto entre aquelas árvores da colina. E mais muros, alguns cartazes descolados, uma escrita imprecisa. E mais verde, verde, verde. E um carro abandonado, um pedaço de escapamento e mais nada. Mais nada. Mauro acelera como pode a sua moto e continua correndo sem os óculos. Sem capacete. Sem nada. Pequenas lágrimas ao vento e olhos vermelhos. E a todo vapor, tentando deixar para trás aquele dia. Quantos jovens estavam naquele teste? Mil, dois mil? Sei lá. Nao acabavam mais. Não acabavam nunca. Um dia inteiro da manhã até a noite, aie as nove horas. Mauro olha para o relógio. Não, até as nove e quinze. Só uma garra finha de água e um sanduíche de presunto com alcachofras, daqueles embrulhados das maquininhas. Havia pouca escolha: ou aquilo ou aqueles doces que dão maii sede ainda. Depois parados. Todos parados sobre aqueles bancos duros esperando próprio número. Um número. Somos só um número. O grande Vasco dizia "Somos só nós".

Mas nós quem? Naquela sala havia uma pessoa que circulava com uma câ-mera digital e gravava. Me fizeram entrar, em seguida uma pergunta e pronto. Mas o que você pode entender de uma pergunta?

"Obrigado, está bem, será avisado. Nós vamos chamar."

Eles é que vão me chamar. E agora?

Agora, nada, em casa, ao lado do celular controlando o tempo todo. Deixei os meus dois números. Pelo menos, se o de casa estiver ocupado, eles podem ligar para o outro. Na semana passada esperei em casa, um dia inteiro, e depois? Depois nada. Vai ser sempre assim a minha vida? Posso ficar famoso. É um direito de todos. Até falaram na outra noite na televisão, naquele talk. Mostraram um pedaço de um velho filme.

"Cada um de nós tem direito àqueles quinze minutos de fama..."

Quem dizia isso era aquele fulano loiro fa-juto, baixo, americano, aquele que pintava os rostos todos iguais, como o da Marilyn. Como era mesmo o seu nome, Andy qualquer coisa... Enfim, aquele lá. E eu? Eu fiz o teste do *Big Brother* e de todos aqueles outros realities que estão surgindo. Alguém até me pediu cento e cinqüenta euros para rodar um showreel, que se pronuncia sciril, um filme que mostra as minhas qualidades. Então ele o faz circular e eu economizo um monte de tempo. Sei... Como não. Acredito mesmo...

Mauro faz uma curva fechada e entra na rua de sua casa. Inclina-se excessivamente. A moto dá uma guinada, mas ele rapidamente desloca o peso para o outro lado e levanta o pé esquerdo, pronto para apoiá-lo no chão, na eventualidade de cair. Mas a Kymco se estabiliza e continua. Para a sua casa. Tranqüilo. Pega a subida forte. Um e outro latão de lixo aberto. Um pouco de lixo no chão. Um velho aquecedor. A sua marmita ecoa naquela rua solitária. Mauro olha à direita. Aquele pequeno recuo lateral, aquele campo abandonado. Sorri. Quantas vezes jogamos com os amigos do bairro naquele campinho. Algumas vezes estive ali com o carro do papai, uma parada necessária, antes de levar Paola para casa. Paola. Lembra de alguns momentos naquele carro. A música no estéreo. O calor da noite. Os bancos desconfortáveis que rangiam sempre. Os pés sobre o painel. Os vidros embaçados. O sabor do sexo. Ünico. Esplêndido. Irrepetível. Mais tarde, aquelas janelas abaixadas para circular um pouco de ar. Um fio de fumaça que sai. Sorrisos na penumbra. E aquele perfume ainda dela, dela toda, em mim. Paola. Hoje não me chamou. E, quando eu tentei, estava desligado. Talvez não tivesse sinal.

Ergue a sobrancelha ao não encontrar uma resposta. Faz uma última curva. Agora chegou.

E, quando a vê, sorri. Ali está Paola. Ela também sorri. Ergue o queixo de longe. Mauro olha para ela enquanto se aproxima. Procura ainda aquele sorriso. Mas não tem mais. Já não está lá.

81

O Mercedes ML está parado, estacionado ao lado da rua, sob um velho lampião cinza, desbotado pelo tempo, como muitas coisas que o rodeiam. Alessandro atravessa a rua. Um latão de lixo queimado apoia-se, indeciso e vacilante, numa das duas rodas remanescentes. Um gato bege-claro, um pouco despelado, revista sacolas semi-abertas, como se explodidas repentinamente, cheias de lixo disperso, deixadas de qualquer maneira no chão. Algum condômino que se julgava um bom pivô deve tê-las atirado do terraço, tentando acertar aquele latão de lixo. Nada feito. Errou. Mas o jogo dele já estava perdido.

Alessandro pega o elevador. Terceiro andar. O vidro esmerilhado com a escrita "Tony Costa" não foi substituído. Ainda está quebrado. Alessandro toca.

"Entre."

Abre lentamente a porta que range. Como da primeira vez, é acolhido por um ambiente quente, mas um pouco antigo. Tapetes puídos, uma planta amarelada. A secretária, desta vez, está sentada à escrivaninha. Ergue os olhos um instante. E recomeça a lixar as unhas. Tony Costa vem ao seu encontro.

"Boa tarde, Belli. Eu o esperava. Fique à vontade. Deseja um café?"

"Não, obrigado. Acabei de tomar."

"Bem, eu também, mas quero me conceder um outro. Adele, quer providenciar?"

A secretária bufa um pouco. Em seguida, solta a lixa sobre a mesa. Levanta-se, desaparece atrás da porta e vai preparar o café. Alessandro olha em volta. Nada mudou. Talvez só aquele quadro. Um grande óleo, de cores vivas. Celeste, amarelo e laranja. É uma mulher na praia. As roupas dançam ao vento, enquanto ela segura nas mãos um largo chapéu branco. Tão colorido que parece fora de lugar naquele ambiente cinzento.

"Então, Belli, como vai?"

"Bem, tudo bem"

Tony Costa apoia-se no encosto. "Que bom. Está pronto?"

"Claro." Alessandro sorri. Então, preocupa-se. Sem querer está usando aquele "claro" também com ele. Haverá uma afinidade lógica? Mas prefere parar de pensar. Tira do bolso o dinheiro. "Aqui estão os outros mil e quinhentos euros."

"Mas eu não perguntava se está pronto para pagar. Eu dizia se está pronto... se ainda está convencido de querer saber."

"Sim, o meu amigo ainda tem essa intenção."

Tony Costa sorri. Apoia ambas as mãos sobre a mesa, ajudando-se dessa forma a se erguer da poltrona. "Muito bem." Vira-se e abre um arquivo. Tira uma pasta azul-celeste. Nela está escrito "Caso Belli". Deposita-a diante de Alessandro. Senta-se novamente. "Aqui está."

Chega a secretária com o café.

"Obrigado, Adele."

"De nada" e retorna para a sua lixa de unhas.

Tony Costa abre a pasta.

"Então, aqui está, nesta folha estão todas as saídas, os dias em que foi seguida, os percursos... veja, por exemplo. 27 de abril. Via de Parioli. Mercearia. Horas 16h30. Quando ao lado tem uma marca azul quer dizer que também há uma foto e estão todas marcadas com um número. Esta, por exemplo, é a de número..." Tony Costa se estica para ver melhor, "dezesseis. Logo, nesse outro envelope está a foto correspon¬dente que documenta aquela rua, naquele dia, naquela hora."

Alessandro olha com prazer a precisão daquele trabalho. Perfeito. Claro. Impossível errar. Aquilo que alguém quer saber, não pode mais deixar de não saber.

"Tome, aqui está o seu dinheiro."

Tony Costa o pega na mão. Olha um instante. Enfim guarda numa gaveta.

"Não vai contar?"

"Não é necessário. Em nossa profissão, a confiança de quem decide nos confiar os seus segredos deve ser retribuída. Aqui estão todas as fotos. Vê...", abre e espalha sobre a mesa. Alessandro não acredita no que vê. Parecem as cartas de um jogo. Quem sabe teria sido melhor não se sentar àquela mesa. Esse é um daqueles jogos que é melhor não jogar. E aquelas cartas têm uma única figura. Camilla. Camilla que anda. Camilla que faz compras. Camilla que entra no cabeleireiro. Camilla no carro. Camilla que entra no portão de casa.

"Como vê, Belli, foi um trabalho de um mês. E esses são os primeiros resultados."

Alessandro olha para todas. Camilla está sempre sozinha ou às vezes com uma amiga. Em duas ou três fotos está até com Enrico. Mas nada de perigoso, de comprometedor ou fora dos padrões.

Dá um suspiro fundo, de alívio. "Bem, baseado nisso, então não há nenhum problema."

Tony Costa sorri, recolhe as fotos e as guarda no envelope.

"Isto foi para lhe mostrar que trabalhei seriamente. O dinheiro que me deu não roubei."

Em seguida levanta-se. Abre novamente o arquivo.

"Depois tem esta aqui." Tony Costa coloca outra pasta sobre a mesa. É vermelha. Alessandro olha para ela. Em cima está escrito apenas "Belli". Tony Costa senta-se. Coloca a mão sobre a pasta e olha para ele.

"Aqui dentro tem outras folhas, outros dias, outros percursos. E talvez outras fotos, dessa vez com uma marca vermelha."

Apoia-se no encosto da poltrona.

"Ou talvez não tenha absolutamente nada..."

Empurra devagar aquela pasta vermelha para Alessandro. "Por favor, pegue, o senhor vai decidir... ou melhor, o seu amigo... o que quer saber."

Alessandro pega as duas pastas, coloca embaixo do braço e se levanta.

"Obrigado, senhor Costa, foi muito gentil."

"Por favor, vou acompanhá-lo."

Tony Costa o precede. Abre a porta do escritório e se dirige para o elevador. Aperta o botão para chamar o elevador.

"Desculpe, Belli, se demorei um pouco mais do que o previsto." .

"Mas não tem problema. Deve ter sido necessário, não?" e aponta para as pastas.

"Não, é que tivemos uma pequena crise..." aponta para Adele, dentro do escritório, sentada à escrivaninha ainda envolvida com as unhas. Tony Costa encosta a porta do escritório sem fechá-la, em seguida se aproxima de Alessandro.

"Diz que eu trabalho demais, que não nos permitimos nunca nada. Então fomos uma semana para o Brasil. Percebeu que estamos um pouco queimados..."

Não demais, na verdade, pensa Alessandro. Claro que, porém, ir até o Brasil com a secretária... nada mau ser detetive.

"Viu aquele quadro novo no escritório? Compramos na Bahia!"

"Lindo... São as baianas, não é? Lá as mulheres se vestem desse jeito."

"Sim", Tony Costa sorri, "até a Adele quis se vestir desse jeito. Nós nos divertimos de verdade. No fundo foi um pouco a lua de mel que não pudemos nos permitir há vinte anos."

Chega o elevador e as portas se abrem. Tony Costa estende a mão para Alessandro.

"Estamos casados há muito tempo e essa é a nossa primeira crise... Mas conseguimos superá-la."

"Bem. Fico contente."

Tony Costa sorri para ele.

"Sabe, Belli, são anos que faço esse trabalho e já vi muitas coisas... muitíssimas. E ao final compreendi só uma coisa. Quando se encontra uma mulher que vale... não vale a pena perder mais tempo."

Olha para ele nos olhos e aperta a sua mão. Em seguida ergue o queixo apontando para as pastas.

"Diga isso para o seu amigo."

Paola masca chiclete. Seios grandes, sem necessidade de fazer qualquer plástica. Alta. Talvez um pouco maquiada demais. Talvez. Mas Mauro parece não se importar. É realmente bonita. Desliga a moto e desce.

"E aí, Paola, que surpresa agradável!"

"Preciso falar com você."

E não tem mais nem sombra daquele sorriso. Fugiu, como um daqueles corvos desagradáveis e pesados, quase atordoados por ter comido sabe lá o quê. Aqueles corvos que você observa de repente despegar em voo, fugir de algum galho de árvore sem uma razão sequer.

Mauro a observa. Paola abaixa o olhar. E não há nada mais para compreender. Aquele olhar baixo diz tudo. Mais de mil palavras. Aquele silêncio, em seguida. É como um grito. Mauro segura com a mão o queixo dela, levanta-o ligeiramente.

"Diga, Paola, o que há?"

Ela permanece em silêncio. Vira o rosto. Livra-se daquela mão. Não consegue. Não tem a coragem de encontrar novamente aqueles olhos. Então, Paola decide se libertar daquele peso. E ergue o olhar. Encontra o de Mauro e dessa vez o sustenta. Até o fim.

"É que eu queria dizer..."

Mauro cerra ligeiramente os olhos. Como que tomado por um arrebatamento. Procura olhar mais para a frente, além, no fundo dos olhos de Paola, ainda mais fundo, naqueles olhos que foram a sua salvação. Olhos de amor, de risadas, de paixão. Quando os mantinha fechados da primeira vez, quando os reabria depois de cada beijo. Aqueles olhos agora são tão diferentes. Apagados.

O que têm por detrás? O que escondem?

"O que você queria me dizer?"

"Pois é, estou explicando..."

Paola dá um longo suspiro, longo demais. Mauro, de repente, estica-se como um gato nervoso que sentiu a ameaça. Perigo. Paola percebe... Então esboça um pequeno sorriso. Talvez para tornar mais aceitável o que dirá. Como se não fosse finalmente uma coisa tão importante ou algo passageiro, resolvível.

"Talvez seja melhor que por algum tempo não nos vejamos."

Mauro leva a mão diante do rosto. Como um guarda-chuva.

"O que você quer dizer com isto?"

Paola se afasta, assustada. E Mauro percebe.

"O quê? Por que você está com medo? O quê? Está com medo de apanhar?"

E fala mais lentamente.

"Se está com medo de apanhar... então quer dizer que existe um motivo pelo qual isto pode acontecer..."

Paola abaixa o olhar. Não agüenta mais. Quantas vezes já imaginou e ensaiou dessa cena? Praticamente todas as tardes, há cerca de um mês. Desde aquele dia. Daquele teste. Desde que o conheceu. Ensaiou esta cena mais do que qualquer papel já estudado antes. Mas desta vez não está se saindo bem. Não chegou até o fim. Não como teria desejado. Como havia decidido. Paola desaba. Então tanto faz que Mauro saiba. E seja do jeito que tiver de ser.

"Não, nada. Mauro... é que eu conheci alguém... e...", ergue o rosto, olha para ele, tenta sorrir, "quer dizer, ainda não aconteceu nada, viu?"

Mauro não acredita, não consegue acreditar naquilo que ouve.

"Ainda? Como ainda não aconteceu nada?"

"Sim, eu juro, é verdade... Não fiz nada."

"Entendi, mas esse 'ainda' o que significa? Que deve acontecer? Que vai acontecer?"

Mauro muda a sua expressão. Os seus traços se tornam tensos. Torna-se quase de pedra.

"Entendi. É aquele diretor que lhe deu aquele bilhete daquela vez que eu também estava lá?"

Paola sorri.

"Que nada, aquele é gay."

Depois volta a ficar séria, silencia por um instante.

"Não, é o seu diretor de fotografia. Antônio."

Paola sorri, feliz, aberta, satisfeita com a sua sinceridade.

"Sim, claro... Antônio."

Como resposta, Mauro expressa um sorriso estranho. Depois ele parte com a mão aberta, grande, decidida, da direita para a esquerda. Pum. Uma bofetada em plena face. Que a faz vacilar. Desloca-a, sacode, atordoa, despenteia. Paola ressurge, aturdida, entre os seus cabelos. Tenta de algum jeito arrumá-los com ambas as mãos. Prende-os para reencontrar a luz. Para compreender. E eis que surgem, ali no meio, os seus olhos. Surpresos, estupefatos, assustados. E de repente protege-se com as duas mãos. Porque compreende que sobre ela está para desencadear-se... o furacão Mauro.

"Maldita seja, desgraçada, infame, bicho no cio. Então é por isso que ficou desligado o dia inteiro", e a golpeia.

E as suas mãos são como as pás enlouquecidas de um moinho de vento. Que descem e sobem e batem. E ciúmes e dor. Como um trator desgovernado, que avança sem direção em ziguezague. Mas que não colhe o trigo. Ceifa os cabelos loiros da pobre Paola. E mais socos, e

tapas e bofetões e mais e mais. E Paola escorrega ao chão, e Mauro toma impulso, e está para chutá-la na barriga, quando é contido. Desaparece de repente, contra um muro próximo.

"Quieto. Fique quieto, Mauro..."

Paola reabre os olhos já inchados. Recupera-se. Levanta-se lentamente, dolorida, chocada, aturdida pelos golpes.

"Mas eu vou matá-la, essa safada, me deixe!"

Mauro tenta se libertar, esperneia, salta para cima, atira-se para trás. Mas o pai o mantém firme. Prende-o como se fosse uma corrente. Mantém-no imóvel com seus braços fortes de operário de estaleiro, com a mesma facilidade com que o fazia quando era criança.

"Quieto. Fique quieto."

E Paola foge, aos tropeções, resvala, gesticula ainda um pouco e em seguida desaparece ao virar a esquina. A porta de um carro se fecha. Um carro dá a partida. E aquele Volvo escuro passa cantando os pneus diante deles. E leva Paola embora. Leva consigo uma história e a ilusão de que poderia durar para sempre. Pai e filho ficam assim, sozinhos, numa pequena pracinha abandonada de uma periferia qualquer. Renato, abrindo os braços, libera-o daquela morsa humana.

"Vamos, ande, Mauro, vamos subir que a comida já está pronta."

Tira as chaves do bolso e abre o portão. Em seguida, para um instante no portão. Vira-se para o filho.

"Então, vai subir? Sua mãe só está esperando a gente para pôr o macarrão na água."

Mauro olha para ele com lágrimas nos olhos. Dá a partida na moto, sobe rápido. E parte cantando os pneus, quase derrapando sobre os pedregulhos, com o pneu traseiro gasto demais para aquele tipo de estrada.

"Mas aonde vai, Mauro! Não vá se envolver em confusões! Ela não está nem aí para você!", o pai grita, tentando, do seu jeito, ser um bom pai.

Renato grita e corre atrás da moto, que se perde naquele último pôr do sol. Atrás de uma inútil perseguição da felicidade.

Existem instantes na vida para os quais ainda não se inventou uma trilha sonora. Por isso, enquanto dirige, Alessandro procura demoradamente entre os CDs que estão na disqueteira aquele que é o mais adequado. Escolhe um. Bigfish. Trilha sonora do filme. Edward Bloom e seu filho William. Porque, às vezes, aquilo que pode parecer estranho, impuro, é só uma beleza diferente, que não sabemos aceitar. Ao menos não por enquanto. Então o vê. Está descendo de seu Golf preto. Olha ao redor. Procura por ele. Marcaram o encontro no viale do Vignola. Lá onde se encontravam para cabular aulas, para trocar as lições antes de entrar, para abraçar-se contentes assim que saíram os resultados do exame de maturidade. Aprovados. Pareceu-me o único li: seguro que pudesse trazer um pouco de lembranças, um pouco de raízes... é bom pensar no passado quando o futuro nos assusta, pensar que tudo não possa ser varrido só por um simples e repentino temporal. Alessandro o observa enquanto anda. Enrico está com os ombros baixos e se aproxima do Mercedes.

"Olhe, está ventando esta tarde."

Enrico entra no carro e fecha a porta com uma batida forte. Em outra circunstância, talvez Alessandro, por causa da porta fechada com força, teria feito uma careta. Mas não esta tarde.

"Escute, então..."

"Não, Alex, antes que você diga alguma coisa, quero lhe agradecer. De verdade. Há coisas que não têm preço. Difíceis de pedir, que podem afastar as pessoas. Bem, esta poderia ter sido uma dessas coisas e, no entanto, você facilita as coisas. Tome..." e lhe entrega um envelope fechado. "Aqui está o dinheiro que me adiantou e uma pequena lembrança para você."

Alessandro olha para ele ligeiramente embaraçado. Abre o envelope. Juntamente com o cheque há dois ingressos.

"Diabos! São para o concerto de George Michael. São impossíveis de conseguir!"

"Pois é, tenho um colega. A esposa dele trabalha para o gerente do show. Não foi difícil. Pensei em você e na Niki. George Michael é alguém que pode agradar a ambos. Mas, de qualquer maneira, você pode ir com quem quiser, certo?!"

Alessandro olha um pouco para as duas entradas. Depois as recoloca no envelope. "Não precisava."

"Eu fiz com prazer." Em seguida, Enrico volta a ficar sério. "Então, conte tudo, como foi, o que eu preciso saber?"

"Eu preferi que ele não contasse."

Enrico, de repente, olha para ele como procurando desesperadamente os traços de alguma mentira. Em seguida relaxa. Não, Alessandro realmente não sabe. Ou então é um grande ator.

Alessandro se inclina para trás e pega uma pastinha. Aquela azul. "Aqui está tudo."

Enrico a pega e a toca, acariciando-a. Vê aquela pequena fita azul que mantém em sigilo

os seus segredos.

Enrico olha para Alessandro. "Posso?"

"É sua, você pagou."

Enrico está para desatar o nó da fita.

"Espere!"

"O que foi, Alex?"

"Tem certeza de que você não prefere abrir a sós? São coisas suas, de vocês. Sim, enfim... quem sabe você prefere que eu não esteja."

"Não sei o que vou encontrar. Logo, eu gostaria que você estivesse comigo."

"O.k., então, como quiser."

Alessandro observa. Enrico abre lentamente a pasta. Em seguida, como enlouquecido, ávido por notícias, por verdades, por mentiras finalmente reveladas, começa a folhear aqueles documentos, a examinar tudo. Percorre datas, encontros, dias, horários, lugares. E, por fim, as fotos. Abre o envelope. Aqui estão. Camilla. Camilla sozinha. Camilla com uma amiga. Camilla com ele. Ainda com uma amiga. Em seguida sozinha, sozinha, sozinha. Sozinha e com ele. Fim. Tudo até anteontem. Enrico dá um suspiro. Fecha a pasta. Aproxima-a do rosto. Aperta-a com força, quase respirando-a. Alessandro o observa.

"Ei... Enrico... lembra-se? Eu estou aqui também..."

Enrico volta a ficar normal. "Sim, sim, tudo o.k."

"Então como foi?"

"Bem, tudo bem. Em cada foto tem tanto do que me falta a cada dia e não tinha nada além daquilo que eu sou feliz por ter. Está limpa."

"Quando você fala desse jeito, parecemos aqueles personagens dos filmes policiais americanos... Está limpa... O que quer dizer? Não tem outro, então?"

"É honesta. É sincera. De homens só tem a mim. E depois todas as suas amigas e tudo o que faz durante o dia."

"Então você está satisfeito? Tranqüilo? Mas não se sente um pouco sujo... não está incomodado por ter mandado segui-la, por ter buscado essa confirmação? Quando se ama alguém não deveríamos simplesmente confiar cegamente? E, se alguém acaba traindo a nossa confiança, vir a sabê-lo de maneira natural?"

Enrico olha para ele sério.

"Você não tem esse problema. Talvez não esteja realmente apaixonado por Niki. Talvez não tenha estado apaixonado nem por Elena, se você encerra com tanta facilidade uma história como foi a de vocês. Você pretendia se casar, não?"

"Sim."

"E agora está com uma garotinha. E sobretudo não demonstra estar desesperado pela maneira como terminou com Elena. Assim, pronto, acabou, em frente."

"Você está enganado, Enrico, eu amo o amor. A beleza do amor. A liberdade do amor. Amo a idéia de que nada é devido, que o amor dos outros, o tempo deles, a atenção deles são presentes a serem merecidos e não exigidos. Mesmo quando somos um casal. Fica-se juntos por escolha e não por dever. Sim, eu gostaria de ter ficado com Elena para sempre. Mas ela se foi. Escolheu ir embora. E agora, por acaso, não poderia estar com outro? O que posso fazer a não ser continuar andando? Continuar a amá-la por aquilo que me deu e me fez experimentar e que não existe mais?"

"Eu acredito que se você tivesse esperado, em vez de começar logo com a Niki, talvez ela tivesse voltado."

"Enrico, já faz três meses. Não me procurou. Nenhuma vez. Em mais de três meses."

"Respeito a sua forma de pensar, Alex, e não tenho nada contra a Niki. Espero que você seja feliz com ela. Mas então não acuse a mim e aos meus medos. Eu amo Camilla. Mas também tenho necessidade de me sentir seguro."

Enrico desce do Mercedes.

"Tchau, Alex, e obrigado ainda por tudo, espero não ter mais necessidade de você para assuntos desse tipo..."

Alessandra sorri.

"Eu também! Ah, o detetive me pediu para lhe dizer uma coisa... Quando encontramos uma mulher que vale, não vale a pena perder tempo. Va pra casa, Enrico."

Enrico entra de novo no carro e o abraça. Em seguida sai sem dizer mais nada. Alcança rapidamente o seu Golf. Antes, porém, para junto ao latão de lixo próximo. Abre com o pé. Pega a pastinha, rasga-a em vários pedaços e os atira lá dentro. Depois sobe no carro. Olha para Alessandro mais uma vez e se afasta.

Alessandro ainda permanece um pouco ali, em silêncio. Liga novamente o player de CDs. Deixa-se embalar pelo *Sandra's theme,* de Danny Elfrnan, e recorda a cena final do filme, a saída de cena, o mergulho no rio. Alessandro abre a janela. Um vento suave já fala do verão, mas baixinho. E fecha os olhos. Deixa-se levar. Os japoneses. Elena. O trabalho. O amor. E depois o imprevisto. A garota dos jasmins. Niki. Aquela falta absoluta de rede de proteção. Aquele caminhar excitante sobre o fio, suspenso. O vermelho e o negro. Um mergulho onde a água é mais azul. Nada mais. Mas há realmente água ali embaixo?

Alessandro abre o porta-luvas. A segunda pasta, aquela vermelha, ainda está ali, fechada. Com a fita lateral bem apertada. Olha para ela por um instante. O que conterá? Nada? Tudo? Alessandro desce e se aproxima do latão de lixo. Brinca por um instante com a fita vermelha. Em seguida apoia a pastinha, pega no bolso um isqueiro e põe fogo nela. As folhas começam rapidamente a se torcer e a queimar.

Pequenas chamas crepitam, enquanto uma leve fumaça se ergue para o céu, lentamente, dançando ao vento, quase divertida, carregando embora todos os segredos. Saber ou não saber?

Esta é a questão. Alessandro, de repente, artesão da vida de outro. Pequeno Deus de quem sabe qual inútil ou grande verdade.

Eu deveria ou não ter-lhe dado essa segunda pastinha?

Mais fotos, mais segredos, quem sabe dores, talvez traições... Quem sabe. E enquanto isto tudo queima. E queima. E aquela chama zombeteira se agita ao vento, quase ri, divertida, silenciosa. De alguma forma ela está lendo. Ela sabe. E guarda consigo qualquer possível solução. Em seguida, mais nada. Cinzas. Se não o amor. E o amor pode realmente dar as respostas que servem.

Alessandro pega o celular. Aperta uma tecla. Percorre rapidamente a lista. Encontra-o. Liga.

"Onde você está? Ah, sim, eu sei onde é. Estou passando para pegar você."

Madi, uma jovem filipina, está limpando rapidamente alguns pequenos objetos sobre a mesa de centro diante do sofá. A porta se abre de repente. Alessandro entra beijando Niki. Ávido, de beijos, ávido. De raiva, de confusão, de desejo, de vontade, de fome, de...

"Madi?... O que você ainda está fazendo aqui?"

"Senhor, eu às sextas-feiras fico até as vinte horas, não lembrar? O senhor e a outra senhora disse para vir três vezes por semana. Segundas, quartas e sextas-feiras. Hoje é sexta-feira." Madi olha para o relógio. "Horas dezenove e trinta."

Alessandro põe a mão no bolso, encontra vinte euros e os dá para Madi.

"Hoje férias. Agora férias, pode ir... Passear com uma amiga, andar nos mercadinhos, qualquer coisa, mas fora", e a acompanha em direção da porta de serviço, na cozinha, aquela que dá para a escada de emergência. Ao passar, Madi pega a bolsa e o paletó no murinho da cozinha e em seguida é gentilmente empurrada para fora. Alessandro tranca a porta, em seguida vai para a sala e fecha também a porta principal.

"Ei, onde você está?"

No silêncio da casa, Alessandro procura divertido por Niki. Olha atrás do sofá, no dormitório, embaixo da mesa. Mas um grande armário levemente aberto a trai. Sorrindo, Alessandro põe um CD. Confessions on a dance floor.

Em seguida, em voz alta. "Onde está a garota dos jasmins? Onde estará escondida?", e lentamente se aproxima do armário. Despindo-se. Deixa cair ao chão primeiro a camisa, depois as calças.

"Onde está? Sinto o seu perfume, a sua respiração, o seu coração, sinto o seu desejo, o seu querer, o seu sorriso divertido..."

Agora Alessandro está nu. Apaga as últimas luzes e acende uma vela. Em seguida, entra no armário.

"Onde está a roupa mais bonita que eu posso vestir?"

E Niki ri, cobrindo a boca com ambas as mãos. Assustada, excitada, surpresa, incrédula de ter sido descoberta. E num instante se deixa beijar, despir, com fome, com raiva, com vontade, entre as roupas que despencam dos cabides, ternos leves em tons lisos que a acariciam como folhas que caem lentamente ao chão e se compõem num único, grande, manto matizado. Cinza, cinza-claro, cinza-escuro, azul-cobalto e também cor de cana-de-açúcar, naquele momento tão doce. E quase escorregam sobre aqueles ternos. E Niki atira para o chão outros. E camisas e malhas e calças, numa confusão excitante. Alessandro a aperta contra si, rola com ela, sente as suas pernas, toca-a, aperta-a e mergulha ali, em seu pescoço, e o beija e mais beijos e pequenas mordidas e pernas que não acabam nunca. E sabores e aromas e suspiros e humores e fugas e retornos... E um mar em tempestade.

"Não, não. Por favor, não..." E depois um sorriso. "E agora sim, sim. Por favor, por favor, sim..."

E a sua boca e os seus dedos e mais. E perder-se em cada canto seu, sem confins, sem pudor, olhando, espiando, resistindo... Entregando-se. Depois a ressaca. Esgotados, estendidos, chacoalhados, macios, amados, consumados sobre aqueles lençóis, um pouco mais além.

"Ei, mas o que lhe aconteceu?"

Alessandro emerge entre as pregas dos lençóis, entre as cores daquela primeira noite.

Sorri. "De quê? Onde?"

"Imagine, você ainda nem percebeu. Nem parecia você... você me amava de um jeito..."

"De um jeito?"

"Selvagem, faminto. Talvez até um pouco desesperado. Lindo, de qualquer maneira. Foi a reunião de hoje à tarde?"

"Mais ou menos!"

"Bem, então, por uma vez... vivam as reuniões! Eu quero lhe mostrar uma coisa."

"Depois de tudo o que vi?"

"Bobo!"

'Tem outras estrelas?"

Niki se levanta e liga o computador sobre a mesinha.

"Hoje, enquanto eu estudava com a Erica, estávamos procurando uma coisa na Internet e veja onde fomos parar..."

As suas costas nuas, por detrás, são belíssimas. Alessandro se aproxima. Docemente a acaricia. Desce, sem pressa, até os quadris macios. Para.

"Ei, assim não sei o que vou encontrar... estou clicando em tudo. Pronto, achei! www.ilfarodellisolablu.it. Veja que lugar lindo!"

Alessandro senta-se ao lado dela. Niki ri divertida, aponta feliz, viaja sonhando no interior daquelas páginas que por um instante não são mais virtuais.

"Olhe, aqui você pode vir a ser um *lighthouse keeper*, o guardião do farol! Imagine, quinhentos euros por uma semana e você pode ficar ali. Só você, controlando toda a ilha Blu."

E no monitor toda uma série de imagens. Uma pequena clareira verde mergulha no mar azul um pouco mais embaixo. Em seguida alguns rochedos. Mais acima, entre os rochedos, um grande farol branco. Algumas ondas se chocam contra os rochedos. Um cartaz. As indicações para um passeio. E uma vereda que leva para cima, na direção do farol, ladeada por plantas suculentas e árvores marinhas baixas, marcada por tantos passos que ao longo do tempo quiseram ir até lá em cima.

"Veja, de lá você controla os navios, as suas rotas pelas correntezas dependem de você. Você ilumina a viagem deles, você é o farol deles..."

Niki apoia-se nele. Completamente nua, quente, macia. Alessandro a respira inteira.

"Assim como você é um farol para mim."

Niki sorri. Então se vira e o beija, com aquela boca que tem sabor de amor, como uma menina pequena caprichosa que procura por um beijo e sabe que vai encontrá-lo. Alessandro pega o rosto dela entre as mãos e a olha nos olhos. E mil palavras se trocam naquele seu olhar. Silenciosas, alegres, românticas, apaixonadas. Palavras escondidas, palavras que correm umas atrás das outras, palavras que pressionam para sair como um rio subterrâneo, como o eco longínquo de um vale apenas descoberto, como aquele alpinista que, com esforço, acabou de alcançar o pico de uma montanha e dali, sozinho, grita ao vento, às nuvens que o rodeiam, toda a sua felicidade. Niki abaixa os olhos, depois volta a olhar para ele.

"No que você está pensando?"

Alessandro sorri para ela.

"Nada. Desculpe, mas estou em alto-mar. Você é o meu farol. Não se apague."

Depois de um chuveiro. Depois de um aperitivo de roupão. Depois de um passeio no terraço conversando futilidades. Depois de mais alguns beijos. Depois de alguma brincadeira. E um grito. E uma pequena fuga de brincadeira. Depois que o vizinho saiu mais uma vez ao terraço para vigiar. Depois que eles se esconderam. Depois de uma risada. Depois. Ora, depois de tudo isto, Niki ficou com fome.

Alessandro sorri.

"Eu também. Tenho uma idéia. Vamos..."

"Onde?"

"Não até o farol da ilha Blu, mas para um local bem agradável."

E rapidamente, sem se arrumar demais, entram no carro e chegam àquele local. Orient Express. San Lorenzo.

"Mas eu não conhecia!"

Niki olha ao redor.

"É uma locomotiva de verdade! E a gente come dentro dos vagões. Genial! Mas como é que você conhece, hein?"

Olha para ele com suspeita.

"Vai ver que você está saindo com outra menor de idade ou talvez uma um pouco mais velha que já fez o exame de maturidade e não tem nada para fazer?"

"Que nada. É Susanna, a esposa de Pietro, que se diverte em descobrir as novidades, os lugares, tudo o que acontece na cidade."

"Genial. Gostei dela. Também achei Pietro simpático, no outro dia, no almoço."

Alessandro estaciona e desce.

"Bem... Pietro você nunca conheceu."

"Mas como eu não conheci? O que é isso? Você está por fora? Mas se ele até ofereceu o almoço!"

Alessandro pega a mão dela e em seguida bate de leve na sua testa.

"Toe, toe, posso entrar? Tem alguém aí?"

Niki bufa.

"Sim, tem um monte de gente. Jantares e festas aos montes, alegrias e pensamentos divertidos. Quem você está procurando?"

Alessandro sorri.

"Estava procurando aquela que nunca dirá a Susanna, a esposa de Pietro, que já o havia conhecido..."

"Ah..." Niki sorri. "Agora entendi. Desculpe, essa daí tinha saído por um ins¬tante..."

"Bem, agora vamos entrar, portanto, fique ligada..."
"Mas por que, os seus amigos estão ali?"

"Sim, claro, senão por que eu ia contar tudo isto? Sorte sua, sempre em festa ali dentro, hein?!"

Alessandro aponta novamente para a testa de Niki.

"A não ser quando você nos obriga a trabalhar para os japoneses! O.k., vamos entrar!"

_____85_____

Roberto está na sala de estar. Do estéreo sai a música que ele escolheu. Serve vinho branco em duas taças. Frio, suave. Tem vontade de ficar um pouco só com a sua mulher, beijá-la, ser romântico e depois, por que não, perder-se entre os lençóis. Faz muito tempo que isso não acontece. Levar adiante uma história de amor custa também um pouco de esforço sentimental. Serve. Ajuda. Faz liga. Roberto entreabre os olhos. Decidir a frio alguma coisa nesse campo não lhe agrada. Se Simona ouvisse esse pensamento, seriam problemas. Para ela, o amor deve ser amor e só. Amor por acaso, amor natural, amor vontade de amar. Um pouco como naquele filme, *Um homem de família,* quando Nicholas Cage entra numa dimensão que realmente não tinha vivido, aquela que Deus um dia, abrindo uma exceção, decide deixá-lo entrever para mostrar como teriam sido as coisas se tivesse casado com aquela mulher, se tivesse tido filhos com ela, se houvesse cumprido uma promessa formulada anos antes, se...

Todos esses "se" que tão freqüentemente nos atormentam ao longo de toda a vida. Sem ter um bom Deus como diretor que, cedo ou tarde, nos dê uma resposta. Jack Campbell, riquíssimo financista, vive numa luxuosa cobertura, tem um monte de mulheres e dirige uma Ferrari. Mas, na manhã de Natal, desperta em New Jersey, junto de Kate, a sua noiva do tempo do colegial, naquela que poderia ter sido a sua vida. E aos poucos compreende que talvez não tivesse ficado tão rico como é agora, talvez, mas certamente teria sido mais feliz como nunca foi. Se não tivesse ido trabalhar em outra cidade com a promessa de voltar. Promessa não mantida. E então Deus, que às vezes faz isso, lhe dá a possibilidade de voltar atrás, ou melhor, de ter outra ocasião para não decepcionar Kate, a sua Kate do colegial. Roberto ajeita a almofada atrás das costas, enquanto pensa nas cenas daquele filme. Está satisfeito, tranqüilo, fecha os olhos e suspira.

Raro momento de felicidade. Mas compreende, claro. A felicidade não deve ser um ponto de chegada, mas um estilo de vida. Quem é que dizia isto? Um japonês. Às vezes esses japoneses nos ensinam. Pois é, eu acrescentaria também que a felicidade é a capacidade de saber que tudo aquilo que estamos vivendo, mesmo esse viver simplesmente, não nos é devido. Assim, podemos ser felizes, simplesmente, sem presunção. Fecha os olhos. Mas que pensamentos estou tendo? A vida é simples, mais simples: é uma bala, não excessivamente doce, que deveríamos deixar derreter na boca, sem pressa, sem mastigá-la, chupando-a. Como eu farei daqui a pouco com a minha mulher. Eu não sou o Jack. Eu mantive a minha promessa. E talvez consiga também ter um bom lucro. O que se pode ter além isso? Podemos também não nos satisfazer com isso... mas, mesmo sendo banal... quem se satisfaz, goza...

De repente, a música do estéreo emudece. Roberto abre os olhos subitamente. Simona está ali, ao lado do aparelho de som, seu dedo ainda está na tecla Power. Foi ela quem desligou. E agora, pior ainda, sorri. Mostra um daqueles sorrisos que é todo um programa. Roberto não tem dúvidas. Conhece aquele sorriso. Por detrás daquele ligeiro movimento dos lábios, por detrás daquele surgir dos seus pequenos dentes, esconde-se quase sempre uma grande história inimaginável... Drama, abandono, erro. Desculpe, mas conheci outro. Desculpe, mas vou embora. Sinto muito, mas eu fiz uma cagada. Desculpe, mas estou esperando um bebê... Desculpe, estou esperando um filho, mas não é seu. Desculpe, mas não sei bem como contar. Desculpe, mas... enfim, qualquer outro argumento possível, de qualquer tipo, com qualquer resultado, mas com uma única certeza... Aquilo que Simona irá lhe contar, vai começar com desculpe, mas...

E Roberto não agüenta mais ficar esperando. Levanta-se com os braços para trás e apoia-se bem no encosto do sofá.

"O que foi, Simona, por que desligou? Você quer me contar alguma coisa?"

"Perdoe-me..."

Perdoe-me. Diabos, pensa Roberto. Não é desculpe, mas... é perdoe-me! Cacete! Isso ele não havia considerado. Até ali não havia chegado ainda. Desculpe não é nada comparado com perdoe-me. Perdoe-me é tudo. Merda, merda, merda. O que você aprontou, meu amor? Tenho medo só de pensar. O.k., o.k., melhor ficar calmo.

Aberto. Confiante. Eu li o manual. Nada de braços cruzados. Abertura. Generosidade. Disposição para escutar. O que aconteceu, meu amor? Gentileza, gentileza, gentileza. Até falsidade, se necessário. Tudo para chegar à verdade.

"Conte tudo, amor, não tem problema, sério, é como se eu já a tivesse perdoado."

Roberto se obriga a um sorriso. Simona solta os cabelos e se encaminha devagar para a poltrona diante dele. Senta-se, mas o faz lentamente. Demais.

"Mas não, eu disse perdoe-me porque você estava relaxando com a música e desliguei o som assim, sem avisar."

"Imagine."

Roberto apoia as mãos junto aos joelhos.Novamente aquele sorriso... Abertura. Gentileza. Disponibilidade. Aceitação. Tranqüilidade. Como no manual.

"Diga, o que foi?"

"Mais nada."

Simona sorri e junta as mãos, coloca-as entre as pernas, cruzadas entre si. Parece quase uma pequena oração. Roberto olha para ela preocupado. Meu Deus. Mãos entre as pernas, cerradas, juntas. O que dizia o manual? Não lembro. Fecha os olhos tentando visualizar aquela página. Havia até uma fotografia de um par de mãos. Mas como eram? E tinha inclusive a foto de uma pessoa. Sim. Oh, Deus. Santa Maria Goretti. Mãos juntas. Sinal de pedido extremo. Pedido de alguma coisa que está acima de tudo. Não usual. Às vezes impossível de realizar, por isso mantêm-se as mãos em forma de oração, porque só um santo pode atender. Atenção, solicitação chegando. Roberto olha para ela e lhe dá um sorriso seráfico, procurando ser o mais santo possível, aquele que sem sombra de dúvida vai resolver a questão. Ou ao menos é isso que procura transmitir com aquele sorriso.

"Diga, querida, qual é o problema?"

"Mas não, olhe, não penso que seja um problema."

"Se você contar um pouquinho", gentileza, calma, abertura e serenidade, "mas só um pouquinho a mais, poderei entender e avaliar também", e coloca o livro na mesinha, assim como manda o manual, "mostrar-se desinteressado, ocupar-se de outras coisas durante a oração facilitará a confissão". Roberto, ao lembrar a palavra "confissão", tem um enfraquecimento. O livro escorrega de lado, quase cai, mas ele faz de conta que nada aconteceu. Simona o observa. Aperta um pouco os olhos e o estuda para compreender em qual fase se encontra. Está realmente tão relaxado e bem disposto como parece? Ou é só uma atitude?

"E então?" Roberto se volta e sorri novamente para ela.

Simona decide lançar a última cartada.

"Não, deixe pra lá, quem sabe falamos amanhã com calma." Calma. Mas eu estou

absolutamente calmo. "Agora é tarde demais, vamos."

Ele disse. E agora Simona sabe que existem só duas possibilidades. Se Roberto estava só fingindo estar relaxado, agora, de repente, vai começar a gritar como um condenado coisas do tipo "pois é, agora vai contar, entendeu, você me encheu com todas essas premissas", e até coisas piores, ou então está realmente tranqüilo e então vai dizer "como quiser", "como você preferir", ou, ainda melhor, "o que você decidir, pra mim está bem".

Roberto é surpreendente. Não, está relaxado. Mais do que isso. Gostaria de saber porque acredito que seja algo que diz respeito aos dois, em particular a você, porque estou sentindo você tensa... mas, se você prefere adiar para amanhã, está bem do mesmo jeito."

Sinto você tensa. Bem. Demonstrar que está preocupado com ela, qualquer que seja a solicitação, vem depois do amor e a importância que se dá à outra pessoa. Este capítulo não tinha no manual. Roberto agora já entendeu todas as regras. Aliás, Roberto agora é o próprio manual.

Simona sorri, mexe as pernas e depois as cruza novamente. Mas não como Sha-ron Stone, não. Como uma garotinha. E continua sorrindo. Mas agora está relaxada, pensa Roberto. Melhor. Bate um pouco as mãos uma contra a outra, brinca. Depois as coloca sobre o ventre, serena e feliz. Bem. Não tem problemas. Roberto agora está relaxado de verdade. Simona olha para ele e sorri. Posso contar.

"Hoje eu saí com Niki."

Roberto finge tranqüilidade para encorajá-la a continuar.

"Ah, que bom... por um instante eu pensei que..." mas percebe pelo olhar de sua esposa que está se aventurando na direção de alguma praia particular,"... eu pensei que Niki estivesse fora de Roma, estranho, porque..."

Simona volta a relaxar. Roberto tenta recuperar. Pega o livro, mas não o abre, por educação. E para dar atenção à outra pessoa e àquilo que ela quer dizer. Página 30 do manual. Quer dar a entender que, qualquer coisa que ela diga, em seguida ele lera o seu romance. Tranqüilamente. Nenhuma notícia poderá perturbá-lo o suficiente. Sorri para ela.

"Nos divertimos... e conversamos."

"Ah."

Roberto brinca com o livro, mas essa espera está acabando com ele. Gos-:aria de atirar o livro, ou melhor, pegar aquele manual que o obriga a essas fadigas psicológicas e fazê-lo em pedaços. Mas controla-se, obriga-se a resistir. Simona, vendo a sua tranqüilidade, concede-lhe mais alguma coisa.

"Falamos dela, de sua história de amor."

"Ah."

Até aqui nada mal, pensa Roberto. Mas então o que há? O que pode ter acontecido? Tem algo por baixo? Calma, calma. É necessário tato.

"Escute, Simona, foi você quem disse. Você sabe qual teria sido a minha forma de enfrentar toda a questão..."

"E você foi excelente."

"Mesmo se me parece absurdo que alguém tenha vindo à nossa casa, que você tenha falado com ele, que esse alguém não era o agente financeiro que estávamos esperando e especialmente parece-me absurdo que todos os três agora façamos de conta que nada aconteceu e não enfrentemos o assunto..."

"Amor, muitas vezes no ambiente familiar nos comportamos assim, deve ter acontecido até na sua família, quando você era pequeno, ou na minha... Aceitam-se coisas em silêncio, faz-se de conta que nada aconteceu só para viver tranqüilamente... Decidimos que não devíamos nos opor porque, senão, rebelde como ela é, teria sido ainda mais cabeça dura combatendo tudo e todos para ficar com aquele rapaz que :em vinte anos a mais do que ela."

“Você não imagina como eu me sinto só de escutar isto... Esta noite, acho que não vou conseguir dormir. Não me faça pensar nisto... Mas conte, o que aconteceu? Voltou com o outro? Com aquele de antes? Com o cantor fracassado?"

"Roberto! Não."

Ah, não é nem isto.

"Envolveu-se com outro, então?" Roberto olha para ela e abre os braços. "Ora, amor, é normal, são coisas que acontecem na idade dela, se separam, recomeçam. Você lembra como fazia antes de me conhecer...?"

"Sim, eu me divertia aos montes."

"Mentira. Você se aborrecia. Depois você me conheceu e encontrou o amor verdadeiro. Isto, veja, quem sabe a própria Niki uma hora vai conhecer o amor. Quem sabe vai ver que esse é o rapaz certo para ela. Lembre-se, amor, ela só tem dezessete anos."

"Ah, isto eu sei."

"Então não esqueça."

"Não, é que não consigo esquecer que o seu novo namorado tem quase trinta e sete anos."

"Bem, quando saímos, ela disse que está com um namorado um pouco mais velho do que ela, mas fingiu não saber que eu sabia, não teve a coragem de dizer que é vinte anos mais velho do que ela!"

"Mas isto é normal... Você é a mãe e já é muito que ela não negue diretamente tudo..."

"Ah, você a está defendendo... Então saiba que ela passou por cima da idade, mas contou que é o homem da vida dela, que tem intenções sérias..."

"Meu Deus... Está grávida."

"Não... Está simplesmente apaixonada..."

"Mas, quem sabe esses vinte anos de diferença irão pesar em um determinado momento, ele ou ela vão se dar conta... e isto vai passar..."

"Você é cínico... Mas acredito que a coisa seja mais séria do que o previsto..."

"Por quê?"

"Saímos para fazer compras, eu havia dito que poderia escolher qualquer coisa, completamente aberta para ajudá-la a falar..."

"E então?"

"Ela não quis comprar nada."

"Deus meu... Então estamos realmente enrascados."

_____86_____

Pietro e Susanna, Flavio e Cristina, Enrico e Camilla estão no último vagão do Orient Express. Camilla sorri vendo Alessandro ao longe.

"Olhe, Alex... está chegando."

"Onde?"

"Está lá no fundo..."

Susanna olha melhor. "Mas o quê? Voltou com a Elena?"

"Que nada", Camilla lhe dá uma cotovelada, "não é Elena aquela que está com ele..."

"E quem é?"

Cristina bebe um gole de vinho.

"Mas vocês estão cegas, não vêem que aquela tem vinte anos menos do que a Elena... e do que nós."

Enrico sorri e come um pedaço de pão. Pietro engole preocupado com o que pode acontecer. Alessandro e Niki se aproximam da mesa.

"Ah, aqui estão vocês, não os estávamos vendo. Ela é a Niki."

"Prazer!"

Niki dá a mão primeiro para Camilla e depois para Susanna e Cristina. Depois aos homens.

"Estes são Enrico, Flavio..." Pietro está cada vez mais preocupado. Tenta desviar o olhar dela.

"E eu sou Pietro, prazer." Niki finge. "Olá, prazer, Niki!"

Alessandro vê dois lugares livres. "Vamos sentar aqui?"

"Certo." Alessandro senta-se ao lado de Pietro e deixa o lugar na cabeceira da mesa para Niki.

"Vou um instante à toalete lavar as mãos. Me dão licença?" Alessandro, que já estava sentado, levanta-se e em seguida sorri para Niki que se afasta. Cristina olha para ela por um instante.

"Legal, essa garota. Muito legal", e olha para Alessandro.

"Obrigado."

"Mas como você a conheceu?"

"Um acidente de carro."

"Sério?" Camilla sorri. "Bem, que estranho acaso. Eu e Enrico nos conhecemos porque fiquei sem gasolina em minha motoneta e ele gentilmente me ajudou."

"Sim, mas então os dois ainda estavam na escola", Cristina sorri, "digamos que naquela época Niki poderia tê-lo conhecido do seu carrinho de bebê..."

Alessandro abre o guardanapo e sorri. "Não, creio mesmo que ainda estivesse nos sonhos dos seus pais."

"O quê?" Camilla abre a boca. "Mas eu e Enrico nos conhecemos há vinte anos..."

"Justamente, ela chegou três anos mais tarde."

Susanna faz uma conta rápida com os dedos. "Ela tem dezessete anos?"

Pietro intervém. "Vêem? A minha mulher sabe fazer as contas, mas não as de casa."

Cristina olha para Alessandro, levemente tensa. "E isto o que quer dizer? Que de vez em quando você vai sair com ela e as suas amigas e que talvez leve junto também os seus amigos, para não dizer os nossos maridos?"

Alessandro procura não olhar Enrico e Pietro.

"Não, o que tem a ver? Só estamos saindo. Não sei como vai acabar. Acho que não devem se preocupar..."

Camilla olha para ele chateada. "Quer dizer que você sabe que não vai durar? Então você é um babaca. Ela parece um tipo solar, aberto, quem sabe acredita em você. Vai ficar mal."

"Não, eu quis dizer que não devem se preocupar pelos meus amigos, inclusive os seus maridos."

Alessandro percebe o celular vibrando no bolso da calça. Olha. É um torpedo. ÉNiki.

"Então, como vai a rajada de perguntas? Você sobreviveu? Eu devo voltar, ou espero você no banheiro e fugimos?"

Alessandro sorri e responde o mais rápido que consegue.

"O seu farol cegou a todos. Pode voltar, está tudo o.k." Em seguida guarda o celular no bolso.

"Bem, me deixem dizer uma coisa. Eu não sei como eram as relações de vocês com Elena. Agora tem a Niki. Eu só gostaria que vocês a conhecessem. Depois, como somos amigos, quem sabe falaremos dela. Sempre nos dissemos tudo, não é?"

Bem naquele instante, no fundo do corredor, surge Niki. Cristina abaixa a cabeça para não ser vista. "Olhe, ela está voltando."

Susanna sorri. "Fico contente em conhecê-la. Mas sabe o que eu estava pen¬sando? Que a minha filha tem treze anos. Daqui a quatro anos ela poderia trazer para a minha casa alguém como você..."

"E então?"

"Nada, penso que esta é uma cena ideal, ao menos estou me preparando psicologicamente para quando eu tiver que fazer a mesma cena com minha filha e alguém como você!"

Todos riem justo quando Niki chega à mesa.

"Ei, o que está acontecendo? Do que falavam?"

"De você", diz Alessandro. "Estávamos lhe dando os parabéns. Decidiram que, se esses são os resultados, todos voltam para a escola!"

Niki senta-se. "Sim, os resultados podem ser bons, mas não sabem como é chato o professor de educação física!"

E todos continuam a rir. Alessandro põe a mão embaixo da toalha e aperta a perna dela, dando-lhe segurança. Niki olha para ele e sorri.

"Senhores, desculpem, estão prontos, podemos fazer o pedido?" Um garçom. vestido como um fiscal de trem, surgiu de repente.

"Sim, claro... o que são talharins ciuffciuffi"

"Bem, já vou dizer...", e o garçom explica vários pratos. Depois alguém pede água mineral. "Olhe, traga natural e com gás."

"Pode também trazer alguns pães da Romanha quentes para acompanhar entradas."

"E um bom vinho syrah para acompanhar tudo."

"Para mim, só uma salada verde."
Porque não tem nada a fazer, sempre há alguém de regime. Ou pelo menos que finge na frente dos outros. E depois ainda tem aquele que quer experimentar coisas exóticas.

"O que são os queijos fantasia?"

"Queijos caseiros acompanhados com diferentes tipos de mel conforme os sabores."

"Perfeito, pode trazer."

A noitada transcorre assim, lenta, doce e amarga, saborosa. Os primeiros pratos que se seguem com estranhas misturas de peixes e verduras.

"Esse brócoli com camarões é excelente. Querem experimentar?"

E, ao final, aquela diferença de idade não pesa demasiado diante de um bom prato.

"Enquanto aguardamos o segundo prato, vamos fumar um cigarro, o que acham?"

"O.k., então antes vamos sair nós, os homens."

"Sem-vergonhas!"

"Mas só duas de vocês fumam!"

"Sem-vergonhas do mesmo jeito!"

Pietro, Enrico, Alessandro e Flavio se encontram do lado de fora do restaurante. Alguns sentam-se num banco, outros apoiam-se na muretinha ao lado.

"Você tem um cigarro?", pergunta Pietro para Flavio, que logo lhe oferece um. Pietro acende, dá uma tragada, depois começa a falar.

"Que aperto quando vi vocês entrarem. Eu pensei, se agora ela me cumprimenta, estou perdido. E quem é que ia explicar para a Susanna que a conheci por acaso...?"

Enrico atira um pouco de cinzas ao chão. "De fato não foi assim."

"Entendi, mas eu deveria fazer que ela acreditasse."

Flavio fica curioso. "Mas por que, como foi?"

"Nada", intervém Alessandro, "fomos almoçar um dia com Niki e as suas amigas."

Pietro dá uma cotovelada em Flavio. "Sabe, aquele dia que o convidamos e, como de costume, você não veio!"

"Ei, menos mal! Vocês são loucos. Alex, estou admirado com você. Mas imagine se por acaso as nossas mulheres ficam sabendo, o que iriam pensar de nós? Compreende que não haveria mais confiança... Não nos deixariam mais sair com você. Isto é, mesmo que não houvesse acontecido nada..."

"Pois é" Alessandro concorda com a cabeça, "imagine que Pietro estava para dar uma volta de moto com Olly, uma amiga de Niki, e encontrou a Susanna!"

"Não!"

"Sim!"

"E o que disse para ela?"

"Bem, não sei, que era alguém que havia pedido uma informação sobre como chegar a algum lugar..."

Flavio olha para todos eles. "Escutem, eu não quero entrar nos seus rolos." Atira o cigarro e entra. Pietro grita atrás dele. "Mas que rolos! Esta é a vida, Flavio, a vida!"

Mas agora ele já entrou e não escuta. "Quer dizer, mas vocês se dão conta? Agora o Flavío está acabado, lobotomizado. De vez em quando a gente pode respirar um pouco, mesmo sem a esposa, que diabos! Está bem, eu talvez algumas vezes exagero. Mas ele exagera ao contrário!"

Depois Píetro olha para Enrico.

"Vejam, seria necessário um equilíbrio como o de vocês, cacete! Como você e Camilla! Vocês estão felizes com a própria liberdade, sem opressões, fobias ou controles contínuos, não é?"

Enrico sorri. Alessandro ergue a sobrancelha e olha para ele.

"Pois é... vamos entrar. Eu não gostaria que Flavio, sentindo-se livre ao menos de nossa presença, dissesse alguma coisa de mais."

Alessandro, Pietro e Enrico entram bem no instante em que estão saindo Camilla, Cristina, Susanna e Niki.

"Troca..." Todos sorriem passando um ao lado do outro. Os únicos que trocam um beijo rápido são Alessandro e Niki. Assim que estão fora do restaurante, Susanna acende um cigarro. "Diabos, eu gostaria de ser um mosquitinho para ter ficado aqui fora e ouvir o que diziam."

Cristina também acende o dela. "Que nada! Devem ter falado das coisas de sempre. Quem sabe Flavio fez algum comentário sobre aquela loira da última mesa... que, aliás, está completamente recauchutada!"

"Mas quem?" pergunta Niki.

"A que estava atrás de você, talvez não tenha notado. Pietro também de vez em quando lhe lançava um olhar."

Susanna bufa, deixando sair um pouco de fumaça. "Imagine... Lorenzo, meu filho, quando vê a publicidade da Vodafone, fica radiante. E eu lhe disse: 'Mas por que você gosta tanto?'. 'Porque tem aquela com duas tetas assim!'", e Susanna imita o gesto de uns seios generosos. "Entenderam, é igualzinho ao pai, doente desde pequeno!"

Riem e brincam e falam mais. Niki escuta divertida, sorri, concorda, tenta de alguma forma participar. Mas falam sobre problemas das crianças, de empregadas, de compras, de cabeleireiro, de alguém que se separou, de mais alguém que está esperando o terceiro filho. E depois a estranha história da amiga do coração desta última que, ao saber, também quer mais um. Teve uma criança a primeira? Um mês depois estava grávida a outra também. Duas crianças a primeira? Dois meses depois esperava uma criança a segunda também. E agora... Seguramente deve ter obrigado o marido a trabalhar para um terceiro filho. E assim por diante. E riem. E Niki? Niki se pergunta se a sua vida também será assim. Será esse o caminho iluminado pelo meu farol? Por enquanto só tenho vontade de dizer uma coisa. Uma coisa genial. Eu gostaria de gritar a todas elas. Ei, pessoal, esposas dos amigos de Alex, vocês souberam? Voltou à moda o longboard, a prancha longa de surfe e a sua dança temerária no mar! Mas imagine os seus rostos diante desta surpreendente novidade.

"Você o que acha, Niki?"

"Uhm?"

"Do fato de ter quatro filhos."

"Bem, desde que você os crie seriamente e não contrate uma daquelas filipinas, então estou de acordo."

"Quer dizer que Alessandro tem um futuro cheio de pequerruchos?"

"Bem, inicialmente é o caso de se perguntar se ele quer um futuro comigo..."

Camilla sorri para ela. "Correto, melhor não correr..." Cristina se intromete, curiosa.

"E os seus, o que dizem de você estar com alguém... sim, quer dizer, alguém mais velho?"

Niki olha para ela. "Ora dizem e ora não dizem. Suspeitam, na verdade."

Cristina insiste. "Sim, mas o conheceram?"

Niki pensa um instante. Talvez não seja o caso de contar o equívoco do agente financeiro. "Oh, bem, minha mãe falou com ele e me parece que gostou. Digamos que Alex deixou uma boa impressão."

Camilla sorri. "Pois é, Alessandro é um ótimo rapaz. Para uma mãe, alguém assim inspira segurança."

Niki lembra do equívoco. "Sim, é verdade. Penso realmente que a minha mãe investiria em alguém como ele."

Cristina e Susanna se olham curiosas, não compreendendo muito bem aquela expressão. Niki percebe.

"No sentido de que arriscaria na diferença de idade para investir na felicidade da sua filha..."

"Ah, é isto."

Então decidem entrar. E o jantar continua tranqüilo e sereno, feito de degustações dos segundos pratos e de acompanhamentos para todos e um pouco de fruta para alguns.

"Tem abacaxi? Então eu quero, assim queimo um pouco as gorduras."

E doces e sobremesas, um desvio à regra. E depois novamente o de sempre. 'Para mim um café."

"Quantos cafés?"

"Tem café de cevada numa xícara grande?”

"Para mim com creme frio."

"Eu quero um descafeinado, porque senão não durmo."

Em seguida a habitual gentileza dos restaurantes. A conta, juntamente com a pergunta tradicional. "Aceitam um Limoncello, uma grapa, ou um digestivo?"

Um pouco depois. Fora. As últimas conversas, apertos de mãos, beijos nas faces. Todos sobem nos seus carros com a promessa de se rever logo. E com uma nova curiosidade.

87

Quarto índigo. Ela.

É tarde. Depois de amanhã será o grande dia. Que medo. Talvez fosse melhor ir para a cama. Mas, como sempre, o computador fechado sobre a escrivaninha é como se a chamasse. Ainda não abriu aquela pasta. Mas o nome a deixa curiosa demais.

"O último pôr do sol." O que será? A jovem clica na pasta e a abre. Mais arquivos do Word. Mais palavras.

"Aquele suspenso de resplendor entre as venezianas e o mar. Mar e terra. Terra de inverno recoberta de amarelo. Mar, aquele amarelo caído de folhas que copiam o sol. Mar e terra, dois incertos e longínquos que experimentam se comunicar, mas não sabem falar."

... Mas não sabem falar. Diabos. É lindo. É uma espécie de poesia? Um pouco diferente das outras peças que leu até agora naquele computador que parece o escrínio do tesouro de uma fábula de piratas. Ou a lâmpada de algum Aladim que se diverte a surpreendê-la todas as noites, antes de ir dormir. Continua lendo.

"Se você está e escolhe ficar, então lembre as coisas que não conhece, mantenha-as presas, não deixe que escapem, que chegará o dia em que você poderá conhecê-las.
Se você está aí e sabe como amar, então lembre as coisas que dá, mantenha-as em outro lugar, não deixe que voltem, que chegará o dia em que poderá reavê-las.
Se você está aí e pensa partir, então lembre as coisas que quer, mantenha-as quentes, não deixe que se calem, que chegará o dia em que poderá merecê-las."

Para. Um véu leve e úmido de repente recobre os seus olhos. O que acontece? Por que essas palavras penetram e doem tanto? Eu realmente não sei?, pensa olhando fixamente para a tela do computador, como se fosse um oráculo antigo que acabou de lhe dar a resposta que aguardava há tempos. O amor está naquelas breves linhas, o amor como ela gostaria de tê-lo e como não mais o tem. Ou como, talvez, nunca teve. Porque o amor não é e não pode ser simples afeto. Não é hábito ou gentileza. O amor é loucura, é o coração que bate a duas mil, a luz que desce à noite em pleno pôr do sol, avontade de se levantar de manhã, só para se olhar nos olhos. O amor é aquele grito que agora a chama e a faz compreender que é preciso mudar. Ele relembra momentos vividos juntos, as coisas que sempre disse para ela, o seu rosto. Mas não sabemos falar. Não somos um o bem do outro. Uma lágrima desce cálida sobre a face e cai sobre as suas pernas livres e nuas. Talvez essa garota sentada na escrivaninha, numa noite de fim de primavera, parada diante de um notebook encontrado por acaso, apenas iluminada por uma lâmpada Ikea, ainda não saiba o que é o amor. Mas certamente agora sabe o que não é.
"E as folhas caem e parecem sóis e cai a neve da espuma do mar. E as duas estão tão juntas que parece um final."

Aquele final que falta a ela e sempre faltou. Aquele final que procurou como uma resposta que não tinha coragem de contar nem para si mesma. Aquele final que talvez tenha chegado. E passa diante de seus olhos como os créditos no fim do filme de um amor concluído. Sim, é o momento para dizer a ele. É o momento de ir e dizer que foi bonito, que, mesmo se os atores saem de cena, o palco da vida permanece aberto e pronto para novos espetáculos, que lhe desejo tudo de bom e que sinto muito. Mas o final chegou. Desliga o computador. Pega a bolsa e sai correndo. Quando o coração decidiu, tomou coragem de mudar de rumo, não há mais o que esperar.

_____88_____

A porta do carro se abre de repente. Ela se deixa cair dentro. Ele a observa.

"Não imaginei que você viesse."

"Eu sou curiosa, todo mundo sabe."

"Sim, mas hoje de manhã na escola você não disse que sim."

"O que tem a ver, as outras estavam logo atrás da esquina, não queria que ouvissem."

"Está bem. Vamos então."

Partem e logo estão no trânsito noturno. Pelo leitor chega uma seqüência de MP3.

"Os melhores do momento, garota. Bow Wow + Chris Brown, Jim Jones, Fat Joe..."

"Só *hip-hop.”*

"Claro. E isso porque eu não o fiz escutar os históricos, Sangue Misto, Otierre e Colle der Fomento."

Ela ouve e fala. Mas fala demais, como quando está pouco à vontade. E pensa que talvez esteja errada. Mas está curiosa, curiosa demais. Já faz meses. Ele é forte, bonito. E agora está livre. Merda, não estou fazendo nada de mal. Está livre. E além áo mais estou só indo dar uma volta. Uma volta, nada demais. O carro anda ve-.ozmente à direita e à esquerda, desviando das filas como pode. Sinais, desvios, paradas.

"Chegamos."

"Vamos agora?"

"Claro. O que viemos fazer aqui? Assim eu vou fazê-la ouvir..."

Descem do carro e entram num portão. O elevador desce para -1. Percorrem um longo corredor escuro para o qual convergem portas de chapa de muitas garagens enfileiradas. Ele para diante da penúltima.

"É aqui." Enfia a chave na fechadura e puxa a maçaneta. A porta se levanta. Uma luz se acende automaticamente. A garagem é muito grande, teria lugar para dois carros, mas ali não há nenhum. Foi completamente adaptada para estúdio. Tem tudo. Instrumentos, mixer, amplificadores, três microfones.

"É tudo tratado acusticamente. De fora e de cima não se escuta nada. Nem as vibrações. Em vez de colocar painéis de borracha isolados com chumbo, que melhora em poucos decibéis, eu mandei construir paredes isolantes acústicas e insonorizantes para um campo sonoro mais difuso, depois recobri só cinqüenta por cento com acabamento rústico e coloquei tapetes no chão. Tem até *bass trap*. Aqui comecei, iqui experimento, crio, me divirto. E ninguém enche o saco."

"Como você é entendido. Legal, genial! Posso experimentar o microfone?"

"Não, primeiro você deve experimentar a mim...", e a agarra por trás, fazendo-a voltar-se. Em seguida lhe dá um longo beijo nos lábios.

E ela pensa que talvez não seja justo, que não deveria estar ali, que fez mal em subir naquele carro, que poderia ter resistido a essa tentação sem dar atenção por uma vez a Oscar Wilde. Mas em seguida as mãos dele a confundem, a fazem sentir calafrios, a buscam e a encontram. E as bocas se perseguem sempre mais, a respiração se torna ansiosa e o ritmo cresce, como uma canção recém-composta que estava na sua cabeça havia algum tempo, mas você não tinha a coragem de tocar.

"Você é incrível..."

"Shhh. Não fale."

E continuam ainda, concedem-se um bis como artistas no palco que não se fazem de difíceis, que não se fazem pedir. Mas uma nota ressoa desafinada dentro dela, uma sensação de culpa que nenhuma parede poderá absorver, nenhum auricu-lar poderá isolar. Mas Olly pensa um instante nisso. É só um instante. Em seguida se deixa andar assim, como uma onda rebelde que se permite levar por aquela correnteza. E fecha os olhos. E prefere não pensar nisso. Porque, às vezes, a curiosidade não mata o gato, mas só a consciência.

"... E eu gostaria de uma mágica que se acendesse de manhã e não se apagasse de noite. Alguém para olhar e a quem dizer as coisas que escrevo aqui." Stop.

Diletta relê o novo texto para o seu blog. Ela o atualiza todas as noites. Um pensamento. Uma foto das Ondas juntas. O texto de alguma canção. A citação de um filme. Um trecho de um livro para ser lembrado sempre. E especialmente palavras a serem doadas. Pronto. Atualizado. Palavras enjauladas na rede, prontas para serem lidas, talvez capturadas pelos olhos justos, aqueles que Diletta sempre espera. Quem sabe. Diletta desliga o computador e atira-se sobre a cama. Até que aquele Filippo é bem engraçado. Sempre naquele bendito distribuidor de lanches. Mas, apesar de tudo, não é nada mais. Tem um físico bom. Acho que faz esporte. De repente o aviso de uma mensagem chegando. Diletta se vira e pega o celular no criado-mudo.

"Nos vemos à meia-noite no Alaska? Reunião das Ondas! Mexa-se! E levante dessa cama, ao menos enquanto você não a utilizar como deveria! Olly."

A mesma de sempre. Diletta se levanta. E decide dar uma volta. Procura no quarto o seu tênis. Calça o tênis e sai assim come está, sem nenhuma maquiagem, como sempre, e os longos cabelos soltos que dentre em pouco vão esvoaçar rebeldes pelo trânsito de Roma. E para ela será uma noite de longas surpresas.

Pouco depois, Diletta passa pela piazza dei Popolo, dirige-se para a Porta e chega em pazzale Flaminio. Em seguida, diante da entrada do parque de Villa Borghese. Iluminado também à noite. Que estranho. E, como se fosse dia, o habitual fervilhar de pessoas que entram e saem depois do *jogging,* talvez à espera de uma pizza que vai fazer malograr os esforços recém-feitos. Duas garotas riem, correndo a toda velocidade com os seus patins *rollerblade*, enquanto um garoto faz piruetas com o seu na calçada. Diletta está para ir embora quando o vê. Não o reconhece de imediata. Mas em seguida, ao se aproximar, distingue melhor os seus traços. Sente-se de repente feliz, sem uma razão aparente.

"Olá, cara de cereal!" Grita de dentro do carro.

Filippo se volta e para, apoiaando as mãos sobre os joelhos levemente dobrados. Respira profundamente, mas não parece ofegante. Diletta encosta.

"Mas quem é você?"

"Como quem sou eu?", e Diletta abaixa o vidro.

Filippo enrubesce levemente, aquele rubor com que a corrida ainda não tinha conseguido colorir as suas faces.

"Diletta!"

"A própria e sem cereais. O que você está fazendo? Pergunta boba. Você corre "

"Bem, sim. Venho aqui agora que abriram de noite. Eu gosto. Sabe, eu jogo basquete e também treino dessa forma."

"Não diga! Eu jogo vôlei! Enfim, ambos temos a ver com a bola!" e ri divertida, tentando arrumar um pouco os cabelos com as mãos.

"Sim, o importante é não virarmos umas bolas!" E riem juntos. E vão além. Mesmo sem perceber.

"Escute, mas então, se você também faz esporte, não gostaria de ir correr comigo neste domingo? Assim, quem sabe a gente vem de manhã que é mais fresco..." diz ele, tentando manter um ar bem neutro, sem saber se conseguiu ou não.

Diletta olha para ele e faz uma pequena careta. "Bem, não sei, de qualquer maneira não creio."

Filippo perde o seu autocontrole e a voz trai a sua desilusão."... Você prefere de tarde? Para mim dá na mesma, eu falei assim, por falar..."

"Não, eu dizia, não penso que será tão fresquinho. Você não vê o calor que está fazendo esses dias? Deveríamos vir como você faz, ou talvez mais tarde... às cinco da manhã. Mas os meus não acreditariam..."

O rubor surge novamente traidor nas faces e agora também as orelhas enrubescem.

Pois é, seria difícil eles acreditarem. Melhor às sete da noite."

Diletta dá partida no seu carro.

"Então... até domingo? Nos encontramos aqui?"

Diletta acelera e dá um pequeno salto para a frente. Em seguida se vira e olha para ele.

"O.k.! E traga uma barra de cereais para depois!", e parte rapidamente.

Filippo a observa enquanto ela se afasta. Como na escola. E aquele rubor o abandona aos poucos. Domingo. Eu e ela. Aqui no parque. E ainda não sabe que diante daquele portão não encontrará ninguém esperando por ele.

Noite. Trânsito leve, trânsito lento, trânsito que leva sabe lá aonde. Em direção de novas histórias, para uma solidão escondida num grupo, para um desejo frenético e louco de rever alguém, que talvez ainda sinta um pouco de desejo por você. Noite. Noite num habitáculo. Flavio guia tranqüilo. Cristina olha para ele.

"Você já conhecia a nova namorada do Alex?"

"Não. Eu sabia que estava saindo com alguém."

"E você sabia que ela era tão... menina?"

"Não, não sabia."

Silêncio.

"Claro que não consigo entender o que possa alguém como ele encontrar numa jovem assim. A não ser os vinte anos de diferença..."

Flavio continua guiando tranqüilo. Em seguida resolve falar.

"Não a conheço e não posso julgar. Mas... parece simpática."

"Você também o era vinte anos atrás. Você era alegre, despreocupado, divertido."

Flavio olha para ela por um instante, em seguida volta a olhar para a rua.

"Aos vinte anos é mais fácil encontrar motivos para estar alegres. Você pensa ter ainda tanto tempo à sua disposição que vai poder mudar a sua vida mil vezes. Depois você cresce e compreende que esta é a sua vida..."

Cristina se vira para ele. Observa-o.

"E o que quer dizer, que não está contente com o que é ou com o modo como vive?"

"Eu sim. Mas, quando você não está feliz, então eu também não estou. Eu pensei que a nossa vida dependeria da felicidade de ambos."

Cristina permanece em silêncio.

"Bem, de qualquer maneira, você já sabia como eu era, portanto não entendo o que esperava de mim. Pensou que eu fosse mudar?"

"Não."

"E então?"

"Pensei que você seria feliz. Você queria casar, depois um filho... teve tudo. O que mais lhe falta?"

Cristina fica um pouco em silêncio. Depois recomeça. "Sabe o que realmente me

incomoda?"

"Entre várias coisas?"

Cristina olha para ele e endurece. Flavio percebe e tenta suavizar.

"Ora, estou brincando."

"Que Alex tinha de vir jantar com uma garotinha para que percebêssemos onde nós fomos parar."

Noite. Noite que avança. Noite que corre. Noite de estrelas escondidas lá no alto.

Enrico guia calmamente. Camílla olha para ele e sorri. "Escute, eu gostei mais da Niki do que da Elena. Além de tudo é mais madura, tranqüila, serena, agradável. Claro vezes, quando fala, é um pouco infantil, mas isso é até normal. Na minha opinião será uma mulher maravilhosa. Você gostou?"

Enrico sorri e coloca uma mão sobre a perna dela. "Não como você quando tinha dezessete anos. E não como você agora..."

"Vamos, diga a verdade. Você tem três anos a mais do que Alex. Gostaria de uma garota tão jovem ao seu lado?"

"É uma bela garota e me diverte. Talvez, porém, possam vir a descobrir que têm objetivos diferentes. Só espero que ela não se canse de Alex."

"Ou Alex dela..."

"Ele me parece tão tranqüilo..."

"Sim, ele está bem, porém não parece excessivamente envolvido... Talvez ainda esteja pensando em Elena..."

"Não, eu não creio. É que, num caso desses, ele também entra com cautela. Já imaginou? Deve ter medo de confusões. Que ela se impaciente. Quer dizer, ela vai para a escola e em seguida tem as tardes e as noites livres... enquanto ele tem todos os seus horários, o seu trabalho, as reuniões e os seus compromissos."

"E são assim mais importantes do que o amor?" Camilla olha para ele. Ele sorri para ela. Depois pega a sua mão, a leva aos lábios e a beija. "Não, de fato não tem nada mais importante do que o amor."

Noite de nuvens. Noite de vento. Noite leve. Noite quente. Noite de folhas que dançam alegres. Noite diferente. Noite de lua.

Susanna continua a observá-lo.

"Então você não me respondeu."

"Eu já disse, eu nunca a vi e de qualquer maneira não me agrada."

"Sim, entendi, mas o outro dia, quando o encontrei fora do restaurante, você disse que

precisava ficar perto do Alex porque estava deprimido."

"E é verdade!"

"Mas se agora é mais de um mês que saem juntos."

"E como vou saber, parece que você sabe mais do que eu. Ora, naquele dia ele estava *down*. Pergunte para ele."

"Perguntei para ela. E ela diz que estão ótimos, apaixonados e de acordo."

"Mas é claro, o que você queria que ela dissesse, hein?"

"Sim, mas por acaso no outro dia vocês foram almoçar no Panda."

"Sim. Fomos eu, Enrico e Alex."

"Só os três?"

"Sim."

"E gastou todo aquele dinheiro? Eu vi o recibo..."

"Tomamos duas garrafas de champanhe, festejamos com Alex... Querida, eu trabalho como advogado para o escritório dele e nem lhe havia dado um presente..."

Pietro tenta abraçá-la, mas Susanna se afasta.

"Para mim, vocês estavam com Niki e suas amigas, que imagino sejam da mesma idade dela... E obrigaram o Alex. Não só isso, mas ele não havia avisado a Niki porque, senão, ela não teria levado as amigas, ao menos por solidariedade... Ela não é certamente alguém que quer destruir as famílias."

"Sim, claro, chegou a psicóloga. Por que você não entra na Digos?[25] Você vê planos geniais e obscuros até por trás de um simples almoço."

"De qualquer forma, cedo ou tarde eu vou descobrir alguma coisa, tenho certeza."

Pietro tenta abraçá-la de novo.

"Sim, mas enquanto procura descobrir não sei o quê... você não poderia ser mais agradável?"

E Pietro tenta beijá-la. E ela finge estar emburrada, mas no fim se deixa beijar.

Noite. Noite de toques, de telefonemas, de ciúmes. Noite de lutas, de corações, de fantasias. Noite de encontros clandestinos.

"Então, você está pronto? Eu já vou lhe contar como foi na minha opinião."

Alessandro olha para Niki, divertido. "Sim, diga, vamos, estou curioso."

[25] Refere-se a um departamento antiterrorista de investigações especiais da polícia italiana. (N. T.)

"A mulher de Enrico, Camilla, gostou de mim. Ela é uma mulher serena, eu vi que ria das coisas que eu contava. Trata-me um pouco como uma amiga. Gostei dela, Susanna, por outro lado... chama-se Susanna a mulher de Pietro?"

"Sim."

"Bem, Susanna a meu ver poderia até gostar de mim, mas ela não tem confiança. Isto é, não é que não confie em mim, tem medo porque sabe que Pietro é um sujeito esperto, demais... e eu sou uma outra possibilidade de risco. Cristina, por outro lado, é completamente contrária. Completamente *out*. Eu percebi de imediato... Eu via claramente... até quando saímos para fumar. Ela me olhava de cima para baixo. Como eu estava vestida, o que eu dizia, se eu estava de acordo ou não, me estudava em tudo. Quer dizer, eu não lhe agrado."

"E por que, na sua opinião?"

"Sei lá. Mas penso que, a medida do que conseguimos aceitar dos outras depende da própria felicidade... pense nisto, quando somos felizes os outros nos agradam mais e estamos dispostos a não considerar as diferenças como defeitos."

Alessandro olha para ela. Ergue a sobrancelha. "Você começa a me preocupa: Mas quem é você realmente?"

"Que nada! Alguém que está no exame de maturidade... esta é de Newton. Somos anões nos ombros de gigantes, vamos, toda aquela história de Platão. Filosofia barata."

"Sim, porém é fundamental e você não deveria esquecê-la. Vai dizer que não sabe? Não se lembram os sistemas máximos. Lembram-se só os detalhes menores.” O celular de Niki começa a tocar. Ela o pega na bolsa.

"É Olly!", e atende.

"Alô? Não venha me dizer que está enrolada de novo. E você não quer vir dormir aqui em casa?"

Silêncio e de repente soluços.

"Niki, venha logo. Diletta."

"Diletta o quê?"

"Ela teve um acidente."

Alessandro guia veloz na noite. Ao lado dele está Niki. E mil telefonemas, mil perguntas ao celular, mil interrogações, mil porquês. Desesperada tentativa de entender alguma coisa. Não é possível. Hospital San Pietro. Alessandro ultrapassa a barreira e estaciona. Niki desce voando e entra no pronto-socorro. Corre pelo corredor quando vê Olly e Erica. Junta-se a elas e as abraça.

"Então, não entendi nada, mas como aconteceu? O que ela tem?"

"Alguém que estava num Porsche em alta velocidade no Corso Francia. Ela estava virando no sinal, estava indo para o Pains e, de repente, o Porsche a acertou em cheio. O carro dela capotou e foi parar no outro sinal. Está destruído. Não sobrou nada. Só ela. Toda machucada."

"Sim, mas como ela está? É grave?"

"Perna e braço fraturados. Além disso, bateu a cabeça. Aí está o problema. Estão tentando descobrir se há comoção. Ela já foi operada... olhe", as Ondas se aproximam do vidro.

No quarto frio, asséptico, pintado de azul-pálido, Diletta está toda enfaixada, imóvel, perdida num pequeno leito que parece estreito demais para contê--la. Vários fios se cruzam e se perdem entre os seus braços. Sedativos, vitaminas e outros tipos de analgésicos para controlar o seu estado de choque. Um pouco mais afastados, os pais de Diletta a observam em silêncio, incapazes de se mover e de falar, quase suspensos, com medo até de respirar. Os pais percebem, porém, a chegada de Niki. Uma saudação, um simples gesto com a mão. Não certamente um sorriso.

"O que dizem os médicos?", pergunta baixinho Niki para Erica.

"Nada, não se comprometem, não querem fazer um pronunciamento. Disseram de qualquer maneira que é difícil..."

"Difícil o quê?"

"Que volte a ser normal... isto é, que possa falar novamente, por exemplo."

Niki sente-se como que atropelada, um furacão, uma onda de dor imensa, que a atira para baixo, choca-a, corta a sua respiração, arranca de dentro dela a vontade de ser alegre. Feliz. E raiva repentina, e surpresa, e incredulidade. Sentir-se traída pela vida. Não é possível. Não Diletta. Diletta. Ela, forte. Ela, sadia. Ela, esportiva. Ela, sempre alegre. Ela, que nunca teve um namorado. E a onda cresce sempre mais, sempre mais. E quase a sufoca, tira-lhe o fôlego. Porque é como se tivesse acontecido com ela, aliás, pior. Não saberia. E, entretanto, ela está ali, olha para a amiga e não pode fazer nada. Não é possível. Não consegue, não quer pensar nisto. Ondas partidas. As suas ondas.

E em seguida Niki se aproxima de Alessandro, que ficou de lado. Com receio de perturbar, de dizer alguma coisa errada. Porque nos sentimos dessa forma diante da tragédia dos outros. Entretanto, ele também está chateado com a tragédia de Diletta. São aquelas pessoas que você não conhece diretamente, que talvez não encontre, mas de quem todos os dias ouve falar nos relatos da pessoa com quem você sai e que lhe sorri. E então essas pessoas se tornam um pouco suas. E no final fazem falta um pouco também a você. Niki se aproxima dele e aperta o

paletó com os punhos, quase o arranca, agarra-se àquele tecido, desesperada como se fosse o único rochedo seguro naquele mar de dor absurda.

Em seguida apoia-se contra o peito de Alessandro e começa a chorar em silêncio, quase afogando a sua dor naquele paletc Por respeito, por medo, para não deixar transparecer a sua fraqueza diante dos paií desesperados de Diletta. Alessandro não sabe o que fazer. Então a estreita lentamenis com os braços, com força, contra si.

"Shhh... Sossegue, Niki... Shhh", e é suficiente isto, o seu abraço, para lhe dar um pouco de tranqüilidade.

Um suspiro profundo, lento, mais lento. E depois outrc. E mais outro ainda. E os soluços diminuem. Aos poucos. Um pouco de calma naquele paletó. Como uma ilha segura. Um pequeno golfo. Um porto onde encontrar refúgio numa tempestade. E em seguida o ar. Um suspiro mais fundo. Niki surge dos braços de Alessandro. Levanta-se. E volta a se compor. Enxuga o nariz, esfregando-s-e com a manga de sua camiseta. Arruma um pouco os cabelos com ambas as mãos levando-os para trás das orelhas. Esses, um pouco molhados, obedecem. Assumem o seu lugar educadamente e em silêncio iluminam novamente aquele rosto.

"Sim. Estou bem." Tenta se convencer sozinha.

E, então, um pequeno sorriso para Alessandro.

"Vamos para casa. Amanhã eu volto."

Quase melhor do que um filme famoso. E vão embora assim, no silêncio de uma noite feita de esperas, de medo de impotência, de esperança, de orações. Da certeza de um amanhã, isto sim, mas um amanhã que pode não ser para todos.

Como é a vida?

Que estranho quando não estamos distraídos, quando não temos tanta pressa, quando conseguimos parar. E sorrir. E compreender. E fechar os olhos. E sentir até os segundos que passam por nós. E saber vivê-los até o fim. E saboreá-los com um sorriso, com uma preocupação, com uma esperança, com uma vontade, com clareza, com qualquer coisa. Mas saboreá-los. Saboreá-los com clareza. Isto é o que pensa Niki enquanto sobe em silêncio no Mercedes ML. E não pensa em outra coisa. Não tem forças para imaginar que se possa perder aquela Onda.

Nos dias seguintes, as Ondas fazem rodízio. Turnos no hospital. Levar de vez quando algum sorvete, algo para os pais de Diletta. Um jornal, uma revista, alguma coisa gostosa feita no Mondi ou no Euclide. Alternam-se assim, Ondas de um mar que deverá acalmar-se, cedo ou tarde. E, de qualquer maneira, é preciso acreditar. Uma depois da outra, uma ressaca sem fim. Ondas sorridentes, divertidas mas não muito. Otimistas. Fingir não ter dúvidas. Certezas. Tudo vai se resolver. E não admitir nem por um instante a si mesmas que poderia não ser assim... incansáveis. Uma história de amizade que não experimenta cansaço. E se passam o bastão com um sorriso. Niki. Olly. Erica. E às vezes em duas, outras vezes em três, continuam estudando para o exame de maturidade.

"Ah, desse não se escapa."

"Ah, não, certamente."

"Eh, Diletta de alguma forma está se livrando!", e riem esperançosas, tentando exorcizar assim o acidente. Por detrás do vidro, uma lembrança de Diletta. Uma história divertida. A sua extrema força. A sua beleza poderosa, prepotente, gozadora, sadia. A sua destreza no vôlei. E aquele namorado que nunca teve.

"Sabem quem estava de olho nela ultimamente?"

"Não."

"Filippo, aquele da quinta A."

"Não acredito! Jura?! É um pão de morrer! E ela?"

"Ela nada, como se não existisse."

"Não acredito, mas é louca!" Olly sacode a cabeça. "Cacete, eu..."

"Olly, olhe os pais dela. E, além disso, você não é referência."

"Entendi, mas, de qualquer maneira, vocês também cairiam com aquele."

"Sim, mas não tão rápido como você."

"É que eu sou mais sincera, menos estruturada."

E mais risadas e brincadeiras e piadas, como se Diletta estivesse ali, tentando passar aquelas horas que não passam nunca. Até em casa tudo parece diferente. Quando acontecem essas coisas. É como se uma lente, que antes estava embaçada, de repente pudesse fazer ver melhor a vida.

Na noite do acidente. Plaft. Níki. Um tapa direto, em cheio, na cara.

"Ai, mãe, você está louca?"

"Eu, hein? E você, que chega em casa a essa hora?"

"Mas, Diletta está no hospital, está em coma."

"Sei, até isso você inventa, Niki, mas não tem vergonha?"

"Mas, mãe, é verdade, ela teve um acidente terrível."

"Chega! Agora vá para o seu quarto!"

E alguns dias depois, quando Simona descobre que era verdade tudo o que a filha lhe havia contado, é ela quem está morrendo de vergonha.

"Sinto muito, querida, pensei que fosse mentira."

"E acredita que eu ia inventar uma coisa dessas, quem você acha que eu sou, mãe?”

"E como ela está agora?"

"Ainda nada. Pelo menos não piorou. Mas também não melhorou. Estou muito mal."

"Sinto muito..."

Simona abraça a filha e ela começa a chorar em seus braços. Abandona-se assim, de repente novamente criança, mais filha do que sempre, pequena como nunca. E Simona a abraça forte e gostaria de presenteá-la com mais um sorriso. Como sempre. Mais do que sempre. Com um brinquedo. Com um doce. Com uma boneca. Com um vestido. Como um daqueles seus muitos pequenos desejos que sempre soube realizar. Mas agora não. Agora não pode. E então só resta rezar. Por sua filha. Pela amiga dela. Pela vida que às vezes lhe vira as costas e não se importa com o que você deseja. E os dias passam lentamente e cansativos. Um depois do outro, sem o menor traço de sol naquele túnel estreito. Casas sombrias e silenciosas. Levantar. Esperar.

Voltar a dormir. E levantar-se novamente. Esperar. Voltar a dormir. E cada toque de qualquer telefone é uma preocupação, um choque no coração, uma esperança, um sonho, um desejo... E, no entanto, nada. Nada. Seguir em frente em silêncio.

Pouco depois, naquela tarde.

"Sapere aude![26]" Niki está sentada ao lado da cama do hospital. Lê rapidamente em voz alta um texto de filosofia de Kant.

"Tenha a coragem de servir-se de sua inteligência. Entendeu, Diletta?"

Niki apoia o livro nas pernas. Olha inutilmente aquele rosto tranqüilo, relaxado, que parece não poder ouvir. Mas é a sua última esperança. Manter acesa a sua atenção. Um suspiro. E Niki se esforça.

"Vamos lá, é inútil que você queira dar uma de esperta, você também tem que revisar Kant. Não está pensando em deixar de fazer o exame de maturidade, hein? Desculpe, mas havíamos combinado cursar a universidade todas juntas. E as Ondas nunca traem as promessas!"

Niki recomeça a ler.

"Então... Aqui as coisas começam a ficar mais difíceis. E para isto eu quero um pouco mais de sua atenção. Passemos à gnosologia de Kant..."

"Gnosiologia."

Uma voz repentina. Baixa. Leve. Fraca. Mas a sua voz.

"Diletta!"

Diletta está voltada para Niki. Sorri.

"Você deve dizer com o 'i'. Você erra como sempre..."

Niki não acredita. Começa a chorar desesperadamente. E um pouco chora e um pouco ri.

"Gnosiologia, gnosiologia, vou repetir um milhão de vezes, cacete, é com 'i' é com 'i'. É a palavra mais bonita do mundo", e levanta-se e a abraça, desajeitada, tentando não agitá-la, mas sem conseguir se conter.

Perde-se com o rosto no colo dela e chora ainda, como aquela criança que foi, que é, e que ama ser.

"E diziam que a filosofia dá sono!"

Aquela criança que foi premiada. Que fez as lições de casa dia após dia e recebeu o presente mais lindo do mundo. A resposta às suas orações. Voltou a ter a sua amiga. E uma após outra entram também Olly, Erica, e os pais, e algumas primas de quem não lembro o nome e por fim até a enfermeira-chefe.

"Para fora, fora, deixem ela respirar, vocês são muitos, fora!"

---

[26] Lema latino que significa "ouse saber" ou "atreva-se a saber". (N. T.)

"Mas que modos!"

Para não dizer os de Olly.

"Mas, caralho! É a nossa amiga!"

E todos riem, até os pais, felizes por um dia em que não precisam repreender ninguém. Finalmente mais leves, Olly, Niki e Erica saem do quarto. Estão como que enlouquecidas.

"Esta noite todas no Alaska, mas o que estou dizendo, vou me atirar na *Fontana di Trevi*. Topam? Vamos nessa?"

"Olly, mas todo mundo já fez isso!"

"Bem, quem sabe encontramos um pão como aquele... Marcello... Marcello... *Come here*!"

"É por isso que você quer fazer... Você só pensa nisso!"

E riem mais. Em seguida se abraçam em círculo, como os jogadores de *rugby*, no meio do corredor. E ficam com as cabeças baixas.

"Para Diletta..."

"Hip hip hurra!", e explodem num salto altíssimo, todas juntas, rindo, chamando a atenção das enfermeiras que gritam "Silêncio!", e de quem talvez gostaria muito de dar esse grito mas ainda não consegue.

Fora do hospital. Niki coloca o capacete.

"Meninas, hoje de noite eu vou ficar em casa estudando. Oh, falta pouco."

"Perdemos um monte de tempo."

"Perdemos nada! Ganhamos. Fomos nós que a fizemos voltar! Se fosse por conta daqueles porras de médicos."

Bem naquele instante passa um deles.

"Ei, mas não era aquele fulano que dizia que Diletta não voltaria a falar?"

"Sim, parece com ele..."

"É ele!"

Olly abre o bauzinho de sua moto, pega alguma coisa. Monta na moto e parte como um raio, dirigindo-se diretamente para ele.

"Mas o que está fazendo, Olly?"

"Ei, doutor..."

Ouvindo o chamado, o médico vira-se.

"Sim?"

E Olly o acerta em cheio na cara com uma bexiga cheia de líquido.

"Tome esta, seu pé-frio!"

O médico, completamente molhado, enxuga os olhos com a barra do avental branco, enquanto as garotas alcançam a saída rapidamente com as suas motos.

Niki encosta em Olly.

"Puxa, você acertou ele em cheio! Que pontaria!"

Erica surge por trás. "Mas como é que você tinha isso no bauzinho?"

"Sobrou da luta dos cem dias."

"Mas como, faz um tempão! E não esvaziou?"

"Eu recarreguei esses dias. Foi o Giancarlo que se encarregou, aquele que mora no meu prédio."

"Como é?"

"Todas as manhãs eu o obrigava a mijar dentro!"

"Mas, Olly! Que nojo!"

"É, eu esperava por esta oportunidade, desde que aquele médico disse aquilo. Gostaria de ver se se atreve a mijar novamente sentenças tão sacanas!"

E vão embora assim, rindo loucamente. Ondas rebeldes, jovens Robin Hoods dos sentimentos, *Dons Quixotes* de saias que pela primeira vez, mesmo se com uma bexiga, puseram a refletir aquele estúpido moinho de vento.

"Mãe, você não vai acreditar!" Niki entra em casa gritando como louca. "Mãe, eu estava lendo um texto de Kant para a Diletta e ela acordou! Mãe, ela voltou, entendeu?"

Simona se levanta da mesa onde está fazendo Matteo estudar. Chega perto de Niki. Olha para ela. Depois a abraça. Aperta-a contra si. Ergue os olhos ao céu e os fecha, suspirando dentro de si aquela frase.

"Senhor seja bendito." Então a solta.

"Niki, estou feliz de verdade. Venha, vamos um instante para o seu quarto... Matteo, você continue fazendo a lição. Caso contrário, não vou levá-lo ao campo para jogar futebol..."

"Mas, mamãe..."

"Fique quieto, que você não sabe nada. Pode até ser que você seja um jogador perfeito, mas, se não estudar, não vai jogar... Claro? Exatamente o contrário do que eles fazem."

Matteo bufa.

"Que encheção", e folheia o livro rapidamente, tentando compreender alguma coisa.

Simona abre a porta do quarto de Niki e, depois que ela entrou, fecha-a.

"Então, Niki, estou bem feliz pela sua amiga. Você não sabe o quanto."

"Sei, mamãe, eu também."

"Imagino. Olhe, eu não quis incomodá-la até agora porque, comparando com tudo o que estava acontecendo, certas coisas ficam irrelevantes... insignificantes."

Niki aperta um pouco os olhos.

"Claro, mamãe, é assim mesmo. Mas fique tranqüila, eu continuei a estudar, enquanto isso."

Simona arruma os cabelos.

"Não é disso que eu quero falar, de fato... O estudo não me preocupa."

"Ah. E do que, então, mamãe?"
"Niki, conte a verdade. Você está namorando?"

Niki fica por um instante indecisa.

"Bem... sim, eu contei, estou saindo com uma pessoa."

"Sim, você está saindo... Nunca consegui entender o que quer dizer esse estar saindo, mas penso que aponte para um panorama bastante abrangente."

"De qualquer maneira, mamãe, eu não estou a fim de falar disso agora."

Simona permanece por um instante em silêncio. Niki olha para ela e procura fazer a pergunta da forma mais delicada possível.

"Terminamos, mamãe? Posso ir?"

"Não. Lembra que você e eu dissemos que poderíamos nos contar tudo, não é?"

Niki permanece um instante em silêncio.

"Sim, claro que dissemos... E de fato eu sempre contei tudo para você..."

Niki tenta não pensar naquelas quinze ou dezesseis coisas que de alguma maneira, estranhamente, esqueceu-se de contar.

"Só queria saber uma coisa. Esse namorado com quem você está saindo, você disse que ele é um pouco mais velho do que você?"

Niki olha para ela e sorri levemente. Não há o que fazer, para as mães você não consegue esconder nada. Especialmente quando fazem de conta que não sabem.

"Sim, um pouco..."

"Quanto pouco?"

"Quer mesmo saber?"

"Claro, estou perguntando."

Niki pensa um instante. Depois decide arriscar-se.

"Bem, em breve vai fazer trinta e sete anos."

Plaft.

Simona não espera nem um instante. Acerta Niki em cheio com um tapa no rosto.

"Ai, ai!"

Niki fica sem fôlego e sem palavras. Aliás, por um instante tem até vontade de rir. Mas a face lhe queima.

"Ai, ai..." Pensa melhor.

Massageia a face, em seguida olha para a mão, surpresa, como se pudesse trazer alguma marca.

"Você me machucou!"

"É claro! O que você esperava, que eu devia lhe fazer um carinho?..."

"Mas, mãe, você disse que poderíamos contar tudo..."

"Sim, mas não bem assim, tudo, tudo! Conte para mim. Por favor. Conte o que eu devo dizer para o seu pai. Não, eu quero ouvir..."

"Você não precisa contar!"

"Sim, claro, porque, segundo você, ele não entendeu nada quando ocorreu toda aquela confusão com o agente financeiro. Mas o que ele pretendia, hein? O que ele veio fazer aqui?"

"Nada, só conhecê-los."

Simona olha para Niki com os olhos esbugalhados.

"Para dizer o que, Niki, hein? Para fazer o quê? Tem alguma outra notícia que você precisa me contar?"

"Não, mamãe... você não vai ser avó por enquanto..." Em seguida, Niki pensa um pouco. "Ao menos eu acredito!"

Simona põe as mãos nos cabelos. "Niki!"

"Eu estava brincando, mamãe, vamos, está tudo certo. Não tem perigo."

"O que quer dizer?" Simona olha para ela, agora levemente mais serena. Levemente.

"Ouça, mamãe, não quero falar agora. Ele veio só para se fazer conhecer, assim vocês ficariam mais tranqüilos..."

"Sim, claro! E depois dessa bela notícia ficaríamos tranqüilos, mais tranqüilos é impossível... Trinta e sete anos... Quero dizer, trinta e sete..."

"Daqui a pouco..."

"Ah, sim, claro... Muito bem, parabéns... Por favor, lembre-me de dar os parabéns ao falso agente financeiro", e Simona sai do quarto batendo a porta.

Niki vai até o espelho. Olha para o rosto. Massageia-o um pouco. Então sorri. Bem, de uma forma ou de outra eu contei. Agora ela sabe. Então pega o Nokia do bolso e escreve rapidamente uma mensagem.

"Amor, estou superfeliz. A minha amiga está bem, acordou! Depois eu falei com a mamãe. Contei para ela. Um beijo espacial!"

O celular de Alessandro dá um bipe. Está no escritório, numa busca desesperada da idéia para os japoneses. Lê a mensagem. E responde em seguida.

"Muito bem! Eu também fico contente. Mas o que falou para a sua mãe? Que a sua amiga está bem?"

Em seguida envia a mensagem.

Niki sorri e responde com uma velocidade incrível.

"Não... que nós estamos bem!"

Alessandro lê. Preocupa-se.

"Mas você contou da nossa, como dizer, pequena... 'diferença'?"

"Sim."

"E o que ela disse?"

"Nada. Só me deu um safanão em resposta. Ah, não. Espere... Ela também disse que vai cumprimentá-lo no seu aniversário!"

Alguns dias depois. Diletta está cada vez melhor.

"Quer dizer, mas você se dá conta?"

Olly anda como louca no pequeno quarto do hospital. Diletta olha para ela divertida.

"Quer dizer. A meu ver você não se dá conta... E vocês? Não, quero dizer, ao menos vocês se dão conta ou não? Ela é louca!"

Niki está sentada na cadeira virada ao contrário. Erica está apoiada contra a parede.

"Mas do quê?"

"Pode contar de uma vez?"

Olly de repente para.

"Quer dizer, sério, não sabem do que eu estou falando? Ela corria o risco de ir embora assim, puff..." Olly estala os dedos, "por causa de um. idiota qualquer que guiava como louco. E não havia experimentado a melhor coisa do mundo. Melhor que a *pizza* do Gianfornaio. Melhor que o sorvete do Alaska, San. Crispino e Settimocielo todos juntos, melhor que a neve e o mar, a chuva e o sol..."

Erica olha para ela. "E o que é? A droga?"

"Não, muito melhor... O sexo!"

Olly se aproxima de Diletta e pega as suas mãos. "Você não pode correr esses riscos. Não mais. Por favor, confie em mim. Entregue-se, colha essa deliciosa maçã..."

Niki começa a rir.

"Sim, claro. A mesma de antes. Pense que perderam o paraíso por causa dessa maçã..."

Olly abre os braços. "Justamente, Diletta, fique tranqüila, não pode fazer outros danos... E, de qualquer maneira, errei de fruta. Eu me referia à banana."

Diletta esperneia por baixo dos lençóis.

"Olly! Mas por que você é sempre tão grosseira?"

"Me desculpe, então eu não entendi... grosseira é quem coloca as palavras certas no lugar certo? Que diz a verdade? Então, sim, sou uma grande grosseira! E não tenho vergonha disso. Porque também sou sua amiga."

Olly se afasta da cama de Diletta e vai até a porta do quarto. Abre a porta. Olha para o corredor.

"Venha."

Depois entra novamente com um grande sorriso. Todas olham para ela curiosas.

"E agora? Quem será que ela chamou?"

Niki não sabe bem o que pensar. Erica, menos ainda.

Diletta olha para ela curiosa. Mas suspeita de algo.

"Pronto, lembra dele?"

De fato. Justo o que suspeitava.

Filippo, aquele belo rapaz da quinta A, está na porta, com um magnífico maço de rosas na mão.

"Olá, Diletta... Eu perguntei às suas amigas como você estava, Olly me disse que eu podia passar para uma visita e assim... aqui estou."

Olly se aproxima de Diletta.

"Bem, tchau, nós saímos, estamos aqui fora estudando, qualquer coisa chame."

Diletta enrubesce. Depois fala bem devagar: "Mas você não podia me avisar? Veja como estou desarrumada! Não tenho nem um pouco de maquiagem, ainda estou toda machucada, com a cabeça enfaixada..."

"Shhh" Olly lhe dá um beijo. "Fique tranqüila. Assim você vai excitá-lo ainda mais. E se quiser dar início àquele 'discurso', não se preocupe... nós estamos aqui fora vigiando. Por isso pode mandar brasa tranqüila."

Diletta tenta acertá-la.

"Mas o que está dizendo!", e, com o movimento, quase solta o cateter do braço. Olly se desvia em tempo e evita o tapa rindo. Em seguida pega Erica e Niki pelos braços e as leva para a porta.

"Tchau, estamos indo."

Ao sair, dá uma piscadela para Filippo.
"Entendeu?"

Filippo sorri, enquanto Olly sai de vez. Ele vê um vaso com algumas margaridas murchas perto da janela.

"Posso?"

"Claro, claro..." Diletta se arruma um pouco, move-se para trás erguendo as costas. Filippo tira as flores velhas e as atira num pequeno cesto embaixo da mesinha. Em seguida enxágua o vaso na pia, enche-o com água fresca e coloca dentro as suas maravilhosas rosas. Procura ajeitá-las um pouco.

"Pronto, assim pegarão um pouco de ar e vão abrir... estarão bonitas daqui a alguns dias."

Diletta sorri.

"Para mim será necessário um pouco mais de tempo..."

"Não é verdade", Filippo olha para ela, "você está tão bonita quanto em todos os dias que eu a vi na escola. Na realidade, o ano passado eu repeti de propósito só para poder ver você de novo..."

"Sei, e eu vou acreditar nessa..."

Filippo ri.

"Digamos que, já que havia acontecido, eu disse: bem, ao menos eu ainda vou vê-la..."

Olha nos olhos dela. Embaraçada, Diletta bate a mão sobre o lençol, como para ajeitá-lo.

"Ufa, que calor, não é...?"

"Sim." Filippo sorri e pega uma cadeira. "Posso?"

"Claro."

"Obrigado", e senta-se. "É o verão que está chegando. Mas não temos pressa."

Do lado de fora do quarto, Olly está com o ouvido encostado na porta e tenta escutar. Niki a puxa pelo braço.

"Ei, deixe disso... deixe ela em paz... o que você tem com isso?!"

"Mas como o que eu tenho com isso, está brincando, eu que armei tudo, até o obriguei a trazer as flores."

Erica lhe dá um empurrão. "Está bem, mas não foi você que escolheu aquelas lindas rosas!"

"Não, isto não. Mas pelo menos a idéia foi minha. Diletta sempre quis viajar... ir ver a Grande Maçã[27]... Ora, uma vez que agora está presa aqui por algum tempo, pelo menos consegue a Grande Banana!"

"Olly, nada a fazer. Você é realmente uma grosseira completa."

Começam a se empurrar e a rir, a correr pelo corredor, sob os olhos incomodados de algumas enfermeiras. Depois vêem passar uma freira e então começam a brincar com ela.

"Sua!" começa Olly, tocando Niki.

"Sua!" Niki, voando, toca Erica que, rápida como um raio, volta-se e toca novamente Olly.

"Sua! Sem volta!"

"Ora, assim não vale..."

Erica olha no fundo do corredor. Percebe que os pais de Diletta estão entrando no quarto

[27] Big Apple, é como chamam a cidade de Nova York. (N. T.)

dela.

"Ora, garotas, devíamos estar vigiando."

"Não se preocupem!"

Olly coloca a mão aberta sobre a boca, claramente mais grosseira que de hábito.

"Filippo já pensou nisso!"

Em seguida, toca na freira e foge do hospital rindo, perseguida pelas amigas.

E chegam outros dias. Agora mais tranqüilos.

"Vocês todas vão ficar em casa? Mas vamos sair, não? Vamos, ainda tem uma festa no Goa, genial, com o DJ Coko. E depois outros ingleses que se alternam no console."

"Olly, mas daqui a pouco tem o exame de maturidade, precisamos estudar e você também deveria."

"Mas, Niki, estamos perdendo os melhores anos da nossa vida."

"Espere, de quem era essa?"

"Zero."

"Absoluto?"

"Não, Renato...”

"Sei, vá cantar para os meus pais e vamos ver o que lhe respondem..."

Brainstorming. Reunião no escritório. Intuições. Fantasias. Hipóteses.

"Não, isto não dá. Muito batido."

"Irreal demais!"

"Querem algo natural."

"E uma cidade onde todos trabalham como camelos e passam a bala entre si como se fosse droga?"

Todos olham para Andréa Soldini.

"O.k., o.k., eu tentei."

E uma semana voa assim, sem conclusões.

Então, aquele dia no escritório. Alessandro percebe que o seu celular toca. Pega o aparelho e olha para o display. Sorri. Veja só. Não resistiu.

"Oi, Niki."

"Ei... Oi para você também. Mas não vai me dizer nada?"

Alessandro finge não saber.

"Por que, eu devo dizer algo? Eu tinha que lembrar alguma coisa para você?..."

"Você tinha sim que lembrar alguma coisa! Hoje é dezoito de maio! O meu aniversário..."

Alessandro ri sem deixar que ela perceba, em seguida, antes de falar, torna-se sério.

"É verdade, amor, desculpe... desculpe... vou já pegar você."

"Sim, sim, mas essa eu não vou perdoar, viu... Mas que história é essa de você não se lembrar deste dia... Que feio, o meu primeiro aniversário com você, juntos, e principalmente... são meus dezoito anos!"

"Você tem razão, me perdoe. Daqui a um instante estou com você."

"Não sei se..." Niki olha de repente para o celular.

Como é?, desligou. Alex desligou. Quer dizer, os papéis foram trocados... Mas este aqui realmente enlouqueceu. Depois de alguns minutos, Alessandro lhe envia uma mensagem.

"Desça, tesouro... estou aqui embaixo."

Niki lê o recado. Claro, assim é fácil. Você esquece do meu aniversário e depois precisa

remediar... Vejamos... se você consegue remediar.

Niki desce e entra no carro. Está emburrada, com os braços cruzados, e logo coloca os pés de propósito sobre o painel do carro.

"E quero mesmo ver se agora você tem algo para dizer."

"Tesouro, me perdoe, me perdoe..."

Tenta beijá-la e ela resiste.

"Nem pensar! E você nem deve ter comprado um presente para mim!"

"Mas eu vou fazer isso nos próximos dias, quem sabe uma coisa lindíssima."

Niki lhe dá um soco no ombro.

"Ai, ai!"

"Mas não me importa que seja uma coisa lindíssima, a coisa gravíssima é que você esqueceu."

"Tem razão, mas você sabe, o trabalho, essa propaganda para os japoneses..."

"Escute, eu não agüento mais essa história. Vá se envolver diretamente com uma japonesa!"

"Uhm... vou pensar, não me desagradam, sabe... uma bela gueixa."

Niki acerta mais um soco nele.

"Ai, ai, estava brincando!"

"Eu, não!"

Alessandro dá a partida no carro e saem.

"Reservei um belo lugar, que tal?"

Niki ainda está chateada.

"Não sei, vamos e quem sabe vai passar. Todos hoje lembraram do meu aniversário."

"Todos quem?"

"Todos, todos. E são muitos. Para não falar dos presentes que recebi nesses dias. Especialmente dos CE..."

"E quem são esses últimos?" Alessandro olha para ela preocupado.

"Cortejadores Esperançosos. Neste momento, têm mais chances do que você. Pelo menos eles lembraram."

Alessandro sorri. "Amor, vou tentar ser perdoado, dê-me ao menos uma chance. Uma segunda chance é concedida a todos.

Niki se volta para ele. "O.k., você tem uma. Vamos ver como vai utilizá-la."

Alessandro sorri ainda. "Vou fazer o possível." Em seguida olha para fora e, vendo-o, encosta.

"Quer me fazer uma gentileza?"

"Diga."

Aponta para o jornaleiro mais adiante.

"Pegue para mim *Il Messaggero*, não deu tempo de ler hoje."

Niki bufa. "Você está trabalhando demais..."

Desce. Rapidamente. Alessandro procura na bolsa dela. Nada. Ainda nada. Em seguida olha para fora, preocupado que Niki possa voltar antes e o descubra. Niki acabou de pagar e está voltando para o carro. Alessandro abre a janela.

"Você pode também comprar Dove, por favor?

"Raios, mas você não podia pedir antes?!"

"Você tem razão, desculpe, perdão!"

"Amar quer dizer nunca precisar pedir perdão... Você me fez assistir a esse filme e já esqueceu... Quer mais alguma coisa?"

"Não, obrigado."

"Certeza?"

"Sim..."

Alessandro sorri para ela. Niki se volta novamente para retornar ao jornaleiro. Alessandro recomeça a sua busca. Vigia Niki e procura. Vigia e procura. Niki acabou de pagar, pega os jornais e se vira para retornar ao carro. Justo a tempo. Alessandro sorri. Encontrei. Aqui está. Está tudo certo. Perfeito. Está ótimo! Niki sobe no carro.

"Desculpe, viu, mas, pensando melhor... Precisava logo agora de todos esses jornais? Estamos indo jantar... é o meu aniversário... que necessidade você tem de ler?"

"Você tem razão. São para depois. Tem um artigo que me recomendaram."

Niki ergue os ombros. Alessandro parte. Coloca um CD. Em seguida, tenta de alguma forma distraí-la.

"Então você disse que recebeu presentes! O que ganhou?"

"Coisas lindas, lindíssimas."

"Vamos, conte alguns."

"Então... de meus pais uns brincos maravilhosos com pérolas e pequenos diamantes em

volta. Aquele pão-duro do meu irmão me deu uma assinatura da Blockbuster... a meu ver mais para ele do que para mim... Mas ele não sabe que ali não há pornôs! As tias e primos vão me entregar na festa da próxima semana. Meu pai quer fazer algo grandioso, com valsa e tudo o mais, no hotel de um amigo dele."

"Ah, ótimo! Então finalmente vou conhecer toda a sua família..."

"Sim, claro... como não! Olhe, depois que você esqueceu do meu aniversário, já é um milagre se está me vendo..."

"Então você não está me dando aquela segunda oportunidade."

"Mas você está pedindo o impossível! Você acha que eu vou fazê-lo conhecer toda a minha família?! É mais fácil que encontre a idéia para os japoneses!"

"Não me lembre disso. Mas e as suas amigas Ondas, o que lhe deram?"

"Não sei. Estão misteriosas. Não sei quando vão dar."

Alessandro sorri, mas sem deixar que ela perceba. "Sei, entendi."

Niki olha para fora da janela. "Mas para onde estamos indo?"

"Me disseram que tem um lugar onde se come muito bem, aqui perto. No Renatone, em Maccarese."

"Sei... não conheço..."

Alessandro continua dirigindo. Niki olha a rua que de repente se bifurca. Alessandro continua reto.

"Mas, se você queria ir para Maccarese, devia ter virado à direita... Por Fregene."

"Você tem razão, então eu errei, vou ainda um pouco para a frente e pego a próxima saída."

Alessandro acelera um pouco, olhando para o relógio. Ainda estamos dentro do horário. Niki agora está mais tranqüila. Aumenta o volume da música. Em seguida olha novamente para fora. Alessandro continua reto também na segunda saída.

"Mas você errou de novo!"

Alessandro sorri.

"Ainda tenho a minha pequeníssima chance? Talvez eu tenha feito bem em errar..."

E entra a toda velocidade na curva à direita que leva para debaixo do grande edifício. Onde estão os estacionamentos.

"Pronto, chegamos. Aeroporto de Fiumicino. E essas...", pega alguma coisa do bolso, "são duas passagens para Paris. Feliz aniversário!"

Niki pula em cima dele.

"Quer dizer que você não tinha esquecido!", e o beija emocionada.

“Não... os jornais eram uma desculpa para ver se você estava com a sua carteira de identidade. E por sorte eu vi que você a tinha, de outra forma eu teria sido obrigado a confessar o meu plano."

Niki olha para ele extasiada. Bem naquele instante, o CD está na sua décima faixa. E começa a canção. *Oh happy day*. Alessandro olha para o relógio. Enrico e as suas compilações. Nada a fazer. É como um relógio suíço. E aos acordes daquela canção, Niki o beija de novo.

"Assim não vale. Você só tinha uma chance. Não deve fazer com que eu me apaixone!"

Alessandro se afasta e olha surpreso para ela.

"Por que, você já não estava? Mas então a gente não vai... Eu só levo para Paris mulheres loucamente apaixonadas..."

Niki bate nele de brincadeira. De repente para.

"Ei, mas tem um problema."

"É verdade... Não pensei nisso. Você deve avisar os seus. Bem, invente uma desculpa, de qualquer maneira voltamos amanhã de noite."

"Não, isso é fácil..." Niki sorri. "Imagine... E uma mentira a mais ou a menos! Além disso, agora tenho dezoito anos e eu e minha mãe podemos nos dizer realmente tudo, tudo."

Em seguida se lembra do último tapa. Talvez fosse melhor inventar alguma coisa.

"Mas esse é o problema menor. É que não trago nada comigo..."

Alessandro desce do carro e abre o porta-malas. Retira duas malas idênticas, uma azul e a outra bordô.

"Esta é a minha", e aponta a azul, "e esta é a sua. Espero que goste de tudo o que comprei para você. As medidas eu devo ter acertado. Sobre o gosto, posso ter errado em alguma coisa. Sabe, eu não sou referência. Você sempre me agrada, de qualquer jeito que está vestida, está bem... e mesmo quando não está vestida... Bem, aí eu gosto até mais!"

Niki o abraça. Em seguida desce do carro. E ambos, com aquelas novíssimas malas de rodinhas, diferentes só na cor, entram no aeroporto. Riem, brincam. Jovens viajantes sem compromissos particulares. A não ser aquele sorriso.

"Você é genial! Não vejo a hora de abrir a mala, morro de curiosidade... Quem sabe o que você me comprou!"

"Bem..." Alessandro sorri. "Ousei. Uma vez que seria difícil que você viesse a gostar das compras, então melhor que fossem coisas de que eu gostasse, não é?"

"Meu Deus... só espero não ter que andar amanhã vestida com um robe colorido, tipo super-herói japonês!"

"Bem, você verá... De qualquer maneira, estaremos lá, e..."

Niki para.

"Deixe eu ajeitar as coisas lá em casa..."

Disca rapidamente o número sem procurá-lo na agenda.

"Alô, mamãe, oi, é a Niki."

"Estou vendo. Onde você está?"

"Então, você está preparada? No aeroporto. Acabei de ganhar de presente uma mala cheia de roupas novas todas para mim. Estou para partir de avião...", interrompe e aperta a tecla "espera", "a que horas partimos, Alex?"

"Às sete e quarenta, como a canção do Battisti... Mas nós não vamos nos deixar, partimos juntos!..."

E conta rapidamente as etapas da viagem.Niki sorri e fala de novo ao telefone.

"Às sete e quarenta para Paris. Chegada em Roissy-Charles de Gaulle. Em seguida alugamos um carro e vamos ao hotel trocar de roupa. Depois iremos para vários bistrôs na margem esquerda do Sena, jantar em Montparnasse, e amanhã passeio na Euro Disney, então um giro turístico pelo centro. Volto de tarde. Naturalmente estou sozinha com ele. Por ele eu quero dizer o falso agente financeiro que você já conheceu."

Silêncio do outro lado. Niki aguarda um pouco e recomeça a falar.

"O.k., você não caiu nessa, não é, mãe?"

"Não."

"Eu sabia, estou com as minhas amigas, estão me festejando do jeito delas e depois eu fico para dormir com a Olly."

"O.k., assim é melhor. Não chegue tarde, não coma ou beba coisas estranhas. Mande uma mensagem para confirmar que você vai ficar com ela. Não desligue o celular."

"O.k., mamãe."

"Ah, mais uma coisa..."

"Diga..."

"Parabéns pra você, amor."

"Obrigada, mamãe. Ah, escute, se você faz assim, vou acabar perdendo o avião."

"Bobinha... divirta-se."

Niki desliga.

"Bem, eu contei!"

Alessandro sorri.

"Estamos perdendo o avião de verdade, corra!"

E começam a correr desse jeito, arrastando atrás aquelas malas novas, sem mais nada. Leves. Sem medo. Sem pressa. Sem tempo. Com a mão abandonada na mão do outro. E nada mais.

Sem um compromisso, sem uma preocupação, sem um dever. Nada. Mais leves do que as nuvens.

"Pronto, este é o nosso quarto."

"Lindo!" Niki coloca a mala sobre a cama e imediatamente, curiosa, a abre.

"Juro que estou enlouquecendo... Quero ver!"

E observa divertida aquelas peças escolhidas no escuro para ela. Uma malha de algodão leve, cor lilás. Calças um pouco mais claras. Um par de sapatos da Geox com algum adereço brilhante. Um casaquinho de couro preto. Uma camisa branca de colarinho largo, pontudo e pulsos engomados, tipo Robespierre só para se adequar ao ambiente. E o restante do tecido é todo transparente, de seda leve e elegante. E por fim, escondido embaixo de tudo isso, um vestido longo, preto. Niki pega o vestido. Desdobra-o. Coloca sobre o corpo. É lindíssimo. Um decote fundo, provocante. Fechado nas costas. Os ombros ficam livres, descobertos. E o vestido cai, macio, até recobrir aqueles lindos sapatos de cetim pretos, de salto alto, elegantes, com delicadas fivelas laterais. Modernos como ela quando os calça. E ainda mais. Ela que anda, ela que desfila para ele, ela que ri, dançando naquele quarto.

E em seguida descem, pela escada principal, de braços dados. Até a recepção. Rei e rainha de uma noite fantástica. Única. Quase imperceptível tanta é a sua beleza. Tomam um táxi e jantam às margens do Sena. Crustáceos, champanhe, pão crocante, aquela baguete fatiada para acompanhar a sopa de peixes. Tão única, tão gostosa, tão forte, tão quente. Como aquele robalo no sal, fresco, com algumas gotas de limão, leve como o azeite que apenas o molha com um pouco de salsinha cortada bem fina. E mais champanhe. Um francês delicado se aproxima com uma pequena guitarra. Outro com uns bigodes à Dali surge por trás dele. Tem entre as mãos um acordeão. E tocam alegremente, apesar de já o terem feito mil vezes, La vie em rose. E uma senhora, despreocupada com a idade, já não mais tão nova, levanta-se de uma mesa ao fundo do local. E dança. E fecha os olhos e ergue os braços ao céu, levada pela música. E um homem, mesmo sem conhecê-la, não a deixa só. Levanta-se ele também. Aproxima-se dela. Ela sorri. Abre os olhos e acolhe aquelas mãos livres que a buscam. Talvez esperasse por isso. Ou tinha a esperança. Quem sabe. Mas dançam, assim, juntos, pequenos heróis sem embaraço naquelas notas que falam de amor.

E se observam nos olhos e sorriem sem malícia, conscientes de serem lembrados um dia por alguém. E Niki e Alessandro os observam de longe. E estão de mãos dadas e sorriem, todos cúmplices daquela maravilhosa magia, daquela estranha fórmula, daquele código secreto que começa e termina sem um porquê, sem uma regra, como uma maré inesperada numa noite de amor sem Lua. Em seguida chega um creme de sobremesa, só uma taça e duas colheres. Niki e Alessandro se combatem divertidos naquela estranha luta pelo último bocado. Depois, um passito de Pantelleria, uma surpresa italiana entre aqueles sabores franceses. Niki bebe só um gole e as luzes se apagam. Fica assim com aquela pequena taça suspensa no ar.

Ao longe, pela vitrine do restaurante, veem-se os reflexos de luz sobre o Sena. Antigos monumentos, com sua ostensiva beleza, iluminam a noite. No restaurante começa uma música ligeira. E do fundo da cozinha, uma porta dupla, como aquela dos bares americanos, se abre, deixando surgir como mágica um cozinheiro de chapéu alto e branco. Mantém uma mão na frente, levemente aberta. Protege alguma coisa. Por trás dos seus dedos surge uma luz. E, agora livre, aquela chama dança ligeira na mão do cozinheiro. Atravessa pequenas correntes do restaurante de aromas diversos. Em seguida, de repente, o cozinheiro ergue a mão. E ilumina

completamente o bolo que está carregando.

Creme, morangos e um sorvete crocante de avelãs e zabaione. O cozinheiro chega até a mesa e coloca o bolo ali no centro. Todo o local se prepara. Cantam juntos, num estranho francês ou talvez italiano, "Parabéns pra você...".

Niki aguarda o momento certo e se inclina, se concentra e apaga as velinhas. Alguém bate uma foto, alguém acende uma luz. Todos aplaudem felizes. Niki, embaraçada, sorri. E agradece. Em seguida, assim, para sair do embaraço, para fazê-los rir, coloca o dedo no bolo e, como boa menina, o leva à boca. Alessandro se aproveita daquela sadia e doce distração. Coloca a mão no bolso e, como um ladrão habilidoso às avessas, deixa algo ali diante do prato de Niki.

"Muitas felicidades, amor... obrigado por me ter concedido esta segunda chance."

E Niki, comovida, atordoada, raptada pela festa, sorri... E o vê. Um pequeno estojinho azul quase brilha naquele prato de bordas decoradas.

"É para mim?"

Alessandro olha para Niki. Sorri para ela. Ela permanece em silêncio. Não acredita no que vê. Abre o estojo. E aos poucos, daquele estojo, surge como um nascer do sol. E cada luz do local, cada vela, cada mínimo reflexo o alcançam para realçar a sua simples beleza. Ali está. Um belíssimo colar, delicado, fino, elegante, de repente ilumina o sorriso de Niki. Uma pequena lua vermelha, formada pelo pó de muitos pequenos diamantes, e no centro um único diamante em forma de coração. Niki o observa. Mil reflexos dançam naquela pedra, mais do que um arco-íris enlouquecido. Dançam o azul, o vermelho, o celeste, o laranja. E até as faces de Niki coram embaraçadas.

"Mas é lindíssimo..."

Alessandro sorri para ela.

"Gostou? Eu que desenhei e o encomendei lá no Vivam, em via delia Vite. Sinta o cheiro do estojo..."

Niki o aproxima do rosto. "Humm, leve, delicado. O que é?"

"Eu deixei cair duas gotas desta essência..." Alessandro tira do bolso um vidrinho. Abre-o em seguida. Coloca um pouquinho no dedo indicador. "É para você. É uma criação sua" E toca levemente o pescoço dela, quase acariciando-a atrás das orelhas. Niki fecha os olhos. Em seguida respira aquele aroma suave.

"Muito bom!"

"É essência de jasmim."

Alessandro se levanta, pega o colar, vai atrás de Niki. Passa um braço em volta dela. Coloca aquele diamante delicado em seu pescoço. Em seguida arruma devagar aqueles fios de ouro branco. Levanta os cabelos dela, encontra o fecho e prende os fios naquele pequeno anel. Em seguida, lentamente, deixa escorregar aquela pequena gota. Para ali, em equilíbrio, sobre aquele decote fresco. Niki abre os olhos e se vê refletida no espelho em frente. Coloca rapidamente a mão esquerda sobre o peito, pouco abaixo do diamante, e volta-se, inclina a cabeça de leve e sorri.

"É lindíssimo..."

"Não. Você é que é lindíssima."

No local ainda tocam. Aquele homem e aquela mulher, que antes dançavam, agora riem. Bebem no balcão um pouco de merlot da safra do ano. Um grupo de jovens entra barulhento e tropeça na sua própria alegria jovem. Mas a mesa de Niki e Alessandro já está vazia. Já estão longe, naquela noite parisiense, abraçados sob as estrelas engastadas na Torre Eiffel. Observam-na ali debaixo. Nuvens altas, e a Lua, e ferros que se entrelaçam, e vãos, e elevadores, e turistas que se debruçam e se beijam e apontam com a mão no vazio algo mais, longínquo, que se vê lá de cima. Nos cartões-postais nunca foi tão grande. E depois um táxi para rodar um pouco. E os Champs-Elysées e Pigalle e uma saudação só por fora ao Louvre com a promessa de retornar em breve. Depois, uma lembrança do último campeonato mundial, sem esquecer aquela cabeçada, e lembrar bem daquele simples grito "Devolvam a Mona Lisa!". E depois descer do táxi, pagar, e dar um passeio perdidos na noite. E assim pelas margens do Sena, Montmartre e na Igreja da Sainte Chapelle.

E entram assim, jovens, turistas inexperientes que se perdem na beleza daqueles vitrais, daquelas mil e cem cenas bíblicas que os fiéis chamam "o ingresso do Paraíso"... E sentir-se assim tão felizes que nem sequer têm a coragem de desejar mais nada, de ousar demais, e envergonhar-se até de rezar, a não ser para pedir para não despertar do sonho. Assim, simples egoístas de felicidade, chegar ao hotel.

"Arre... estou acabada!"

Niki se deixa cair de costas sobre a cama. E atira com um pontapé preciso no vazio os sapatos que caem longe. Alessandro tira o paletó, pendura-o num cabide que guarda dentro do armário.

"Tenho uma coisa para você..."

"Mais..."

Niki se levanta um pouco, apoiada nos cotovelos.

"Mas é demais! Você já me deu coisas lindíssimas."

"Não é minha..." Alessandro se aproxima da cama com um embrulho. "É da parte das Ondas."

Niki pega o pacote perfeitamente embrulhado com um bilhete no meio.

"Então quem fez o pacote foi a Erica, ela é muito cuidadosa. A letra do bilhete é da Olly."

Niki abre o bilhete e lê.

"Olá, jovem de dezoito anos em fuga! Gostaríamos de estar todas com você nesse momento... mas com ele também!!! Gostamos demais do Alex! Depois que ele nos contou a surpresa que tinha preparado para você, as nossas defesas ruíram... ele pode fazer das Ondas tudo o que quiser! Enfim, uma bela orgia não iria mal, o que você acha?"

Niki para um instante de ler. Não tem o que fazer, Olly é incorrigível. Em seguida continua.

"Ora, vamos, eu estava brincando... de qualquer forma gostamos de você e assim queremos estar juntas do nosso jeito... aproveite bem! Sim, quer dizer... mostre a ele as estrelas em Paris!"

Niki fica um pouco em dúvida. Mas o que será? Toca o embrulho, aperta-o. Nada. Não tem idéia. Tenta tateá-lo, melhor revira-o entre as mãos. Nada. Decide abri-lo. Retira o papel rapidamente e de repente compreende. Sorri divertida e coloca-a sobre o corpo. Uma camisola de seda azul-escura cheia de rendas e transparências. Dança, segurando-a entre os braços até chegar diante do espelho. Niki inclina a cabeça observando-se. Alessandro está deitado na cama, apoiado sobre um braço, vê o reflexo dela. Seus olhares se cruzam. Alessandro sorri.

"Deve servir... vamos, experimente."

"Sim... mas feche os olhos..."

Niki começa a se despir, mas em seguida vê que os olhos de Alessandro se entreabrem.

"Não confio."

E apaga a luz. E reflexos noturnos e alguns lampiões longínquos e as estrelas escondidas espiam por entre as cortinas entreabertas do quarto. Niki se aproxima da cama, senta-se perto de Alessandro, mas permanece apoiada sobre os joelhos. Parece desenhada naquela contraluz azul.

"Então...", voz quente e sensual, "como fica em mim?"

Alessandro abre os olhos. Acaricia-a levemente com uma mão, procurando o tecido de seda. Acaricia as pernas dela e vai subindo, até os quadris, mas não encontra nada.

"Ora, mas o que você é, uma nuvem?"

E Niki ri.

"Sim, claro... viu que camisola leve? Quase não se percebe", e um beijo e mais uma risada.

E uma noite que perde os seus limites. E por fim até aquelas estrelas francesas devem admitir. Sim. É mais uma vitória. Os italianos o fazem melhor.

No dia seguinte, um magnífico café da manhã na cama. Croissant e ovos mexidos e suco de laranja e pequenos doces. E os jornais italianos, que, porém, não são nem abertos. E logo saem, com um carro alugado diretamente do hotel. Sobem nele assim que chega com um mapa repleto de indicações anotadas pelo próprio jovem porteiro do hotel.

Alessandro dirige, enquanto Niki funciona como navegador.

"Direita, esquerda, direita novamente, sempre em frente... no final entre à direita."

E ri enquanto dá uma leve mordida na baguete que levou consigo. Alessandro a observa.

"Puxa... mas como você come..."

Niki termina de mastigar. Em seguida muda de expressão.

"Sim... esquisito. Será que..."

Alessandro olha para ela preocupado.

"Niki...?"

Niki sorri.

"Está tudo certo, vieram na semana passada. É que quando estou feliz eu fico com uma fome..."

E continuam assim pela rua que deixa Paris para trás, mas sem afastar-se demais.

"Pronto, é ali." Niki aponta para um cartaz. "Euro Disney, três quilômetros. Estamos chegando." E estacionam um pouco depois. E descem.

E correm de mãos dadas. E compram os ingressos e entram, e se perdem imediatamente no meio de tanta gente que sorri como eles, jovens crianças de qualquer idade em busca de sonhos.

"Olhe, olhe, tem o Mickey!" Niki aperta a sua mão.

"Alex, tire uma foto minha!"

"Mas não tenho máquina!"

"Não acredito... você organizou tudo de forma tão perfeita e depois vai falhar logo na máquina fotográfica, uma coisa tão simples?"

"Mas dou um jeito já!"

E compra rapidamente uma máquina descartável da Kodak. E aquele aperto de mão com o Mickey é logo imortalizado. E em seguida também o beijo no Pato Donald, o abraço no Pateta, a saudação com Tico e Teco e mais uma foto com Cinderela.

"Amor, agora sim que você está linda com essa coroa na cabeça!"

Niki olha para ele surpresa.

"Mas eu não tenho nenhuma coroa!"

Então, Niki olha para Cinderela, uma belíssima garota ao seu lado, alta, loira, etérea, com um sorriso realmente fabuloso. E com uma coroa na cabeça. Niki olha torto para Alessandro, que sorri.

"Ops, desculpe... eu me confundi."

E Alessandro rapidamente foge, com Niki que o persegue e aquela Cinderela que fica ali, sem palavras, parada diante de seu castelo, olhando para eles. Em seguida dá de ombros e volta a sorrir para os novos visitantes. Claro, não pode compreender que aquele é um conto de fadas.

E Alessandro e Niki continuam o seu giro, sobem nas montanhas rochosas e depois entram no mundo de Peter Pan, navegam com o Capitão Gancho, aportam no Velho Oeste, comem alguma coisa num saloon e depois, de repente, eis que terminam no futuro, a bordo de uma máquina do tempo. Encontram-se com Leonardo da Vinci e atravessam os tempos mais variados. Desde os homens da caverna até a Renascença, da Revolução Francesa até os anos 20.

"Veja só, posso até dizer para a minha mãe que estudei história...", e em seguida sempre em frente.

Sobem na Space Mountain. As montanhas-russas de velocidade supersônica, no escuro, apontando para a Lua, alcançando-a e, de repente, virar para a direita, ultrapassando-a, e depois novamente para baixo, com os cabelos em pé e o coração na garganta batendo loucamente. As mãos apertadíssimas contra aquele corrimão de ferro e gritar a plenos pulmões, de olhos fechados, a própria louca, maluca, ilimitada felicidade.

"Sim, experimentamos tudo..."

"Sim, sim, não nos falta nada."

"Meu Deus, estou transtornada, e estou completamente suada... olhe, veja a minha camiseta, está toda grudada."

Alessandro se aproxima e a toca.

"Mas está encharcada, assim que chegarmos no carro você vai se trocar."

"Sim, vou colocar aquela com plush que usei ontem. Mas aquilo o que é? Milho!"

Niki corre como uma criança no meio da pracinha em estilo antigo, francês, disneyniano. Aproxima-se do vendedor de milho e, depois de alguma indecisão, escolhe uma espiga com o seu dedo indicador, magro, tímido. Alessandro a alcança, paga e sorri para ela. Papai jovem daquela menina nascida cedo demais e que não se assemelha a ele nem um pouco.

"Obrigada...", e em seguida uma mordida no milho e um beijo nele, e outra mordida e outro beijo.

Longo. Muito longo. Longo demais. E alguém sorri e sacode a cabeça. E pensamentos quase cinematográficos. *Meu pai, meu herói*! Ou melhor. *O amor não tem idade.*

"Ei..." Alessandro olha para o relógio. "Precisamos fugir... senão vamos perder o avião."

"Bem que eu perderia de boa vontade. Mas amanhã tenho a última prova de história."

E saem correndo, lançando o milho meio mordido num latão na beira da estrada. Em seguida, Niki troca de camiseta escondida atrás da porta do carro, num estranho striptease parisiense.

"Imaginei que ao menos você ia rebolar um pouco... ou quem sabe... dançar o cancã!"

"Sei, mas agradeça que não vou mordê-lo duas vezes!"

"Vamos, venha...", e Alessandro ri, entra no carro e parte na noite.

Quando você está nesse estado, até a piada mais boba é um bom pretexto para ficar alegre. Deixam o carro no estacionamento. Em seguida uma curta fila, os documentos, a escolha do assento, a mala na esteira. Alessandro tira alguma coisa do bolso. Passa pelo controle. Quando é a vez de Niki, alguma coisa toca. Um policial francês se aproxima dela. Passa o detector de metais por ela procurando alguma coisa.

"Niki", diz Alessandro atrás dela, "mas o que foi que você roubou?"

"A Taça do Mundo!" Niki, feliz, começa a cantar "Po po po po po po po...".[28]

[28] É o refrão do hino da torcida italiana de futebol quando ganhou o campeonato mundial na França. (N. T.)

"Quietinha, pare, quieta... senão não nos deixam embarcar!" Mas Niki continua cantando.

"E, além disto, esta nós não roubamos, ganhamos!"

E Alessandro também começa a cantar.

"Po po po po po po po..." E abraça Niki, feliz. E assim vão embora, de costas, mas juntos, como em algumas canções...

E nuvens ligeiras e um pôr do sol ao longe que aos poucos desaparece. O avião sacode um pouco. Niki se agarra forte em Alessandro. Em seguida, aos poucos, o voo volta a ser tranqüilo e ela adormece.

Alessandro olha-a, assim apoiada nele, acaricia seus cabelos, levemente, com a mão esquerda. E os arruma um pouco, para ver melhor o perfil do rosto, delicado, desenhado de forma perfeita e natural. Aqueles cílios que fogem, porém sem bater, perseguindo um sonho qualquer.

Niki dorme tranqüila, com uma respiração longa, serena. A respiração de uma menina que correu o dia inteiro atrás da sua felicidade e que por uma vez a alcançou. O avião tem uma pequena vibração, em seguida outra mais forte. Os motores começam a inverter a rotação. Niki acorda de repente e, sobressaltada, abraça Alessandro.

"O que está acontecendo? Socorro!"

"Shhh, quietinha, não é nada", e a abraça forte. "Aterrissamos."

Niki dá um longo suspiro e sorri. Esfrega os olhos e olha para fora da janelinha.

"Estamos novamente em Roma."

E nenhuma fila, nenhuma mala para retirar, o carro pronto ali no estacionamento.

"Espere, vou ligar para casa."

Niki liga o celular. E imediatamente chegam inúmeras mensagens. Abre as mensagens. São todas ligações de casa. E num instante tudo desaparece. Alguém está chamando. Niki olha para a tela. Faz um sinal para Alessandro ficar quieto, colocando o dedo diante do nariz. Em seguida atende.

"Oi, mamãe!"

"Sim, oi! Você me deixa preocupada. Seu celular está sempre desligado. Faz duas horas que estou chamando. Mas onde você estava?"

Niki olha para Alessandro. Bem, vou tentar de novo.

"Mamãe, eu estava no Euro Disney..."

Simona bufa.

"Outra vez com essa história! Sim, claro... E eu sou a rainha Elizabeth. Então pode-se saber o que você está aprontando?"

Niki dá de ombros e sorri para Alessandro. Viu? Minha mãe não acredita em mim.

"Nada, mamãe... estava dando uma volta com amigos no centro..."

"Sei, sempre dando voltas com os amigos e sempre em lugares onde o celular não tem sinal... que estranho, se dependesse de você, todas as companhias telefônicas deveriam fechar. Não se sabe como, mas o seu celular não pega em canto nenhum..."

"Vai ver que vocês me deram de presente um já sucateado."

"Sim, claro, brinque sempre que um dia ou outro eu é que vou sucatear você. Pode-se saber onde é que você estava, você disse que nós duas sempre iríamos nos contar tudo."

"Sim, mas, depois daquela bofetada, alguma coisa mudou."

"Não! Foi só um acidente de percurso, não podemos sempre estar de acordo."

Niki pensa um pouco a respeito.

"O.k., como você quiser, eu já contei ontem, hoje eu estava no Euro Disney, corri para o aeroporto de Paris porque estávamos atrasados, mas finalmente conseguimos e peguei o avião às oito... por isto é que estava desligado... e agora cheguei em Fiumicino."

Silêncio.

"Mamãe..."

"Sim, estou aqui... sorte a sua que sempre está com vontade de brincar. Então, quando é que vai chegar em casa?"

Niki olha para Alessandro e depois para o relógio. Abre os braços como para dizer eu tentei contar para ela pela segunda vez. Ela não acredita em mim... Alessandro faz um sinal dizendo que é louca, em seguida indica com o dedo que estarão lá dentro de uma hora.

"Daqui a uma hora e meia estarei aí..."

"Não mais tarde que isso!" E desliga.

Partem assim, novamente em Roma, no meio de um tráfego suave. Autopista. Alguém está nervoso. Um cafajeste força o tempo todo tentando ultrapassar, primeiro pela esquerda, depois pela direita. Impaciente. Por fim pega o seu caminho. Afasta-se assim. Com os vidros escuros e uma Peugeot cheia de spoilers, como se com isto ficasse mais veloz. Alessandro, por sua vez, guia tranqüilo. De vez em quando olha para ela. Niki está guardando alguma coisa na bolsa. Quando voltamos de uma viagem, tudo parece correr mais lento. Estamos mais serenos. Uma viagem para fora às vezes ajuda a ver melhor a própria vida, em que ponto estamos. Quanto caminho fizemos, para onde vamos, onde nos estamos perdendo e, especialmente, se somos felizes. E quanto.

Bem naquele instante, toca o celular de Alessandro. Dois bipes. Um torpedo. Alessandro pega o seu Motorola do bolso. Um envelopinho piscando. Abre. É de Pietro. Faz algum tempo que nãò tem notícias dele. Mas o que lê é a última coisa que teria desejado saber.

"Olá. Estamos todos na casa do Flavio, o pai dele faleceu."

Alessandro não consegue acreditar.
"Não."

Niki se volta assustada para ele.

"O que aconteceu?"

"Faleceu o pai de um amigo meu. Flavio. Flavio, você conheceu. Sabe quem é? O marido da Cristina... Aquela que você acha que não a suporta."

Niki se entristece. "Sinto muito. Mesmo não o conhecendo bem..."

Agora já chegaram em frente do prédio de Niki.

"Puxa, não precisava ser assim. Droga. Que pena. Ainda bem que já voltei. Vou para a casa dele."

Niki sorri.

"Claro. Chame quando quiser, se tiver vontade... Sério, quando quiser. Vou deixar o celular ligado."

Alessandro sorri para ela. Niki lhe dá um beijo ligeiro. E sai correndo. Em seguida para um instante e sorri.

“Ali atrás ficou a minha mala! Vou deixá-la... Depois eu pego com calma..."

"Claro. Quando quiser."

Alessandro espera que Niki entre pelo portão.

Uma pequena saudação de longe e Alessandro se afasta na noite.

Estão todos ali. Os amigos mais próximos, os mais verdadeiros, aqueles que conhecem todas as verdades de uma família, aqueles que assistiram em silêncio às pequenas e às grandes dores, ou que então festejaram fazendo baderna, cumprimentando-se nas grandes e pequenas alegrias da vida. Essa é a amizade. Saber dosar o barulho da própria existência. Assim que o vê, Alessandro se aproxima dele e lhe dá um forte abraço. Forte. Muito grande.

Os instantes mais diversos de uma mesma vida cada um os recorda à sua maneira.

"Droga, sinto muito, Flavio..."

Olham-se nos olhos e não sabem bem o que dizer. Aquelas ocasiões que inevitavelmente nos levam ao silêncio. Estar ali, estar presente, querer dizer tantas coisas, mas não conseguir. E assim se liquida tudo com um tapinha nas costas, com um abraço sentido, com uma frase que lhe parece boba, mas foi tudo o que você encontrou. E lhe parece a melhor, a mais verdadeira, a mais sincera. E não o é. Ou talvez o seja. Quem sabe... é que você está com um nó na garganta. E você já sabe que, se disser mais alguma coisa, vai chorar. Você está com os olhos brilhantes.

E percebe que alguns são mais fortes do que você. E não choram. Parecem serenos, como se não tivesse aconlecido nada. Conseguem viver bem com as suas dores. Ou talvez, você pensa, não estão nem aí. Mas que tipos são? Como aqueles dois, por exemplo, talvez sejam primos dele... estão ali no fundo da sala e conversam o tempo todo e riem e são também um pouco barulhentos. Parece que o fato de ter falecido alguém é a única ocasião para rever-se. Ou talvez o jeito deles seja só uma forma esperta de dissimular. Não se poder permitir o luxo de não estar bem, de sofrer abertamente, de poder chorar livremente, sem vergonha. Aquela estranha taxa que às vezes o caráter nos obriga a pagar, afastando-nos da beleza dos sentimentos.

Alessandro, Pietro e Enrico fazem companhia para Flavio durante toda a noite, e cada um à sua maneira renuncia a alguma coisa para ficar perto dele. Todos os três o fazem com prazer e não lamentam o que perderam.

Noite de palavras. Noite de lembranças. Noite de confidencias. Antigas histórias divertidas. Velhas histórias que só a dor às vezes com o seu sopro faz retornar à luz. Episódios passados, escondidos, perdidos, mas, no fundo, nunca abandonados.

Sabem de uma coisa, pessoal... Flavio bebe um pouco de seu uísque e olha para eles- Ninguém responde. Não há necessidade. Flavio recomeça a falar.

"Você acaba pensando nas coisas que não disse a ele. Nas ocasiões em que você o desiludiu. Naquelas coisas que deveria ter dito a ele naquele dia e que gostaria de dizer a ele agora. Corre: ali diante da casa dele. Tocar o interfone. Fazer que ele se debruce. Papai... esqueci de contar uma coisa... lembra daquela vez que fomos até... bem."

Flavio olha novamente os seus amigos. "Isto machuca. Talvez seja uma bobagem... mas você gostaria tanto de poder contar a ele."

Alguns dias depois. O funeral. Flores. Frases. Silêncio. Pessoas perdidas há tanto tempo surgem de repente. Como algumas lembranças. E depois cumprimentos. Apertos de mãos. Comoções. Todos vão cumprimentar Flavio com afeto. Alguns trazem flores. Outros chegam de

um passado longínquo e vão desaparecer novamente pari sempre, mas não queriam faltar a esse último encontro. Em seguida o túmulo. Um último adeus. Um último pensamento. Depois, mais nada. Fuuuu. Uma bexiga pesada que, porém, se afasta para o céu. Silêncio. Sempre mais longe.

Então, com dificuldade começa a chiar. É como se a grande máquina começasse a funcionar. Rumores fatigosos, correntes sem óleo, engrenagens que rangem, raspam. Mas parte Aí está... chuf, chuf! Como aquele trem longínquo, ali no horizonte, que retoma o seu caminho, a sua corrida, que aumenta de ritmo, bufa, novamente, sim, para as fronteiras longínquas, para os dias que serão... chuf, chuf... E bufa, bufa ainda. E não parar. Não parar. E todos, todos continuam a ir em frente. E cedo ou tarde conseguirão esquecer alguma coisa. Ou talvez não. E até nessa dúvida existe uma grande beleza.

Na semana seguinte, Alessandro, quer se dar um presente. É domingo de manhã quando o chama.

"Quem era hoje de manhã que telefonou?"

"Alex."

A mãe de Alessandro, Silvia, alcança seu marido Luigi na sala de estar e olha para ele preocupado.

"De domingo de manhã, a essa hora? E o que ele queria, o que disse..."

"Não sei. Disse: Papai, eu queria sair com você."

"Meu Deus, será que aconteceu alguma coisa?"

"É isto que me preocupa."

Luigi sorri para ela e dá de ombros.

"Bem, não sei... Ele disse: há alguma coisa que você gostaria de fazer comigo que nunca me falou?"

Silvia olha para o seu marido com ar surpreso.

"E não devia estar preocupada?"

Luigi veste o paletó. Depois sorri para ela.

"Não. Não deve ficar, quando voltar eu conto tudo." Em seguida ouve o interfone. Vai para a cozinha e atende. É Alessandro. "Já vou descer."

Silvia arruma melhor o paletó do marido.

"Como eu gostaria de estar ali com vocês."

Luigi sorri para ela.

"Você estará...", em seguida se beijam. Luigi sai e fecha a porta às suas costas.

Pouco tempo depois, está no carro com Alessandro.

"Então, papai... você pensou no que gostaria de fazer?"

O pai sorri para ele. "Sim. Fica na estrada para Bracciano."

Daí a pouco, o Mercedes de Alessandro está estacionado sob o sol quente do meio-dia.

"Então, não acelerem demais. Sigam as curvas e não brequem, pois perde-se facilmente o controle. Cuidado e... mantenham acelerado nas curvas."

Alessandro olha para o pai. Está ao seu lado, com um capacete vermelho. É engraçado. Sorri divertido como a mais feliz das crianças, naquele kart poderoso.

"Você está pronto, papai?"

"Prontíssimo... quem perder em dez voltas paga, você está de acordo?"

Alessandro sorri. "Está bem."

Partem assim, improvisados Schumacher naquela estranha competição. Alessandro se deixa logo ultrapassar, mas não entrega os pontos. De vez em quando acelera, observa divertido para aquele homem de setenta anos que faz as curvas com a cabeça inclinada para o lado, ajudando-se dessa forma, segundo ele, com aquele estranho jogo de pesos.

Um pouco mais tarde.

"Ah... me diverti de verdade! Quanto você pagou, Alex?"

"Mas o que lhe importa, papai... paguei o que devia. Perdi."

Entram no carro. Alessandro dirige tranqüilo para casa. O pai de vez em quando o observa. Decide recuperar um pouco de seu papel.

"Está tudo bem, Alex, não é?"

"Tudo bem, papai."

"Certeza?"

"Certeza."

O pai relaxa. "Bem. Estou contente..."

Alessandro olha para o pai. Depois novamente para a estrada. E volta a olhar para ele. "Sabe, papai, estou bem feliz que passamos juntos este dia... Claro que pensei que você quisesse fazer alguma coisa diferente..."

O pai sorri.

"Talvez porque um filho sempre espera algo mais de seu pai..."

Permanecem um pouco em silêncio. Em seguida Luigi começa a falar em tom tranqüilo. Sabe, refleti longamente sobre o que eu podia inventar. Depois disse para mim mesmo: qualquer coisa que eu disser não estará boa para ele, isto é...", volta-se e sorrir para Alessandro, "... nunca será algo à altura das expectativas dele a meu respeito... E assim, por fim, pensei que era melhor dizer a simples verdade. Pensei que você me apreciaria justamente por isto e que não o decepcionaria..."

Alessandro olha para ele e sorri por sua vez.

"E essa era uma coisa que eu sempre sonhei fazer... desde que era jovem eu queria correr de kart... nunca consegui..."

"Hoje conseguiu..."

"Pois é..." O pai olha para ele levemente distraído. "Você me deixou ganhar."

"Não, papai. Você corria mesmo. Numa curva até derrapou."

"Sim, mas não tirei o pé do acelerador, pelo contrário, acelerei mais, senão eu perdia o controle. Foi uma boa corrida de verdade."

"Sim. Muito boa."

Chegando diante do prédio dos pais, Alessandro para.

"Chegamos..."

O pai olha para ele.

"Quando sobre uma tela eu coloco o verde, não quer dizer que seja capim, quando coloco azul, não quer dizer que seja um céu..."

Alessandro olha para ele surpreso. Não compreende.

"É de Henri Matisse. Eu sei que não tem nada a ver, mas gostei muito quando li."

Luigi desce do carro e se inclina para despedir-se.

"Sabe, Alex, não sei se um dia você vai se lembrar de mim por essa frase, que não é minha, ou por aquela derrapada na curva... Não sei o que é pior..."

"Seria pior se eu não me lembrasse de você."

"Ah, isso sem dúvida... seria pior para mim, significaria que não fiz nada certo..."

“Papai...”

"Tem razão... Vamos deixar as coisas como estão. No fundo, consegui derrotar o meu filho aos setenta anos. Aliás, sua mãe vai me fazer um monte de perguntas. Eu já sei, aquilo que ela mais vai querer saber é como estão as coisas com Elena, se ela voltou para casa."

Alessandro sorri. "Então diga a ela que você ganhou a corrida de kart... E que eu estou feliz."

E assim passam os dias. Dias de estudos. Dias de trabalho. Dias de amor. Dias importantes. Alessandro está reunido com toda a sua equipe.

"Então, as propostas de vocês são boas, ótimas... mas ainda falta alguma coisa. Não sei o que, mas falta..." Em seguida olha ao redor. "Mas onde está Andréa Soldini?"

"Ah, esse certamente é o que faz falta!"

Dario abre os braços, enquanto Michela, Giorgia e os outros da equipe riem. Bem naquele minuto, entra Andréa Soldini esbaforido.

"Desci um instante, desculpem, eu tinha que enviar um pacote..." Alessandro olha para ele. "Mas por que? Tínhamos de enviar agora algumas provas novas?"

"Não." Andréa Soldini fica levemente embaraçado. "Era uma coisa pessoal."

Alessandro suspira.

"Por favor, falta só uma semana. As provas que iremos fazer, se fizermos, serão enviadas por e-mail só depois de aprovadas... Eu quero imersão total de todos vocês até o próximo domingo, quase sem respirar, sem comer, sem dormir."

Dario levanta a mão. "Trepar, pensando na idéia, pode?"

"Se depois você tiver a idéia, sim!"

"Que nada, esse aí não pensa duas vezes... Vai e pronto..."

Todos riem. Uma das garotas enrubesce. Alessandro põe ordem na reunião.

"Por favor, chega! Força, vamos trabalhar... então, onde estávamos?"

Bem naquele instante toca o seu Motorola.

"Desculpem um instante."

Alessandro se aproxima da janela.

"Alô."

"Parabéns pra você, parabéns pra você, parabéns pro Alex... Você pensou que eu havia esquecido, não é?"

Alex olha para o relógio. É verdade. Hoje é 11 de junho. É o meu aniversário.

"Niki, você não vai acreditar. Quem esqueceu fui eu."

"Bem, vou consertar tudo para os dois. Reservei um lugar fantástico, você é meu

convidado. Consegue me pegar às nove?"

Alessandro suspira. Na verdade gostaria muito de trabalhar. Ou melhor, deveria. De repente vê Lugano bem mais próxima.

"O.k. Mas eu não consigo antes das nove e meia."

"Combinado... bom trabalho então... e até mais tarde."

Alessandro desliga o celular. Em seguida vira-se. Todo o pessoal da equipe colocou na cabeça chapeuzinhos coloridos e na mesa há uma grande travessa cheia de doces deliciosos. Uma embalagem de Mondi há pouco descartada está ali perto.

"Parabéns, chefe! Até nós, com esse diabo de LaLuna, estávamos esquecendo!"

Andréa Soldini tem uma garrafa nas mãos.

"Eu desci para isso... deixei aqui fora... cedo ou tarde você ia se distrair!"

Alessandro sorri embaraçado.

"Obrigado, pessoal, obrigado."

Dario, Giorgia e Michela se aproximam com um embrulho nas mãos. "Parabéns, boss.."

"Mas não deviam..."

"Sabemos, mas desse jeito esperamos um pequeno aumento."

"É de todos nós..." Alessandro abre. Em suas mãos, um belíssimo leitor de MP3 e um CD, Moon, onde está escrito "Parabéns... assim não saímos do tema! A sua preciosa equipe!"

Andréa Soldini abre a garrafa e começa a servir o champanhe nos copos de plástico que Dario lhe passa.

"Vamos, peguem os copos, passem..." Finalmente todos têm um. Então Alessandro ergue o seu. De repente se faz silêncio na sala. Alessandro limpa a garganta.

"Bem, eu fico contente que vocês tenham se lembrado! Gostei muito do presente, a idéia do CD foi muito divertida... E, quando querem... vejo que são criativos, as idéias vocês encontram! Assim, espero que encontrem logo uma que nos permita ter a nossa esperada, sofrida e merecida vitória!"

Em seguida ergue a taça.

"A todos nós, conquistadores de LaLuna!"

Todos o acompanham sorrindo ao som de parabéns chefe, parabéns Alex. Parabéns... Alessandro sorri tocando com o seu copo de plástico quase todos os outros. Depois bebe um gole. Mas pequeno. Não quer exagerar. E, sobretudo, bem que gostaria que, logo no dia de seu aniversário, encontrassem aquela bendita idéia para os japoneses.

Durante a tarde toda a equipe trabalha com empenho, sob o som do CD. Cada um traz uma proposta, uma sugestão, uma idéia antiga. Andréa Soldini descobriu uma velha propaganda publicada num jornal, muito tempo atrás.

"Veja, Alex, esta não é ruim...", e coloca a revista na mesa diante dele.

Alessandro se inclina para a frente para ver melhor. Andréa Soldini aproveita para colocar alguma coisa no bolso de Alex. Alessandro não percebe e continua olhando aquele velho anúncio. Em seguida sacode a cabeça.

"Não... não serve, está superada. Esta estática."

Andréa Soldini dá de ombros.

"Pena, bem, eu tentei..." E se afasta.

Em seguida sem se deixar ver, ele sorri. Talvez, no que diz respeito à propaganda, aquela proposta não tenha dado certo. Mas, no que diz respeito ao resto... conseguiu perfeitamente.

_____100_____

São 20h30. Alessandro entra acabado no elevador de casa. Olha-se no espelho. Vê perfeitamente todo o cansaço do dia. Especialmente o estresse de não ter ainda encontrado a idéia vencedora. As portas do elevador se abrem. Alessandro enfia a mão no bolso do paletó. Pega as chaves. É suficiente abrir um pouco a porta de entrada para despertar de repente daquele cansaço.

Ei, mas o que está acontecendo? Quem entrou?

Na sala inteira estão espalhadas pequenas velas perfumadas, acesas. As chamas dançam movidas por uma brisa leve. Uma música suave se difunde pela casa toda. Um perfume de cedro a torna particularmente limpa e fresca. No meio da sala, no chão, duas enormes e baixas vasilhas de cerâmica clara estão repletas de pétalas de flores. E exalam um perfume ainda mais forte, inebriante.

Alessandro não sabe o que pensar. Só uma pessoa tem as chaves da casa. E nunca as devolveu. Elena. Mas, bem naquele instante, aquela dúvida, aquele medo, aquela estranha preocupação, é de repente afastada. Uma doce música japonesa de sons antigos, ancestrais, aqueles ritmos secos, impossíveis de serem confundidos. Da penumbra do dormitório ela surge. Um quimono branco com pequenos desenhos em prata delicados como o cinto que lhe prende a cintura. Pequena sadália de dedo nos pés e aquele passo curto, ritmado, típico das verdadeiras mulheres japonesas. Mãos juntas diante do peito. Cabelos presos. Só uma pequena mecha castanha, delicada, escapou daquela estranha captura.

"Aqui estou, meu senhor...", e sorri. Alessandro tem diante de si a mais linda gueixa que jamais existiu. Niki.

"Mas como você conseguiu?"

"Não pergunte, meu senhor, cada desejo seu é uma ordem."

E tira o paletó dele, dobrando-o com cuidado sobre a poltrona da sala. Depois o acomoda, tira-lhe os sapatos, as meias, as calças, a camisa.

"Não, quero saber como você conseguiu..."

"Um escravo seu, senhor, tornou isto possível..."

Niki obriga Alessandro a vestir um quimono preto, macio.

"E me pediu para lhe entregar isto..."

Niki entrega a Alessandro um bilhete. Alessandro o abre.

"Caro Alex, tirei as suas chaves do bolso do seu paletó e as entreguei para Niki. Ela tirou uma cópia e as devolveu. Como pode ver, estão novamente no seu bolso. Penso que, às vezes,

uma bela noitada vale o risco. P. S. O champanhe sou eu que ofereço. Todo o resto... não. Espero que não me despeça. Se não for assim, bem, talvez arrisquei demais, mas espero que tenha valido a pena... Andréa Soldini."

Alessandro guarda o bilhete. Bem naquele instante ouve uma garrafa sendo aberta atrás dele. Niki está servindo o champanhe em duas taças. Passa uma para Alessandro.

"Ao amor que deseja, meu senhor, e ao seu sorriso mais bonito, que espero seja sempre por mérito meu."

Em seguida tocam as duas taças. Um ligeiro som de cristal se propaga pela sala, enquanto Alessandro bebe o champanhe frio, gelado, ótimo, seco. Como a mão de Niki que logo depois o guia para o banho. Tira o quimono dele e o ajuda a entrar na banheira que deixou antecipadamente preparada.

"Relaxe, amor...", e Alessandro mergulha na água quente, mas não demais.

Temperatura perfeita. Na borda da banheira foram colocadas pequenas vasilhas, algumas com velas de sândalo. No fundo, pequenos cristais de sais azuis estão se dissolvendo. E surge lentamente, perfumando a água, uma leve espuma. Alessandro se deixa escorregar, mergulha a cabeça, fecha os olhos. Naquele silêncio. A música ao longe chega suave na água. Tudo atenuado. Tudo tranqüilo. Estou sonhando, pensa. E relaxa totalmente. Até os seus cabelos ondeiam, deixando-se ninar por aquela calma aquática. Pouco depois, alguma coisa lisa roça as suas pernas. Alessandro se ergue, surge, sopra um pouco de água. E em seguida a vê.

Niki.

Como uma pequena pantera. Desliza sobre ele completamente nua. Apoia uma perna, depois a outra, depois as dobra. Em seguida um braço e o outro, e se aproxima assim, ainda seca, naquela água feita de pequenas bolhas perfumadas. Com a boca aberta, faminta de amor, desliza sobre ele, sobre seu corpo. E depois ainda mais, mergulhando. Agora só os seus ombros e os cabelos molhados que se abrem perdidos naquela água, como um polvo assustado abre de repente os seus tentáculos, como um fogo de artifício que explode no céu da noite. E depois ressurge molhada, com a água que desliza pelo rosto, pelo pescoço, sobre o seio. E o beija. E outro beijo. E mais um. Duas bocas perdidas que deslizam, que se encontram, que não param, que se amam.

E depois novamente para baixo, sem pudor, como uma gueixa perfeita que encontra no prazer de seu homem a sua única felicidade. Até o fim. Até colorir aquela água azul e perfumada com uma possível vida.

Um pouco depois. Niki dá um banho de chuveiro em Alessandro e depois o enxuga com uma toalha grande. Em seguida o deita na cama. Monta nua em suas costas e, de uma garrafinha mantida imersa até aquele instante numa panela de água quente, começa a lhe derramar um pouco de óleo aquecido.

"Ai, ai... está quente!"

"Agora vai esfriar..."

E com as suas mãos fortes, de jogadora de vôlei, a campeã Niki bate naqueles músculos, soltando, relaxando, obrigando-os ao abandono. Em seguida se estende sobre ele e esfrega com o seio os seus ombros. E mais para baixo, pelas costas, até massagear as lombares, e as

pernas, e em seguida novamente para cima. Soltando os dorsais, o pescoço, o trapézio. E novamente para baixo. Como um sabonete firme, macio, enlouquecido que corre para cima e para baixo... e não para.

"Chama-se *body massage*."

Alessandro quase não consegue falar.

"A-meu-ver-vo-cê não freqüenta a academia Mamiani!"

Riem e depois fazem amor novamente, e Alessandro adormece. Depois acorda. E não acredita no que vê.

"Niki, mas o que você está aprontando?"

Niki está deitada ao lado. E sorri divertida.

"Preparei o jantar!"

Mas numa mesa toda particular. Dispôs o melhor sushi e sashimi em cima daquele estranho e macio prato. O seu ventre. No fundo tem uma pequena cumbuca.

"Ali tem o molho de soja... cuidado para não derramar porque deve queimar bastante!"

E riem, enquanto Niki lhe passa os pauzinhos dentro de um pequeno envelope de papel. Alessandro não acredita em seus olhos.

"Você está louca..."

"Por você!"

Alessandro retira os pauzinhos e os separa.

"E você não vai comer?"

"Depois, meu senhor..."

Alessandro olha para o sushi e depois para o sashimi. Não sabe por onde começar. Tudo parece ótimo.

"Oh... Mas mexa-se, Alex, que eu estou com fome!"

Alessandro sacode a cabeça.

"Você é um maravilhoso exemplar de gueixa."

E começa a comer como um perfeito Alex-san. Experimenta tudo, de vez em quando coloca um pouco na boca de Niki, que sorri divertida. Morde de maneira maliciosa, arrancando pedaços de sushi daqueles pequenos pauzinhos. Em seguida, Niki se levanta e serve uma ótima cerveja Sapporo em dois copos.

"Hummm... é ótima. Você fez tudo realmente perfeito, Niki! Não poderia desejar nada melhor, sério, foi tudo ótimo."

Niki inclina a cabeça para o lado. "Sério?"

"Sério."

"Quer dizer que vai perdoar o Andréa Soldini?"

"Vou promovê-lo."

Niki ri. Depois o pega pela mão.

"Venha." E acabam seminus na sala.

"Aqui está, pegue." Niki lhe passa um bilhete.

Alessandro o abre.

"Eu queria que este fosse o melhor aniversário da sua vida. Mas também gostaria que fosse o menos bonito de todos aqueles que ainda festejaremos juntos. E gostaria de não ter perdido todo esse tempo. E gostaria de não perder mais. E queria que festejássemos cada dia, como se fosse o nosso 'desaniversário', como naquele conto de fadas. Eu gostaria de continuar a viver esse sonho com você sem nunca acordar. Parabéns, amor."

Alessandro dobra o bilhete. Está com os olhos brilhantes. Lindo. Lindíssimo. Olha para ela.

"Diga que é verdade, que não estou sonhando. E especialmente diga que nunca mais vai atropelar o carro de um outro qualquer..."

Niki começa a rir, depois pega Alessandro pelos ombros e o guia docemente.

"Venha... É para você..."

Um pacote enorme, todo embrulhado, está escondido no canto da sala.

"Mas como você conseguiu?"

"Nem pergunte. Minhas costas estão em pedaços... Vamos, abra!"

Alessandro começa a rasgar o papel.

"Bem, sabe de uma coisa... os seus vizinhos me ajudaram!"

"Não posso acreditar! Se você conseguiu a ajuda daquele que costumeiramente me denuncia e chama a polícia para a minha casa, você deve ter estranhos poderes..."

Alessandro termina de desembrulhar o pacote e, quando vê o presente, fica sem palavras.

"O mar e o rochedo... a escultura que estava em Fregene, lá no Mastino."

"Pois é, você gostou tanto... que eu comprei."

"Amor, mas como é que você conseguiu, é um presente maravilhoso! Mas é demais. Quem sabe quanto lhe custou..."

"Mas não se preocupe, mais do que um criativo, você está parecendo um contador! O que tem a ver? É lindo dar um presente sem pensar em quanto vai custar... claro, nesse verão vou ter de trabalhar no Mastino como salva-vidas, ou como garçonete, ou então diretamente como espreguiçadeira... mas isto não é nada em comparação com a satisfação de vê-lo na sua sala. Não tem preço..."

Alessandro olha para a escultura, perplexo. Niki percebe.

"O que foi, não lhe agrada? Você pode colocá-la no banheiro ou na cozinha, ou fora no terraço, ou jogá--la... o presente é seu, viu... pode fazer o que quiser dela! Não estou querendo decorar a sua casa, hein!"

"Quieta, quieta, eu só estava pensando. É a coisa mais linda que já ganhei. Você não sabe, mas pensei várias vezes nela... mas achei que Mastino nunca iria cedê-la."

"Eu também, aliás, na dúvida se ele a daria ou não para mim, peguei isso também para você...", e Niki lhe oferece mais um pacote. "Tome... de qualquer maneira, era para hoje."

"Mas Niki, é demais! Você podia ter guardado para outra ocasião!"

"Ora, vamos... contador dos sentimentos, para outra ocasião haverá outro pensamento! Abra logo sem fazer tantas histórias."

Alessandro desembrulha. "Uma digital! Mas é lindíssima!"

"Assim, da próxima vez que formos ao Euro Disney, não teremos problemas!"

Niki sorri.

"E, além disso, lhe parece normal que um supercriativo como você é... tenha de tudo e lhe falte uma máquina fotográfica? Ela pode servir sempre. Quem sabe você vê alguma coisa, tem uma idéia e então aperta o botão, bate a foto... e clic, é sua."

Alessandra sorri.

"Fique ali, ao lado da escultura. Quero inaugurá-la já.

" Niki esconde-se ali atrás e em seguida surge um pouco tímida, cobrindo a sua nudez.

"Eu faço só para você. Tenho muita vergonha, eu... e ande logo senão eu mudo de idéia."

Alessandro então a enquadra. É linda na penumbra da sala, abraçada àquela escultura branca.

"Feito. Olhe."

Alessandra se aproxima de Niki e mostra a foto.

"Poderia ser um quadro. Já tem um nome. O mar, o rochedo... e o amor" Em seguida se beijam.

"A que horas você tem que voltar para casa?"

"Não preciso voltar. Eu disse em casa que ia estudar na Olly e que dormiria lá."

Alessandra sorri.

"Veja... às vezes vale a pena estudar..."

Mais tarde. Noite. Noite funda. Luzes apagadas. Uma brisa leve que chega de longe, do mar. A lua cheia ilumina o terraço. As cortinas dançam levemente. Na penumbra do quarto, Alessandro está acordado. Observa Niki enquanto dorme. Veste a sua camisola celeste.

Que estranha a vida... estou aqui, festejei os meus trinta e sete anos com uma garota que acabou de completar dezoito anos. Eu estava para casar. E de repente, sem nenhuma razão, fiquei só. Hoje Elena nem lembrou de me dar os parabéns, nem uma mensagem, um telefonema. Ou então decidiu conscientemente.

Mas por quê? Por que eu quero justificá-la? Parece-me ter uma vida tão incerta, desajustada, com o risco, aliás, quase a certeza, de ter problemas no trabalho e ir parar em Lugano... entretanto, neste instante eu estou feliz.

Alessandro olha melhor para ela. A minha felicidade depende dela. De você... mas quem é você? Podemos realmente viver um conto de fadas? Mas não será mais fácil que você acabe se cansando de tudo isto? Você ainda tem tantas coisas para fazer, coisas que eu já fiz.

Quem sabe vai encontrar alguém mais divertido do que eu. Mais jovem. Mais simplesmente estúpido. Alguém que possa fazer que você se sinta da sua idade, mais você mesma, alguém que ainda tenha vontade de ir em discoteca e ficar até as quatro da manhã, falando de coisas inúteis, bobas mas leves, bonitas, coisas que não têm um fim, que não servem para nada, que não devem necessariamente ter um significado, mas que fazem rir... E fazem a gente se sentir bem. Como me fazem falta as coisas bobas.

De repente Niki se agita. Como se ouvisse esses pensamentos. Vira-se de costas e, apesar de ainda estar dormindo, levanta as pernas e as dobra. Uma posição engraçada, estranha, imperfeita. E, naquele mesmo instante, Alessandro a vê. Nítida. Clara. Perfeita. Essa é a idéia.

Desce rapidamente da cama, pega a digital que Niki lhe deu de presente. Abre devagar as venezianas. E, iluminada pela Lua, rouba para si aquela imagem. Clic. E depois espera. E Niki se vira depois de algum tempo. E novamente clic, outro disparo. E depois mais espera. E silêncio. E noite. E mais clic, clic. E depois de outra meia hora novo clic. Foto. Uma depois da outra, rouba aquelas imagens. Rapta-as. Torna-as suas. Aprisiona-as naquela máquina fadada. Em seguida vai para o computador, as descarrega, e salva. Pouco depois, clica em cima daqueles ícones recém-criados, ainda frescos de criatividade. E trabalha com o Photoshop. E clareia e colore e modifica. Até o céu fora da janela começa a clarear. É o alvorecer. Alessandro continua trabalhando. Depois vai para a cozinha e prepara um café. Volta para o computador e continua trabalhando. Quando termina, são quase nove horas.

"Amor, acorde..."

Niki se vira na cama. Alessandro está ali ao lado. Sorri para ela quando abre os olhos.

"Mas que horas são?"

"Nove horas. Trouxe o café da manhã."

Sobre o criado mudo ao lado há um café com leite ainda fumegante, um iogurte, suco de

laranja e croissants.

"Até croissantsl Mas então você já saiu... há quanto tempo está acordado?"

"Eu não dormi!"

"O quê?" Niki se levanta. "O que foi, passou mal? O sashimi não estava bom?"

"Não, tudo estava ótimo e você é lindíssima. Além do mais você foi perfeita."

Niki morde um croissant.

"Você também..."

"Não, você foi mais..."

"Bem...", bebe um pouco de suco de laranja, "digamos que a gueixa nesse caso tem o domínio da situação na mão... e garanto que não é uma vulgaridade..."

"Eu sei. É que você foi perfeita enquanto dormia."

"Por que, o que eu fiz?"

"Você me inspirou. Venha..."

Niki termina de beber o suco e desce da cama. Segue Alessandro na sala. E quando chega lá, não consegue acreditar. Penduradas na parede estão três grandes fotos suas, dormindo em posições bem estranhas.

"Puxa... mas o que aconteceu?"

Alessandro sorri.

"Nada, é você dormindo..."

"Estou vendo, mas eu devia estar tendo pesadelos. Deve ter sido o sushi ou o sashimi... olhe só... estou me contorcendo inteira, sabe lá o que eu sonhava..."

"Não sei. Mas você me fez sonhar. Tive a idéia."
Alessandro se aproxima da primeira foto, em que Niki está com as pernas encolhidas.

"Pois é, tem uma jovem que dorme de maneira estranha, que sonha mal..."

Alessandro se volta para a segunda foto. Nessa Niki está toda torta, um braço está caído da cama e toca o chão.

"Ela tem pesadelos..."

Alessandro passa para a terceira foto. Niki está de bruços com o bumbum erguido e os lençóis todos repuxados.

"Aliás, ela tem pesadelos terríveis..."

"Nossa mãe, mas aqui eu estava bem mal mesmo!"

Em seguida, Alessandro para diante da quarta e última foto. Está virada contra a parede.

"E aqui está a idéia!"

Vira a foto. Niki agora dorme tranqüilamente. Tem uma expressão serena, beata, com as mãos em volta do travesseiro e um sorriso leve, quase um leve bico de satisfação. É lindíssima.

E acima dela está um pacote das balas com um enorme slogan: "Com LaLuna... você sonha!"

Alessandro olha para ela feliz.

"Então? Gostou? Para mim é lindíssimo, aliás, você e LaLuna são lindas juntas!"

Niki olha novamente a seqüência de fotos. "Sim, genial! Parabéns, meu amor!"

Alessandro não cabe em si de alegria. Abraça Niki e a levanta, a cobre de beijos.

"Como estou feliz... por favor, diga que você será o meu modelo... a garota dos jasmins se torna a garota das balas... eu lhe peço, diga que você vai estar nesses anúncios."

"Mas, quem sabe... não vão me querer, Alex..."

"O quê? Você é perfeita, será a nova Vênus das balas, a Mona Lisa doce! Você estará em todos os anúncios do mundo, todos a verão, será conhecida nas terras mais longínquas, e será famosa nos cantos mais afastados. Isto é, se voltarmos para o Euro Disney, serão o Mickey e os outros a querer o seu autógrafo!"

"Mas, Alex..."

"Por favor, diga que sim."

"Sim."

"O.k., obrigado."

Alessandro corre para as fotos, retira uma após outra, junta-as, bate sobre a mesa para deixá-las em ordem e as coloca numa pasta.

"O.k... Vamos? Você vai se arrumar? Vamos, assim eu a levo e depois vou logo para o escritório."

"Mas não se preocupe, estou motorizada."

"Tem certeza? Então posso ir?"

"Sim, vá, eu faço as coisas com calma e depois saio..."

"Com calma? Aqui você pode fazer o que quiser, fique quanto quiser, volte para a cama, termine o seu desjejum... tome um banho, uma ducha, assista à televisão... porém eu vou sair, viu..."

Alessandro pega a pasta, veste o paletó e vai em direção da porta. De repente para e volta para trás. Niki ficou parada estática no meio da sala. Alessandro lhe dá um beijo demorado nos lábios.

"Desculpe, meu amor, não sei onde estou com a cabeça...", afasta-se e dá um longo suspiro, "obrigado, Niki... você me salvou uma segunda vez."

E sai correndo da sala.

"Leonardo está?"

"No escritório, mas está ao telefone..."

Alessandro não espera um segundo e entra na sala de Leonardo sem nem mesmo bater.

"Você está preparado? Achei. Está aqui dentro."

Alessandro aponta para a pasta. Leonardo olha incrédulo para Alessandro e todo o seu entusiasmo.

"Desculpe, amor, mas acabou de entrar um louco e preciso desligar... eu chamo depois."

Leonardo desliga o telefone.

"O que está acontecendo? O que você tem aí dentro?"

"Isto."

Alessandro abre a pasta e deposita sobre a mesa, uma depois da outra, em seqüência, as três fotos. Niki, que dorme nas formas mais estranhas. De bruços, mas encolhida com um braço no chão e o bumbum para cima. Em seguida para. Espera um instante. Captura assim mais ainda a atenção de Leonardo, que agora olha para ele curioso, atento, com os sentidos alerta. Como um sabujo que apontou a sua presa...

"Está pronto? Lá vai!"

E coloca sobre a mesa a última foto. Niki que dorme tranqüila com as balas acima dela e o slogan

"Com LaLuna... você sonha!"

Leonardo olha para ele. Permanece em silêncio. Depois toca a foto com delicadeza. Quase preocupado em estragá-la. Levanta-se, dá a volta na mesa, vai em direção de Alessandro. Abraça-o.

"Eu sabia, eu sabia... só você podia conseguir. Você é o maior, é grande."

Alessandro se libera logo do abraço.

"Espere, Leonardo, espere para festejar. Qual é a última data para a entrega?"

"Amanhã."

"Vamos mandá-las logo. Vamos tentar, ver o que dizem..."

Leonardo pensa um pouco, em seguida decide e sorri.

"Mas claro, você está certo, é inútil esperar. Vamos, em frente."

Correm os dois para a sala onde estão os computadores para a gráfica e passam logo uma memória USB para uma assistente.

"Giulia, salve as fotos que estão aqui dentro!"

A jovem realiza logo o serviço que lhe foi pedido.

"Pronto, assim. Agora insira como anexo as quatro fotos no e-mail para o Japão e me deixe escrever o texto, por favor."

Alessandro senta-se no lugar de Giulia e escreve rapidamente em inglês. E tecla enviar. Leonardo olha para ele perplexo.

"Alex, mas não será muito ousado escrever uma coisa desse tipo para o diretor de marketing deles?"

"Ele me pareceu um homem com senso de humor... e, no fundo, escrever que na Itália começamos a sonhar não é ruim. De qualquer maneira, Leonardo, o único problema verdadeiro é se vai gostar ou não..."

Permanecem assim, diante do computador, aguardando a resposta. Alessandro >e levanta e fica perto de Leo.

"Pois é, estou imaginando."

Alessandro fecha os olhos.

"Descarregou agora os e-mails. Está abrindo os files... Agora está imprimindo as fo-:os... Deixa secar."

Alessandro abre os olhos e olha para Leonardo. Depois olha para cima e imagina.

"Agora está levando as fotos para a sala de reuniões, fixa-as sobre painéis, então pega o telefone, convoca toda a comissão..."

Leonardo olha para o relógio.

"Pronto, agora entraram. Alguns sentam. Olham. Alguém se levanta, quer ver de perto. Em seguida chega o diretor. Quer vê-las bem de perto. Dá a volta na mesa, vai até o painel, olha a primeira, a segunda, a terceira, para diante da última.

Demoradamente. Mais um pouco.

Depois se vira para os outros... esse é o momento decisivo. Agora ou sorri ou sacode a cabeça... pronto, já decidiram. Agora o diretor está encarregando alguém de responder ao nosso e-mail... Pronto, devia estar chegando agora..."

Alessandro e Leonardo se aproximam novamente do computador. Clicam enviar/receber. Ainda nenhuma mensagem. Nada.

"O diretor está indeciso. Ainda deve estar pensando..."

Leonardo intervém.

"Ou então disse alguma coisa. Quem sabe querem uma legenda diferente..."

"Pode ser. Mas esperar demais não é um bom sinal."

"Depende. Nenhuma notícia, boa notícia..."

E justo naquele instante aparece o aviso.

"Chegou uma mensagem nova."

Alessandro senta-se no computador. Clica na tela fazendo desaparecer o aviso. Embaixo, à direita, o servidor está recebendo o arquivo. Alessandro espera. Em seguida abre. No alto da lista da caixa de entrada, está ali o e-mail do Japão. Alessandro se vira para Leonardo. Olha para ele. Leonardo faz sinal com a cabeça.

"O que está esperando... vamos, abra."

Alessandro movimenta o mouse e abre o e-mail.

"*Incredible. We're dreaming too*..." Incrível. Também estamos sonhando.

Alessandro não crê no que está lendo. Dá um grito de alegria. Afasta-se do computador, começa a dar pulos de alegria, em seguida abraça Leonardo. Juntos continuam a dançar, arrastando também Giulia, que dança com eles, feliz, até por solidariedade e dever natural. E justo naquele instante passam Giorgia, Michela, Daric e Andréa Soldini. Vêem os dois que pulam como doidos, que gritam de alegria. que dançam... Leonardo e Alessandro parecem enlouquecidos. Giulia, sem fôlego deixou-se cair sobre uma poltrona. Todos entram na sala. Mas Andréa Soldini é mais rápido e corre para Alessandro.

"É o que estou pensando? Diga que é o que eu estou pensando..."

Alessandro faz um sinal que sim com os olhos, com a cabeça, com tudo. "Sim Sim! Sim!"

"E viva!!!", e todos começam a dançar juntos. Andréa saltita sem sair do lugar faz uma espécie de estranha dança mexicana, uma comparação desbotada da dar.; final de Bruce Willis em O último *boy scout*. Em seguida vai dançar perto de Alessandro.

"Diga só uma coisa... você não ficou bravo por aquela garrafa de champanhe não é?"

"Bravo? Foi justamente o seu presente que nos fez ganhar!"

E continuam a dançar, assim, alegres, bagunceiros, cansados, descontrolados, finalmente relaxados, soltando toda aquela tensão acumulada em dias e dias ir trabalho.

Marcello, Alessia, o outro pessoal da equipe adversária, estão na porta. Ouviram os gritos. Alessia sorri. Entendeu tudo. Alessandro a vê de longe e pisca um olho para ela. Depois ergue o braço cerrando o punho, em sinal de vitória. Alessandro olha para Marcello, em seguida, sem nem mesmo perguntar, entra na sala e se aproxima de Alessandro: "Parabéns, de verdade... seguramente vocês foram ótimos... como sempre, aliás."

Alessandro para de dançar, dá um suspiro longo, tentando recuperar um pouco o fôlego.

"Garanto que pensei que dessa vez não ia conseguir."

"É verdade. Foi uma prova difícil."

"Não. Você não estava."

Olham-se por um instante. Em seguida se abraçam. Alessia se afasta e olha para ele.

"Poderei sempre chamá-lo de chefe?"

"Não. Continue a me chamar de Alex."

Marcello, ao ver aquela cena, afasta-se seguido do restante de sua equipe.

Alessandro explica a todos. Mostra as fotos. Dá algumas indicações para os próximos passos. Em seguida vai para o escritório e telefona para Niki.

"Olá! Passamos! Vencemos! Você é a modelo ideal, natural. Perfeita! Você é o símbolo do LaLuna... Aliás, não, você é LaLuna!"

Niki ri do outro lado da linha.

"Sério?"

"Sim... dançamos como loucos quando chegou a resposta do Japão. E já falei com o diretor, você vai ser a imagem da marca... no mundo inteiro."

Depois para um instante.

"Desde que você queira..."

"Claro que eu quero, amor."

Alessandro fica por um instante em silêncio.

"Obrigado, Niki. Sem você eu não teria conseguido."

"Ah, sim. Talvez tivesse demorado um pouco mais, mas teria conseguido."

Alessandro sorri.

"E você, o que está fazendo?"

"Nada, eu andei todo o tempo nua pela casa, e curti muito! Talvez os vizinhos até tenham me visto... mas sabe como é, agora já somos amigos. Nem chamaram a polícia. Depois eu voltei para a cama, ouvi música, adormeci, acordei... procurei você na cama, depois lembrei que estava no escritório. Então tomei uma ducha, fiz uma salada de frutas, comi um iogurte que ainda não estava vencido... e atendi ao telefone."

"Ah, bom..." Depois Alessandro pergunta, pensativo. "E você atendeu ao telefone?"

"Eu estava brincando... Mas só porque ninguém telefonou..."

"Boba... e não estudou nada?"

"Arre, você parece a minha mãe!"

"A partir de amanhã serei pior do que a sua mãe... Lembre que você tem o exame de maturidade, estarei colado na sua sombra, obrigando-a a estudar. Eu passei. Agora é a sua vez."

"Arre! Eu esperava mais alguma viagenzinha!"

"Depois do exame de maturidade..."

"Mas, depois do exame de maturidade, eu vou partir com as Ondas..."

"E quando volta?"

"Quando volto, volto... O que, não vai me esperar? Ei, essa vitória não vai mudar você, não vai ficar cheio de si com esse sucesso internacional, não é?"

"O sucesso não é nada se você não tem com quem o dividir."

"Certo, e você vai dividi-lo comigo... Agora, porém, eu vou para casa."

"E não vai me esperar?"

"Não, não posso. Você disse uma coisa tão linda que quero mantê-la comigo a noite toda..."

"Mas..."

"Não fale mais nada, senão vai estragá-la!" E desliga.

Alessandro fica olhando o celular. Niki e a sua mágica loucura.

Niki e a sua jovem beleza. Niki e a sua força.

Niki e a sua poesia. Niki e a sua liberdade.

Niki, a garota dos jasmins. Niki e LaLuna.

Lembra-se de alguma outra indicação para dar aos desenhistas e para toda a campanha publicitária a ser desenvolvida. Assim começa a dar alguns telefonemas de trabalho. Mas não há o que fazer. Nada acontece por acaso. E até o sucesso pode se tornar um problema.

Mais tarde. Alessandro olha para o relógio. São oito e trinta. Como o tempo voou... quando você está bem, quando você está feliz, passa num instante. Às vezes parece não querer passar. Bem, chega. Trabalhei demais. E, além disso, o mais importante está feito. Ganhamos e, principalmente, eu permaneço em Roma. Alessandro recolhe alguns papéis, coloca numa pasta e enfia na sua maleta. Em seguida sai do escritório, atravessa o corredor. Cumprimenta um colega que ainda está trabalhando.

"Tchau. Boa noite. Parabéns, Alex."

"Obrigado!"

Chama o elevador. Chega, entra, aperta o botão T. Mas, antes que a porta feche, uma mão a segura.

"Eu também estou saindo."

É Marcello. Entra no elevador e se coloca ao lado dele.

"Olá." Alessandro aperta o botão e as portas fecham.

"Então, parabéns, Alex... você conseguiu."

"Pois é. Não pensei."

"Oh, não sei se é verdade... você sempre me pareceu tão seguro... ou era o que você queria que eu acreditasse?"

Alessandro olha para ele. Claro... sempre permanecer tranqüilo, sereno, ter o controle da situação. Até mesmo quando você não está pisando num chão firme. Sorri para ele.

"Você decide, Marcello..."

"Era a resposta que eu esperava. Às vezes o trabalho é como um jogo de pôquer. Ou você tem uma boa mão ou finge que tem. O importante é saber blefar."

"Pois é, ou então estar servido desde o início e fingir que não tem nada na mão. Só que dessa vez eu tinha uma quadra."

"Sim, você teve sorte."

"Não, sinto muito, Marcello. A sorte é o nome que se dá ao sucesso dos outros. Eu mudei as cartas e ganhei o jogo. Não tive sorte, fui bom."

"Sabe, eu li uma frase muito bonita de Simon Bolívar: ‘A arte de vencer aprende-se com as derrotas'."

"E eu li uma de Churchill: 'O sucesso é a habilidade de passar de uma falência para outra sem perder o entusiasmo'. Você parece ainda jovem e bastante entu¬iasmado."

Marcello fica em silêncio. Então o olha e sorri.

"Você tem razão. Você foi bom e ganhou essa partida, quem sabe eu tenha ganhado outras. Irei para Lugano. E, além disso, Roma já me deu tudo o que eu podia obter. E aquilo que eu tinha aqui começava a me aborrecer."

Chegando ao térreo, as portas do elevador se abrem. Alessandro estende a mão à frente convidando o outro a sair primeiro.

"Que estranho, quando perco num jogo de futebol, eu sempre penso que são os outros que não correram o suficiente. O problema é que os outros pensam a mesma coisa de mim. Assim, ao final, a verdade é outra. 'Às vezes o vencedor é simplesmente o sonhador que nunca desistiu.' Jim Morrison. A gente se vê, Marcello."

Alessandro vai embora. Sorrindo, deixando-o assim, com aqueles seus anos a menos e uma derrota a mais.

Os dias seguintes são repletos de alegria. Aquela felicidade que é dada pelo equilíbrio, pelo fato de estar serenos, de não procurar mais nada além do que temos.

Alessandro e Niki estudam juntos, lêem livros, descansam, releem. Alessandro se encontra de repente novamente naquelas carteiras escolares e percebe que não lembra nada do que tanto estudou. Depois faz perguntas a ela e fica surpreso.

"Mas então quer dizer que você estudava de verdade quando dizia que ficava em casa..."

"Mas é claro! Eu também quero amadurecer..."

"Como eu?"

"Sim, que por pouco não cai da árvore..."

E rir e brincar e perder-se no sexo e reencontrar-se no amor. E sentados no sofá, ele trabalhando no computador, ela com a caneta marcadora. E jantares tranqüilos e música. Alessandro vai até o aparelho de som e coloca a balada número 1 em sol menor, op. 23, de Fréderic Chopin. Niki, por sua vez, tira o CD e coloca Beyoncé. Alessandro retorna do escritório e coloca novamente a sua música clássica. Niki também retorna e recoloca Beyoncé. Ao final, se encontram no aparelho de som para fazer as pazes.

"Então, Niki, sem brigas... Vamos fazer o seguinte. Vamos ouvir este." E coloca Transfiguration, de Henry Jackman.

"Ei, genial esse, Alex... Parece aquele que você escuta sempre... Bach, não é?"

E depois um DVD, um filme perdido, a que já assistiram, mas não juntos, e que de qualquer maneira agradou muito a ambos. *Gladiador*, *One nightstand*,[29] *Um lugar chamado Notting Hill, Encontros e desencontros, Encontro marcado*, e ainda *Taxi driver*, e em seguida *O último tango em Paris, Closer e Uma linda mulher.* Do lixo ao luxo. E não necessariamente na ordem certa.

E depois um coquetel engraçado, uma salada de frutas louca, uma salada inventada... uma alface escura, com milho, patê de fígado, pinhões, nozes, vinagre balsâmico. E outra mais louca ainda, com pedaços de laranjas sicilianas, uva-passa, erva-doce e carne desfiada. E um vinho frio ao lado, um sauvignon escolhido ao acaso e colocado no freezer uma hora antes, agora perfeito, como as horas do amor. E cada segundo que passa é um beijo que marca o tempo, é uma marca para lembrar que aquele último instante não foi perdido.

Estudar de noite, rever de dia com as amigas, enquanto ele está no escritório preparando o lançamento. E depois almoço no Pantheon, como dois jovens turistas curiosos de Roma, mas que não têm tempo para visitar museus, monumentos e igrejas falando inglês.

Mas não têm mais dúvidas a respeito daquela pergunta: "Desculpe, mas você me ama ou não?"

[29] Série da TV norte-americana não apresentada no Brasil. (N. T.)

"Agora tenho de estudar..."

"E eu trabalhar..." e riem... Como dizendo: Não sei... Mas eu topo.

Depois naquele dia.

Como um temporal de verão, como um furacão no fastio de Ostia. Como um alarme de domingo de manhã cedinho, como quando finalmente você dorme sem horário e alguém vem acordá-lo. Como aquele dia.

"Alex, mas onde você está?"

"Em casa."

"Você consegue passar no centro?"

"Não... estou atrasado, preciso entregar os últimos esboços dos anúncios."

"Então, de qualquer maneira você está ali, comigo..." Niki ri.

"Claro."

"Ei... estou achando você esquisito."

"É que estou atrasado "

"O.k., então vou encontrar as minhas amigas. Esta noite, porém, preciso ficar em casa porque é o aniversário da minha mãe."

"O.k., a gente se fala mais tarde."

Alessandro desliga o celular. Respira fundo. Um suspiro demorado. Que gostaria que não terminasse nunca, que o levasse para longe. Como aquela bexiga que fugiu da mão de um menino diante da igreja. Que sobe para o céu. Que procura tristezas. Em seguida vira-se para ela.

"Por que você veio até aqui?"

Elena está de pé no meio da sala. Está com os braços abaixados. Veste uma saia celeste-clara, como o paletó. Segura nas mãos uma bonita bolsa, último modelo. Louis Vuitton. Branca, com pequenas letras coloridas. Brinca com a alça passando por ela as suas pequenas unhas esmaltadas de branco-pálido. Está levemente queimada. Uma maquiagem suave ressalta o verde dos olhos e os cabelos, cortados talvez há pouco, lhe caem sobre os ombros.

"Você não tinha vontade de me ver?"

"Eu tinha vontade de receber ao menos os parabéns no meu aniversário."

Elena coloca a bolsa sobre a mesinha, senta-se no sofá diante dele.

"Chamar você naquele dia parecia uma daquelas coisas que se fazem por obrigação. Uma daquelas coisas que fazem os casais que não têm coragem para esquecer."

Alessandro ergue a cabeça.

"E você encontrou essa coragem?"

"Não. Eu a encontro agora. Você me fez falta."

Alessandro não diz nada.

"Você me faz falta mesmo agora."

"Mas eu estou aqui..."

"Você está longe."

Elena se levanta e vai sentar ao lado dele.

"Passou tão pouco tempo para estar já tão longe."

"Não estou longe, estou aqui."

"Você está longe."

Alessandro se levanta do sofá, começa a andar pela sala.

"Por que você sumiu?"

"Você me deu medo."

Alessandro se vira para ela.

"Eu lhe dei medo? Como?"

"Você me pediu em casamento."

"E eu a deixei com medo? Deveria ter sido agradável, deixar você feliz. Qualquer mulher gostaria de ouvir isso do homem que ama."

"Eu não sou qualquer mulher."

Elena levanta e chega perto dele. Alessandro vira-se e lhe dá as costas. Elena o abraça por detrás.

"Mas você não sentiu a minha falta?", e apoia a cabeça nos seus ombros.

Alessandro fecha os olhos, sente o perfume dela. White Musk. Lentamente se insinua nele, o envolve de leve. Depois, como uma serpente o aperta, o atordoa. Elena o beija no pescoço.

"Como você pode ter me esquecido, os nossos momentos de amor, as nossas risadas, os nossos fins de semana, os nossos jantares, as nossas festas...? As mil coisas que nos confessamos, que prometemos. Tudo aquilo que sonhamos."

E Alessandro fecha os olhos, comprime-os ainda mais forte. E num instante revê todos aqueles momentos, assim, como num filme. Com a sua trilha sonora. Com o seu sorriso. Os seus passeios juntos, as férias na praia, o retorno de carro à noite quando ela adormecia... E ele a amava. Alessandro se vê sorrindo. Elena então o abraça mais forte, abraça a sua cintura com as

mãos, enfia-se por baixo do paletó. Obriga-o a voltar-se. Alessandro abre os olhos. Estão brilhantes. E olha para ela.

"Por que você foi embora...?"

"Não pense em ontem. Voltei...", Elena sorri, "... e a minha resposta é sim."

_____107_____

O dia seguinte. O mais difícil.

Alessandro está na esquina da casa de Niki. Envia uma mensagem com o celular e aguarda a resposta. Depois de alguns instantes, rápida como sempre, chega a resposta. E logo depois a vê saindo de casa pelo retrovisor. Olha ao redor, direita, esquerda, depois Niki vê o carro de Alessandro e corre para ele, alegre como sempre. Talvez mais. Alessandro sente uma fisgada no coração. Fecha os olhos. E quando abre novamente Niki já está ali. Abre a porta e mergulha dentro do Mercedes.

"Oi!"

E atira-se sobre ele, atropelando-o com o seu entusiasmo, beijando-o. Alessandro sorri. Mas é um sorriso diferente do habitual. Calmo. Tranqüilo. Para não perder o controle da situação.

"Mas onde você foi parar? Ontem procurei você um monte de vezes. O seu celular estava sempre desligado."

Alessandro evita olhar para ela.

"Você não tem idéia do que tive de trabalhar ontem. O celular descarregou e desligou sozinho e nem percebi..." Em seguida olha para ela. Tenta sorrir novamente. Mas alguma coisa não funciona. Niki percebe. Afasta-se dele. Acomoda-se melhor no assento. Repentinamente séria.

"O que está acontecendo, Alex...?"

"Nada, não está acontecendo nada. Só fiquei pensando em toda a nossa história. Desde que nos conhecemos até hoje..."

"E descobriu alguma coisa que não correu bem? Você não ficou bem? Diga se errei em alguma coisa..."

"Você não errou em nada."

"E então o que..."

"Está errada a situação."

"Mas é sempre pelo problema da idade, a diferença... eu sabia que cedo ou tarde você ia voltar a esse assunto. Então eu me preparei." Niki tira do bolso da calça uma folha de papel.

"Então... Uma vez que a lista dos casais em que o homem é muito mais velho não foi suficiente, quero lhe contar outra série de nomes de casais em que os homens são muito mais jovens do que as mulheres... Aqui está, Melanie Griffith e Antônio Banderas, Joan CoUins e Percy Gibson, Madonna e Guy Ritche... Demi Moore e Ashton Kutcher, Gwyneth Paltrow e Chris Martin... e vão bem para todos, para todo o mundo... E ninguém acha algo de errado nisto."

"Não, talvez quem esteja errado seja eu..."

"Mas errado em quê? Você tem medo que não dê certo? Mas vamos tentar, não, aliás, já estamos tentando... Não seja agourento! Você falou um milhão de vezes... vamos descobrir só vivendo. Agora o que você está fazendo, está renegando o seu Lúcio Battisti?"

Alessandro sorri. "Não, Niki, isso nunca, mas é uma canção."

"E então?"

"Esta é a vida!"

"Que pode ser mais bonito do que uma canção"

"Quando a gente tem dezoito anos..."

"Nossa, como você exagera..."

"Não, Niki, sério. Pensei a noite toda nisso, não vai dar certo. Eu já disse, não torne as coisas mais difíceis."

Niki permanece em silêncio, olha para ele.

"Eu demonstrei o meu amor por você, me arrisquei, por tudo e contra todos. Você não pode dizer isso para mim. Não é correto. As coisas terminam quando têm uma razão para terminar, um motivo válido. Você tem um motivo válido?"

Alessandro olha para ela. Gostaria de lhe dizer alguma coisa a mais. Mas não consegue.

"Não. Não tenho um motivo válido. Mas também não tenho um para continuar com você."

Silêncio. Niki olha para ele. É como se, de repente, o mundo tivesse desmoronado em cima dela.

"Sério? Sério que você não tem..."

Alessandro permanece em silêncio.

"Então esse é o motivo mais válido de todos."

Niki desce do Mercedes, afasta-se sem se voltar e desaparece de repente, assim como tinha surgido. Silêncio. Um pouco de silêncio. E aquela dificuldade. O não ter contado. E então aquele silêncio é como um estrondo. Alessandro dá a partida e afasta-se.

Niki continua andando. Mas sente-se morrer. Não consegue parar as lágrimas que começam a descer rapidamente. Gostaria de não soluçar, mas não consegue. Não consegue. E a rua parece silenciosa. E tudo parece silencioso. Silencioso demais. Uma parte de seu coração está apagado. Um vazio enorme de repente surge dentro dela. E ecos longínquos da voz dele, as suas risadas, as suas palavras alegres e momentos e paixões e desejo e sonho. Puff. Tudo desapareceu num instante. Mais nada.

Só aquela última frase: "Não tenho um motivo válido para continuar com você".

Pum. Um pato selvagem ao alvorecer e um tiro de espingarda. Um vidro esmerilhado e uma pedrada repentina. Um menino de bicicleta que cai com as mãos para a frente e se esfola. Dor. Isto. Por culpa dela. Querer ficar junto do contador dos sentimentos, o contador do amor, o hábil comerciante que consegue fazer que você economize um sorriso. Que tristeza. Era assim o

homem que eu amava? Niki chega ao portão. Abre e entra. Anda pelo corredor como uma jovem zumbi sem vida. Simona sai da cozinha. Está levando a travessa de macarrão para a mesa.

"Ah, aí está você, mas onde estava? Venha, vamos almoçar, estamos todos à mesa."

"Não, mamãe, desculpe, estou com dor de barriga...", e entra no quarto, fecha a porta e se estende sobre a cama.

Abraça o travesseiro. Chora. Por sorte a mãe só a viu de costas, senão teria compreendido imediatamente o seu verdadeiro problema. Doença de coração. E não se sara tão facilmente. E não existem remédios. Não se sabe quando vai passar. Nem se sabe quanto dói. A única coisa boa é o tempo. E muito.

Porque, quanto maior foi a beleza do amor, maior é o sofrimento quando este termina. Como na matemática: grandezas diretamente proporcionais.

Matemática sentimental. E Niki, infelizmente, nessa matéria agora poderia tirar nota dez.

Ondas reunidas. Mas tem tempestade.

"Bem que eu falei para vocês... Era perfeito demais! Romântico, sonhador, generoso, divertido... Educado em tudo e por tudo. Ora, vamos! É claro que devia ser um embuste..."

Olly se atira sobre a cama da mãe, convencida das suas afirmações.

Erica e Diletta sacodem a cabeça.

"Mas o que está dizendo! Por que você sempre pensa saber tudo sobre esse assunto?"

"Porque eu sei..."

"Isto é, só porque você não gostava dele, não quer dizer que não servia..."

"Além do fato de que ele não era mau... Mas não posso fazer nada, para mim esse Alex nunca me convenceu..."

Niki, sentada na poltrona ali ao lado, está com o rosto apoiado entre as mãos. Está acabada, acompanha desconsolada a discussão de suas amigas sobre a sua história de amor. Olha para Olly à sua direita e depois para Diletta e Erica à esquerda e novamente para Olly. Como se acompanhasse uma daquelas apaixonantes partidas de tênis internacionais... Só que aqui a única tenista derrotada é ela. Olly senta-se de pernas cruzadas na cama.

"Mas o que estão falando... Antes estava todo apaixonado e depois... Puff, de repente desaparece! Não é estranho? Sem uma razão, um porquê, nada... Eu vou contar para vocês o porquê... Ou está com outra ou, pior ainda, a sua ex voltou à carga! E vocês não sabem quanto eu gostaria de estar errada..."

Diletta levanta-se.

"De fato, eu tenho certeza de que você está errada!"

Olly ri. "Sim, sim, claro, como não... logo você, que ainda não foi para a cama com ninguém..."

"Mas o que é isso? Se eu tivesse trepado então ia saber mais sobre os homens?"

"Bem, para começar, "você começava a se orientar um pouquinho... É fácil assim, não é?...Você fica aqui cuspindo sentenças sem nunca ter experimentado o produto. Por exemplo... Niki, desculpe se eu pergunto, viu? Como ia o sexo entre vocês?"

Niki sorri desconsolada.

"Sinto muito... Perfeito, sublime, maravilhoso, sur-real... Não sei, não consigo encontrar palavras melhores para dar a idéia... Era um sonho."

"Viu... Ele tem outra."

"Mas o que está dizendo, ave de mau agouro..."

"Escutem, podemos ficar até o exame de maturidade discutindo esse dilema... Não tem solução."

Niki acena com a cabeça.

"Tem razão. Penso que a única verdadeira resposta só ele possa nos dar..."

Bem naquele instante, a porta do quarto se abre.

"Olly! Mas o que estão fazendo?"

Olly se levanta da cama sem demonstrar surpresa.

"Mamãe, talvez você tenha esquecido que este ano temos o exame de maturidade..."

Depois sorri para as amigas.

"Estávamos estudando..."

"Mas precisam estudar justamente no meu quarto?!"

"Dá sorte estudar aqui..."

Em seguida, baixinho, para as amigas: "O inimigo..."

E saem arrastando Niki, empurrando-a, tentando fazê-la sorrir, cumprimentam a mãe de Olly educadamente e sorrindo, prontas mais uma vez a desafiar o mundo.

Passam os minutos. Passam as horas. Passam alguns dias. Leu de tudo. Fez de tudo. Mas é tão difícil fugir do próprio silêncio. Tem até um dito japonês: você pode fugir do barulho do rio e das folhas ao vento, mas o verdadeiro barulho está dentro de você. E, além disso, Niki não se interessa de ir bem nessa matéria. Aliás, bem que gostaria de ser reprovada em matemática sentimental. E assim bate na porta.

"Entre!"

"Oi, Andréa."

"Niki! Mas que bela surpresa! Só que os anúncios ainda não estão prontos... Você se tornou uma modelo super bem paga! Vai ser famosa no mundo inteiro!"

Niki olha para ele e sacode a cabeça. Sim... mas não sou famosa para o homem a quem amo... Gostaria de dizer, mas fica quieta. Em vez disso, esboça um sorriso.

"Bobo... você sabe onde está o Alex? A sua secretária disse que não está no escritório."

"Não. Acho que desceu. Talvez esteja no bar aqui em frente. Não sei."

"O.k., obrigada... a gente se vê."

Andréa Soldini olha para Niki, que pega o elevador. Coitadinha, está acabada, enquanto Alessandro está justamente no bar embaixo. Mas são tantas outras coisas que Andréa sabe. Às vezes, porém, convém ser ignorante.

Niki sai pelo portão, anda pela calçada. Do outro lado da rua vê estacionado o Mercedes. Pronto, o carro está ali. Quem sabe está mesmo no bar. Niki se aproxima da vitrine e olha para dentro. Na última mesa ao fundo, diante de um suco, está Alessandro. Observa-o conversar divertido, bater papo e sorrir para aquela jovem que está sentada diante dele. De vez em quando toca a mão dela.

"Você entendeu?, querem me dar outro projeto já e não posso deixar de aceitar..."

"Mas havíamos dito aos Merini que faríamos uma viagem com eles."

"Eu sei, quem sabe não na primeira, mas na última semana de julho. Ou então vamos em agosto!"

Mas bem naquele instante Alessandro a vê. Refletida no espelho do balcão. Niki está ali, diante da vitrine. Alessandro desculpa-se.

"Com licença, tenho de verificar uma coisa ali fora por um instante..."

"Vá, pode ir, enquanto isto eu dou um telefonema."

Elena não percebeu nada. Alessandro se levanta e sai do local.

"Oi..."

Alessandro procura ficar fora da visão do local.

"O que você está fazendo aqui?"

"Eu vim procurá-lo no escritório... mas eu o vi aqui. De mãos dadas com aquela mulher."

Niki aponta para Elena dentro do bar, que fala ao celular. Depois olha novamente para Alessandro e sorri.

"Imagine que eu estava me preparando para amassar o seu carro novamente."

Alessandro fica em silêncio. Niki procura receosa pelos seus olhos.

"É outra irmã sua, não é?"

"Não."

“E quem e?”

Alessandra continua em silêncio.

"É aquela que queria decorar a sua casa?"

"Sim."

Niki ri com amargura.

"E você disse que não havia um motivo válido para continuar comigo... você fez que eu me sentisse uma nulidade, me fez acreditar que eu não tinha estado à altura, que era eu que não servia. Você me obrigou a me reavaliar. Me fez sentir insegura como nunca... Fiquei dias inteiros pensando, esperando... Eu disse a mim mesma: quem sabe ao final aceitará o que não aceitava em mim, qualquer coisa que eu tenha feito ou dito errado... Ou então, pior, qualquer coisa que eu não tenha feito e ele esperava de mim... Eu me senti sozinha como nunca. Sem uma razão. Cheia de dúvidas. E você, no entanto... sabia tudo. Mas então por que não disse logo que ela havia voltado? Por quê?... Eu teria compreendido, teria aceitado tudo mais facilmente."

"Sinto muito."

"Não. Alex, foi você que me fez assistir àquele filme... amar é nunca ter de pedir perdão. E eu gostaria de acrescentar uma coisa... é também saber dizer como você é um merda."

Alessandro continua em silêncio.

"Você não diz nada. Claro, em algumas situações, é muito mais fácil não falar nada... bem, então sou eu que vou dizer. Daqui a pouco eu vou ter que prestar o exame de maturidade e entrar na idade adulta. Estou mal, não estou conseguindo estudar, mas quem sabe vou passar. Eu quero conseguir. No entanto, eu gostaria muito de saber quando é que você vai fazer o seu exame de maturidade, quando vai amadurecer... sabe, Alex, em todos estes meses você me encheu de presentes, mas, no final, pegou de volta o mais bonito. O meu conto de fadas."

E se afasta, sobe em sua moto e, por fim, sacode a cabeça e até sorri. Porque essa é Niki.

_____110_____

E, quando Niki chega ao Alaska, as amigas não têm dúvidas. Mesmo porque ela desata a chorar. Então todas a abraçam. E Olly olha para Diletta. Em seguida para Erica. Mas não faz nenhum comentário. Fecha os olhos. Morde o lábio. E lamenta-se profundamente por ter tido razão. E todas procuram fazê-la rir e lhe oferecem um sorvete e falam de outras coisas e tentam distraí-la. Mas Niki se desespera. Nunca teria esperado isto. Isto não. Sério.

"Quer dizer, eu podia imaginar qualquer coisa, eu juro, qualquer coisa... mas não isto. Voltou com aquela com quem estava antes. Isto é... acabou."

E naquela tarde mesmo Olly decide fazer uma loucura. De fato, oportunidades não faltam.

"Niki, desça!", gritam todas juntas. E justo ela, Olly, a grande organizadora, entra no carro e toca a buzina como louca. "Bi bi bi..."

Niki surge à janela.

"Mas o que é? O que é essa bagunça?"

"Mexa-se, estamos esperando você!"

Niki vê o carro. Em seguida as amigas. "Não estou a fim de descer."

"Você não entendeu... vamos subir e destruir a sua casa."

Sim, e eu vou comer o seu pai!

"Quieta, Olly! O.k., vou descer. Parem de fazer essa bagunça!" E num instante está lá embaixo. Corre curiosa para aquele Bentley de último tipo.

"Mas o que estão fazendo?"

"Organizamos um dia especial para você... Para nós, para mim... Enfim, porque eu quero, vamos!"

Olly empurra Niki para o carro. E partem assim com a motorista, uma jovem de uns trinta anos chamada Samantha, que sorri e engata a primeira marcha.

"Para o local que me disse, Olly?"

"Sim, obrigada..." Em seguida, dirigindo-se a Niki: "Então pensei bem a respeito... Nós, Ondas, não podemos permitir que nenhum Alex ou outro homem qualquer nos faça derramar uma lágrima por ele! Está claro?!"

E aumenta o som do CD que havia colocado antes. As Scissor Sisters invadem o carro. 'I don't fell like dancin'. E cantam elas também e dançam e riem e fazem bagunça. Arrastam Niki empurrando-a, puxando-a, descabelando-a para fazê-la rir. E até Samantha sorri e se diverte com aquelas quatro loucas famintas de felicidade.

"Chegamos."

"Bem, vamos, garotas, desçam... Primeira etapa aqui no Spa do Hilton. Tudo já está reservado e sobretudo pago... Vamos, entrem, Ondas!"

Olly as empurra para dentro do Spa, naquele estranho templo romano. Pouco depois estão as quatro apenas com grandes toalhas ao redor da cintura. Olly vai na frente, guiando.

"Vejam, aqui tem cerca de dois mil metros quadrados de puro prazer, claro, não aquele que eu gostaria... mas dá para agüentar."

E num instante todas se abandonam. Relaxadas naquela piscina coberta e aquecida, olhando pelo teto de vidro as nuvens que passam ligeiras. Rindo e conversando. Depois embaixo de uma cachoeira sueca e uma hidromassagem e um passeio em piscinas de pedras quentes.

"E agora Chocolate Therapyl"

"Como é?"

"É o que está na moda agora..."

"Hummm, gostoso o chocolate..."

"Mas não é de comer! É ele que vai comer o seu estresse..."

Erica toca as suas nádegas, apertando um pouco a coxa.

"E aqui? Ele vai cuidar de comer alguma coisa?"

"Ah, não, para isso você deve fazer um tratamento aiurvédico..."

"O quê?"

"Sim, o que é?"

Olly sorri.

"São tratamentos originários da arte hindu iniciada cinco mil anos atrás. E para aquele problema que a preocupa tanto... deveria fazer uma garshana... Mas ainda é cedo, você não tem um pingo de celulite!"
"Para mim, você tem uma participação neste Spa, você sabe demais..."

"Que nada, eu tenho a minha mãe, que praticamente já experimentou tudo e mais um pouco... mas com resultados fracos, só que praticamente ela conta para mim a cada dia!"

E, mais tarde, novamente no carro com Samantha, para uma nova aventura. O carro estaciona na entrada do parque di Veio. Olly, Niki, Diletta e Erica se encaminham por um pequeno atalho no verde daquele bosque. Entre sebes de buxos, pinheiros, palmeiras. E um prado inglês, perfeitamente cuidado, com luzes delicadas, escondidas, e uma música suave que dança entre o leve roçar daquelas plantas inclinadas no tépido vento de verão.

"E aqui, o que é?"

"Chama-se Tête à tête..."

"Como é?"

"É um pequeno restaurante com uma mesa e uma cozinha exclusiva só para duas pessoas..."

"Mas somos quatro!"

"Eu pedi uma exceção à regra!"

As Ondas sentam à mesa e são logo acolhidas e recebidas por uma equipe de garçons. E logo lêem o cardápio e comentam divertidas os pratos extraordinários. Olly pede um excelente vinho para um maitre discreto que surgiu de repente perto da mesa. E em seguida pedem e comem com prazer, navegando entre os pratos franceses e os italianos e alguma coisa chinesa e até um prato árabe.

"Não, por favor... Isto não. Com toda a boa vontade eu não consigo... Não vamos pedir nada japonês... o.k.?"

Niki ri. E todas riem. E um pouco daquela dor foi exorcizada.

"Imaginem que se alguém vem para cá acompanhado... bem, depois do jantar no parque... ainda pode ficar num delicioso e romântico chalé..."

"O que é isso... uau!"

"Bem, genial..."

"Eu deixaria a Olly..."

"Sim, assim ela desmonta tudo..."

"Eu o alugaria e deixaria dentro Diletta... E depois a cada dia mandamos alguém diferente na hora da visita... e enquanto não acontecer alguma coisa, ela não sai..."

"Sim, uma prisão erótica ao contrário..."

Diletta olha para ela, altiva. "Eu resistiria de qualquer maneira..."

Em seguida chegam, um após outro, vários garçons, que as convidam a levantar e começam a abraçá-las. Olly, Diletta, Erica e Niki se olham surpresas.

"Mas o que acontece? O que fazem?"

"Bem, realmente não sei..."

"Oh, mas vai ver que ouviram os nossos discursos?..."

"Ora, Diletta, aproveite, vamos..."

O maítre se aproxima.

"Desculpem, mas estamos lançando essa novidade, esses são os free hug, os abraços livres... É a terapia contra a solidão, a melancolia, o tédio, a depressão e a tristeza..."

"Mas vocês estão gozando da gente?"

"Absolutamente não. Foi lançada em setembro na Austrália e retomada em várias cidades italianas, a primeira foi Gênova com René Andreani. Nós somos free huggers, abraçadores livres... Ficaremos muito contentes se vocês também levarem adiante esse projeto..."

Olly sorri.

"Eu já sou da sua turma... As minhas amigas podem testemunhar... mas estou absolutamente convencida desde sempre da enorme força dos free hugs, bem, sim, quer dizer, desses abraços livres... Claro, quem sabe, parece-me também mais útil às vezes, como dizer, não ser superficial, ir um pouco mais a fundo... e especialmente escolher como dizer... o abraço 'certo', mas no fim das contas isso são só pequenos detalhes..."

E pouco depois estão de novo no Bentley para um último e divertido encontro.

"Não acredito..."

"Então não acredite..."

"Olhe só..."

Entram naquela pequena sala do último andar do Grande Hotel Éden. E, no entanto, é verdade. Vasco Rossi está ali.

"Agora você acredita?"

"Mas não é possível..."

"Este é o *after show,* um espaço para relaxar depois do concerto. Só para cinqüenta pessoas e nós estamos entre elas..."

"Mas como você conseguiu, Olly?"
"Eu conheci um dos guarda-costas... Um 'abraço livre' muito significativo..."

"Olly!"

"O que é isso, garotas, estou brincando... Vocês têm uma péssima opinião a meu respeito... Mas eu agora faço de propósito, entrei no personagem... Mas onde está a verdade, e a mentira? Vai saber..."

E se afasta assim com as amigas alegres, divertidas, que olham o próprio ídolo passar entre as mesas, cantar um trecho de uma canção, tomar um copo de uma bebida qualquer e rir depois com elas. Vasco. Vasco, que envia uma mensagem com o seu celular para as estrelas, sabe lá que palavras e para quem... Vasco, com aquela voz um pouco rouca. Mas cheia de histórias, de relatos, de desilusões, de sonhos e de amor. Aquela mesma voz que sugeriu não procurar um sentido nesta vida. Mesmo porque esta vida não tem um sentido.

E Olly as olha de longe. Vê as amigas que conversam curiosas, pedem informações, não param de falar com ele. Niki sorri. Arruma os cabelos. E faz mais uma pergunta. Agora finalmente está distraída, está curiosa, está tranqüila, pensa em outra coisa. Olly sorri. Está feliz que ela esteja feliz. Até porque se sente um pouco menos culpada por aquilo que fez.

_____111_____

O homem se adapta a tudo. Supera as dores, encerra casos e recomeça, esquece, acaba até por afogar velhas paixões. Mas às vezes é suficiente uma coisinha de nada para compreender que aquela porta nunca foi fechada com chave. Alessandro volta para casa, coloca a pasta sobre a mesa.

"Elena, você está aí?"

"Estou aqui, Alex."

Elena chega apressada e lhe dá um beijo na mesma velocidade. Em seguida se dirige ao banheiro. "Desculpe, mas estou guardando as coisas que comprei..."

Alessandro tira o paletó e o coloca nas costas da cadeira. Depois vai para a cozinha, pega um copo, a garrafa de vinho branco na geladeira, e serve-se. Elena surge um pouco depois.

"Alex, você não sabe o que me aconteceu hoje. Eu estava tentando arrumar um pouco a casa, não é?..."

"Sim..."

"Eu queria pôr um pouco de ordem. Falando nisso, você tem certeza que aquela escultura, *O poste e a onda..."*

"... *O mar e o rochedo*. E daí?"

"Não, eu. dizia, você tem. certeza que quer ficar com ela?"

"Você já me fez colocá-la no terraço, ela incomoda você até ali?"

"Não, não me incomoda, é que não tem nada a ver com o estilo de todas as outras coisas."

"Mas é uma escultura!"

"Oh, me conte... Foi muito cara? Porque, se você pagou muito, então podemos ficar com ela..."

Alessandro não pode, certamente, dizer que foi um presente.

"Sim... só vou dizer que ainda a estou pagando..."

"Então talvez a possamos recolocar na sala. De qualquer maneira, eu estava contando... então eu estava arrumando um pouco a casa, quando lembrei que ainda deviam chegar vários móveis para a sala. Telefonei para a fábrica e conversei com o Sérgio, você lembra, aquele vendedor?"

É claro que lembro. Mas quem é que quer contar para ela? Elena o vê indeciso e continua.

"Está bem, não importa... Então deixe eu contar... Fiz um escândalo, mas um escândalo...

isto é, gritamos por mais de uma hora. Você imagine só, passaram-se todos esses meses e ainda não entregaram nada... e sabe como ele se justificou? Imagine que o mentiroso disse que você cancelou tudo."

Alessandro acaba de beber o vinho e quase engasga. Elena continua combativa.

"Você acredita? Mas eu não me importei nem um pouco, o sangue me subiu à cabeça. Então sabe o que eu disse a ele? Ah, é? Muito bem, então estou cancelando o pedido de verdade."

Alessandro suspira longamente, quase de alívio. Elena se aproxima dele.

"O que foi? Ficou bravo? Talvez eu não devesse ter feito isso, antes deveríamos ter conversado a respeito... mas fiquei tão nervosa... eu não agüento quando brincam comigo. E se você realmente quiser, podemos pedi-los de novo, mas em outro lugar..."

Alessandro suspira, deixa-se cair no sofá e liga a televisão.

"Você fez muito bem, ótimo..."

Elena se coloca diante da televisão, com as pernas abertas e as mãos nos quadris.

"Mas o que está fazendo?"

"Vou ver se tem algum filme bom."

"Mas você está brincando? Estão nos esperando na Osteria dei Pesce... vamos, estão Pietro e os outros e também dois novos casais de amigos. Já estamos atrasados. Vá se arrumar!"

Alessandro desliga a televisão e vai para o quarto. Abre o armário. Está indeciso. Camisa branca ou preta. Por fim sorri. É tão bom quando há um caminho do meio. E veste sem problemas a camisa cinza.

Mais tarde no restaurante.

"Olhe, nos traga algumas entradas mistas, frias e quentes."

"Também algumas cruas?"

"Sim, ótimo, se tiver camarões então... e depois um pouco de carpaccio de peixe espada e de robalo..."

O garçom se afasta, justamente quando chegam Elena e Alessandro.

"Aqui estamos, olá para todos!"

"E então, o que contam de novo?"

Elena senta-se logo entre Susanna e Cristina.

"Bem, posso já contar que comprei um casaquinho de verão de Scervino que é um sonho..."

Camilla olha para ela curiosa. "E quanto você pagou?"

"Uma bobagem... mil e duzentos euros, parece muito, mas foi um presente do Alex, ele foi promovido, podemos exagerar."

"Então me parece baratíssimo..."

E todos riem, e continuam conversando sobre novos locais, amigas traídas, um novo cabeleireiro, um outro que fechou, uma copeira de Cabo Verde que canta pela casa, uma outra, filipina, que sempre se levanta tarde demais, e uma peruana que cozinha magnificamente.

"Ah, mas as camareiras italianas são imbatíveis. Só que não se encontram mais. Eu, por exemplo, tinha a minha Tatá... bem, você nem imagina como ela cozinhava..."

E lembranças antigas. E aos poucos Alessandro escuta, segue aquele caminho. E depois se perde. Atrás no tempo. Não muito, Paris. Ele a vê correndo pelas ruas, comendo em algum pequeno restaurante de língua francesa, sem toda essa confusão e com uma nota a mais. Ela. Niki. O que estará fazendo agora? Alessandro olha a hora.

Deve estar estudando. Tem o exame de maturidade. Faltam poucos dias. E a imagina em casa no seu quarto, aquele quarto que ele só entreviu quando esteve por um instante como agente financeiro. Alessandro ri para si. Mas Pietro percebe.

"Viram? Alex está sorrindo. Logo está de acordo comigo..."

Alessandro retorna rapidamente à realidade. Ali. Agora. Como sugado. Infelizmente.

"Eh, sim, claro... claro."

Elena intervém, olhando para ele admirada.

"Mas claro o quê? Pietro estava dizendo que de vez em quando é bom trair porque melhora a relação sexual do casal casado..."

"E eu dizia claro, claro... para vocês que não têm mais uma boa relação... mas não me deixou terminar."

Elena tranquiliza-se. "Ah, certo..."

Enrico levanta-se.

"Bem, é a nossa vez... vamos fumar."

Os outros homens também se levantam e saem todos. Pietro se aproxima de Alessandro.

"Oh, nada a dizer, hein, você sempre consegue se safar..."

"Bem, é que agora já estou preparado... você faz sempre os mesmos discursos, tentando justificar de alguma forma o sexo extraconjugal..."

"Que nada, não me refiro a isso... Sabe lá em que você estava pensando na realidade..."

Enrico intervém.

"Eu vou lhe contar em que ele estava pensando... na jovem garota, na sua amiga..."

"Ah, bem, aquela não necessita ser traída... Ela e as suas amigas moem você de tal forma e o amassam tanto que até fisicamente você não consegue traí-las."

Alessandro permanece em silêncio. Pietro volta ao assunto, curioso.

"Falando nisso, você voltou a conversar com ela, não a viu mais? Aquela, a meu ver, aceita encontrar você mesmo na atual situação, com Elena, ouça o que eu digo..."

Alessandro o empurra. Em seguida sorri.

"Mas quem? Não sei de quem você está falando..."

"Sei, você não sabe de quem estou falando... A garota dos jasmins."

Até Enrico dá um empurrão em Pietro.

"Vamos, pare com isso! Olhe..."

E depois aponta com o olhar para o outro par de amigos que está um pouco afastado. Estão conversando alegremente.

"Quem, aqueles? Não podem escutar... e, mesmo se ouvissem, nunca falariam. Não lhes conviria. Acho que vocês não compreenderam. Aqui, o mais limpo... está com sarna."

Enrico joga o cigarro.

"Está bem, vamos, eu vou entrar."

"O.k., nós também... O que fazem, vêm?"

Também os outros dois amigos, um pouco mais longe, jogam os cigarros e todos entram no restaurante. As mulheres, vendo que estão retornando, erguem-se por sua vez.

"Troca!"

Pouco depois estão todas fora. Elena se aproxima do novo par de amigas.

"Então já haviam estado neste restaurante? Viram como se come bem?!"

"Ah, sim, é verdade...", e começam a conversar entre si.

Um pouco mais longe, Cristina se aproxima de Susanna e olha na direção delas.

"Pois é, Elena parece feliz e satisfeita, logo eu estou certa... ele não contou absolutamente nada."

"Mas quem sabe ele contou, ela não ficou bem, mas não deixa perceber..."

Susanna sacode a cabeça.

"Mas ela não seria capaz. Elena fala muito, se comporta assim, parece uma bagunceira, mas na verdade é muito sensível..."

"Sinto muito, mas vocês não entenderam nada."

Camilla se aproxima e olha para elas como se fossem umas ingênuas. Sorri.

"Temos amigos em comum, eu e Elena. Garanto que é a melhor atriz que eu já encontrei."

E, assim dizendo, sacode a cabeça e joga o cigarro no chão.

"Bem, eu vou entrar, quem sabe já chegaram os segundos pratos."

E, depois dos segundos pratos, chegam as sobremesas. E depois a fruta e o café, e uma grapa e um digestivo. Tudo parece assumir o mesmo ritmo de sempre. Tum. O mesmo ritmo. Tum. Tum. As mesmas conversas. Tum. Tum. Tum. E de repente tudo desacelera. E parece tremendamente inútil.

Alessandro olha para eles, olha ao redor. Vê que todos conversam, gente que ri, garçons que se movem. Tanto barulho, mas nenhum barulho verdadeiro. Silêncio. É como se estivesse boiando, como se lhe faltasse alguma coisa. Tudo. E Alessandro compreende. Não tem mais. Não tem aquele motor, aquele verdadeiro, aquele que faz andar tudo, que o deixa ver as besteiras das pessoas, a estupidez, a maldade e tantas outras coisas e muito mais, mas com o justo afastamento. Aquele motor que lhe dá força, raiva, determinação. Aquele motor que lhe dá um motivo para voltar para casa, para procurar um outro grande sucesso, para trabalhar, fatigar-se, para alcançar a meta final. Aquele motor que depois decide deixá-lo repousar justamente nos seus braços. Fácil. Mágico. Perfeito. Aquele motor amor.

Os dias passam lentamente, um após o outro, sem diferenças. Aqueles dias estranhos dos quais a gente nem se lembra da data. Quando, por um instante, compreende que não se está mais vivendo. Está acontecendo a pior coisa. Você está sobrevivendo. E talvez ainda possa não ser tarde demais.

Depois uma noite. Aquela noite. De repente. Viver novamente.

"Arre, que calor... mas você não percebe o calor que está fazendo, Alex?"

Elena se vira para ele. Alessandro está dirigindo tranqüilo, mas, diferentemente dela, está com a janela aberta.

"Sim, está quente, mas assim entra um pouco de ar..."

"Pois é... você poderia fechar, porque a mim incomoda. Fui hoje de tarde ao cabeleireiro, assim vou me despentear... Você tem ar-condicionado, não?, então use!"

Alessandro prefere não discutir. Fecha a janela e liga o ar. Regula o termostato em 23 graus.

"Mas quanto falta até os Bettaroli?"

"Estamos quase chegando."

Elena olha para fora da janela e vê uma floricultura.

"Olhe, pare ali, assim compramos um maço de flores, alguma coisa, não podemos chegar de mãos vazias."

Alessandro para. Elena desce do Mercedes e começa a falar com um jovem marroquino. Aponta as flores e pergunta preços. Depois, ainda indecisa, escolhe um outro maço. Alessandro desliga o ar-condicionado. Abre a janela e liga o rádio. E como por magia termina uma canção. E começa outra. Aquela. *Shes the one...* Alessandro fica ali, apoiado ao encosto. E um sorriso nostálgico de repente se apodera dele.

"When you say what you wanna say... And you know the way you wanna say it... You'll be so high youll heflying..? Continua cantando Robbie Williams. Mas o que eu quero... e lembra-se do primeiro encontro. Ou melhor, o primeiro choque. Ela estendida no chão. Ele que desce preocupado... Depois ela que abre os olhos. Olha para ele. Sorri. E a música continua... *"I was her she was me... We were one... we were free"* Aquele instante. A magia de uma noite de verão. Quente. Frio. Lentamente o vidro se embaça. E embaixo, no vidro, reaparece um coração...

Aquele coração. E num instante é como se Niki o estivesse desenhando novamente. Com as suas mãos, com o seu sorriso. Como daquela vez. Como havia feito aquele dia depois de fazer amor. Depois que havia colocado os pés no painel. Depois que havia bufado. Então.

"Pare! Não desenhe sobre o vidro que depois fica para sempre..."

"Arre, mas que chato você é! E eu vou fazer do mesmo jeito... Feio."

E riu novamente. Depois havia encoberto com a mão para não deixá-lo ver. E havia desenhado aquele coração no vidro. E escrevera dentro. Ali está. Até a escrita reaparece.

“Alex e Niki... 4ever." Porque certas coisas não se apagam nunca. E retornam. Como a maré alta.

Niki e o seu sorriso. Niki e a sua alegria. A sua felicidade. A sua vontade de viver. Niki mulher, menina. Niki. Só Niki. A garota dos jasmins. Niki motor amor. Justo naquele instante, Elena volta para o carro.

"Então, comprei esses aqui... gostei. Eram os mais caros, mas assim vamos fazer uma bela figura." Alessandro olha para ela, mas não parece vê-la. Não mais.

"Eu não vou à festa."

"O quê? Mas como não vai? O que foi, está doente? Aconteceu alguma coisa? Esqueceu alguma coisa em casa?"

"Não. Eu não a amo mais."

Silêncio. Em seguida a voz.

"Mas o que significa, isto é, o que tem a ver agora que você não me ama mais... quer dizer... mas você se dá conta do que está dizendo?"

"Sim, eu me dou perfeitamente conta, infelizmente só agora. Eu deveria ter falado logo."

E Elena começa a falar, a falar e a falar mais ainda. Mas Alessandro não escuta. Dá partida no motor. Abre a janela. E sorri. Decide que quer ser feliz até o fim. Por que não deveria sê-lo? Quem vai proibir? Vira-se para Elena e sorri para ela. Qual é o problema? É tão fácil. É tão claro.

"Amo outra."

Nesse ponto, Elena começa a gritar, Alessandro aumenta o som para não ouvi-la. Elena percebe e desliga o rádio de repente. Continua com os seus gritos, as suas palavras, os seus insultos. Enquanto Alessandro dirige tranqüilo, olha para a frente e por fim vê a estrada. E não ouve argumentos e não ouve palavras. Nem escuta os seus gritos. Finalmente só escuta a música do seu coração. De repente, para. Elena olha para ele. Não compreende.

"Chegamos à casa dos Bettaroli."

Elena desce enfurecida. Bate forte a porta do carro. Com raiva. Com uma violência inesperada. Com maldade, como se quisesse arrancar a porta do Mercedes. E Alessandro vai embora. Tem tantas coisas para fazer agora. Chega em casa, serve-se de uma taça de vinho, põe música. Depois liga o computador. Quero encontrar um hotel aqui perto, para ficar tranqüilo nos próximos dias. Depois, quando Elena tiver retirado as suas coisas, voltarei aqui. Em seguida fica curioso em ver se alguém lhe escreveu. Quem sabe, ela. Verifica o correio eletrônico. Três e-mails. Dois são ofertas de Cialis e Viagra e depois um normal. De um endereço que, porém, não conhece: amicovero@hotmail.com. Curioso, Alessandro o abre. Não é uma oferta. É uma carta de verdade. De um desconhecido.

"Caro Alessandro, eu sei que às vezes a gente não deveria se intrometer na vida dos outros, deveríamos ser simples espectadores, especialmente quando não temos intimidade... mas, uma vez que eu gostaria de ser seu amigo, de verdade, um seu 'verdadeiro amigo', acredito que você seja fundamentalmente bom e que poderia ser condicionado pela sua bondade a não fazer as escolhas certas. Às vezes pensamos em nossa vida como se fosse a resposta que tranqüiliza os outros. Fazemos escolhas para agradá-los, para sedar o nosso sentimento de culpa, para obter a aprovação de alguém. Sem compreender que a única maneira de fazer os outros felizes é escolher o que é melhor para nós."

Alessandro continua a percorrer o e-mail, curioso, preocupado com essa repentina incursão na sua vida.

"Logo, antes que você possa renunciar a alguma coisa para não machucar alguém, eu gostaria que você lesse esta carta que lhe enviei."

Alessandro continua a ler. E eis outra carta. E não é de um verdadeiro amigo. É de uma pessoa que conhece realmente. E bem. Ou, ao menos, julgava conhecer bem. Mas nunca poderia suspeitar de tudo isto. E pouco a pouco não acredita no que vê. Então, palavra após palavra começa a compreender tudo, a explicar-se finalmente o porquê de tantas pequenas coisas que antes lhe pareciam absurdas.

Noite. Noite funda. Noite de surpresas. Noite absurda. Noite de doce vingança.

Alessandro está sentado na sala. Escuta o barulho de chaves na fechadura. Tira o champanhe do balde de gelo e serve-se. Permanece sentado, vendo-a entrar. Elena coloca a bolsa sobre a mesa. Alessandro acende a luz. Elena se assusta.

"Ah, você está acordado... pensei que tinha ido embora... ou que estivesse dormindo."

Alessandro a deixa falar. Elena se detém e o fita nos olhos. Determinada.

"Você tem alguma coisa para me dizer?"

Alessandro continua bebericando calmamente o champanhe.

"Bem, então, já que você não tem nada a dizer, eu vou falar... você é mesmo um merda. Por que você me fez...", e Elena continua a derramar uma série de insultos, raiva, absurdos e maldades. Alessandro sorri, deixando-a falar. De repente pega da mesa ali ao lado um papel dobrado. E o abre. Elena para.

"E isto o que é?"

"Um e-mail. Chegou há alguns dias. Mas só vi esta noite, infelizmente..."

"E o que isso me importa?"

"A você nada, porque já sabe. A mim, muito, porque eu não sabia. Aliás, nem podia realmente imaginar. No e-mail tem uma carta sua."

"Minha?"

Elena de repente empalidece.

"Sim, sua. Vou ler para você, certo? No caso de você não se lembrar dela... Então. 'Meu amor. Hoje de manhã acordei e sonhei com você. Ainda estava toda excitada pensando em tudo o que fizemos. Especialmente me excita demais pensar que você vai estar em reunião com ele. Vai conseguir passar ao meio-dia? Tenho vontade de...'"

Alessandro para um instante a leitura. E abaixa o papel.

"Isto eu vou pular porque é toda uma série de obscenidades suas... vou recomeçar daqui."

"'Espero que você ganhe, assim vai ficar em Roma e poderemos continuar juntos... Porque, como eu estou com você, Marcello...'"

Alessandro coloca o papel na mesa.

"Mas Marcello, aquele jovem idiota que deveria ter assumido o meu lugar... perdeu. Foi parar em Lugano e, por acaso, de repente na minha vida... puff, que engraçado... depois que ele vai embora, você reaparece... além disso, estranhamente você refletiu no assunto e, depois da derrota dele, por acaso, você decidiu casar comigo..."

Elena parece estar petrificada. Alessandro sorri, bebe mais um gole de champanhe.

"E eu que estava todo preocupado em lhe dizer que não a amo mais."

Levanta-se e passa por ela, em seguida abre a porta do banheiro e pega duas malas já prontas. Abre a porta da casa e as coloca no hall.

"Peguei tudo o que era seu, até uns presentes, algumas outras coisas, livros, canetas, perfumes, sabonetes, xícaras, que poderiam de alguma maneira fazer que eu me lembrasse de você. Eu gostaria que você fosse como aquelas fadinhas dos filmes, aliás, melhor do que elas. Você deve desaparecer para sempre."

Alessandro fecha a porta. Dá duas voltas na chave, coloca o trinco e deixa as chaves na fechadura. Em seguida pega a garrafa de champanhe, coloca a música ao máximo e vai para o seu quarto.

Feliz da vida.

Não preciso nem ir procurar um hotel. Agora só devo conseguir descobrir quem é este "amigo verdadeiro" e, sobretudo... se ainda consigo recuperar os meus jasmins.

Diante do Alaska. Olly abraça Niki.

"Cacete! Consegui, consegui! Eu sinto que consegui! Passei no exame de maturidade!"

"Mas os resultados só vão sair daqui a um mês."

"Sim, mas eu acredito e, além disso, tento dar sorte para vocês também!"

"Mas você está louca, olha que desse jeito você dá azar!"

"Meninas... daqui a pouco partimos..." Erica se aproxima delas com um mapinha. Abre o mapa. "Então, vou mostrar. Partimos cedo com o trem de Roma."

"A que horas?"

"Às seis."

"Mas não havia um mais tarde?"

"Tanto faz, você pode dormir no trem, quanto quiser..."

"E além disso tem todas as férias para recuperar..."

"Bem, eu nas férias preferiria fazer outra coisa..."

"Olly, pare com isto!"

"Vamos dar uma espiada... então, depois de Pátras tomamos um ônibus e percorremos o litoral até Atenas. Tem um monte de lugares belíssimos. Em Rodes, tem a praia de Lindos, dizem que é maravilhosa, cheia de cantos muito bonitos, um tal de Sócrates que é genial... Em seguida Míconos, praias e vida noturna. Santorino, com o vulcão onde se vêem os pores do sol mais famosos do mundo. Ios, conhecida como a ilha do amor mas também das noitadas agitadas de Chora, aliás, 'o village'. E depois eu quero ver com certeza Amorgos, onde Luc Besson filmou Imensidão azul."

Diletta olha sonhadora para o celular. Niki percebe.

"O que está fazendo?"

"Filippo me mandou uma mensagem. Que romântico."
"O que escreveu? Deixe ver..."

Olly tenta arrancar o celular das mãos de Diletta. Mas ela é mais rápida. E vira-se para o outro lado. Mas Olly agarra o seu braço e insiste.

"Solte, vá!"

Niki se coloca no meio.

"Deixe ela! Já entendemos, já entendemos... mas pelo menos deixe a gente entender que tipo ele é! Desculpe, viu, nós nos preocupamos com você a vida toda e agora, que está tudo azul... você quer excluir a gente."

Diletta pega o celular e lê novamente, sonhadora.

"Eu gostaria de ser todas as suas Ondas e partir com você..."

"Que bosta!"

"Que interesseiro!"

"Sim... mas as Ondas somos nós e chega!"

Bem naquele instante ouve-se uma voz atrás delas.

"É claro! As Ondas são perfeitas, únicas... e especialmente fiéis."

Na beira da calçada, apoiado num poste ligeiramente torto, está Fábio. Está junto com um de seus inúteis amigos habituais. Jeans rasgado, casaco *Industriecologiche* rasgado, sapatos de tela rasgados, até a camiseta está rasgada.

Erica o vê. "Pronto, chegou."

Diletta a acompanha. "Sim, ele falou... o Fábio Fobia, aquele das grandes verdades. O guru."

"Vocês ouviram, o meu disco agora toca no rádio."

Niki intervém.

"Como não... Você mesmo gravou o disco. Fez seu pai gastar um monte de dinheiro e obrigou o seu amigo azarento da Radio Azzurra 24 a pôr no ar de vez em quando."

"O meu amigo não é azarento..."

"Talvez não... mas todo o resto é verdade."

"Bem? Que mal há nisso?"

Niki bufa.

"Nada... Deixe quieto. Mas pode-se saber o que você está fazendo aqui? Não foi suficiente aquilo que fez ao meu amigo? Você demonstrou aquilo que eu sempre lhe disse..."
"Como é?"

"Que eu tinha razão, você pode escrever quantas canções quiser, mas algumas coisas você deveria saber dizer com o coração. Utilizar os punhos para reconquistar uma garota... imagine só que grande poeta você é..."

Niki se aproxima dele e o enfrenta.

"Com aquela besteira que fez, você arruinou tudo. Nunca mais vai me ter, nem como

amiga."

Fábio se afasta.

"Estou pouco me lixando. Imagine. Eu posso ter qualquer coisa da vida. Não sou como aquele velho... aquele que a encontrou e não a solta porque tem medo. Os anos passam. Sabe que não terá mais outras oportunidades."

Niki olha as amigas. Elas olham para ela. Todas ficam em silêncio. Só Olly parece nervosa. Fábio continua.

"Imagine que eu até faturei uma Onda..."

Niki olha para ele surpresa.

"Sim, vai parecer estranho... mas eu 'surfei' com uma das suas fiéis amigas."

Niki olha para todas. Diletta. Erica. Olly. Sobre esta se demora um pouco mais. Olly abaixa um pouco o olhar, parece embaraçada. Fábio percebe.

"Parabéns, Niki... já entendeu, você vê... Quando você quer, compreende as coisas sozinha."

Olly olha para Niki. Um olhar triste. Sentido. Procura ajuda nos olhos da amiga.

"Não acredite nele, Niki. É um merda, está querendo nos colocar uma contra a outra..."

Fábio sorri e senta-se ali perto.

"Claro... claro. São besteiras. Quer que eu conte os detalhes, Niki? Quer que eu conte todas as pintas dela, ela tem uma bem particular num lugar estranho... Ou você prefere que eu fale da tatuagem dela, posso descrever e contar onde fica?"

Olly continua.

"Não acredite nele, Niki, eu lhe peço. É a palavra dele contra a minha. Ele pode muito bem saber da minha tatuagem através de alguém. Agora ele só quer machucar a gente."

Niki levanta a mão.

"O.k., o.k... Agora chega, Fábio. Vá embora. Qualquer coisa que tenha acontecido não me interessa. E, mesmo que tenha acontecido, melhor. Confirma mais ainda o que eu já pensava..."

Fábio se levanta e olha para ela.

"E o que é?"

Niki sorri.

"Que você é um merda... é mau, inútil, que só sabe fazer o mal, que é um parasita, que vive pensando que a vida é só uma guerra. Como aqueles que dizem 'muitos inimigos, muita honra'... mas sabe uma coisa? Para conseguir um inimigo não precisa de nada. É fácil... É só ser um merda. Assim como você. A honra verdadeira está em criar um amigo, você precisa fazer que gostem de você, ser estimado, empenhar-se, ser leal, ser amado... é muito mais difícil, mais trabalhoso."

Aproxima-se de Olly. Sorri para ela.

"Mas também é muito mais bonito."

Fábio sacode a cabeça. Sobe atrás da moto de seu amigo.

"Vamos, vai, essas aqui parecem todas bobas. É o festival dos bons sentimentos e da hipocrisia."

Niki sorri.

"Vê como você não entende mesmo nada? Nós não somos bobas... somos Ondas."

Uma semana depois. Tudo está mais claro e até o céu parece mais azul. Alessandro está no escritório. Chega a secretária.

"Aquele senhor que está esperando."

"Obrigado... mande entrar."

Alessandro senta-se à escrivaninha. Sorri quando vê o outro entrar. Tony Costa. Parece mais magro do que da última vez que o viu.

"Emagreceu?"

"Sim, minha mulher me pôs numa dieta. Então, as notícias que me havia solicitado. Consegui obter as notas, todas foram bastante bem no exame de maturidade. Mas nenhuma delas, naturalmente, ainda sabe os resultados. Niki Cavalli tirou nota oitenta sobre cem."

Ótimo, pensa Alessandro. Ficará contente, esperava menos e além do mais eu a deixei na fossa.

"Porém o número do celular mudou, ainda não consegui o novo. Parte daqui a dois dias com as amigas..."

Tony Costa examina um bloquinho que tem na mão.

"Aqui está, com as Ondas... pois é, chamam-se assim e vão para a Grécia. Santorino, Rodes, Míconos e Ios."

Tony Costa guarda o bloquinho.

"Deve se preocupar só com a última, é chamada a ilha do amor."

Alessandro sorri.

"Obrigado, quanto lhe devo?"

"Oh, nada... o sinal foi suficiente. Este trabalho foi fácil demais."

Alessandro acompanha Tony Costa até o elevador.

"Espero um dia encontrá-lo por outros motivos. O senhor é simpático."

"Obrigado. O senhor também."

Alessandro fica ali, enquanto as portas do elevador se fecham. Em seguida volta para o seu escritório. Está para fechar a porta quando chega Andréa Soldini.

"Alex! Mas não precisava..."

Alessandro alcança a sua poltrona, senta-se e sorri.

"Imagine... É só uma lembrança."

"E você chama isso de lembrança? Você me deu um presente fantástico! Um Macintosh MacWrite Pro, é rapidíssimo demais... mas por que você fez isto?"

“Eu queria lhe agradecer, Andréa... Você me ajudou muitíssimo.”

"Eu? Mas as idéias foram suas, aquelas fotos, a chamada, e aquela garota, então! Niki é perfeita! Você viu os anúncios? Estão aperfeiçoando as cores para a Itália, mas tenho certeza de que vão ficar ótimos. É uma propaganda simplesmente genial!"

"Sim, no exterior foi muito bem. Vamos ver quando sair aqui."

"E você diz que foi muito bem no exterior? Parece que a bala já está esgotada em todo o mercado internacional. Estourou em todos os lugares! Você estourou."

"De qualquer maneira, eu não queria agradecer por isso, ou melhor, também por isso..."

"E então por quê?"

"Eu lhe dei de presente esse computador para liquidar a dívida com o *e-mail* que você me enviou... meu amigo... Ou melhor: 'amigo verdadeiro5.’”

Andréa sente-se morrer.

"Mas eu..."

"Não foi tão difícil. Você conhecia Marcello. Trabalhava com Elena. Tinha acesso, por questões de trabalho, ao computador dela. E especialmente você tinha uma simpatia por Niki... Foi enviado às vinte e quarenta e cinco de um computador de nossa empresa. No dia em questão, no escritório, nesse horário só estavam você e Leonardo. E não acredito que ele pense na minha felicidade. Logo... foi você."

"Eu não devia?"

"Está brincando? Antes eu me sentia culpado e agora estou feliz... Aproveite o computador! Mas, por favor, qualquer coisa que aconteça, se quiser ser meu 'verdadeiro amigo'... não me mande e-mails."

"O.k., chefe. Então tem mais uma coisa que eu preciso lhe contar."
Alessandro olha para ele perplexo.

"Devo me preocupar?"

"Não. Não acho... Ou pelo menos espero que não. Lembra da história do atalho? A pessoa que eu tinha na equipe do adversário que nos informava de suas idéias?..."

"Sim, e então?"

"É justo que você saiba. Era Alessia. Preferia ver você vencer mesmo se ela fosse mandada para Lugano e você ficasse em Roma."

"Eu não imaginei. E como está ela?"

"Melhor..." Andréa Soldini está um pouco embaraçado. "Começamos a sair juntos..."

"Ótimo!"

Alessandro se levanta da poltrona, vai na direção dele e o abraça.

"Viu que no fim das contas tem alguém que sabe apreciar você?!"

E mais uma noite. Noite funda. Noite de gente alegre. Noite de luzes, sons, buzinas, festas. Noite que termina cedo demais. Noite que não acaba nunca. Desilusão. Amargura. Tristeza. Desespero. Coisas demais para serem colocadas numa só noite. Não valho uma merda. Não valho nem uma merda. Para ela eu não valho merda nenhuma e nunca vali.

Mauro corre com a sua moto. Sem capacete. Sem óculos. Sem nada. Lágrimas. E não só por causa do vento. Merda, merda, merda. A única poesia que é capaz de compor, a única rima, a única música fácil de tocar, simples, de periferia. Música de raiva e de dor. Música de mal de amor. Corre e não sabe para onde. E chora e soluça e não se envergonha. Corra, moto, corra. Quero acabar com isso. Continue assim, na marginal, continue a perder-se numa cidade que já não considera mais a sua, que não lhe pertence. Por que, merda? Por quê? Estou muito mal. Demais.

Puta que pariu, Paola! Você é mesmo uma merda. Uma enorme merda. E no desespero o pensamento mais bobo, mais baixo, mais infantil. Naqueles dias ele não pudera tocá-la. Estava naqueles dias. E ri. Pequena consolação. E, um pouco mais sereno, dirige pela noite. Deixa a marginal. Diminui um pouco a velocidade. Faz oscilar a moto na beira da estrada, saindo e voltando pela listra branca que está no meio do degrau criado por um novo asfalto recém-aplicado. A moto desce e roda sobre o piso de pedras. Tin tin tin. O barulho da borracha sobre aquelas pedras e em seguida novamente para cima, perdido no silêncio do cinza daquele asfalto e novamente embaixo.

Tin tin tin. E assim por diante, jogo metropolitano estúpido de quem não tem vontade de pensar. Não pensar. Não pensar. Mauro dá um suspiro longo e em seguida sopra, bufando todo o ar que consegue. E mais um suspiro, ainda mais longo, mais do que o primeiro e novamente expele o ar. Pronto. Está melhor. Sim, sim, está melhor. Continua a dirigir assim. Sobe num viaduto. Duas putas estão paradas no fim da rua. Vêm ao encontro dele. Uma levanta a saia curtíssima e mostra o púbis nu. Raros pentelhos desordenados sob a luz do lampião. Cansados, fartos de respirar poluição. A outra, com sapatos de salto alto, laqueados de vermelho, dá uma volta e, inclinando-se para a frente, mostra a bunda, nua, branca, rígida.

Mauro faz uma curva com a moto, passa ao lado, tentando de alguma maneira acertá-las com um pontapé. Assim, de brincadeira. Mas as duas polacas não compreendem aquele tipo de brincadeira. E xingam aos gritos na sua língua. Uma pega uma pedra e a atira nele. Pontaria ruim. Termina na beira da rua. Certamente, pensa Mauro, não passaram a infância no tiro ao alvo do Luna Park. Ele sim. Treinava com o dinheiro do pai atirando uma bolinha estúpida de pingue-pongue num tanque transparente. Quando ia bem, voltava para casa com uma sacola de água e um peixe vermelho. Que daria um mergulho na privada na semana seguinte.

Mauro dá uma guinada com a moto, depois faz a curva e desce do viaduto, desaparecendo na noite. As duas prostitutas se recompõem e permanecem no frio da noite, na frente de uma fogueira apagada há tempo, aguardando por um cliente a quem vender um pouco de sexo na espera de um amor verdadeiro. Porque todos procuram o amor verdadeiro. Sem precisar vender ou comprar. Mas talvez, por ali, ele nunca irá passar.

Mauro sorri consigo mesmo enquanto volta para casa. Cacete, aquela morena que mostrou a bunda eu até que comeria. Ela me deixou excitado. É que não tenho nem um euro, puta que pariu. E recai num desespero absurdo. De repente, imagens confusas. Paola. Paola quando se conheceram. Paola numa festa. Paola que se despe. Paola que ri. Paola e a sua primeira vez.

Paola com ele embaixo do chuveiro, naquele dia em que não tinha ninguém em casa. Paola naquela vez na montanha, as únicas férias que tiraram.

Aquelas férias curtas. Um feriado de um dia num quarto de hotel. Com aqueles dois ricaços que faziam snowboard, ele mais velho do que ela. Vinho branco. E o jantar sob o céu de estrelas. Paola. Onde estará agora? Onde vai estar amanhã? Onde vai estar na minha vida? E de repente volta o desespero. Perde-se. Pensa, relembra, sofre. Acabaram-se as lágrimas. E quase a gasolina. Merda, mas quando eu coloquei? Enchi hoje. De repente, percebe ter chegado à frente de seu prédio. Mas não tem vontade de subir. Não agora. Tem receio de encontrar alguém. De ouvir perguntas, de ter que dar respostas. Assim, com um fio de gasolina, continua andando. Para um pouco depois.

Desce, coloca a corrente na moto e está para entrar naquele pub. É o único que fica aberto até tarde por aqueles lados. Mas o que estou dizendo? Ainda é cedo. Mauro olha para o relógio. São onze horas. Pensei que fosse mais tarde. As noites que machucam não passam nunca. Empurra a porta do pub. Uma mão apoia-se em seu ombro.

"E aí, garotão, o que faz por aqui?" Gino, o Coruja, surge diante dele.

"Cacete! Raios o partam! Você me deu um susto..."

"Vamos entrar. Vamos beber alguma coisa, eu pago o que quiser, como nos velhos tempos."

O Coruja pega Mauro pelo braço sem esperar a sua resposta. Leva-o para dentro e quase o atira num banco no canto do fundo. Em seguida, ele também se deixa cair num banco em frente a Mauro e logo levanta o braço, chamando a garçonete atrás do balcão.

"O que vai querer?"

Mauro, tímido. "Não sei. Uma cerveja."

"Que nada, vamos pedir um uísque, que o daqui é bom, um espetáculo", e, voltando-se para a jovem: "Olá, Mary, traga dois daquele que eu tomei ontem à noite. Lindos e abundantes, viu? Não seja pão-dura... e puros."

Em seguida se aproxima de Mauro, quase se estende até ele com os braços para a frente, apoiados naquela mesi-nha de madeira.

"Olhe, ontem à noite acabei com uma garrafa inteira."

Depois se vira mais uma vez para Mary.

"Esperei que ela terminasse e a levei para casa com o carro de ontem..." Coruja se aproxima de Mauro e faz um gesto com os dedos da mão, fazendo-os girar sobre si mesmos, como quem diz, era roubado.

"Paramos em frente da casa dela. E porque estava preocupado que a justa beliscasse o carro e também pela garrafa que eu tinha esvaziado, o meu amigo Joe estava para me aprontar uma..." Coruja toca a virilha. "Mas depois dei uma trepadinha... bem, a melhor trepada dos dois últimos anos."

Bem naquele instante, Mary chega com dois copos e a garrafa.

"Mas não bebam demais." Olha para Gino e sorri para ele. "Beber faz mal..." O Coruja

levanta a cabeça e sorri para ela. "Mas no final também faz bem, não é?" Mary sorri, sacode a cabeça e se afasta com a sua saia justa, um pouco suada, com uma faixa na cintura e os cabelos presos em tufos atrás das orelhas. Mas especialmente andando com a certeza de estar sendo observada.

"Viu?" Coruja pega o seu uísque com a mão direita e coloca a esquerda sobre o braço de Mauro, em seguida levanta e abaixa a cabeça.

"Estou achando que hoje à noite vou castigá-la novamente." Depois bebe um gole, atirando a cabeça para trás. Mas percebe que Mauro ainda não tocou em seu copo. Nada. Está ali parado. Tranqüilo. Tranqüilo demais. Um pouco abatido.

"E aí, garotão, mas o que você tem?" Coruja coloca uma mão atrás da cabeça de Mauro e a sacode. "E então? Ficou mudo? O que foi, conta pro papai aqui. Raios, como você está caidão! O que foi, mataram o seu gato?"

Mauro permanece impassível. Depois pega o copo, leva aos lábios, pensa um instante e dá um longo gole. Quando abaixa a cabeça, aperta os olhos. "Arre, mas como é forte!"

Coruja concorda. "Não é forte, é bom. Agora, pode falar. O que lhe aconteceu?"

Mauro toma mais um gole de uísque. "Nada... a Paola."

"Ah, a sua garota. Eu avisei, aquela gosta de conforto."

"Você me deu azar."

"Não. Foi você mesmo. Todas as garotas querem conforto. Especialmente..."

"Especialmente...?"
"... se são bonitas. Sempre existe alguém que está esperando para lhes dar conforto."

Mauro permanece em silêncio.

"E você sabe qual é o problema?"

"Não, qual é?"

"Que elas sabem disso perfeitamente." Coruja concorda, sacode a cabeça e dá uma golada. Mauro o olha e o acompanha. Uma golada longa, até o fim, sem parar, sem respirar.
O Coruja olha para ele admirado.
"Puxa, gostou, hein?" Mauro sacode forte a cabeça, agita-a, tentando se libertar de alguma coisa que ficou na garganta.

"Eu tenho o remédio para você, acredite em mim..." Coruja pega o dinheiro do bolso da frente. Encontra dez euros e os atira sobre a mesa.

"O que é?" pergunta Mauro.

"O atalho para deixá-la confortável. Vai ver que em duas noitadas você a reconquista, o seu amor..."

Mauro está indeciso. Olha direto para Coruja.

"Você acha?"

"Claro, é matemática. Antes, porém, você precisa vir comigo." Coruja se levanta, vai na direção do toalete. Mauro o segue. Coruja fecha a porta atrás deles e apoia--se nela, seguro de que assim ninguém vai entrar.

"Tome aqui." Tira um envelopinho transparente do bolso do jeans. Está cheia de um pozinho branco. "Você precisa de uma dose de coca. Como batismo."

E Coruja retira o espelho da parede e o coloca sobre a pia.

"Até encontrei um nome para você. Falcão Peregrino. O Coruja com o Falcão Peregrino. Gostou?"

"Sim. Mas o que devemos fazer?"

O Coruja se inclina sobre o espelho e com uma nota de vinte euros enrolada aspira uma linha branca com a narina esquerda.

"Fácil." Aspira um pouco da coca. "Tome, estas são as chaves da minha moto. Eu tenho uma cópia. Você só precisa me acompanhar para buscar um carro na casa de uma amiga e depois vai para a sua casa com a minha moto. E eu vou buscá-la amanhã de manhã. Fácil, não?"

Mauro sorri. "Facílimo."

Gino, o Coruja, passa a nota de vinte euros enrolada para Mauro.

"Vamos, Falcão, que, quanto antes fazemos, antes terminamos."

Mauro se inclina e faz desaparecer ele também uma linha branca. Levanta-se e ainda está lhe cocando o nariz quando ouve o Coruja dizer.

"E pense que com essa travessia você leva cinco mil euros. Põe conforto nisso, na sua Paola..."

Saem do toalete, ambos estupendamente alegres. Coruja cumprimenta a jovem atrás do balcão com uma leve promessa nos olhos.

"Oi, Mary, a gente se vê. Se eu terminar logo, passo por aqui...", e lhe dá uma piscadela. Fora do local, Coruja abraça Mauro.

"Sim, eu passo por aqui e lhe dou uma repassada como a de ontem", e ri.

"Vamos, Falcão", e desaparecem em cima daquela grande motocicleta, dirigindo-se para o centro.

_____118_____

E naquela noite saem todos os quatro. Enrico, Pietro, Alessandro e até Flavio, excepcionalmente livre. Fazem uma noitada louca como não ocorria havia muito tempo. Vão para o F.I.S.H., um restaurante na via dei Serpenti, pedem um peixe muito saboroso e bebem o melhor vinho. Contam-se tudo. Confessam-se pequenas verdades.

"E então foi o seu assistente que lhe enviou aquele e-mail com a carta de Elena para aquele garoto!" Pietro sacode a cabeça. "Eu sempre disse... as mulheres são todas putas! E vocês que sempre reclamam de mim... A minha é uma missão educativa..."

"Sim, educativa do seu pífaro!" Alessandro serve-se de vinho. "Você sabe que, por um instante, eu pensei que fosse você o amante de Elena..."

Pietro olha para ele agoniado. "Eu? Mas como você pode pensar isto?! Olhe, antes de fazer uma coisa desse tipo com um de vocês... juro que eu faria a coisa que me é a mais difícil de imaginar... Isto, prefiro ficar brocha! E vocês sabem bem quanto isto me custaria, hein..."

Em seguida, Pietro silencia. Fica triste. Bebe uma taça de vinho de uma só golada. Coloca a taça sobre a mesa, quase batendo.

"Susanna descobriu que eu a traí, ela quer me deixar. Estou acabado."

Flavio olha para ele.

"Mas você devia ter considerado que cedo ou tarde ela iria descobrir. Você aprontou horrores por aí. Saiu com todas as mulheres que respiram."

Alessandro coloca uma mão sobre o ombro de Pietro.

"Mas como é que descobriu? Ela por acaso também recebeu um e-mail?", pergunta Alessandro.

"Não, ela me viu na rua. Eu estava beijando uma garota"

"Mas então você é louco."

"Sim, sou louco... E tenho orgulho da minha loucura! Não só, mas, enquanto esperamos... vou até fumar um belo cigarro! Quem vem comigo?"

"Eu vou..." Enrico também se levanta.

"O.k., nós vamos esperar aqui dentro... mas não demorem..."

"Tranqüilos..."

Pietro e Enrico saem do restaurante. Pietro acende o cigarro de Enrico, depois o seu e sorri para o amigo.

"Então..."

"Então o quê?"

"Viu como eu tinha razão? Fizemos bem em não contar para o Alex que vimos a Elena se beijando com aquele rapaz naquele local... O assistente dele se encarregou..."

Enrico dá de ombros.

"Foi um acaso... Alex e Elena podiam ficar juntos e planejar novamente o casamento, e dessa vez quem sabe até se casavam... E se depois não desse certo? Então você teria a culpa de ter lavado as suas mãos..."

"Não era meu dever falar e decidir por eles..."

"Para mim, na verdade, é uma questão de responsabilidade... É fácil demais sempre deixar os outros tomarem decisões. Pense como teria sido diferente se naquele tempo também aquele fulano tivesse lavado suas mãos..."

"Você está exagerando... Puxa, você está apelando... Parece-me que então a responsabilidade era um pouco diferente, ou não? Eu só dizia que nós não devíamos ter toda essa pressa, esperar... quem sabe as coisas se resolviam sem colocar em jogo a nossa amizade. E de fato foi assim. Eu penso que Alex não teria gostado se tivéssemos sido nós a lhe dar a notícia. A arruinar o sonho dele. Os amigos são como uma ilha que protege da correnteza..."

"Aliás... está frio, eu vou entrar."

Enrico joga o cigarro no chão e o apaga. "Entre outras coisas, eu tenho que dar uma notícia..."

"Boa?"

"Maravilhosa... Vamos, mexa-se, vou esperá-lo lá dentro."

Pietro sorri. Dá uma última tragada no cigarro. Está tranqüilo, sereno. Para ele, aquela foi a escolha certa. Não contar sobre aquele encontro entre Elena e Marcello naquele restaurante. Joga o cigarro no chão e o apaga. Depois entra e se junta aos amigos. Mas também Pietro não sabe o quanto tenha sido certa a escolha de Alessandro naquele dia. Dar ou não um curso pessoal aos acontecimentos.

Esse é o dilema. Uma coisa é certa. Se aquela pasta vermelha não tivesse sido queimada, hoje aquela conversa tão alegre e cordial entre Enrico e Pietro não teria sido mais possível. Por uma única razão. Enrico nunca teria dividido a esposa com mais alguém. Ainda menos com um amigo. Mesmo sendo simpático como Pietro.

No interior do restaurante, Enrico interrompe todos.

"Pessoal, preciso contar uma coisa. Camilla espera uma criança!"

"Não! Que lindo!"

"Fantástico!"

Alessandro assume a situação. "Garçom... traga logo uma garrafa de champanhe! E você, Pietro, fique alegre, cacete! Tente ficar calmo e ponha a cabeça no lugar. Vai ver como consegue reconquistar Susanna..."

Enrico sorri, abraça Flavio.

"E você? Não tem nada para contar?"

"Como não..." Bebe uma boa taça de vinho, enquanto espera que chegue o champanhe.

"Chutei a Cristina de casa. Ela realmente me encheu o saco."

"O quê? Mas o que está dizendo, não acredito!"

Os amigos estão realmente sem palavras, atônitos. Flavio olha para eles, um a um, e por fim sorri.

"Depois ela voltou. Está mais calma. E, a partir daquele momento, as coisas melhoraram. Agora não vou mais me sentir culpado se for jogar bola com vocês, se não puser as minhas coisas em ordem, se quiser ficar meia hora esparramado no sofá sem fazer nada. Além disso, agora ela está mais carinhosa comigo. E certamente vou sair mais com vocês... portanto, fiquem atentos que vou controlá-los."

Pietro lhe dá um tapa nas costas.

"Estou bem feliz! Se bem que você podia já ter feito isso antes..."

Flavio olha torto para ele.

"Bem, o que você quer... Antes tarde do que nunca, não é?"

"Se você estiver com a gente, vai me controlar. Susanna vai ficar mais sossegada e eu poderei fazer toda a bagunça que quiser!"

"Ah, não! Nem pensar... olhe que eu conto tudo!"
Chega a garrafa de champanhe.

"Pessoal, vamos brindar..." Pietro abre a garrafa e logo serve quatro taças. Em seguida ergue a sua.

"Então, à nossa amizade, que não termine nunca. Ao Alessandro, que teve a coragem de duvidar de mim, justo ele que não nos dá nenhuma garantia de que não seja frouxo..."

"Eu, frouxo?"

"É claro! Alguém que abandona um sonho como a Niki... se você não é frouxo... então quem vai ser?! Vamos, ânimo, Alex... É a noite oportuna para confidencias. Coragem, abra-se conosco... que depois nós nos encarregamos de fechá-lo novamente."

E todos riem.

"Que babacas vocês são! Mas sem brincadeira, eu até tenho uma idéia... e preciso fazer em tempo. Niki parte amanhã."

Continuam assim, bebendo champanhe, enquanto Alessandro conta a sua idéia e divertem-se um monte. É necessário coragem, porém, para realizá-la. Assim, pedem também grapa e rum. E por que não, também um pouco de uísque. Ao final, todos estão bêbados.

No carro. Atmosfera superetílica. "Devagar, devagar, vai devagar..."

"Mais devagar do que isso... mais um pouco e eu vou voltar no tempo."

Alessandro, mais bêbado que todos, estaciona o Mercedes na ponte de corso Francia. Antes passaram no escritório para buscar o spray vermelho e ali também fizeram uma enorme bagunça com o porteiro, que não queria deixá-los subir bêbados daquele jeito. Mas Pietro nisso é ótimo. Sabe como esvaziar uma garrafa, mas também como "engraxar" um porteiro medíocre. Por fim conseguiram. Ali estão para a grande idéia de Alessandro.

Flavio está preocupado.

"Turma, temos quase quarenta anos, vamos embora, por favor..."

"Mas, Flavio, é justamente isto que é legal!"

Todos descem do carro e sobem na ponte. Alessandro tropeça no degrau, alto demais para ele, especialmente para o seu grau alcoólico. Cai mas levanta-se. Pega o spray vermelho e olha em volta.

"Shhh..."

Enrico o ajuda. "Venha, suba aqui para escrever."
"Mas não é que vai cair da ponte?"

"Que nada! Estou ótimo!"

Pietro se aproxima dele. "Mas você decidiu o que vai escrever? Quer dizer, você tem uma frase..."

"Claro!" Alessandro sorri. "'Desde que eu a conheci, fui o homem mais feliz do mundo e depois...'"

Flavio o interrompe. "Olhe, veja bem, você está com um spray sobre uma ponte... Deve escrever uma frase, não um poema!"

"Ah, claro, você tem razão..." Alessandro apoia-se nele. "Quer dizer uma como essa daí..." e olha em volta, "pois é, aquela que está em toda parte, três metros acima do céu..."

"Mas essa já está muito batida. Você é um criativo."

"Claro, de você esperamos mais! Até uma coisa simples, mas que chame a atenção." Alessandro se ilumina. "Achei! Lá vou eu!"

"Certeza?"

"Sim." Alessandro sobe na ponte, aperta o spray e começa a escrever. "Ame-me g..." mas bem naquele instante um farol ilumina Alessandro e os demais.

"Atenção." Uma voz metálica sai de um megafone. "Parados. Deixem as mãos bem à vista. Não se mexam."

Alessandro tenta cobrir os olhos. Depois consegue vê-los. Não acredita. Não é possível. São eles! Os dois policiais de sempre. Serra e Carretti.

"Vamos, desçam daí."

Alessandro, Enrico, Flavio e Pietro se aproximam deles.

"Desculpe, só estávamos fazendo uma brincadeira..."

"Claro, claro... como não, mostrem os documentos."

Serra olha para Alessandro. "Sempre o senhor... hein?"

"Mas, realmente eu... não é o que está pensando..."

"E além do mais está bêbado. Ouça isso, está enrolando a língua..."

Flavio tenta se justificar. "Eu, porém, não bebi muito..."

"Sim, sim, claro, agora vamos todos para a delegacia."

E assim sobem atrás, no carro da polícia, um em cima do outro, queixando-se.

"Ai, ai, e veja se não empurra, está machucando..."

"Oh, a única vez que eu saio com vocês, vamos presos. E agora, o que vou contar para a Cristina?"

"Que você dá azar."

Serra se volta para eles. "Mas pode-se saber o que estavam escrevendo?"

Alessandro, todo orgulhoso, responde: Queria escrever: ame-me, garota dos jasmins! Isto, era isto que ia ser... para ela que é... motor amor!"

Serra olha para o colega. "A garota dos jasmins que é motor amor? Mas o que está dizendo?"

Carretti dá de ombros. "Mas deixe pra lá... Estes estão todos bêbados..."

Alessandro bate no ombro do policial.

"Olhe que eu não estou bêbado, quer dizer, estou bêbado, mas ainda estou lúcido, é o senhor que não entendeu... Eu queria escrever aquela frase para fazer que ela entenda quanto é importante, porque ela está para partir, amanhã vai para a Grécia, entendeu? Para a ilha do amor... e se ela se interessa por alguém, hein? Se se envolve com alguém? Quem sabe se envolve com alguém da Grécia porque não sabe o quanto ela é importante para mim, porque quer me esquecer? É culpa de vocês se isso acontecer... vocês sabem, não é... se acontecer eu vou denunciá-los... seus merdas!"

E não sabe que esta frase, mesmo estando bêbado, significará uma denúncia contra ele e passar a noite na delegacia.

Noite. Noite de nuvens. Noite escura. Noite marota.

Elena acabou de sair do teatro. Um espetáculo divertido, cheio de jovens atores, alguns também já participaram de algumas publicidades de sua empresa. Não podiam deixar de convidá-la. Ela deu mais dinheiro àquela companhia do que duas temporadas seguidas no melhor teatro de Roma.

Elena chega em casa. Desce do seu BMW Individual Serie 6 Coupê, cor azul-ônix metálico, novo em folha. Encaminha-se para o portão. Tem apenas tempo de enfiar a chave na fechadura e abrir, e então se encontra empurrada para dentro, arrastada para o vestíbulo. Acaba no chão, nos degraus, perto do elevador. Tropeça no tapetinho da vizinha do apartamento 1, aquela que sempre cozinha com molho de cebola. Mas esta noite não há odores, não há barulhos, só silêncio. Silêncio demais. O Coruja e o Falcão Peregrino estão imediatamente em cima dela.

"Quieta, fique quieta, dê logo as chaves do carro."

O Coruja coloca uma mão sobre a boca dela, enquanto Mauro de repente a reconhece. Mas ela, ela é aquela do meu teste, a senhora que estava na sala de vidros, aquela que estava com as minhas fotos nas mãos, aquela que as rasgou, aquela que não me quis. Elena olha para ele. Vê maldade em seus olhos. Comprime os seus para tentar compreender algo. O que foi que eu fiz para esse fulano aí? Nós nos conhecemos? Quem é? Por que continua me fixando? Em seguida, aterrorizada, não compreendendo mais nada, morde forte a mão do Coruja e começa a gritar.

"Socorro, socorro, me ajudem!"

O Coruja também grita e move rapidamente a mão no ar, tentando afastar a dor daquela mordida. Depois, como resposta, como fria vingança, dá um soco com a mão direita em pleno rosto de Elena, que cai para trás e bate forte a cabeça contra o degrau. Um instante de silêncio. Tudo está como que suspenso. Mauro fica boquiaberto. Paralisado. O Coruja lhe dá um empurrão.

"E aí, Falcão Peregrino, o que está fazendo aí? Dorme? Pegue a bolsa logo, vamos."

Mauro recolhe a bolsa. Olha Elena mais uma vez. Está deitada, de costas sobre os degraus, imóvel. Mauro a fixa, assustado. Algumas portas começam se abrir, ouvem-se trancas que são retiradas. Pessoas acordadas pelo barulho, pelos gritos de Elena. Mauro se afasta rapidamente na noite, sobe na grande moto, dá partida e sai cantando os pneus. O Coruja procura na bolsa, encontra as chaves, dá partida na BMW e a toda velocidade se perde dentro da noite.

Na manhã seguinte, com os novos óculos *ray-ban* que Diletta deu de presente a todas, partem. Um táxi as leva para a estação de trem. É o alvorecer. As mochilas recém-arrumadas, as camisetas numeradas, um, dois, três e quatro... com uma pequena onda azul. Sorrindo, Niki as entrega a cada uma. Está desenhado um pequeno coração vermelho. Erica comprou um grande caderno da Moleskine.

"Ei, pessoal, este será o diário de bordo das Ondas... enquanto isso, na primeira página já coloquei a minha grande novidade. Deixei o Giorgio."

"Nãooo!"

"Não acredito!"

"Está brincando, não é possível!"

Erica faz sinal de sim com a cabeça.

"Não só isso, eu vou arrasar. Quero recuperar o tempo perdido. Vou fazer baderna. Cada página terá embaixo um nome diferente..."

Correm pela plataforma, sobem no trem e entram no seu reservado. Fecham-se lá dentro. Ainda têm assuntos para contar e para inventar, para sonhar juntas. E riem e brincam. E o trem parte. E elas já partiram.

"Estou com sono. Está nascendo o sol, assim não dá. Vou chegar com olheiras."

"Mas o que você queria? Olhe que não dava para pegar o trem para Brindisi do meio-dia! Tem *oferryboat* depois!"

"Mas existem os aviões! Assim vamos levar uma vida!"

"Sei, os aviões! E nós temos uma vida! Desculpe, mas tem alguém nos perseguindo? É a viagem da nossa formatura, entendeu? For-ma-tu-ra precisa ser sentida, cheirada, vivida, sofrida. E, além do mais, você não é uma princesinha..."

"Sim, a da ervilha!"

"Olly! Que saco quando você faz assim..."

"Erica tem razão. Nós somos as Ondas. Mochila e pouco dinheiro no bolso!"

"Com qual ferryboat a gente vai?"

"Com o *Hellenic Mediterranean Lines*. Reservei os lugares no convés, viu? Melhor do que aquelas cadeirinhas que são desconfortáveis, e você não pode se esticar. Além do mais, temos esteiras e sacos de dormir."

"Genial, Erica, parabéns!"

"E se chover?" pergunta Diletta.

"Vai se molhar!" responde Olly fazendo uma careta. "Ou você tem o seu Filippo que vai proteger você?"

"Não, ficou em casa, você sabe, e já sinto a sua falta..."

"Ora, agora você vai fazer cara feia todo o tempo! Ninguém vai roubá-lo, fique tranqüila, O seu Filippo está na casinha esperando por você!"

"Idiota!"

Niki recoloca os fones do iPod. Não tirou os óculos, apesar de ser ainda cedo e o sol certamente não incomodar dentro do vagão. Baixou praticamente tudo do Battisti pelo iTunes. Machucam, aquelas palavras, mas não pode ficar sem. Às vezes a dor absorve tanto a gente que fica quase espontâneo alimentá-la. A paisagem corre rápida pelas janelas. Assim como as lembranças de seu coração. Erica lhe dá um tapa na perna.

"Ei, fulana, está dormindo? Oh, a Grécia nos espera. Para duas recém-solteiras como nós, grande festa!"

"Sim, sim, eu guio vocês para a abordagem!"

Olly dá um pulo no assento.

"Alé! Oh, eu disse alé, não Ale, só pra saber!", e grita.

Um casal de idade se vira e olha para ela. Niki dá um meio sorriso só para não decepcionar as amigas. Mas em seguida volta a olhar para fora, procurando distrações que não chegam. O trem corre rápido, o sol ergue-se no céu. Cheiro de férias, liberdade, leveza. Mas devia ser diferente. Poderia ser diferente. As minhas amigas estão felizes. Cada uma encontrou o seu caminho ou deixou aquele que era errado. Cada uma sabe para onde ir. Eu, no entanto, estou me deixando ser levada. Mas talvez seja assim que funciona, quando você não está bem.

"Ter nos sapatos a vontade de andar. Ter nos olhos a vontade de olhar. E no entanto ficar... prisioneiros de um mundo que só nos deixa sonhar, só sonhar..."

E depois uma noite no *ferryboat*. O mar, as ondas, a corrente. E aquela estria de espuma que se afasta do navio. E pensamentos que não conseguem ficar ao largo. Niki está apoiada no parapeito. Ao lado, rapazes que passam. Uma pessoa, numa velha espreguiçadeira de madeira, que está impregnada de sal, lê um livro velho de Stephen King, uma outra, um novo de Jeffery Deaver. Suspense. Terror. Medo. Niki sorri. Em seguida, olha novamente para o mar. Não necessita de um livro para sentir medo.

E abraça-se forte. E sente-se só. E gostaria tanto de interromper aquela lágrima. E gostaria de não ter amado. E gostaria muito de não amar ainda. Mas não consegue. E aquela lágrima cai e mergulha naquele mar azul e tão salgado como ela. E Niki ri sozinha. E funga um pouco. E tenta não chorar. E por fim consegue um pouco. As férias estão para começar. E que maldita droga... Esta dor não tem nenhuma intenção de ir embora.

Meio-dia. Olly acabou agora de guardar o saco de dormir e boceja de boca aberta, até onde o maxilar alcança. Depois se levanta e olha para o porto que se aproxima.

"Ei, quer me explicar como é que você conseguiu dormir até agora? Havia gente que

praticamente andava por cima de você."

Erica lhe dá um tapinha no ombro.

"E quem ouviu? Eu disse que estava com sono. E, além do mais, nos roubam o tempo. Você não havia dito que aqui estão uma hora na frente? Ladrões. Me faz levantar de madrugada, me faz... De qualquer maneira, eu agi."

"Em que sentido?"

"Enquanto, ontem à noite, vocês estavam com frio e foram dormir no corredor de dentro, eu conheci aquele lá...", e Olly aponta um rapaz um pouco mais adiante, apoiado no parapeito da ponte. Ao lado, numa espreguiçadeira azul aberta, está a sua mochila, enorme.

"Ele é de Milão, estuda na Politécnica. Um superfofo genial. Vai encontrar os amigos que já estão aqui porque acabou de fazer um exame! Eu disse a ele que vamos para Rodes e lhe deixei o meu número de celular. Assim ele nos acha."

"Borda."

"Borda?"

"Sim, enquanto nós estávamos com frio no corredor de dentro, conhecemos dois de Florença. Eles falam assim, quando acontece alguma coisa. Borda!"

"Ah. E como eram eles?"

"Bem. Um era um pouco melhor, mas o outro parecia uma cópia de Danny de Vito na versão antipática."

"Um sonho..."

"Vamos, hein, que já chamaram para descer."

Niki coloca a mochila nas costas, enquanto Diletta está fazendo acrobacias para retirar o celular do bolso do jeans. Consegue. Finalmente. Abre e lê a mensagem que acabou de chegar.

"Olá, lindona. Como vai? Você sabe que eu a amo de montão e que sinto a sua falta? Volte logo, que depois vamos para a Espanha..."

Diletta sorri e manda um beijo para o display do celular. Olly percebe.

"Estamos bem! Coragem, Ondas, vamos!", e corre passando ao lado do rapaz de Milão, que sorri para ela e lhe faz um gesto com o indicador da mão direita como dizendo: a gente se fala. Erica, Diletta e Niki a seguem.

Descem do navio. Uma multidão de cabeças, chapeuzinhos, mangas curtas, mochilas, grandes bolsas coloridas, vozes e sons se espalham pelo píer de Pátras, antes de se espalhar ao redor. Saudações, adeus, encontros de pessoas que já se conheciam ou se encontraram durante a noite da travessia. Um labrador corre de um lado para outro como louco, até que um garotinho o recupera, levando-o embora pela coleira.

"Ei, lá tem um mercado, vamos comprar um creme para bronzear? Eu esqueci!"

"Não, deixe, vamos antes dar uma volta. Depois precisamos pegar o ônibus! Enquanto

isso, vire-se e olhe: aquele é o monte *Panachaikon*!"

"Que saco, Erica! Você parece uma professora numa excursão! Precisamos, precisamos! O monte, o monte! Estamos em férias! Provavelmente a mais legal de nossa vida!"

Niki olha ao redor. À direita do píer, um grande estacionamento. Mais adiante um pequeno bar.

"Ei, vamos dar uma volta."

As Ondas começam a andar no mar de gente ao redor. Ruazinhas estreitas, trânsito intenso e depois subir, descer, rir, parar diante de uma vitrine. E depois o anfiteatro, a fortaleza, o relógio, o bairro de Psüa Alonia, de onde se vê todo o mar Jônico. Niki de vez em quando se ausenta, Diletta continua enviando SMS, Erica tenta ler algumas informações no guia, mas ninguém a escuta, enquanto Olly fala praticamente com todos que encontra. Alegre loucura de umas férias juntas. Desejo de novidades. De loucuras, de não tempo. De liberdade. De uma total e grande liberdade. E depois Niki. Vontade de... Saudade e tristeza. A lembrança de um amor forte. E bonito. Daqueles amores que duram uma vida e que não se consegue nunca apagar até o fim.

E outra semana. Clima doce, quente, mas não demais. Um verão agradável. Niki está sentada à mesa de um pequeno local ao ar livre, no meio das paredes brancas típicas. Saboreia um iogurte e observa as pessoas que passam.

"Mas você sabe que aqui vem um monte de celebridades? É chiquérrimo!"

"E, além disso, Míconos é muito linda com todas essas ruazinhas, os pubs, as discotecas, as lojas sempre abertas! Estou me mudando!"

"Oh, estamos na Chora, você acha pouco! Antigamente era conhecida como a capital do verão dos gays, eu gosto demais, é a pátria da tolerância!"

"Sim, mas têm também os héteros notáveis! Oh, mas ontem na praia?! Aqueles de Milão são realmente fortes! Niki, você agarrou o mais legal de todos! Emanuele é lindão!"

"Olly, eu não agarrei ninguém! É você que está fazendo um massacre! Mas você percebeu que, desde que partimos, sem contar aquele de Milão no ferryboat, você já agarrou três!? Aquele loiro de Nápoles, aquele outro de Ravenna que parecia o Clark de Smallville e depois até aquele estrangeiro..."

"Sim, aquele francesinho todo perfeitinho que lhe deu de presente aquela lavanda!"

"E daí? Senão para que são as férias? Além disso, vamos, mas o que você está esperando? Aquele está morrendo atrás de você! E hoje à noite vamos nos encontrar na discoteca e quero ver bem o que você vai fazer! É claro que, depois do fora que você lhe deu ontem de noite... coitadinho..."

"Coitadinho por quê? Não consegui, não estava a fim de beijá-lo..."

Os jasmins. O terraço. A noite. Os sorrisos. Isto é o que Niki pensou enquanto aquele belo rapaz, depois de mil agrados, aproximou-se dos seus lábios... E ela não conseguiu. Não quis. Não deu. Assim, sorriu para ele e se afastou, acariciando-o simplesmente na face.

"Que desperdício!"

"Mas amanhã voltamos ao Super Paradise Beach?", pergunta Diletta terminando de escrever um SMS.

"Não, eu gostaria de ir para a Eliá Beach. Tem uma calha tranqüila e depois uma passagem entre os rochedos que em poucos minutos nos leva até Paranga Beach. Sabe, Niki, ali fazem até surfe. Você poderia experimentar, não?"

"Não sei, Erica, amanhã vou ver. Para mim está bem de qualquer maneira."

"Oh, amanhã vamos alugar as motos. Eu estou cheia dos horários dos ônibus, pelo menos ficamos na praia até a hora que quisermos."

Olly se aproxima de Diletta.

"É certo que, se quando voltarmos para Roma eu encontro aquele merda do Alex, vou quebrar a cara dele. Olha só como ele a deixou", diz sussurrando e apontando para Niki.

"Pois é. Mas nós não desistimos."

"Vamos tomar um banho?", grita Olly levantando-se da cadeira. "E ficarmos lindíssimas para a noitada? Já preparei tudo! Sigam a grande mestre de cerimônias! Eu me informei. Aperitivo no Agrari, um bar de pedras que não é muito freqüentado, mas tem uns barmen jeitosos e a cada duas bebidas a terceira é de graça. Se fizermos um pouco de charme até nos deixam preparar alguns coquetéis!"

"Borda!"

"Depois comer alguma coisa perto do porto, em Little Venice. Está cheio de bares! Come-se melhor do que nos restaurantezinhos! Feta e salada, pita gyros, a versão grega do kebab com o molho tsatsiki e páprica! Eu vou pedir de novo o moussaka, de que gostei muito! De qualquer forma, atividade física depois para gastar calorias não falta!"

"Borda!", dizem em coro as Ondas.

"Depois vamos dançar! Antes no Scandinavian, depois vai ter a festa na piscina do Paradise! Vamos economizar quinze euros cada uma porque aqueles de Milão, que vamos encontrar ali, os conhecem. Depois nos espera Cavo Paradiso... Ali continua-se até de manhã... Música house para exorcisar aquela bobagem do Fobia e, além disso, o lugar é genial. Discoteca ao ar livre sobre os rochedos. Quando surge o sol, você olha ao redor e vê as pessoas acabadas que ainda dançam iluminadas com as primeiras luzes do alvorecer! Então, prontas?!"

"Siiim!"

As Ondas erguem ambas as mãos para o céu e gritam felizes. Até Niki experimenta. E lá vão elas, pelas ruazinhas cheias de gente, em direção ao seu apartamento. E abandona por um instante os seus pensamentos. Aquela lembrança contínua. Aquela maré de amor que freqüentemente, sem nenhuma razão lunar, a submerge. E se deixa arrastar pelas amigas Ondas. E as abraça e caminham juntas, de braços dados, cantarolando e andando no ritmo.

Mais uma semana. Um sorriso repentino, sincero, aparece entre as rugas escuras e bronzeadas dos rostos dos anciãos que descem pela ruazinha de pedras em direção da pracinha. Niki sorri para uma senhora que está tecendo um cesto, envolta na cor das primaveras. Há uma luz ofuscante ao redor, que reflete no branco dos muros. O céu é azul e límpido. As Ondas apenas desceram do ônibus, depois de ter percorrido uma estrada tortuosa e panorâmica, com Olly se agarrando continuamente ao braço de Diletta em cada curva. Erica já estabeleceu a

primeira meta, o Mosteiro da *Panayía Hozoviòtissa*. É necessária uma hora para chegar lá em cima, mas vale a pena. Mil degraus esculpidos no rochedo a pique sobre o mar.

"Mas o que, ficaram bobas?"

"Sim. Ânimo, vamos."

Erica, Niki e Diletta sobem energicamente e sem muita fadiga. Olly fica para trás e para a cada dois minutos com a desculpa de apreciar o panorama. De vez em quando algumas oliveiras oferecem um pouco de sombra. Ao final da subida, engastado na montanha a trezentos metros de altura, eis que surge. Branco ele também, como todo o resto, o mosteiro parece uma fortaleza. Alguns monges anacoretas recebem os turistas, observando como estão vestidos. Logo um deles oferece às garotas algumas saias floridas, sorrindo.

"Oh, é a última moda grega? Será que ele tem uma túnica?! Azul?"

"Olly! Um pouco de respeito... são necessárias para entrar. É um local de orações e nós estamos seminuas."

Olly faz uma careta e veste a saia. Em seguida entram em silêncio. Ao final, uma surpresa. Os monges chegam com alguns copinhos nas mãos.

"O que é?" pergunta Olly tirando a saia. "Estão nos drogando?"
"Não", diz Erica. "É o loukoum, um vinho doce com mel. Eles o servem para animar você depois da subida."

"É afrodisíaco?"

"Sim, nos dentes."

"E agora?"

"Agora nada. Aproveite a paisagem..."

O mar em volta é um verdadeiro espetáculo. Niki observa em silêncio.

"No que você está pensando?", pergunta Diletta aproximando-se.

"Na canção de Antonacci."

"Qual?"

"'... às vezes olho para o mar, este eterno movimento, mas dois olhos são poucos para este imenso e compreendo estar só. E passeio dentro do mundo e percebo que duas pernas não são suficientes para girá-lo e voltar a girá-lo...'"

Diletta permanece em silêncio. Em seguida chega um bipe do celular. Olha para Niki um pouco embaraçada.

"Desculpe um instante..."

Niki a observa enquanto pega o celular do bolso da calça, abre-o e lê. Um leve sorriso, quase contido, ilumina o seu rosto.

"É Filippo?" pergunta Niki.

"Sim... mas não é nada, diz só que está indo para o treino..."

"Não minta... olhe que estou feliz por você. Não é porque estou mal que não consigo ficar contente que as minhas amigas estejam apaixonadas..."

"Diz que me ama e me espera."

Niki sorri para ela. Depois, de repente, aproxima-se e a abraça.

"Gosto de você, campeã."

Olly chega e vê.

"Posso juntar-me!?"

Niki e Diletta se viram.

“Mas sim, venha!"

"Eu também!"

Erica também se aproxima e aquele abraço se torna maior, símbolo daquela amizade que as une desde sempre. As Ondas unidas diante do mar.

"E agora?"

"A só quatro quilômetros daqui tem Katapola."

"Só? Olhe que eu vou querer tanques de oxigênio!"

"Ora, vamos, há um monte de casinhas no despenhadeiro que dá para o mar, os pescadores, quem sabe damos também uma volta sobre as mulas! Depois tem a praia de Ayios Pandeleimon. Vamos, vai ser um pouco cansativo, mas o guia diz que são lugares maravilhosos..."

"Vamos!"

E correm descendo pela estradinha. E chegam até o mar. E colocam as mochilas sobre a areia e compram uma melancia de um vendedor ambulante ali perto. Que a mantém fresca naquele radiador velho cheio de gelo. E se despem e se atiram na água. E espirram água umas nas outras. E pouco depois cortam a melancia em fatias grandes. E as devoram e as colocam na cabeça. E depois voltam para aquela água quente, com aqueles pequenos capacetes doces na cabeça, conversando até o pôr do sol. Belas, simples, felizes, abandonadas. Cansadas de um cansaço sadio, aquele que chega quando você faz o que gosta, quando você está bem, quando está junto de quem você gosta. E outros poucos dias e alguma outra aventura a ser lembrada um dia. Para deixar guardada para quando for necessária... E depois, só depois, casa. Roma.

Quase um mês-depois.

Os pais de Niki estão parados num sinal. De carro. Ambos boquiabertos. Ambos sem palavras. Na praça há uma série de cartazes gigantescos. E em cada um está Niki. Niki que dorme de bruços, Niki que dorme com o bumbum para cima, com o braço no chão, e por fim Niki que acabou de acordar, está com os cabelos desarrumados e uma pequena caixinha nas mãos. Sorri.

"Quer sonhar? Pegue LaLuna."

Roberto se vira surpreso para Simona.

"Mas quando foi que a Niki fez a propaganda dessa bala?"

Simona tenta tranqüilizar Roberto. De alguma maneira deve dar a impressão de que ela e Niki sempre se contam tudo uma à outra.

"Sim, sim, ela me falou... mas eu não havia entendido que era tão grande!"

O pai de Niki parte, mas parece pouco convencido.

"Bem, será... Mas que fotos estranhas... quer dizer, não parecem posadas, parecem... sim, parecem roubadas, como se tivessem sido tiradas na casa de alguém. Quer dizer, a estudaram bem. Parece mesmo que dorme, não é, entendeu? E depois que acabou de acordar. Quer dizer, é a mesma cara que eu vejo há dezoito anos, cada domingo de manhã..."

Simona suspira.

"Pois é... São muito bons."

Roberto olha para ela um pouco mais convencido e feliz.

"A Niki ganhou bem com essa publicidade?"

"Sim, acho que sim..."

"Como, acho que sim... E vocês não falaram disso?"

"Mas, amor, eu não gosto de ficar muito em cima dela. Senão depois ela não me conta mais nada."

"Ah, claro... Tem razão..."

Quando chegam diante de casa têm a maior surpresa. Alessandro está ali. Está esperando por eles. Simona o reconhece, e tenta de alguma maneira preparar o marido.

"Amor..."

"O que é, querida... temos que comprar leite? Esqueci de alguma coisa?"

"Não... está vendo aquele rapaz...", e aponta para Alessandro.

"Sim. E daí?"

"É o falso agente financeiro de quem eu lhe falei. E, sobretudo, é a coisa mais importante neste momento para Niki."

"Esse aí?!"

Roberto estaciona.

"Sim, talvez você não admita, mas tem um certo fascínio..."

"Bem, devo dizer que o esconde muito bem."

"Engraçadinho. Deixe que eu falo, uma vez que já nos conhecemos. Espere em cima."

Roberto puxa o freio de mão, desliga o motor.

"Claro... mas não vai acabar como A primeira noite de um homem ao contrário, não é?"

"Cretino!"

Simona lhe dá um tabefe. E o empurra para fora do carro. Roberto desce, caminha com Simona e se aproximam de Alessandro. Roberto o ignora e sobe para casa. Simona para diante dele.

"Entendi, pensou melhor e quer que eu faça algum novo investimento..."

Alessandro sorri.

"Não. Eu gostaria que Niki soubesse de uma coisa. Eu sei que ela volta amanhã. Pode entregar-lhe isto?"

Alessandro lhe entrega um envelope. Simona o pega, olha para ele e pensa um pouco.

"Isso vai machucá-la?"

Alessandro permanece em silêncio. Em seguida sorri.

"Espero que não. Eu gostaria que a fizesse sorrir..."

"Eu também. Muito. E mais ainda gostaria o meu marido."

Então, sem se despedir, segue em frente. Alessandro sobe no Mercedes e se afasta. Simona entra em casa. Roberto logo a alcança.

"Então, o que ele queria?"

"Me deu isto..."

Coloca o envelope fechado sobre a mesa. Roberto pega o envelope. Tenta ler contra a luz.

"Mas não dá para se ler nada."

Em seguida olha para a esposa.

"Eu vou abrir."

"Roberto, não ouse."

"Então ponha água no fogo."

Simona olha para ele surpresa.

"Já está com fome? Quer jantar?... Mas são só sete e meia."

"Não, quero abrir o envelope com o vapor."

"Mas onde você aprende essas coisas?"

"Eu li em Diabolik faz uma data..."

"E então sabe-se lá quantas cartas minhas você já abriu."

"Talvez uma... mas não estávamos casados."

"Odeio você! E o que tinha escrito?"

"Oh, nada. Era uma conta a pagar."

"Espero que ao menos você a tenha pago!"

"Não, era o recibo de um presente para mim..."

"Odeio você duplamente!"

Roberto olha novamente para o envelope. Revira-o entre as mãos.

"Olhe, eu vou abrir."

"De jeito nenhum! A sua filha nunca o perdoaria. Não teria mais confiança em você."

"Sim, mas terá com você que me proibiu. Eu vou contar a ela que você não queria que eu abrisse, brigamos um monte... e você ganha ainda mais pontos! Fazemos como os policiais americanos nos interrogatórios, você é a boazinha e eu sou o malvado. Assim, porém, ficamos sabendo o que ele escreveu..."

Simona arranca a carta das mãos de Roberto.

"Não, a sua filha fez dezoito anos, é maior de idade. Saiu por aquela porta e voltará todas as vezes que tiver vontade. Mas a vida é dela. Com os seus sorrisos. As suas dores. Os seus sonhos. As suas ilusões. Os seus choros. E os seus momentos de felicidade."

"Entendi, mas eu só gostaria de saber se naquela carta tem alguma dor para ela..."

Simona pega a carta e a coloca numa gaveta.

"Ela vai abri-la quando voltar e ficará contente que nós a respeitamos. E quem sabe ficará contente também por aquilo que ler. Ao menos, espero. Agora vou preparar o jantar..."

Simona vai para a cozinha.

Roberto senta no sofá. Liga a televisão.

"Pois é", grita da sala. "É esse seu 'ao menos, espero' que me preocupa."

"Ei, mas o que você está fazendo?"

"Eu vim buscar algumas coisas. Tenho alguns documentos que não quero deixar aqui no escritório."

Leonardo se apoia na escrivaninha e sorri para ele.

"Olhe, Alex, nunca fui tão feliz... No Japão fomos reconfirmados em toda a linha. Mas você sabe que agora nos chamaram também para a França e a Alemanha?"

"Ah, é?"

Alessandro continua a retirar papéis das gavetas. Examina para ver de que se trata. São inúteis. Atira-os no cesto de lixo.

"Sim. Já mandaram toda a papelada. Precisamos preparar uma campanha publicitária para um novo produto que sairá daqui a dois meses... Um detergente de chocolate... mas com sabor de menta! Uma coisa absurda a meu ver... Mas tenho a certeza de que você vai encontrar a idéia certa para fazer que o seu grande amigo, o público, a aceite."

Alessandro termina de pegar os últimos papéis e levanta-se. Faz uma leve flexão para trás, levando as mãos às costas. Leonardo percebe. Sorri.

"A idade, hein... Mas aquele garoto, por fim, você o derrotou. Tome, esses são alguns detalhes, o restante da documentação deixei na sua mesa..."

"Acho que convém que você chame de volta o garoto de Lugano..."

"Como é, o que você quer dizer?"

Leonardo o olha arregalando os olhos.

"Que estou indo embora."

"O quê? Recebeu uma oferta para um novo trabalho, hein? Uma outra empresa, não é? Conte, quem foi? É a Butch & Butch, não é? Conte quem foi, vamos, que vou destruí-lo!"

Alessandro olha para ele tranqüilo. Leonardo acalma-se.

"O.k., vamos raciocinar."

Suspiro longo.

"Nós podemos lhe dar mais."

Alessandro sorri e passa por ele.

"Não acredito."

"Como não, quer ver? Diga o valor."

Alessandro para.

"Quer saber o valor?"

"Sim."

Alessandro sorri.

"Bem, não tem um valor. Estou saindo de férias. A minha liberdade não tem preço."

E vai na direção do elevador. Leonardo corre atrás dele.

"Ah, mas então a coisa é diferente. Podemos conversar sobre isso. É inútil que eu chame de volta aquele garoto... Mas o que foi, ficou chateado?"

"E por que deveria? Ganhei..."

"Ah, sim, sim, claro... tenho uma idéia. Enquanto você está fora vou começar a passar tudo para o Andréa Soldini, o que você acha?"

"Bem, fico contente... E sobretudo eu devo lhe dizer que estou muito contente por uma coisa..."

Leonardo olha para ele, curioso. "Que coisa?"

"Que você lembrou o nome dele."

Pressiona o botão T. Leonardo sorri. "Mas é claro... Como poderia esquecê-lo... É ótimo."

Depois, no último instante, Alessandro bloqueia a porta.

"Ah, ouça, penso que você devia deixar a Alessia aqui em Roma. Não mande ela para Lugano. É importante aqui, acredite."

"Mas é claro, está brincando? É como se nunca tivesse partido... Mas... Mas você, quando volta?"

"Não sei..."

"Mas para onde você vai?"

"Você não compreenderia..."

"Ah, entendi... É como aquela propaganda daquele sujeito com o cartão de crédito que se reencontra nu naquela ilha deserta..."

"Leonardo..."

"Sim?"

"Esta não é uma publicidade. É a minha vida." Em seguida Alessandro sorri. "Agora quer me deixar ir, por favor?"

"Claro, claro..." Leonardo libera as portas do elevador que lentamente se fecham.

"Eu estarei aqui esperando..." Então, ele se inclina para o lado, procurando a última fresta. "Volte logo." Inclina-se mais e grita quase dentro do vazio. "Você sabe... você é insubstituível!"

Niki enfia a chave na fechadura de casa. Roberto e Simona ouvem aquele barulho familiar. Estão sorrindo e felizes, curiosos e divertidos com todas as histórias, os lugares, os casos, as aventuras daquela jovem filha que recém-adquiriu a maioridade. Bonita, bronzeada, um pouco mais magra... mas sobretudo incrivelmente crescida.

"Mas depois vocês não sabem o que a Olly aprontou. Bebeu como louca numa festa na praia, uma rave, que durou até de manhã. E devia ter tomado alguma coisa. Passou mal durante dois dias. Não lembrava mais nada. Nem quem éramos nós."

Roberto e Simona ouvem quase aterrorizados essas palavras, fazendo de conta que não ligam, tentando até se divertir.

"E depois Erica teve uma história com um alemão, uma espécie de Hulk loiro. Disse que queria ir para Munique, sábado e domingo. Diletta, por sua vez, pediu aos seus que recarregassem não sei quantas vezes o seu celular para poder falar com Filippo. E quando não tinha cobertura ou estava sem créditos, enfrentava filas imensas para chamar de um fixo. Uma primeira paixão com dependência absoluta. Juro, ela nos enchia todos os dias contando tudo o que eles se haviam dito, as mensagens recebidas e enviadas. Uma história sem fim!"

Simone olha para ela. "E você?"

"Oh, eu... eu me diverti, fiquei bem, muito bem. Tranqüila. Mamãe, olhe o que eu comprei para mim."

Niki pega a mochila e tira para fora uma camisa branca, toda amarrotada, com um decote em V e algumas pedras aplicadas no decote. Coloca-a na sua frente.

"Gostou? Não paguei muito."

"Sim, bonita!" Mas Simona nem tem tempo de falar e Niki já volta correndo para a mochila.

"Esses eu trouxe para vocês, uma túnica para a mamãe... e para você, papai, esse pacote azulzinho. Sandálias de couro!"

Roberto pega as sandálias na mão. "Mas são lindas... obrigado. Mas que tamanho você comprou?"

Niki olha para ele contrariada. "O seu, papai, quarenta e três!"
"Ah, pareciam pequenos."

Simona se levanta e vai até a gaveta.

"Nós também temos uma coisa para você."

Apanha a carta de Alessandro. Niki a pega na mão e reconhece logo a letra.

"Desculpem."

Vai para o seu quarto, fecha a porta e senta-se sobre a cama. Revira o envelope entre as mãos. Depois não pensa mais e o abre.

"Olá, doce garota dos jasmins...", e continua lendo assim, sorrindo, comovendo-se às vezes, dando umas boas risadas em alguns pontos. Lê, sorri. Relembra fatos, lugares, frases.

Relembra beijos e sabores. E muito mais. E no final da carta não tem dúvidas. Sai do quarto, vai para a sala onde estão os pais. Roberto e Simona estão sentados no sofá, tentando de alguma forma distrair-se. Simona folheia uma revista, Roberto olha para as costuras da sandália, estudando-as com tanta atenção que faz pensar que de repente quer montar uma empresa para produzi-las. Simona a vê chegando. Fecha a revista e tenta fazer de conta que não está interessada no conteúdo daquela carta. Mas está morrendo de curiosidade, pagaria em ouro para saber o que está escrito ali. Mas esboça um sorriso ligeiro, para não ser invasiva demais.

"Tudo bem, Niki?"

"Sim, mamãe."

Niki senta-se diante deles.

"Papai, mamãe, eu preciso falar com vocês...", e começa.

E quase não para mais. Os pais permanecem em silêncio escutando aquela espécie de rio em cheia, todas as razões pelas quais não podem absolutamente dizer-lhe não.

"Bem. Terminei. Então, o que pensam?"

Roberto olha para Simona.

"Eu lhe disse que era para abrirmos aquela carta..."

Embaixo da pia branca, dobrado sobre os joelhos, com as mãos sobre o piso frio do banheiro. Faz calor. Enxuga com a manga do blusão a testa coberta com gotas de suor. Depois os vê. Um par de Ali Stars estão parados ao lado dele. O jovem encanador afasta-se do sifão. E Olly sorri para ele.

"Quer água? Coca-Cola? Café? Chá?" Gostaria de ser um pouco como Tess Mc Gill, a jovem e batalhadora secretária de Katharine Parker no filme Uma secretária de futuro e dizer também...

"Eu?", mas parece-lhe fora de lugar. O jovem encanador senta-se no chão, apoia-se no lavabo e sorri para ela.

"Uma Coca, obrigado."

Observa-a enquanto sai. Está com uma saia curta, uma camiseta curta, meias curtas. Tudo curto, à exceção de suas pernas. Longuíssimas. E, além disso, é gentil. Por que haveria de se preocupar e vir até aqui, para alguém como eu, perguntar se quero beber alguma coisa?

Olly retorna.

"Tome, até coloquei uma fatia de limão. Cortei com o meu canivete..."

Olly mostra para ele.

"Gostou? É um modelo de Arresoja[30], afiadíssimo, é feito por um artesão sardo de Fluminimaggiore. É uma peça genial, raríssima."

O jovem encanador o pega e observa. Olly continua a descrição.

"Veja, tem a lâmina gravada com uma águia e o cabo de chifre de veado." O jovem encanador o abre. "Bonito."

Depois bebe um gole de Coca. Está realmente com sede. Faz um calor absurdo ali embaixo. Olly senta-se na borda da banheira. Cruza as pernas, um joelho em cima do outro, assim não dá para ver as calcinhas. O jovem encanador olha para ela. Por um instante, pensa nisso e fica embaraçado. Mas só por um instante.

"Obrigado."

"Oh, imagine. Escute, antes costumava vir um outro para consertos hidráulicos. Como é que agora vem você? Quer dizer, nada contra, viu, só perguntando."

O jovem encanador continua soltando o cano embaixo da pia e, enquanto faz força, conversa.

"Aquele que vinha sempre é meu irmão. Agora trabalhamos juntos. Faz pouco tempo... De

[30] É uma produção artesanal tradicional de canivetes da Sardenha. (N. T.)

qualquer maneira, estou quase acabando."

Olly sorri e cruza as pernas. "Mas imagine, eu não queria apressá-lo!"

"Feito."

O jovem encanador solta o cano e o vira numa pequena bacia, juntamente com um pouco de água e muitos cabelos. Tin. Um barulho surdo sobre o plástico azul.

"Viu? Consegui. Você não perdeu o seu anel."

O jovem encanador passa-o para Olly, que o revira entre as mãos, sorrindo. O jovem encanador, enquanto isso, monta novamente o cano e o aperta com força usando uma chave inglesa.

"Feito", sai rápido e suado de debaixo da pia. "Viu?" O jovem encanador olha para o relógio. "Vinte minutos, não demorei..."

"Imagine. Você foi mágico! Eu já o considerava perdido..."

O jovem encanador olha para ela. Em seguida se inclina e gira o registro embaixo da pia para ligar a água. E decide arriscar-se. Mesmo porque, ali embaixo, ela não pode observar o seu rosto. Na pior das hipóteses, não me responde.

"Você ia ter problemas com o seu namorado. Não é?"

"Que nada, talvez com minha mãe. Foi ela quem me deu de presente de formatura... Oh, acertei setenta e oito em cem, inesperado... Especialmente para ela. Decidiu de uma vez por todas premiar-me. Se eu perdesse seriam problemas. Já tenho a impressão de ouvi-la. Olímpia, você não tem respeito por nada e por ninguém, você perde tudo! Você sabe quanto tempo eu levei para mandar fazer o anel sob medida, até encontrar uma coisa que ficasse bem em você?"

O jovem encanador sorri e olha o anel.

"Bem, de fato é muito bonito."

"É idêntico àquele que Paris Hilton usava na última foto com o seu noivo. Mas, na minha opinião, a minha mãe fez economia, não acredito que esses sejam diamantes como os do original!"

"Mas foi simpática em pensar nisto."

"Sim."

O jovem encanador coloca a sua caixa de ferramentas no ombro e vai em direção da porta. Olly o acompanha.

"Bem, obrigada por tudo", diz, mostrando uma vez mais o anel.

"Imagine, eu que agradeço pela Coca-Cola."

"Mas você deve estar brincando. Aliás", Olly se detém, colocando a mão sobre a testa. "Raios, e eu tinha esquecido disso, juro! Quanto eu lhe devo?"

O jovem encanador pensa um instante. Só um instante. Depois sacode a cabeça.

"Deixe pra lá, nada, está bem assim. Só gastei vinte minutos."

"Não, você está brincando, não mesmo. O seu irmão cobrava cem euros só pela chamada. Olhe que, se não cobrar, não o chamo mais e vou chamar só o seu irmão."

O jovem encanador coloca as mãos no bolso.

"O.k., mas só cinqüenta euros", e tira o seu cartão de visita, "e prometa que só vai chamar a mim, não o meu irmão. Só eu faço que você economize. Prometido?"

Olly olha para o cartão. O sobrenome antes do nome. Sabatini Mauro. Olly consegue não rir.

"Você é mais simpático do que o seu irmão. Mas não vá contar a ele, viu?"

Bem naquele instante surge a mãe de Olly na porta. Vendo-a com aquele rapaz que vestia um macacão azul e com a caixa de ferramentas, olha para ela preocupada.

"Olly, o que está acontecendo?"

"Nada, mãe, mas por que você está sempre preocupada? Passou um amigo para me ver, não nos víamos desde antes das férias..." Olly dá uma piscadela para Mauro.

"Boa tarde, senhora."

"Boa tarde, desculpe, eu pensei... não, nada, não pensei nada."

"Mamãe, eu até lhe mostrei o anel que você me deu e ele gostou muito."

Mauro sorri. "Sim, muito bom gosto. Parece até com aquele da Hilton."

A mãe sacode a cabeça.

"Mas é o da Hilton", e entra com as compras dentro de casa.

"Então, até...", diz Olly e aproxima-se, beijando-o na face. Mauro fica por um instante perplexo. "Sabe, não tenho certeza de que minha mãe não esteja vigiando." Aproxima-se do ouvido dele e diz baixinho. "A gente se fala, quem sabe, de vez em quando... senão ela vai perceber que eu menti."

Mauro sorri. "Claro, para que ela não desconfie..."

Olly vai para a cozinha. A mãe está guardando as compras.

"Pegue esses, guarde ali embaixo..." A mãe passa para ela alguns detergentes. "Comprei o iogurte que você queria..."

"Obrigada..."

A mãe termina de esvaziar as sacolas.

"É engraçado, sabe? O seu amigo é muito parecido com o encanador que sempre vem aqui. Por um instante pensei que tinha algum problema no banheiro ou alguma outra coisa que você tinha aprontado."

"Imagine. De qualquer maneira é verdade, ele parece mesmo, eu também pensei nisso." Em seguida olha novamente para o anel.

"Mamãe, obrigada. É realmente lindo!"

"Estou contente que você gostou." Abraçam-se. A mãe a segura entre os braços por um instante, olhando para ela. "Espero só que você não vá perdê-lo como faz com tudo."

Olly apoia-se no seio da mãe como não fazia havia muito tempo.

"Mamãe, imagine, fique tranqüila." E olha para o anel ainda molhado.

"Noticiário do rádio. Boa tarde. Esta manhã, a polícia conseguiu desbaratar um importante tráfico de drogas. Suspeitando de um contínuo entra e sai da residência de um casal de velhos, invadiram a casa ao alvorecer. O senhor Manetto Aldo e a sua esposa Maria foram encontrados com mais de quinze quilos de cocaína. O casal foi preso. Fornecia a droga há vários anos para todo o bairro de Trieste, o Nomentano e também alguns povoados do Salário. Futebol. Mais uma aquisição da..."

Ela do lado de fora do quarto índigo. Chegou a hora de devolver. A curiosidade é muita. E, no fundo, até uma boa ação... A jovem coloca a seta. A rua é pouco iluminada, mas consegue assim mesmo ler o nome. Via Antonelli. Sim, devia ser por aqui. Continua dirigindo. Do pequeno CD player do carro saem boas palavras, adequadas ao momento. "A especialidade do dia é o sorriso que você me dá. No meio de um mundo sóbrio, ele se destaca. Ilumina os lados obscuros das muitas hipocrisias e sobe pelos muros como as glicínias..." Sorri e olha para si mesma por um instante. Aquele vestido fica mesmo bem nela. O cinza e o azul sempre ficaram bem nela. Um sinal de parada. Em seguida vira à direita.

"E para mim, que já vivia do meu desencanto, sabe. Como um farol que se acende é o seu sorriso para mim."

E parabéns ao Eros. Deve estar perto. Mas onde esses se enfiaram com os escritórios? Espero que ainda tenha alguém, já são oito. Ai de mim, como estou atrasada. Entra numa rua cheia de pala-cetes em estilo século XIX. Reduz a velocidade e olha os números das casas. Cinqüenta. Cinqüenta e dois. Cinqüenta e quatro. Ali está. Cinqüenta e seis. Para e estaciona um pouco torta. O carro dela é pequeno, é como um pequeno Smart. Antes de retirar a chave, as últimas palavras da canção.

"Você era necessária para desenterrar a minha alma, era necessária você que está abrindo sempre mais... uma nova idade."

Uma nova idade. Sim, é assim que eu me sinto, Eros.

Desce, pega a maletinha e fecha o supercompacto. Sobe na calçada e aproxima--se do interfone. Lê os nomes. Giorgetti. Danili. Benatti... Aqui está. E toca a campainha. Enquanto espera, o seu coração bate forte.

"Sim, quem é?", e uma voz desagradável a surpreende. Ela se aproxima do interfone e vira a cabeça de lado.

"Sim, sou eu. Quer dizer, eu... estou procurando o senhor Stefano, se estiver."

"Sim, acabou de sair do escritório. Está descendo. Se esperar aí, vai encontrá-lo", e desliga.

Ah, muito bem. Nem preciso subir. Quer dizer, agora ele desce. E me encontra. E nem sabe quem eu sou! O que vou dizer? Como me apresento? Com as pernas retas ou meio cruzadas? Ou me apoio no carro com glamour? Ou então seguro a bolsa na minha frente com ambas as mãos, tipo "pegue o pacote"? Não, melhor se eu ficar... Não tem tempo de concluir. Um rapaz não muito alto, com um paletó leve de linho, abre o portão e o fecha novamente às suas costas. Levanta a cabeça e vê uma jovem com um vestido curto muito bonito, cinza e azul, que olha para o céu. Parece estar falando sozinha. Stefano faz uma careta engraçada de surpresa. Em seguida afasta-se. Ela se vira de repente. Olha para ele. Silêncio.

"Ei, desculpe!"

Stefano volta-se. "Sim? É comigo?"

"É, só está você! Por acaso você é o Stefano?"

"Sim, por quê?"

"Isto é seu!", e lhe estende o notebook dentro da sua bolsa. "Meu? O que é?"

Stefano se aproxima, pega a bolsa e a abre, mantendo-a em equilíbrio sobre o joelho dobrado. Então, a expressão de seu rosto muda imediatamente.

"Não! Não acredito! Mas é o meu notebookl Você não tem idéia! Tudo estava ali, um monte de coisas das quais eu não tinha feito o back-up! Tive muito trabalho e até precisei reescrever algumas coisas. Quer dizer, eu o perdi já faz um bom tempo! Quer dizer, não é que perdi, alguém o afanou!"

"Sim, claro, se você o deixa em cima dos latões de lixo, o que esperava? Que o lixeiro o devolvesse ou talvez um gato vadio?!"

Stefano olha para ela.

"Mas quem é você, quer dizer, como é que conseguiu..."

"O gato. Eu sou o gato que aquela noite passou por lá e o encontrou. Depois eu o liguei. Você nem tinha colocado uma senha de acesso. É absurdo! Assim, todos podem ler o que está nele. Arriscadíssimo!"

"Nunca coloco porque, distraído como sou, sempre esqueço."

"Eu vou lhe dar uma que é bem fácil: Erica!"

"Erica?"

"Sim, prazer", e estende a mão para ele rindo. "Não pode esquecer! É o nome do seu anjo da guarda!" Stefano ainda está surpreso, mas por üm sorri.

"Escute", Erica continua, "o que vai fazer agora? São quase nove horas. Puxa, você trabalha muito, viu?"

"Sim, a editora nos últimos tempos me deu um monte de coisas para terminar. O que vou fazer? Vou comer como todo mundo. Estou com uma fome!"

"Eu também!"

Silêncio.

"Bem, claro, se você é casado, noivo, comprometido, bloqueado e coisas semelhantes, diga. Eu vou entender... Ou então se pensa que sou uma maníaca e vou violentá-lo assim que chegarmos à esquina. Eu também vou entender neste caso." Ainda silêncio.

"Bem, parece que você não tem papas na língua, hein? Mas não, que comprometido o quê? E quem me quer?", e ri.

Com um sorriso que Erica não havia nunca visto. Um sorriso de lua longínqua, de mar que vai e vem, de todas aquelas palavras dele que leu nas semanas precedentes. Um belo sorriso, "Vamos, com efeito, eu estou em dívida. Tem razão. Vamos comer juntos? Topa uma pizza? Mais do que isso eu não posso me permitir!"

"Sim! E se eu o violentar?"

"Bem, todas as manhãs eu faço... flexões! Você acha que vou conseguir me defender?!"

Erica ri.

"Você está a pé?"
"Não, tenho o meu carro."

"Deixe-o aqui, estamos numa região tranqüila. Vamos andando, quer? É uma noite agradável e tem uma boa pizzaria bem perto daqui."

"O.k.", e se afastam assim.

"Ei, escute que lindo, eu estava ouvindo antes, quando vinha encontrá-lo..."

Erica lhe passa o fone do iPod. Stefano o coloca com alguma dificuldade. Depois começa a andar no ritmo da música.

"Ei, nada mau, sério. Sabe, eu só ouço música clássica..."

"Ah, é? Sério? Bem que eu gostaria de aprender a ouvi-la, parece-me tão..."

"Velha?"

"Não, não velha, pois é, não sei, estranha... Difícil! Quer dizer, talvez... ao menos para mim..."

Stefano sorri.

"Tenho certeza que você se sairia muito bem... Mas isto que estou ouvindo o que é?"

"*Os Dire Straits... Moneyfor nothing*..."

"Ah, claro... Conheço..."

E ela sorri. E ele também, enquanto começa *Sultans of swing*.

E continuam assim. Como sempre da primeira vez. E o mundo em volta parece parar para deixá-los passar, para vê-los ir embora juntos, para um simples jantar que, porém, tem o sabor de muitas coisas novas para contar.

"E agora uma notícia do mundo dos espetáculos. Foi lançado ontem em vários cinemas o novo filme do diretor Piero Caminetto. Na sala principal do Cine Adriano, onde também estavam presentes os atores, no final da projeção o público vaiou longamente a atriz principal, a jovem atriz debutante Paola Pelliccia. A sua interpretação foi julgada pouco convincente e absolutamente fora do personagem. Muito melhor o protagonista principal, interpretado pelo conhecido ator..."

Mesma cidade. Um pouco mais tarde. Do lado de fora os carros passam velozes. Mas o barulho do trânsito é apenas audível. Ou ao menos é o que lhe parece. Das caixas chega no volume certo uma canção.

"... *Know n ofear I'll still be here tomorrow. Bend my ear I'm no tgonna go away. You are lose so why do you shed a tear, know nofearyou will see heaven from here..."*

Não a conhecia. Mas é linda. Sim, não terei medo, porque você ainda estará aqui amanhã. Não tenha medo, você verá o paraíso daqui... Ele a pega pela mão.

"Mas os seus pais não estão?"

"Não, aos domingos sempre vão jantar fora e depois ao cinema."

"Irmãos e irmãs?"

"Não."

"Também saíram?"

"Filho único", e aperta delicadamente a sua mão.

"Venha. Vou lhe mostrar."

Abre uma porta cor de nogueira e um quarto grande, luminoso, cheio de livros, os acolhe. Não lhe deixa tempo de perguntar

"Você lê muito?", porque ele a presenteia com uma resposta ainda mais importante.

Um beijo longo, intenso, profundo a captura. E aquele quarto parece um mar que baila no verão, parece um céu que observa duas nuvens brancas que correm uma atrás da outra. Robbie Williams chega como fundo musical da sala... e parece o vento quando fala às árvores e as sacode, falando de lugares longínquos apenas visitados... *"We are love don't let it fall on deaf ears. Now it's clear, we have seen heaven from here..."* O paraíso é um simples dormitório de um rapaz que joga bola ao cesto e tem um pensamento simpático cada manhã para ela, um pensamento com o sabor de cereais e frutas silvestres.

O paraíso é um cobertor azul e leve de uma cama grande que a acolhe como uma pétala

que cai entre as ondas. E ela se sente levar, macia e um pouco assustada, feliz porém de estar ali, de ter aceitado essa viagem que estão para fazer juntos. Sem partir. Sem baga¬gens. Sem mapas ou guias. Porque, no amor, as estradas e as paisagens são sempre uma descoberta contínua. Porque ninguém vai ensinar. Ou talvez sim. E o seu respiro a guia. Indica onde voltar. Onde diminuir. Onde parar... E depois partir novamente sem medo. Filippo a olha assim, deitada, linda. E lhe parece nunca ter visto tanta luz chegar só de dois olhos. Parece-lhe que a vida de repente adquiriu um sentido e tudo aquilo que fez até agora tenha sido necessário só para chegar até ali. Naquele novo paraíso, destino felicidade. Aquele quarto. Aproxima-se lentamente, a acaricia e sente a sua respiração se tornar lenta e profunda, assustada, pequena onda perdida naquele mar que estão para enfrentar.

"Eu... nunca fiz...", sussurra ao ouvido dele.

"Nem eu..."
"É a sua primeira vez?"

"Sim... com você", e talvez seja verdade, talvez não. Mas é tão bom acreditar na felicidade.

E aquela resposta vale cem, vale mil, vale todo um passado que não importa mais conhecer. Porque, quando você faz amor com quem ama, é sempre a primeira vez, é sempre um partir. Diletta olha para ele e depois o abraça forte. Sente-se protegida, acolhida e amada. E então aquele leito se torna um barco no meio daquelas ondas. Ondas calmas, leves, ondas que ninam. Ondas que não dão medo. Ondas em direção de uma nova ilha, deserta, só para eles.

"Noticiário. Em um encontro armado foi ferido gravemente o jovem Gino Bassani, mais conhecido como Coruja. O jovem já havia sido preso por roubo de carros e distribuição de drogas. Desta vez ele tentou um golpe maior, introduzindo-se..."

Mais tarde. A foto de uma grande costa rochosa batida pelo mar está pendurada entre a porta e o armário. Diletta a observa. Sorri. Filippo acaricia os seus cabelos, ajeita-os. Libera o rosto dela dando mais luz. E depois um beijo leve na face.

"Você está linda depois do amor."

"Você também. Viu?"

"O quê?"

"Os rochedos."

Filippo volta-se. Olha a foto ele também.

"Sim, é uma foto que eu tirei quando fui para a Bretanha, no último verão. Sabe, é chamada o reino do vento. Você pode fazer a estrada dos faróis, de Brest até Ouessant, partindo do Trézien, em Plouarzel. Mas eu gostava justamente da costa rochosa. Sólida, forte, sempre resistindo ao mar e por fim... fazendo totalmente parte dele..."

Mais um beijo leve naqueles lábios vermelhos, macios, ainda cheios de amor.

"Você já pensou nisto? Os rochedos resistem às ondas, ao sal, ao vento, mas se deixam modelar, mudam as suas formas, com o tempo ficam lisos, perdem os cantos, parecem macios..."

Diletta se apoia nele.

"As ondas, os rochedos... como o amor entre as pessoas. Nos encontramos, nos

escolhemos e vamos para o alto-mar..."

Filippo segura o rosto dela entre as mãos.

"E você, pequena onda, deixou-se amar..."

Abraçam-se. Em seguida ela o observa e o abraça forte. E sorri, escondida entre os seus braços.

"Esperei tanto porque eu tinha medo... Sentiria tanto ter sido uma idiota. Não faça que eu tenha razão."

"Você foi inteligente em esperar por mim... E em ter medo. Mas agora você seria bobinha se não vivesse a nossa felicidade."

"Ainda delicado mas estacionário o prognóstico do conhecido cantor Fábio Fobia, que se envolveu numa briga ocorrida num centro social na Triburtina. Ao final de seu show, parece que uma jovem do público não apreciou as suas atenções insistentes e particulares. Começou assim uma briga entre o jovem cantor e o acompanhante da jovem, que levou a melhor sobre ele. Fábio Fobia continua internado. Transmitiremos agora um trecho de seu último disco que chegou à final no concurso de jovens vozes de Villa Santa Maria no Abruzzo: 'Perdoe, talvez eu tenha errado, lembrei de tudo o que você me deu. Um sorriso. Um beijo. Uma viagem nunca iniciada...'"

O garçom chega com duas pizzas fumegantes. Já trouxe duas cervejas médias bem geladas. Erica olha para ele.

"Tenho de confessar uma coisa."

"Diga."

"Você escreve muito bem. Você me fez companhia durante essas semanas. Eu li as suas coisas no computador."

"Não acredito! Verdade?"

"Você se incomoda?"

"Mas, não. No fundo, quem escreve o faz para ser lido, cedo ou tarde. E melhor se por uma estranha!"

"Ê uma coisa curiosa, porque a mim parece que o conheço desde sempre. Jus¬tamente porque o li!"

"Do que gostou mais?"

"Sei lá... por exemplo, muitas passagens que você guarda na pasta, aquela que tem o nome 'Martin'. É o seu nome artístico, não é? Muito bom. Bem, ali você escreveu coisas realmente lindas... até copiei algumas no meu diário. Tem uma última frase que diz: 'E no instante

em que soube, deixou de saber'. Raios, é linda!"

Stefano fica quieto. Mastiga um pedaço de pizza. Mas tem uma expressão divertida.

Erica continua.

"Depois tem também aquela outra pasta, 'O último pôr do sol'. Pois é, devo dizer que ali você expressou o que tem de melhor. São passagens lindíssimas! Mas esse ainda não está terminado, não é?"

Stefano para de comer. Apoia o garfo sobre o prato branco. Pega a caneca de cerveja e bebe um gole. Então, começa a rir.

"O que foi, o que eu disse?"

"Não, nada... é que é engraçado!"

"O quê?"

"Bem. Martin não é o meu nome artístico. Vem de Martin Éden. E o que você leu naquela pasta é a minha tradução do romance de Jack London que tem esse título."

Silêncio.
"Mas é aquele que estudamos na escola..."

"Sim, aquele mesmo... Está para sair uma nova edição moderna e me haviam escolhido para traduzi-lo e você... Bem, por sorte me salvou, eu nunca teria conseguido se não me devolvesse o computador com todo o trabalho que eu já havia feito."

"Mas sério que é de Jack London?"

"Supersério, também deverei traduzir o próximo, O vagabundo das estrelas."

"Arre, acho até que eu havia lido o Martin Éden... você bem que podia ter escrito... não?"

Silêncio.

"E então também aquele outro é de Jack London?"

"Não."

"De um amigo seu, então?"

"Não."

"De um dos autores da editora?"

"Não. É meu."

Silêncio.

"Você está me gozando?"

"Não, sério, é meu. Você é a primeira pessoa que o leu..."

"Não acredito! Mas você é ótimo!", e Erica bate as mãos sobre a mesa chamando a atenção dos clientes da pizzaria.

"Você é um mito! Mas você escreve bem demais! É o meu escritor favorito!"

Pega a caneca e a levanta. Stefano sorri e faz o mesmo. As canecas se encostam e se repelem alegres.

"Ao homem das palavras certas para mim!"

E ainda não sabe o quanto aquele brinde é verdadeiro.

Alessandro caminha sorrindo na praia.

"Bom dia."

Mas o senhor Winspeare não quer saber. Agora já são mais de três semanas que estão ali, encontram-se todas as manhãs durante as respectivas caminhadas, mas aquele senhor nunca responde à saudação. Alessandro não perde a esperança. Continua assim, como tem aprendido a viver. Não são os outros que nos devem mudar naquilo que nos parece certo e que especialmente temos prazer em fazer. Claro, é bem lindo este lugar. Ela tinha razão, a garota dos jasmins.

Alessandro sorri para si mesmo, olhando para o mar longínquo. Alguns barcos estão passando contra a linha fina do horizonte. Alessandro protege os olhos com as mãos. Procura olhar ainda mais longe. Quem sabe há um *ferryboa*t chegando, uma carta para ler, qualquer coisa para poder sorrir. Em seguida desiste. Não. Estou muito longe. Olha ao redor. Os rochedos, o prado verde que sobe dos rochedos, aquele farol... A ilha Blu.

É ainda mais linda do que pensara quando a vira pela Internet. Niki. Niki é o seu sonho. Ficar uma semana como lighthouse keeper, o vigia do farol. Alessandro sorri e volta para casa. Os sonhos existem para ser realizados. E cada dia dizemos: "sim, amanhã vou fazer". E agora? Do que vivemos agora... e então pega a prancha que trouxe consigo e a atira na água. Deita-se em cima e dá algumas braçadas. Em breve está ao largo.

Apoia os cotovelos sobre a prancha e olha se há alguma onda chegando. Pronto, aquela poderia ser boa. Vira-se sobre si mesmo e tenta dar algumas braçadas. Nada. A onda passa por baixo dele. Ele a perdeu. Nada. Recoloca as pernas na água e se deita sobre a prancha. Mas, agora, pensando bem, uma eu peguei, há algum tempo.

Quando foi? Pelo menos dez dias atrás. Eu a peguei, pensa Alessandro, subi nela e quase consegui ficar de pé sobre a prancha. Mas era uma onda pequena demais e eu caí. Alessandro olha novamente para o largo. Nada a fazer. As ondas estão fracas hoje. Então dá algumas braçadas rápidas em direção da costa, guarda a prancha na choupana, pega uma toalha grande azul e se enxuga rapidamente.

Esfrega-se com força, procurando retirar o sal e o frio do mar da ilha do Giglio. Brrr. Pronto. Assim está melhor. Sinto-me até mais tonificado. Alessandro senta-se sobre uma rocha ali ao lado, abre a mochila e o pega. Sorri e folheia mais uma vez o livro que havia comprado. O manual do surfe. Como se tornar surfista em dez lições. Contém explicações de como surfistas famosos se erguem de pé na prancha no momento certo para pegar ondas de pelo menos quatro metros. Em seguida algumas fotos. Sim, mas essas ondas aqui nunca chegam. Alessandro fecha o livro.

Pois é, não chegam... Quem sabe tenho sorte. Veste a felpuda camiseta azul e desce até o povoado. Descer, sim... Não são nem duzentos metros.

"Bom dia, senhora Brighel."

"Oh, bom dia, senhor Belli, tudo bem?"

"Sim, obrigado... E a senhora?"

"Muito bem, obrigada. Separei para o senhor um robalo fresquinho, batatas e abobrinhas, como havia pedido. Também reservei alguns ouriços. Gostaria de experimentar uma sopa de ouriços, senhor Belli?"

"Por que não, senhora Brighel? Vou experimentar com prazer." Alessandro senta-se na pequena pousada, como faz já há quinze dias.

"Aqui está o seu copo de vinho branco da Califórnia e um pouco de minha mousse de atum com torradas." A senhora Brighel limpa as mãos no avental e sorri para ele. "O senhor gostou mesmo dessa minha mousse, não é? Desde que a experimentou não a deixou mais, quer todos os dias..."

"Eu gosto muito porque a senhora a faz com as suas mãos e com amor... E não vejo por que, quando se encontra alguma coisa que nos agrada muito, tenhamos que a abandonar..."

"Estou bem de acordo, senhor Belli."

"Pois é." Em seguida Alessandro serve-se de um pouco de vinho e sorri para si. Bem que eu podia fazer antes essa pergunta para mim mesmo. Está bem... Não vou desesperar..."

"Então, senhor Belli, eu vou para lá... Deseja mais alguma coisa enquanto cozinho?"

"Não, senhora Brighel, vá sem pressa..."

Algum tempo depois, ela volta com uma surpresa.

"Tome, eu quero que experimente também esses camarões crus. Meu marido, o senhor Winspeare, acabou de trazer. Ele o cumprimentou hoje?"

Alessandro termina de tomar o vinho. Em seguida limpa a boca. "Não, senhora Brighel."

"Ah... mas tenho certeza de que vai acontecer."

"Eu espero. O importante, como em tudo, é não ter pressa."

A senhora Brighel para diante da mesa e seca as mãos nodosas, ainda molhadas pelos camarões recém-descascados.

"Oh, eu gosto da sua filosofia. Sim, cedo ou tarde vai acontecer. Não devemos ter pressa... está certo o que diz."

E retorna para a cozinha. Alessandro passa um pouco da mousse no pão torrado. Pois é, não ter pressa... Depois saboreia um camarão. Ótimo. Lambe os dedos e os limpa no guardanapo. Pega o copo de vinho gelado e dá um bom gole. Pois é, qual é a pressa? Deixei o trabalho por algum tempo. Necessito do meu tempo. Não tinha mais a minha vida. Leonardo, quando eu disse a ele, começou a rir. Depois, quando percebeu que eu falava sério, zangou-se.

Ele me disse: "Mais duas outras grandes campanhas publicitárias estão para ser lançadas, Alex, e estão só esperando você...".

Mas há um pequeno detalhe, caro Leonardo. Sou eu que não estou esperando por elas. Eu estou esperando para recomeçar a viver, para me emocionar novamente, rir, brincar, correr,

saborear cada instante do meu tempo, de respirá-lo todo, até o fundo, aquele tempo que quero viver sem pressa. Sim. Estou esperando aquele amor motor, estou esperando você, Niki.

Em seguida Alessandro tem uma dúvida. E se os pais dela tivessem aberto aquela carta? E se a houvessem rasgado juntamente com a passagem para vir até aqui? E se não lhe tivessem dito nada? Eu estou aqui, em alto-mar, na ilha do Giglio, a cinqüenta minutos de porto Santo Stefano, a três horas aproximadamente de Roma, longe de tudo e de todos, sem emprego, mas novamente com a minha vida. Só que ela não está. Estou só. Vigia do farol.

Com a senhora Brighel, que prepara ótimas refeições, o senhor Winspeare que, por enquanto, ainda não me cumprimenta, e uma prancha que não quer saber de surfar comigo. Sem pressa... Esperamos. Mais um dia está passando.

Alessandro olha para o sol que lentamente se tinge de vermelho. Aquela gaivota que passa ao longe e uma nuvem leve, um pouco mais para lá, sozinha, imóvel.

E de repente acontece. Bi bi. Bi bi. Uma buzina. E logo depois, por trás da curva, ali está ela. Um velho Volkswagen Cabriolet, azul, cambaleante, aproxima-se pela subida. Parece tranqüilo, seguro, bem como aquela jovem que o está guiando. Tem um boné na cabeça, mas os seus cabelos loiros acastanhados, soltos e selvagens, e aquele sorriso divertido não permitem errar. Niki.

Alessandro se levanta e corre na direção dela. Niki anda ainda alguns metros, depois freia de repente e deixa morrer o motor.

"Ei, mas você tirou ou não a carta?..."

"Sim, mas me faltam as últimas aulas. Sabe, alguém foi embora."

Alessandro sorri. Depois olha para o relógio.

"São vinte e um dias, oito horas, dezesseis minutos e vinte e quatro segundos que estou esperando por você."

"E daí? Há dezoito anos que o espero e nunca me queixei."

Desce do carro. Estão juntos, na beira da estrada, com o sol vermelho que já está quase desaparecendo, atrás daquele horizonte longínquo, feito de mar. Alessandro lhe sorri, segura o rosto dela entre as mãos. Niki também sorri.

"Eu queria ver quanto tempo você seria capaz de esperar por mim."

"Se um dia, de alguma maneira, você tivesse que chegar, eu teria esperado a vida inteira."

Niki se afasta um pouco, entra no bug e aperta uma tecla. Começa a música. *She's the one* enche os ares. Niki sorri mais ainda.

"Podemos recomeçar daqui. Onde estávamos?"

"Aqui...", e lhe dá um longo beijo. Com paixão, com amor, com sonho, com esperança, com diversão, com medo. Medo que a tivesse perdido. Medo de que, mesmo tendo lido a sua carta ela não viesse. Medo de que um outro a tivesse levado embora. Medo de que tivesse passado o capricho. E continua a beijá-la assim. De olhos fechados. Feliz. Sem medo. E com amor.

A senhora Brighel sai da pousada com a sopa quente no prato. Mas não encon¬tra

ninguém sentado à mesa.

"Mas, senhor Belli..."

Em seguida os vê, ali, à beira da estrada, perdidos naquele beijo. Então sorri. Seu marido, o senhor Winspeare, surge ao seu lado. Observa ele também aquela cena. E sacode a cabeça. Alessandro se afasta um pouco de Niki. Segura a mão dela.

"Venha...", e correm para o farol. Passam diante da senhora Brighel. "Voltamos daqui a pouco, prepare para dois..." Em seguida para. "Ah, esta é Niki."

A senhora sorri. "Prazer!"

Cumprimentam a ele também. "Senhor Winspeare, quero lhe apresentar a Niki." E pela primeira vez o senhor Winspeare emite um estranho grunhido: "Grunf..." Que pode querer dizer tudo e nada. Mas quem sabe estava só limpando a garganta. Mas que também pode ser um primeiro passo.

Niki e Alessandro continuam a correr e em seguida entram no farol.

"Aqui estamos, esta é a cozinha, esta é a sala, e aqui..."

"Ei... mas o que é?"

"Viu? Eu trouxe também uma prancha para você..."

"Como também?"

"Sim, eu trouxe uma também para mim."

"E você conseguiu se adaptar?"

"Não. Mas, agora que você chegou..."

"Então você termina as aulas de direção e eu começo com as de surfe."

"O.k."

Sobem a escadinha.

"Aqui é o quarto de dormir... com a janela que dá para o mar. Aqui tem um pequeno escritório e aqui, subindo a última escada, está o farol..."

Sobem rapidamente, saem para o terraço e se debruçam. Estão no alto, mais alto do que tudo. Um vento quente, leve, acaricia os cabelos de Niki. Alessandro a olha enquanto ela olha mais ao longe, em direção do alto-mar. Aquela nuvem, que antes estava tão longe, agora parece mais próxima. E depois aquela gaivota passa novamente. E lança um pequeno grito. E de alguma maneira os cumprimenta, não como o senhor Winspeare. E continua voando, plainando um pouco mais para lá, procurando alguma corrente fácil. Mais longe, sobre a linha do horizonte, tem aquele último gomo de sol. Ainda quente, vermelho, aceso. Mas já está indo embora. Então Niki fecha os olhos. Dá um longo suspiro. Longuíssimo. E sente o mar, o vento, o barulho das ondas e aquele farol com que tanto havia sonhado... Alessandro percebe. Abraça-a suavemente por trás. Niki se abandona. E apoia a cabeça em seu ombro.

"Alex..."

"Sim."

"Promete."

"O quê?"

"Aquilo que eu estou pensando."

Alessandro se inclina para a frente. Niki está de olhos fechados. Mas sorri. Sabe que ele a está observando.

Então Alessandro a abraça ainda mais forte. E também sorri.

"Sim, eu prometo... Amor."

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento particular a Stefano, "o louco", alegre e divertido que me fez companhia nesse verão. Distraiu-me da campanha toscana deixando que eu lhe contasse este romance no qual acreditou imediatamente... Louco como ele é!

Um agradecimento a Michele, o viajante. Que me acompanhou em busca do farol. Com ele encontrei a ilha do Giglio. E depois me acompanhou para encontrar o restante.

Obrigado a Matteo e a seu grande entusiasmo. A beleza de seus traços está muito acima das minhas simples palavras. Sempre me diverti ao telefone com ele e nunca acreditei que estivesse de verdade em Nova York. Talvez eu vá até lá, só para verificar se aquele escritório existe de verdade.

Obrigado a Rosella e a sua incrível paixão. Ela sonha tão bem que ao final até você acredita naqueles sonhos!

Obrigado a Silvia, Roberta e Paola, apesar de só tê-las conhecido pelo telefone, mas que foram ótimas, e depois obrigado também a Gianluca, que veio me visitar pessoalmente para retirar os esboços e fugiu de imediato sem nem me dar tempo de lhe oferecer um café.

Obrigado a Giulio e a Paolo, que me ofereceram em Milão um jantar especial, mas sobretudo agradável, que às vezes é o mais difícil.

Obrigado a Ked, que me fez conhecer todas essas pessoas.

Obrigado a Francesca, que sempre quer trocar a sua moto, mas não o faz... Diverte-se mais acompanhando as minhas aventuras. E sempre me aconselha com diversão e sabedoria.

Obrigado a todos os meus amigos, aqueles verdadeiros, aqueles que sempre estiveram e que estão também neste romance. Fizeram-me companhia também na dor, ajudando-me a aceitá-la.

Obrigado a Giulia, que foi muito paciente e sempre esteve ao meu lado com o seu maravilhoso sorriso. Foi ela o meu verdadeiro farol nesse período de tempestade, quando o mar fica agitado e você perde de vista a terra.

Obrigado a Luce, que como sempre me faz rir, e a minhas duas irmãs, Fabiana e Valentina, que eu gostaria que rissem sempre.

E depois um agradecimento especial a meu amigo Giuseppe. Bem, o que dizer neste caso... Às vezes as coisas são tão belas que, se disser alguma coisa, corre-se o risco de estragar tudo.

E então prefiro ficar quieto e dizer, simplesmente: Obrigado, papai.



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, por favor, **que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações
Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057
Blog – http://tradudigital.blogspot.com/
Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital



Feito por:

Perly ## Karina